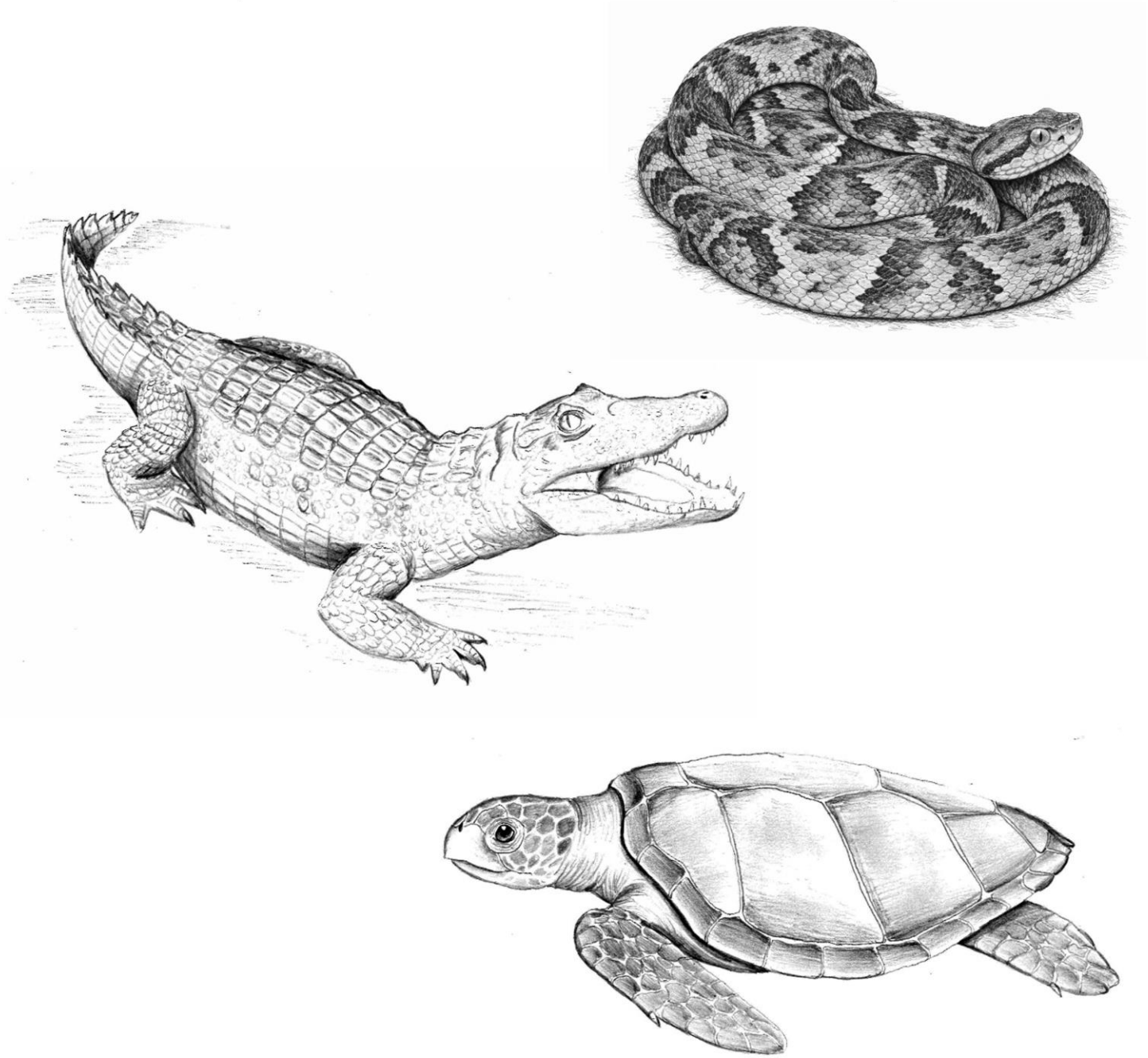
Répteis do Brasil



Mario Arthur Favretto

Mario Arthur Favretto

RÉPTEIS DO BRASIL

Florianópolis

Edição do Autor

2026

Répteis do Brasil
1ª edição
Copyright © 2026 Mario Arthur Favretto

Favretto, Mario Arthur
Répteis do Brasil / Mario Arthur Favretto. – Florianópolis : Mario Arthur Favretto, 2021.
317 p. : il.

ISBN 978-65-01-95739-5

1. Répteis - Brasil. 2. Herpetologia - Brasil. I. Título.

CDU – 590

Sumário

Sumário 3

Introdução 6

Breve introdução à taxonomia zoológica 7

Biologia geral 10

Ordem Testudines 18

Família Cheloniidae 20

Família Dermochelyidae 23

Caretta caretta 24

Família Kinosternidae 25

Família Emydidae 27

Família Geoemydidae 29

Família Testudinidae 31

Família Chelidae 33

Família Podocnemididae 42

Ordem Crocodylia 47

Família Alligatoridae 49

Ordem Squamata 54

“Lagartos” 56

Família Gekkonidae 56

Família Phyllodactylidae 60

Família Sphaerodactylidae 65

Família Mabuyidae 69

Família Dactyloidae 74

Família Hoplocercidae 80

Família Iguanidae 82

Família Leiosauridae 84

Família Liolaemidae 88

Família Polychrotidae.....90
Família Tropiduridae.....92
Família Diploglossidae.....104
Família Alopoglossidae.....107
Família Gymnophthalmidae.....110
Família Teiidae.....129
Família Amphisbaenidae.....142
Serpentes.....156
Família Anomalepididae.....156
Família Leptotyphlopidae.....158
Família Typhlopidae.....163
Família Aniliidae.....166
Família Tropidophiidae.....168
Família Boidae.....169
Família Colubridae.....174
Família Dipsadidae.....187
Família Elapidae.....253
Família Viperidae.....262
Referências.....274

Introdução

O Brasil abriga uma das maiores diversidades de répteis do planeta, contando com 856 espécies desse grupo taxonômico, resultado direto de sua enorme extensão territorial, da variedade de climas e da complexidade de ecossistemas que vão da Floresta Amazônica aos campos sulinos, passando pelo Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e ambientes costeiros. Lagartos, serpentes, quelônios e crocodilianos ocupam praticamente todos os ambientes terrestres e aquáticos do país, desempenhando papéis ecológicos fundamentais na manutenção dos ecossistemas naturais.

Historicamente cercados por mitos, medo e incompreensão, os répteis figuram entre os grupos de vertebrados mais injustamente estigmatizados. No entanto, são organismos de extraordinária diversidade morfológica, fisiológica e comportamental, apresentando estratégias adaptativas refinadas que lhes permitiram sobreviver e diversificar-se ao longo de milhões de anos. Desde serpentes altamente especializadas em ambientes aquáticos até lagartos endêmicos de campos rupestres, os répteis brasileiros representam um patrimônio evolutivo de valor inestimável.

Nas últimas décadas, avanços significativos na herpetologia têm ampliado nosso conhecimento sobre a sistemática, biogeografia, ecologia e conservação desses animais. Novas espécies continuam sendo descritas, áreas de endemismo são redefinidas e relações evolutivas são revisadas à luz de dados moleculares e morfológicos. Paralelamente, crescem as ameaças decorrentes da perda e fragmentação de habitats, mudanças climáticas, poluição, tráfico de fauna e perseguição direta, tornando urgente a difusão de informações científicas confiáveis e acessíveis.

Este livro tem como objetivo apresentar uma visão abrangente dos répteis do Brasil, integrando aspectos de taxonomia, história natural, distribuição geográfica e conservação. Ao reunir conhecimento atualizado, busca-se não apenas apoiar estudantes, pesquisadores e profissionais da área ambiental, mas também aproximar o público geral da riqueza e da importância desses vertebrados frequentemente mal compreendidos. Conhecer os répteis brasileiros é um passo essencial para valorizá-los e, sobretudo, para garantir sua conservação em um país que concentra parte significativa da biodiversidade mundial.

Breve introdução à taxonomia zoológica

Esse trecho do livro serve para facilitar a compreensão para aquele leitor que não é da área da biologia ou que não está acostumado com a forma como as espécies são organizadas pelos biólogos. E tomei a liberdade de adaptá-lo do meu livro anterior de aves do Brasil.

O ser humano costuma categorizar todo o mundo ao seu redor, cria conceitos para enquadrar e definir os seres animados e inanimados. Popularmente, as pessoas já costumam denominar os répteis e outros seres por diferentes nomes, como chamar uma jararaca de jararaca ou um jacaré de jacaré. Porém, os nomes populares variam de região para região de um país e também conforme a língua. Por exemplo, *Ameiva ameiva* pode ser chamada popularmente de Bico-Doce, Calango-Bico-Doce, Calango-Tijibu, Tijibu, Calango, Calango-Verde, Camaleão-Ferro, Jacaré-Pinima, Lagarto, Lagarto-Verde, Sardão-Grande, Tejubina, Tijubina e um *Ameiva jacuba* pode ser chamado popularmente de Calango, Calanguinho, Iguaninha.

Por isso, os biólogos adotam a chamada nomenclatura binomial, desenvolvida por Carolus Linnaeus, com a publicação de seu livro *Systema Naturae*, em 1735. Tratou-se de um trabalho que tentava organizar a vida animal em hierarquias, em grupos cada vez maiores baseados em suas similaridades, Espécie, Gênero, Família, Ordem e Reino, por exemplo. Ao longo dos anos o trabalho de Linnaeus foi aperfeiçoado por outros pesquisadores.

Assim, todos os organismos devem ser colocados em pelo menos sete táxons (Reino, Filo, Classe, Ordem, Família, Gênero e Espécie), um em cada uma das categorias obrigatórias. Os taxonomistas têm a opção de subdividir ainda mais essas sete categorias para definir mais do que sete táxons (superfamília, subfamília, subordem, superordem etc.) para qualquer grupo específico de organismos.

O sistema de Linnaeus para nomear espécies é denominado nomenclatura binomial. Cada espécie recebe um nome em latim, composto de duas palavras (daí, binomial), por exemplo, *Crotalus durissus*; este nome deve ser escrito em itálico (ou sublinhado, no caso de ser escrito à mão ou datilografado). A primeira palavra é o nome do gênero, que deve ser escrito com a primeira letra maiúscula; a segunda palavra é denominada epíteto da espécie (ou epíteto específico) e identifica a espécie dentro do gênero e é escrita em letras minúsculas. A importância desses nomes em latim é que podem ser de forma comum por pessoas de todos os países, assim, se alguém fala em *Crotalus durissus*, uma pessoa no Brasil vai saber que se trata da cascavel e uma pessoa nos Estados Unidos saberá que se trata da *tropical rattlesnake*.

Dando continuidade, o nome do gênero é quase sempre um substantivo, e o epíteto específico é em geral um adjetivo que deverá concordar em gênero (masculino, feminino e neutro) com o nome do gênero da espécie. Por exemplo: o nome científico de uma das espécies de cobra-cega é *Amphisbaena alba* (*Amphisbaena*, da mitologia grega, uma serpente com duas cabeças, uma em cada extremidade do corpo e significa “que vai em duas direções”; do latim *alba*, branca). O epíteto específico nunca deve aparecer sozinho, caso contrário, não há como saber a qual espécie se refere, por isso o nome científico deve ser usado completo.

Já os gêneros podem eventualmente ser escritos sozinhos, pois então saberemos que se refere ao conjunto de espécies contidas nele, por exemplo, se eu escrever apenas *Bothrops,* o leitor saberá que estou falando de todas as espécies desse gênero, como *Bothrops jararaca, Bothrops alternatus, Bothrops jararacussu,* etc.

O epíteto específico não pode ser utilizado sozinho, pois pode ser encontrado em diferentes espécies, ao contrário do gênero que tem exclusividade. Assim, diferentes gêneros podem ter espécies com o mesmo epíteto. Por exemplo, os nomes científicos Kentropyx altamazonica

e Varzea altamazonica possuem o mesmo epíteto.

Quando estamos lidando com várias espécies, também pode ser realizada a abreviatura do nome científico para facilitar o entendimento do texto e o processo de escrita, neste caso, abrevia-se o gênero, deixando apenas a letra inicial, para *Crotalus durissus* e *Bothrops jararaca* teríamos *C. durissus* e *B. jararaca*.

Algumas outras regras de nomenclatura são usadas por taxonomistas e sistematas, por exemplo, quando não sabemos a espécie em si com a qual estamos lidando, apenas seu gênero ou se eu quero me referir apenas ao gênero em si, inserimos um "sp." após ele, que é a abreviatura de espécie (e.g. *Bothrops* sp.). Se quisermos abranger várias espécies de um gênero, usamos "spp.", abreviatura de espécies, por exemplo, *Bothrops* spp. que abrange todas as espécies de jararacas. Já "ssp." é abreviatura para subespécie, que ocorre em algumas espécies, como *Erythrolamprus poecilogyrus caesius* e *Erythrolamprus poecilogyrus schotti*, duas subespécies da espécie *Erythrolamprus poecilogyrus*.

Outra sigla que pode ser encontrada é "aff." inserida entre o gênero e o epíteto específico, exemplo: *Philodryas* aff. *olfersii*, essa sigla significa "afim" (do latim *affinis*), ou seja, que neste caso identificamos um réptil como sendo do gênero *Philodryas* e que é similar ou próxima da espécie *P. olfersii*, porém podendo se tratar de uma espécie nova. Também é possível encontrar a sigla "cf." (abreviatura de *conferatum*) entre o gênero e o epíteto específico; é utilizada para indicar que a espécie provavelmente é a indicada pelo pesquisador, mas que precisa de confirmação. Por exemplo, *Caiman* cf. *latirostris*, neste caso a espécie provavelmente é um jacaré-de-papo-amarelo, mas precisaria ser confirmado.

As famílias e subfamílias dentro das quais as espécies de animais estão inseridas também possuem regras próprias de nomenclatura, famílias sempre são finalizadas com -dae e subfamílias -nae. Desta forma, exemplificando, a família dos jacarés é denominada Alligatoridae e é composta por duas subfamílias, Alligatorinae e Caimaninae.

Ao longo do livro também podem ser apresentadas famílias de plantas; estas terminam em –ceae, exemplo: a família das bromélias é Bromeliaceae. No caso de outros grupos animais que também são citados ao longo do livro, como insetos, as ordens possuem denominações próprias, como, por exemplo, a ordem dos besouros Coleoptera ou a ordem dos louva-a-deus Mantodea.

Ao longo do livro, você verá que quando há um nome científico, este virá acompanhado do sobrenome do autor-descritor da espécie, ou seja, da pessoa que descobriu e descreveu a espécie, e do ano em que a publicação da descrição ocorreu. Nesse caso também existem regras para como esses nomes são dispostos. O sobrenome do autor que descreveu o cágado *Hydromedusa tectifera* foi Cope em uma publicação no ano de 1870, assim, seria citado *Hydromedusa tectifera* Cope, 1870.

Se o nome do autor-descritor estiver entre parênteses, significa que a espécie foi descrita inicialmente com outro nome ou inserida em outro gênero, mas que depois de sua descrição, alguém fez alguma pesquisa sobre a classificação e filogenia da espécie e ela acabou sendo colocada em outro gênero ou teve seu nome científico alterado, como no caso do teiú-branco *Tupinambis teguixin* (Linnaeus, 1758), descrito originalmente como *Lacerta teguixin*.

Tudo isso para tentar pôr alguma ordem em toda a grande diversidade de espécies que existem no mundo. Existem várias outras regras de classificação e taxonomia, mas para a compreensão do livro não vêm ao caso. Atualmente a classificação das espécies segue a sistemática filogenética, esse agrupamento categórico das espécies dentro de gêneros, gêneros dentro de famílias, famílias dentro de ordens, ordens dentro de classes, etc. Não é mais algo apenas baseado em similaridades morfológicas, ou seja, na forma do corpo, mas segue também princípios de relações evolutivas. Claro que a morfologia por consequência já

demonstrava certas similaridades, mas atualmente com estudos genéticos isso foi muito mais aperfeiçoado.

É por esse motivo que acabam ocorrendo mudanças nos nomes científicos das espécies ou até mesmo em alguns casos mudanças de gêneros e famílias. Conforme estudos mais aprofundados envolvendo maior detalhamento morfológico e genético vão sendo realizados, maior se torna a compreensão das relações evolutivas entre as espécies. Ou seja, quais compartilham ancestrais evolutivos em comum e assim podem ser agrupados, por exemplo, dentro de um mesmo gênero ou de uma mesma família.

Quando uma espécie tem seu nome modificado, os diferentes nomes científicos são denominados sinônimos ou sinonímias. Dessa forma, *Lacerta teguixin, Teius teguexim* e *Tupinambis teguixin* são sinonímias do nome científico para o teiú-branco. Quando uma subespécie é elevada ao nível de espécie, como *Trachemys dorbigni adiutrix*, que passou a ser *T. adiutrix*, o nome antigo, pode ser considerado como "combinação antiga" e o atual como combinação nova ou *status* novo. Estas variações também são apresentadas no presente livro, porém para facilitar o entendimento do leitor não acadêmico, apresento todas elas sob o item "Sinonímias recentes", nas espécies em que há essa necessidade.

Por fim, nesse aspecto de taxonomia e classificação, o presente livro utiliza como base a Lista de Répteis do Brasil da Sociedade Brasileira de Herpetologia (i.e. Guedes et al., 2023).

Fontes: Amorim, 2002; Hickman et al., 2016; Ride et al., 2020; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Guedes et al., 2023.

Biologia geral

Os répteis, classe Reptilia, formam um táxon bastante amplo, que inclui entre seus representantes vivos atuais as tartarugas, cágados e jabutis (Ordem Testudines), os crocodilos, jacarés e gaviais (Ordem Crocodylia), os lagartos e serpentes (Ordem Squamata) e os tuataras (Ordem Rhynchocephalia). Nesse sentido são considerados um grupo filogenético parafilético, ou seja, formam um agrupamento artificial, por não incluírem todos os descendentes de um mesmo ancestral em comum, que nesse caso precisaria incluir também as Aves, por fazerem parte dos dinossauros.

Com essa pequena apresentação dos táxons que compõem Reptilia, já se percebe que é difícil definir características isoladas para essa classe. Em geral se considera que os répteis possuem como característica serem tetrápodes, ou seja, possuem quatro membros locomotores (perdidos ao longo da evolução em alguns grupos de Squamata, como serpentes, anfisbenas e alguns lagartos), ovos amnióticos para proteger o embrião, não conseguem regular a temperatura corporal interna (desconsiderando-se os dinossauros e as aves), possuem o corpo recoberto por escamas e/ou placas ósseas (com algumas exceções), possuem um coração com três câmaras (com exceção de Crocodylia, Aves e possivelmente dinossauros).

Os fósseis mais antigos de répteis datam do período Carbonífero na Era Paleozoica (323-298 milhões de anos atrás), como *Hylonomus* e *Paleothyris*, possuíam um aspecto parecido com um pequeno lagarto, com aproximadamente 20 cm, e possivelmente eram insetívoros. Sua colonização do ambiente terrestre pode ter acompanhado a expansão dos insetos também para esse ambiente, o que também coincide com o surgimento dos anfíbios Microsauria também nesse período, que possuíam aspecto similar a répteis e também possivelmente se alimentavam de insetos.

Os primeiros répteis já contavam com uma inovação evolutiva, o ovo amniótico, que surgiu em seus ancestrais amniota reptilomorfos. Esses ovos permitiram que estes animais ocupassem em definitivo o ambiente terrestre, diferente dos anfíbios que precisam de ambientes aquáticos para o desenvolvimento de suas formas larvais (girinos). Esses ovos permitem o desenvolvimento dos embriões em um ambiente protegido da dessecação e de impactos físicos. Outra inovação dos Amniotas foi uma pele que os protegia da perda excessiva de líquidos no ambiente terrestre, diferente dos anfíbios cuja pele é usada para realizar trocas gasosas e assim deve permanecer sempre úmida.

Os Amniota basais posteriormente se dividiram em Anapsida, Diapsida (répteis e aves) e Synapsida (mamíferos e “répteis” mamaliformes). Esses grupos de amniotas se distinguem principalmente por diferenças em aberturas nas regiões temporais (laterais posteriores às órbitas oculares) do crânio. Os Anapsida não tinham abertura alguma nessa região do crânio, similar aos Testudines atuais (tartarugas, cágados e jabutis), porém neste último, trata-se de uma aquisição evolutiva secundária.

Os Diapsida possuem duas aberturas nas regiões temporais do crânio, localizadas na região temporal inferior e superior em cada lado do crânio. Porém, em alguns táxons atuais, como aves, lagartos e serpentes, essas aberturas também desapareceram secundariamente ao longo da evolução. Os Synapsida possuem uma abertura em cada região temporal do crânio. Essas alterações ocorreram devido às mudanças nas formas de alimentação e pressões seletivas que resultaram em alterações nas acomodações dos músculos dos maxilares e das mandíbulas. Também permitiram maior mobilidade das estruturas ósseas do crânio.

Os répteis evoluíram de ancestrais tetrópodes, possuindo quatro membros

para locomoção, tendo ocorrido a perda secundária desses membros em serpentes e alguns lagartos. Nesse aspecto o esqueleto de Testudines é o que mais se diferencia, sendo em sua maior parte rígido, possuindo uma parte dorsal, a carapaça, e uma parte ventral, o plastrão, formados por costelas, vértebras e elementos ossificantes, fusionados entre si. Devido a essa estrutura de proteção, os movimentos dos Testudines em terra costumam ser bastante lentos. Já as espécies marinhas possuem os membros adaptados em formas de remo, movendo os membros anteriores para cima e para baixo para impulsionar o corpo adiante. Enquanto as espécies de água doce nada alternando os movimentos dos diferentes membros.

Os Crocodylia possuem pernas curtas, mas fortes, também uma longa cauda com músculos potentes utilizados para nadar. Apesar das pernas curtas, alguns Crocodylia podem se locomover rapidamente em terra, alguns até mesmo com movimentos que lembram o galopar. Este último movimento é mais comum em indivíduos jovens, por serem mais leves, e em situações de fuga.

Os Lepidosauria (tuataras e Squamata [lagartos e serpentes]) possuem uma coluna vertebral flexível, com redução e alta mobilidade óssea no crânio. A locomoção de Lepidosauria é quadrupede, como é em geral para os táxons de répteis que mantêm a presença de seus membros, pois muitos perderam total ou parcialmente seus membros ao longo da evolução. Porém, alguns táxons podem correr de forma bipedal (usando apenas as duas patas posteriores), com o corpo inclinado para frente, quando precisam fugir de algum predador. Caso, por exemplo, de *Basiliscus basiliscus* que usa o bipedalismo para correr na superfície da água. Muitas espécies de Squamata também podem perder parte da cauda (autotomia caudal) como forma de proteção contra predadores.

Um grupo muito característico de Squamata são as Amphisbaenia, que não possuem patas e têm hábitos fossoriais, ou seja, vivem ocultas no solo. Também possuem olhos apenas vestigiais, recobertos por escamas. Sua pele é relativamente solta do corpo, para que consigam se mover nos túneis que escavam, movendo o tronco por dentro da pele. Os táxons de Amphisbaenia possuem diferentes morfologias de seu crânio, usadas em diferentes formas de escavar o solo.

As formas de alimentação variam bastante entre os diferentes grupos de répteis e se refletem já na estrutura de seus crânios. Em Testudines e Crocodylia eles possuem uma estrutura rígida, enquanto em Squamata, principalmente nas serpentes, possuem uma estrutura bastante flexível, para facilitar a ingestão de suas presas.

A dentição dos répteis é variável, Testudines não a possuem, em outros são adaptados para segurar suas presas, como em lagartos. As serpentes possuem dentes especializados para inocular peçonha em suas presas. O sistema digestório dos répteis é similar ao de outros vertebrados, sendo alongado, complexo e compartimentalizado. Os répteis procuram manter a temperatura de seu corpo mais elevada quando estão se alimentando, permanecendo em ambientes mais quentes, caso contrário, o alimento pode entrar em putrefação e os répteis podem regurgitá-lo. Como os répteis têm uma temperatura corporal que varia junto com o ambiente, gastam menos energia em suas atividades metabólicas e assim precisam ingerir uma quantidade menor de alimento proporcionalmente aos vertebrados endotérmicos.

Serpentes e Crocodylia são carnívoros, enquanto Testudines e lagartos são em sua maioria onívoros. Alguns répteis exclusivamente herbívoros possuem adaptações no sistema digestório e no mutualismo com micro-organismos para realizar a digestão da celulose de vegetais.

Como mencionado anteriormente, a temperatura dos répteis varia conforme o ambiente; são ectotérmicos. Dessa forma, possuem uma série de comportamentos para regular a temperatura de seu corpo, durante o dia costumam se expor ao sol

para aumentar sua temperatura e assim realizarem suas atividades necessárias. Quando chega a noite, podem se abrigar em fendas no solo ou em rochas que mantêm uma temperatura elevada por mais tempo, objetivando não prejudicar excessivamente sua fisiologia ficando expostos ao relento. Claro que em ambientes tropicais, onde as temperaturas são constantemente elevadas, essa busca por uma regulação de temperatura é muito mais fácil para esses animais.

No entanto, há exceções a essa regra; algumas espécies de pítons podem usar a contração muscular para gerar calor e incubar seus ovos. Vários répteis de grande porte também podem acumular calor metabólico em seus corpos, sendo ao menos periodicamente ou facultativamente endotérmicos. As tartarugas-de-couro (*Dermochelys coriacea*) também conseguem manter a temperatura de seus corpos até 18°C acima da temperatura das águas em que nadam.

A respiração é realizada por seus pulmões, cuja superfície interna realiza a troca de gases com o ambiente. A frequência respiratória é variável conforme a espécie, mantida pela movimentação do compartimento corporal onde os pulmões estão inseridos. Em geral os répteis possuem dois pulmões, porém em espécies com o corpo comprido e com diversas vértebras, pode haver apenas um pulmão ou o segundo ser bastante reduzido. Em muitos lagartos e serpentes a parte posterior do pulmão é apenas um saco membranoso, não participando das trocas gasosas. Nesses casos servindo para armazenar ou conduzir o ar, além de servir como uma estrutura inflável usada por alguns répteis para expandir seu corpo quando algum predador tenta atacá-los. Em algumas serpentes que mantêm dois pulmões, um desses pode ser apenas como reservatório de ar e outras que têm um pulmão podem ter um pulmão traqueal, tratando-se de uma extensão de seu pulmão funcional.

Os Testudines possuem o pulmão grande e com muitos compartimentos. Em répteis aquáticos o tegumento da garganta e da cloaca pode auxiliar na realização de trocas gasosas, mas mesmo assim precisam retornar à superfície para respirar.

Todos os répteis, exceto Crocodylia, possuem um coração com três cavidades, sendo dois átrios e um ventrículo. Apesar dessa organização cardíaca que poderia misturar o sangue venoso (com dióxido de carbono) e arterial (oxigenado nos pulmões), o ventrículo possui uma crista muscular, que forma um septo incompleto no interior do mesmo e assim evita a mistura dos diferentes tipos sanguíneos. O coração de Crococylia possui dois átrios e dois ventrículos, similar ao de Aves e Mamíferos, evitando essa mistura sanguínea. Diferente dos mamíferos, as células vermelhas do sangue dos répteis (eritrócitos) possuem núcleo.

O tegumento (pele e seus acessórios) dos répteis serve principalmente para proteção contra condições adversas do ambiente. A pele dos répteis os protege contra desidratação no ambiente terrestre, assim como em aves e mamíferos, e diferentemente dos anfíbios cuja pele fina deve ser mantida úmida para auxiliar nas trocas gasosas com o ambiente. A pele dos Reptilia é revestida por estruturas dérmicas, denominadas escamas e feitas de betaqueratina, assim como as penas das aves. As escamas dos répteis se formam a partir de dobras na derme e epiderme durante a embriogênese, que são então revestidas de betaqueratina. Dessa forma, são diferentes daquelas presentes nos peixes que são principalmente de estrutura óssea.

Em Crocodylia, as escamas são as mesmas ao longo de toda a sua vida, tendo algum crescimento gradual para evitar o seu desgaste. Enquanto em Squamata, ocorre a troca da epiderme queratinizada periodicamente, formando-se uma nova camada abaixo da antiga. Já em Testudines há a adição de novas camadas de queratina sob as camadas antigas de seus escudos placoides, que são escamas modificadas. Além disso, os Crocodylia e muitos lagartos também possuem em seu tegumento, estruturas ósseas denominadas osteodermos, que parecem placas dispostas na pele. Os répteis em geral possuem poucas glândulas em sua pele e

essas em sua maioria são usadas para secreção de substâncias para marcação territorial, atração sexual ou defesa contra predadores, nesse caso possuindo toxinas.

A cor dos répteis é definida pela presença de pigmentos presentes em sua pele, contidos em cromatóforos; as mudanças de cores que são registradas em algumas espécies ocorrem tanto por controle nervoso quanto por controle hormonal. Além disso, algumas escamas possuem microestruturas em sua superfície que ocasionam a refração da luz e produção cores estruturais e de aspecto irisdecente, similar ao que ocorre nas penas de certas aves.

O sistema excretor dos Crocodylia, Squamata e jabutis age de forma similar ao das aves, eliminando principalmente ácido úrico de forma semissólida. Diferentes dos mamíferos que excretam uma urina líquida. Nos Testudines marinhos suas excretas são principalmente amônia e nos de água doce, as excretas são compostas quase igualmente de amônia, ureia e ácido úrico. Répteis marinhos e algumas espécies terrestres possuem ainda glândulas de sal para auxiliar os rins na excreção dessa substância. Em Crocodylia e serpentes essas glândulas ficam próximas da língua, em lagartos na região nasal e em Testudines na região ocular.

O sistema nervoso dos répteis é similar ao dos outros vertebrados, tendo um sistema nervoso central, formado por encéfalo e medula espinal; e um sistema nervoso periférico, composto por nervos cranianos raquidianos. Em termos sensoriais, o paladar está presente nos répteis, com pontos sensoriais na faringe e nas coanas. O olfato é bem desenvolvido nestes animais, possuindo receptores olfativos nas cavidades nasais; em menor quantidade também podem possuir receptores gustativos. O olfato é bem desenvolvido principalmente em serpentes e lagartos, que possuem um órgão auxiliar para essa atividade, o vomeronasal ou órgão de Jacobson, localizado no palato (teto da boca), sendo uma cavidade de fundo cego, onde os lagartos e serpentes inserem a língua após balançá-la no ar para capturar partículas e assim detectar seu odor.

Os répteis possuem estruturas anatômicas relacionadas com a detecção de sons, vibrações e estímulos mecânicos em geral. Os répteis possuem um ouvido interno usado para detecção de sons, mesmo as serpentes, que não possuem ouvido externo e membrana timpânica como os outros répteis. Muitas escamas ao longo do corpo de serpentes e lagartos e também na cabeça de Crocodylia possuem estruturas internas para detecção de vibrações e estímulos mecânicos (tato). Apesar das altas capacidades auditivas, poucos répteis se comunicam por vocalização. Há registros em Gekkonidae e Lacertidae, que possuem cordas vocais, e também em alguns Testudines que mesmo não as possuindo, podem emitir algumas vocalizações simples.

Os olhos dos répteis são similares aos dos outros vertebrados, com alguns também possuindo capacidade de detecção de cores. Os répteis possuem pálpebras móveis para proteger seus olhos, exceto as serpentes, em que os olhos são protegidos por uma membrana fixa transparente, denominada escama corneal.

Muitos répteis possuem ao longo de sua pele terminações nervosas que detectam mudanças de temperatura. Enquanto algumas serpentes possuem órgãos específicos para detectar suas presas por meio do calor que elas emitem (energia radiante/infravermelho), denominados de fossetas loreais.

Sobre a reprodução, nos répteis em geral os sexos são separados em macho e fêmea. Porém, alguns lagartos e serpentes podem se reproduzir de forma assexuada por partenogênese, em que o embrião se desenvolve sem a fertilização do macho. A fecundação é interna, os machos podem possuir para essa finalidade um pênis (Testudines e Crocodylia), hemipênis (lagartos e serpentes), ou nenhuma estrutura (tuataras), os órgãos genitais quando fora de uso ficam abrigados no interior da cloaca. Estrutura essa presente também nas fêmeas, onde se abrem os canais intestinal, urinário e genital.

Os testículos (dois) ficam localizados no interior do corpo do macho, em algumas serpentes e lagartos um testículo pode ser mais reduzido do que o outro. Em geral as fêmeas possuem dois ovários, em alguns táxons localizados um em cada lado do corpo, em alguns um localizado mais a frente do outro e em algumas serpentes podendo ter apenas um ovário. Algumas fêmeas de serpentes e Testudines podem armazenar espermatozoides de machos por até três anos, produzindo filhotes anualmente.

A depender do grupo, o sexo é definido pelos genes ou por características ambientais. Em Testudines, Crocodylia, tuataras e alguns lagartos a temperatura define qual será o sexo do filhote. Em Testudines em geral temperaturas entre 25ºC e 30ºC produzem machos, enquanto temperaturas entre 31 ºC e 34ºC produzem fêmeas. Porém, em Crocodylia e lagartos ocorre o oposto, temperaturas mais baixas produzem fêmeas e temperaturas mais altas produzem machos. Ainda, em alguns Crocodylia, Testudines e lagartos, temperaturas maiores ou menores podem produzir fêmeas, enquanto temperaturas intermediárias produzem machos.

Em geral as fêmeas de répteis colocam ovos (oviparidade), isso ocorre em todos os Crocodylia, Testudines e tuataras. Porém em 19% dos lagartos e 20% das serpentes as fêmeas podem dar à luz a filhotes já desenvolvidos (viviparidade), mantendo os embriões por mais tempo dentro de seu oviduto. Nesse período os filhotes são alimentados por meio de seu saco vitelínico (lecitotrofia ou ovoviviparidade) ou por meio de nutrientes do organismo da mãe (placentotrofia). Além disso, algumas fêmeas podem ovipor apenas quando os filhotes estão próximos de eclodir, como forma de aumentar os cuidados com os mesmos.

Fontes: Holman, 2003; Chiszar & Smith, 2003; Lillywhite, 2003; Vitt & Caldwell, 2014; Benton, 2015; Rocha-Barbosa et al., 2017; Hickman et al., 2022.

OS RÉPTEIS

Ordem Testudines

Os Testudines são os animais popularmente conhecidos como tartarugas, cágados e jabutis. Os fósseis mais antigos dessa ordem datam do Período Triássico, da Era Mesozoica (240 milhões de anos atrás). Inicialmente pensava-se que devido à sua estrutura craniana tinham como ancestrais os amniotas Anapsida, porém estudos moleculares e também descobertas de fósseis (e.g. *Pappochelys*) demonstram que possuem relação com os Diapsida, tendo perdido as fenestras em seu crânio secundariamente ao longo da evolução.

Os Testudines se dividem em duas subordens, diferenciadas principalmente pela forma como movem seu pescoço para se protegerem. A subordem Pleurodira dobra o pescoço lateralmente para proteger o crânio entre a carapaça e o plastrão. Enquanto a subordem Cryptodira, retrai o pescoço de forma reta. Os táxons atuais possuem fertilização interna e perderam sua dentição ao longo da evolução, substituindo-a por um bico de queratina.

As principais características de Testudines são a presença de uma carapaça (na região dorsal) e um plastrão (na região ventral), formados por escudos ósseos, que fornecem proteção contra predadores e também podem ajudar a absorver impactos físicos. A carapaça é ainda revestida com uma camada de queratina. Alguns táxons possuem uma carapaça mole, tendo perdido os escudos ósseos. As primeiras tartaguras, pelo que se observa do registro fóssil, possuíam dentes e tinham carapaças reduzidas, tendo apenas as costelas alargadas (e.g. *Eunotosaurus*).

A estrutura das carapaças dos Testudines varia conforme o tipo de ambiente onde vivem; espécies aquáticas possuem um casco em forma aerodinâmica que facilita o seu nado. Algumas espécies do hemisfério norte possuem uma carapaça achatada para aumentar a área exposta ao sol e assim facilitar sua termorregulação. Algumas espécies têm a carapaça mole e movem-se em meio ao lodo e à área no fundo de cursos d'água ou se escondem em meio a fendas em rochas na água. Enquanto algumas espécies que vivem em regiões com presença de Crocodylia possuem caraçapas grandes e reforçadas que acabam reduzindo suas chances de predação. A maior divergência está na tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriacea*), cuja carapaça é feita de uma pele grossa e coriácea com pequenos osteodermos em seu interior.

A pele dos Testudines também tem estrutura variável, desde espécies com poucas escamas até espécies com escamas grandes e bem desenvolvidas, como em espécies terrestres, para protegê-las da abrasão contra a vegetação ou outros obstáculos do ambiente. Algumas espécies ainda podem ter barbilhos na região da cabeça ou próximo da boca, como no mata-mata (*Chelus fimbriata*), que auxiliam na camuflagem e/ou na captura de presas; em outras espécies, como *Phrynops,* essas estruturas são menos vistosas e podem estar associadas com alguma detecção sensorial de suas presas.

A alimentação dos Testudines é variável, há desde espécies que são herbívoras até espécies exclusivamente carnívoras. Porém, muitas espécies possuem uma dieta variável entre vegetais e carne. Outras podem ser carnívoras quando filhotes e herbívoras quando adultas.

Diferente dos outros vertebrados, a respiração em Testudines não pode contar com a expansão e contração da caixa torácica, dependendo apenas da movimentação de músculos peitorais e abdominais para a realização da respiração. As espécies aquáticas podem respirar através de sua pele, absorvendo oxigênio da água, por meio do revestimento da garganta ou da cloaca. Esta última estratégia usada por *Rheodytes leukops*, da Austrália, que vive em córregos bem oxigenados e bombeia água através de sua cloaca, obtendo assim até 70% de seu oxigênio.

A visão em Testudines é bem desenvolvida, possuindo a detecção de cores, especialmente em algumas espécies

em que o dimorfismo sexual está relacionado com as cores. No entanto, espécies de hábitos noturnos possivelmente não possuem a detecção de cores desenvolvida. A audição de Testudines não é muito desenvolvida, devido à simplicidade das estruturas de seu ouvido, porém algumas espécies terrestres podem emitir sons rudimentares e, ao que tudo indica, usá-los para comunicação com outros indivíduos. O olfato é bem desenvolvido em Testudines, podendo ser usado para localizar locais de forrageio ou locais adequados para nidificação. Em termos de longevidade, muitas espécies vivem mais de 50 anos, havendo registro de um indivíduo de *Aldabrachelys gigantea hololissa* que viveu por 190 anos.

Alguns Testudines realizam longas migrações entre oceanos e continentes; consta que ao longo de dois anos uma tartaruga-cabeçuda (Caretta caretta) migrou por 35.405 km. Enquanto uma tartagura-de-couro (*Dermochelys coriacea*) migrou por 20.557 km.

A maioria dos Testudines possui dimorfismo sexual; nas espécies aquáticas em geral o macho é menor do que a fêmea e possui comportamentos de corte. Em espécies terrestres, os machos podem ser de tamanho igual ou maior do que as fêmeas. Havendo poucos comportamentos de corte e mais combates territoriais e por fêmeas. Além disso, em muitas espécies o macho possui o plastrão curvado de forma côncava para poder se apoiar sobre a fêmea durante a cópula.

A cópula pode não ocorrer todos os anos, mas as fêmeas podem estocar espermatozoides dos machos e ovipor todos os anos. Tanto que algumas vezes os ovos de uma mesma ninhada podem ter sido fertilizados por diferentes machos.

Muitas espécies aquáticas realizam migração ao longo de rios ou nos oceanos até seus locais de nidificação. Essas migrações podem ocorrer a cada dois ou três anos, tendo extensões de até 4.500 km. Muitas dessas retornam aos mesmos locais de nidificação ano após ano, possivelmente orientando-se ao longo de suas rotas por campos magnéticos e pelos odores presentes em correntes oceânicas que usam para se guiar até as mesmas praias.

Os ovos são depositados em buracos escavados no solo, próximos aos seus locais de forrageio, ou em espécies aquáticas migratórias em praias marinhas ou fluviais. Espécies de rios também podem procurar locais afastados dos mesmos, com maior altura para fazer seu ninho e assim proteger os ovos de eventuais inundações. As fêmeas podem construir um ninho falso perto do seu ninho verdadeiro, para tentar despistar predadores, ou também podem depositar seus ovos em dois ou três ninhos diferentes para reduzir as chances de predação. Consta que a espécie asiática *Manouria emys* protege seus locais de nidificação contra predadores durante vários dias após a oviposição.

Espécies pequenas colocam até quatro ovos, enquanto espécies marinhas colocam entre 100 e 200 ovos por ninho. Os ovos podem ter formatos alongados ou esféricos, este último mais comum em espécies que colocam grande quantidade de ovos. A casca dos ovos também é variável, pode ser flexível e coriácea ou mais rígida e quebradiça. O sexo de Testudines é determinado pela temperatura durante a incubação; em algumas espécies temperaturas maiores resultam em fêmeas e temperaturas menores resultam em machos; em outras as temperaturas muito altas ou muito baixas resultam em fêmeas, enquanto temperaturas intermediárias resultam em machos. No entanto, também há diversas espécies nas quais o sexo é determinado geneticamente.

Fonte: Baker, 2003; Lovich & Gibbons, 2021; Hickman et al., 2022.

Família Cheloniidae

Família de tartarugas marinhas, cujos fósseis mais antigos datam do começo do Período Cretáceo, na Era Mesozoica. Possuem uma carapaça de forma aerodinâmica e sua cabeça não pode ser retraída para dentro do casco. Ocorrem geralmente em oceanos tropicais e subtropicais, com algumas espécies adentrando em partes de oceanos e mares em climas temperados (e.g. Mediterrâneo). Permanecem geralmente em áreas costeiras e em mar aberto na plataforma continental. Realizam migrações entre as áreas de forrageio e as áreas de nidificação, em alguns casos em deslocamentos de cerca de 300 km.

Todas as espécies dessa família são carnívoras, consomem esponjas marinhas, crustáceos, moluscos ouriços-marinhos e peixes; exceto a tartaruga-verde (*Chelonia mydas*), que é principalmente herbívora, consumindo gramas marinhas e algas.

As fêmeas realizam migração aos locais de nidificação a cada um ou três anos, realizando sete ou mais oviposturas por estação reprodutiva em intervalos de 10 a 30 dias. Ovipondo 90 a 250 ovos esféricos. Os ninhos são escavados nas areias de praias, geralmente durante a noite. A incubação dura de 40 a 80 dias, durante esse período temperaturas mais quentes produzem fêmeas e temperaturas mais baixas produzem machos.

Fontes: Iverson, 2003; Lovich & Gibbons, 2021.

Caretta caretta (Linnaeus, 1758)

Nome popular: tartaruga-cabeçuda

Comprimento: carapaça até 213 cm.

Peso: até 454 kg.

Habitat: Ocorrem em áreas costeiras, áreas marinhas da plataforma continental, áreas oceânicas e ilhas. Podem adentrar estuários, baías e brejos salinos.

Alimentação: Alimentam-se de águas-vivas, moluscos (gastrópodes e cefalópodes), crustáceos (caranguejos e camarões), insetos, peixes, ouriços-marinhos e algas (e.g. *Sargassum*). Ocasionalmente filhotes de tartarugas.

Dentre os gastrópodes consomem: *Buccinops, Cymatium, Rapana, Tonna, Zidona*.

Dentre os crustáceos consomem: *Dardanus, Hepatus, Lepas, Libinia, Loxopagurus, Platyxanthus.*

Dentre os peixes consomem: *Brevoortia, Macrodon, Micropogonias, Prionotus, Trichiurus.*

Comportamento e observações: Realizam longas migrações e dispersões, algumas de até 2.700 km, usando correntes marinhas de águas quentes. As fêmeas migram até os locais de nidificação a cada dois ou três anos. Quando estão em mar aberto, podem ser observadas boiando próximo da superfície, possivelmente dormindo. Essa espécie possui alguns fósseis que datam do Plioceno e do Pleistoceno. Suas populações sofrem impactos devido à captura incidental por redes de pesca e espinhéis, também pela poluição dos oceanos.

Predadores: de filhotes: formigas, crustáceos, répteis, peixes, mamíferos e aves.

Reprodução: Reprodução registrada entre setembro e março, mas podem ocorrer variações latitudinais. No Brasil as principais áreas de desova ficam nas áreas costeiras do Sergipe, norte da Bahia, norte do Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro. Havendo também registros de desovas nas áreas costeiras sul do Espírito Santo e sul da Bahia; ocasionalmente em áreas costeiras do Rio de Janeiro, norte de São Paulo, Alagoas, Ceará, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Atingem a maturidade sexual com 10 a 30 anos de idade. A cópula ocorre ao longo da migração até os locais de nidificação. Durante a corte o macho nada circulando a fêmea e a morde no pescoço e nos ombros. Em uma mesma ninhada pode haver ovos fertilizados por diferentes machos.

As fêmeas se reproduzem a cada dois ou três anos. Os ninhos são escavados

pelas fêmeas em praias, acima da linha da maré alta, durante a noite, tendo em média 60 cm de profundidade. Colocam 23 a 198 ovos esféricos por postura, mas podem realizar até sete posturas por temporada reprodutiva, colocando ao todo até 560 ovos e a incubação dura 46 a 80 dias. Após a oviposição os ovos são recobertos com areia. As fêmeas podem ovipor até sete vezes na estação reprodutiva, em intervalos de nove a 28 dias. Os filhotes em geral eclodem durante a noite, para evitar predação e as temperaturas mais quentes do dia. A temperatura determina o sexo dessa espécie; temperaturas entre 29°C e 30°C ao longo da incubação geram fêmeas e temperaturas mais baixas geram machos.

Distribuição: Ocorrem em áreas tropicais e temperadas dos oceanos, menos frequentemente em certas partes do oceano Pacífico, havendo registro de alguns indivíduos na costa do Alasca. No Brasil há registros nas áreas costeiras do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro e do Espírito Santo ao Pará.

Fontes: Iverson, 2003; Carreira et al., 2005; Marcovaldi et al., 2011; Lovich & Gibbons, 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Eretmochelys imbricata (Linnaeus, 1766)

Nome popular: tartaruga-de-pente

Comprimento: carapaça em média 120 cm.

Peso: até 80 kg.

Habitat: Ocorrem em áreas costeiras, áreas marinhas da plataforma continental, áreas oceânicas e ilhas. Podem adentrar estuários, baías, brejos salinos e águas próximas de manguezais.

Alimentação: Alimentam-se de esponjas marinhas, águas-vivas, folhas de mangue, gramas marinhas e algas.

Comportamento e observações: Suas populações sofrem impactos de capturas por redes de pesca, também pela poluição dos oceanos.

Reprodução: Reprodução registrada entre novembro e março. As principais áreas de desova no Brasil ficam nas áreas costeiras do norte da Bahia, Sergipe, litoral sul do Rio Grande do Norte e com menos frequência na Paraíba; ocasionalmente também no Espírito Santo, Ceará, Pernambuco e Piauí. Algumas das áreas de desova têm sofrido alterações de temperatura devido ao desmatamento e podem resultar, devido a isso, em alterações nos seus padrões populacionais. As fêmeas se reproduzem em geral a cada dois anos ou mais. Em cada estação reprodutiva fazem duas a seis oviposições, colocando 26 a 250 ovos cada vez.

Distribuição: Ocorrem em áreas tropicais e subtropicais dos diferentes oceanos. No Brasil há registros nas áreas costeiras do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro e do Espírito Santo ao Pará.

Fontes: Marcovaldi et al., 2011; Freitas, 2011; Lovich & Gibbons, 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Lepidochelys olivacea (Eschscholtz, 1829)

Nome popular: tartaruga-oliva

Comprimento: carapaça em média 75 cm.

Peso: até 59,8 kg.

Habitat: Ocorrem em áreas costeiras, áreas marinhas da plataforma continental, áreas oceânicas e ilhas.

Alimentação: Alimentam-se de peixes (adultos e ovos), crustáceos (Decapoda) e moluscos. Consta que em cativeiro podem praticar canibalismo.

Comportamento e observações: Suas populações sofrem impactos de capturas por redes de pesca e espinhéis, também pela poluição dos oceanos.

Predadores: de adultos: tubarões.

Reprodução: Reprodução registrada entre setembro e março. No Brasil há áreas de desova entre o litoral sul de Alagoas e o litoral norte da Bahia, com menos frequência no litoral do Espírito Santo; e ocasionalmente no litoral do Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Ceará.

A maioria das fêmeas ovipõe anualmente, mas algumas a cada dois ou três anos. O esperma dos machos é armazenado pelas fêmeas durante a estação reprodutiva e usado ao longo das diversas posturas que realizam. Em cada estação reprodutiva as fêmeas ovipõem

uma a três vezes em intervalos de 14 a 28 dias. Geralmente realizam a postura na praia onde nasceram. Os ninhos têm 30 a 55 cm de profundidade, onde são colocados 30 a 168 ovos esféricos. A incubação dura 41 a 70 dias, com os filhotes eclodindo em sua maioria durante a noite.

Distribuição: Ocorrem em áreas tropicais e subtropicais dos diferentes oceanos. No Brasil há registros nas áreas costeiras do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro e do Espírito Santo ao Amapá.

Fontes: Carreira et al., 2005; Marcovaldi et al., 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Chelonia mydas (Linnaeus, 1758)

Nome popular: tartaruga-verde

Comprimento: carapaça até 152 cm.

Peso: até 340 kg.

Habitat: Ocorrem em áreas costeiras, áreas marinhas da plataforma continental, áreas oceânicas, estuários e ilhas, preferencialmente próximas de áreas com vegetação marinha.

Alimentação: Alimentam-se de gramas marinhas, algas, esponjas-marinhas, águas-vivas, moluscos, crustáceos e ouriços-marinhos. Quando adultos, são praticamente herbívoras, porém quando filhotes, podem consumir medusas e tunicados, como *Physalia, Velella* e *Porpita.*

Dentre os vegetais consomem: *Zostera, Sagitaria, Vallisneria, Thalassia, Cymodocea, Deplanthera, Gelidium, Sargassum, Rhodymenia, Gracilaria, Griffitsia, Liagora, Ulva, Gratelonpia, Caulerpa, Halodule, Halophila, Syringodium, Pterocladia, Posidonia, Pterocladiella, Polysiphonia, Cryptopleura, Chodrancanthus, Gelidium, Grateloupia, Hypnea, Porphyra, Ulva, Codium*.

Consta que em cativeiro podem apresentar dieta carnívora. Também podem acabar consumindo plástico por engano.

Comportamento e observações: Geralmente são solitárias, mas podem se reunir em locais de forrageio. Podem realizar migrações de até 3.000 km entre as áreas de forrageio e as áreas de reprodução. Costumam termorregular boiando na superfície da água e ocasionalmente saindo de dentro da água. Suas populações sofrem impactos de captura incidental em redes de pesca, também pela poluição dos oceanos.

Reprodução: Reprodução registrada entre dezembro e junho. No Brasil as principais áreas de desova estão em ilhas oceânicas, ilha da Trindade, Atol das Rocas e Arquipélago de Fernando de Noronha. Na área continental há registros de desova no litoral norte da Bahia, também no Rio Grande do Norte, Sergipe, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Atingem a maturidade com 20 a 30 anos. Antes de ovipor, as fêmeas copulam com diversos machos. Os machos realizam uma corte para a fêmea e são agressivos durante o período reprodutivo.

As fêmeas podem armazenar espermatozoides por diversos anos e assim os filhotes de uma ninhada são originados de diferentes machos. As fêmeas costumam nidificar sempre nas mesmas praias, em intervalos de dois anos, escavando o ninho acima da linha da maré alta. Em cada estação reprodutiva podem ovipor até sete vezes, em intervalos de 12 a 14 dias. Em cada postura colocam de três a 238 ovos esféricos. A incubação dura de 30 a 90 dias. Os filhotes eclodem durante a noite. Temperaturas altas durante a incubação resultam em maior quantidade de fêmeas na ninhada e temperaturas mais baixas em machos.

Distribuição: Ocorrem em áreas tropicais e temperadas dos diferentes oceanos. No Brasil há registros nas áreas costeiras do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro e do Espírito Santo ao Amapá.

Fontes: Iverson, 2003; Carreira et al., 2005; Marcovaldi et al., 2011; Freitas, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Família Dermochelyidae

A família Dermochelyidae possui fósseis que datam do Eoceno ao Plioceno e atualmente é composta por apenas uma espécie, *Dermochelys coriacea*.

Dermochelys coriacea (Vandelli, 1761)

Nome popular: tartaruga-de-couro

Comprimento: carapaça até 256 cm.

Peso: 500-916 kg.

Habitat: Ocorrem em alto mar em áreas oceânicas.

Alimentação: Alimentam-se quase exclusivamente de carne, principalmente águas-vivas. Também consomem bivalves, gastrópodes, cefalópodes, crustáceos, ouriços-marinhos, tunicados (*Pyrosoma*), zooplâncton, pequenos peixes e algas. Acabam consumindo plástico por engano.

Dentre as águas-vivas (Cnidaria) consomem: *Cyanea, Physalia, Rhizostoma*.

Dentre os crustáceos consomem: *Libinia*, *Hyperia.*

Dentre os peixes consomem: juvenis de *Trachurus, Urophycis*.

Comportamento e observações: São pelágicas, raramente aparecendo em águas rasas. Realizam amplas migrações entre as áreas de forrageio e de reprodução, podendo se deslocar por até 6.800 km. Forrageiam em águas quentes e em águas frias, pois conseguem manter sua temperatura corporal acima da temperatura das águas ao seu redor. Quando forrageiam, podem eventualmente se reunir em bandos e também podem mergulhar a 1 km de profundidade, permanecendo embaixo d'água por aproximadamente 1 hora e 30 minutos. Suas populações sofrem impactos por capturas incidentais em redes de pesca e espinhéis.

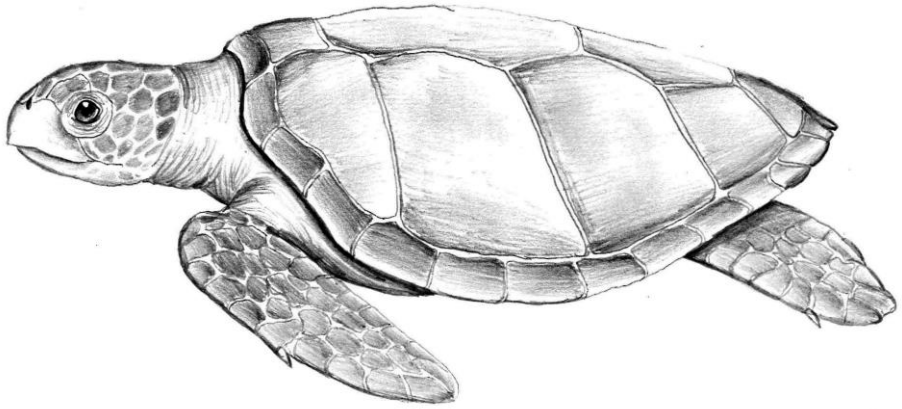
Predadores: de ovos e filhotes: caranguejos (*Ocypode*), urubu-preto (*Coragyps atratus*), cachorros e javalis.

Reprodução: Reprodução registrada entre setembro e janeiro. No Brasil as áreas de desova ficam no norte do Espírito Santo, ocasionalmente no Piauí, Rio Grande do Norte, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

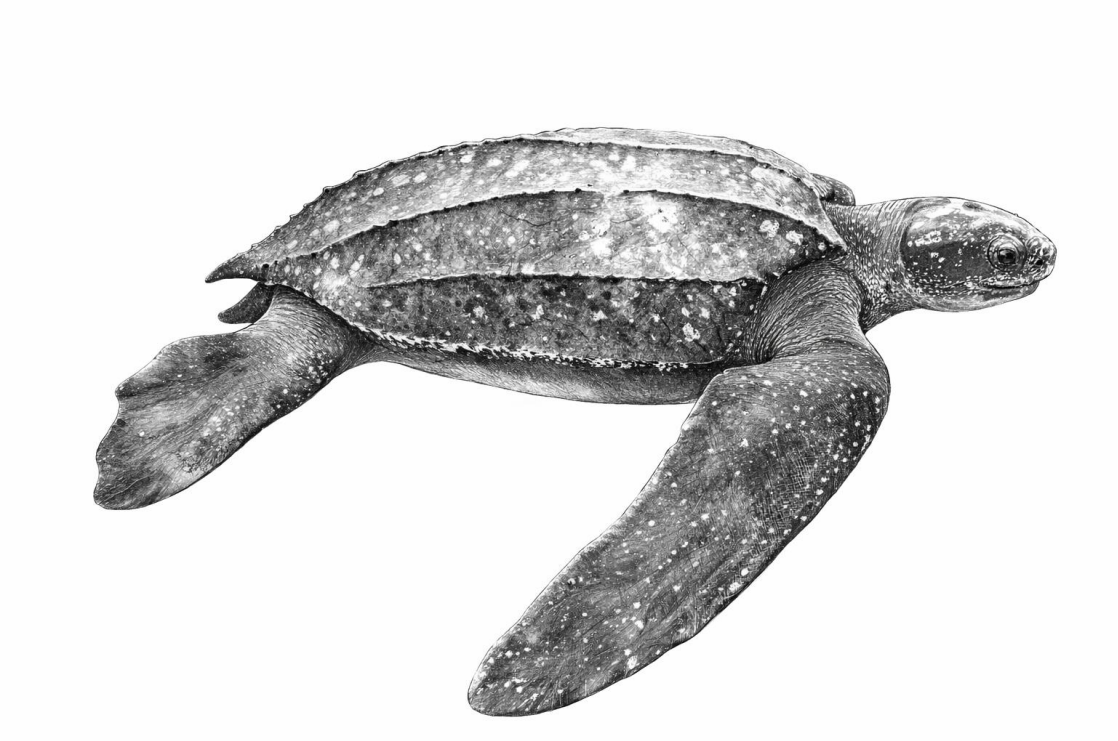
As fêmeas atingem a maturidade com 13 a 14 anos de idade, enquanto os machos com cinco a seis anos. Nidificam em praias, escavam o ninho durante a noite, localizado acima da linha da maré alta. Colocam 23 a 166 ovos esféricos. As fêmeas se reproduzem a cada dois ou três anos, podem ovipor até 11 vezes em uma estação reprodutiva, em intervalos de nove a 11 dias. A incubação dura de 50 a 78 dias. Os filhotes geralmente eclodem durante a noite. Temperaturas mais altas durante a incubação resultam em fêmeas e temperaturas mais baixas resultam em machos. Os filhotes geralmente eclodem durante a noite.

Distribuição: Ocorrem em áreas tropicais, subtropicais, temperadas e subpolares dos diferentes oceanos. No Brasil há registros nas áreas costeiras do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro e do Espírito Santo ao Amapá.

Fontes: Iverson, 2003b; Carreira et al., 2005; Marcovaldi et al., 2011; Lovich & Gibbons, 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.



Caretta caretta



Dermochelys coriacea

Família Kinosternidae

Esta família é representada no Brasil por apenas uma espécie conhecida popularmente como muçuã ou jurará. Os fósseis mais antigos dessa família datam do período Eoceno.

Todas as espécies dessa família possuem uma glândula que produz um odor pungente. Algumas espécies também possuem uma cabeça bastante grande, devido a se alimentarem de moluscos. Em sua área de distribuição ocorrem em quase todos os ambientes com água doce, do nível do mar até 2.600 m de altitude. Possuem baixa capacidade de nado e preferem andar com movimentos lentos, apesar disso, raramente deixam o ambiente aquático.

São carnívoras, alimentam-se principalmente de moluscos, crustáceos, insetos, minhocas, peixes e carniça. Eventualmente podem consumir matéria vegetal ou praticar canibalismo.

Na maioria das espécies o macho é maior do que a fêmea; os machos de algumas espécies possuem uma estrutura epidérmica pontiaguda na ponta da cauda e escamas ásperas na parte de trás de suas patas traseiras. Devido a isso, a corte é pouco elaborada, dependendo mais da capacidade do macho de subjugar a fêmea e restringir seus movimentos. A cópula ocorre na água. As fêmeas colocam um a 12 ovos e podem realizar até seis posturas no ano. Os ovos têm forma oblonga, podem ser postos em meio à serrapilheira ou em um ninho escavado, a depender da espécie. A incubação dura de 75 dias a 265 dias, em algumas espécies (e.g. *Kinosternon*) os embriões podem entrar em diapausa ou estivação para não eclodirem em condições climáticas adversas. Consta que os gêneros *Staurotypus* e *Claudius* [não ocorrentes no Brasil] têm o sexo dos filhotes determinado por cromossomos, enquanto nas demais espécies temperaturas altas ou baixas durante a incubação resultam em fêmeas e temperaturas intermediárias resultam em machos.

Fontes: Iverson, 2003c; Lovich & Gibbons, 2021.

Kinosternon scorpioides scorpioides (Linnaeus, 1766)

Comprimento: comprimento retilíneo carapaça: 92-270 mm; macho média: 200 mm; fêmea média: 180 mm.

Habitat: Ocorrem em ambientes aquáticos permanentes e temporários, lóticos ou lênticos, tais como riachos, córregos, lagoas, ambientes ripários, áreas alagadas, banhados, dunas e áreas pantanosas. Ocorrem com maior frequência em águas claras e brancas, mas também podem ocorrer em águas pretas. Há registros no litoral brasileiro em águas salobras.

Alimentação: São onívoros, alimentam-se de macrófitas aquáticas, algas, ácaros, insetos, minhocas, moluscos, crustáceos, peixes (Rivulidae), sementes e anfíbios (adultos e girinos).

Dentre os anfíbios consomem: Hylidae, Leptodactylidae.

Dentre os moluscos consomem: Ampullariidae, Planorbidae, Sphaeriidae.

Dentre os crustáceos consomem: Ostracoda, Cladocera, Copepoda, Anostraca.

Dentre os insetos consomem: náiades de Odonata; larvas e adultos de besouros Coleoptera: Dytiscidae, Hydrophilidae, Hydraenidae, Noteridae, Haliplidae, Dryopidae, Scarabaeidae; percevejos Hemiptera: Belostomatidae, Corixidae, Notonectidae, Mesoveliidae, Nepidae, Hydrometridae, Naucoridae, Hebridae, Pleidae; larvas de moscas Diptera: Stratiomyidae, Chironomidae, Ceratopogonidae, Ephydridae, Muscidae, Tabanidae; formigas Hymenoptera: Formicidae; grilos e gafanhotos Orthoptera; Thysanoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos semiaquáticos e noturnos. Deslocam-se pelo solo da terra firme, principalmente em períodos de seca. Essa espécie é ameaçada pela poluição, pelo desmatamento, pela caça e captura para criação em ambientes domésticos. Há

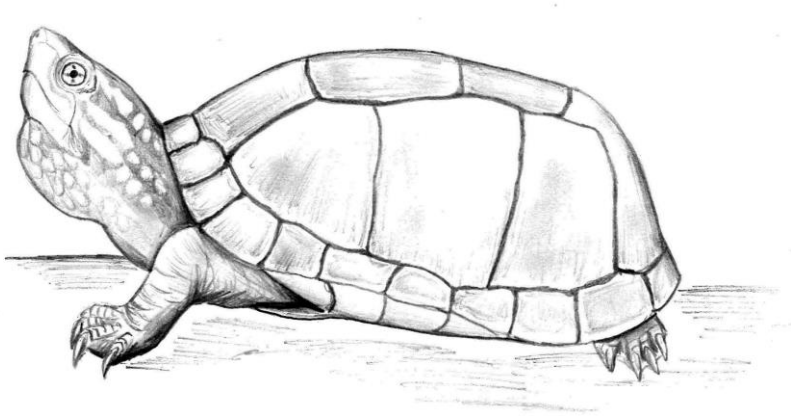
fósseis possivelmente dessa espécie, datados do Pleistoceno no México.

Predadores: de ovos ou filhotes: *Tupinambis teguixin.*

Reprodução: A reprodução ocorre entre outubro e novembro, em águas rasas ou em terra. Colocam um a oito ovos por postura, em média dois a três ovos, podem realizar uma a cinco posturas durante a época de desova, que pode durar até 10 meses por ano. Os ovos possuem casca rígida e formato elíptico. A incubação dura três a seis meses, dependendo da temperatura e umidade do ninho; 111 a 164 dias em cativeiro. Os ninhos ficam em pouca profundidade e são cobertos por folhas e galhos, localizados próximos aos corpos d'água. O sexo dos filhotes é determinado pela temperatura de incubação.

Distribuição: Ocorrem do sul do México ao norte da Argentina. No Brasil há registros em quase todos os estados, exceto região sul, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Berry & Iverson, 2001; Foreno-Medina et al., 2007; Iverson, 2010; Ferrara et al., 2017; Pereira et al., 2018; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Cassano & Alcalde, 2022.



Kinosternon scorpioides

Família Emydidae

Esta família é composta por espécies associadas com ambientes de água doce, no Brasil, representada por duas espécies nativas. Os fósseis mais antigos dessa família datam do período Cretáceo.

As espécies dessa família são encontradas em ambientes aquáticos (a maioria das espécies) ou terrestres (e.g. *Terrapene*), e uma espécie, *Malaclemys terrapin* [não ocorrente no Brasil], ocorre em água salobra de estuários e brejos salinos. Algumas são ativas ao longo de todo o ano e outras apenas em parte do ano, podendo hibernar durante períodos frios, que o fazem em ambiente terrestre ou aquático. Algumas podem ainda se enterrar na serrapilheira para hibernar.

A depender da espécie podem ser herbívoras ou carnívoras. Quando eclodem dos ovos, são principalmente carnívoras, mas com o tempo passam a adquirir uma dieta mais onívora. Algumas espécies, não ocorrentes no Brasil, possuem uma cabeça grande para conseguirem se alimentar de moluscos com conchas; enquanto outras possuem adaptações na garganta para realizar sua expansão rápida e sugar seu alimento na água.

Algumas espécies possuem dimorfismo sexual, com a fêmea sendo maior do que o macho. A reprodução em geral ocorre na primavera, porém algumas fêmeas podem armazenar espermatozoides de cópulas em anos anteriores. Os machos se exibem para as fêmeas, realizando movimentos com os membros anteriores e com a cabeça. Os ovos são alongados, com casca flexível ou quebradiça, a depender da espécie. As fêmeas colocam até 35 ovos por postura, podendo realizar até seis posturas por estação reprodutiva. Os ninhos são escavados no solo, em locais afastados da água. A temperatura determina o sexo dos filhotes.

Fonte: Baker, 2003b; Lovich & Gibbons, 2021.

Trachemys adiutrix Vanzolini, 1995

Sinonímia recente: *Trachemys dorbigni adiutrix*

Peso: fêmeas: 610-1180 g; machos: 700-890 g.

Habitat: Ocorrem em locais de água doce, como lagos, rios e riachos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Podem passar por estivação durante períodos de seca, quando podem se enterrar em buracos ou se ocultar em meio à vegetação densa.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Maranhão e Piauí.

Fontes: Vogt et al., 2019; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Trachemys dorbigni (Duméril & Bibron, 1835)

Comprimento: até 27,5 cm de carapaça.

Habitat: Ocorrem em rios, riachos, lagoas e banhados, preferencialmente se possuírem vegetação aquática.

Alimentação: Alimentam-se de peixes (Characiformes), anfíbios anuros, moluscos (*Pomacea* sp.), crustáceos, insetos, aranhas, carrapatos e vegetais. De forma oportunista podem consumir carniça.

Dentre os vegetais consomem: *Spirogyra, Salvinia, Potamogeton, Mayaca, Egeria*.

Dentre os crustáceos consomem: Copepoda, Cladocera, Ostracoda, Amphipoda: *Hyallela*.

Dentre os insetos consomem: moscas Diptera; percevejos Hemiptera; libélulas Odonata; Hymenoptera; besouros Coleoptera; Plecoptera; formigas-leão Neuroptera; baratas Blattodea (ooteca).

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos. Ficam nas margens dos rios termorregulando nas horas mais quentes do dia. Podem viver mais de 30 anos. Essa espécie é ameaçada pela captura para criação como animal doméstico. Consta que no Uruguai algumas pessoas acreditam que é uma espécie

peçonhenta e acabam matando exemplares por isso.

Predadores: de ovos: lagarto-teiú (*Salvator merianae*); aves carcará (*Caracara plancus*); mamíferos zorrilho (*Conepatus chinga*); tatupeba (*Euphractus sexcinctus*); raposa-do-campo (*Lycalopex gymnocercus*); graxaim (*Cerdocyon thous*).

Reprodução: Ovípara. A cópula ocorre na água. Desovas registradas entre setembro e fevereiro. Podem realizar três desovas por estação reprodutiva, em intervalos de 15 a 20 dias. Os ninhos são construídos de 40 cm até 160 m das margens de cursos-d'água, a 12 cm de profundidade. Colocam até 16 ovos elípticos e a incubação dura aproximadamente 110 dias. A maturidade sexual é atingida aproximadamente aos nove anos nos machos com 13 cm de carapaça e entre 10 e 12 anos nas fêmeas com 15-16 cm de carapaça.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai e Brasil, onde ocorrem em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Bager, 2003; Carreira et al., 2005; Gonçalves et al., 2007; Fagundes et al., 2010; Borges-Martins et al., 2013; Hahn et al., 2013; Borges et al., 2017; Silveira et al., 2019; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Trachemys scripta (Schoepff, 1792)

Comprimento: carapaça: 30 cm.

Habitat: Ocorrem em rios, lagoas naturais e lagoas artificiais em áreas urbanas.

Alimentação: Quando jovens são carnívoros, ao atingirem a maturidade, se tornam onívoros.

Comportamento e observações: No Brasil é espécie exótica invasora, originária da América do Norte. Costumam ser observadas perto de corpos-d'água termorregulando ao sol.

Reprodução: Ovípara. Colocam de dois a 23 ovos, em até cinco posturas anuais. A incubação dura de 60 a 80 dias. A temperatura influencia na determinação do sexto dos filhotes.

Distribuição: Ocorrem originalmente nas regiões sul e sudeste da América do Norte, porém essa espécie foi introduzida em diversos continentes e países, atualmente tendo ampla distribuição.

Fontes: Baker, 2003b; Borges et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Família Geoemydidae

Família representada no Brasil por apenas uma espécie, conhecida anteriormente como Bataguridae. Os fósseis mais antigos dessa família datam do período Eoceno. A depender da espécie podem ocorrer em ambientes de água doce, ambientes terrestres (e.g. *Rhinoclemmys*) ou em áreas costeiras.

São ativas ao longo de todo o ano, algumas podendo ficar inativas durante o inverno ou em períodos de seca. A maioria das espécies é onívora, havendo algumas que são exclusivamente carnívoras ou herbívoras.

Durante o período reprodutivo algumas espécies podem mudar a cor da cabeça, das partes de tecido mole expostas do corpo e também da carapaça. Durante a corte os machos são agressivos, podendo bater ou morder as fêmeas. As fêmeas podem ovipor até seis vezes em uma estação reprodutiva, colocando até 43 ovos por vez. A incubação dura 60 a 272 dias; nas espécies com período mais longo os embriões podem entrar em diapausa para eclodirem quando há condições climáticas propícias à sua sobrevivência. A determinação do sexo dos filhotes é variável, em algumas espécies é determinada por genes ou cromossomos e em outras pela temperatura durante a incubação.

Fonte: Iverson, 2003d; Lovich & Gibbons, 2021.

Rhinoclemmys punctularia punctularia (Daudin, 1801)

Comprimento: comprimento retilíneo carapaça fêmea: 240 mm; comprimento retilíneo carapaça macho: 200 mm.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, rios e lagos. Também em banhados, áreas alagadas, riachos, buritizais, brejos-costeiros e valas ao longo de rodovias. Na Amazônia ocorrem em todos os tipos de água (branca, preta e clara); também há registros em águas poluídas.

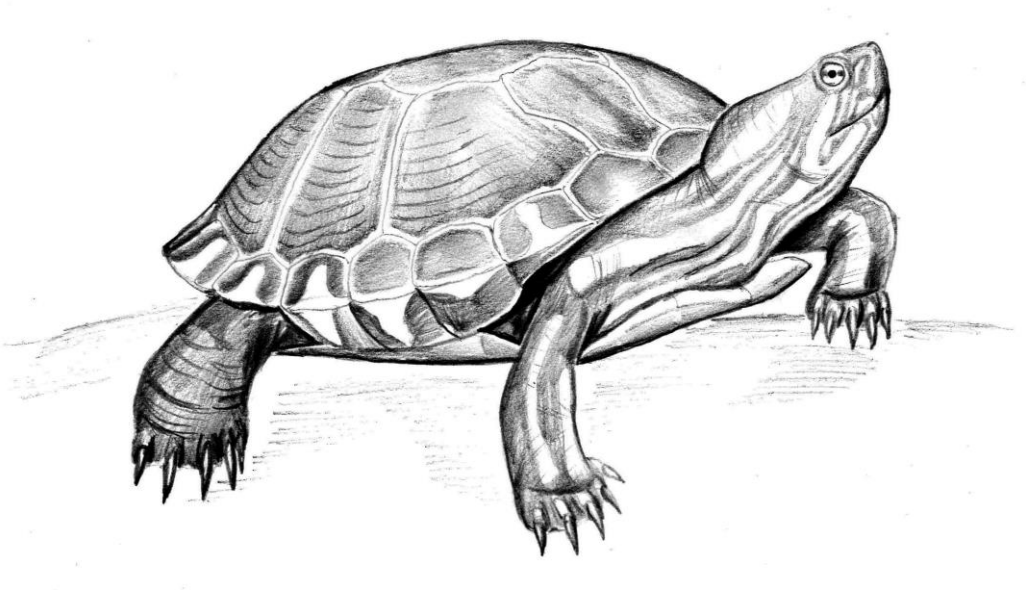
Alimentação: São onívoros, alimentam-se principalmente de frutos (e.g. Arecaceae; Annonaceae), também de itens de origem animal.

Comportamento e observações: Possuem hábitos semiaquáticos. Em períodos chuvosos deslocam-se por longas distâncias por terra. Possuem hábitos diurnos e crepusculares. Essa espécie é ameaçada pelo desmatamento, caça e captura para criação doméstica.

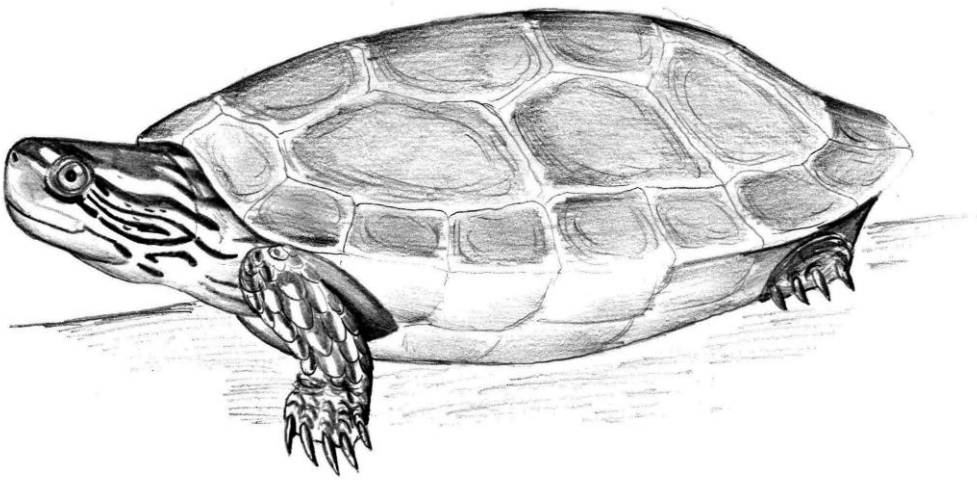
Reprodução: Colocam quatro a cinco ovos entre raízes e cobertos com folhiço. O sexo dos filhotes possivelmente é determinado pela temperatura da incubação.

Distribuição: Ocorrem no Suriname, Guiana, Guiana Francesa e no Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Amazonas, Pará, Tocantins, Maranhão, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. A subespécie *R. p. flamigera* ocorre apenas na Venezuela.

Fontes: Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.



Trachemys dorbigni



Rhinoclemmys punctularia

Família Testudinidae

Essa família é representada no Brasil por duas espécies, popularmente conhecidas como jabutis. Os fósseis mais antigos dessa família datam do período Eoceno. Suas espécies são terrestres, ocorrendo desde desertos e pastagens até florestas. A maioria das espécies é herbívora, alimentam-se de frutos, flores e folhas, eventualmente carne e carniça.

No período reprodutivo os machos costumam realizar lutas uns contra os outros, batendo-se com seus plastrões e carapaças. Ou mordendo as extremidades do corpo uns dos outros. O macho se exibe para a fêmea perseguindo-a, mordendo suas extremidades ou batendo com sua carapaça na dela.

Colocam um a 51 ovos esféricos por postura, as fêmeas podem realizar de uma a seis posturas em cada estação reprodutiva, porém podem não se reproduzir todos os anos. A incubação dura de 100 a 160 dias, havendo registro de demorar até 18 meses. Muitas espécies têm o sexo dos filhotes determinado pela temperatura durante a incubação, com temperaturas maiores resultando em fêmeas e temperaturas menores em machos.

Fontes: Iverson, 2003e; Lovich & Gibbons, 2021.

Chelonoidis carbonarius (Spix, 1824)

Sinonímia recente: *Geochelone carbonaria, Chelonoidis carbonaria*

Comprimento: comprimento retilíneo da carapaça: média 300 mm; machos até 510 mm; fêmeas até 450 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, áreas campestres, campinaranas, capoeiras, bordas de florestas e áreas antropizadas. Também próximo de banhados.

Alimentação: São onívoros, alimentam-se de carniça, fungos, insetos e diferentes partes de vegetais, como caules, folhas, flores e principalmente frutos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Essa espécie é ameaçada pela perda de *habitat*, queimadas, expansão urbana, caça e captura para criação como animal de estimação.

Reprodução: Ovíparos. A desova ocorre entre agosto e janeiro, principalmente entre setembro e novembro. Podem realizar de duas a cinco posturas por período reprodutivo. Colocam um a 10 ovos, em média cinco ovos, são esféricos, com casca rígida a levemente flexível. O ninho fica no solo da floresta e a incubação dura cinco meses. O sexo dos filhotes provavelmente é determinado pela temperatura do ninho durante a incubação.

Distribuição: Ocorrem do Nicarágua e do Panamá à Argentina. No Brasil há registros em quase todos os estados, exceto Acre, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Fontes: Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Chelonoidis denticulatus (Linnaeus, 1766)

Sinonímia recente: *Geochelone denticulata, Chelonoides denticulata*

Comprimento: comprimento retilíneo da carapaça: 400-450 mm; eventualmente até 820 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas ombrófilas densas, florestas ombrófilas densas, florestas estacionais semidecíduas, florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de florestas. Raramente encontradas áreas abertas.

Alimentação: São onívoros, alimentam-se de folhas, plantas suculentas, frutas, cogumelos, cupins e, eventualmente, carniça.

Comportamento e observações: Os machos utilizam movimentos estereotipados da cabeça para identificar uns aos outros. Se um indivíduo não responder à sinalização de movimentos, o macho pode farejar a sua região cloacal do outro indivíduo, possivelmente para

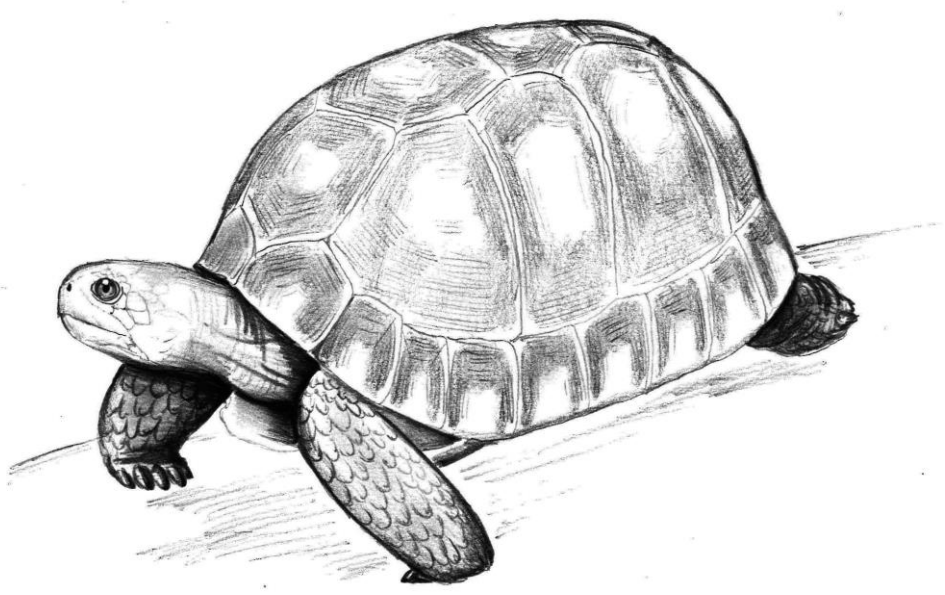
verificar o sexo do mesmo. A depender da resposta obtida na sinalização, pode ocorrer um conflito físico entre os machos, em que eles batem uns nos outros até o ponto de tentar virá-los de cabeça para baixo. Essa espécie é ameaçada pelo desmatamento, perda de *habitat*, caça e captura para criação como animal de estimação.

Predadores: onça-pintada (*Panthera onca*).

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada ao longo de quase todo o ano. A maturidade sexual é atingida entre 12 e 15 anos. Durante a corte o macho bate contra a carapaça da fêmea e também pode morder suas extremidades para imobilizá-la e realizar a cópula. A fêmea realiza várias posturas de ovos em intervalos de um a dois meses. Em cativeiro foram registradas até quatro posturas em um mesmo período reprodutivo. Os ovos podem ser esféricos ou alongados, com casca quebradiça. As fêmeas colocam um a 15 ovos por postura. A incubação dura de 128 a 152 dias. A desova ocorre no interior de áreas florestais; os ovos são enterrados e cobertos com serrapilheira ou colocados na superfície. O sexo dos filhotes possivelmente é determinado pela temperatura do ninho durante a incubação.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Trinidad e Tobago, Venezuela e Brasil, onde possuem registros em todos os estados da região Norte, Centro-oeste, também no Maranhão, Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Iverson, 2003e; Silveira et al., 2010; Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.



Chelonoidis denticulatus

Família Chelidae

Essa família é a que possui maior riqueza de Testudines no Brasil; seus fósseis mais antigos datam do Paleoceno. Suas espécies ocorrem em ambientes de água doce, como rios, córregos, lagos e banhados. Algumas podem ser encontradas em ambientes que inundam apenas temporariamente.

Muitas de suas espécies também podem entrar em estivação durante períodos de estiagem, enterrando-se no lodo de áreas úmidas. A maioria das espécies é onívora ou carnívora, porém *Elseya dentata* [não ocorrente no Brasil] é herbívora. As espécies carnívoras geralmente capturam suas presas na coluna da água, realizando a rápida abertura da boca e expansão da traqueia, que suga sua presa para dentro da boca. Algumas espécies australianas são especializadas em consumir moluscos, possuindo uma cabeça grande para ter força de quebrar suas cascas.

As fêmeas em geral são maiores do que os machos. Com a reprodução ocorrendo geralmente na primavera, exceto em regiões tropicais em que pode ocorrer ao longo de todo o ano. As fêmeas colocam até 30 ovos por vez, podendo realizar até cinco posturas por estação reprodutiva. Os ovos são alongados ou esféricos, com cascas quebradiças. A incubação pode durar mais de 200 dias; tal incubação longa ocorre em espécies nas quais os embriões passam por diapausa para eclodirem em períodos com condições propícias à sua sobrevivência. Os ninhos são escavados no solo, variando conforme a espécie, podendo ser mais rasos ou mais profundos.

Algumas espécies, como *Chelodina rugosa* [não ocorrente no Brasil], fazem o ninho no lodo de poças temporárias e os filhotes eclodem ou podem permanecer dentro do ninho até que as poças sejam preenchidas novamente com água da chuva, amolecendo o lodo ressecado. A princípio as espécies dessa família têm o sexo dos filhotes determinado geneticamente.

Fontes: Baker, 2003c; Lovich & Gibbons, 2021.

Acanthochelys macrocephala (Rhodin, Mittermeier & McMorris, 1984)

Habitat: Ocorrem em áreas de brejos, córregos, lagoas salobras e baías rasas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos aquáticos, possivelmente pequenos peixes e girinos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, onde possuem registros no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Métrailler, 2003; Ávila et al., 2006; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Acanthochelys radiolata (Mikan, 1820)

Sinonímia recente: *Platemys radiolata*

Comprimento: carapaça: machos até 17 cm; fêmeas até 19,5 cm.

Habitat: Ocorrem em lagos costeiros, pântanos, poças e rios.

Alimentação: São carnívoras, eventualmente consumindo vegetais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos. Comportamento reprodutivo registrado entre novembro e março. Nidificação ocorre entre março e outubro, variando conforme a região. Colocam um a seis ovos. Os ninhos são pequenas escavações côncavas no solo ou em meio à serrapilheira.

Distribuição: No Brasil possuem registros no Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Molina, 1998; Mocelin et al., 2008; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Schiavetti et al., 2021.

Acanthochelys spixii (Duméril & Bibron, 1835)

Sinonímia recente: *Platemys spixii*

Habitat: Ocorrem em banhados, córregos, lagos e áreas inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de moluscos, peixes, anfíbios (adultos e

girinos), insetos, gastrópodes, aranhas e crustáceos (Amphipoda).

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera: Hydrophilidae, Carabidae, Tenebrionidae, Dytiscidae; moscas e mosquitos Diptera: Chironomidae, Culicidae, Tipulidae; percevejos e baratas-d'água Hemiptera: Belostomatidae, Naucoridae, Ploiariidae; formigas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera: Termitidae; larvas de Lepidoptera: Pyralidae; libélulas Odonata: Libellulidae, Aeshnidae, Gomphidae, Coenagrionidae, Lestidae; Plecoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos. Aparentam passar mais tempo em terra do que na água. Durante o inverno se protegem abaixo da serrapilheira.

Reprodução: Ovíparos. Nidificação registrada entre fevereiro e maio. Consta que o ninho pode ficar oculto na vegetação rasteira, a aproximadamente 10 m de banhados. Colocam quatro a sete ovos a 5 cm de profundidade, cobertos com terra.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil, onde possuem registros no Goiás, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Molina, 1998; Carreira et al., 2005; Brasil et al., 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Chaviel et al., 2022.

Chelus fimbriata (Schneider, 1783)

Sinonímia recente: *Chelus fimbriatus*

Comprimento: comprimento retilíneo da carapaça: fêmea: 526 mm; macho: 397 mm.

Peso: 2,3-7,8 kg.

Habitat: Ocorrem em diversos ambientes de água doce, igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, rios, açudes, banhados temporários e lagos.

Alimentação: São carnívoros, alimentam-se principalmente de pequenos peixes. Também há registros de consumo de pequenos roedores, aves e anfíbios anuros (adultos e girinos).

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e noturnos. Não nadam muito bem e ficam a maior parte do tempo andando na beira da água, sendo considerados de hábitos aquáticos. Preferem locais de águas calmas, turvas e rasas. Possuem uma membrana timpânica alargada que os ajuda a encontrar peixes, que são capturados abrindo rapidamente a boca e assim sugando-os para dentro da mesma. Quando são ameaçados, exalam um odor desagradável como mecanismo de defesa e, em algumas situações, regurgitam parcialmente o conteúdo estomacal. Essa espécie é ameaçada principalmente devido à captura para criação como animal de estimação.

Reprodução: Reprodução registrada entre outubro e dezembro, caracterizando a estação seca na Amazônia. Os ninhos geralmente são construídos em solo argiloso ou arenoso em barrancos de rios. Colocam de oito a 28 ovos esféricos. A incubação dura aproximadamente 260 dias, possivelmente os embriões passam por diapausa durante esse período. A determinação sexual dos filhotes possivelmente é por determinação genética.

Distribuição: Ocorrem no norte da América do Sul. No Brasil há registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás e Maranhão.

Fontes: Baker, 2003c; Métrailler, 2003b; Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Lasso et al., 2018; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Cunha, 2024.

Chelus orinocensis Vargas-Ramírez, Caballero, Morales-Betancourt, Lasso, Amaya, Martínez, Viana, Vogt, Farias, Hrbek, Campbell & Fritz, 2020

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Guiana e Brasil, onde possuem registros em Roraima e Amazonas.

Fontes: Costa et al., 2021.

Mesoclemmys gibba (Schweigger, 1812)

Sinonímia recente: *Phrynops gibbus*

Comprimento: carapaça até 20-26 cm.

Habitat: Ocorrem em banhados e campos inundados, também em riachos

com águas lentas em áreas florestais, igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e lagos. Também em locais com buritis (*Mauritia flexuosa*).

Alimentação: São onívoras, consomem peixes, anfíbios, anelídeos, frutas, flores, caules, gramíneas, cascas, crustáceos, girinos e larvas de insetos aquáticos.

Comportamento e observações: São principalmente noturnas e de hábitos semiaquáticos. Podem emitir um cheiro desagradável de glândulas que possuem na região inguinal quando são ameaçados. Dependem de florestas preservadas para sobrevivência e algumas populações são ameaçadas pela captura para consumo de sua carne.

Predador: sucuri (*Eunectes murinus*).

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre julho e novembro. Os ninhos podem ser feitos em meio às raízes de árvores, diretamente no solo ou em ninhos rasos, ocultos na base de árvores ou na serrapilheira perto de cursos-d´água, também em cupinzeiros. Colocam dois a quatro ovos alongados. A incubação dura de 116 a 270 dias. A determinação do sexo dos filhotes possivelmente é genética.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Baker, 2003c; Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga, 2022.

Mesoclemmys jurutiensis Cunha, Sampaio, Carneiro & Vogt, 2021

Habitat: Ocorrem em poças e lagoas temporárias formadas pelas chuvas no interior de áreas florestais, também podem ser encontradas em poças de chuva em estradas não pavimentadas.

Alimentação: Alimentam-se de girinos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos semiaquáticos. Sofrem ameaças devido a alterações de seus *habitat*, como alterações de cursos-d'água e construções de hidrelétricas, também atividades de mineração e mudança climática. Para alguns autores essa espécie deveria ser sinonimizada com *Mesoclemmys raniceps.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará.

Fontes: Costa et al., 2021; Cunha et al., 2021.

Mesoclemmys nasuta (Schweigger, 1812)

Sinonímia recente: *Phrynops (Batrachemys) nasuta*

Comprimento: 33 cm.

Peso: 2,2 kg.

Habitat: Ocorrem em rios, lagos e poças.

Alimentação: Possivelmente carnívoros.

Comportamento e observações: Possuem hábitos aquáticos e noturnos.

Reprodução: Ovíparos. Os ninhos são construídos em áreas de baixa elevação, em geral próximas de lagos ou rios. Colocam seis a oito ovos redondos em ninhos superficiais. O sexo possivelmente é determinado geneticamente.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Suriname, Guiana e Brasil, onde possuem registros no Amapá.

Fontes: Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Cunha et al., 2024b.

Mesoclemmys perplexa Bour & Zaher, 2005

Sinonímia recente: *Phrynops (Mesoclemmys) hogei*

Habitat: Ocorrem em corpos-d'água perenes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Goiás, Piauí e Ceará.

Fontes: Bour & Zaher, 2005; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Mesoclemmys raniceps (Gray, 1856)

Sinonímia recente: *Mesoclemmys heliostemma*

Comprimento: comprimento carapaça 23-37,2 cm.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e lagos.

Alimentação: Alimentam-se de gastrópodes, peixes, anfíbios (adultos e filhotes), minhocas, insetos, crustáceos e frutas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos semiaquáticos e noturnos. Em situações de ameaça, os indivíduos podem expelir um odor fétido. Podem viver até 19 anos.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre maio e agosto, começo da estação seca no norte do Brasil. Eclosão de filhotes registrada em dezembro. Colocam de dois a onze ovos redondos. A incubação dura de 201 a 249 dias. Podem realizar até seis posturas por estação reprodutiva. A determinação do sexo dos filhotes possivelmente é genética.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Bolívia, Peru, Equador e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Cunha et al., 2019; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022.

Mesoclemmys sabiniparaensis Cunha, Sampaio, Carneiro, Vogt, Mittermeier, Rhodin & Andrade, 2022

Sinonímia recente: *Mesoclemmys vanderhaegei*

Habitat: Ocorrem em igarapés e córregos com fundo arenoso e com rochas em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará.

Fontes: Costa et al., 2021. Cunha et al., 2022.

Mesoclemmys tuberculata (Lüderwaldt, 1926)

Sinonímia recente: *Phrynops tuberculatus*

Comprimento: até 30 cm de carapaça.

Habitat: Ocorrem em lagos, rios, corpos-d'água permanentes ou temporários, em áreas costeiras ou semiáridas.

Alimentação: Alimentam-se de imaturos e adultos de insetos aquáticos, serpentes (*Epictia*), peixes e sementes.

Dentre os insetos consomem: libélulas Odonata: Libellulidae, Coenagrionidae, Aeshnidae; Diptera: Chironomidae; percevejos e baratas-d'água Hemiptera: Notonectidae, Belostomatidae, Corixidae, Naucoridae, Nepidae; besouros Coleoptera: Scirtidae; Megaloptera: Corydalidae

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Consta que podem ser movidos por terra por longas distâncias em busca de água.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Pereira et al., 2018; Pereira, 2019; Benício et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Mesoclemmys vanderhaegei (Bour, 1973)

Comprimento: até 28,5 cm de carapaça.

Peso: até 1,47 kg.

Habitat: Ocorrem em corpos-d'água de Mata Atlântica e Cerrado, tanto em ambientes lóticos, quanto lênticos, como lagos, brejos e córregos, preferencialmente com presença de plantas aquáticas.

Alimentação: São onívoras, consumindo principalmente peixes, insetos, minhocas (Oligochaeta), aranhas, milípedes (Diplopoda), frutas, sementes, folhas e algas.

Dentre os insetos consomem: libélulas Odonata: Libellulidae, Gomphidae, Aeshnidae, Coenagrionidae, Lestidae;

barata Blattaria; grilos e gafanhotos Orthoptera; Megaloptera: Corydalidae; moscas e mosquitos (pupas) Diptera: Chironomidae, Culicidae, Simuliidae; percevejos e baratas-d'água Hemiptera: Belostomatidae, Corixidae, Naucoridae, Pleidae; Trichoptera: Hydropsychidae, Polycentropodidae, Leptoceridae; besouros Coleoptera: Dystiscidae, Elateridae; efemérides Ephemeroptera: Baetidae; formigas Hymenoptera: Formigas; larvas de Lepidoptera: Cossidae, Notodontidae.

Dentre os anfíbios consomem: Hylidae: *Dendropsophus*; Leptodactylidae.

Dentre os peixes consomem: *Astyanax, Rivulus*.

Dentre as frutas consomem: *Ficus, Mauritia*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos principalmente aquáticos. São ameaçadas principalmente pelo tráfico de animais. Também pelo desmatamento e perda de seus *habitat*.

Predadores: jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*); peixes traíra (*Hoplias* spp.).

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada em dezembro. Colocam um a 14 ovos, podem realizar mais de uma postura por ano. A incubação dura 300 dias.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Argentina, Bolívia e Brasil, onde possuem registros no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Vinke et al., 2013; Marques et al., 2014; Brito et al., 2016; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Mesoclemmys wermuthi (Mertens, 1969)

Sinonímia recente: *Phrynops wermuthi*

Habitat: Ocorrem em rios e áreas pantanosas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Peru e Brasil, onde possuem registros no Acre, Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Costa et al., 2021.

Phrynops geoffroanus (Schweigger, 1812)

Comprimento: comprimento retilíneo da carapaça: fêmea: 39 cm; macho: 22 cm.

Peso: até 3,6 kg.

Habitat: Ocorrem em riachos, florestas alagadas, lagos com vegetação ripária e aquática, açudes e rios.

Alimentação: Alimentam-se de peixes, anfíbios (adultos e girinos), insetos, aranhas, crustáceos (Ostracoda), gastrópodes, bivalves (*Corbicula*), anelídeos (Hirudinea), frutas, folhas e sementes (e.g. arroz). Podem comer carniça.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera: Elmidae, Gyrinidae, Scarabaeidae; moscas e mosquitos imaturos Diptera: Ceratopogonidae, Chironomidae (*Chironomus*), Dolychopodidae, Sciomyzidae, Psychodidae, Culicidae; efemérides Ephemeroptera: Baetidae, Leptohyphidae, Mesoveliidae, Naucoridae, Pleidae, Oligoneuriidae; percevejos Hemiptera: Notonectidae; vespas e formiga Hymenoptera: Formicidae; libélulas Odonata: Aeshnidae, Coenagrionidae, Gomphidae, Libellulidae; baratas Blattaria: Blattidae, *Periplaneta*; Trichoptera: Hydroptilidae, Leptoceridae, Philopotamidae.

Dentre os gastrópodes consomem: Ampullariidae, Bradybaenidae, Hydrobiidae, Planorbidae, Thiaridae.

Comportamento e observações: Possuem hábitos aquáticos e diurnos. À noite, dormem em troncos submersos perto da superfície. Essa espécie é ameaçada pela caça para alimentação e para uso da gordura com finalidades medicinais, também é ameaçada pelo desmatamento e perda de *habitat*. Possui glândulas secretoras que liberam um forte odor de almíscar quando capturada.

Predadores: de ovos: *Tupinambis teguixin*, graxaim (*Cerdocyon thous*).

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre março e novembro e entre novembro e fevereiro, variando conforme a região. Os ninhos ficam em locais abertos com solos argilosos, como em barrancos, onde são escavados de forma superficial entre oito e 10 cm de profundidade.

Colocam até 28 ovos esféricos. A incubação dura de 65 a 331 dias. O sexo é determinado geneticamente.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Venezuela, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde possuem registros em quase todos os estados, exceto Sergipe, Roraima e Amapá.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Molina, 1998; Souza & Abe, 2000; Martins et al., 2010; Schneider et al., 2011; Ferreira Junior et al., 2011; Santana, 2012; Ferrara et al., 2017; Ribeiro et al., 2017; Pereira et al., 2018; Müller et al., 2019; Benício et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022.

Phrynops hilarii (Duméril & Bibron, 1835)

Sinonímia recente: *Phrynops geoffroanus hilarii*

Comprimento: até 39 cm de carapaça.

Habitat: Ocorrem em rios, lagos, riachos e restingas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, peixes, gastrópodes, anfíbios (girinos de Hylidae), aves, anelídeos, hydrozoa, platyhelminthes, crustáceos, filhotes de aves e pequenos mamíferos.

Dentre os peixes consomem: Loricariidae, Characidae, Poeciliidae.

Dentre os gastrópodes consomem: Ampullariidae, Hydrobiidae.

Dentre os anelídeos consomem: Hirudinea, Oligochaeta.

Dentre os crustáceos consomem: Cladocera, Ostracoda, Decapoda, Copepoda, Amphipoda, Isopoda.

Dentre os insetos consomem: percevejos e baratas-d'água Hemiptera: Belostomatidae, Notonectidae, Corixidae, Ranatridae, Cercopidae; larvas de Lepidoptera; besouros Coleoptera (adultos e/ou larvas): Dytiscidae, Hydrophilidae, Curculionidae; gafanhotos Orthoptera: Acrididae; formigas Hymenoptera: Formicidae; mosquitos e moscas Diptera (adultos, pupas e/ou larvas): Chironomidae, Culicidae, Muscidae, Syrphidae, Simuliidae; libélulas Odonata; Ephemeroptera; Trichoptera.

Comportamento e observações: Ocorrem em ambientes de água doce, lênticos e lóticos, podendo se distanciar até mais de 1 km da água. Podem ficar termorregulando em grupos sobre troncos caídos parcialmente submergidos ou na beira da água. Consta que na Argentina comem sua carne e seus ovos.

Predadores: de ovos: lagarto-teiú (*Salvator merianae*), graxaim-do-campo (*Lycalopex gymnocercus*), mão-pelada (*Procyon cancrivorus*); de filhotes: bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), socó-boi (*Tigrisoma lineatum*).

Reprodução: Ovíparos. Nidificação ocorre entre agosto e fevereiro. A eclosão dos filhotes ocorre entre fevereiro e março. Colocam um a 32 ovos arredondados. Os ninhos ficam longe da vegetação, são escavados em áreas abertas, eventualmente perto de touceiras gramíneas expostas ao sol, podendo ficar até mais de 300 m de distância da margem da água. A incubação dura de 70 a 140 dias.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil, onde possuem registros em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Bujes, 1998; Carreira et al., 2005; Tortato, 2007; Alcalde et al., 2010; Borges-Martins et al., 2013; López et al., 2013; Pereiro, 2019; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Phrynops tuberosus (Peters, 1870)

Sinonímia recente: *Phrynops geoffroanus tuberosus*

Comprimento: carapaça: 39 cm.

Habitat: Ocorrem principalmente em rios de grande porte, também em riachos, florestas alagadas, canais e lagos, em geral com dossel florestal fechado e grande quantidade de plantas aquáticas.

Alimentação: Alimentam-se de peixes, artrópodes e moluscos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos aquáticos e diurnos. Consta que é consumida por alguns povos indígenas da Amazônia.

Reprodução: Ovíparos. A reprodução é registrada principalmente entre dezembro e abril, na estação seca da região amazônica, quando aparecem praias arenosas que são usadas para construção dos ninhos. Colocam 10 a 20 ovos esféricos de casca quebradiça. A incubação dura

cerca de quatro meses. Em regiões de clima tropical ou semiárido os ninhos são construídos em locais sombreados, com os filhotes nascendo no começo da estação chuvosa. O sexo dos filhotes possivelmente é determinado geneticamente.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Argentina e Brasil, onde possuem registros em Roraima.

Fontes: Rodrigues & Silva, 2014; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Phrynops williamsi Rhodin & Mittermeier, 1983

Comprimento: carapaça: 30 cm.

Habitat: Ocorrem em riachos e rios com leitos pedregosos, ficando principalmente em áreas de corredeiras.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados e pequenos vertebrados.

Comportamento e observações: Ocorrem em água doce, onde termorregulam sobre rochas expostas acima do nível da água. Utilizam trechos de rios de 7 a 10 km como área de vida, podendo realizar deslocamentos de até 20 km ao longo de rios. Podem se afastar até 4 km dos rios principais, seguindo córregos afluentes. São ameaçadas pela construção de hidrelétricas que resultam no alagamento de áreas de corredeiras, também em quedas de exemplares de cima dos barramentos, quebrando seus cascos. Além da interrupção de seus deslocamentos ao longo de suas áreas de vida nos rios. A degradação de matas ciliares de rios e córregos também afeta sua sobrevivência em locais de sua ocorrência.

Reprodução: Ovíparos. Colocam nove ovos. Ninhos foram encontrados até 500 m de cursos-d'água. Filhotes podem ser encontrados até 900 m do curso-d'água principal, próximo de córregos ou açudes artificiais.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil, onde possuem registros no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Kunz et al., 2018; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Favretto, 2024.

Platemys platycephala platycephala (Schneider, 1792)

Comprimento: comprimento carapaça machos: 18 cm; comprimento carapaça fêmeas: 17 cm.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, lagos, banhados e buritizais.

Alimentação: Alimentam-se de girinos, peixes, caranguejos (*Aegla*), camarões e invertebrados aquáticos em geral.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e semiaquáticos. Em períodos chuvosos podem ser encontrados deslocando-se em terra. Essa espécie é ameaçada pelo desmatamento.

Predadores: onça-pintada (*Panthera onca*).

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre dezembro e junho (estação chuvosa), com a corte e cópula ocorrendo na terra ou na água. Colocam apenas um ovo oblongo, que pode ter até um terço do comprimento da fêmea. A desova ocorre entre agosto e fevereiro (estação seca). A incubação dura em média cinco meses. O sexo dos filhotes possivelmente é determinado geneticamente.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Equador, Peru, Colômbia e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Silveira et al., 2010; Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Platemys platycephala melanonota Ernst, 1984

Comprimento: comprimento carapaça machos: 18 cm; comprimento carapaça fêmeas: 17 cm.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, lagos, banhados e buritizais.

Alimentação: Alimentam-se de girinos, peixes, caranguejos, camarões e invertebrados aquáticos em geral.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e semiaquáticos. Em períodos chuvosos pode ser encontrado deslocando-se em terra. Essa espécie é ameaçada pelo desmatamento.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre dezembro e junho (estação chuvosa), com a corte e cópula ocorrendo na terra ou na água. Colocam apenas um ovo oblongo, que pode ter até um terço do comprimento da fêmea. A desova ocorre entre agosto e fevereiro (estação seca). A incubação dura em média cinco meses. O sexo dos filhotes possivelmente é determinado geneticamente.

Distribuição: No Brasil possuem registros em Roraima e Pará.

Fontes: Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Ranacephala hogei (Mertens, 1967)

Sinonímia recente: *Mesoclemmys hogei, Phrynops (Mesoclemmys) hogei*

Habitat: Ocorrem em rios e áreas pantanosas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: No Brasil possuem registros no Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Costa et al., 2021.

Rhinemys rufipes (Spix, 1824)

Comprimento: comprimento retilíneo; carapaça: fêmeas: 20-27 cm; machos: 16-23 cm.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias, córregos, igapós e rios.

Alimentação: Alimentam-se de frutas, sementes, insetos, camarões, caranguejos, peixes e pequenos lagartos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e aquáticos. A espécie é ameaçada pelo desmatamento, urbanização e poluição dos cursos-d'água onde vivem.

Reprodução: Ovíparos. As fêmeas atingem a maturidade sexual com seis a dez anos. A desova ocorre entre março e junho (Manaus). Reprodução registrada entre junho e setembro e entre dezembro e fevereiro (Colômbia). Colocam três a oito ovos elípticos, podem realizar até duas desovas por estação reprodutiva. O sexo dos filhotes possivelmente é determinado geneticamente.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia e no Brasil, onde possuem registros no Amazonas e no Pará.

Fontes: Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Hydromedusa maximiliani (Mikan, 1825)

Comprimento: até 17,5 cm.

Peso: até 433 g.

Habitat: Ocorrem em riachos de médio e grande porte.

Alimentação: Alimentam-se de larvas de insetos aquáticos, crustáceos (Trichodactylidae), milípedes (Diploploda), anfíbios e aranhas.

Dentre os insetos consomem: larvas de Lepidoptera; efemérides Ephemeroptera: Baetidae, Ephemeridae; Trichoptera: Leptoceridae; besouros Coleoptera; náiades de libélulas Odonata: Libellulidae; Diptera: Chironomidae; Hemiptera: Gelastocoridae, Cicadellidae.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Podem se deslocar de 179 a 201 m por dia.

Reprodução: Ovíparos. A nidificação ocorre entre novembro e dezembro. Colocam um a três ovos.

Distribuição: No Brasil possuem registros na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Novelli & Sousa, 2006; Novelli & Sousa, 2007; Novelli et al., 2013; Famelli et al., 2014; Famelli et al., 2016; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Hydromedusa tectifera Cope, 1870

Comprimento: carapaça: 30 cm.

Habitat: Ocorrem em ambientes de águas lênticas, ao realizarem deslocamentos longos, podem utilizar riachos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos aquáticos, anelídeos, crustáceos, anfíbios, peixes, aranhas, ácaros (Arrenuridae) e gastrópodes.

Dentre os insetos consomem: Hemiptera: Belostomatidae, Notonectidae, Corixidae, Ranatridae, Naucoridae, Nepidae; libélulas Odonata: Coenagrionidae, Protoneuridae, Calopterygidae, Aeshnidae, Libellulidae, Corduliidae; besouros Coleoptera: Dytiscidae, Hydrophilidae, Curculionidae, Coccinelidae; formigas Hymenoptera: Formicidae; moscas Diptera: Chironomidae (larvas), Ceratopogonidae (adultos), Simuliidae, Syrphidae; efemérides Ephemeroptera: Caenidae, Baetidae, Leptohypidae; Trichoptera: Helicopsychidae, Leptoceridae; gafanhotos Orthoptera: Acrididae; mariposas Lepidoptera: Pyralidae.

Dentre os peixes consomem: Pimelodidae; Characidae: *Astyanax*; Poeciliidae (*Phalloceros*); Loricariidae: *Rineloricaria, Hypostomus*; Anablepidae: *Jenynsia*; Cichlidae: *Cichlasoma*.

Dentre os gastrópodes consomem: Ampullariidae, Ancylidae, Cochliopidae, Hydrobiidae, Physidae, Planorbidae, Viviparidae.

Dentre os crustáceos consomem: Ostracoda; Copepoda; Amphipoda: Hyalellidae; Decapoda; Isopoda: Oniscidea.

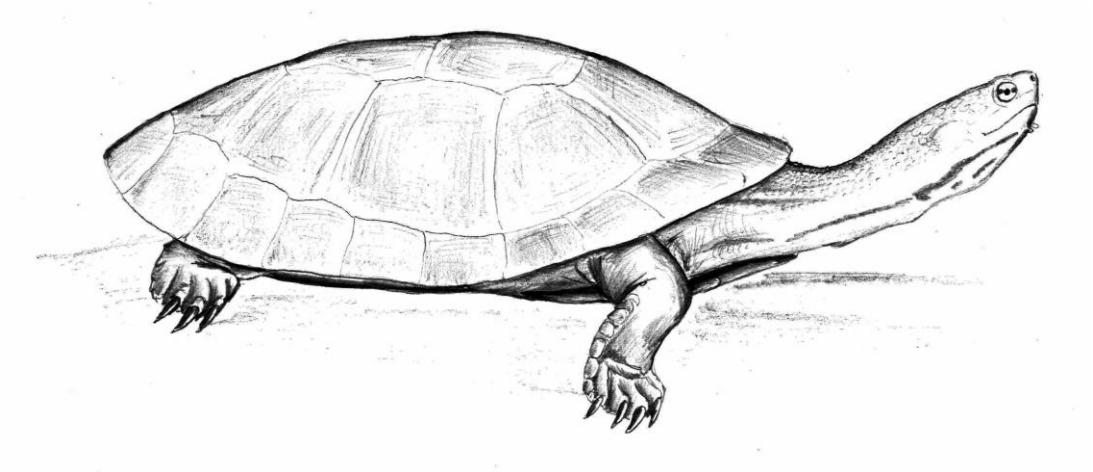
Dentre as aranhas consomem: Lycosidae, Anyphaenidae, Tetragnathidae.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, podem ser encontradas em áreas antropizadas. São ariscas e agressivas, nadam bem e são rápidas em terra. Vivem em águas doces, mas podem adentrar águas salobras. Durante o inverno não ficam na água, vão para um local seco e se enterram entre 10 e 15 cm de profundidade, também podem fazer isso durante períodos de seca.

Reprodução: Ovíparos. Nidificação ocorre nos meses quentes do ano, principalmente de outubro a dezembro. Os ninhos são construídos próximos de corpos d'água, enterrados a cerca de 11 cm. Colocam de quatro a 20 ovos. A incubação dura de 70 a 128 dias.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia e Brasil, onde possuem registros em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Chinen et al., 2004; Carreira et al., 2005; Fagundes & Bager, 2007; Bonino et al., 2009; Alcalde et al., 2010; Borges et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Sánchez et al., 2021; Chaviel et al., 2022; Williams et al., 2022.



Phrynops geoffroanus

Família Podocnemididae

Essa família possivelmente teve origem no período Cretáceo, há 110 milhões de anos atrás. Atualmente ocorrem na América do Sul e em Madagascar, porém possuem fósseis também na América do Norte, Europa, Ásia e outras partes da África. Um dos maiores Testudines já existentes pertencia a essa família, do gênero *Stupendemys*, que atingia até 2,3 m de comprimento de carapaça. As espécies atuais ocorrem em ambientes de água doce, mas há espécies fósseis que ocorriam em ambientes marinhos e terrestres.

A maioria das espécies ocorre em rios, deixando esses ambientes apenas para nidificar de forma colonial, em áreas ripárias sazonalmente inundáveis. Outras espécies ocorrem em córregos florestais e áreas de floresta inundadas, podendo nidificar em praias fluviais. Muitas realizam migrações se deslocando no ambiente terrestre ou ao longo de rios para chegar a seus locais de nidificação e algumas podem passar por períodos de estivação quando seus ambientes aquáticos secam.

Alimentam-se principalmente de frutas, folhas e brotos, também podem consumir esponjas de água doce, moluscos, crustáceos, insetos e peixes.

Os ninhos são construídos em praias fluviais ou em barrancos de rios, geralmente de forma colonial. A depender da espécie, os ovos podem ser de quase esféricos a oblongos e podem colocar de cinco a 156 ovos. A incubação dura de 40 a 149 dias. O sexo dos filhotes é determinado pela temperatura durante a incubação. Com temperaturas quentes ou frias resultando em fêmeas e temperaturas intermediárias resultando em machos.

Muitas de suas espécies vêm sofrendo impactos devido à matança de adultos e coleta de seus ovos para fins de alimentação.

Fonte: Iverson, 2003f; Lovich & Gibbons, 2021.

Podocnemis erythrocephala (Spix, 1824)

Comprimento: comprimento retilíneo da carapaça: fêmeas: 22,2-32,2 cm; machos: 16,1-24,4 cm.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e pequenos lagos.

Alimentação: Alimentam-se de sementes, frutos e algas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e aquáticos. A espécie é ameaçada pela caça de adultos e coleta de ovos para consumo, também pelo desmatamento e pelo aquecimento global.

Predadores: de ninhos: mamíferos irara (*Eira barbara*), humanos; lagartos *Ameiva ameiva*, jacarerana (*Crocodilurus lacertinus*); aves gavião-de-anta (*Daptrius ater*); de adultos: *Melanosuchus niger*.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre agosto e janeiro, podendo variar conforme a bacia hidrográfica amazônica, correspondendo aos meses de seca, quando se formam praias, campinas e áreas abertas em florestas inundáveis. Colocam de dois a 18 ovos, podem realizar até quatro posturas por estação reprodutiva. A incubação dura de 62 a 102 dias. O sexo dos filhotes é determinado pela temperatura do ninho durante a incubação. Os filhotes do mesmo ninho podem ter paternidade diferente.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amazonas e Pará.

Fontes: Batistella & Vogt, 2008; Ossa et al., 2010; Morato et al., 2014; Marín & Solorzano, 2015; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Podocnemis expansa (Schweigger, 1812)

Comprimento: comprimento retilíneo; carapaça: fêmeas: 50-109 cm; machos: 40-50 cm.

Habitat: Ocorrem em grandes rios, eventualmente em áreas alagáveis próximas a eles.

Alimentação: Alimentam-se de frutas, folhas, brotos, esponjas de água doce, crustáceos (*Macrobrachium*), moluscos, peixes e insetos.

Dentre os insetos consomem: mosquitos Diptera: Culicidae; barata-d'água Hemiptera: Belostomatidae; abelhas e formigas Hymenoptera: Apidae, Formicidae; libélulas Odonata: Coenagrionidae.

Dentre os moluscos consomem: Ampullariidae: *Pomacea*; Hyriidae: *Diplodon, Prisodon*; Mycetopodidae: *Anodontites*.

Dentre os peixes consomem: Characidae: *Triportheus*; Prochilodontidae: *Prochilodus*; Doradidae: *Amblydoras*; Loricariidae: *Liposarcus, Loricaria*; Pimelodidae.

Dentre os vegetais consomem: Arecaceae: *Bactris*; Araceae: *Pistia*; Aquifoliaceae: *Ilex*; Lemnaceae: *Lemna*; Capparidaceae: *Crateva*; Pontederiaceae: *Eichhornia*; Lecythidaceae: *Gustavia*; Sapotaceae: *Pouteria*; Fabaceae: *Aeschynomene, Crudia, Inga, Macrolobium, Schizolobium, Zygia*; Rubiaceae: *Alibertia*; Bignoniaceae: *Tabebuia*; Verbenaceae: *Vitex*; Annonaceae: *Annona*; Chrysobalanaceae: *Licarna*; Clusiaceae: *Garcinia*; Malphigiaceae: *Byrsonima*; Bombacaceae: *Pseudobombax*; Malvaceae: *Ceiba*; Myrtaceae: *Eugenia, Myrciaria*; Cyperaceae: *Cyperus*; Poaceae: *Echinochloa, Hymenachne, Laersia, Luziola, Oryza, Paspalum*; Urticaceae: *Cecropia*; Moraceae: *Ficus, Sorocea*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos aquáticos, diurnos e noturnos. Realizam migrações ao longo dos rios em que ocorrem até os locais de nidificação em praias fluviais; essas migrações podem atingir centenas de quilômetros. A espécie é ameaçada pela caça de adultos e coleta de ovos para comercialização para consumo em áreas urbanas. Também são ameaçadas pelo desmatamento, construção de hidrelétricas e aquecimento global.

Predadores: de ovos e filhotes: urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), urubu-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*), urubu-de-cabeça-amarela (*Cathartes burrovianus*), carcará (*Caracara plancus*), gavião-carapateiro (*Mivalgo chimachima*), tuiuiú (*Jabiru mycteria*), cabeça-seca (*Mycteria americana*), maguari (*Ciconia maguari*), garça-branca-grande (*Ardea alba*), *Tupinambis teguixin*, quati (*Nasua nasua*), graxaim (*Cerdocyon thous*), garça-moura (*Ardea cocoi*), garça-branca-pequena (*Egretta thula*), socó-boi (*Tigrisoma lineatum*), piranhas (*Serrasalmus* spp.); de adultos: onça-pintada (*Panthera onca*), puma (*Puma concolor*), jacarés, jacaré-açu (*Melanosuchus niger*).

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre fevereiro e março ou entre setembro e outubro, após o pico da estação chuvosa, os indivíduos começam a migração até os locais de nidificação. As fêmeas escavam os ninhos em praias fluviais durante a noite. Em uma mesma ninhada pode haver ovos fertilizados por diferentes machos. Colocam de 48 a 156 ovos, realizam apenas uma postura por ano. A incubação dura de 45 a 62 dias. Os filhotes geralmente eclodem durante a noite. O sexo dos filhotes é determinado pela temperatura durante a incubação, com temperaturas altas ou baixas resultando em fêmeas e temperaturas intermediárias em machos. Realizam cuidado parental pós-nascimento, com troca de vocalizações entre adultos e filhotes.

Distribuição: Ocorrem no norte da América do Sul: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Guiana, Guiana Francesa, Trinidad e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás e Maranhão.

Fontes: Iverson, 2003f; Vanzolini, 2003; Salera Junior et al., 2009; Ferreira Junior & Castro, 2010; Garcez, 2012; Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Podocnemis sextuberculata Cornalia, 1849

Comprimento: comprimento retilíneo. Carapaça: machos: 11-25 cm; fêmeas: 17-31 cm.

Habitat: Ocorrem em rios, lagos e florestas alagáveis.

Alimentação: Alimentam-se de peixes, crustáceos (*Macrobrachium*), gastrópodes, bivalves, insetos, plantas aquáticas, frutos e sementes.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; mosquitos e borrachudos Diptera: Culicidae, Simuliidae; Hemiptera; libélulas Odonata: Coenagrionidae; gafanhotos Orthoptera.

Dentre os gastrópodes e bivalves consomem: Ampullariidae: *Pomacea*; Hyriidae: *Diplodon*.

Dentre os peixes consomem: Characidae; Cichlidae; Loricariidae: *Liposarcus, Loricaria*.

Dentre os vegetais consomem: Araceae: *Pistia*; Lemnaceae: *Lemna*; Capparidaceae: *Crateva*; Ceratophyllaceae: *Ceratophyllum*; Pontederiaceae: *Eichhornia*; Fabaceae: *Acacia, Aeschynomene, Crudia, Macrolobium, Schizolobium, Senna*; Bignoniaceae: *Tabebuia*; Malphigiaceae: *Byrsonima*; Bombacaceae: *Pseudobombax*; Malvaceae: *Ceiba*; Cyperaceae: *Cyperus*; Poaceae: *Acroceras, Echinochloa, Hymenachne, Laersia, Luziola, Oryza, Panicum, Paspalum*; Urticaceae: *Cecropia*; Moraceae: *Soracea*; Salviniaceae: *Salvinia*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos aquáticos, diurnos e noturnos. A espécie é ameaçada pela caça de adultos e coleta de ovos e filhotes para consumo, também pelo desmatamento, construção de hidrelétricas e pelo aquecimento global. Há um fóssil do Eoceno de *Podocnemis olssoni*, que é bastante similar a *P. sextuberculata.*

Predadores: de ovos: lagartos *Tupinambis teguixin*.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre agosto e outubro, durante os períodos de seca, quando há redução do nível das águas dos rios, podendo variar conforme a bacia amazônica. Colocam seis a 39 ovos elípticos. Os ninhos ficam isolados e nas partes baixas das praias fluviais. A incubação dura de 45 a 70 dias. O sexo dos filhotes é determinado pela temperatura do ninho durante o período de incubação.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Peru, Bolívia e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Acre, Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Haller & Rodrigues, 2006; Garcez, 2012; Morato et al., 2014; Fáchi-Téran & Vogt, 2014; Iverson et al., 2017; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Podocnemis unifilis Troschel, 1848

Sinonímia recente: *Podocnemis cayennensis*

Comprimento: carapaça retilínea; carapaça: até 68 cm; fêmeas: 35-50 cm; machos: 25-39 cm.

Habitat: Ocorrem em rios, córregos, lagos e florestas inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de frutas, sementes, flores, plantas aquáticas, algas e gramíneas, insetos, crustáceos, ocasionalmente mexilhões e carniça de peixe.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera: Curculionidae, Hydrophilidae, Scolytidae; mosquitos e moscas Diptera: Ceratopogonidae, Chironomidae, Culicidae, Sciaridae, Psychodidae, Tabanidae; baratas-d'água Hemiptera: Belostomatidae, Corixidae; abelhas, formigas e vespas Hymenoptera: Apidae, Formicidae, Vespidae; efemérides Ephemeroptera: Polymitarcyidae; Plecoptera: Perlidae.

Dentre os crustáceos consomem: Palaemonidae: *Macrobrachium*; Pseudothelphusidae; Trichodactylidae.

Dentre os peixes consomem: Characidae; Cichlidae; Loricariidae: *Liposarcus, Loricaria, Ancistrus*.

Dentre os vegetais consomem: Arecaceae: *Astrocaruym, Bactris, Euterpe*; Araceae: *Pistia*; Asteraceae; Aquifoliaceae: *Ilex*; Azzolaceae: *Azzola*; Lemnaceae: *Lemna*; Capparidaceae: *Crateva*; Ceratophyllaceae: *Ceratophyllum*; Pontederiaceae: *Eichhornia*; Sapotaceae: *Pouteria*; Fabaceae: *Acacia, Aeschynomene, Crudia, Inga, Macrolobium, Schizolobium, Senna, Zygia*; Rubiaceae: *Alibertia*; Bignoniaceae: *Tabebuia*; Verbenaceae: *Vitex*; Clusiaceae: *Garcinia*; Euphorbiaceae: *Phyllantus*; Bombacaceae: *Pseudobombax*; Malvaceae: *Ceiba*; Myrtaceae: *Myrciaria*; Poaceae: *Echinochloa, Laersia, Luziola, Oryza*; Urticaceae: *Cecropia*; Moraceae: *Ficus,*

Soracea; Salviniaceae: *Salvinia*; Melastomataceae; Polygonaceae.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, noturnos e aquáticos. Realizam migração ao longo de rios até os locais de nidificação em praias fluviais. A espécie é ameaçada pela caça de adultos, juvenis e ovos, também é ameaçada pelo desmatamento e pelo aquecimento global.

Predadores: de ovos e filhotes: urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), urubu-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*), urubu-de-cabeça-amarela (*Cathartes burrovianus*), carcará (*Caracara plancus*), gavião-carapateiro (*Mivalgo chimachima*), tuiuiú (*Jabiru mycteria*), gavião-de-anta (*Daptrius ater*), cabeça-seca (*Mycteria americana*), gavião-preto (*Urubitinga urubitinga*), gambá (*Didelphis marsupialis*), maguari (*Ciconia maguari*), garça-branca-grande (*Ardea alba*), *Tupinambis teguixin*, *Tupinambis cuzcoensis*, quati (*Nasua nasua*), graxaim (*Cerdocyon thous*), garça-moura (*Ardea cocoi*), garça-branca-pequena (*Egretta thula*), socó-boi (*Tigrisoma lineatum*), piranhas (*Serrasalmus* spp.); de adultos: onça-pintada (*Panthera onca*), puma (*Puma concolor*), jacarés, jacaré-açu (*Melanosuchus niger*).

Reprodução: Ovíparos. Desova registrada entre agosto e fevereiro, variando conforme a região ou bacia hidrográfica, devido à vazão das águas no período de seca. As fêmeas escavam os ninhos em praias fluviais durante a noite. Colocam quatro a 52 ovos alongados. Podem realizar duas posturas por estação reprodutiva. A incubação dura de 45 a 81 dias. O sexo dos filhotes é determinado pela temperatura da incubação, com temperaturas quentes resultando em fêmeas e temperaturas frias resultando em machos.

Distribuição: Ocorrem no norte da América do Sul: Guiana, Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás e Maranhão.

Fontes: Thorbjarnar et al., 1993; Soini, 1994; Portal et al., 2002; Iverson, 2003f; Vanzolini, 2003; Balensiefer & Vogt, 2006; Salera Junior et al., 2009; Silveira et al., 2010; Ferreira Junior & Castro, 2010; Garcez, 2012; Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Peltocephalus dumerilianus (Schweigger, 1812)

Comprimento: comprimento retilíneo carapaça: machos: 40-52 cm; fêmeas: 30-47 cm.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, lagos, grandes rios, preferindo ambientes com pouca correnteza.

Alimentação: Alimentam-se de frutas, sementes, algas, moluscos (*Pomacea*), crustáceos, peixes, répteis, insetos, aranhas, minhocas e mamíferos.

Dentre os vegetais consomem: Annonaceae: *Annona, Duguetia, Rollinia*; Apocynaceae: *Rauvolfia*; Araceae: *Dracontium*, *Philodendron, Montrichardia*; Arecaceae: *Astrocaryum, Bactris, Euterpe, Iriartella, Leopoldinia, Mauritia, Mauritiella, Socratea*; Cactaceae: *Epiphyllum*; Chrysobalanceae: *Couepia*, *Licania, Parinari*; Combretaceae: *Buchenavia*; Commelinaceae: *Dichorisandra*; Convolvulaceae: *Maripa*; Costaceae: *Costus*; Cucurbitaceae: *Cayaponia*; Cyperaceae: *Eleocharis*; Euphorbiaceae: *Alchornea, Hevea*; Eriocaulaceae: *Tonina*; Fabaceae: *Abarema, Calliandra*, *Campsiandra, Dialium, Entada, Eperua, Inga, Macrolobium, Parkia, Zygia*; Gnetaceae: *Gnetum*; Lauraceae: *Nectandra, Ocotea*; Lecythidaceae: *Eschweilera*; Malvaceae: *Theobroma*; Marantaceae: *Calathea*; Moraceae: *Ficus*; Myrtaceae: *Eugenia*; Ochnaceae: *Ouratea*; Onagraceae: *Ludwigia*; Sapotaceae: *Ecclinusa, Pouteria, Pradosia*; Rapateaceae: *Spatanthus*; Rubiaceae: *Palicourea*, *Stachyarrhena*; Simaroubaceae: *Simaba*; Thurniaceae: *Thurnia*; Xyridaceae: *Xyris.*

Dentre os peixes consomem: Callichthyidae: *Hoplosternum*; Characidae: *Serrasalmus*; Cichlidae: *Cichla*; Erythrinidae: *Hoplias*; Heptapteridae: *Goeldiella*; Pimelodidae: *Phractocephalus*.

Dentre os crustáceos consomem: *Macrobrachium*, *Moreirocarcinus*.

Dentre os insetos consomem: moscas Diptera; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae, Vespidae; baratas Blattodea; cupins Isoptera; borboletas Lepidoptera; besouros Coleoptera: Scarabaeidae.

Dentre os répteis consumem: serpentes Colubridae; cágados; lagartos *Crocodilurus.*

Dentre os mamíferos consomem: Cuniculidae: *Cuniculus*; Muridae.

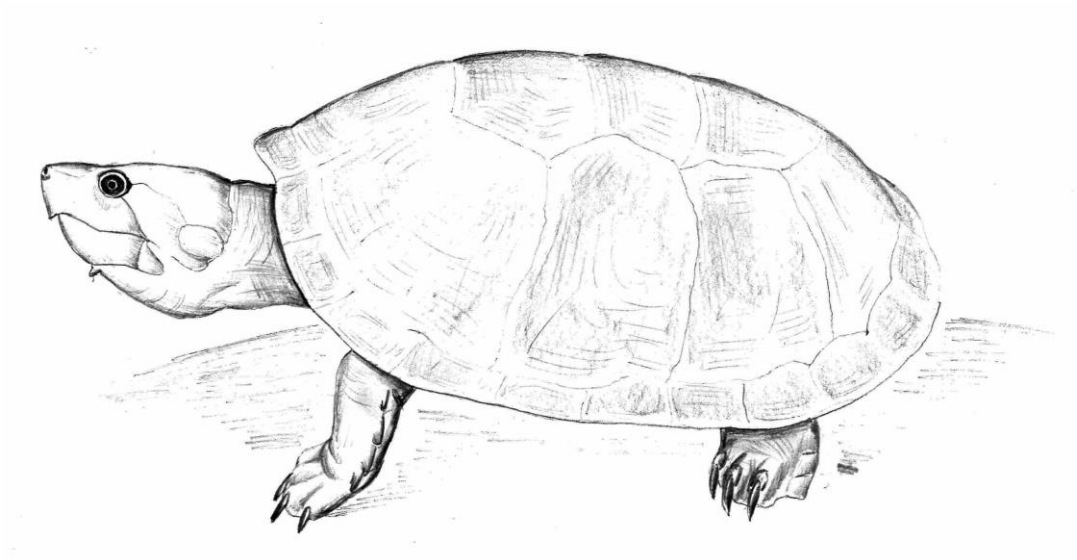
Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e aquáticos. Essa espécie é ameaçada pela captura para uso como alimento e pela construção de hidrelétricas.

Predadores: de adultos: jacarés *Melanosuchus niger*.

Reprodução: Ovíparos. A reprodução ocorre na estação seca dos rios amazônicos. Podem realizar de uma a duas desovas por ano. Os ninhos ficam em locais de queimadas, serrapilheira, cupinzeiros ou próximos de tronqueiras de igapós. Podem também desovar em praias de areia, solos argilosos e áreas de savana. Colocam de três a 25 ovos de casca rígida e levemente flexível. A incubação dura de 74 a 97 dias. O sexo dos filhotes é determinado pela temperatura do ninho durante a incubação.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Guiana, Guiana Francesa e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Ossa et al., 2010; Ossa-V. et al., 2011; Morato et al., 2014; Ferrara et al., 2017; Gentil et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.



Peltocephalus dumerilianus

Ordem Crocodylia

A origem dos Crocodilomorpha, onde se incluem os Crocodylia, remonta há 240 milhões de anos atrás. Este grupo já foi muito mais diversificado, tendo sua origem no ambiente terrestre e posteriormente adentrado nos ambientes dulcícolas e marinhos. Tendo os modernos Crocodylia aparecido pela primeira vez no registro fóssil há 100 milhões de anos.

Em formato corporal os Crocodylia são bastante similares, as menores espécies como *Paleosuchus palpebrosus* podem ter indivíduos de 1,2 m (fêmeas) e maiores espécies como crocodilo-de-estuário (*Crocodylus porosus*) podem chegar a 6,3 m, com alguns indivíduos chegando a até 1.200 kg.

A pele dos Crocodylia é espessa e tem escamas de tamanho variado. As escamas das costas são retangulares, distribuindo-se paralelamente do dorso até a cauda. Essas escamas dorsais que podem ser chamadas de escudos possuem logo abaixo da superfície estruturas denominadas osteodermos. Tais estruturas ajudam tanto na proteção quanto na termorregulação, sendo preenchidas com vasos sanguíneos.

Os ossos do crânio dos Crocodylia são preenchidos com espaços ocos, o que os deixa mais leves e ainda mantém sua resistência. Os olhos e as narinas são posicionados de forma sobressalente ao crânio, de forma que eles consigam manter o corpo submergido e ainda possam detectar o que se passa ao seu redor na superfície. Bem como que possam respirar sem exporem seus corpos.

A posição dos olhos dos Crocodylia lhes permite enxergar em 270°, possuem células que lhes permitem enxergar colorido durante o dia, e uma estrutura denominada *tapetum lucidum*, atrás da retina que reflete a luz para as células de visão durante a noite com as pupilas dilatadas. É essa estrutura que reflete a luz nos olhos desses animais quando são iluminados por uma laterna durante a noite.

Os Crocodylia também possuem uma audição bem desenvolvida; os ouvidos ficam logo atrás dos olhos, protegidos por um prolongamento de pele que se fecha quando eles mergulham. Algumas espécies possuem cerca de 20 vocalizações diferentes usadas para comunicação, tanto em filhotes quanto em adultos. Tais vocalizações são realizadas por meio do controle da tensão e abertura da glote, enquanto o ar é exalado através dela. As vocalizações podem ter seu som amplificado com a expansão que podem fazer da traqueia.

A língua das espécies desse grupo possui quimiorreceptores, que auxiliam na detecção de alimento na água e também na detecção de feromônios secretados por outros indivíduos. Os Crocodylia também possuem receptores de pressão junto à pele, principalmente na cabeça e em grande quantidade próximo do maxilar e da mandíbula. O que lhes permite detectar movimentos na água mesmo quando estão impossibilitados de enxergar.

Apesar de os Crocodylia atuais poderem se mover bem em terra e até quase galopar, eles preferem se mover no ambiente aquático. Sua cauda achatada lateralmente e os fortes músculos lhes permitem nadar rapidamente e até mesmo os impulsionam em saltos para fora da água. Nas águas eles flutuam principalmente controlando a quantidade de ar nos pulmões, também por movimentação das patas traseiras e da cauda ou por mudanças de postura corporal.

Todos os Crocodylia são carnívoros e, apesar das imagens de caçadores violentos, a maior parte de suas presas são de pequeno porte, geralmente capturadas em emboscadas quando se aproximam da água. Se forem grandes e não morrerem com as mordidas, podem ser arrastadas para a água para morrerem afogadas. No estômago os Crocodylia podem ter gastrólitos, que são pedras ingeridas possivelmente para auxiliar na trituração

do alimento que não é mastigado, apenas despedaçado antes de ser ingerido. As partes não digeríveis das presas, como pelos e pedaços de cascos de tartarugas, são regurgitadas em bolas compactas.

A maioria das espécies tem como sistema reprodutivo a poliginia, com um macho copulando com várias fêmeas. Mas há a possibilidade de ocorrência de monogamia por curtos períodos de tempo em algumas espécies, como já registrado no crocodilo-do-nilo (*Crocodylus niloticus*).

As espécies de Crocodylia possuem comportamento de cópula, que envolve mútua sinalização visual, olfatória, auditiva e tátil. Possuem duas estratégias de nidificação, na primeira, geralmente adotada por Crocodylidae e Gavialidae, as fêmeas escavam no solo, na serrapilheira ou na areia um ninho e depois cobrem os ovos. Na segunda estratégia, geralmente adotada por Alligatoridae e alguns Crocodylidae, as fêmeas fazem um monte de até 1 m de altura e de 2 m de diâmetro com pedaços de vegetação, onde escavam uma câmara no topo para realizar a postura dos ovos. A depender da espécie, os ninhos podem ser construídos isolados em espécies solitárias ou de forma comunal em espécies gregárias.

A incubação dos ovos dura entre 70 e 90 dias, com a temperatura do ninho variando entre 29°C e 34°C. A temperatura durante a incubação determina o sexo dos filhotes; entre 31°C e 32°C, produzem um maior percentual de machos. Temperaturas acima de 34°C e abaixo de 29°C produzem quase 100% de fêmeas. No entanto, fêmeas geradas em temperaturas muito altas possuem uma maior taxa de mortalidade e de deformidades. Consta que acima de 35°C e abaixo de 27°C muitos embriões acabam morrendo. Nesse aspecto muitos ninhos são construídos em locais sombreados para evitar um superaquecimento dos ovos.

Os filhotes podem começar a vocalizar ainda dentro do ovo, próximo de eclodirem. Próximo desse período a fêmea costuma permanecer junto ao ninho, muitas vezes descansando com sua cabeça acima da câmara de incubação. Quando eclodem alguns filhotes podem já andar até a água ou, em algumas espécies, ficam vocalizando no ninho e a fêmea os carrega em sua boca até a água. Em algumas espécies os filhotes de diversas fêmeas podem ficar reunidos juntos e são protegidos pelos adultos, algumas podem até mesmo macerar alimento e ofertar aos filhotes.

Fontes: Britton, 2003.

Família Alligatoridae

Família composta pelas espécies conhecidas no Brasil como jacarés, com alguns dos fósseis mais antigos datando do Paleoceno, entre 65 e 57 milhões de anos atrás. As espécies dessa família variam em tamanho, de 1,2 m em *Paleosuchus palpebrosus* e até 5,5 m em *Melanosuchus niger*.

Ocorrem principalmente em ambientes de água doce, como remansos de rios e lagos, também em áreas pantanosas, como brejos e manguezais. Podem ficar parados às margens de corpos-d'água ou boiando na superfície da água para termorregularem sua temperatura. Apesar de algumas espécies ocorrerem em áreas de clima mais temperado, não hibernam no inverno. Durante o inverno podem preferir águas rasas e ficar apenas com olhos e narinas expostos ao vento frio, também podem usar tocas para se abrigar durante o frio.

Os Alligatoridae quase sempre vivem em bandos e podem se organizar de forma hierárquica, ao longo de todo o ano ou durante o período reprodutivo. Sua alimentação consiste em invertebrados (e.g. caramujos), peixes, pequenos mamíferos, répteis e aves.

A reprodução de Alligatoridae geralmente ocorre na primavera e no verão. A corte inclui emissão de vocalizações, comportamento tátil e emissão de vibrações pelo macho na água. O ninho é um monte construído com vegetação e, a depender da espécie, as fêmeas colocam de 12 a 60 ovos. A incubação dura de um a dois meses. Quando estão para eclodir, os filhotes emitem vocalizações e a fêmea os auxilia a saírem do ninho. A temperatura do ninho durante a incubação determina o sexo dos filhotes.

Fontes: Mertz, 2003.

Caiman crocodilus crocodilus (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Caiman crocodylus*

Comprimento: até 2,70 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes de água doce, áreas pantanosas, igapós, lagos e rios.

Alimentação: Alimentam-se principalmente de peixes, também de serpentes, insetos, anfíbios, crustáceos, insetos (e.g. Orthoptera), aves, pequenos mamíferos e vegetais (*Brachiaria*).

Dentre os anfíbios consomem: *Rhinella, Pleuderma, Elachistocleis, Leptodactylus*.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; baratas-d'água Hemiptera: Belostomatidae.

Dentre os peixes consomem: Callichthyidae: *Hoplosternum*; Loricariidae; Siluriformes; Characiformes

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e aquáticos. Podem viver até 60 anos. Durante os períodos de seca os indivíduos podem permanecer enterrados na lama do fundo de corpos-d'água até o retorno das chuvas.

Predadores: onça-pintada (*Panthera onca*), sucuri (*Eunectes murinus*) e jacarés maiores; de filhotes e juvenis: garça-moura (*Ardea cocoi*), cutia (*Dasyprocta* sp.); de ovos: lagartos *Tupinambis cuzcoensis*.

Reprodução: Ovíparos. No período reprodutivo os machos definem territórios e mais de uma fêmea pode copular com um mesmo macho; elas então constroem os ninhos em seu território. A reprodução em geral ocorre na estação seca, mas também na estação chuvosa, a depender da fonte de informação. Consta que na Venezuela a corte ocorre entre maio e agosto. A corte envolve exibições como saltos parciais para fora da água e exibições com a cauda erguida na vertical. O ninho é um monte construído com vegetação e as fêmeas colocam de 12 a 40 ovos. A incubação dura de 70 a 90 dias. Os machos protegem os ninhos e as fêmeas

ofertam cuidado no momento da eclosão, retirando os filhotes do ninho e levando-os até a água. Após a eclosão, os filhotes ficam juntos com os adultos por quase um ano. A temperatura durante a incubação determina o sexo dos filhotes, em que temperaturas baixas e altas produzem fêmeas e temperaturas médias resultam em machos.

Distribuição: Ocorrem do México ao norte da Argentina. No Brasil há registros nos estados da região Norte, também em Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Piauí e Ceará.

Fontes: Staton & Dixon, 1977; Gorzula, 1978; Mertz, 2003; Silveira et al., 2010; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Costa & Nunes, 2019; Roberto et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022.

Caiman latirostris (Daudin, 1801)

Comprimento: comprimento total de machos: 3,5 m; comprimento total de fêmeas: 2 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes de águas lênticas, como banhados, lagos, açudes e manguezais. Eventualmente se deslocam pela restinga e podem adentrar no mar.

Alimentação: Adultos se alimentam de crustáceos (*Pseudopalaemon*), insetos, caramujos (*Pomacea*), aves, anfíbios, serpentes, mamíferos, cágados (*Mesoclemmys*), aranhas e carniça. Jovens se alimentam de artrópodes, moluscos (*Ampullaria* sp.) e peixes.

Comportamento e observações: Permanecem se aquecendo ao sol durante as horas mais quentes do dia. Porém, possuem atividades principalmente noturnas. Em geral não se afastam mais do que 200 m de cursos-d'água. Há fósseis dessa espécie datando de 6-9 milhões de anos atrás (Mioceno) na Argentina. Historicamente essa espécie tem sido fortemente perseguida pela caça e durante a década de 1940 para exportação de couro, quando, ao que consta na Argentina, houve a exportação de couro de mais de 100 mil exemplares de *Caiman latirostris.*

Predadores: de ovos: garças, furão (*Galictis* sp.), quatis (*Nasua nasua*), lagarto-teiú (*Salvator merianae*), javalis (*Sus scrofa*), carcará (*Caracara plancus*), zorrilho (*Conepatus chinga*); de filhotes: aves, mamíferos, lagarto-teiú (*Salvator merianae*), machos adultos de *Caiman latirostris*; de exemplares medianos: sucuri-amarela (*Eunectes notaeus*); de adultos: onça-pintada (*Panthera onca*).

Reprodução: Nidificação registrada entre dezembro e janeiro no sul do Brasil. O ninho é construído com barro e matéria vegetal, pode ter até 2 m de diâmetro e 1 m de altura. Colocam 18 a 60 ovos, a incubação dura 63 a 86 dias, eclosão dos filhotes registrada em março. Os ciclos reprodutivos podem ser anuais, bianuais ou mais longos. Ovos incubados a 29°C produzem fêmeas, ovos incubados a 33°C produzem machos e ovos incubados a 34,5°C produzem ambos os sexos. A fêmea realiza o cuidado parental, cuidando dos filhotes até os dois anos. No momento da eclosão os filhotes emitem sons e as fêmeas os retiram do ninho e os levam até a água. A fêmea defende um território ao redor do ninho.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil, onde possuem registros nos estados da região Sul, Sudeste e também no Sergipe, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Goiás e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Larriera & Piña, 2000; Carreira et al., 2005; Verdade & Piña, 2006; Borteiro et al., 2009; Freitas, 2011; Borges-Martins et al., 2013; Vinke et al., 2013; Borges et al., 2017; Roberto et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Caiman yacare (Daudin, 1801)

Sinonímia recente: *Caiman crocodilus yacare*

Comprimento: até 1,80 m.

Habitat: Ocorrem em lagos, lagoas, rios e banhados.

Alimentação: Alimentam-se de gastrópodes (*Pomacea*), aranhas, crustáceos, insetos, milípedes (Diplopoda), anfíbios, aves, peixes e mamíferos.

Dentre os peixes consomem: Characidae; Cichlidae; Curimatidae; Erythrinidae; Loricariidae; Pimelodidae; Doradidae.

Dentre os insetos consomem: baratas-d'água Hemiptera:

Belostomatidae; besouros Coleoptera: Hydrophilidae; náiades de libélulas Odonata.

Comportamento e observações: Costumam ficar termorregulando em bandos em áreas adjacentes a corpos-d'água, como praias arenosas.

Predadores: onça-pintada (*Panthera onca*); de filhotes: formigas *Solenopsis invicta*, gavião-preto (*Urubitinga urubitinga*), gavião-belo (*Busarellus nigricollis*); de ovos: quatis (*Nasua nasua*), graxaim (*Cerdocyon thous*), porcos (*Sus scrofa*), *Tupinambis teguixin, Salvator merianae*, irara (*Eira barbara*), tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*).

Reprodução: Reprodução ocorre entre agosto e abril. Os machos participam apenas da cópula e as demais atividades reprodutivas são realizadas pela fêmea. Os ninhos são construídos em geral a menos de 200 m de distância de corpos-d'água, com matéria orgânica vegetal e solo. Colocam de 18 a 41 ovos. A incubação dura de 65 a 92 dias. Os sexos dos filhotes são determinados pela temperatura durante a incubação.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil, onde possuem registros nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia.

Fontes: Crawshaw, 1987; Cintra, 1985; Santos et al., 1996; Silveira et al., 2010; Evangelista et al., 2012; Campos et al., 2015; Campos & Mourão, 2015; Roberto et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Melanosuchus niger (Spix, 1825)

Sinonímia recente: *Caiman niger*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 5,50 m.

Habitat: Ocorrem em rios, lagos, várzeas e igapós.

Alimentação: Alimentam-se de cágados e tartarugas (*Podocnemis* e *Peltocephalus*), insetos (Coleoptera), anfíbios, peixes, mamíferos, aves, bivalves, gastrópodes, serpentes (*Corallus*) e vegetais (*Brachiaria*). Podem acabar ingerindo plástico e redes de pesca.

Dentre os peixes consomem: Callichthyidae: *Hoplosternum*; Loricariidae; Siluriformes; Characiformes.

Dentre os mamíferos consomem: ouriço (*Coendou prehensilis*), cutia (*Dasyprocta leporina*), cavalos (*Equus* sp.), lontra, pacas, cães, porcos, cavalos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e aquáticos. Durante a estação seca, os indivíduos podem permanecer completamente enterrados na lama do fundo de corpos-d'água até o retorno das chuvas.

Predadores: de adultos: onça-pintada (*Panthera onca*); de ovos: onça-pintada, catetos, macacos, gambás, quantis, ratos, teiús (*Tupinambis cuzcoensis*); de juvenis: lontras, quatis, iraras, garças, serpentes *Corallus hortulana, Eunectes murinus*.

Reprodução: Nidificação registrada em outubro e novembro. A fêmea pode copular com vários machos. Os ninhos têm formato cônico, construídos com serrapilheira, galhos e raízes, na beira de lagos ou em ilhas de vegetação. Colocam de 21 a 50 ovos. A incubação dura até três meses. As fêmeas protegem os ninhos realizando exibições agressivas e permanecem junto aos filhotes durante certo tempo após sua eclosão.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Guiana, Guiana Francesa e Brasil, onde possuem registros nos estados da região Norte, também em Mato Grosso e Goiás.

Fontes: Villamarín-Jurado & Suárez, 2007; Salera Junior et al., 2009; Ossa et al., 2010; Silveira et al., 2010; Morato et al., 2014; Costa & Nunes, 2019; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Roberto et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Rosenblatt et al., 2022.

Paleosuchus palpebrosus (Cuvier, 1807)

Comprimento: comprimento rostro-cloaca 1,8 m.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, lagos, veredas de buritizais, rios e riachos.

Alimentação: Alimentam-se de caramujos, insetos, serpentes (*Atractus*), jacarés, aves, moluscos, aranhas, mamíferos, peixes e anfíbios.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; Hymenoptera; grilos

e gafanhotos Orthoptera; libélulas Odonata; Hemiptera; Ephemeroptera; Isoptera; Lepidoptera.

Dentre os anfíbios, consomem: Anuros: Hylidae; cecílias: *Siphonops*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e semiaquáticos. Em períodos chuvosos desloca-se por longas distâncias por terra. Em regiões mais frias podem realizar estivação durante os períodos de baixa temperatura.

Reprodução: Ovíparos. Colocam de oito a 14 ovos. A incubação dura de 80 a 106 dias.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela, Trinidad e Brasil, onde possuem registros em quase todos os estados, exceto região Sul, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Fontes: Botero-Arias, 2007; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Dutra-Araújo et al., 2017; Oliveira et al., 2019; Benício et al., 2021; Roberto et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Campos et al., 2022.

Paleosuchus trigonatus (Schneider, 1801)

Comprimento: comprimento rostro-cloaca 1,20-1,70 m.

Habitat: Ocorrem em córregos de águas rasas no interior de áreas florestais, igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, rios e igapós.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, répteis, aves, serpentes (*Corallus*), pequenos mamíferos e anfíbios.

Dentre os anfíbios consomem: *Caecilia, Pristimantis, Rhinella*, gimnofionas.

Dentre os répteis consomem: *Corallus, Bothrops*.

Dentre os mamíferos consomem: ratos, cutias, macacos, marsupiais, tatus, porcos-espinho.

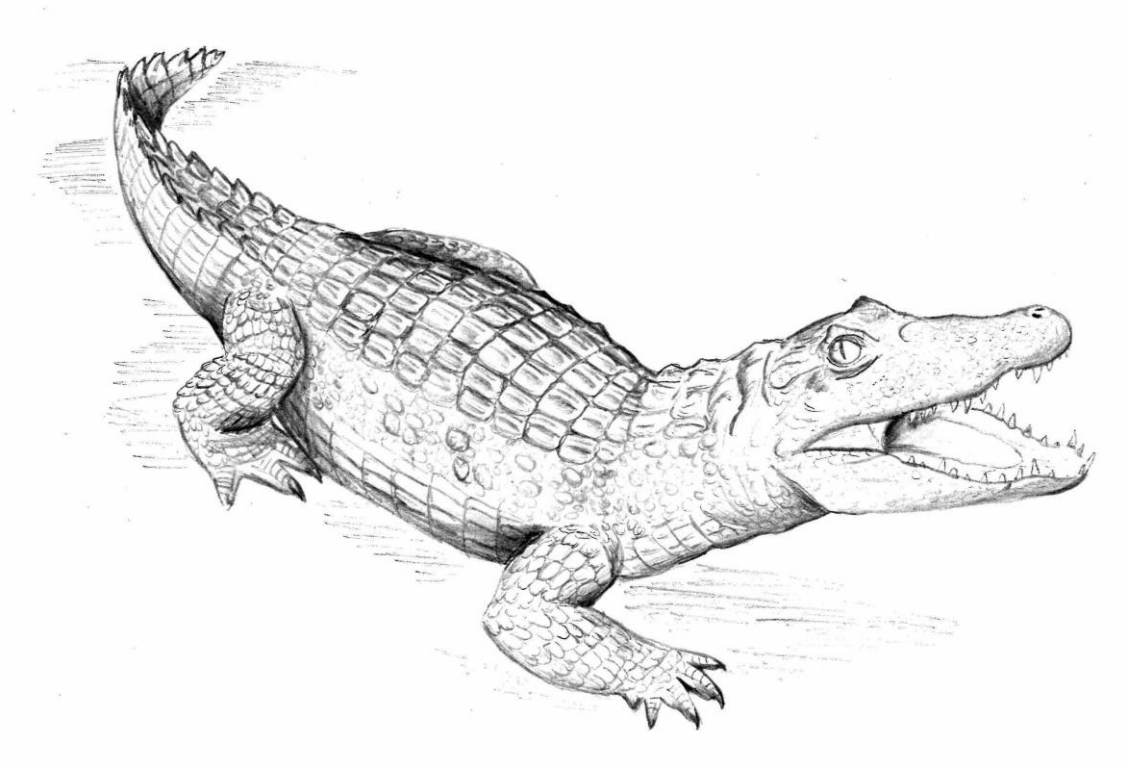
Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos. Os indivíduos ficam uma boa parte de seu tempo em solo, abrigados, por exemplo, embaixo de troncos ou em buracos, e não na beira da água. Também podem se ocultar entre as folhas da serrapilheira e na lama. Diferente dos outros jacarés, estes são quase sempre encontrados sozinhos. Alcançam a idade adulta com 10 a 20 anos.

Predadores: de adultos: lontra (*Lontra longicaudis*), sucuri (*Eunectes murinus*); de ovos: tatu-canastra (*Priodontes maximus*), tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), tatu-de-rabo-mole-pequeno (*Cabassous unicinctus*), *Tupinambis teguixin,* irara (*Eira barbara*), quati (*Nasua nasua*).

Reprodução: Nidificação registrada entre agosto e setembro, com eclosão dos filhotes entre novembro e janeiro. O ninho é um monte, construído com vegetação, como serrapilheira. As fêmeas defendem o ninho contra predadores. Colocam de oito a 30 ovos. A incubação pode durar mais de 100 dias. Os filhotes se dispersam do ninho após o nascimento e seu sexo é determinado pela temperatura do ninho durante a incubação.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde possuem registros nos estados da região Norte, também no Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Mertz, 2003; Sampaio et al., 2013; Morato et al., 2014; Campos et al., 2016; Mangione et al., 2020; Roberto et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022; Rivas et al., 2023; Franco et al., 2024; Folly et al., 2025.



Caiman latirostris

Ordem Squamata

Squamata é a ordem mais diversa dos répteis, teve sua origem provavelmente em fins do período Triássico e começo do Jurássico na Era Mesozoica, derivando do clado Lepidosauria.

Assim como os demais répteis, os Squamata são ectotérmicos, regulando sua temperatura de forma comportamental, posicionando-se no sol para aquecer seu corpo ou na sombra para esfriá-lo. A ectotermia faz com que esses animais precisem ingerir muito menos alimento do que animais endotérmicos de mesmo tamanho, o que uma ave de 5 g consome em um dia pode servir de alimento para um mês para um lagarto de 5 g. Tão alto é o gasto energético de animais endotérmicos.

Os Squamata trocam de pele ao menos uma vez por ano, nesse processo as serpentes podem prender parte da pele que está se soltando e assim trocá-las quase por inteiro de uma vez. Muitos Squamata, exceto serpentes e alguns lagartos, podem sofrer autotomia da cauda quando são ameaçados por algum predador, ou seja, perdem parte da cauda para distrair o predador e poderem fugir.

Os membros de locomoção são muito variados; algumas serpentes e lagartos não os possuem ou os têm de forma bastante reduzida. Enquanto outros possuem adaptações nos dedos que lhes permitem escalar superfícies verticais, usando forças intermoleculares, conhecidas como forças de Van der Waals para ficarem fixos até mesmo em superfícies lisas como vidros.

Uma característica bastante visível dessa ordem é sua utilização do órgão vomeronasal, localizado no palato, onde inserem a língua após balançá-la no ar para capturar partículas químicas e assim detectar odores ou sinalizações químicas.

Os Squamata também possuem tamanhos muito variados; os menores lagartos, do gênero *Menetia* [não ocorrentes no Brasil], possuem um comprimento da ponta do rostro até a cloaca de 2,5 cm e pesam 0,3 g. Enquanto os maiores, como o dragão-de-komodo (*Varanus komodoensis*) [não ocorrente no Brasil], podem ter um comprimento da ponta do rostro até a cloaca de 1,5 m e pesar 70 kg. Mas o maior Squamata atualmente vivo é a sucuri-verde (*Eunectes murinus*), atingindo um comprimento da abertura do rostro até a cloaca de 10 m e podendo pesar mais de 150 kg. As pítons-reticuladas (*Python reticulatus*) [não ocorrentes no Brasil] podem atingir quase o mesmo tamanho, mas não ficam tão pesadas.

A maioria dos Squamata são predadores de invertebrados ou pequenos vertebrados, alguns podendo eventualmente também consumir frutas (e.g. Teiidae). Mas a especialização em herbivoria ocorreu em diversas linhas do clado Iguania, desenvolvendo ao longo da evolução diversas adaptações para essa forma de alimentação, como uma parte do sistema digestório responsável pela fermentação dos vegetais ingeridos e associação com micro-organismos para a quebra da celulose. As estratégias de alimentação de Squamata variam, com muitas espécies forrageando ativamente em busca de seus alimentos e outras (e.g. jiboias) permanecendo paradas esperando a aproximação de alguma presa.

No geral a maioria das espécies são ovíparas, colocando ovos, porém muitas espécies, tanto de lagartos quanto de serpentes, são vivíparas, retendo os ovos ou os embriões no interior do corpo da fêmea. Além disso, muitas espécies também podem ser partenogenéticas, quando as fêmeas podem gerar sua prole sem a fertilização de um macho.

No caso das serpentes há ainda a distinção entre espécies peçonhentas e não peçonhentas conforme a sua dentição. Sendo:

Áglifas – sem dentes inoculadores de veneno, por exemplo, *Boa constrictor* e *Spilotes pullatus.*

Opistóglifas – possuem dentes sulcados inoculadores de veneno na região

posterior da maxila superior, por exemplo, *Philodryas olfersii* e *Clelia clelia.*

Proteróglifas – possuem dentes sulcados, pequenos e imóveis, inoculadores de veneno na região anterior da boca, por exemplo, *Micrurus* spp.

Solenóglifas – possuem dentes ocos inoculadores de venenos localizados anteriormente na maxila e que se projetam para frente durante o bote, por exemplo, *Bothrops* spp.

Fontes: Pianka, 2003; Bernarde et al., 2017; O'Shea, 2021.

.

“Lagartos”

Família Gekkonidae

Essa família de Squamata se originou ainda na Era Mesozoica, com fósseis datando de 100 milhões de anos atrás, da espécie *Hoburogecko suchanovi*. A maioria das espécies atualmente possuem tamanhos relativamente pequenos, de 2,3 a 20 cm.

Muitas espécies dessa família possuem a ponta dos dedos alargada, com adaptações para escalarem superfícies verticais. Os machos de muitas espécies também possuem glândulas pré-cloacais ou femorais, localizadas na virilha ou na parte inferior das coxas. Os Gekkonidae, a depender da espécie, ocorrem nos mais variados ambientes, desde áreas áridas até florestas tropicais úmidas. Algumas espécies como *Hemidactylus mabouia*, uma espécie exótica introduzida no Brasil, também podem viver em ambientes urbanos, aproveitando-se da iluminação artificial para capturar insetos atraídos por esta criação antrópica.

A maioria dos Gekkonidae são noturnos, em geral mantendo uma temperatura do corpo elevada por condução, em contato com superfícies quentes e assim esfriando seu corpo ao longo da noite. Em dias muito frios podem ter apenas algumas horas de atividade. As espécies diurnas possuem dois picos de atividades, ao final da manhã e do meio para o final da tarde. Em regiões tropicais os Gekkonidae são ativos ao longo de todo o ano e em regiões subtropicais e temperadas podem ficar inativos em dias frios, protegidos em fendas ou cavidades. Mas raramente cessam por completo suas atividades.

Os Gekkonidae em geral também são solitários, mas há espécies dos gêneros *Pachydactylus* e *Calodactylodes* [não ocorrentes no Brasil] que podem viver em grupos, alguns com uma organização social hierárquica, possuindo um macho dominante. Tais répteis também defendem seus territórios de alimentação e seus locais de abrigo, podem expantar competidores com agressões físicas ou com vocalizações. Também podem tentar expantar predadores por meio de vocalizações, mordidas, defecando ou realizando a autotomia de parte da cauda, que fica se movendo após a separação do corpo para servir de distração ao predador. Também há espécies que podem perder partes da pele quando capturadas por predadores, que após podem se regenerar.

Os Gekkonidae se alimentam principalmente de invertebrados, principalmente insetos e aranhas. Mas espécies maiores podem consumir pequenos vertebrados, inclusive outros Gekkonidae menores. Além disso, algumas espécies podem complementar sua alimentação consumindo frutas, néctar e pólen.

Em relação à reprodução, os machos podem tentar atrair as fêmeas vocalizando da entrada de seus abrigos, que podem amplificar suas vocalizações. Outras espécies podem usar sinalização química para tentar encontrar seus parceiros reprodutivos. Em algumas espécies, como *Lepidodactylus lugubris* [não ocorrente no Brasil], não há machos, apenas fêmeas que se reproduzem de forma partenogenética.

As fêmeas colocam seus ovos em locais protegidos, como em fendas em cascas de árvores ou em ninhos rasos no solo. A postura tem um número fixo de ovos em cada espécie, porém espécies pequenas colocam apenas um ovo por vez. Espécies de áreas tropicais podem realizar várias posturas no ano, enquanto espécies de climas temperados apenas uma vez ao ano. Os ninhos não são protegidos pelos adultos, onde os ovos incubam por um a seis meses. Em algumas espécies o sexo dos filhotes é determinado pela incubação, com temperaturas maiores resultando em machos e temperaturas menores resultando em fêmeas.

Fontes: Bauer, 2003; O’Shea, 2021.

Hemidactylus agrius Vanzolini, 1978

Comprimento: 12 cm.

Habitat: Ocorrem na caatinga e no cerrado, em áreas de afloramentos rochosos, vegetação arbóreo-arbustiva e vegetação arbustiva densa.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (adultos e larvas), aranhas, moluscos, opiliões e escorpiões.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera; besouros Coleoptera; moscas Diptera; baratas Blattodea; Hymenoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres e diurnos. Durante o dia ficam ocultos embaixo de cascas de árvores.

Predadores: serpentes *Dryophylax phoenix*; aves rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*).

Reprodução: Ovíparos colocam um a dois ovos por vez.

Distribuição: No Brasil possuem registros no Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2011; Andrade, 2014; Passos et al., 2015; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022; Sousa et al., 2023; Uchôa et al., 2023.

Hemidactylus brasilianus (Amaral, 1935)

Sinonímia recente: *Briba brasiliana*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 35-42 mm. Comprimento total: 12 cm.

Habitat: Ocorrem na caatinga, em áreas abertas e florestais.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e milípedes.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea, besouros Coleoptera; cupins Isoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; cupins Isoptera; Gryllotalpidae.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos, crepusculares, terrícolas e arborícolas. Podem ser encontrados em fendas de troncos ou embaixo de cascas de árvores.

Reprodução: Ovíparos colocam dois ovos.

Distribuição: No Brasil possuem registros no Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2011; Menezes et al., 2013; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Hemidactylus mabouia (Moreau de Jonnès, 1818)

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: macho: 67 mm; fêmea: 70 mm; comprimento total: macho: 134 mm; fêmea: 140 mm.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, mas principalmente urbanos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, pseudoescorpiões, crustáceos e gastrópodes. Podem praticar canibalismo.

Dentre os crustáceos consomem: Amphipoda, Isopoda.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; Collembola; tesourinhas Dermaptera; moscas Diptera; percevejos Hemiptera; Hymenoptera; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; Psocoptera; Neuroptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; Trichoptera.

Comportamento e observações: Espécie exótica no Brasil, originária do continente africano. Possuem hábitos principalmente noturnos, com alguma atividade diurna. Observada nas paredes de edificações humanas. Os machos vocalizam para defender seu território e atrair as fêmeas.

Predadores: serpentes *Chironius bicarinatus, Oxibelis aeneus, Oxyrhopus petolarius, Oxyrhopus guibei, Oxyrhopus trigeminus, Caaeteboia amarali, Philodryas nattereri, Pseudablabes patagoniensis, Mesotes strigatus, Erythrolamprus mossoroensis, Lygophis anomalus, Bothrops insularis, Bothrops leucurus*; anu-branco (*Guira guira*); aranhas; lagartos

Tropidurus hispidus, Tropidurus torquatus; pererecas *Scinax x-signatus.*

Reprodução: Reproduzem-se ao longo de todo o ano. As fêmeas colocam de um a dois ovos por vez. Podem fazer ninhos comunais onde são incubados dezenas de ovos ao mesmo tempo. A incubação dura de um mês e meio a dois meses. Os ovos são pegajosos e podem aderir à superfície do ninho.

Distribuição: Ocorrem do Sul dos Estados Unidos à Argentina. No Brasil há registros em todos os estados.

Fontes: Duarte et al., 1995; Carreira et al., 2005; Bonfiglio et al., 2006; Rocha & Anjos, 2007; Pontes, 2007; Vitt et al., 2008; Anjos & Rocha, 2008; Mesquita et al., 2011; Passos et al., 2012; Alencar et al., 2012; Koski et al., 2013; Nogueira et al., 2013; Morato et al., 2014; Panzera & Maneyro, 2014; Andrade et al., 2015; Pergentino et al., 2017; Borges et al., 2017; Señaris et al., 2018; Franzini et al., 2018; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Rosa et al., 2021; Mascarenhas-Junior et al., 2021; Costa et al., 2022; Silva-Santos et al., 2022; Gava-Just, 2022; Rosa, 2024; Claro et al., 2024; Andrade & Silva, 2024; Pérez-Castillo et al., 2024.

Hemidactylus palaichthus Kluge, 1969

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados e pequenos lagartos (*Gonatodes*).

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Guiana, Venezuela, Trinidad, Tobago e Brasil, onde possuem registros no Amazonas e Roraima. Também em algumas ilhas caribenhas.

Fontes: Charles & Smith, 2009; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Lygodactylus klugei (Smith, Martin & Swain, 1977)

Sinonímia recente: *Vanzoia klugei*

Comprimento: 50-60 mm.

Habitat: Ocorrem na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, centopeias, pseudoescorpiões, gastrópodes, frutas (*Cereus*), seiva e néctar (*Euphorbia*).

Dentre os insetos consomem: Collembola; moscas Diptera; besouros Coleoptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos Hemiptera; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Vivem nos troncos de árvores, possuem hábitos diurnos. Costumam soltar a cauda quando ameaçados por predadores, esta se regenera posteriormente. Podem realizar comportamento de tanatose. Consta que saltam de galho em galho, usando a cauda como um membro, pois esta possui uma estrutura adesiva.

Predadores: serpentes *Oxybelis aeneus*; aves rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*).

Reprodução: Ovíparos. Nidificação registrada entre março e julho. Colocam dois ovos, embaixo de cascas ou em fendas em árvores, podem fazer ninhos comunais.

Distribuição: No Brasil possuem registros no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2011; Teixeira et al,, 2013; Aximoff & Felix, 2017; Ferreira et al., 2017; Benício et al., 2021; Silva et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Lima et al., 2022; Costa et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Sousa et al., 2023; Matias et al., 2024.

Lygodactylus wetzeli (Smith, Martin & Swain, 1977)

Sinonímia recente: *Vanzoia wetzeli*

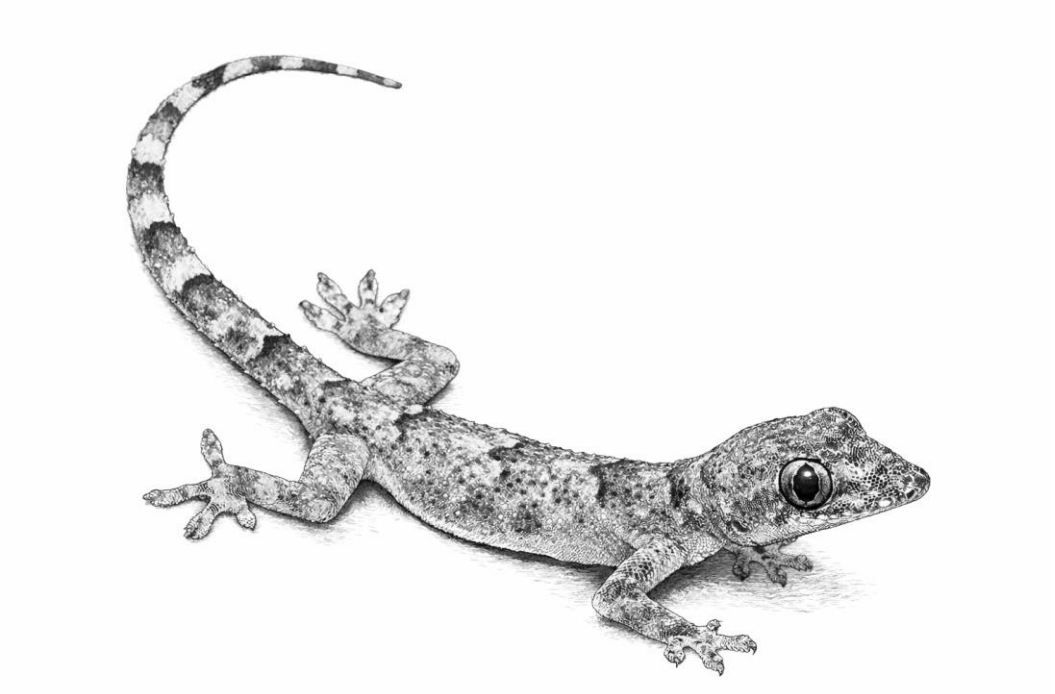
Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai e Brasil, onde possuem registros no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Costa et al., 2021.

.



Hemidactylus mabouia

Conforme foto de M. Haag.

Família Phyllodactylidae

As espécies dessa família foram inclusas em Gekkonidae durante muito tempo e são similares àquelas. São relativamente pequenos com tamanho variando entre 3,3 cm e 15,5 cm, que ocorrem em ambientes variados, desde áridos até florestas e áreas urbanas.

São arborícolas, terrícolas ou saxícolas, de hábitos principalmente noturnos, mas havendo também espécies crepusculares ou diurnas. São ovíparos, colocando de um a dois ovos.

Alimentam-se de artrópodes, principalmente insetos, mas há espécies que também consomem frutas.

Fontes: O'Shea, 2021.

Gymnodactylus amarali Barbour, 1925

Sinonímia recente: *Gymnodactylus carvalhoi*

Comprimento: 52-80 mm.

Habitat: Ocorrem em campos rupestres do cerrado.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, centopeias, milípedes e escorpiões.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouro Coleoptera; moscas Diptera; cupins Isoptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos e cigarras Hemiptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; louva-deus Mantodea; libélulas Odonata; Plecoptera; Thysanura.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas, crepusculares e noturnos. Costumam se ocultar em cupinzeiros.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre maio e setembro (estação seca).

Distribuição: Possuem registros no Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Piauí e Bahia.

Fontes: Colli et al., 2003; Freitas, 2011; Amorim, 2015; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Castro, 2021.

Gymnodactylus darwinii (Gray, 1845)

Sinonímia recente: *Gymnodactylus geckoides darwinii*

Comprimento: rostro-cloaca: 17-80 mm.

Peso: 3,7 g.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e de restinga.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, centopeias, crustáceos e aranhas.

Dentre os insetos consomem: formigas e abelhas Hymenoptera: Apidae, Formicidae; cupins Isoptera; besouros Coleoptera: Elateridae; Neuroptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; percevejos e cigarras Hemiptera; moscas Diptera; baratas Blattodea.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Costumam se abrigar embaixo de cascas de árvores, embaixo de troncos caídos e em meio a bromélias. Como forma de defesa podem liberar conteúdo cloacal, soltar pedaços de pele, realizar autotomia da cauda ou erguer a cauda para, aparentemente, mimetizarem escorpiões.

Predadores: serpente *Oxybelis aeneus;* lagarto *Tropidurus torquatus*.

Reprodução: Ovíparos. Os machos podem se reproduzir ao longo de todo o ano e as fêmeas principalmente entre setembro e dezembro. Colocam dois ovos. As fêmeas podem se reproduzir mais de uma vez por estação reprodutiva. Podem realizar posturas em ninhos comunais.

Distribuição: Possuem registros no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Teixeira, 2002; Cassimiro & Rodrigues, 2010; Freitas, 2011; Almeida-Gomes et al., 2012; Pergentino et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Campos et al., 2022; Loureiro et al., 2022; Guedes et al., 2022.

Gymnodactylus geckoides Spix, 1825

Comprimento: 40-80 mm.

Habitat: Ocorrem na serrapilheira de áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, crustáceos (Isopoda), pseudoescorpiões e pequenos lagartos.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; Collembola; besouros Coleoptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos Hemiptera; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; Thysanura; moscas Diptera; louva-deus Mantodea; Neuroptera; libélulas Odonata.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos, crepusculares e terrestres, pode ser observado ao sol no final da tarde. Encontrados em troncos podres ou sob rochas.

Reprodução: Ovíparos colocam um a dois ovos embaixo de rochas.

Predadores: lagartos *Phyllopezus pollicaris, Tropidurus hispidus*; serpentes *Oxyrhopus trigeminus*.

Distribuição: Possuem registros no Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2011; Ferreira et al., 2017; Pergentino et al., 2017; Alcantara et al., 2019; Benício et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Oitaven et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Carvalho et al., 2024; Cabral et al., 2025.

Gymnodactylus guttulatus Vanzolini, 1982

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros em Minas Gerais.

Fontes: Costa et al., 2021.

Gymnodactylus vanzolinii Cassimiro & Rodrigues, 2009

Comprimento: 8 cm.

Habitat: Ocorrem em campos rupestres e afloramentos rochosos em áreas de vegetação pioneira.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres, saxícolas e noturnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Homonota uruguayensis (Vaz-Ferreira & Sierra de Soriano, 1961)

Comprimento: comprimento rostro cloaca 40-50 mm.

Habitat: Ocorrem em locais com afloramentos rochosos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, crustáceos (Isopoda) e escorpiões. Podem praticar canibalismo, comendo partes de outros lagartos adultos e ovos da própria espécie.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; Collembola; besouros (adultos e larvas) Coleoptera; moscas Diptera; Embioptera; percevejos Hemiptera; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; borboletas e mariposas (adultos e larvas) Lepidoptera; libélulas Odonata; grilos e gafanhotos Orthoptera; Psocoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrestres, diurnos e noturnos.

Reprodução: A nidificação ocorre embaixo de rochas, colocam de um a dois ovos. Eventualmente fazem ninhos comunais onde podem ser encontrados até 24 ovos.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai e no Brasil, onde possuem registros no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Nunes, 2009; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Phyllopezus diamantino Dubeux, Gonçalves, Palmeira, Nunes, Cassimiro, Gamble, Werneck, Rodrigues & Mott, 2022

Habitat: Ocorrem em campos rupestres da Serra do Sincorá.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres e noturnos. São encontrados sobre rochas e troncos de árvores, também em fendas em rochas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Uchôa et al., 2022; Costa et al., 2023.

Phyllopezus lutzae (Loveridge, 1941)

Sinonímia recente: *Bogertia lutzae*

Comprimento: 10 cm.

Habitat: Ocorrem associados com bromélias em áreas de Mata Atlântica e de Caatinga.

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos arborícolas, vivendo entre bromélias e folhas de palmeiras.

Predadores: lagarto *Tropidurus hispidus*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros na Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Coelho-Lima et al., 2022.

Phyllopezus periosus Rodrigues, 1986

Habitat: Ocorrem principalmente em afloramentos rochosos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, crustáceos (Isopoda), aranhas, pseudoescorpiões, escorpiões, milípedes, centopeias, gastrópodes, pequenos anfíbios, pequenos lagartos e seiva de plantas.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; Collembola; moscas Diptera; Embioptera; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; larvas de borboletas e mariposas Lepidoptera; louva-deus Mantodea; grilos e gafanhotos Orthoptera; bicho-pau Phasmatodea; Psocoptera; Thysanura; Psocoptera; Trichoptera; percevejos Hemiptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos saxícolas e noturnos. Forrageiam em afloramentos rochosos, troncos e troncos caídos.

Predadores: aves rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*).

Reprodução: Ovíparos. Nidificação registrada na estação seca. Colocam dois ovos. Podem fazer ninhos comunais.

Distribuição: Possuem registros no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Lima et al., 2011; Andrade et al., 2016; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022; Sousa et al., 2023; Gonçalves-Sousa et al., 2024.

Phyllopezus pollicaris (Spix, 1825)

Sinonímia recente: *Phyllopezus goyazensis*

Comprimento: até 25 cm; narina-cloaca: 54-78 mm.

Habitat: Ocorrem no cerrado e caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, escorpiões, milípedes e pequenos lagartos (e.g. *Geckoides*).

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; moscas Diptera; percevejos e cigarras Hemiptera; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; baratas Blattodea; cupins Isoptera; borboletas e mariposas (adultos e larvas) Lepidoptera; louva-deus Mantodea; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e semiarborícolas. Forrageiam principalmente à noite, mas também durante o dia em fendas em rochas.

Predadores: sagui *Callithrix jacchus*; serpentes *Leptophis ahaetulla, Oxybelis aeneus, Philodryas nattereri, Philodryas olfersii*; aves rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*).

Reprodução: Ovíparos. Nidificação registrada na estação seca em algumas regiões e outras do fim da estação seca ao

fim da estação úmida. Colocam um a três ovos. Fazem ninhos comunais. A incubação dura até 112 dias.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde possuem registros no Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Mesquita et al., 2011; Freitas, 2011; Recoder et al., 2012; Righi et al., 2012; Domingos et al., 2017; Benício et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Leite et al., 2022; Carvalho et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Sousa et al., 2023; Oliveira et al., 2023; Lima et al., 2025.

Phyllopezus przewalskii Koslowsky, 1895

Sinonímia recente: *Phyllopezus goyazensis, Phyllopezus pollicaris przewaskii*

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai, Bolivia e Brasil, onde possuem registros no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Costa et al., 2021.

Phyllopezus selmae Dubeux, Gonçalves, Palmeira, Nunes, Cassimiro, Gamble, Werneck, Rodrigues & Mott, 2022

Habitat: Ocorrem na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres e noturnos. São encontrados em afloramentos rochosos e também em árvores.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Alagoas.

Fontes: Uchôa et al., 2022; Costa et al., 2023.

Thecadactylus rapicauda (Houttuyn, 1782)

Sinonímia recente: *Thecadactylus rapicaudus*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: macho: 125 mm; fêmea: 126 mm; comprimento total: macho: 21,1 cm; fêmea: 21,2 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de florestas e áreas abertas com árvores dispersas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas (*Avicularia*), escorpiões (*Centruroides*), anfíbios (*Scinax*) e lagartos.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera: Acrididae, Gryllotalpidae, Tettigoniidae; baratas Blattodea; louva-deus Mantodea; cupins Isoptera; cigarras Hemiptera; besouros Coleoptera: Scarabaeidae; borboletas e mariposas Lepidoptera: Nymphalidae: *Caligo, Eryphanis*, Hesperiidae, Saturniidae, Sphingidae, Notodontidae; formigas Hymenoptera: Formicidae; libélulas Odonata; moscas Diptera: Tabanidae.

Dentre os lagartos consomem: *Gonatodes, Tropidurus*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos principalmente noturnos, eventualmente ativos durante o dia. Vocalizam durante a noite para defender seu território. São arborícolas, durante o dia se escondem em fendas nos troncos, embaixo de cascas de árvores, entre a base de folhas de palmeiras ou entre folhas de bromélias. Eventualmente podem ser encontrados em arbustos do sub-bosque.

Predadores: serpentes *Leptophis mexicanus*, *Bothriechis schlegelii*, *Chironius exoletus*, *Leptophis nigromarginatus*, *Siphlophis cervinus*; macacos.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução e nidificação registradas entre outubro e fevereiro. As fêmeas colocam um ovo por vez e a incubação possivelmente dura duas semanas.

Distribuição: Ocorrem do Sul do México ao Norte da América do Sul. No Brasil possuem registros em Roraima, Amapá, Amazonas e Maranhão.

Fontes: Quesnel, 2006; Vitt et al., 2008; Quesnel, 2008; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Señaris et al., 2018; Costa et al., 2021;

Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022; Cubas-Rodriguez & Armas, 2024; Mayor et al., 2025.

Thecadactylus solimoensis Bergmann & Russell, 2007

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 73-112 mm; comprimento total: até 21,7 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas de terra firme, florestas sazonalmente inundadas, plantações e assentamentos humanos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e gastrópodes.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; baratas Blattodea; besouros Coleoptera.

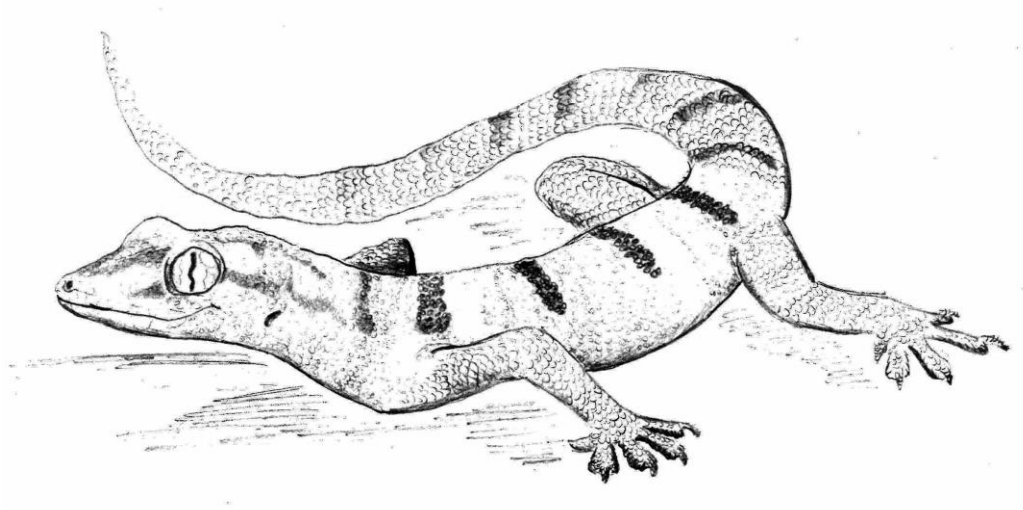
Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e arborícolas, podendo ser encontrados até 36 m acima do solo da floresta.

Predadores: aves murucututu (*Pulsatrix perspicillata*); serpentes *Bothrops bilineatus smaragdinus, Corallus batesii, Oxybelis fulgidus*.

Reprodução: Ovíparos. Oviposição registrada entre novembro e fevereiro. Colocam um ovo sob cascas de árvores.

Distribuição: Ocorrem no Equador, Peru, Bolívia, Colômbia e Brasil, onde possuem registros no Acre, Rondônia, Amazonas e Mato Grosso.

Fontes: Jordán et al., 2011; Daza et al., 2017; Venegas et al., 2019; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022.



Phyllopezus pollicaris

Família Sphaerodactylidae

Família composta por lagartos de tamanho reduzido, desde a menor espécie conhecida, *Sphaerodactylus elasmorhynchus* [não ocorrente no Brasil] que possui em média 1,7 cm da ponta do rostro até a cloaca, até espécies com 15 cm.

Suas espécies são arbóreas, terrícolas, saxícolas ou semifossoriais. De hábitos principalmente noturnos, com algumas espécies crepusculares. São ovíparos, colocando em geral um ovo ou dois em espécies maiores.

Alimentam-se principalmente de insetos, também de aracnídeos. Algumas espécies podem também consumir frutas.

Fontes: O'Shea, 2021.

Chatogekko amazonicus (Andersson, 1918)

Sinonímia recente: *Coleodactylus amazonicus*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 24 mm. Comprimento total: 4 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas não perturbadas e não inundáveis.

Alimentação: Alimentam-se de ácaros, insetos, milípedes, crustáceos (Isopoda), opiliões, pseudoescorpiões e aranhas.

Dentre os insetos consomem: Collembola; Hymenoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; Diplura; besouros Coleoptera; tesourinhas Dermaptera; moscas Diptera; percevejos e cigarras Hemiptera; borboletas e mariposas Lepidoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos. São terrícolas. Como forma de defesa podem liberar conteúdo cloacal, soltar pedaços de pele, realizar autotomia da cauda ou erguer a cauda para, aparentemente, mimetizarem escorpiões.

Predadores: aranhas *Lycosa*.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um ovo.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa, Venezuela, Suriname e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Ramos, 1981; Vitt et al., 2008; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Figueiredo et al., 2021; Loureiro et al., 2022.

Coleodactylus brachystoma (Amaral, 1935)

Comprimento: 3 cm.

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Podem mimetizar escorpiões como forma de defesa, erguendo sua cauda tal qual esses artrópodes.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Piauí e Bahia.

Fontes: Brandão & Motta, 2005; Freitas, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Coleodactylus elizae Gonçalves, Torquato, Skuk & Sena, 2012

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros em Alagoas.

Fontes: Costa et al., 2021.

Coleodactylus meridionalis (Boulenger, 1888)

Comprimento: 3 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, ácaros e crustáceos (Isopoda).

Dentre os insetos consomem: cupins Isoptera; vespas e formigas Hymenoptera;

percevejos Hemiptera; Collembola; moscas Diptera; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres e diurnos. Vivem na serrapilheira do chão sombreado. Podem mimetizar escorpiões como forma de defesa, erguendo sua cauda tal qual esses artrópodes.

Predadores: aranhas *Ctenus rectipes*; lagarto *Colobosauroides cearensis.*

Reprodução: Nidificação registrada em setembro e março. Colocam um ovo, mas fazem ninhos comunais. A incubação dura até 61 dias.

Distribuição: Possuem registros no Pará, Tocantins, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2011; Oliveira et al., 2014; Silva et al., 2015; Oliveira et al., 2017; Medeiros et al., 2019; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022; Feitosa et al., 2022.

Coleodactylus natalensis Freire, 1999

Comprimento: rostro-cloaca: 22-24 mm.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, crustáceos (Isopoda), milípedes (Diplopoda), ácaros, aranhas, opiliões, pseudoescorpiões e insetos.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; Collembola; cigarras e percevejos Hemiptera; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; louva-deus Mantodea; grilos Orthoptera: Gryllidae; Thysanoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos. Nidificação registrada entre março e maio. Colocam um ovo, mas fazem ninhos comunais. A incubação dura até 73 dias.

Distribuição: Possuem registros no Rio Grande do Norte.

Fontes: Freitas, 2011; Lisboa et al., 2012; Sales et al., 2020; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Coleodactylus septentrionalis Vanzolini, 1980

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros em Roraima e Maranhão.

Fontes: Costa et al., 2021.

Gonatodes annularis Boulenger, 1887

Comprimento: 5,5 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias.

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Comportamento e observações: Possuem hábitos semiarborícolas e diurnos, encontrados na vegetação baixa, sob rochas, troncos caídos, buracos no solo e emaranhados de raízes. Podem mimetizar escorpiões como forma de defesa, erguendo sua cauda tal qual esses artrópodes. Também realizar movimentos laterais com a cauda como forma de defesa.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem nas Antilhas, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Brasil, onde possuem registros no Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Morato et al., 2014; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Anaissi & Costa-Campos, 2021.

Gonatodes eladioi Nascimento, Avila-Pires & Cunha, 1987

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Pará e em Mato Grosso.

Fontes: Costa et al., 2021.

Gonatodes hasemani Griffin, 1917

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Peru e Brasil, onde possuem registros no

Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Costa et al., 2021.

Gonatodes humeralis (Guichenot, 1855)

Sinonímia recente: *Gonatodes ferrugineus, Cnemaspis timoriensis*

Comprimento: Comprimento rostro-cloaca: machos: 42 mm; fêmeas: 41 mm; comprimento total: machos: até 9,7 cm; fêmeas: até 9,3 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas úmidas, matas secas, florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, bordas de florestas, clareiras, capoeiras, campinaranas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, gastrópodes, aranhas, opiliões, pseudoescorpiões, ácaros, crustáceos (Isopoda), centopeias (Chilopoda), milípedes (Diplopoda), anfíbios (*Adenomera*), fungos e matéria vegetal.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; cupins Isoptera; vespas e formigas Hymenoptera; moscas Diptera; cigarras Hemiptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; Collembola; tesourinhas Dermaptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, sendo encontrados sobre troncos caídos, sobre rochas e base de árvores, também em galhos à baixa altura, buracos no solo e emaranhados de raízes. Os machos são territoriais, havendo apenas um por árvore. Indivíduos podem ser encontrados até 40 m de altura do solo. Durante a noite dormem até 6 m acima do nível do solo. Quando ameaçados podem realizar tanatose, se fingindo de mortos.

Predadores: serpentes *Oxybelis aeneus, Oxybelis fulgidus, Mastigodryas boddaerti, Rhinobothryum lentiginosum, Imantodes cenchoa, Bothrops atrox, Bothrops taeniatus, Drymoluber dichrous, Chironius fuscus, Siphlophis compressus, Oxybelis aeneus, Xenodon severus, Xenoxybelis argenteus, Taeniophallus brevirostris;* lagartos *Ameiva ameiva, Plica plica*; aves; macacos; de ovos: serpente *Drepanoides anomalus.*

Reprodução: Reproduzem-se ao longo de todo o ano. Os machos acasalam com várias fêmeas. A fêmea coloca um ovo por vez. Mas os ninhos possuem vários ovos juntos, indicando que as fêmeas voltam ao mesmo ninho para ovipor mais vezes ou que várias fêmeas ovipõem juntas. A incubação dura de 94 a 110 dias. Os ninhos podem conter até 18 ovos e algumas vezes são colocados junto com ovos de outros lagartos como *Norops, Arthrosaura* e *Thecadactylus*. Ficam sob casca de árvores, dentro de formigueiros, galhos ocos, troncos podres e cipós, cupinzeiros, em fendas, entre folhas mortas, rochas e dentro de telhados de palha.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Trinidad e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí e Ceará.

Fontes: Miranda & Andrade, 2003; Vitt et al., 2008; Freitas, 2011; Siqueira et al., 2012; Morato et al., 2014; Sousa et al., 2014; Arruda et al., 2015; Señaris et al., 2018; Costa-Campos & Anaissi, 2020; Benício et al., 2021; Oliveira-Souza et al., 2021; Díaz-Flórez & Alacarcón-Naforo, 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022; Costa et al., 2022; Arteaga et al., 2022; Goldberg et al., 2022.

Gonatodes nascimentoi Sturaro & Avila-Pires, 2011

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Amapá e no Pará.

Fontes: Costa et al., 2021.

Gonatodes tapajonicus Rodrigues, 1980

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Pará.

Fontes: Costa et al., 2021.

Lepidoblepharis heyerorum Vanzolini, 1978

Sinonímia recente: *Lepidoblepharis festae*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa e no Brasil, onde possuem registros no Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Costa et al., 2021.

Lepidoblepharis hoogmoedi Avila-Pires, 1995

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru e no Brasil, onde possuem registros no Amazonas.

Fontes: Costa et al., 2021.

Pseudogonatodes gasconi Avila-Pires & Hoogmoed, 2000

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Acre.

Fontes: Costa et al., 2021.

Pseudogonatodes guianensis Parker, 1935

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 30 mm; comprimento total: até 5,6 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas pouco perturbadas, florestas de terra firme e florestas aluviais. Desaparecem facilmente quando há degradação de áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se insetos, aranhas e crustáceos (Isopoda).

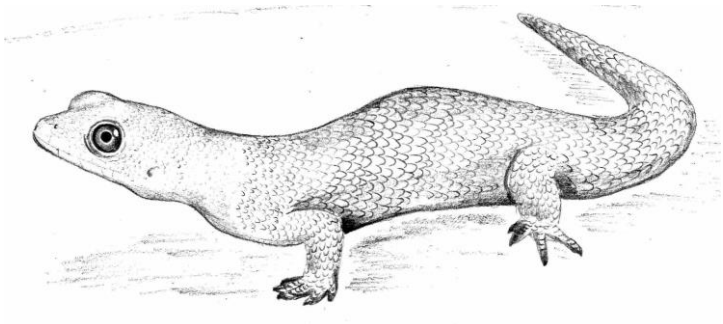
Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; Collembola; larvas de besouros Coleoptera; cupins Isoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e ocorrem na serrapilheira. Podem dormir em folhas até 60 cm acima do solo.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um ovo.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Colômbia, Venezuela, Peru, Equador e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Vitt et al., 2008; Morato et al., 2014; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022.



Chatogekko amazonicus

Família Mabuyidae

Família composta por lagartos de diferentes tamanhos, variando de 3,2 cm a 35 cm de comprimento entre a ponta do rostro e a cloaca.

As espécies ocorrem em diferentes ambientes, desde áreas campestres até florestas. Algumas em áreas peridomiciliares. Possuem hábitos terrestres, arbóreos e fossoriais, sendo principalmente diurnos.

A maioria das espécies é vivípara, retendo os embriões no corpo da fêmea e não coloca ovos. Algumas como *Brasiliscincus heathi* em que os embriões permanecem dentro da fêmea e são nutridos por placenta complexa que lhes fornece até 99% dos nutrientes de que precisam. Alguma espécies também podem ser ovíparas.

Alimentam-se de artrópodes, como insetos e aranhas.

Fontes: Pianka, 2003b; O'Shea, 2021.

Aspronema dorsivittatum (Cope, 1862)

Sinonímia recente: *Mabuya dorsivittata*

Comprimento: rostro-cloaca: 90 mm. Comprimento total: 15 cm.

Habitat: Ocorrem principalmente em áreas abertas, afloramentos rochosos, áreas costeiras, áreas rurais e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas e crustáceos (Isopoda).

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera: Acrididae, Tettigoniidae; cigarras e percevejos Hemiptera; besouros Coleoptera: Scarabaeidae, Tenebrionidae, Chrysomelidae; borboletas e mariposas Lepidoptera; moscas Diptera; vespas e formigas Hymenoptera; baratas Blattodea.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas, eventualmente podem escalar troncos. Encontrados sob rochas e troncos no solo. Podem permanecer próximo da água e quando ameaçados podem de lançar na água, mergulhar e ficar imóveis no fundo.

Predadores: aves quiriquiri (*Falco sparverius*), gavião-do-banhado (*Circus buffoni*); serpentes *Pseudablabes patagoniensis, Oxyrhopus rhombifer, Erythrolamprus poecilogyrus*.

Reprodução: Ovovivíparos, dando à luz até oito filhotes. A gestação dura até 11 meses.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Brasil, onde possuem registros no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Vrcibradic et al, 2004; Hartmann & Marques, 2005; Carreira et al., 2005; Aun et al., 2011; Freitas, 2011; Borges et al., 2017; Aguiar et al., 2019; Ortiz et al., 2019; Quintela et al., 2020; Andrade et al., 2020; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Cabrera & Carezzano, 2021; Uchôa et al., 2022; Gava-Just, 2022.

Brasiliscincus agilis (Raddi, 1823)

Sinonímia recente: *Mabuya agilis*

Comprimento: 15 cm.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, ácaros, pequenos lagartos e frutas.

Dentre os insetos consomem: formigas Hymenoptera: Formicidae; moscas Diptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; baratas Blattodea; besouros Coleoptera; percevejos e cigarras Hemiptera; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; Psocoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Predadores: lagartos *Tropidurus torquatus, Ophiodes striatus*; serpentes *Oxyrhopus trigeminus*.

Reprodução: Ovovivíparos.

Distribuição: No Brasil possuem registros na Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Fontes: Vrcibradic & Rocha, 1996; Barros & Teixeira, 2007; Freitas, 2011; Pergentino et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Cabral et al., 2025.

Brasiliscincus caissara (Rebouças-Spieker, 1974)

Sinonímia recente: *Mabuya caissara*

Alimentação: Possivelmente invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovovivíparos.

Distribuição: Possuem registros em São Paulo.

Fontes: Costa et al., 2021.

Brasiliscincus heathi (Schmidt & Inger, 1951)

Sinonímia recente: *Mabuya heathi*

Comprimento: até 12 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e caatinga herbácea.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, crustáceos (Isopoda), aranhas e pequenos répteis.

Dentre os insetos consomem: Collembola; besouros Coleoptera; tesourinhas Dermaptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; borboletas e mariposas Lepidoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; baratas Blattodea; percevejos e cigarras Hemiptera; louva-deus Mantodea; libélulas Odonata; cupins Isoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Forrageiam em modo de espera pelas presas e também procurando-as ativamente.

Predadores: lagarto *Brasiliscincus heathi;* serpentes *Oxybelis aeneus, Philodryas nattereri, Oxyrhopus trigeminus.*

Reprodução: Ovovivíparos ou vivíparos, a depender da fonte, dando à luz um a nove filhotes. Podem se reproduzir duas vezes no ano.

Distribuição: Possuem registros no Tocantins, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Mesquita et al., 2011; Ferreira et al., 2017; Benício et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Cosme, 2022; Costa et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Claro et al., 2024; Cabral et al., 2025.

Copeoglossum arajara (Rebouças-Spieker, 1981)

Sinonímia recente: *Mabuya arajara*

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e bordas de floresta de caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes, e.g. cupins Isoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovovivíparos, dando à luz dois a nove filhotes.

Distribuição: Possuem registros no Piauí, Ceará e Pernambuco.

Fontes: Freitas, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Copeoglossum nigropunctatum (Spix, 1825)

Sinonímia recente: *Mabuya nigropunctata*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 107-121 mm; comprimento total: 150-280 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, capoeiras, clareiras, bordas de floresta, campinaranas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de crustáceos, milípedes, aranhas, insetos e, eventualmente, pequenos lagartos.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera: Acrididae, Gryllidae, Tettigoniidae; louva-deus Mantodea; baratas Blattodea; cupins Isoptera: Rhinotermitidae, Termitidae; percevejos e cigarras Hemiptera: Miridae, Reduviidae; besouros Coleoptera: Bostrichidae, Bruchidae, Cerambycidae, Chrysomelidae, Carabidae, Mordellidae, Tenebrionidae; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae, Ichneumonidae.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, semiarborícolas e terrícolas. Eventualmente podem ser encontrados a baixas alturas e no dossel.

Predadores: corujas; serpentes *Rhinobothryum lentiginosum, Siphlophis worontzowi, Bothrops atrox, Siphlophis cervinus, Oxyrhopus melanogenys*.

Reprodução: Ovovivíparos ou vivíparos, a depender da fonte, dando à luz dois a nove filhotes. A gestação dura de nove a 12 meses.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Suriname, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Equador, Colômbia, Paraguai, Trinidad, Bolívia e Brasil, onde possuem registros em quase todos os estados, exceto região sul e alguns registros duvidosos no Espírito Santo e no Rio de Janeiro.

Fontes: Vitt et al., 1997b; Vitt et al., 2008; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Vechio et al., 2015; Arruda et al., 2015; Señaris et al., 2018; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022; Uchôa et al., 2022.

Exila nigropalmata (Andersson, 1918)

Sinonímia recente: *Mabuya nigropalmata*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovovivíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Bolívia e Brasil, possuem registros no Acre e Amazonas.

Fontes: Miralles et al., 2009; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Manciola guaporicola (Dunn, 1935)

Sinonímia recente: *Mabuya guaporicola*

Predadores: serpente *Oxybelis fulgidus.*

Reprodução: Ovovivíparos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguia, Bolívia e Brasil, possuem registros em Rondônia, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Scartozzoni et al., 2009; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Notomabuya frenata (Cope, 1862)

Sinonímia recente: *Mabuya frenata*

Comprimento: até 15 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, bordas de floresta, afloramentos rochosos e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, insetos, pseudoescorpiões, opiliões, milípedes, crustáceos terrestres (Isopoda), gastrópodes e pequenos vertebrados.

Dentre os insetos consomem: cupins Isoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; besouros Coleoptera; Psocoptera; baratas Blattodea; cigarras e percevejos Hemiptera; moscas Diptera; louva-deus Mantodea; Embioptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovovivíparos, dando à luz dois a oito filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, onde possuem registros em Rondônia, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Fontes: Vrcibradic & Rocha, 1998; Freitas, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Panopa carvalhoi (Rebouças-Spieker & Vanzolini, 1990)

Sinonímia recente: *Mabuya carvalhoi*

Reprodução: Ovovivíparos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela e no Brasil, onde possuem registros em Roraima.

Fontes: Costa et al., 2021.

Psychosaura agmosticha (Rodrigues, 2000)

Sinonímia recente: *Mabuya agmosticha*

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em ambientes de caatinga com predominância de bromélias.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas e insetos (Blattodea).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovovivíparos, dando à luz um a quatro filhotes.

Distribuição: Possuem registros no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Costa et al., 2021; Uchôa et al., 2022.

Psychosaura macrorhyncha (Hoge, 1947)

Sinonímia recente: *Mabuya macrorhyncha*

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, insetos, gastrópodes, ácaros, frutas e anfíbios.

Dentre os insetos consomem: formigas Hymenoptera: Formicidae; baratas Blattodea; moscas Diptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; besouros Coleoptera; cigarras e percevejos Hemiptera; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres e diurnos.

Predadores: lagarto *Tropidurus* torquatus; serpentes *Bothrops insularis*.

Reprodução: Vivíparos, dando à luz um a seis filhotes.

Distribuição: Possuem registros no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Duarte et al., 1995; Vrcibradic & Rocha, 1996; Freitas, 2011; Pergentino et al., 2017; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Trachylepis atlantica (Schmidt, 1945)

Sinonímia recente: *Mabuya atlantica*

Comprimento: rostro-cloaca: 65-88 mm. Comprimento total: 15 cm.

Peso: 6-15 g.

Alimentação: Alimentam-se principalmente de matéria vegetal, como flores, folhas e néctar, também consomem insetos, gastrópodes, ácaros, aranhas, pseudoescorpiões e crustáceos (Isopoda). Podem tentar praticar canibalismo.

Dentre os insetos consomem: tesourinha Dermaptera; Embioptera; cupins Isoptera; baratas Blattodea; percevejos e cigarras Hemiptera; besouros Coleoptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; moscas Diptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Costumam ser encontrados em afloramentos rochosos e galhos até 80 cm de altura.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Pernambuco (Fernando de Noronha).

Fontes: Rocha et al., 2009; Freitas, 2011; Ribeiro & Oliveira, 2018; Silva Neto et al., 2020; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Varzea altamazonica (Miralles, Barrio-Amorós, Rivas & Chaparro-Auza, 2006)

Sinonímia recente: *Mabuya altamazonica*

Comprimento: comprimento total: 18,4 cm; comprimento rostro-cloaca: 9,2 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme e florestas sazonalmente inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas, mas podem ser encontrados sobre árvores até 37 m de altura do solo.

Reprodução: Ovovivíparos ou vivíparos, a depender da fonte.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Bolívia, Colômbia e Brasil, onde possuem registros no Acre e no Amazonas.

Fontes: Costa et al., 2021; Arteaga et al., 2022.

Varzea bistriata (Spix, 1825)

Sinonímia recente: *Mabuya bistriata*

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, opiliões, centopeias, milípedes, gastrópodes e pequenos répteis.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera: Acrididae, Gryllidae, Tettigoniidae; baratas Blattodea; cupins Isoptera: Termitidae; besouros Coleoptera: Buprestidae, Carabidae, Chrysomelidae, Erotylidae, Tenebrionidae; percevejos e cigarrinhas Hemiptera: Reduviidae, Aradidae, Cicadellidae, Cercopidae; mariposas Lepidoptera: Noctuidae; formigas, abelhas e vespas Hymenoptera: Formicidae, Ichneumonidae, Sphecidae, Megachilidae; moscas Diptera: Tiphiidae.

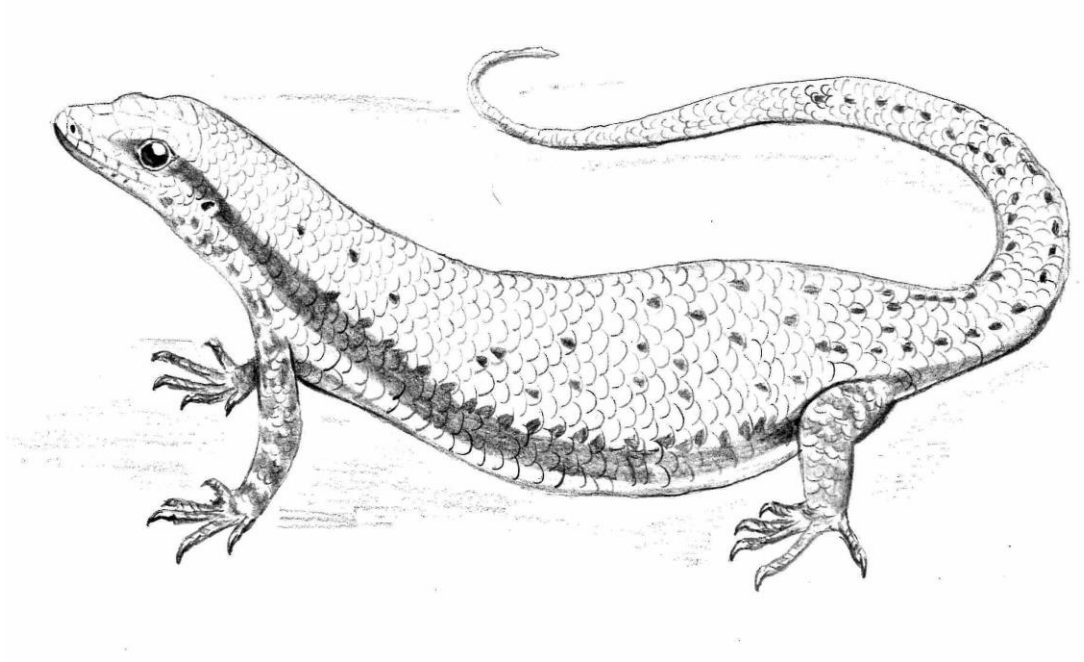
Dentre os répteis consomem: *Prionodactylus, Gonatodes.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas, mas podem subir em troncos a baixa altura.

Reprodução: Vivíparos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Bolívia, Jamaica e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão. Possível ocorrência na Colômbia e na Trinidad.

Fontes: Vitt & Blackburn, 1991; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.



Copeoglossum nigropunctatum

Família Dactyloidae

Família composta por lagartos de tamanho variado, tendo comprimento entre 3,4 cm e 19,1 cm da ponta do rostro até a cloaca. A depender da espécie, ocorrem em ambientes variados, desde áreas abertas até florestas. São arborícolas e de hábitos diurnos. Todas as espécies são ovíparas, as fêmeas colocam de um a dois ovos por postura e podem ovipor diversas vezes no ano.

Alimentam-se principalmente de insetos; algumas espécies podem consumir flores e frutas. Espécies de porte maior podem comer lagartos de menor tamanho.

Fontes: O'Shea, 2021.

Dactyloa dissimilis (Williams, 1965)

Sinonímia recente: *Anolis dissimilis*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru e no Brasil, onde possuem registros no Acre.

Fontes: Costa et al., 2021.

Dactyloa nasofrontalis (Amaral, 1933)

Sinonímia recente: *Anolis nasofrontalis*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Espírito Santo.

Fontes: Costa et al., 2021.

Dactyloa neglecta (Prates, Melo-Sampaio, de Queiroz, Carnaval, Rodrigues & Drummond, 2020)

Sinonímia recente: *Anolis neglectus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Possuem registros no Rio de Janeiro.

Fontes: Costa et al., 2021.

Dactyloa phyllorhina (Myers & Carvalho, 1945)

Sinonímia recente: *Anolis phyllorhinus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Costa et al., 2021.

Dactyloa pseudotigrina (Amaral, 1933)

Sinonímia recente: *Anolis pseudotigrinus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Espírito Santo.

Fontes: Costa et al., 2021.

Dactyloa punctata (Daudin, 1802)

Sinonímia recente: *Anolis punctatus, Anolis philopunctatus, Norops punctatus*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 81-92 mm. Comprimento total: até 31,2 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e secundárias e florestas sazonalmente inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (e.g. Coleoptera; Blattodea; Orthoptera e Hymenoptera: Formicidae).

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas e diurnos, encontrados em troncos de árvores grandes e pequenas. Podem ser encontrados dormindo sobre folhas, cipós e galhos finos horizontais. Podem pular grandes distâncias para capturar suas presas. Já foram encontrados até 50 m acima do solo da floresta. Os machos defendem territórios e cortejam as fêmeas usando sinais visuais, como movimentos de cabeça e exibição da papada.

Predadores: serpente *Imantodes cenchoa*.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um ovo, mas podem se reproduzir diversas vezes por ano.

Distribuição: Ocorrem Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Guiana, Venezuela e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Possível ocorrência na Guiana Francesa e no Suriname.

Fontes: Vitt et al., 2008; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Sousa et al., 2014; Peres et al., 2019; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Dactyloa transversalis (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)

Sinonímia recente: *Anolis transversalis*

Comprimento: comprimento total: até 21,4 cm; comprimento rostro-cloaca: até 8,4 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas preservadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, ácaros, milípedes e lagartos.

Dentre os insetos consomem: Collembola; grilos e gafanhotos Orthoptera; percevejos Hemiptera; moscas Diptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e arborícolas, indivíduos já foram encontrados até 35 m acima do solo da floresta. Durante a noite dorme em galhos até 5 m acima do solo. Os machos defendem territórios e cortejam as fêmeas usando sinais visuais, como movimentos de cabeça e exibição da papada.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um a dois ovos. A reprodução ocorre ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Venezuel, Equador, Peru, Colômbia, Bolívia e Brasil, onde possuem registros no Acre, Rondônia, Amazonas e Mato Grosso.

Fontes: Costa et al., 2021; Arteaga et al., 2022.

Norops auratus (Daudin, 1802)

Sinonímia recente: *Anolis auratus*

Predadores: lagartos *Tropidurus hispidus, Kentropyx striata*; ave rapazinho-carijó (*Bucco tamatia*).

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Costa Rica, Panamá, Venezuela, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Aguiar & Costa-Campos, 2015; Pergentino et al., 2017; Santos-Jr. et al., 2018; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Norops bombiceps (Cope, 1875)

Sinonímia recente: *Anolis bombiceps*

Comprimento: comprimento total: até 21,4 cm; comprimento rostro-cloaca: até 7,4 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, bordas de florestas e florestas sazonamelmente inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas, ocasionalmente sobem em troncos de árvores ou arbustos até 3 m do solo.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Colômbia, Equador e Brasil, onde possuem registros no Amazonas.

Fontes: Costa et al., 2021; Arteaga et al., 2022.

Norops brasiliensis (Vanzolini & Williams, 1970)

Sinonímia recente: *Anolis brasiliensis*

Habitat: Ocorrem em matas secas sazonais e florestas de galeria.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, ácaros, aranhas, escorpiões, gastrópodes, centopeias e pseudoescorpiões.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; tesourinhas Dermaptera; moscas Diptera; percevejos Hemiptera; vespas e formigas Hymenoptera; cupins Isoptera; louva-deus Mantodea; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e semiarborícolas. Podem ser encontrados na serrapilheira e em troncos de árvores.

Reprodução: Ovíparos colocam um ovo por vez.

Distribuição: Possuem registros no Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Amorim, 2018; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Norops chrysolepis (Duméril & Bibron, 1837)

Sinonímia recente: *Anolis chrysolepis, Anolis nitens*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 8,0 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (e.g. Orthoptera e Blattaria) e aranhas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos semiarborícolas e diurnos, ocorrendo desde o nível do solo até o estrato médio da vegetação. Quando ameaçados podem realizar tanatose, se fingindo de mortos.

Predadores: serpente *Oxybelis fulgidus, Imantodes cenchoa.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Vitt & Zani, 1996; Scartozzoni et al., 2009; Morato et al., 2014; Sousa et al., 2014; Costa-Campos & Anaissi, 2020; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Norops fuscoauratus (D'Orbigny, 1837 *in* Duméril & Bibron, 1837)

Sinonímia recente: *Anolis fuscoauratus*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 54 mm. Comprimento total: até 15,6 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de florestas, igapós, capoeiras e áreas urbanas arborizadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, escorpiões, pseudoescorpiões, ácaros, milípedes e crustáceos (Isopoda).

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; percevejos e cigarras Hemiptera; moscas Diptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; louva-deus Mantodea; grilos e gafanhotos Orthoptera; Collembola; borboletas e mariposas Lepidoptera; Neuroptera; Dermaptera; Psocoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e arborícolas. Ficam sobre a vegetação, troncos e galhos. Dormem na ponta de galhos finos, 2 a 3 m acima do chão, ou sobre folhas. Os machos defendem territórios realizando movimentos de cabeça e exibições com a papada.

Predadores: cuíca *Marmosa demerarae*; lagarto *Kentropyx calcarata*; aranha-chicote Amblypygi *Heterophrynus* sp.; serpentes *Imantodes cenchoa, Chironius muliventris, Drymoluber dichrous. Xenoxybelis argenteus*; aves chora-chuva-de-cara-branca (*Monasa morphoeus*).

Reprodução: Ovíparos. Colocam um a dois ovos, mas podem se reproduzir até três vezes por ano. A incubação dura de 53 a 63 dias. A reprodução pode ocorrer ao longo de todo o ano na região amazônica.

Distribuição: Ocorrem no norte da América do Sul, leste dos Andes e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Vitt et al., 2003; Vitt et al., 2008; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Sousa et al., 2014; Franzini et al., 2017; Thomas, 2020; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Mercês & Alves-Silva, 2022; Uchôa et al., 2022; Arteaga et al., 2022; Campos et al., 2024.

Norops meridionalis (Boettger, 1885)

Sinonímia recente: *Anolis meridionalis*

Comprimento: rostro-cloaca: 44-47 mm.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas e centopeias.

Dentre os insetos consomem: vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; besouros Coleoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; percevejos e

cigarras Hemiptera; louva-deus Mantodea; baratas Blattodea.

Comportamento e observações:

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada ao longo de todo o ano, principalmente em julho. Colocam um a três ovos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Bolívia e no Brasil, onde possuem registros em Rondônia, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Veludo, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Norops ortonii (Cope, 1868)

Sinonímia recente: *Anolis ortonii*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 60 mm. Comprimento total: até 15,3 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias, florestas sazonalmente inudadas e secundárias e bordas de clareiras naturais.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e aranhas.

Dentre os insetos consomem: cigarrinhas Hemiptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; besouros Coleoptera; louva-deus Mantodea; baratas Blattodea.

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas e diurnos, permanecem na parte inferior de troncos e galhos. Podem ser observados dormindo em cipós e folhas grandes. Já foram encontrados até 45 m acima do solo da floresta. Os machos defendem territórios e cortejam as fêmeas usando movimentos de cabeça e exibições com a papada.

Predadores: serpentes *Oxybelis fulgidus, Imantodes cenchoa*; aves *Nystalus obamai.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam um ovo por vez, mas podem se reproduzir várias vezes por ano. O ovo é depositado na serrapilheria úmida, em micro-sítios úmidos, formigueiros ou sob a casca de árvores.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Equador, Colômbia, Peru, Bolívia e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Espírito Santo.

Fontes: Vitt et al., 2008; Scartozzoni et al., 2009; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Sousa et al., 2014; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022.

Norops planiceps (Troschel, 1848)

Sinonímia recente: *Anolis planiceps, Anolis nitens nitens*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 66-76 mm; comprimento total: 150-254 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes como besouros, lagartas, formigas, cupins e aranhas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e crepusculares, podem ser encontrados no solo, na serrapilheira, sobre a vegetação ou na base de troncos. Durante a noite dorme sobre folhas ou galhos à baixa altura na vegetação. Ocorrem até 750 m de altitude. Quando perturbados, correm curtas distâncias e depois ficam imóveis na serrapilheira camuflando-se.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um ovo, mas podem se reproduzir mais de uma vez por estação reprodutiva.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Guiana, Trinidad e Brasil, onde possuem registros em Roraima e Amazonas.

Fontes: Vitt et al., 2008; Freitas, 2011; Señaris et al., 2018; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Norops scypheus (Cope, 1864)

Sinonímia recente: *Anolis scypheus*

Comprimento: comprimento total: até 26,6 cm; comprimento rostro-cloaca: até 8,4 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias, florestas de terra firme e florestas sazonalmente inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, crustáceos (Isopoda) e pequenos lagartos.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera; baratas Blattodea.

Dentre os lagartos consomem: *Norops; Loxopholis.*

Comportamento e observações: São principalmente terrícolas e diurnos. Forrageiam no solo e em troncos ou arbustos até 2,5 m do solo. Durante a noite dormem em folhas, galhos e caules a menos de 1,5 m do solo.

Predadores: serpentes *Imantodes lentiferus, Oxyrhopus petolarius*.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução ocorre ao longo de todo o ano. Colocam um ovo por vez.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru e Brasil, onde possuem registros no Amazonas.

Fontes: Costa et al., 2021; Arteaga et al., 2022.

Norops tandai (Avila-Pires, 1995)

Sinonímia recente: *Anolis nitens tandai, Anolis tandai*

Habitat: Ocorrem em florestas não perturbadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, ácaros, opiliões e milípedes.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera; louva-deus Mantodea; baratas Blattodea; percevejos e cigarras Hemiptera; besouros Coleoptera; cupins Isoptera; moscas Diptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae.

Comportamento e observações: Permanecem principalmente em meio à serrapilheira no solo.

Predadores: serpentes *Rhinobothryum lentiginosum, Imantodes cenchoa*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru e no Brasil, onde possuem registros no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Vitt et al., 2001; García-Ayachi et al., 2020; Ferreira et al., 2020; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Norops trachyderma (Cope, 1875)

Sinonímia recente: *Anolis trachyderma, Norops leptoscelis*

Comprimento: comprimento total: até 15,4 cm; comprimento rostro-cloaca: até 6,1 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais primárias, florestas de terra firme, igapós e florestas inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, ácaros, pseudoescorpiões, milípedes, crustáceos e moluscos.

Dentre os insetos consomem: Collembola; grilos e gafanhotos Orthoptera; baratas Blattodea; percevejos e cigarras Hemiptera; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; moscas Diptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae.

Comportamento e observações: Permanecem à baixa altura na vegetação e também na serrapilheira. Durante a noite dormem empoleirados até 2 m acima do solo. Os machos defendem seus territórios realizando movimentos de cabeça e exibindo a papada.

Predadores: lagartos *Norops scypheus, Ketronpyx pelviceps*; serpentes *Imantodes cenchoa, Xenoxybelis argenteus*.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um ovo por vez, a reprodução ocorre até três vezes por ano. A incubação dura 77 dias.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Colômbia, Equador e Brasil, onde possuem registros no Acre, Amazonas e Pará.

Fontes: Vitt et al., 2002; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022.

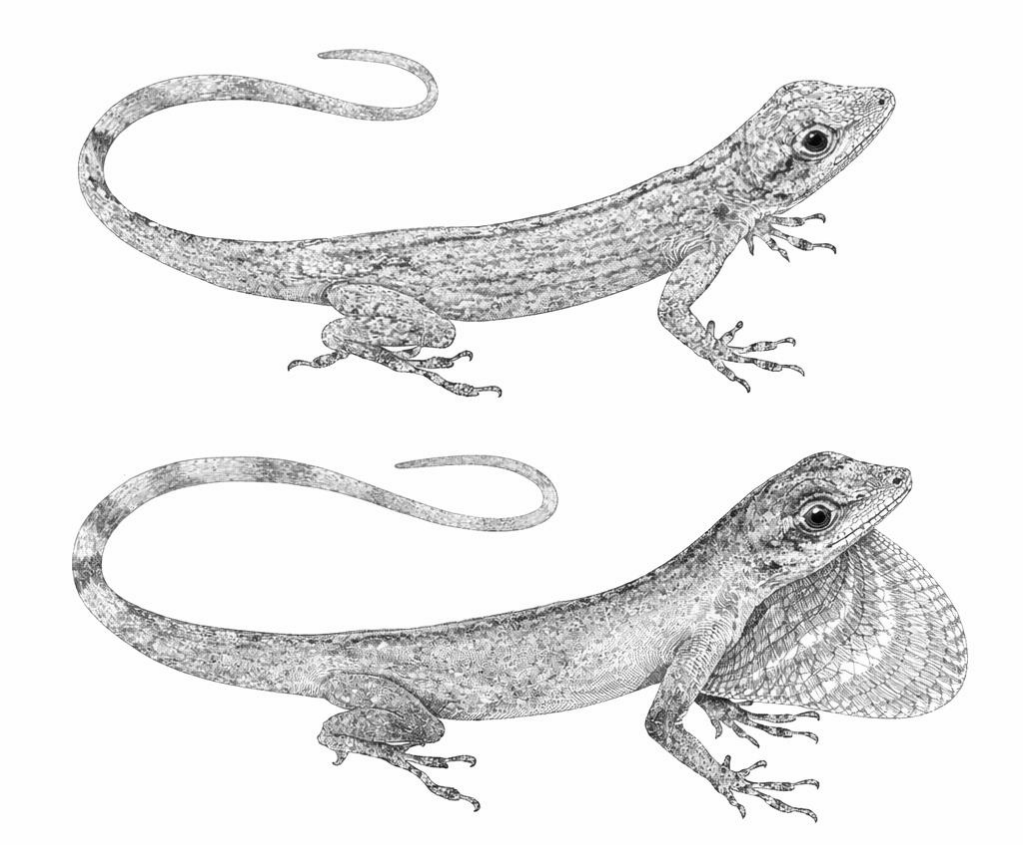
Norops williamsii (Bocourt, 1870)

Sinonímia recente: *Anolis williamsii, Norops sericeus, Anolis sericeus, Anolis cumingii, Norops cumingii*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Alguns autores consideram que a ocorrência dessa espécie no Brasil seria um erro e que a mesma seria sinônimo de *Anolis sericeus* ocorrente no México e na Guatemala.

Distribuição: Possuem registros na Bahia.

Fontes: Costa et al., 2021.



Norops ortonii
Conforme Arteaga et al., 2022

Família Hoplocercidae

Família composta por poucas espécies de lagartos, ocorrentes em áreas de florestas e de cerrado. São espécies de hábitos diurnos, semi-arborícolas ou terrícolas, algumas como *Hoplocercus* são héliofóbicas.

Possuem de 9,6 cm a 19,2 cm da ponta do rostro até a cloaca. Todas as espécies são ovíparas, sendo registradas posturas de até seis ovos em *Enyalioides laticeps*. Alimentam-se de insetos e aranhas.

Fontes: O'Shea, 2021.

Enyalioides laticeps (Guichenot, 1855)

Comprimento: comprimento total: até 42,4 cm; comprimento rostro-cloaca: até 15,7 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme e florestas secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e aranhas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, permanecem na serrapilheira ou em troncos. Durante a noite ficam em galhos até 2,4 m de altura do solo.

Reprodução: Ovíparos. Colocam até 11 ovos. Reprodução ocorre ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru e Brasil, onde possuem registros no Acre, Rondônia e Amazonas. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Costa et al., 2021; Arteaga et al., 2022.

Enyalioides palpebralis (Boulenger, 1883)

Habitat: Ocorrem em florestais.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (e.g. Orthoptera e Coleoptera).

Comportamento e observações: Permanecem no solo sobre a serrapilheira ou a baixa altura na vegetação e em troncos caídos. Quando ameaçados, podem abrir a boca mostrando a coloração alaranjada de seu interior, caso capturados, podem morder.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Bolívia e Brasil, onde possuem registros no Acre e Amazonas.

Fontes: Schulte, 1998; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Hoplocercus spinosus Fitzinger, 1843

Comprimento: até 12 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas arbóreas.

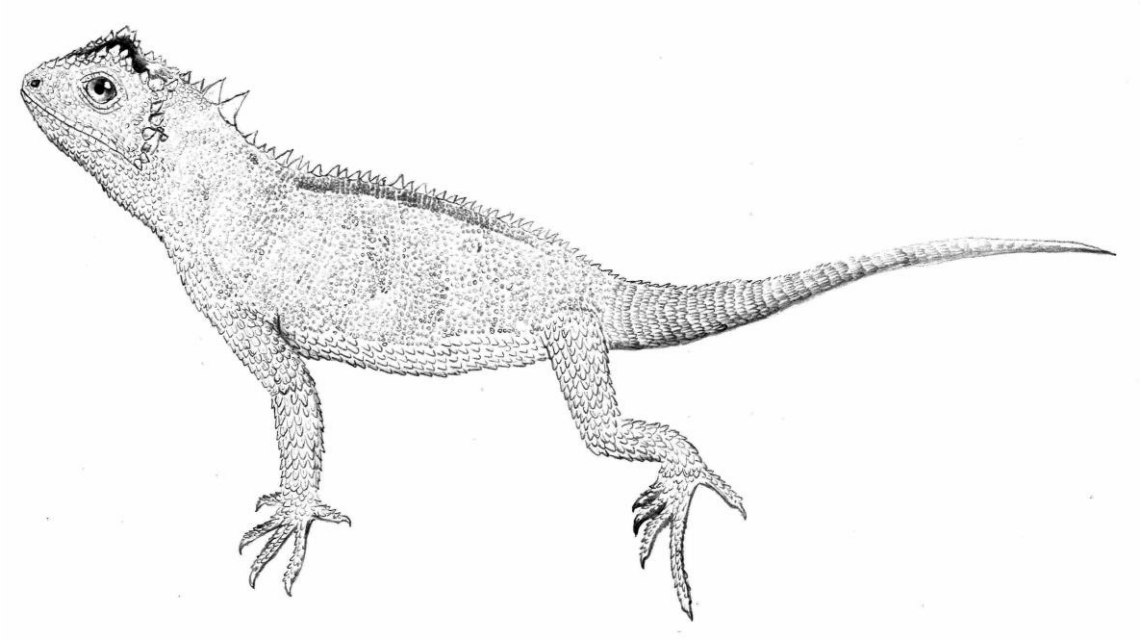
Alimentação: Alimentam-se de aranhas e insetos (Blattodea e Coleoptera).

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrestres, diurnos e noturnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde possuem registros em Rondônia, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.



Enyalioides palpebralis

Família Iguanidae

Família composta por lagartos popularmente conhecidos como iguanas. Ocorrem em variados ambientes, desde locais áridos até florestas tropicais. Possuem de 12,9 cm a 75 cm de comprimento da ponta do rostro à cloaca. Possuem hábitos diurnos, sendo arborícolas ou terrícolas. São ovíparos; a quantidade de ovos por postura varia conforme a espécie.

Alimentam-se principalmente de vegetais, mas os juvenis também consomem invertebrados. Há registros de adultos consumindo carniça.

Fontes: O'Shea, 2021.

Iguana iguana iguana (Linnaeus, 1758)

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 40-58 cm; comprimento total: 110-200 cm.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados desde arbustivos até florestais, também em áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de folhas, frutas e flores; juvenis podem consumir invertebrados. Eventualmente podem consumir carniça e fezes.

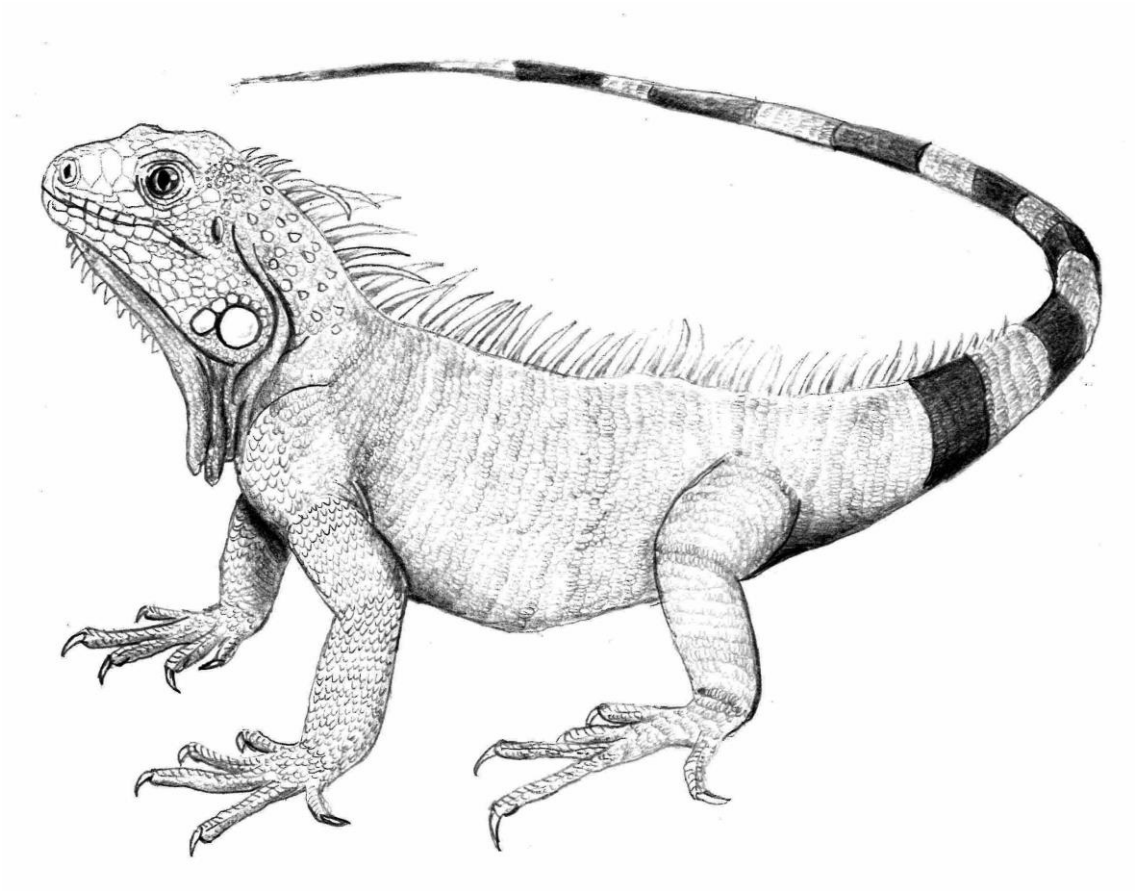
Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, arborícolas e terrícolas. Conseguem nadar e podem correr com velocidade por curtas distâncias no chão. Geralmente dormem sobre a vegetação, mas em algumas populações podem dormir em buracos escavados. Ocorrem até 1.000 m de altitude.

Predadores: onça-pintada (*Panthera onca*), cachorro-doméstico (*Canis lupus familiaris*), gato-doméstico (*Felis catus*), *Boa constrictor, Eunectes murinus, Oxybelis aeneus, Corallus hortulana, Rhinobothryum lentiginosum, Caiman crocodilus, Philodryas nattereri, Siphlophis compressus, Ameiva ameiva, Tyto furcata, Buteo platypterus, Elanoides forficatus, Elanus leucurus, Pandion haliaetus, Falco sparverius, Caracara cheriway, Ardea alba, Crotophaga ani, Athene cunicularia, Nyctanassa violacea, Coragyps atratus, Cathartes aura,* javali (*Sus scrofa*).

Reprodução: Os machos realizam um cortejo antes da cópula, possuem territórios reprodutivos. Os ninhos são construídos pela fêmea em solo arenoso, colocam de nove a 71 ovos. A incubação dura quatro meses.

Distribuição: Ocorrem do México até a Bolívia e o Paraguai. No Brasil há registros nos estados da região Norte, Nordeste, Centro-Oeste e também em Minas Gerais.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Krysko et al,, 2007; Vitt et al., 2008; Silveira et al., 2010; Freitas, 2011; Bock, 2013; Neto et al., 2013; Morato et al., 2014; Señaris et al., 2018; Cabral et al., 2019; Sales et al., 2020; Benício et al., 2021; Barbosa et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022; Costa et al., 2022.



Iguana iguana

Família Leiosauridae

Os lagartos dessa família ocorrem em ambientes variados, como ambientes semiáridos, florestas e áreas campestres alagáveis. Possuem de 7,3 cm a 12,4 cm da ponta do rostro à cloaca. Possuem hábitos diurnos, sendo arborícolas ou terrícolas. São ovíparos. Alimentam-se de artrópodes.

Fontes: O'Shea, 2021.

Anisolepis grilli Boulenger, 1891

Sinonímia recente: *Urostrophus grilli*

Comprimento: 79-97 mm.

Habitat: Ocorrem em capoeiras, campos, florestas e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados, como besouros, formigas e gafanhotos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos. Movem-se a baixa e média altura na vegetação arbustiva e arbórea.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai e Brasil, onde possuem registros em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Costa et al., 2021; Gava-Just, 2022.

Anisolepis longicauda (Boulenger, 1891)

Sinonímia recente: *Urostrophus longicauda, Anisolepis longicaudus*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Paraguai e no Brasil, onde possuem registros em São Paulo.

Fontes: Costa et al., 2021.

Anisolepis undulatus (Wiegmann, 1834)

Sinonímia recente: *Urostrophus undulatus*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 80-88 mm.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Podem ser encontrados sobre árvores e no solo.

Predadores: gavião-cinza (*Circus cinereus*).

Reprodução: Ovíparos. Colocam de quatro a sete ovos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Uruguai e no Brasil, onde possuem registros no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Oliveira et al., 2022.

Enyalius bibronii Boulenger, 1885

Sinonímia recente: *Enyalius catenatus bibronii*

Comprimento: rostro-cloaca: até 110 mm. Comprimento total: 25 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas arbóreas da caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, milípedes e matéria vegetal.

Dentre os insetos consomem: abelhas e formigas Hymenoptera: Apidae, Formicidae; baratas Blattodea; besouros Coleoptera; percevejos Hemiptera; cupins Isoptera; larvas de Lepidoptera; louva-deus Mantodea; Neuroptera; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos semiarborícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos colocam de sete a 10 ovos.

Distribuição: Possuem registros no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Lagares, 2019; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Enyalius bilineatus Duméril & Bibron, 1837

Comprimento: rostro-cloaca: 58-82,5 mm.

Habitat: Ocorrem em cerrado e campos rupestres.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, opiliões, gastrópodes e milípedes.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera; vespas, abelhas e formigas Hymenoptera: Apoidea, Formicidae, Vespidae; percevejos e cigarras Hemiptera; larvas de Lepidoptera; baratas Blattodea; besouros Coleoptera (adultos e larvas); cupins Isoptera; Neuroptera; libélulas Odonata.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e arborícolas, mas podem eventualmente forragear no solo.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Goiás, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Zaprogno et al., 2001; Borges et al., 2013; Lucas et al., 2018; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Enyalius boulengeri Etheridge, 1969

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Espírito Santo e em Minas Gerais.

Fontes: Costa et al., 2021.

Enyalius brasiliensis (Lesson, 1828)

Comprimento: rostro-cloaca: 49-100,6 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, gastrópodes, milípedes, aranhas e matéria vegetal.

Dentre os insetos consomem: cigarras Hemiptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; besouros Coleoptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; bicho-pau Phasmatodea; louva-deus Mantodea; moscas Diptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. São mais comuns de serem encontrados sobre a serrapilheira, também podem ser encontrados em cipós, troncos caídos, galhos e eventualmente fendas de rochas.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada em novembro e janeiro.

Distribuição: Possuem registros no Rio de Janeiro.

Fontes: Van Sluys et al., 2004; Dorigo et al., 2014; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Enyalius capetinga Breitman, Domingos, Bagley, Wiederhecker, Ferrari, Cavalcante, Pereira, Abreu, De-Lima, Morais, del Prette, Silva, Mello, Carvalho, de Lima, Silva, Matias, Carvalho, Pantoja, Gomes, Paschoaletto, Rodrigues, Talarico, Barreto-Lima & Colli, 2018

Sinonímia recente: *Enyalius bilineatus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Goiás e em Minas Gerais.

Fontes: Costa et al., 2021.

Enyalius catenatus (Wied, 1821)

Comprimento: até 25 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, ácaros, milípedes, centopeias, crustáceos (Isopoda) e gastrópodes.

Dentre os insetos consomem: percevejos e cigarras Hemiptera; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae, Vespidae; moscas Diptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; besouros Coleoptera; borboletas e mariposas (larvas) Lepidoptera; baratas Blattodea; tesourinhas Dermaptera; cupins Isoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e semiarborícolas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Cruz et al., 2018; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Enyalius erythroceneus Rodrigues, Freitas, Silva & Bertolotto, 2006

Comprimento: 25 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas semidecíduas de caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e semiarborícolas.

Reprodução: Ovíparo.

Distribuição: Possuem registros na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Enyalius iheringii Boulenger, 1885

Comprimento: rostro-cloaca: 70-118 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, opiliões e crustáceos (Isopoda).

Dentre os insetos consomem: borboletas e mariposas (larvas) Lepidoptera: *Morpho*; grilos e gafanhotos Orthoptera; besouros Coleoptera; baratas Blattodea; Trichoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos, movem-se a baixa altura na vegetação arbustiva e arbórea, também sobre a serrapilheira.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Rauterberg & Laps, 2010; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Gava-Just, 2022.

Enyalius leechii (Boulenger, 1885)

Comprimento: até 20 cm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos semiarborícolas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros em Rondônia, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Enyalius perditus Jackson, 1978

Comprimento: rostro-cloaca: 63,6-91,5 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, insetos, minhocas, milípedes e crustáceos (Isopoda).

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera: Staphylinidae; formigas e vespa Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; grilos Orthoptera: Gryllidae; moscas Diptera; borboletas e mariposas (larvas) Lepidoptera; baratas Blattodea.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos semiarborícolas.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre novembro e março.

Distribuição: Possuem registros no Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Fontes: Sousa & Cruz, 2008; Sturaro & Silva, 2010; Barreto-Lima et al., 2013; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Enyalius pictus (Schinz, 1822)

Sinonímia recente: *Enyalius catenatus pictus*

Comprimento: 25 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado e campos rupestres.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e semiarborícolas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros na Bahia, no Espírito Santo e em Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Urostrophus vautieri Duméril & Bibron, 1837

Comprimento: rostro-cloaca: 57-59 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados, como besouros (Coleoptera), formigas (Hymenoptera: Formicidae), vespas (Hymenoptera: Vespidae) e gafanhotos (Orthoptera).

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, com comportamento discreto e movimentos lentos. São arborícolas e podem se esconder dentro de bromélias com água mantendo quase todo o corpo submerso.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: No Brasil possuem registros no Espírito Santo, Minas Gerais,

Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Henle & Knogge, 2009; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Gava-Just, 2022.

Enyalius iheringii

Família Liolaemidae

Família composta por lagartos de pequeno tamanho, tendo entre 5 cm e 12 cm da ponta do rostro até a cloaca. Ocorrem em áreas desérticas, pastagens e encostas rochosas. Possuem hábitos diurnos, sendo terrícolas, arborícolas ou saxícolas. Algumas espécies são vivíparas e outras ovíparas, havendo ainda registros de partenogenia. Alimentam-se de invertebrados, também de flores e frutas.

Fontes: O'Shea, 2021.

Liolaemus arambarensis Verrastro, Veronese, Bujes & Dias-Filho, 2003

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Possuem registros no Rio Grande do Sul.

Fontes: Costa et al., 2021.

Liolaemus lutzae Mertens, 1938

Alimentação: Alimentam-se de vegetais (e.g. flores), insetos, aranhas, ácaros e crustáceos (Isopoda).

Dentre os insetos consomem: formigas Hymenoptera: Formicidae; besouros Coleoptera; percevejos e cigarras Hemiptera; moscas Diptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; Thysanoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada de setembro a março. Colocam de um a quatro ovos.

Distribuição: Possuem registros no Rio de Janeiro.

Fontes: Rocha, 1989; Rocha, 1992; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025.

Liolaemus occipitalis Boulenger, 1885

Comprimento: 53-60 mm.

Habitat: Ocorrem em restingas e dunas.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, insetos e plantas (flores, frutos, sementes e folhas).

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; moscas Diptera; Ephemeroptera; percevejos e cigarras Hemiptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; formigas-leão Neuroptera; Thysanoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera.

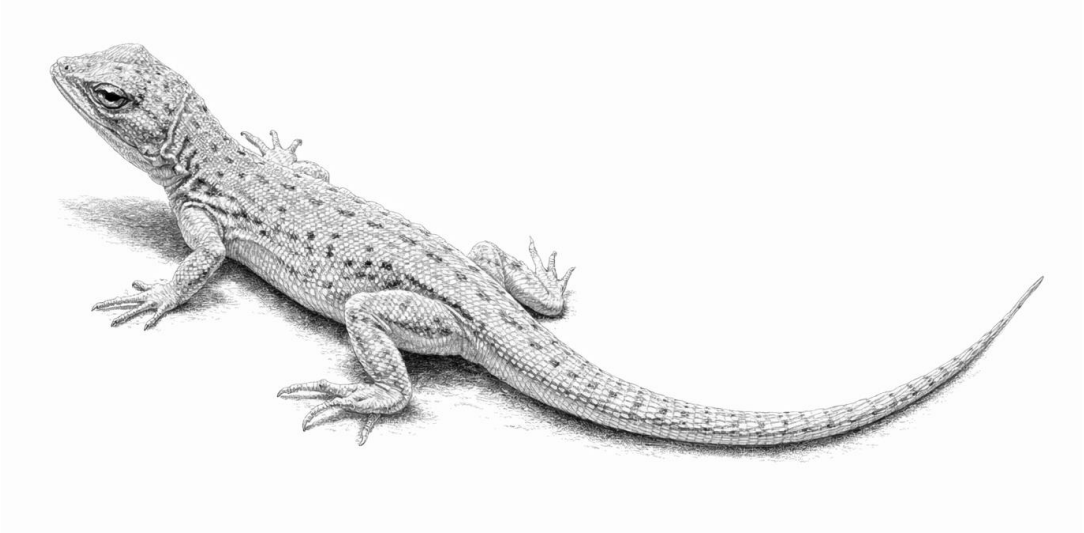
Comportamento e observações: Como proteção, podem se enterrar na areia e construir tocas para abrigo e reprodução. Quando ameaçados podem realizar tanatose, se fingindo de mortos.

Predadores: serpentes *Xenodon dorbignyi, Pseudablabes patagoniensis, Erythrolamprus poecilogyrus.*

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre setembro e março.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai e no Brasil, onde possuem registros em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Verrastro & Krause, 1999; Oliveira et al., 2000; Carreira et al., 2005; Pontes, 2007; Santos et al., 2010; Borges-Martins et al., 2013; Verrastro & Rauber, 2013; Verrastro & Ely, 2015; Andrade et al., 2020; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Gava-Just, 2022.



Liolaemus occipitalis

Conforme foto de F. Sessegolo/biodiversity4all.

Família Polychrotidae

Família composta por pequenos lagartos, com tamanho variando entre 10,8 cm e 17 cm, da ponta do rostro até a cloaca. Ocorrem em áreas florestais, tendo hábitos diurnos e arborícolas. Costumam ficar parados em troncos e galhos esperando a aproximação de alguma presa para capturá-la. São ovíparos, colocando de sete a 31 ovos, a depender da espécie. Alimentam-se de artrópodes, ocasionalmente também consumindo folhas, flores e frutas.

Fontes: O'Shea, 2021.

Polychrus acutirostris Spix, 1825

Sinonímia recente: *Polychrus marmoratus acutirostris*

Comprimento: cloaca-rostro: 89-120 mm. Comprimento total: 45 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de vegetação mais seca.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, milípedes e matéria vegetal.

Dentre os insetos consomem: percevejos e cigarras Hemiptera: Coreidae; Lygaeidae, Pentatomidae, Phymatidae, Reduviidae, Cicadellidae, Cicadidae, Delphacidae, Membracidae; libélulas Odonata: Coenagrionidae; cupins Isoptera: Termitidae; moscas Diptera; grilos e gafanhotos Orthoptera: Gryllidae, Acrididae, Tettigoniidae; bicho-pau Phasmatodea; louva-deus Mantodea; borboletas e mariposas (adultos e larvas) Lepidoptera; besouros Coleoptera: Bruchidae, Buprestidae, Curculionidae, Coccinillidae, Tenebrionidae; abelhas, vespas e formigas Hymenoptera: Apidae, Braconidae, Formicidae, Pompilidae; formigas-leão Neuropter; baratas Blattodea.

Comportamento e observações: Permanecem sobre as árvores e arbustos, geralmente sobre a água. Possuem hábitos diurnos.

Predadores: gralha-do-campo (*Cyanocorax cristatellus)*.

Reprodução: Ovíparos, colocam sete a 31 ovos. Reprodução registrada entre setembro e fevereiro.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil, onde possuem registros em Rondônia, Pará. Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Vitt & Lacher, 1981; França & Braz, 2009; Freitas, 2011; Garda et al., 2012; Benício et al., 2021; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Uchôa et al., 2022.

Polychrus liogaster Boulenger, 1908

Sinonímia recente: *Polychrus marmoratus liogaster*

Comprimento: comprimento total: até 55,8 cm; comprimento rostro-cloaca: até 15,2 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de várzea e florestas de terra firme.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (e.g. Hemiptera e Lepidoptera).

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas, permanecendo na maioria das vezes no dossel florestal. Durante a noite dormem em galhos até 5 m de altura do solo.

Reprodução: Ovíparos. Colocam até 10 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Peru, Equador e Brasil, onde possuem registros no Acre, Rondônia, Amazonas e Mato Grosso.

Fontes: Costa et al., 2021; Arteaga et al., 2022.

Polychrus marmoratus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 126-145 mm; comprimento total: até 65 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, bordas de florestas, clareiras, capoeiras e áreas alteradas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, flores e frutas.

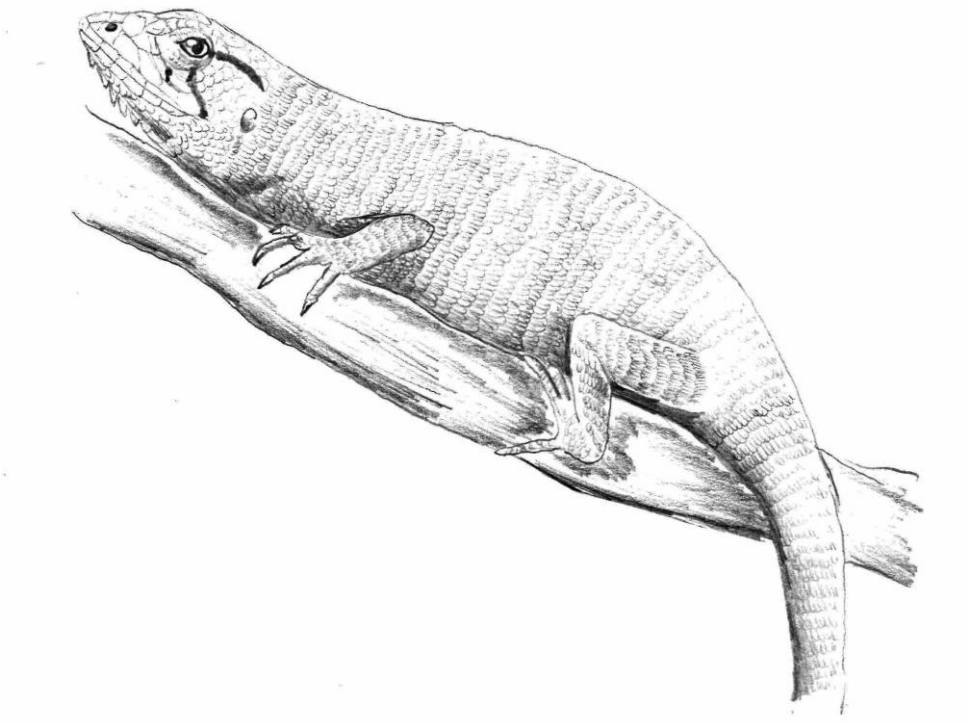
Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas e diurnos, podem ser encontrados dormindo na ponta de galhos finos acima de 2 m de altura. Quando ameaçados, estendem a papada e abrem a boca agressivamente, expondo o palato escuro.

Predadores: gatos domésticos; marsupiais *Caluromys lanatus*; primatas *Callithrix geoffroyi, Cebus robustus, Sapajus robustus, Sapajus xanthosternos*; aves gavião-urubu (*Buteo albonotatus*), gavião-branco (*Pseudastur albicollis*); serpentes *Oxybelis fulgidus, Rhinobothryum lentiginosum*, *Chironius multiventris, Leptophis ahaetulla, Leptophis coeruloedorsus, Siphlophis cervinus, Siphlophis compressus.*

Reprodução: Ovíparos, colocam quatro a 13 ovos. Reprodução ocorre ao longo de todo o ano. Os ovos são depositados em fendas nas árvores ou na serapilheira.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Suriname e Brasil, onde possuem registros em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Vitt et al., 2008; Scartozooni et al., 2009; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Arruda et al., 2015; Koski et al., 2016; Costa et al., 2021; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022; Uchôa et al., 2022.



Polychrus marmoratus

Família Tropiduridae

Família de lagartos de pequeno tamanho, tendo entre 5,7 cm e 17,7 cm da ponta do rostro até a cloaca. Possuem hábitos diurnos e heliofílicos, sendo arborícolas, terrícolas ou saxícolas. São ovíparos. Alimentam-se de artrópodes, também de flores e frutas.

Fontes: O'Shea, 2021.

Eurolophosaurus amathites (Rodrigues, 1984)

Sinonímia recente: *Tropidurus amathites*

Comprimento: 12 cm.

Habitat: Ocorrem na caatinga, nas dunas do Rio São Francisco.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas e folhas.

Dentre os insetos consomem: formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos Hemiptera; besouros Coleoptera; cupins Isoptera; larvas de Lepidoptera; baratas Blattodea.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos. Permanecem sobre a serrapilheira, abaixo de áreas arbustivas.

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Xavier et al., 2021; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Eurolophosaurus divaricatus (Rodrigues, 1986)

Sinonímia recente: *Tropidurus divaricatus*

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas com solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e flores.

Dentre os insetos consomem: formigas Hymenoptera: Formicidae; besouros Coleoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Eurolophosaurus nanuzae (Rodrigues, 1981)

Sinonímia recente: *Tropidurus nanuzae*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: lagarto *Tropidurus montanus.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Reis et al., 2017; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Plica plica (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Tropidurus plica*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 94-180 mm; comprimento total: até 49,3 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas não perturbadas, florestas de terra firme e florestas aluviais.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, centopeias, milípedes, escorpiões, minhocas e lagartos (*Gonatodes*).

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; grilos e gafanhotos Orthoptera: Tettigoniidae, Acrididae; percevejos e cigarras Hemiptera: Miridae, Reduviidae, Coreidae, Aradidae, Cydnidae, Pentatomidae, Cercopidae; besouros Coleoptera: Cantharidae, Tenebrionidae, Passalidae, Scarabaeidae, Cerambycidae, Chrysomelidae, Curculionidae; moscas Diptera: Asilidae; abelhas, formigas e vespas Hymenoptera: Ichneumonidae, Formicidae, Sphecidae, Megachilidae, Apidae.

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas e diurnos, preferindo árvores de grande porte. Eventualmente podem ser encontrados em

superfícies verticais de afloramentos rochosos na floresta. Podem ocorrer até 40 m de altura acima do solo. Quando ameaçados podem realizar tanatose, se fingindo de mortos. Para se proteger também costumam correr subindo troncos, escondendo-se em buracos em árvores e também podem mergulhar por até 14 minutos.

Predadores: serpentes *Rhinobothryum lentiginosum, Phrynonax sexcarinatus, Siphlophis compressus*; anfíbios *Ceratophrys cornuta.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam um a cinco ovos, colocados em troncos podres de palmeiras no solo ou entre folhas caídas de palmeiras em superfícies elevadas. A oviposição ocorre duas a três vezes por ano e a incubação dura dois a três meses. Os machos defendem seus territórios afugentando outros machos ou usando exibições visuais.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Equador, Guiana, Suriname, Peru e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Vitta, 1991; Vitt et al., 2008; Morato et al., 2014; Arruda et al., 2015; Costa-Campos & Anaissi, 2020; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Plica umbra umbra (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Tropidurus umbra*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 94-100 mm. Comprimenot total: até 32,4 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, florestas de várzea, capoeiras, bordas de florestas e áreas alteradas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, milípedes e crustáceos (Isopoda).

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; percevejos Hemiptera: Reduviidae; besouros Coleoptera: Platypodidae, Cerambycidae, Chrysomelidae; borboletas e mariposas Lepidoptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas e diurnos, permanecem no tronco de árvores de médio e pequeno porte. Eventualmente podem ser observados em deslocamentos no solo. Durante a noite dormem até 4 m do solo.

Predadores: aves limpa-folha-de-sobre-ruivo (*Philydor erythrocercum*); mamíferos sagui *Cebuella pygmaea*; serpentes *Rhinobothryum lentiginosum, Phrynonax sexcarinatus, Chironius, Bothrops, Siphlophis cervinus*.

Reprodução: Colocam de um a quatro ovos; a reprodução pode ocorrer ao longo de todo o ano. Podem fazer ninhos comunitários.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Vitt et al., 1997; Vitt et al., 2008; Cerqueira et al., 2011; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Arruda et al., 2015; Guilherme et al., 2016; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Plica umbra ochrocollaris (Spix, 1825)

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Stenocercus albolineatus Teixeira Jr., Prates, Nisa, Silva, Strüssmann & Rodrigues, 2016

Sinonímia recente: *Stenocercus caducus, Stenocercus sinesaccus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia e Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Stenocercus azureus (Müller, 1882)

Sinonímia recente: *Proctotretus azureus*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 68-80 mm.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas e se deslocam rapidamente. Quando capturado, pode ser agressivo.

Predadores: serpentes *Pseudablades patagoniensis, Lygophis anomalus*.

Reprodução: Ovíparos. Oviposição possivelmente em janeiro. Colocam seis a nove ovos.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem em São Paulo, Paraná e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Panzera & Maneyro, 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Stenocercus caducus (Cope, 1862)

Sinonímia recente: *Ophryoessoides caducus*

Comprimento: rostro-cloaca: 80-83 mm.

Habitat: Ocorrem em cerrado, matas ciliares e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, minhocas, crustáceos (Isopoda), ácaros, aranhas, escorpiões, milípedes e centopeias.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; tesourinhas Dermaptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos Hemiptera; libélulas Odonata; grilos e gafanhotos Orthoptera; cupins Isoptera.

Reprodução: Reprodução registrada entre outubro e janeiro. Colocam de dois a quatro ovos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná.

Fontes: Ávila et al., 2008; Silva et al., 2010; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Stenocercus canastra Avila-Pires, Nogueira & Martins, 2019

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado aberto com vegetação herbácea, campo limpo, campo sujo, campos rupestres, em altitudes entre 1350 e 1410 m.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais (Serra da Canastra).

Fontes: Guedes et al., 2023.

Stenocercus dumerilii (Steindachner, 1867)

Sinonímia recente: *Stenocercus tricristatus, Ophryoessoides tricristatus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará, Tocantins e Maranhão.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Stenocercus fimbriatus Avila-Pires, 1995

Sinonímia recente: *Ophryoessoides aculeatus*

Distribuição: Ocorrem no Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre e Amazonas. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Stenocercus quinarius Nogueira & Rodrigues, 2006

Comprimento: até 15 cm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Stenocercus roseiventris Duméril & Bibron, 1837

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Acre e na Rondônia.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Stenocercus sinesaccus Torres-Carvajal, 2005

Sinonímia recente: *Sternocercus caducus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso e Goiás.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Stenocercus squarrosus Nogueira & Rodrigues, 2006

Comprimento: até 15 cm.

Habitat: Ocorrem em platôs elevados.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas e pseudoescorpiões.

Dentre os insetos consomem: formigas Hymenoptera: Formicidae; besouros Coleoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Piauí e Ceará.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Stenocercus tricristatus (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)

Sinonímia recente: *Ophryoessoides tricristatus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Strobilurus torquatus Wiegmann, 1834

Sinonímia recente: *Tropidurus strobilurus*

Comprimento: até 15 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e florestas semiáridas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, centopeias, ácaros e escorpiões.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos Hemiptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e arborícolas.

Reprodução: Ovíparos, colocam um a três ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus callathelys Harvey & Gutberlet, 1998

Habitat: Afloramentos rochosos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Tropidurus catalanensis Gudynas & Skuk, 1983

Sinonímia recente: *Tropidurus torquatus catalanensis*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 127 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas com afloramentos rochosos em proximidade de rios.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados, como aranhas (Araneae), besouros (Coleoptera), formigas (Hymenoptera: Formicidae), grilos (Orthoptera), borboletas e mariposas (Lepidoptera), gastrópodes, miriápodes e vegetais (flores e sementes). Eventualmente podem predar outros répteis como *Teius* e *Mabuya,* também praticar canibalismo.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, deslocam-se em grande velocidade tanto no solo quanto em galhos de árvores. Podem ser observados em grupos termorregulando sobre rochas. São bastante territoriais.

Predadores: serpente *Bothrops moojeni*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; López, 2021; Gava-Just, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus cocorobensis Rodrigues, 1987

Comprimento: até 15 cm.

Habitat: Ocorrem na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, escorpiões, pseudoescorpiões, gastrópodes, flores, folhas e pequenos lagartos (e.g. *Scriptosaura*).

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; moscas Diptera; besouros Coleoptera; percevejos e cigarras Hemiptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; louva-deus Mantodea; grilos e gafanhotos Orthoptera; bicho-pau Phasmatodea.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Predadores: serpentes *Oxybelis aeneus, Pseudoboa nigra, Dryophylax phoenix.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Almeida et al., 2009; Freitas, 2011; Oliveira & Nunes, 2020; Oliveira et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Costa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Almeida et al., 2023; Caldas et al., 2024.

Tropidurus chromatops Harvey & Gutberlet, 1998

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Tropidurus erythrocephalus Rodrigues, 1987

Comprimento: até 15 cm.

Habitat: Ocorrem em campos rupestres.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas, saxícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus etheridgei Cei, 1982

Sinonímia recente: *Tropidurus hispidus*

Comprimento: rostro-cloaca: 67-72 mm. Comprimento total: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, centopeias, opiliões, minhocas, frutas, escorpiões e pequenos vertebrados.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera: Acrididae, Gryllidae; percevejos e cigarras Hemiptera: Pentatomidae, Lygaeidae, Coreidae; besouros Coleoptera: Carabidae, Coccinellidae, Stephylinidae, Cerambycidae, Tenebrionidae, Buprestidae; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae, Apidae, Pompilidae, Sphecidae, Vespidae; moscas Diptera; louva-deus Mantodea; cupins Isoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrestres e diurnos.

Reprodução: Reprodução registrada entre setembro e janeiro. Colocam de dois a nove ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Cruz, 1997; Cruz et al., 1998; Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus helenae (Manzani & Abe, 1990)

Sinonímia recente: *Tapinurus helenae*

Comprimento: até 15 cm.

Habitat: Ocorrem em afloramentos rochosos.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas e insetos.

Dentre os insetos consomem: cupins Isoptera; besouros Coleoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Piauí.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus hispidus (Spix, 1825)

Sinonímia recente: *Tropidurus torquatus hispidus*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 68-124 mm; até 320 mm de comprimento total.

Habitat: Ocorrem em afloramentos rochosos e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, centopeias, gastrópodes, crustáceos (Isopoda), pseudoescorpiões, milípedes, pequenos lagartos, anfibênias, anfíbios, pequenas aves, matéria vegetal (e.g. folhas e sementes) e frutas (e.g. *Pilosocereus*). Podem praticar canibalismo.

Dentre os lagartos consomem: *Hemidactylus, Colobosaura, Ameiva* (juvenil), *Ameivula, Tropidurus, Norops, Phyllopezus, Gonatodes, Brasiliscincus, Hemidactylus, Microblepharus.*

Dentre as aves consomem: *Todirostrum, Eupetomena, Chlorostilbon*.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; Collembola; besouros Coleoptera; moscas Diptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos e cigarras Hemiptera; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; Thysanura; Embioptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos. Como forma de afastar predadores, podem defecar quando manipulados.

Predadores: aranha *Lasiodora klugi*, serpentes *Philodryas nattereri, Philodryas olfersii, Adelphostigma occipitalis, Oxybelis aeneus, Oxyrhopus trigeminus, Pseudoboa nigra, Erythrolamprus poecilogyrus, Siphlophis leucocephalus, Bothrops erythromelas, Crotalus durissus ruruima*; lagarto *Salvator merianae*; aves rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*); de juvenis: aves corruíra (*Troglodytes musculus*), serpentes *Drymarchon corais.*

Reprodução: Reprodução registrada ao longo de todo o ano, principalmente entre abril e setembro. Colocam até seis ovos.

Distribuição: Ocorrem no Amapá, Roraima, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Prieto et al., 1976; Vitt et al., 2008; Kolodiuk et al., 2010; Orofino et al., 2010; Mesquita et al., 2011; Ribeiro & Freire, 2011; Sales et al., 2011; Freitas, 2011; Vieira et al., 2012; Silva et al., 2013; Prudente et al., 2014; Maia-Carneiro et al., 2016; Ferreira et al., 2017; Pergentino et al., 2017; Mikalauskas et al., 2017; Serrano et al., 2019; Silva et al., 2019; Fernandes et al., 2020; Sousa et al., 2020; Maia-Carneiro & Rocha, 2020; Benício et al., 2021; Mascarenhas-Junior et al., 2021; Neto et al., 2021; Oliveira et al., 2021; Sousa et al., 2021; Pucca et al., 2021; Coelho-Lima et al., 2022; Costa et al., 2022; Porto et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Sousa et al., 2023; Esqueda et al., 2023; Silva et al., 2023; Claro et al., 2024; Silva et al., 2024; Cabral et al., 2025; Oda et al., 2025.

Tropidurus hygomi Reinhardt & Luetken, 1861

Comprimento: rostro-cloaca: 4,8-7,0 cm. Comprimento total: 15 cm.

Peso: 4-13 g.

Habitat: Ocorrem em restingas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos lagartos, flores (e.g. *Cereus*) e frutas (e.g. *Melocactus*). Praticam canibalismo.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábito terrícola, se ocultam em meio à areia.

Predadores: sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*), jiboia *Boa constrictor*; lagarto *Glaucomastix abaetensis*; serpentes *Oxybelis aeneus, Oxyrhopus trigeminus*.

Reprodução: Juvenis registrados entre julho e dezembro. Ovos registrados também em janeiro. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Sergipe e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Vieira et al., 2013; Xavier & Dias, 2015; Pergentino et al., 2017; Caldas et al., 2021; Bomfim et al., 2021; Silva & Tinoco, 2021; Silva et al., 2021; Costa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Cabral et al., 2025.

Tropidurus imbituba Kunz & Borges-Martins, 2013

Comprimento: 74-125 mm.

Habitat: Ocorrem no costão rochoso da Praia da Vila, em Imbituba (SC).

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados, como aranhas (Araneae), besouros (Coleoptera) e grilos (Orthoptera).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: lagarto *Salvator merianae*.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre agosto e outubro.

Distribuição: Ocorrem em Santa Catarina (Imbituba).

Fontes: Gava-Just, 2022; Just et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Souza et al., 2024; Souza et al., 2024b.

Tropidurus insulanus Rodrigues, 1987

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará, no Tocantins e no Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Tropidurus itambere Rodrigues, 1987

Comprimento: rostro-cloaca: 67-76 mm.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, ácaros, aranhas, milípedes, centopeias, gastrópodes, pequenos lagartos e matéria vegetal.

Dentre os lagartos consomem: *Ameivula, Tropidurus*.

Dentre os insetos consomem: vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos e cigarras Hemiptera; cupins Isoptera; besouros Coleoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; moscas Diptera; Thysanoptera; Psocoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; baratas Blattodea; formigas-leão Neuroptera; Collembola.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Quando ameaçados podem realizar tanatose, se fingindo de mortos.

Predadores: serpente *Pseudoboa nigra*.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um a oito ovos. Filhotes registrados entre janeiro e maio.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Sluys, 1993; Sluys, 1993b; Orofino et al., 2010; Nunes et al., 2012; Pergentino et al., 2017; Sousa et al., 2021; Lipinski et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus jaguaribanus Passos, Lima & Borges-Nojosa, 2011

Comprimento: rostro-cloaca: 48,4-94 mm.

Habitat: Ocorrem em afloramentos rochosos de caatinga arbórea.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, gastrópodes, pequenos lagartos e folhas.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; moscas Diptera; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; libélulas Odonata; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Piauí e Ceará.

Fontes: Alcantara et al., 2018; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus lagunablanca Carvalho, 2016

Sinonímia recente: *Tropidurus tarara, Tropidurus guarani*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Tropidurus montanus Rodrigues, 1987

Comprimento: rostro-cloaca: 30,5-98 mm.

Habitat: Ocorrem em afloramentos rochosos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, pseudoescorpiões, centopeias, flores, frutos, sementes e

lagartos (e.g. *Rachisaurus* e *Eurolophosaurus*). Praticam canibalismo.

Dentre os insetos consomem: formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; percevejos e cigarras Hemiptera; besouros Coleoptera; cupins Isoptera; Psocoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre agosto e janeiro. Colocam um a seis ovos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Goiás, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Sluys et al., 2002; Sluys et al., 2004; Pergentino et al., 2017; Reis et al., 2017; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus mucujensis Rodrigues, 1987

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em campos rupestres.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus oreadicus Rodrigues, 1987

Comprimento: rostro-cloaca: 28-58 mm. Comprimento total: 20 cm.

Habitat: Ocorrem em afloramentos rochosos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, ácaros, pseudoescorpiões, centopeias, matéria vegetal (frutas, flores, sementes, folhas) e pequenos lagartos. Praticam canibalismo.

Dentre os lagartos consomem: *Tropidurus, Microblepharus, Cercosaura*.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; moscas Diptera; percevejos e cigarras Hemiptera; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; borboletas e mariposas Lepidoptera; louva-deus Mantodea; grilos e gafanhotos Orthoptera; cupins Isoptera; formigas-leão Neuroptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres e diurnos.

Predadores: serpente *Oxybelis fulgidus.*

Reprodução: Ovíparos, colocam dois a seis ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Meira et al., 2007; Rocha & Siqueira, 2008; Scartozzoni et al., 2009; Freitas, 2011; Pergentino et al., 2017; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus pinima (Rodrigues, 1984)

Sinonímia recente: *Tapinurus pinima*

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em afloramentos rochosos em áreas de vegetação arbustiva.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (e.g. formigas e besouros), flores e frutas (e.g. Cactaceae: *Melocactus*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem no Pernambuco e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Xavier & Dias, 2017; Xavier & Dias, 2017b; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus psammonastes Rodrigues, Kasahara & Yonenaga-Yasuda, 1988

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem principalmente nas dunas do Rio São Francisco.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes, como formigas Hymenoptera: Formicidae.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus semitaeniatus (Spix, 1825)

Sinonímia recente: *Platynotus semitaeniatus, Tapinurus semitaeniatus, Tapinurus scutipunctatus*

Comprimento: rostro-cloaca: 38-139 mm.

Habitat: Ocorrem em locais com rochas expostas na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, insetos, gastrópodes, pseudoescorpiões, centopeias, minhocas, crustáceos (Isopoda), lagartos, escorpiões, frutas (*Pilosocereus*) e sementes.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; Collembola; tesourinhas Dermaptera; Diplura; moscas Diptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos e cigarras Hemiptera; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; Thysanura; Embioptera; Collembola; libélulas Odonata.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos. Como forma de afastar predadores, podem defecar quando manipulados.

Predadores: serpentes *Oxybelis aeneus, Dryophylax phoenix.*

Reprodução: Ovíparos, colocam um a três ovos. Reprodução registrada entre novembro e março.

Distribuição: Ocorrem no Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Kolodiuk et al., 2010; Ribeiro & Freire, 2011; Ribeiro et al., 2012; Ferreira et al., 2017; Pergentino et al., 2017; Maia-Carneiro & Rocha, 2020; Silva et al., 2021; Costa et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Almeida et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus sertanejo Sena, Peloso, Machado, Montesinos, Silva, Campbell & Rodrigues, 2016

Habitat: Ocorrem em matas secas e caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidurus torquatus (Wied, 1820)

Comprimento: 20 cm.

Habitat: Ocorrem em afloramentos rochosos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, milípedes, centopeias, aranhas, escorpiões, gastrópodes, crustáceos (Isopoda), pequenos lagartos, serpentes (*Erythrolamprus*) e matéria vegetal (flores, frutos, sementes e folhas). Podem praticar canibalismo.

Dentre os lagartos consomem: *Hemidactylus, Tropidurus, Brasiliscincus, Gymnodactylus, Ameivula, Psychosaura.*

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; moscas Diptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos e cigarras Hemiptera; cupins Isoptera; louva-deus Mantodea; formiga-leão Neuroptera; libélulas Odonata; grilos e gafanhotos Orthoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera.

Dentre as frutas consomem: *Chomelia, Coleocephalocereus, Ficus, Smilax.*

Comportamento e observações: Forrageiam esperando invertebrados passarem próximo de si.

Predadores: tucanuçu (*Ramphastos toco*), sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*), serpentes *Oxyrhopus petolarius, Philodryas mattogrossensis, Oxyrhopus trigeminus, Pseudoboa nigra*.

Reprodução: Reprodução registrada entre agosto e fevereiro. Colocam dois ovos e podem realizar até três posturas por estação reprodutiva. Os ninhos podem conter até 14 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Colômbia, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Maranhão,

Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Wiederhecker et al., 2002; Carvalho et al., 2007; Kiefer et al., 2008; Orofino et al., 2010; Sales et al., 2011; Freitas, 2011; Siqueira et al., 2013; Pietczak et al., 2013; Pergentino et al., 2017; Filho et al., 2017; Koski et al., 2018; Souza et al., 2021; Sousa et al., 2021; Couto & Miguel, 2021; Oliveira et al., 2022; Martinelli, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Cabral et al., 2025.

Uracentron azureum azureum (Linnaeus, 1758)

Comprimento: Comprimento rostro-cloaca: até 87 mm.

Peso:

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias.

Alimentação: Alimentam-se de formigas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas e diurnos, podem se esconder em cavidades em árvores.

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Colômbia e Brasil; ocorrem no Amapá, Amazonas, Pará e Maranhão.

Fontes: Vitt et al., 2008; Morato et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Uracentron azureum guentheri Boulenger, 1895

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados.

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Morato et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Uracentron azureum werneri Mertens, 1925

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados.

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, na Colômbia e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Morato et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Uracentron flaviceps (Guichenot, 1855)

Sinonímia recente: *Tropidurus flaviceps*

Comprimento: rostro-cloaca: 83-130 mm; comprimento total: até 19,2 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme e florestas sazonalmente inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas e centopeias.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; percevejos e cigarrinhas Hemiptera: Cicadellidae, Reduviidae; besouros Coleoptera: Cerambycidae, Curculionidae; abelhas e formigas Hymenoptera: Apidae, Formicidae; gafanhotos Orthoptera; moscas Diptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas e diurnos. Ocorrem em troncos, galhos e cupinzeiros arbóreos em áreas florestais. Podem ser encontrados até 40 m acima do solo.

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos, mas podem fazer ninhos comunitários, quando são encontrados até 14 ovos. A reprodução possivelmente ocorre ao longo de todo o ano e são poligínicos. Os machos defendem seus territórios fazendo exibições visuais.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia e Amazonas. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Vitt & Zani, 1996b; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Uranoscodon superciliosus* (Linnaeus, 1758)**

Sinonímia recente: *Tropidurus superciliosa*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 160 mm.

Habitat: Ocorrem em margens de corpos-d'água, como igarapés, igapós, rios e lagos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e minhocas (Rhinodrilidae).

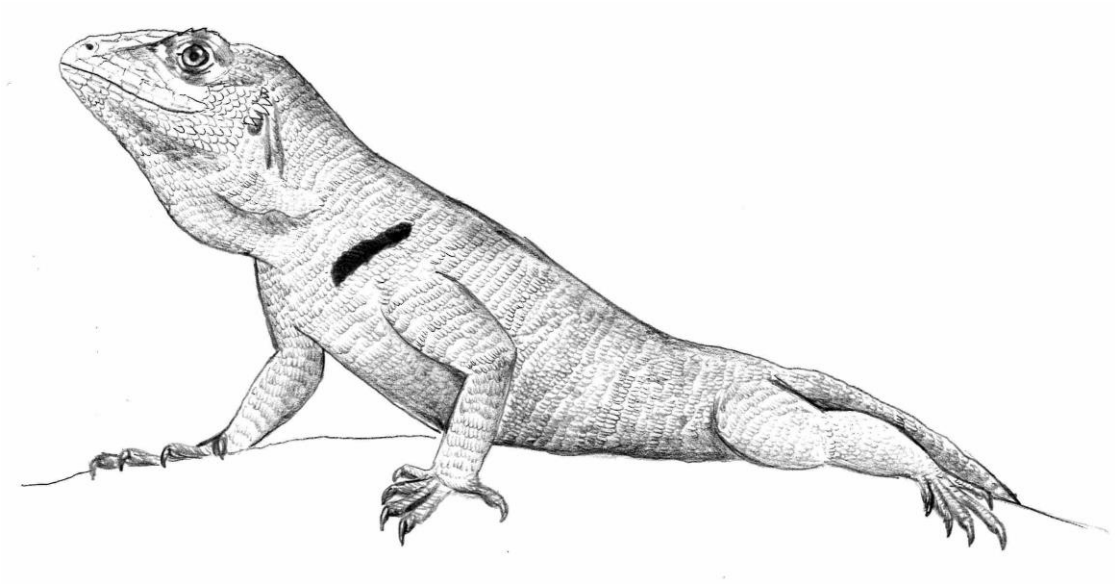
Comportamento e observações: Possuem hábitos semiarborícolas e diurnos. Permanecem sobre troncos de árvores pequenas, galhos e cipós, muitas vezes sobre a água durante a noite. Não se afastam muito da água.

Predadores: serpente *Oxybelis fulgidus, Mastigodryas boddaerti.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam de três a 14 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Vitt et al., 2008; Freitas, 2011; Siqueira et al., 2012; Morato et al., 2014; Picelli et al., 2019; Toro-Orozco et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.



Tropidurus torquatus

Família Diploglossidae

Família de lagartos de hábitos terrestres e fossoriais; algumas espécies podem ser arborícolas. Possuem entre 60 mm e 360 mm. São diurnos, crepusculares ou noturnos. Algumas espécies, como as do gênero *Ophiodes* spp., são vivíparas ou ovovivíparas, a depender da fonte de informação, dando à luz dois a cinco filhotes. Outras espécies, como *Diploglossus* spp., são ovíparas. Alimentam-se de artrópodes, como insetos e aranhas.

Fontes: O'Shea, 2021.

Diploglossus fasciatus (Gray, 1831)

Comprimento: 25 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Podem ser encontrados no nível do solo sobre a serrapilheira e, eventualmente, também realizando comportamentos arborícolas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Acre, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Freitas, 2011; Domic et al., 2015; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Champagne et al., 2024.

Diploglossus lessonae Peracca, 1890

Comprimento: rostro-cloaca: 60-162 mm. Comprimento total: 25 cm.

Peso: 54 g.

Habitat: Ocorrem em áreas semi-áridas de caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas (Theraphosidae), opiliões, escorpiões (Buthidae) e, possivelmente, minhocas.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera: Carabidae, Scarabaeidae, Tenebrionidae; tesourinhas Dermaptera; baratas Blattodea.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres, semi-fossoriais e diurnos. Encontrados sob pedras, troncos, na serrapilheira ou dentro do solo, até 1 m de profundidade. Quando ameaçados, para fugir, comprimem os membros contra o corpo e movem-se como uma serpente.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um a sete ovos. Oviposição registrada em julho e juvenis registrados em janeiro.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Vitt, 1985; Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Junior et al., 2024.

Ophiodes fragilis (Raddi, 1820)

Sinonímia recente: *Ophiodes yacupoi*

Comprimento: rostro-cloaca: 23 cm.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, geralmente associados com florestas e áreas úmidas.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Possuem hábitos criptozoicos, diurnos e ocasionalmente noturnos.

Predadores: seriema (*Cariama cristata*), anu-branco (*Guira guira*).

Reprodução: Vivíparos ou ovovivíparos, a depender da fonte, dando à luz cinco a treze filhotes. Reprodução ocorre entre fevereiro e junho. Com nascimento dos filhotes ocorrendo entre agosto e outubro. A gestação dura no mínimo cinco meses.

Distribuição: Ocorrem na Argentina e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Pizzatto, 2005; Borges-Martins et al., 2013; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Dias et al., 2023.

Ophiodes enso **Entiauspe-Neto, Quintela, Regnet, Teixeira, Silveira & Loebmann, 2017**

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Ophiodes striatus **(Spix, 1825)**

Sinonímia recente: *Ophiodes fragilis*

Comprimento: rostro-cloaca: até 260 mm.

Peso: 52,7 g.

Habitat: Ocorrem em pastagens e florestas úmidas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, centopeias, crustáceos (Isopoda), vegetais, serpentes e pequenos lagartos (e.g. *Brasiliscincus*).

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; grilos e gafanhotos Orthoptera; Thysanoptera; larvas de Lepidoptera; larvas de Coleoptera; cupins Isoptera; moscas Diptera; abelhas e formigas Hymenoptera: Formicidae.

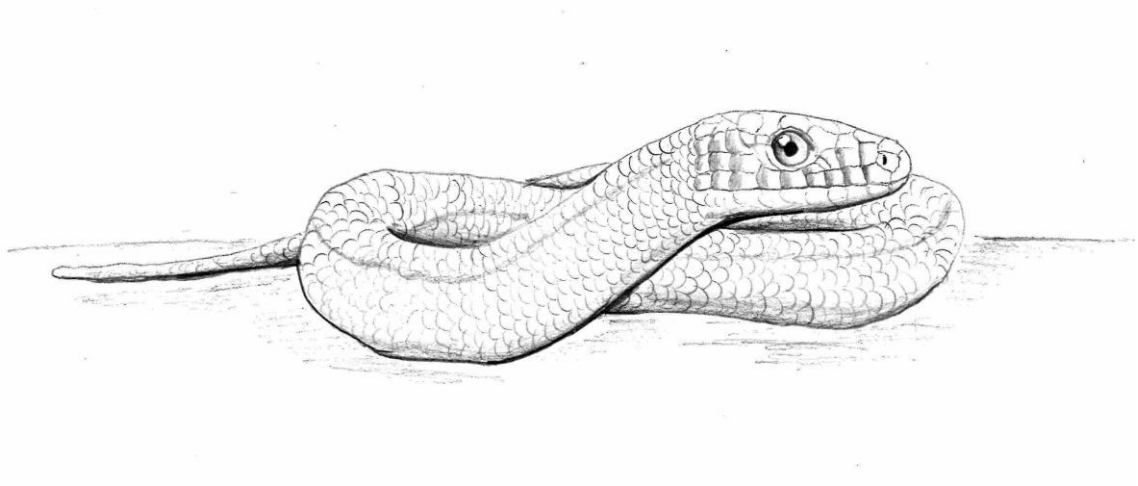
Comportamento e observações: Possuem hábitos fossoriais, diurnos e crepusculares. Abrigam-se embaixo de rochas. Como comportamento defensivo podem elevar a parte frontal do corpo seguidas vezes.

Predadores: serpentes *Oxyrhopus petolarius, Pseudablabes patagoniensis, Micrurus altirostris, Micrurus corallinus*.

Reprodução: Reprodução registrada entre outubro e janeiro. Algumas fontes consideram como vivíparos, dando à luz três a 12 filhotes. Outras fontes (Uchôa et al, 2022), consideram como sendo ovípara, colocando três a 10 ovos. Outras fontes como ovovivíparos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Barros & Teixeira, 2007; Rodriguez et al., 2018; Entiauspe-Neto et al., 2018; Pimenta et al., 2019; Dubeux et al., 2020; Santiago et al., 2021; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.



Ophiodes fragilis

Família Alopoglossidae

Lagartos de hábitos terrestres ou fossoriais, ocorrendo na serrapilheira ou na vegetação baixa. São diurnos e preferem locais sombreados, sendo heliofóbicos. Possuem de 33 mm a 80 mm. São ovíparos, colocando de um a dois ovos. Alimentam-se de artrópodes, como insetos e aranhas.

Fontes: O'Shea, 2021.

Alopoglossus amazonius Ruthven, 1924

Sinonímia recente: *Alopoglossus angulatus*

Comprimento: rostro-cloaca: 34,6-62 mm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia.

Fontes: Ribeiro-Junior et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alopoglossus angulatus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 55,4-64 mm.

Peso: 4 g.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias. Geralmente em ambientes próximos da água.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, ácaros, pseudoescorpiões, opiliões, crustáceos (Isopoda), moluscos e matéria vegetal.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; grilos e gafanhotos Orthoptera; percevejos e cigarras Hemiptera; besouros Coleoptera; moscas Diptera; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; Collembola; Lepidoptera; Psocoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Encontrados na serrapilheira de áreas úmidas como margens de alagados, perto de riachos e áreas inundadas periodicamente. Quando ameaçados, se ocultam na serrapilheira, em abrigos ou mergulham na água quando próximos desta. Podem realizar tanatose, se fingindo de mortos.

Predadores: anfíbio *Leptodactylus pentadactylus.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos, em locais de solo arenoso onde a luz solar atinge o chão, como perto de troncos de grandes árvores, parte alta de barrancos de riachos e áreas de solo exposto perto de árvores caídas. Reprodução registrada na estação chuvosa.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Equador, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Amazonas e Pará. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Vitt et al., 2007; Vitt et al., 2008; Morato et al., 2014; Couto & Menin, 2014; Costa-Campos & Anaissi, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alopoglossus atriventris Duellman, 1973

Comprimento: rostro-cloaca: 45 mm. Comprimento total: 14,7 cm.

Peso: 2 g.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas primárias, florestas moderadamente perturbadas, plantações sombreadas e pântanos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, ácaros, pseudoescorpiões, milípedes, crustáceos (Isopoda) e moluscos.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; grilos e gafanhotos Orthoptera; louva-deus Mantodea; bicho-pau Phasmatodea; cigarras Hemiptera; besouros Coleoptera; moscas Diptera; Collembola; Psocoptera.

Comportamento e observações: Geralmente se movem na serrapilheira na base de grandes troncos e raízes tabulares, mas também podem subir em troncos de árvores com menos de um metro de altura. Passam a maior parte da vida na sombra, apenas ocasionalmente indo ao sol.

Predadores: serpentes *Bothrocophias hyoprora, Bothrops brazili, Bothrops taeniatus*.

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Peru, no Equador, na Colômbia e no Brasil, onde ocorrem em Roraima, Acre, Rondônia e Amazonas.

Fontes: Vitt et al., 2007; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alopoglossus avilapiresae Ribeiro-Júnior, Choueri, Lobos, Venegas, Torres-Carvajal & Werneck, 2020

Comprimento: rostro-cloaca: 36,1-58,7 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, várzea e florestas montanas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Acre e no Amazonas.

Fontes: Ribeiro-Junior et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alopoglossus buckleyi (O'Shaughnessy, 1881)

Comprimento: comprimento total até: 15,9 cm; comprimento rostro-cloaca: 6,8 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Comportamento e observações: Forrageiam na serrapilheira ou em raízes até 20 cm do solo.

Predadores: serpentes *Xenoxybelis argenteus*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre e Amazonas.

Fontes: Pereira et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alopoglossus brevifrontalis (Boulenger, 1912)

Sinonímia recente: *Ptychoglossus brevifrontalis*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 65 mm; comprimento total: até 16,9 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e clareiras próximas da borda da floresta.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas e insetos (adultos e larvas).

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, criptozoicos, semifossoriais e terrícolas. Encontrados na serrapilheira, onde forrageiam. Se escondem sob troncos e pedras.

Predadores: anfíbios *Ceratophrys cornuta*; serpentes *Taeniophallus brevirostris.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos. Fêmeas em estado de reprodução registradas ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Venezuela, Guiana, Suriname e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Morato et al., 2014; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alopoglossus collii Ribeiro-Júnior, Choueri, Lobos, Venegas, Torres-Carvajal & Werneck, 2020

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia e Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Alopoglossus gansorum Ribeiro-Júnior, Sánchez-Martínez, Moraes, Oliveira, Carvalho, Pavan, Choueri, Werneck & Meiri, 2021

Comprimento: rostro-cloaca: 30,9-61,6 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. São encontrados sobre a serrapilheira.

Distribuição: Ocorrem no Amazonas.

Fontes: Ribeiro-Junior et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alopoglossus indigenorum Ribeiro-Júnior, Sánchez-Martínez, Moraes, Oliveira, Carvalho, Pavan, Choueri, Werneck & Meiri, 2021

Comprimento: rostro-cloaca: 54,6-59,4 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme e florestas inundáveis.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Podem ser encontrados sobre a serrapilheira no solo.

Distribuição: Ocorrem no Acre e Amazonas.

Fontes: Ribeiro-Junior et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alopoglossus meloi Ribeiro-Júnior, 2018

Comprimento: rostro-cloaca: 38,6-57,2 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas abertas e secas, platôs, áreas de reflorestamento, florestas densas próximas da água, florestas de terra firme e florestas sazonalmente inundáveis.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Podem ser encontrados sobre a serrapilheira no solo.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Amazonas e Pará.

Fontes: Ribeiro-Junior, 2018; Ribeiro-Junior et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alopoglossus tapajosensis Ribeiro-Júnior, Sánchez-Martínez, Moraes, Oliveira, Carvalho, Pavan, Choueri, Werneck & Meiri, 2021

Comprimento: rostro-cloaca: 48,2-56,7 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas sazonalmente inundáveis.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Podem ser encontrados sobre a serrapilheira no solo.

Distribuição: Ocorrem no Pará.

Fontes: Ribeiro-Junior et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alopoglossus theodorusi Ribeiro-Júnior, Meiri & Fouquet, 2018

Comprimento: rostro-cloaca: 33,8-59,6 mm.

Habitat: Ocorrem próximo de córregos em florestas primárias.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa e no Brasil, onde ocorrem no Amapá.

Fontes: Ribeiro-Junior et al., 2020; Ribeiro-Junior et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Família Gymnophthalmidae

Família composta por lagartos de hábito terrestre, semifossorial ou fossorial, algumas espécies podem ser aquáticas, sendo diurnas e algumas espécies ocasionalmente noturnas. Possuem de 27,5 a 121 mm. Alimentam-se de artrópodes como insetos e aranhas. Algumas espécies são especializadas em comer formigas e outras podem comer pequenos lagartos. Acredita-se que todas as espécies são ovíparas, colocando de um a dois ovos. Algumas espécies de *Gymnophthalmus* e *Leposoma* são partenogenéticas, com fêmeas que produzem ovos férteis.

Ocorrem em áreas florestais, clareiras, cerrado, caatinga, afloramentos rochosos, margens de córregos e banhados.

Fontes: Fitzgerald, 2003; O'Shea, 2021.

Calyptommatus confusionibus Rodrigues, Zaher & Curcio, 2001

Comprimento: rostro-cloaca: 71-72 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga com solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos e fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Piauí.

Fontes: Rodrigues et al., 2001; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Calyptommatus frontalis Marques-Souza, Silva-Soares, Ramiro, Castro & Rodrigues, 2022

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e noturnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Calyptommatus leiolepis Rodrigues, 1991

Comprimento: 8 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga com solo arenoso próximas ao Rio São Francisco.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes, como cupins Isoptera e besouros Coleoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e noturnos.

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem no Pernambuco e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Calyptommatus nicterus Rodrigues, 1991

Comprimento: 8 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga com solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes, como besouros Coleoptera: Tenebrionidae.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e noturnos.

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Calyptommatus sinebrachiatus Rodrigues, 1991

Comprimento: 8 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga com solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes, como besouros Coleoptera: Tenebrionidae.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e noturnos.

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Gymnophthalmus leucomystax Vanzolini & Carvalho, 1991

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, na Guiana e no Brasil, onde ocorrem em Roraima.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Gymnophthalmus underwoodi Grant, 1958

Predadores: lagarto *Cnemidophorus lemniscatus*, sabiás *Turdus plumbeus* [não ocorrente no Brasil].

Reprodução: Aparentemente todos os indivíduos da espécie são fêmeas, se reproduzindo por partenogênese. Colocam de um a quatro ovos. A incubação dura mais de 60 dias.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Guiana, Suriname, Barbados, Trinidad e Tobago, Martinica e outras ilhas caribenhas e no Brasil, onde ocorrem em Roraima e Amazonas.

Fontes: Hardy et al., 1989; Jairam, 2016; Reyes, 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Gymnophthalmus vanzoi Carvalho, 1997

Comprimento: rostro-cloaca: 17,29-38,96 mm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Reprodução registrada principalmente entre junho e agosto, também em janeiro e abril, para as fêmeas e para os machos ao longo de todo o ano, principalmente entre junho e janeiro. Considerando-se que sua reprodução ocorre ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem em Roraima, Amapá e Pará. Possível ocorrência na Guiana.

Fontes: Silva-da-Silva et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrablepharus atticolus Rodrigues, 1996

Comprimento: 33-40 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, matéria vegetal e opiliões.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; grilos e gafanhotos Orthoptera; besouros Coleoptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos Hemiptera; cupins Isoptera; louva-deus Mantodea.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Quando ameaçados, pode realizar autotomia da cauda ou realizar tanatose, fingindo-se de mortos.

Predadores: serpentes *Oxybelis aeneus.*

Reprodução: Colocam um a três ovos.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Mesquita et al., 2018; Costa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Brito Filho et al., 2024.

Micrablepharus maximiliani (Reinhardt & Luetken, 1862)

Comprimento: rostro-cloaca: 37-38 mm. Comprimento total: 8 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e semiabertas de cerrado e caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e aranhas.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera; baratas Blattodea; besouros Coleoptera; moscas Diptera; Hymenoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrestres e diurnos. Forrageiam na serrapilheira.

Predadores: lagartos *Tropidurus oreadicus, Tropidurus hispidus*; serpentes *Oxyrhopus trigeminus*.

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Bolívia, Peru e Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2011; Vechio et al., 2014; Pergentino et al., 2017; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Claro et al., 2024; Cabral et al., 2025.

Nothobachia ablephara Rodrigues, 1984

Comprimento: 8 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de dunas da caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (Isoptera e Orthoptera) e aranhas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais, diurnos e noturnos.

Predadores: serpentes *Rodriguesophis iglesiasi.*

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem no Piauí, em Pernambuco e na Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Santos et al., 2012; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Procellosaurinus erythrocercus Rodrigues, 1991

Comprimento: 8 cm.

Habitat: Ocorrem em dunas do Rio São Francisco na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas e insetos (Orthoptera e Thysanura).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Piauí, em Pernambuco e na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Procellosaurinus tetradactylus Rodrigues, 1991

Habitat: Ocorrem nas dunas do Rio São Francisco na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos.

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Psilops mucugensis Rodrigues, Recoder, Teixeira Jr., Roscito, Guerrero, Nunes, Freitas, Fernandes, Bocchiglieri, Dal Vechio, Leite, Nogueira, Damasceno, Pellegrino, Argôlo & Amaro, 2017

Habitat: Ocorrem em áreas abertas de grandes altitudes, florestas abertas semi-decíduas e campos rupestres.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Rodrigues et al., 2017; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Psilops paeminosus (Rodrigues, 1991)

Sinonímia recente: *Psilophthalmus paeminosus*

Habitat: Ocorrem em áreas de caatingas com solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas e insetos (Blattodea e Hemiptera).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Sergipe, na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Psilops seductus Rodrigues, Recoder, Teixeira Jr., Roscito, Guerrero, Nunes, Freitas, Fernandes, Bocchiglieri, Dal Vechio, Leite, Nogueira, Damasceno, Pellegrino, Argôlo & Amaro, 2017

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado, eventualmente em plantações de *Pinus* e *Eucalyptus*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Rodrigues et al., 2017; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Scriptosaura catimbau Rodrigues & Santos, 2008

Comprimento: 8 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga com solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos.

Predadores: lagarto *Tropidurus cocorobensis.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pernambuco.

Fontes: Freitas, 2011; Oliveira & Nunes, 2020; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tretioscincus agilis (Ruthven, 1916)

Sinonímia recente: *Calliscincopus agilis*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 65 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, capoeiras, campinaranas, bordas de floresta e áreas antropizadas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e principalmente terrícolas. Podem ser observados expostos ao sol, perto de árvores caídas, borda de floresta, em clareiras, em troncos de árvores, principalmente com cavidades e lianas, até 2 m de altura.

Predadores: serpente *Oxyrhopus melanogenys*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Morato et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Garcia-da-Silva, 2024.

Tretioscincus oriximinensis Avila-Pires, 1995

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 5,5 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e secundárias, capoeiras, bordas de florestas e áreas antropizadas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas, encontrados na serrapilheira e em áreas rochosas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Colômbia e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Morato et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Vanzosaura multiscutata (Amaral, 1933 “1932”)

Sinonímia recente: *Gymnophthalmus multiscutatus*

Comprimento: rostro-cloaca: 33,75-35,91 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga e algumas de cerrado, em áreas abertas com solo arenoso ou rochoso.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes, como aranhas, baratas e cupins.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus mossoroensis, Philodryas nattereri, Oxyrhopus trigeminus*; ave rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*).

Reprodução: Ovíparos. Reprodução ocorre ao longo de todo o ano. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Vitt, 1982; Recoder et al., 2014; Sales et al., 2020; Silva-Santos et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Pessoa et al., 2024; Cabral et al., 2025.

Vanzosaura rubricauda (Boulenger, 1902)

Sinonímia recente: *Gymnophthalmus rubricaudus, Gymnophthalmus rubricauda*

Comprimento: rostro-cloaca: 33-37 mm. Comprimento total: 6 cm.

Habitat: Ocorrem em formações abertas de cerrado com solo arenoso.

Comportamento e observações: Possuem hábitos fossoriais.

Predadores: serpente *Philodryas nattereri.*

Reprodução: Ovíparos. Atividade reprodutiva das fêmeas entre outubro e janeiro e para os machos entre setembro e janeiro.

Distribuição: No Brasil ocorrem Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Fontes: Cruz, 1994; Freitas, 2011; Mesquita et al., 2011; Recoder et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Vanzosaura savanicola Recoder, Werneck, Teixeira Jr., Colli, Sites & Rodrigues, 2014

Comprimento: rostro-cloaca: 34-36 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e de cerrado com solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados (e.g. aranhas).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Podem ser encontrados sobre a serrapilheira de áreas de vegetação herbácea.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução na estação chuvosa. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Recoder et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Caparaonia itaiquara Rodrigues, Cassimiro, Pavan, Curcio, Verdade & Pellegrino, 2009

Habitat: Ocorrem em áreas abertas montanhosas do Parque Nacional do Caparaó, acima de 1873 m de altitude.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos, mas possivelmente podem fazer ninhos coletivos.

Distribuição: Ocorrem no Espírito Santo e Minas Gerais.

Fontes: Rodrigues et al., 2009; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Colobodactylus dalcyanus Vanzolini & Ramos, 1977

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Colobodactylus taunayi Amaral, 1933 "1932"

Comprimento: 40-50 mm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: serpentes *Bothrops insularis.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Marques et al., 2012; Gava-Just, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Heterodactylus imbricatus Spix, 1825

Habitat: Ocorrem na serrapilheira de florestas de encostas e restingas.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados, como gafanhotos (Orthoptera), besouros (Coleoptera) e formigas (Hymenoptera: Formicidae).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Gava-Just, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Heterodactylus lundii Reinhardt & Luetken, 1862

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Heterodactylus septentrionalis Rodrigues, Freitas & Silva, 2009

Comprimento: rostro-cloaca: 52 mm. Comprimento total: 10 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado aberto e campos rupestres com solo arenoso em platôs da 1.100 m de altitude da Serra do Sincorá.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Rodrigues et al., 2009b; Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Acratosaura mentalis (Amaral, 1933 "1932")

Sinonímia recente: *Colobosaura mentalis*

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas arbustivas e solo arenoso de caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (Orthoptera) e escorpiões.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais, terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparo.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Acratosaura spinosa Rodrigues, Cassimiro, Freitas & Silva, 2009

Comprimento: 12 cm.

Habitat: Ocorrem em campos rupestres da Serra do Sincorá a 1.100 m de altitude.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais, terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Rodrigues et al., 2009c; Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Alexandresaurus camacan Rodrigues, Pellegrino, Dixo, Verdade, Pavan, Argôlo & Sites, 2007

Comprimento: rostro-cloaca: 66-70 mm. Comprimento total: 12 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e plantações de cacau.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Rodrigues et al., 2007; Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Colobosaura modesta (Reinhardt & Luetken, 1862)

Comprimento: 12 cm.

Habitat: Ocorrem em matas secas e savanas na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas e insetos (Blattodea e Orthoptera).

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas. Quando ameaçados, podem realizar tanatose, fingindo-se de mortos.

Predadores: lagarto *Tropidurus hispidus*; serpentes *Oxybelis aeneus, Oxyrhopus melanogenys, Adelphostigma occipitalis, Erythrolamprus reginae*; anfíbio *Leptodactylus chaquensis*; ave rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*).

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos por vez.

Distribuição: No Brasil ocorrem no Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Albarelli & Costa, 2010; Freitas, 2011; Pergentino et al., 2017; De-Carvalho et al., 2021; Costa et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Alves & Cavalcanti, 2024.

Iphisa elegans elegans Gray, 1851

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 70 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (e.g. Blattaria e Orthoptera), aranhas, escorpiões e vegetais.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e semifossoriais. Encontrados na serrapilheira, são mais ativos quando a luz solar atinge esses locais. Quando ameaçados, podem realizar tanatose, fingindo-se de mortos.

Reprodução: Colocam dois ovos, podendo ser depositados em galhos ou troncos em decomposição.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Vitt et al., 2008; Morato et al., 2014; Machado-Filho et al., 2018; Conceição, 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Iphisa elegans soinii Dixon, 1974

Sinonímia recente: *Iphisa soinii*

Distribuição: Ocorrem no Peru, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Acre e Amazonas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Rondonops biscutatus Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza & Rodrigues, 2015

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e ecótono entre floresta e cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Silva et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Rondonops xanthomystax Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza & Rodrigues, 2015

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Amazonas e Pará.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Stenolepis ridleyi Boulenger, 1887

Comprimento: rostro-cloaca: 48,4-53,8 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e brejos de altitude.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e aranhas.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; cupins Isoptera; besouros Coleoptera; vespas Hymenoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

Fontes: Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Quirino et al., 2024.

Cercosaura anordosquama Sturaro, Rodrigues, Colli, Knowles & Avila-Pires, 2018

Sinonímia recente: *Cercosaura ocellata*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: No Brasil ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Cercosaura argulus Peters, 1862

Sinonímia recente: *Prionodactylus argulus, Cercosaura argula*

Comprimento: comprimento total: até 14,6 cm; comprimento rostro-cloaca: 4,8 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, bordas de florestas, florestas de terra firme, florestas sazonalmente inundadas, plantações de banana, áreas de pastagens com árvores e clareiras.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, milípedes e moluscos.

Comportamento e observações: Permanecem no solo, são ativos durante o dia, durante os horários mais quentes. Também pode ser encontrado em arbustos baixos e em clareiras florestais expostas ao sol. Já foram encontrados até 10 m acima do solo da floresta. Quando ameaçados podem realizar tanatose, se fingindo de mortos.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada em junho. Colocam de dois a três ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Guiana Francesa e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Maranhão. Possível ocorrência no Suriname e na Guiana.

Fontes: Castro-Herrera et al., 2007; Costa-Campos & Anaissi, 2020; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Herrera-Alzate, 2023.

Cercosaura bassleri Ruibal, 1952

Sinonímia recente: *Cercosaura ocellata bassleri*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia e Amazonas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Cercosaura eigenmanni (Griffin, 1917)

Sinonímia recente: *Prionodactylus eigenmanni*

Habitat: Ocorrem em florestas e áreas abertas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Freitas et al., 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Cercosaura ocellata Wagler, 1830

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 7,0 cm. Comprimento total: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, campinaranas, clareiras e bordas de florestas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas.

Predadores: aranha *Ctenus amphora*; serpentes *Erythrolamprus poecilogyrus*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Peru, Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Andrade et al., 2020; Pereira et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Cercosaura olivacea (Gray, 1845)

Sinonímia recente: *Cercosaura ocellata petersi*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 60 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e brejos nordestinos na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e cripzoicos, encontrados sob rochas e em meio à serrapilheira.

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Fontes: Borges et al., 2017; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Cercosaura oshaughnessyi (Boulenger, 1885)

Sinonímia recente: *Prionodactylus oshaughnessyi*

Comprimento: comprimento total: até 16,6 cm; comprimento rostro-cloaca: até 5,1 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas de terra firme, florestas sazonalmente inundadas, bordas de florestas e plantações de banana.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, milípedes, crustáceos (Isopoda) e moluscos.

Dentre os insetos consomem: Collembola; grilos e gafanhotos Orthoptera; baratas Blattodea; louva-deus Mantodea; bicho-pau Phasmatodea; percevejos e cigarras Hemiptera; besouros Coleoptera; moscas Diptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; Hymenoptera; Thysanura; Psocoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas, mas também podem ser encontrados a baixa altura em troncos. Ocasionalmente podem ser ativos durante a noite. À noite podem dormir em galhos até 2 m acima do nível do solo.

Predadores: serpente *Xenoxybelis argenteus.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos em solo macio ou formigueiros. Reprodução ocorre mais de uma vez no ano.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Colômbia, Equador, Guiana Francesa e Brasil, onde ocorrem no Acre e Amazonas.

Fontes: Vitt et al., 2003; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Cercosaura parkeri Ruibal, 1952

Sinonímia recente: *Pantodactylus parkeri*

Comprimento: rostro-cloaca: 30,87-48 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas abertas e cerrado.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Barreto et al., 2012; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Cercosaura quadrilineata Boettger, 1876

Sinonímia recente: *Pantodactylus quadrilineata, Pantodactylus quadrilineatus, Cercosaura quadrilineatus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Cercosaura schreibersii schreibersii Wiegmann, 1834

Sinonímia recente: *Pantodactylus schreibersii*

Comprimento: rostro-cloaca: 24-43,5 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, áreas pedregosas e terrenos baldios próximos de ocupações urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, carrapatos e crustáceos.

Dentre os insetos consomem: cigarras e percevejos Hemiptera; besouros Coleoptera; moscas Diptera; Collembola;

grilos e gafanhotos Orthoptera; baratas Blattaria; Hymenoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Encontrados sob rochas, troncos e outros materiais. Possui hábitos diurnos, terrícolas e criptozoicos.

Predadores: de adultos: serpentes *Pseudablabes patagoniensis, Adelphostigma occipitalis, Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus, Oxyrhopus rhombifer, Micrurus altirostris;* lagarto *Tropidurus oreadicus*; aranhas *Lycosa erythrognatha*; aves maria-faceira (*Syrigma sibilatrix*).

Reprodução: Reprodução registrada entre agosto e fevereiro. Colocam dois ovos, mas podem ocorrer posturas coletivas com quatro a 11 ovos. Os ovos podem ser colocados sozinhos ou em ninhos comunitários onde são encontrados até 25 ovos. Podem realizar múltiplas desovas.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Balestrin et al., 2010; Borges et al., 2017; Bressan et al., 2017; Pergentino et al., 2017; Rodriguez et al., 2018; Quintela & Loebmann, 2019; Glória et al., 2020; Quintela et al., 2020; Gava-Just, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Cercosaura schreibersii albostrigata (Griffin, 1917)

Sinonímia recente: *Pantodactylus schreibersii albostrigatus*

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, com rochas expostas até áreas suburbanas.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Encontrados sob rochas, troncos e outros materiais. Possui hábitos diurnos, terrícolas e criptozoicos.

Reprodução: Reprodução registrada entre novembro e dezembro. Ovípara. Realiza uma postura por ano, com dois ovos.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Borges et al., 2017; Williams et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Neusticurus arekuna Kok, Bittenbinder, van den Berg, Marques-Souza, Nunes, Laking, Teixeira Jr., Fouquet, Means, MacCulloch & Rodrigues, 2018

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela e no Brasil, onde ocorrem em Roraima.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Neusticurus bicarinatus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 109 mm.

Habitat: Ocorrem ao longo de cursos-d'água florestais.

Alimentação: Alimentam-se de caramujos, insetos, aranhas, milípedes e pequenos peixes.

Comportamento e observações: Encontrados em barrancos de igarapés, serrapilheira úmida desses ambientes e áreas pantanosas inundadas. Forrageiam perto da água. Quando ameaçados podem realizar tanatose, se fingindo de mortos.

Predadores: serpente *Siphlophis compressus, Helicops angulatus*.

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos, ninho encontrado cerca de 1 m acima do nível da água em igarapé.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Vitt et al., 2008; Campos, 2017; Costa-Campos & Anaissi, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Neusticurus medemi Dixon & Lamar, 1981

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Neusticurus racenisi Roze, 1958

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela e no Brasil, onde ocorrem em Roraima e Amazonas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Neusticurus surinamensis Müller, 1923

Sinonímia recente: *Neusticurus rudis, Neusticurus dejongi*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 9,5 cm.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e igapós.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e semiaquáticos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: No Brasil ocorrem no Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Placosoma cipoense Cunha, 1966

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Placosoma cordylinum cordylinum Tschudi, 1847

Habitat: Ocorrem na serrapilheira de áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Placosoma cordylinum champsonotus (Werner, 1910)

Habitat: Ocorrem na serrapilheira de áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados, como aranhas (Araneae), besouros (Coleoptera) e grilos (Orthoptera).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

Fontes: Gava-Just, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Placosoma glabellum (Peters, 1870)

Sinonímia recente: *Placosoma glabella*

Comprimento: 52 mm.

Habitat: Ocorrem em árvores, arbustos, bromélias e no chão de áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados, como aranhas (Araneae), besouros (Coleoptera) e crustáceos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos. Para se protegerem de predadores, podem realizar tanatose, fingindo-se de mortos.

Predadores: serpente *Siphlophis pulcher*.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada em dezembro. Colocam um a dois ovos, em ninhos solitários ou comunais.

Distribuição: Ocorrem no Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Muscat et al., 2016; Migliore et al., 2020; Gava-Just, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Placosoma limaverdorum Borges-Nojosa, Caramaschi & Rodrigues, 2016

Habitat: Ocorrem em brejos nordestinos na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos. Também podem ser encontrados em troncos de árvores.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Ceará.

Fontes: Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Potamites ecpleopus (Cope, 1875)

Sinonímia recente: *Neusticurus ecpleopus*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 8,5 cm; comprimento total: até 17,6 cm.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias, igapós, florestas e clareiras.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados, girinos e lagartos (*Norops* e *Loxopholis*). Podem praticar canibalismo.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e semiaquáticos. Forrageiam na serapilheira, rochas e troncos ao longo ou ao redor de áreas pantanosas, riachos, córregos e cachoeiras. Quando ameaçados, fogem e submergem na água.

Predadores: serpentes *Drymoluber dichrous*, *Helicops angulatus*, *Oxyrhopus leucomelas*, *Bothrocophias hyoprora.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos, mas podem fazer ninhos comunitários com até cinco ovos. Os ninhos ficam em troncos caídos próximos da água. Reprodução ocorre ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Bolívia, Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Morato et al., 2014; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Potamites juruazensis (Avila-Pires & Vitt, 1998)

Sinonímia recente: *Neusticurus juruazensis*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre e Amazonas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Bachia bresslaui (Amaral, 1935)

Comprimento: 20 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado, em ambientes com serrapilheira sobre o solo ou solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, escorpiões e insetos (formigas e besouros), também de matéria vegetal.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Colli et al., 1998; Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bachia cacerensis Castrillon & Strüssmann, 1998

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso e Goiás.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Bachia didactyla Freitas, Strüssmann, Carvalho, Kawashita-Ribeiro & Mott, 2011

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado com solo arenoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia e Mato Grosso.

Fontes: Freitas et al., 2011b; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bachia dorbignyi (Duméril & Bibron, 1839)

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru, na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas e Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Bachia flavescens (Bonnaterre, 1789)

Sinonímia recente: *Bachia monodactylus parkerii, Bachia monodactylus, Bachia cophias*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 67-80 mm.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados.

Comportamento e observações: Possuem hábitos fossoriais e diurnos, sendo encontrados na serrapilheira, sob objetos caídos no chão e em formigueiros de saúvas.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um ovo.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Vitt et al., 2008; Morato et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bachia geralista Teixeira Jr., Recoder, Camacho, Sena, Navas & Rodrigues, 2013

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. São encontrados em área de serrapilheira. Possuem hábitos diurnos e noturnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Teixeira et al., 2013; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bachia micromela Rodrigues, Pavan & Curcio, 2007

Habitat: Ocorrem em florestas semidecíduas no cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins.

Fontes: Rodrigues et al., 2007; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bachia oxyrhina Rodrigues, Camacho, Nunes, Recoder, Teixeira Jr., Valdujo, Ghellere, Mott & Nogueira, 2008

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado com solo arenoso, como campo sujo com árvores esparsas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (e.g. besouros Coleoptera).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins.

Fontes: Rodrigues et al., 2008; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bachia panoplia Thomas, 1965

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 82 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas bem drenadas e baixios perto de igarapés.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Roraima, Amazonas e Pará.

Fontes: Vitt et al., 2008; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bachia peruana (Werner, 1901)

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre e Amazonas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Bachia psamophila Rodrigues, Pavan & Curcio, 2007

Habitat: Ocorrem no cerrado e nas florestas de galeria.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins.

Fontes: Rodrigues et al., 2007; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bachia pyburni Kizirian & McDiarmid, 1998

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Bachia remota Ribeiro-Júnior, Silva & Lima, 2016

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. São encontrados sobre a serrapilheira.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Amapá.

Fontes: Ribeiro-Junior et al., 2016; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bachia scaea Teixeira Jr., Dal Vechio, Nunes, Mollo Neto, Lobo, Storti, Gaiga, Dias & Rodrigues, 2013

Habitat: Ocorrem em florestas de várzea.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. São encontrados em meio à serrapilheira.

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Acre e Rondônia.

Fontes: Teixeira Jr. et al., 2013b; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bachia scolecoides Vanzolini, 1961

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará e Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Bachia trisanale (Cope, 1868)

Sinonímia recente: *Bachia vermiformis*

Comprimento: comprimento total: até 19,9 cm; comprimento rostro-cloaca: 7,9 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, bordas de florestas e clareiras.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, minhocas e centopeias.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e fossoriais.

Predadores: serpentes *Micrurus helleri, Siphlophis cervinus, Adelphostigma occipitalis.*

Reprodução: Ovíparo. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Colômbia, Equador, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Acre.

Fontes: Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amapasaurus tetradactylus Cunha, 1970

Comprimento: rostro-cloaca: 21 mm.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, no Suriname e no Brasil, onde ocorrem no Amapá e no Pará.

Fontes: Jairam & Jairam-Doerga, 2015; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Anotosaura collaris Amaral, 1933 "1932"

Habitat: Ocorrem na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos, fossoriais e semifossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Rodrigues et al., 2013; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Anotosaura vanzolinia Dixon, 1974

Sinonímia recente: *Anotosaura collaris vanzolinia*

Comprimento: 8 cm.

Habitat: Ocorrem na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes, como formigas Formicidae, cupins Isoptera e besouros Coleoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos, terrícolas e fossoriais.

Reprodução: Ovíparos, colocam dois ovos por vez.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Arthrosaura kockii (Lidth de Jeude, 1904)

Comportamento e observações: Quando ameaçados podem realizar tanatose, se fingindo de mortos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Suriname, Guiana Francesa e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Costa-Campos & Anaissi, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Arthrosaura reticulata (O'Shaughnessy, 1881)

Sinonímia recente: *Ptychoglossus picticeps,*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 71 mm. Comprimento total: até 19,7 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas tropicais úmidas primárias, florestas de terra firme primárias e secundárias, igapós e florestas inundadas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Encontrados na serrapilheira, aparentemente mais próximo de riachos. Quando ameaçados se escondem na serrapilheira, embaixo de troncos ou entre raízes. Também podem realizar tanatose, se fingindo de mortos, ou mergulhar para fugir de predadores.

Predadores: serpentes *Drymoluber dichrous, Oxyrhopus occipitalis, Oxyrhopus vanidicus, Bothrops atrox, Micrurus obscurus.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam dois ovos. Reprodução ocorre em diferentes épocas do ano.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Equador, Bolívia, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Vitt et al., 2008; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Costa-Campos & Anaissi, 2020; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Arthrosaura versteegii van Lidth de Jeude, 1904

Sinonímia recente: *Arthrosaura reticulata versteegii*

Habitat: Ocorrem em áreas de savana e áreas de floresta primária.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada em novembro. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Suriname, Guiana Francesa e Brasil, onde ocorrem no Pará.

Fontes: Avila-Pires et al., 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Colobosauroides carvalhoi Soares & Caramaschi, 1998

Habitat: Ocorrem em formações arbóreas da caatinga e áreas de ecótono entre caatinga e cerrado.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes, como baratas Blattodea, cupins Isoptera e grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Piauí e Bahia.

Fontes: Magalhães-Junior et al., 2017; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Colobosauroides cearensis Cunha, Lima-Verde & Lima, 1991

Comprimento: rostro-cloaca: 22,21-51,42 mm. Comprimento total: 10 cm.

Habitat: Ocorrem em ambientes arbóreos da caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, ácaros, pseudoescorpiões, insetos, gastrópodes, crustáceos (Isopoda) e pequenos lagartos (e.g. *Coleodactylus*).

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; tesourinhas Dermaptera; moscas Diptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos Hemiptera; cupins Isoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; Mecoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos.

Reprodução: Ovíparos. Oviposição ocorre entre abril e maio. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Piauí e Paraíba.

Fontes: Neta et al., 2019; Freitas, 2011; Medeiros et al., 2019; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dryadosaura nordestina Rodrigues, Freire, Pellegrino & Sites, 2005

Comprimento: rostro-cloaca: 42,7-45,4 mm. Comprimento total: 10 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas semidecíduas, matas secas e tabuleiros.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, centopeias, gastrópodes, minhocas e crustáceos.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; tesourinhas Dermaptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; percevejos Hemiptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais e diurnos.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução ocorre principalmente entre maio e junho. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Garda et al., 2014; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Ecpleopus gaudichaudii Duméril & Bibron, 1839

Comprimento: rostro-cloaca: 36,2 mm.

Habitat: Alimentam-se de aranhas, crustáceos (Isopoda), insetos e matéria vegetal.

Dentre os insetos consomem: efemérides Ephemeroptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; cupins Isoptera; percevejos Hemiptera; formigas Hymenoptera: Formicidae.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos.

Predadores: aranhas *Ctenus*.

Reprodução: Oviposição registrada em março. Colocam um ovo.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

Fontes: Maia et al., 2011; Pereira-Ribeiro et al., 2017; Migliore & Braz, 2020; Gava-Just, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leposoma annectans Ruibal, 1952

Comprimento: 7 cm.

Habitat: Mata Atlântica do sudeste da Bahia.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leposoma baturitensis Rodrigues & Borges, 1997

Comprimento: rostro-cloaca: 36 mm. Comprimento total: 7 cm.

Habitat: Ocorrem em enclaves de florestas montanas na caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais, terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos. Oviposição registrada em março. Colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Ceará e Alagoas.

Fontes: Freitas, 2011; Roberto & Albano, 2012; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leposoma nanodactylus Rodrigues, 1997

Comprimento: rostro-cloaca: 34 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Rodrigues, 1997; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leposoma puk Rodrigues, Dixo, Pavan & Verdade, 2002

Comprimento: rostro-cloaca: 38 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Rodrigues et al., 2002; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leposoma scincoides Spix, 1825

Comprimento: rostro-cloaca: 19,8-45,9 mm. Comprimento total: 7 cm.

Peso: 0,16-2,08 g.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas e crustáceos.

Dentre os insetos consomem: Collembola; baratas Blattodea; cupins Isoptera; besouros Coleoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; vespas e abelhas Hymenoptera: Apidae, Formicidae; moscas Diptera; larvas de Lepidoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais, terrícolas e diurnos. São encontrados sobre a serrapilheira. Quando ameaçados, podem realizar tanatose, fingindo-se de mortos.

Reprodução: Ovíparos, colocam um a dois ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Fontes: Teixeira & Fonseca, 2003; Freitas, 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Zocca et al., 2023.

Leposoma sinepollex Rodrigues, Teixeira Jr., Recoder, Dal Vechio, Damasceno & Pellegrino, 2013

Comprimento: rostro-cloaca: 28,2-30,5 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. São encontrados em meio à serrapilheira.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Rodrigues et al., 2013; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Loxopholis ferreirai (Rodrigues & Avila-Pires, 2005)

Sinonímia recente: *Leposoma ferreirai*

Habitat: Ocorrem em florestas inundáveis.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos. Oviposição registrada em fevereiro. Colocam dois ovos. Os ninhos ficam dentro de troncos em decomposição.

Distribuição: Ocorrem no Amazonas.

Fontes: Marques-Souza et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Loxopholis guianense (Ruibal, 1952)

Sinonímia recente: *Leposoma guianense*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 4,0 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, capoeiras e bordas de florestas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, noturnos e terrícolas, encontrados na serrapilheira.

Predadores: aranhas *Ancylometes rufus.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Morato et al., 2014; Figueiredo et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Loxopholis osvaldoi (Avila-Pires, 1995)

Sinonímia recente: *Leposoma osvaldoi*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Loxopholis percarinatum (Müller, 1923)

Sinonímia recente: *Leposoma percarinatum*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 37 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas pantanosas, florestas de várzea, perto de igarapés e florestas de terra firme.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e aranhas.

Dentre os insetos consomem: Hymenoptera; besouros Coleoptera; moscas Diptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; tesourinhas Dermaptera; percevejos e cigarras Hemiptera; baratas Blattodea; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Encontrados na serrapilheira. Possuem hábitos diurnos.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus reginae.*

Reprodução: Fêmeas são partenogenéticas, colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Vitt et al., 2008; Albarelli & Costa, 2010; Dias, 2012; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Loxopholis snethlageae (Avila-Pires, 1995)

Sinonímia recente: *Leposoma snethlageae*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: No Brasil ocorrem no Amazonas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Marinussaurus curupira Peloso, Pellegrino, Rodrigues & Avila-Pires, 2011

Comprimento: rostro-cloaca: 52,1-56,2 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Amazonas.

Fontes: Peloso et al., 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Rhachisaurus brachylepis (Dixon, 1974)

Sinonímia recente: *Anotosaura brachylepis*

Habitat: Ocorrem em áreas de savana com solo arenoso e rochoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: lagarto *Tropidurus montanus.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Pergentino et al., 2017; Gomides et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Riolama grandis Recoder, Prates, Marques-Souza, Camacho, Sales Nunes, Dal Vechio, Ghellere, McDiarmid & Rodrigues, 2020

Comprimento: rostro-cloaca: 37,7-87,8 mm.

Habitat: Região do Pantepui com vegetação arbustiva e bromélias.

Comportamento e observações: Ocorrem no solo e à baixa altura na vegetação.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Recoder et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Riolama stellata* Recoder, Prates, Marques-Souza, Camacho, Sales Nunes, Dal Vechio, Ghellere, McDiarmid & Rodrigues, 2020**

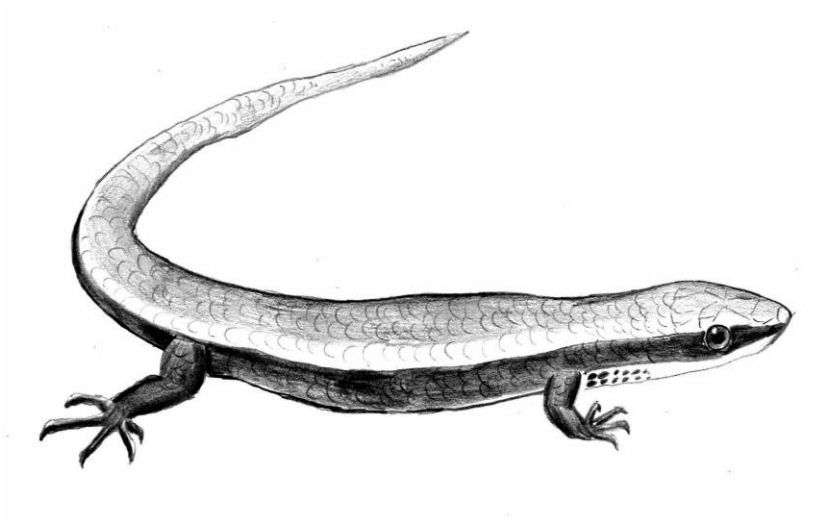
Comprimento: rostro-cloaca: 41,9-57,3 mm.

Habitat: Região do Pantepui com vegetação arbustiva e bromélias.

Comportamento e observações: Ocorrem no solo.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Recoder et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.



Micrablepharus maximiliani

Família Teiidae

Família composta por lagartos diurnos, terrestres e heliofílicos, ou seja, que preferem ambientes insolarados. Algumas espécies são semiarborícolas, aquáticas ou arborícolas. Ocorrem em cerrado, caatinga, desertos, áreas campestres, ambientes rochosos, florestas, lagos e rios. Possuem 52 mm a 614 mm de comprimento da ponta do rostro até a cloaca, considerando a cauda de 120 mm a 1300 mm de comprimento total. São ovíparos, colocando até 32 ovos e alguns podendo se reproduzir várias vezes no ano. A quantidade de ovos varia conforme o tamanho da fêmea. Algumas espécies colocam seus ovos no solo, em troncos caídos ou na serrapilheira, outras espécies como *Salvator merianae* controem ninhos de vegetais elaborados em suas tocas. Algumas espécies podem ser partenogenéticas.

Alimentam-se de artrópodes, como insetos e aranhas, pequenos répteis, pequenos mamíferos, aves, crustáceos, ovos, anfíbios, carniça, peixes, anelídeos e frutas. Costumam se abrigar em buracos no solo, que podem ser pré-existentes ou escavados por eles mesmos.

Não são territoriais e os territórios podem se sobrepor. Os machos são maiores do que as fêmeas.

Fontes: Fitzgerald, 2003b; O'Shea, 2021.

Ameiva ameiva ameiva (Linnaeus, 1758)

Comprimento: até 60 cm de comprimento total.

Habitat: Ocorrem em clareiras, borda de florestas, áreas abertas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, insetos, escorpiões, minhocas, anfíbios (e.g. *Leptodactylus*), crustáceos (Isopoda), matéria vegetal, milípedes, centopeias, gastrópodes, lagartos, ovos e peixes. Podem praticar canibalismo.

Dentre os lagartos consomem: *Ameivula, Gonatodes, Copeoglossum.*

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; percevejos Hemiptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; louva-deus Mantodea.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas e diurnos. Podem escavar buracos para usarem de abrigo. Costumam ser ativos durante as horas mais quentes do dia. Forrageiam movendo-se ativamente e constantemente.

Predadores: serpentes *Crotalus durissus, Mastigodryas pleii, Oxyrhopus trigeminus, Drymarchon corais, Boa constrictor, Oxybelis aeneus, Oxybelis fulgidus, Mastigodryas boddaerti, Rhinobothryum lentiginosum, Philodryas nattereri, Erythrolamprus aesculapii, Erythrolamprus poecilogyrus, Pseudoboa nigra, Micrurus frontalis, Bothrops erythromelas, Clelia clelia, Drymoluber dichrous, Erythrolamprus reginae, Pseudoboa coronata, Siphlophis compressus, Xenodon severus, Bothrops atrox*; garça-branca-grande (*Ardea alba*); gavião-caboclo (*Heterospizias meridionalis*); há o registro de 60 predadores dessa espécie.

Reprodução: A reprodução é contínua em locais com chuva contínua (Amazônia) ou imprevisível (Caatinga) e cíclica em áreas de clima sazonal (Cerrado). Colocam um a 11 ovos. A incubação dura de 129 a 140 dias.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Suriname, Guiana Francesa, Guiana, Venezuela, Bolívia, Equador, Peru, Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Colli, 1991; Silva et al., 2003; Carreira et al., 2005; Vitt et al., 2008; Scartozzoni et al., 2009; Maffei et al., 2009; Orofino et al., 2010; Mesquita et al., 2011; Sales et al., 2011b; Freitas, 2011; Santos & Vaz-Silva, 2012; Siqueira et al., 2012; Silva et al., 2013; Morato et al., 2014; Prudente et al., 2014; Arruda et al., 2015; Cabral et al.,

2019; Andrade et al., 2020; Benício et al., 2021; Sousa et al., 2021; Pommer-Barbosa et al., 2021; Costa et al., 2022; Arteaga et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023; Mourão et al., 2023; Silva et al., 2023; Silva et al., 2024; Quintana & Solé, 2025.

Ameiva jacuba Giugliano, Nogueira, Valdujo, Collevatti & Colli, 2013

Comprimento: rostro-cloaca: 102 mm.

Habitat: Ocorrem em vegetação de campo limpo no topo de chapadas e chapadões.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos. Oviposição registrada em setembro. Colocam três ovos.

Distribuição: Ocorrem no Goiás.

Fontes: Giugliano et al., 2013; Nascimento et al., 2015; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Ameiva parecis (Colli, Costa, Garda, Kopp, Mesquita, Péres, Valdujo, Vieira & Wiederhecker, 2003)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus parecis*

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas e insetos.

Dentre os insetos consomem: cupins Isoptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; besouros Coleoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos. Colocam até dois ovos.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia e Mato Grosso.

Fontes: Colli et al., 2003; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Ameivula cipoensis Arias, Carvalho, Zaher & Rodrigues, 2014

Comprimento: rostro-cloaca: 71,34 mm.

Habitat: Ocorrem no cerrado e nos campos rupestres da Serra do Cipó.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Arias et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Ameivula confusioniba (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus confusionibus*

Comprimento: rostro-cloaca: 71,51 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de afloramentos rochosos e solos arenosos na Serra das Confusões.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos. Abrigam-se embaixo de rochas, troncos caídos, serrapilheira e buracos no solo.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Piauí.

Fontes: Arias et al., 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Ameivula jalapensis (Colli, Giugliano, Mesquita & França, 2009)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus jalapensis*

Comprimento: rostro-cloaca: 56 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de solo arenoso de cerrado.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas e solifugos.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; moscas Diptera; percevejos e cigarras Hemiptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera; formigas-leão Neuroptera; grilos e gafanhotos Orthoptera: Gryllidae.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um ovo, mas podem realizar múltiplas posturas.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins e em Mato Grosso do Sul.

Fontes: Colli et al., 2009; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Ameivula mumbuca (Colli, Caldwell, Costa, Gainsbury, Garda, Mesquita, Filho, Soares, Silva, Valdujo, Vieira, Vitt, Werneck, Wiederhecker & Zatz, 2003)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus mumbuca*

Comprimento: 15 cm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins e Goiás.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Ameivula nativo (Rocha, Bergallo & Peccinini-Seale, 1997)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus nativo*

Comprimento: 15 cm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Predadores: lagarto *Tropidurus torquatus.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia e no Espírito Santo.

Fontes: Freitas, 2011; Pergentino et al., 2017; Guimarães & Srbek-Araujo, 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Ameivula nigrigula (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus nigrigula*

Comprimento: rostro-cloaca: 58,57-85 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga e ecótono entre caatinga e cerrado.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, gastrópodes, ácaros, insetos, flores e frutos.

Dentre os insetos consomem: formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; baratas Blattodea; cupins Isoptera; percevejos Hemiptera; besouros Coleoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; moscas Diptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos. Podem ser encontrados sobre a serrapilheira.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Sergipe, na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Xavier et al., 2019; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Firme et al., 2024.

Ameivula ocellifera (Spix, 1825)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus ocellifer*

Comprimento: até 20 cm de comprimento total.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, gastrópodes, pseudoescorpiões, centopeias, escorpiões, pequenos lagartos, flores, frutas (e.g. *Mormodica*) e folhas. Podem praticar canibalismo.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; Collembola; besouros Coleoptera; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; percevejos e cigarras Hemiptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; louva-deus Mantodea; grilos e gafanhotos Orthoptera; Thysanura; cupins Isoptera; libélulas Odonata; bicho-pau Phasmatodea.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas.

Predadores: lagartos *Tropidurus hispidus, Tropidurus itambere, Tropidurus torquatus, Ameiva ameiva*; serpente *Oxybelis aeneus*, *Phimophis guerini, Oxyrhopus trigeminus, Philodryas nattereri, Bothrops erythromelas, Dryophylax*

phoenix, Boa constrictor, Rodriguesophis iglesiasi; aves garça-branca-grande (*Ardea alba*), caburé (*Glaucidium brasilianum*), rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*), joão-bobo (*Nystalus chacuru*), gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*), gaviãozinho (*Gampsonyx swainsonii*), falcão-de-coleira (*Falco femoralis*), suiriri-caveleiro (*Machetornis rixosa*); mamífero gato-mourisco (*Herpailurus yagouaroundi*).

Reprodução: Ovíparos. Atividades reprodutivas registradas ao longo de todo o ano, com picos entre maio e julho. Colocam de um a cinco ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Mesquita et al., 2011; Freitas, 2011; Passos et al., 2013; Zanchi-Silva et al., 2014; Sales & Freire, 2015; Ferreira et al., 2017; Pergentino et al., 2017; Cabral et al., 2019; Benício et al., 2021; Silva et al., 2021; Sousa et al., 2021; Oliveira et al., 2022; Uchôa et al., 2022; Costa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023; Sousa et al., 2023; Almeida et al., 2023; Claro et al., 2024.

Ameivula pyrrhogularis (Silva & Avila-Pires, 2013)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus pyrrhogularis*

Habitat: Ocorrem em áreas de pastagens, afloramentos rochosos, bordas de florestas, cerrado e áreas de solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, como cupins Isoptera, besouros Coleoptera e borboletas e mariposas Lepidoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Maranhão, no Ceará, em Pernambuco e na Bahia.

Fontes: Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Ameivula xacriaba Arias, Teixeira Jr., Recoder, Carvalho, Zaher & Rodrigues, 2014

Comprimento: rostro-cloaca: 60,7-70,2 mm.

Habitat: Ocorrem em cerrado no Planalto dos Gerais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Piauí, na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Arias et al., 2014b; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Cnemidophorus cryptus Cole & Dessauer, 1993

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 6,5 cm.

Habitat: Ocorrem em bordas de florestas, clareiras, capoeiras, campinaranas, praias, áreas alteradas e áreas urbanas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas, são mais ativos entre 10:00h e 14:00h.

Predadores: serpente *Oxybelis fulgidus*.

Reprodução: Realizam partenogênese.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Suriname, Guiana Francesa e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Amazonas, Pará e Maranhão.

Fontes: Morato et al., 2014; Almeida et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Cnemidophorus gramivagus McCrystal & Dixon, 1987

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Cnemidophorus lemniscatus lemniscatus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: comprimento rostro-cloada machos: 48-86 mm; comprimento rostro-cloada fêmeas: 48-70 mm;

comprimento total macho: 350 mm; comprimento total fêmea: 290 mm.

Peso: machos: 6,6-17 g; fêmeas: 5-9,5 g.

Habitat: Ocorrem em áreas de vegetação baixa, clareiras de florestas, margens de corpos-d'água, campinaranas, praias e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de larvas de besouros, abelhas, larvas de borboletas e mariposas, aranhas, eventualmente matéria vegetal, como flores e sementes.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrestres, mas podem subir em pequenos arbustos. São diurnos com picos de atividades nas horas mais quentes do dia, entre 09:00h e 12:00h. Forrageiam de forma ativa.

Reprodução: Possuem reprodução sexual e também reprodução por partenogênese. Reproduzem-se várias vezes ao ano e colocam um a três ovos.

Predadores: serpentes *Mastigodryas melanolomus, Mastigodryas pleii, Mastigodryas boddaerti, Oxybelis aeneus.*

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Brasil, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Belize, Guatemala, Costa Rica, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Panamá e diversas ilhas caribenhas. No Brasil ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Amazonas e Pará.

Fontes: Siqueira et al., 2012; Grisales-Martínez & Rendón-Valencia, 2014; Morato et al., 2014; Señaris et al., 2018; Costa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Contomastix lacertoides (Duméril & Bibron, 1839)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus lacertoides, Contomastix charrua*

Comprimento: rostro-cloaca: 54,4-76,9 mm.

Habitat: Ocorrem na serrapilheira e ao nível do solo de restingas e pastagens pedregosas.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, ácaros, escorpiões, crustáceos (Isopoda) e insetos.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; percevejos Hemiptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; larvas de Lepidoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos. Se abrigam embaixo de rochas.

Predadores: serpente *Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus.*

Reprodução: Reprodução registrada entre outubro e dezembro. Os ovos são depositados embaixo de rochas ou em formigueiros de *Acromyrmex*. Colocam de dois a seis ovos.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai, na Argentina, na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Balestrin et al., 2010; Souza, 2017; Gava-Just, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Contomastix vacariensis (Feltrim & Lema, 2000)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus vacariensis*

Comprimento: rostro-cloaca: 48,8-81,8 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas rochosas de campos naturais.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos. Essa espécie está sendo ameaçada pela expansão da silvicultura de *Pinus* sobre áreas de campos nativos.

Reprodução: Ovíparos. Oviposição registrada em outubro e dezembro. Podem ovipor mais de uma vez na mesma estação reprodutiva. Colocam de três a cinco ovos.

Distribuição: Ocorrem no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Rezende-Pinto et al., 2009; Oliveira, 2018; Gava-Just, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Glaucomastix abaetensis (Dias, Rocha & Vrcibradic, 2002)

Sinonímia recente: *Ameivula abaetensis, Cnemidophorus abaetensis*

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em restingas no litoral da Bahia.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, centopeias, gastrópodes, crustáceos (Isopoda), escorpiões (*Tityus*), pequenos lagartos (e.g. *Tropidurus*), ovos e vegetais (*Byrsonima*).

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; cupins Isoptera; besouros Coleoptera; moscas Diptera; percevejos e cigarras Hemiptera; formigas, abelhas e vespas Hymenoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera (larvas e adultos); Megaloptera; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução ocorre de forma contínua, com picos entre setembro e março. Colocam um a três ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Vieira et al., 2013; Bonfim et al., 2021b; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Leite, 2023.

Glaucomastix cyanura (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus cyanurus, Ameivula cyanura*

Habitat: Ocorrem em campos rupestres com solos arenosos.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Glaucomastix itabaianensis Rosário, Santos, Arias, Rocha, Dias, Carvalho & Rodrigues, 2019

Habitat: Ocorrem em dunas de restingas.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados. Podem praticar canibalismo.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia e em Sergipe.

Fontes: Silva et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Glaucomastix littoralis (Rocha, Araújo, Vrcibradic & Costa, 2000)

Sinonímia recente: *Ameivula littoralis, Cnemidophorus littoralis*

Habitat: Ocorrem em áreas de restinga.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, pseudoescorpiões, pequenos vertebrados e matéria vegetal.

Dentre os insetos consomem: cupins Isoptera; besouros Coleoptera (adultos e larvas); borboletas e mariposas Lepidoptera (larvas); formigas-leão Neuroptera (adultos e larvas); percevejos e cigarras Hemiptera; moscas Diptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; baratas Blattodea; formigas Hymenoptera: Formicidae.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: lagarto *Tropidurus torquatus.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Rio de Janeiro.

Fontes: Menezes et al., 2006; Pergentino et al., 2017; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Glaucomastix venetacauda (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)

Sinonímia recente: *Cnemidophorus venetacaudus, Ameivula venetacaudus*

Habitat: Ocorrem em áreas de afloramentos rochosos e solos arenosos na Serra das Confusões.

Alimentação: Alimentam-se de insetos (Isoptera) e pseudoescorpiões.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres e diurnos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Piauí.

Fontes: Arias et al., 2011; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Kentropyx altamazonica (Cope, 1875)

Comprimento: comprimento total: até 36,5 cm; comprimento rostro-cloaca: até 11,4 cm.

Habitat: Ocorrem em margens de cursos-d'água em áreas florestais, florestas de várzea, florestas de terra firme e igapós.

Alimentação: Alimentam-se de moluscos, milípedes, centopeias, aranhas, escorpiões, ácaros e insetos.

Dentre os insetos consomem: libélulas Odonata; grilos e gafanhotos Orthoptera; louva-deus Mantodea; bicho-pau Phasmatodea; cigarras e percevejos Hemiptera; cupins Isoptera; borboletas e mariposas Lepidoptera; Thysanura; Psocoptera; Collembola; moscas Diptera; vespas e formigas Hymenoptera: Formicidae.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução possivelmente ao longo de todo o ano. Colocam dois ovos. Mas são encontradas ninhas com até 13 ovos. A incubação dura de 110 a 143 dias.

Distribuição: Ocorrem no Equador, Peru, Bolívia, Colômbia, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Vitt et al., 2001; Rojas et al., 2016; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Kentropyx calcarata Spix, 1825

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 119 mm. Comprimento total: 20 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas pouco perturbadas, próximas de igarapés ou clareiras naturais, florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, campinaranas, florestas e bordas de floresta.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, anfíbios, milípedes, moluscos, opiliões, centopeias, pequenos lagartos (e.g. *Norops*) e ovos de lagartos.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera: Acrididae, Gryllidae, Tetrigidae, Gryllacrididae, Tettigoniidae; louva-deus Mantodea; baratas Blattodea; cigarras Hemiptera: Cercopidae, Lygaeidae, Gelastocoridae, Fulgoridae, Issidae, Cicadellidae; besouros Coleoptera: Elateridae; formigas e vespas Hymenoptera: Braconidae, Ichneumonidae, Pompilidae, Formicidae, Sphecidae; borboletas e mariposas Lepidoptera: Noctuidae.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Forrageiam no solo, sobre galhos ou sobre troncos caídos.

Predadores: serpente *Rhinobothryum lentiginosum, Helicops angulatus, Bothrops atrox.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam de três a 11 ovos. Podem fazer ninhos comunais que podem ser usados por mais de um ano.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem nos estados da região Norte, Nordeste, também em Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo.

Fontes: Vitt, 1991; Vitt et al., 1997b; Vitt et al., 2008; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Arruda et al., 2015; Franzini et al., 2017; Teixeira et al., 2017; Bisneto & Kaefer, 2019; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Kentropyx paulensis (Boettger, 1893)

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado, cerradão, floresta estacional semidecidual e algumas áreas antropizadas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Queiroz et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Kentropyx pelviceps Cope, 1868

Comprimento: rostro-cloaca: 39-130 mm; comprimento total: até 37,9 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas de várzea, florestas alagadas e florestas de terra firme.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, milípedes, moluscos, escorpiões, anfíbios, ovos de lagartos e matéria vegetal.

Dentre os insetos consomem: grilos e gafanhotos Orthoptera: Acrididae, Gryllidae, Tettigoniidae, Tetrigidae, Gryllotalpidae; bicho-pau Phasmatodea; baratas Blattodea; cigarras Hemiptera: Fulgoridae.

Comportamento e observações: São encontrados na serrapilheira, também em galhos, troncos e árvores caídas. Possuem hábitos diurnos.

Predadores: de subadultos: formigas *Paraponera clavata,* serpentes *Oxyrhopus petolarius, Micrurus obscurus, Bothrops atrox.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam de três a oito ovos. Podem realizar mais de uma oviposição por estação reprodutiva.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, no Equador, no Peru, na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Acre, na Rondônia e no Amazonas.

Fontes: Vitt et al., 1995; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Swartwout et al., 2023; Vivanco-Montane et al., 2024.

Kentropyx striata (Daudin, 1802)

Sinonímia recente: *Kentropyx striatus*

Habitat: Ocorrem em ambientes úmidos de áreas abertas e savanas.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes, moluscos, minhocas, anfíbios, pequenos lagartos (*Norops*) e matéria vegetal.

Comportamento e observações: Podem ser encontrados ao nível do solo, mas também em troncos e galhos.

Predadores: serpente *Bothrops atrox*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Trinidad, Colômbia e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá e Pará. Possível ocorrência em Tobago.

Fontes: Chagas-de-Souza et al., 2023; Santos-Jr. et al., 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Kentropyx vanzoi Gallagher & Dixon, 1980

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparo.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Kentropyx viridistriga (Boulenger, 1894)

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina, na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Teius oculatus (D'Orbigny & Bibron, 1837)

Sinonímia recente: *Callopistes maculatus maculatus, Teius teyou teyou*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 78-120 mm; comprimento total: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas relativamente úmidas, com rochas expostas e vegetação arbustiva, em áreas abertas, restingas e borda de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, crustáceos (Isopoda), aranhas, escorpiões, ácaros, escorpiões e pequenos vertebrados.

Dentre os insetos consomem: cupins Isoptera; percevejos Hemiptera; formigas Hymenoptera: Formicidae; besouros Coleoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; Plecoptera; baratas Blattodea; borboletas e mariposas Lepidoptera.

Comportamento e observações: Correm com grande velocidade. Possuem hábitos diurnos e podem se refugiar embaixo de rochas. Em regiões frias podem hibernar durante o inverno, por exemplo, entre maio e outubro.

Predadores: aves coruja suindara (*Tyto furcata*); serpentes *Hydrodynastes gigas, Philodryas olfersii, Pseudablabes patagoniensis, Bothrops pubescens*.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre outubro e janeiro. Realizam complexos rituais de cortejo reprodutivo. Colocam de dois a oito ovos, depositados em formigueiros (*Acromyrmex*), sob rochas ou troncos, também podem construir tocas no solo. Não possuem cuidado parental.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina, no Uruguai e no Brasil, onde ocorrem em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Tiranti, 1992; Carreira et al., 2005; Hartmann et al., 2005; Hartmann & Marques, 2005; Cappellari et al., 2007; Cappellari et al., 2011; Borges-Martins et al., 2013; Giraudo et al., 2014; Borges et al., 2017; Williams et al., 2022; Gava-Just, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Teius teyou (Daudin, 1802)

Sinonímia recente: *Teius cyanogaster*

Comprimento: rostro-cloaca: 97,5-107 mm.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados e frutas.

Dentre as frutas consomem: *Ziziphus, Celtis, Capparis*.

Predadores: serpente *Philodryas mattogrossensis*; gavião-de-costas-vermelhas (*Geranoaetus polyosoma*).

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre outubro e dezembro. Colocam de três a sete ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem Mato Grosso do Sul.

Fontes: Cruz et al., 1999; Varela & Bucher, 2002; Weiler & Núñez, 2015; Ales et al., 2017; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Crocodilurus amazonicus Spix, 1825

Sinonímia recente: *Crocodilurus lacertinus*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: mais de 200 mm.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e igapós.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, crustáceos, aranhas, peixes, anfíbios adultos e girinos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e semiaquáticos, sendo encontrado no cursos-d'água de igarapés e em suas margens, bem como em áreas pantanosas inundadas. Podem ser observados expostos ao sol em galhos altos sobre a água.

Predadores: cágado *Peltocephalus dumerilianus.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia, Peru e Brasil, onde ocorrem Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas e Pará. Possível ocorrência no Suriname.

Fontes: Martins, 2006; Vitt et al., 2008; Morato et al., 2014; Gentil et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dracaena guianensis Daudin, 1801 "1802"

Comprimento: rostro-cloaca: até 42 cm. Comprimento total: até 126,8 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de várzea e igapós.

Alimentação: Alimentam-se de gastrópodes.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, semi-aquáticos e semi-arborícolas. Quando ameaçados, fogem para dentro da água. Durante a noite ficam em galhos até 5 m acima da água ou em tocas.

Reprodução: Ovíparos. Oviposição registrada em janeiro. Colocam dois ovos. A incubação dura 161 dias.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru, Guiana Francesa e Brasil ocorrem no Amapá, Acre, Amazonas, Pará e Maranhão. Possível ocorrência no Suriname.

Fontes: Rehák, 1999; Freitas, 2011; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dracaena paraguayensis Amaral, 1950

Habitat: Ocorrem em lagoas, estuários, riachos, pouco profundos e com vegetação aquática.

Alimentação: Alimentam-se de gastrópodes (*Pomacea*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, solitários, semi-aquáticos e semi-arborícolas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Avila et al., 2016; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Salvator duseni (Lönnberg in Lönnberg & Andersson, 1910)

Sinonímia recente: *Tupinambis duseni*

Comprimento: 1,2 m.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Bahia, Minas Gerais e Paraná.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Salvator merianae Duméril & Bibron, 1839

Sinonímia recente: *Tupinambis merianae*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 400 mm; comprimento total: 1,5 m.

Peso: 5 kg.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas abertas, clareiras, áreas agrícolas e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de ovos, ovos e filhotes de jacarés, artrópodes, moluscos, pequenos mamíferos, aves, serpentes, anuros, pequenos lagartos (e.g. *Tropidurus*), frutas, mel e carniça.

Dentre ovos consomem: de quelônios *Trachemys dorbigni, Phrynops hilarii*; de jacarés *Caiman latirostris* (também os filhotes), *Caiman yacare.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, podendo ser observados aquecendo-se ao sol. Utilizam buracos no solo como abrigo, que eles podem escavar ou podem já ser existentes. Quando ameaçados, podem fugir em grande velocidade ou tentar atacar seu agressor com mordidas e golpes de cauda. Consta que no Uruguai são perseguidos para fins de caça para consumo e para uso de seu couro. Podem atuar como dispersores de sementes.

Predadores: onça-pintada (*Panthera onca*), serpentes jiboia (*Boa constrictor*), *Boiruna sertaneja, Bothrops pubescens*.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre outubro e dezembro no sul do Brasil. Os machos podem realizar disputas pelas fêmeas e também podem persegui-las para a reprodução. As fêmeas constroem um ninho escavando e arrastando matéria vegetal onde depositam os ovos. Colocam até 50 ovos e realizam uma postura por estação reprodutiva. O casal pode permanecer junto durante algum período na época reprodutiva.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Uruguai, Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Roraima, Amapá e Acre.

Fontes: Hartmann et al., 2005; Silveira et al., 2010; Freitas, 2011; Borges-Martins et al., 2013; Silva et al., 2013; Campos & Mourão, 2015; Borges et al., 2017; Cabral et al., 2019; Benício et al., 2021; Diniz et al., 2021; Williams et al., 2022; Gava-Just, 2022; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Almeida et al., 2023.

Tupinambis cryptus Jowers, Lehtinen, Charles, Colli, Peres, Hendry & Pyron, 2016

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 391 mm; comprimento total: 921 mm.

Habitat: Ocorrem em savanas, áreas florestais, áreas costeiras e margens de rios.

Alimentação: Alimentam-se de ovos de aves, ovos de jacarés, ovos de quelônios, artrópodes, anfíbios, aves, serpentes, pequenos lagartos, pequenos mamíferos, plantas, frutas e mel.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Podem nadar. Escavam galerias como abrigo. Os machos são territorialistas.

Reprodução: Ovíparos. As fêmeas constroem ninhos em cupinzeiros, onde colocam de quatro a 32 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Trinidad e Tobago, Colômbia e Brasil, onde ocorrem em Roraima e Amazonas.

Fontes: Señaris et al., 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tupinambis cuzcoensis Jowers, Lehtinen, Charles, Colli, Peres, Hendry & Pyron, 2016

Comprimento: comprimento total: até 94,9 cm; comprimento rostro-cloaca: 32,2 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas, florestas de terra firme, florestas sazonalmente inundadas e áreas semiabertas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, moluscos, minhocas, centopeias, anfíbios, lagartos, pequenos mamíferos, aves e frutas. Também ovos de tartarugas (*Podocnemis*) e jacarés (*Caiman* e *Melanosuchus*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas, mas conseguem nadar e escalar bem.

Predadores: serpentes *Eunectes murinus, Pseudoboa coronata.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam três ovos, depositados em cupinzeiros arbóreos localizados até 3 m acima do solo.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Equador e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas e Mato Grosso.

Fontes: Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tupinambis longilineus Avila-Pires, 1995

Comprimento: rostro-cloaca: 20 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Lima & Pimenta, 2008; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tupinambis matipu Silva, Ribeiro-Júnior & Ávila-Pires, 2018

Sinonímia recente: *Tupinambis quadrilineatus, Tupinambis teguixin*

Habitat: Ocorrem em áreas de floresta e cerrado.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, escorpiões, crustáceos (Decapoda), répteis, mamíferos, aves, peixes e frutas.

Dentre as frutas consomem: *Ficus, Brosimum, Cissus, Unonopsis, Trichilia, Vitex, Alchornea, Piper, Ceiba, Cecropia, Mouriri, Trema, Ocotea.*

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; cupins Isoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; baratas-d'água Hemiptera: Belostomatidae; baratas Blattodea; borboletas e mariposas Lepidoptera; Hymenoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Fontes: Silva et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tupinambis palustris Manzani & Abe, 2002

Habitat: Ocorrem em áreas úmidas e florestas de galeria ao longo do Rio Tietê.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Podem escalar árvores.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre maio e julho.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo.

Fontes: Manzani & Abe, 2002; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tupinambis quadrilineatus Manzani & Abe, 1997

Sinonímia recente: *Tupinambis cerradensis*

Comprimento: 70 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de galeria e cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Quando ameaçados, podem mergulhar na água e permanecer imóveis submersos.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Morato et al., 2015; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tupinambis teguixin (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Tupinambis nigropunctatus*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: até 350 mm. Comprimento total: 1 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, várzeas, igapós, igarapés, bordas de florestas em clareiras naturais ou antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de vegetais, crustáceos, gastrópodes, centopeias, insetos, peixes, anfíbios, répteis, aves, roedores e de ovos de cágados e tartarugas (*Phrynops* e *Podocnemis*) e de jacarés (*Caiman* spp. e *Paleosuchus* sp.). Podem comer carniça.

Dentre os insetos consomem: borboletas e mariposas Lepidoptera; besouros Coleoptera: Carabidae, Chrysomelidae, Coccinellidae, Scarabaeidae; percevejos e cigarras Hemiptera; grilos e gafanhotos Orthoptera: Proscopidae; baratas Blattodea; formigas e vespas Hemiptera: Formicidae, Vespidae; libélulas Odonata.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas, mas podem nadar bem e eventualmente ser observados sobre a vegetação.

Predadores: onça-pintada (*Panthera onca*); serpentes *Erythrolamprus poecilogyrus*.

Reprodução: Ovíparos. Ovos podem ser colocados em cupinzeiros arborícolas. Cada ninhada pode ter de 13 a 29 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Tobago, Equador, Peru, Trinidad, Argentina, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Piauí e Ceará.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Crawshaw, 1987; Mercolli & Yanosky, 1994; Haller & Rodrigues, 2006; Vitt et al., 2008; Silveira et al., 2010; Freitas, 2011; Schneider et al., 2011; Morato et al., 2014; Andrade et al., 2020; Benício et al., 2021; Uchôa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dracaena guianensis
Conforme Arteaga et al., 2022.

Família Amphisbaenidae

Os Amphisbaenidae são répteis popularmente chamados de cobras-cegas de corpo alongado, olhos vestigiais algumas vezes recobertos por uma escama translúcida, cauda curta e escamas corporais arranjadas em anéis anulares. Não possuem membros, com algumas espécies podendo reter estruturas vestigiais de seus membros internamente.

Ocorrem em áreas florestais, matas secas, cerrado úmido e locais semidesérticos. Possuem de 105 mm a 810 mm. Possuem hábitos fossoriais e diurnos, sendo encontrados em buracos que escavam, mas também em meio à serrapilheira e embaixo de rochas. São ovíparos, colocando de um a quatro ovos alongados, exceto por duas espécies africanas que são vivíparas. Podem colocar seus ovos em formigueiros e cupinzeiros.

Alimentam-se de artrópodes, principalmente formigas e cupins; espécies maiores podem consumir besouros, baratas, larvas de besouros, larvas de Lepidoptera, centopeias e minhocas. Porém, há registros de consumo de outros itens menos comuns como fungos, pedaços de lagartos e pequenas serpentes. Podem ouvir a presença de suas presas através do solo.

Fontes: Kearney, 2003; O'Shea, 2021.

Amphisbaena absaberi (Strüssmann & Carvalho, 2001)

Sinonímia recente: *Cercolophia absaberi*

Comprimento: rostro-cloaca: 152-300 mm.

Alimentação: Alimentam-se de insetos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Strüssmann & Carvalho, 2001; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena acangaoba Ribeiro, Gomides & Costa, 2020

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga, campos rupestres e cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Ribeiro et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena acrobeles (Ribeiro, Castro-Mello & Nogueira, 2009)

Sinonímia recente: *Anops acrobeles*

Comprimento: rostro-cloaca: 174 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Alimentação: Alimentam-se de cupins Isoptera e formigas Hymenoptera: Formicidae.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins.

Fontes: Ribeiro et al., 2009; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena alba Linnaeus, 1758

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 245-810 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, cerrado, caatinga, áreas sazonalmente inundadas, beira de brejos, floresta secundária e áreas agrícolas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, aranhas, pseudoescorpiões, escorpiões, matéria vegetal, minhocas, pequenos lagartos e seus ovos (*Tropidurus*), serpentes (*Anilius* e *Liotyphlops*) e roedores.

Dentre os insetos consomem: formigas Hymenoptera: Formicidae; besouros Coleoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera; percevejos Hemiptera; baratas Blattodea; cupins Isoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e fossoriais, vivem em túneis, também nas proximidades de formigueiros e

cupinzeiros. Podem emergir para a superfície durante a noite ou após fortes chuvas. Indivíduos grandes podem dar mordidas dolorosas. Podem ser encontradas até 1 m de profundidade, onde a taxa de oxigênio é 50% menor do que na superfície.

Por meio do olfato conseguem localizar seus caminhos de deslocamento, deixando rastros produzidos por glândulas pré-cloacais. E também usam o olfato para localizar o rastro de formigas-cortadeiras e chegar ao seu ninho, onde podem se esconder nas áreas de "lixeira" e usar como local de caça de besouros e baratas.

Quando ameaçados, procuram fugir, se enterrar no solo e também podem nadar até 2,5 km. Mas há o registro de um indivíduo que ao se defender mutilou a perda de um quero-quero (*Vanellus chilensis*) com sua mordida.

Predadores: serpentes *Drymarchon corais, Bothrops asper*; aves *Rupornis magnirostris*.

Reprodução: Reprodução é sazonal, ocorre na estação seca, principalmente entre novembro e abril. Colocam de seis a 16 ovos, depositados dentro de ninhos de formigas-cortadeiras.

Distribuição: Ocorrem do Panamá ao leste dos Andes. No Brasil ocorrem em quase todos os estados, exceto Acre e Rio Grande do Sul.

Fontes: Colli & Zamboni, 1999; Vitt et al., 2008; Campos et al., 2010; Freitas, 2011; Señaris et al., 2018; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Celli, 2024.

Amphisbaena acangaoba Ribeiro, Gomides & Costa, 2020

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga, campos rupestres e cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Ribeiro et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena anaemariae Vanzolini, 1997

Comprimento: rostro-cloaca: 172 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos. Colocam três ovos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Souza & Costa, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Celli, 2024.

Amphisbaena anomala (Barbour, 1914)

Sinonímia recente: *Aulura anomala*

Comprimento: 30 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, manguezais e cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Predadores: serpente *Anilius scytale*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará, Tocantins, Maranhão e Ceará.

Fontes: Maschio et al., 2010; Oliveira et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena arda Rodrigues, 2003 "2002"

Comprimento: 30 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas arenosas e de dunas do Rio São Francisco.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Rodrigues, 2002; Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena arenaria Vanzolini, 1991

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Sergipe e Bahia.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena arenicola Pérez & Borges-Martins, 2019

Habitat: Ocorrem em áreas de solo arenoso de restingas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Santa Catarina.

Fontes: Pérez & Borges-Martins, 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena bahiana Vanzolini, 1964

Sinonímia recente: *Cercolophia bahiana*

Habitat: Ocorrem em florestas semidecíduas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: serpente *Micrurus ibiboboca*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Vechio et al., 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena bedai (Vanzolini, 1991)

Sinonímia recente: *Bronia bedai*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena bilabialata (Stimson, 1972)

Sinonímia recente: *Anops bilabialatus*

Comprimento: rostro-cloaca: 138-307 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Mott et al., 2008; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena brasiliana (Gray, 1865)

Sinonímia recente: *Bronia brasiliana*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará e Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena brevis Strüssmann & Mott, 2009

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado e pastagem com solo arenoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Strüssmann & Mott, 2009; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena caetitensis Almeida, Freitas, Silva, Valverde, Rodrigues, Pires & Mott, 2018

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Almeida et al., 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena caiari Teixeira Jr., Dal Vechio, Mollo Neto & Rodrigues, 2014

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e, eventualmente, em savanas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia.

Fontes: Teixeira et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena camura Cope, 1862

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena carli Pinna, Mendonça, Bocchiglieri & Fernandes, 2010

Comprimento: 20 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado, eventualmente em plantações de *Pinus*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Pinna et al., 2010; Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena carvalhoi Gans, 1965

Sinonímia recente: *Amphisbaena lumbricalis*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pernambuco e Alagoas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena crisae Vanzolini, 1997

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena cuiabana (Strüssmann & Carvalho, 2001)

Sinonímia recente: *Cercolophia cuiabana*

Comprimento: rostro-cloaca: 202-232 mm.

Alimentação: Alimentam-se de insetos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Strüssmann & Carvalho, 2001; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena cunhai Hoogmoed & Avila-Pires, 1991

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia e Amazonas.

Fontes: Hoogmoed & Avila-Pires, 1991; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena darwinii Duméril & Bibron, 1839

Sinonímia recente: *Amphisbaena heterozonata, Amphisbaena trachura*

Comprimento: Até 29 cm.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, principalmente cupins (Isoptera), também Orthoptera, Coleoptera, Hymenoptera: Formicidae e larvas de Lepidoptera.

Comportamento e observações: Espécie escavadora, fossorial, adaptada a diferentes tipos de solo, escava galerias até 50 cm de profundidade. Também pode se proteger embaixo de rochas, troncos e em formigueiros. Como defesa pode fazer autotomia caudal.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus poecilogyrus, Micrurus altirostris*.

Reprodução: Reprodução entre julho e dezembro, com a eclosão dos filhotes entre janeiro e fevereiro. São ovíparas, colocando dois a oito ovos, mas também podem ser ovovivíparas retendo os ovos em seu oviduto onde se desenvolvem.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Rodriguez et al., 2018; Andrade et al., 2020; Williams et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Celli, 2024.

Amphisbaena dubia Müller, 1924

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: serpentes *Micrurus corallinus*.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um a três ovos.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Santiago et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Celli, 2024.

Amphisbaena filiformis Ribeiro, Gomes, Silva, Cintra & Silva Jr., 2016

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins e Maranhão.

Fontes: Ribeiro et al., 2016; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena frontalis Vanzolini, 1991

Sinonímia recente: *Amphisbaena ibijara*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Maranhão, Piauí e Bahia.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena fuliginosa fuliginosa Linnaeus, 1758

Habitat: Ocorrem em florestas tropicais.

Comportamento e observações: Passam a maior parte do tempo embaixo do chão, da serrapilheira, de troncos ou de rochas. Encontradas na superfície de manhã cedo e durante chuvas fortes. Podem autotomizar (soltar) a cauda como forma de defesa, mas essa não se regenera.

Predadores: serpente *Anilius scytale*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Trinidad, Peru, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Amapá e Amazonas.

Fontes: Vitt et al., 2008; Maschio et al., 2010; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena fuliginosa amazonica Vanzolini, 1951

Sinonímia recente: *Amphisbaena amazonica*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 33 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, capoeiras, bordas de florestas e áreas antropizadas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia e Brasil, onde ocorrem no Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Morato et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena fuliginosa varia Laurenti, 1768

Sinonímia recente: *Amphisbaena varia*

Comprimento: rostro-claoca: 42,4-46,3 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, clareiras, áreas urbanas e plantações.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, passam a maior parte do tempo em suas galerias, vindo ocasionalmente durante a noite para a superfície ou em períodos de chuvas quando seus túneis inundam.

Predadores: serpentes *Micrurus ancoralis.*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Panamá, Colômbia, Equador, Venezuela, Trinidad e Brasil, onde ocorrem em Roraima e Pará.

Fontes: Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena fuliginosa wiedi Vanzolini, 1951

Sinonímia recente: *Amphisbaena wiedi*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: serpente *Anilius scytale*.

Reprodução: Ovíparos. As fêmeas possuem um ciclo reprodutivo sazonal, entre maio e setembro, enquanto os machos não são sazonais. Colocam de dois a seis ovos.

Distribuição: Ocorrem no Acre, Rondônia, Pará, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Pommer-Barbosa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Celli, 2024.

Amphisbaena hastata Vanzolini, 1991

Comprimento: até 20 cm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena heathi Schmidt, 1936

Comprimento: rostro-cloaca: 105-132 mm.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, minhocas, escorpiões, sanguessugas e centopeias.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera; Collembola; formigas e vespas Hymenoptera: Formicidae; cupins Isoptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos. Colocam um a seis ovos.

Distribuição: Ocorrem no Rio Grande do Norte.

Fontes: Lisboa et al., 2016; Oliveira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Celli, 2024.

Amphisbaena hiata Montero & Céspedez, 2002

Sinonímia recente: *Amphisbaena dubia*

Habitat: Ocorrem em areia fofa e solos calcários ou na lama removida de jardins, também são encontrados sob troncos ou detritos e na câmara de ar de cupinzeiros.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Montero & Céspedez, 2002; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena hogei Vanzolini, 1950

Sinonímia recente: *Amphisbaena carioca, Amphisbaena darwini hogei*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina.

Fontes: Guedes et al., 2023; Costa, 2024.

Amphisbaena hoogmoedi Oliveira, Vaz-Silva, Santos-Jr, Graboski, Teixeira Jr., Dal Vechio & Ribeiro, 2018

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Pará.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena ignatiana Vanzolini, 1991

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Paraíba e na Bahia.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena kingii (Bell, 1833)

Sinonímia recente: *Anops kingii*

Comprimento: Até 23 cm entre o rostro e a cloaca.

Habitat: Ocorrem em solos arenosos, rochosos e ricos em matéria orgânica, eventualmente em áreas abertas, sob rochas e outros materiais.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes (adultos e larvas), matéria vegetal e anelídeos.

Dentre os insetos consomem: baratas Blattodea; besouros Coleoptera (adultos e larvas); moscas Diptera (larvas); formigas Hymenoptera: Formicidae; larvas de Lepidoptera; cupins Isoptera (adultos e ovos).

Comportamento e observações: Espécie escavadora, adaptada a diferentes tipos de solos, preferindo solos arenosos com vegetação herbácea, escavam galerias geralmente a 15-20 cm de profundidade. Também podem se proteger embaixo de rochas e em formigueiros (*Acromyrmex*). Podem ser observadas na superfície após grande quantidade de chuvas.

Predadores: tatu *Zaedyus pichiy*.

Reprodução: Reprodução registrada entre junho e outubro. Ovíparos, colocam um a quatro ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil, onde ocorrem em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Ballestrin & Cappellari, 2011; Borges et al., 2017; Williams et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Perez & Scolaro, 2024; Celli, 2024.

Amphisbaena kiriri Ribeiro, Gomides & Costa, 2018

Comprimento: rostro-cloaca: 130,4-164,8 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga arbustiva a arbórea.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Ribeiro et al., 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena kraoh (Vanzolini, 1971)

Sinonímia recente: *Bronia kraoh*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins e Maranhão.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena leeseri Gans, 1964

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena leucocephala Peters, 1878

Comprimento: 30 cm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena littoralis Roberto, Brito & Ávila, 2014

Comprimento: rostro-cloaca: 143-278 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de restinga e áreas de ecótono de restinga com caatinga.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Rio Grande do Norte.

Fontes: Sales et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena longinqua Teixeira Junior, Dal Vechio, Recoder, Cassimiro, Sena & Rodrigues, 2019

Habitat: Ocorrem em áreas de florestas semidecíduas com afloramentos rochosos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Teixeira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Amphisbaena lumbricalis* Vanzolini, 1996**

Sinonímia recente: *Amphisbaena carvalhoi*

Comprimento: 20 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga e ecótono com mata atlântica.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: serpente *Erythrolamprus viridis*.

Distribuição: Ocorrem na Paraíba, em Pernambuco, em Alagoas e em Sergipe.

Fontes: Freitas, 2011; Tavares et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Amphisbaena maranhensis* Gomes & Maciel, 2012**

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Maranhão.

Fontes: Gomes & Maciel, 2012; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Amphisbaena mebengokre* Ribeiro, Sá, Santos-Jr, Graboski, Zaher, Guedes, Andrade & Vaz-Silva, 2019**

Habitat: Ocorrem em florestas ripárias de áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Goiás.

Fontes: Ribeiro et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Amphisbaena mertensii* Strauch, 1881**

Comprimento: rostro-cloaca: 400-458 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de floresta e cerrado.

Predadores: aves saracura-três-potes (*Aramides cajaneus*); serpentes *Micrurus altirostris*.

Reprodução: Colocam seis a oito ovos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Rodriguez et al., 2018; Assis et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Celli, 2024.

***Amphisbaena metallurga* Costa, Resende, Teixeira Jr., Dal Vechio & Clemente, 2015**

Habitat: Ocorrem em florestas sazonais semi-deciduais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Costa et al., 2015; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Amphisbaena miringoera* Vanzolini, 1971**

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará, Mato Grosso, Tocantins e Piauí.

Fontes: Mott et al., 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Amphisbaena mitchelli* Procter, 1923**

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas urbanas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: serpentes *Anilius scytale, Micrurus ortoni*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará e Maranhão.

Fontes: Haad, 1994; Maschio et al., 2010; Paiva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Amphisbaena mongoyo* Teixeira Junior, Dal Vechio, Recoder, Cassimiro, Sena & Rodrigues, 2019**

Habitat: Ocorrem em áreas de florestas decíduas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Teixeira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena munoai Klappenbach, 1960

Comprimento: Comprimento rostro-cloaca: 172 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas de vegetação aberta, geralmente com maior altura e ambientes pedregosos.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e anelídeos.

Dentre os insetos consomem: cupins (Isoptera); besouros (Coleoptera); formigas (Hymenoptera: Formicidae); larvas de Lepidoptera; moscas Diptera (larvas); Psocoptera (larva).

Comportamento e observações: São encontrados sob rochas e troncos. Forrageiam principalmente abaixo do solo, eventualmente na superfície. Quando ameaçados, podem realizar autotomia caudal.

Reprodução: Ovíparos. Reprodução registrada entre junho e dezembro. Colocam um a três ovos.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai e no Brasil, onde ocorrem em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Bernardo-Silva et al., 2006; Ballestrin & Cappellari, 2011; Borges et al., 2017; Pérez & Borges-Martins, 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Celli, 2024.

Amphisbaena nana Pérez & Borges-Martins, 2019

Sinonímia recente: *Amphisbaena munoai*

Habitat: Ocorrem em áreas de florestas semideciduais e pampas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Pérez & Borges-Martins, 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena neglecta Dunn & Piatt, 1936

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena nigricauda Gans, 1966

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia e no Espírito Santo.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena persephone Pinna, Mendonça, Bocchiglieri & Fernandes, 2014

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena pretrei Duméril & Bibron, 1839

Comprimento: 40 cm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena prunicolor (Cope, 1885)

Habitat: Ocorrem em áreas de floresta atlântica.

Predadores: gralha-picaça (*Cyanocorax chrysops*).

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Pérez & Borges-Martins, 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Bailliez et al., 2024.

Amphisbaena ridleyi Boulenger, 1890

Comprimento: 30 cm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Distribuição: Ocorrem no Pernambuco.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena roberti Gans, 1964

Sinonímia recente: *Cercolophia roberti*

Habitat: Ocorrem em áreas de floresta e cerrado.

Predadores: aves quero-quero (*Vanellus chilensis*); serpentes *Phalotris lativittatus, Micrurus corallinus*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Braz et al., 2014; Santiago et al., 2021; Oliveira et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena sanctaeritae Vanzolini, 1994

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena saxosa (Castro-Mello, 2003)

Sinonímia recente: *Bronia saxosa*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena silvestrii Boulenger, 1902

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena slevini Schmidt, 1936

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 120 mm.

Comportamento e observações: Podem autotomizar (soltar) a cauda como forma de defesa, mas esta não se regenera.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas e no Pará.

Fontes: Vitt et al., 2008; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena steindachneri Strauch, 1881

Sinonímia recente: *Cercolophia steindachneri*

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena supernumeraria Mott, Rodrigues & Santos, 2009

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem em Pernambuco.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena talisiae Vanzolini, 1995

Sinonímia recente: *Amphisbaena mensae*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena tiaraju Pérez & Borges-Martins, 2019

Sinonímia recente: *Amphisbaena munoai*

Habitat: Ocorrem em áreas de florestas semidecíduas e pampas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Pérez & Borges-Martins, 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena trachura Cope, 1885

Sinonímia recente: *Amphisbaena darwini trachura*

Comprimento: rostro-cloaca: 31 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas com árvores dispersas e áreas florestais.

Reprodução: Colocam nove ovos.

Distribuição: Ocorre na Argentina e Brasil, onde ocorrem em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Borges-Martins et al., 2013; Ruíz-García et al., 2016; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Celli, 2024.

Amphisbaena tragorrhectes Vanzolini, 1971

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Pará.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Amphisbaena uroxena Mott, Rodrigues, Freitas & Silva, 2008

Comprimento: 20 cm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábito fossorial.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena vanzolinii Gans, 1963

Sinonímia recente: *Amphisbaena hugoi*

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 16,5 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Suriname e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Amazonas, Pará e Tocantins.

Fontes: Morato et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena vermicularis Wagler in Spix, 1824

Comprimento: até 35 cm.

Alimentação: Alimentam-se de insetos e minhocas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos fossoriais.

Predadores: lagarto *Tropidurus hispidus*; peixe *Hoplias malabaricus*; serpentes *Micrurus ibiboboca.*

Reprodução: Ovíparos. Colocam quatro ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Barbosa et al., 2019; Benício et al., 2021; Mascarenhas-Junior et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Celli, 2024; Brito et al., 2024.

Leposternon cerradensis Ribeiro, Vaz-Silva & Santos-Jr, 2008

Sinonímia recente: *Amphisbaena cerradensis*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Goiás.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Leposternon infraorbitale (Berthold, 1859)

Sinonímia recente: *Amphisbaena infraorbitale*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Colocam de dois a seis ovos.

Distribuição: Ocorrem no Acre, Rondônia, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Guedes et al., 2023; Celli, 2024.

Leposternon kisteumacheri Porto, Soares & Caramaschi, 2000

Sinonímia recente: *Amphisbaena kisteumacheri*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Leposternon maximus Ribeiro, Nogueira, Cintra, Silva Jr. & Zaher, 2011

Sinonímia recente: *Leposternon polystegum*

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem em Goiás e Minas Gerais.

Fontes: Ribeiro et al., 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leposternon microcephalum Wagler *in* Spix, 1824

Sinonímia recente: *Amphisbaena microcephala, Amphisbaena microcephalum*

Comprimento: rostro-cloaca: até 60 cm.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes e outros invertebrados (e.g. minhocas).

Comportamento e observações: Possuem hábitos subterrâneos, de hábitos escavadores, podem ser encontrados até 2 m de profundidade. Preferem solos com certa umidade, podem se abrigar embaixo de rochas. Durante períodos de chuva intensa podem abandonar suas galerias e ser encontrados na superfície.

Predadores: aves mutum-de-bico-vermelho (*Crax blumenbachii*), socó-boi (*Tigrisoma lineatum*), anu-branco (*Guira guira*), seriema (*Cariama cristata*), serpentes *Elapomorphus quinquelineatus, Phalotris lativittatus, Erythrolamprus miliaris, Micrurus corallinus*.

Reprodução: Cópula ocorre em novembro e dezembro. Ovos encontrados entre dezembro e março. Podem ser depositados em cavidades a 20-25 cm de profundidade ou embaixo de troncos. Colocam de três a sete ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil, onde ocorrem no Amazonas, Pará, Mato Grosso do Sul, Goiás, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Braz et al., 2014; Folly et al., 2015; Koski & Koski, 2017; Burg, 2020; Santiago et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Pimentel et al., 2023; Folly & Souza, 2024; Celli, 2024; Martinelli & Castro, 2024.

Leposternon mineiro Ribeiro, Silveira & Santos-Jr., 2018

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado com solo arenoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Ribeiro et al., 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leposternon octostegum (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)

Sinonímia recente: *Amphisbaena octostega*

Comprimento: 35 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, arbustivas, de restinga e de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Predadores: aves carcará (*Caracara plancus*).

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Filho et al., 2013; Assis & Costa, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leposternon polystegum (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)

Sinonímia recente: *Amphisbaena polystega*

Comprimento: rostro-cloaca: 276,8-384,7 mm.

Alimentação: Alimentam-se insetos, minhocas, centopeias e vermes (Nematoda).

Dentre os insetos consomem: cupins Isoptera; besouros Coleoptera (larvas); formigas Hymenoptera: Formicidae; percevejos e cigarras Hemiptera.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Predador: aves urubu-de-cabeça-amarela (*Cathartes burrovianus*); serpentes *Anilius scytale, Drymarchon corais*.

Distribuição: Ocorrem no Pará, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

Fontes: Gomes et al., 2009; Maschio et al., 2010; Prudente et al., 2014; Filho et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leposternon scutigerum (Hemprich, 1820)

Sinonímia recente: *Amphisbaena scutigerum*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Rio de Janeiro.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Leposternon wuchereri (Peters, 1879)

Sinonímia recente: *Amphisbaena wuchereri*

Comprimento: 30 cm.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Mesobaena rhachicephala Hoogmoed, Pinto, Rocha & Pereira, 2009

Comprimento: comprimento rostro-cloaca: 25 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e secundárias, bordas de florestas e áreas antropizadas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e fossoriais.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pará.

Fontes: Morato et al., 2014; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amphisbaena alba
Conforme Arteaga et al., 2022.

Serpentes

Família Anomalepididae

Nesta família estão inclusas serpentes conhecidas como cobras-cegas, consideradas algumas das espécies mais basais em termos filogenéticos. Possuem o crânio adaptado para escavar o solo. Ocorrem em áreas florestais, matas secas, pastagens, áreas rochosas e montanhosas. Possuem de 146 mm a 410 mm. São ovíparas colocando de dois a 24 ovos. Possuem hábitos fossoriais, podendo escavar em profundidades de até 50 cm, e se alimentam de ovos e larvas de formigas e cupins, minhocas, pequenos anfíbios (cecílias) e Amphisbaenas.

Fontes: Kley, 2003; O'Shea, 2023.

Liotyphlops beui (Amaral, 1924)

Sinonímia recente: *Liotyphlops ternetzii beui*

Comprimento: rostro-cloaca: 178-321 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas abertas e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de larvas e pupas de formigas, principalmente do gênero *Solenopsis*. Também cupins.

Dentre as formigas consomem: *Gnamptogenys, Cyphomyrmex, Pheidole, Solenopsis.*

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes baixas e intermediárias.

Predadores: serpentes *Micrurus altirostris.*

Reprodução: Ovípara. As fêmeas possivelmente podem se reproduzir entre setembro e dezembro, enquanto os machos o podem fazer ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Parpinelli & Marques, 2015; Rodriguez et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Liotyphlops caissara Centeno, Sawaya & Germano, 2010

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, em um pequeno trecho de mata atlântica costeira em baixas altitudes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo.

Fontes: Centeno et al., 2010; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Liotyphlops schubarti Vanzolini, 1948

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Liotyphlops sousai Santos & Reis, 2018

Sinonímia recente: *Liotyphlops ternetzii sousai*

Habitat: Ocorrem em áreas de floresta de araucária.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem em Santa Catarina.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Liotyphlops taylori Santos & Reis, 2018

Habitat: Ocorrem em florestas semidecíduas em áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Liotyphlops ternetzii (Boulenger, 1896)

Comprimento: até 36,5 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e florestas de galeria.

Alimentação: Alimentam-se de pupas e ovos de formigas (*Acromyrmex* e *Atta*) e outros insetos de corpo macio.

Comportamento e observações: Possuem hábitos fossoriais. Ocorrem em diferentes altitudes.

Predadores: aranhas *Scytodes eleonorae*; serpentes *Micrurus corallinus.*

Reprodução: Reprodução registrada em novembro e dezembro. Ovíparos, colocam até sete ovos.

Distribuição: Ocorrem da Guiana Francesa à Argentina. No Brasil ocorrem no Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Ceará, Paraíba, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Santiago et al., 2021; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Gallão et al., 2025.

Liotyphlops trefauti Freire, Caramaschi & Argôlo, 2007

Comprimento: até 45 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e plantações de cacau na Mata Atlântica.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Pernambuco, Alagoas e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Liotyphlops wilderi (Garman, 1883)

Sinonímia recente: *Liotyphlops guentheri*

Habitat: Ocorrem em áreas de mata atlântica e ecótono com cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Predadores: serpentes *Micrurus corallinus.*

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Santiago et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Typhlophis squamosus (Schlegel, 1839)

Sinonímia recente: *Typhlophis ayarzaguenai*

Comprimento: comprimento total até 26 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e bordas de florestas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e fossoriais, vivem em formigueiros e cupinzeiros. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: sapos *Rhinella major.*

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Pedroso-Santos & Costa-Campos, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Família Leptotyphlopidae

Família composta por serpentes que ocorrem em áreas florestais, cerrado, áreas agrícolas e desertos. São mais frequentemente encontradas em solo pouco profundo, entre folhas e outros detritos de superfície ou debaixo de pedras ou troncos; ocasionalmente em formigueiros e cupinzeiros. Possuem de 5,8 cm a 46 cm. Têm hábitos fossoriais, podendo ser encontradas até 15 m abaixo da superfície, sendo ovíparas, colocando um a 15 ovos.

Alimentam-se de larvas e ovos de formigas e cupins, também de outros invertebrados de corpo mole. Consta que podem seguir as trilhas de feromônios de formigas e cupins para localizar suas colônias. Quando localizam, entram em um frenesi alimentar, consumindo centenas de presas em sequência. Algumas espécies possuem alimentação mais variada, consumindo besouros, lagartas, centopeias, baratas, gafanhotos, larvas de moscas, milípedes e aranhas.

Quando atacadas por formigas, afastam-se brevemente dos seus atacantes e enrolam-se numa bola. Em seguida, expelem uma mistura de secreções glandulares e fezes pela cloaca e começam a contorcer-se, espalhando esta mistura por todo o corpo. Após alguns minutos, as serpentes adquirem um aspeto brilhante e prateado. Essa secreção gera certa imunidade, pelo menos parcial, aos ataques das formigas. O segredo desta estratégia defensiva é uma mistura de substâncias químicas nas secreções cloacais que tem um forte efeito repelente nas formigas.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Kley, 2003b; O'Shea, 2023.

Epictia albifrons (Wagler in Spix, 1824)

Sinonímia recente: *Epictia tenella, Epictia fallax, Stenostoma albifrons, Leptotyphlops tenella, Leptotyphlops albifrons*

Comprimento: comprimento total até 20 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e secundárias, bordas de florestas, capoeiras, clareiras e áreas antropizadas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e fossoriais. Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Suriname, Venezuela, Trinidad e Tobago e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Epictia australis (Freiberg & Orejas-Miranda, 1968)

Sinonímia recente: *Leptotyphlops australis*

Comprimento: até 23 cm.

Alimentação: Alimentam-se de ovos, larvas, pupas e adultos de formigas, principalmente do gênero *Pheidole*, também de cupins, minhocas e larvas de insetos.

Comportamento e observações: Encontrados embaixo de rochas, possuem hábitos semifossoriais. Possuem hábitos gregários.

Predadores: aves coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*); serpentes *Erythrolamprus poecilogyrus*.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Di Pietro, 2015; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Epictia borapeliotes (Vanzolini, 1996)

Sinonímia recente: *Leptotyphlops borapeliotes*

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem na caatinga, em áreas arborizadas e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em níveis intermediários e altos de altitude. Possuem hábitos noturnos e fossoriais. Quando ameaçadas, podem ocultar sua cabeça embaixo do corpo como forma de defesa.

Predadores: mamíferos graxaim (*Cerdocyon thous*); anfíbios *Leptodactylus vastus*.

Distribuição: Ocorrem no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Souza & Bocchiglieri, 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Rodrigues et al., 2023; Filho et al., 2024.

Epictia clinorostris Arredondo & Zaher, 2010

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado, como florestas de galeria.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Epictia munoai (Orejas-Miranda, 1961)

Sinonímia recente: *Leptotyphlops munoai*

Comprimento: 9-20 cm.

Habitat: Ocorrem principalmente em áreas campestres, como pampas, afloramentos rochosos e áreas temporariamente alagadas, com registros marginais em áreas de Mata Atlântica.

Alimentação: Alimentam-se de adultos, pupas e ovos de formigas e cupins e outros insetos de corpo macio.

Comportamento e observações: Possuem possivelmente hábitos fossoriais, podendo ser encontrados embaixo de rochas, troncos, formigueiros e cupinzeiros. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Micrurus altirostris.*

Reprodução: Ovíparos, colocam até oito ovos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Giambelluca, 2015; Rodriguez et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Epictia striatula (Smith & Laufe, 1945)

Sinonímia recente: *Leptotyphlops striatulus*

Alimentação: Alimentam-se de pupas e ovos de formigas e outros insetos de corpo macio.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Peru, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Epictia vellardi (Laurent, 1984)

Sinonímia recente: *Leptotyphlops vellardi*

Habitat: Ocorrem na região do Pantanal, em florestas secas e áreas úmidas.

Alimentação: Alimentam-se de pupas e ovos de formigas e outros insetos de corpo macio.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes baixas e intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Habrophallos collaris* (Hoogmoed, 1977)**

Sinonímia recente: *Epictia collaris, Leptotyphlops collaris*

Habitat: Ocorrem em florestas primárias.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, no Suriname e no Brasil, onde ocorrem no Amapá.

Fontes: Guedes et al., 2023.

***Siagonodon acutirostris* Pinto & Curcio, 2011**

Sinonímia recente: *Trilepida acutirostris*

Habitat: Ocorrem em áreas de campos e savanas com solo arenoso, em áreas de cerrado em altitudes intermediárias da região do Jalapão.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Siagonodon cupinensis* (Bailey & Carvalho, 1946)**

Sinonímia recente: *Leptotyphlops cupinensis*

Habitat: Ocorrem em áreas de savana.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Suriname e no Brasil, onde ocorrem no Pará e em Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Siagonodon septemstriatus* (Schneider, 1801)**

Sinonímia recente: *Leptotyphlops septemstriatus*

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Trilepida brasiliensis* (Laurent, 1949)**

Sinonímia recente: *Siagnodon brasiliensis, Tricheilostoma brasiliensis*

Comprimento: 15 cm.

Habitat: Ocorrem em savana e áreas abertas, no cerrado e áreas de contato com caatinga e pantanal.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Trilepida dimidiata* (Jan, 1861)**

Sinonímia recente: *Tricheilostoma dimidiatum, Rena dimidiata, Leptotyphlops dimidiatus*

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, no Suriname, no Venezuela e no Brasil, onde ocorrem em Roraima.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Trilepida fuliginosa (Passos, Caramaschi & Pinto, 2006)

Sinonímia recente: *Tricheilostoma fuliginosum, Leptotyphlops fuliginosus*

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Trilepida jani (Pinto & Fernandes, 2012)

Sinonímia recente: *Tricheilostoma jani, Rena dimidiata, Leptotyphlops dimidiatus*

Habitat: Ocorrem em áreas de ecótono entre cerrado e mata atlântica, na porção sul da Serra do Espinhaço.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Trilepida koppesi (Pinto & Fernandes, 2012)

Sinonímia recente: *Tricheilostoma koppesi, Leptotyphlops koppesi*

Comprimento: 20 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e de savana, no cerrado, também em áreas de contato com a Mata Atlântica e o Pantanal.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Predadores: mamíferos tatupeba (*Euphractus sexcinctus*).

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Batista et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Trilepida macrolepis (Peters, 1857)

Sinonímia recente: *Leptotyphlops macrolepis, Tricheilostoma macrolepis*

Comprimento: até 37,8 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de larvas de formigas e cupins.

Comportamento e observações: Possuem hábitos fossoriais, diurnos e noturnos. Podem escalar por superfícies rugosas e totalmente verticais. Ao ser manipulada, solta uma substância branca com um odor característico. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Clelia clelia*.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Panamá, Colômbia, Venezuela, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Rondônia, Amazonas, Pará e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Trilepida salgueiroi (Amaral, 1955 "1954")

Sinonímia recente: *Tricheilostoma salgueiroi, Leptotyphlops salgueiroi*

Comprimento: 20 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de mata atlântica.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Epictia borapeliotes
Conforme foto de R. Marques/biodiversity4all.

Família Typhlopidae

Família de serpentes conhecidas como cobras-cegas com 5,3 cm a 95 cm ocorre em áreas florestais, pastagens, desertos, áreas semidesérticas, áreas agrícolas, praias e ilhas. Possuem hábitos fossoriais e semiarborícolas, podem ser encontrados em escavações no solo, embaixo de rochas, troncos caídos, na serrapilheira, também em formigueiros e cupinzeiros. São ovíparos, colocam um a 10 ovos. Alimentam-se de ovos e larvas de formigas e cupins, também invertebrados de corpo mole. Comem com rapidez, ingerindo até 100 presas por minuto.

Sobre a reprodução sabe-se que em algumas espécies o macho enrola várias voltas firmes ao redor da porção posterior do corpo da fêmea durante a cópula. Provavelmente esse comportamento permite ao macho manter a cloaca da fêmea posicionada adequadamente durante o acasalamento. Em algumas situações, o macho e a fêmea ficam entrelaçados um ao outro durante a cópula. Em outras, as cobras podem ficar voltadas em direções opostas enquanto acasalam.

Se forem capturadas, tentam escapar batendo freneticamente o corpo para trás e para frente, defecando e expelindo o conteúdo das glândulas anais. Além disso, em muitos casos, um espinho apical da cauda é cravado com força na pele do capturador.

Fontes: Kley, 2003c; O'Shea, 2023.

Amerotyphlops amoipira (Rodrigues & Juncá, 2002)

Sinonímia recente: *Typhlops amoipira*

Comprimento: até 20 cm.

Habitat: Ocorrem na Caatinga e em áreas de contato com Cerrado e Mata Atlântica, em áreas de vegetação arbustiva e solo arenoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amerotyphlops arenensis Graboski, Pereira Filho, Silva, Prudente & Zaher, 2015

Habitat: Ocorrem na Caatinga e em áreas de contato com Cerrado e Mata Atlântica, ocorrem em áreas de vegetação arbórea e savana com solo arenoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovipara.

Distribuição: Ocorrem em Pernambuco, Paraíba e Alagoas.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amerotyphlops brongersmianus (Vanzolini, 1976)

Sinonímia recente: *Typhlops brogersmianus, Altmantyphlops (Goldsteintyphlops) kirnerae*

Comprimento: até 35 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas de galeria e ambientes antropizados. Não registradas em áreas de pampas e floresta de araucária.

Alimentação: Alimentam-se de minhocas, larvas de insetos, formigas, ovos de formigas, cupins e besouros.

Comportamento e observações: Possuem hábitos fossoriais, mas eventualmente podem subir em árvores. Costumam ocorrer em locais com baixa altitude.

Predadores: serpentes *Bothrops moojeni, Micrurus altirostris, Micrurus corallinus*.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Guiana, Trinidad, Bolívia, Peru, Paraguai, Argentina. Uruguai e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto

Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas e Rio Grande do Norte.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Giambelluca, 2015; Rodriguez et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Oliveira-Jr. et al., 2020; Santiago et al., 2021; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Lozorio et al., 2025.

Amerotyphlops minuisquamus (Dixon & Hendricks, 1979)

Sinonímia recente: *Typhlops minuisquamus*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais amazônicas.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Colômbia, Peru, Venezuela e Brasil; ocorrem em Roraima, Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amerotyphlops paucisquamus (Dixon & Hendricks, 1979)

Sinonímia recente: *Typhlops paucisquamus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovípara. Reprodução registrada em setembro. Colocam três ovos. A incubação dura 37 dias.

Distribuição: Ocorrem no Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Amaral et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amerotyphlops reticulatus (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Typhlops reticulatus*

Comprimento: até 52,5 cm.

Habitat: Ocorre em florestas de terra firme primárias e secundárias, bordas de florestas, capoeiras, clareiras e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de ovos, larvas e adultos de formigas (*Atta*), cupins e outros insetos.

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta. Possuem hábitos diurnos, noturnos e fossoriais, vivendo em galerias de formigas-cortadeiras (*Atta* spp.) e cupins. Ocorrem principalmente em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Micrurus obscurus, Micrurus helleri, Micrurus langsdorffi.*

Reprodução: Ovípara, colocam 10 ovos. A incubação dura 52 dias.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão e Ceará.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amerotyphlops yonenagae (Rodrigues, 1991)

Sinonímia recente: *Typhlops yonenagae*

Comprimento: até 20 cm.

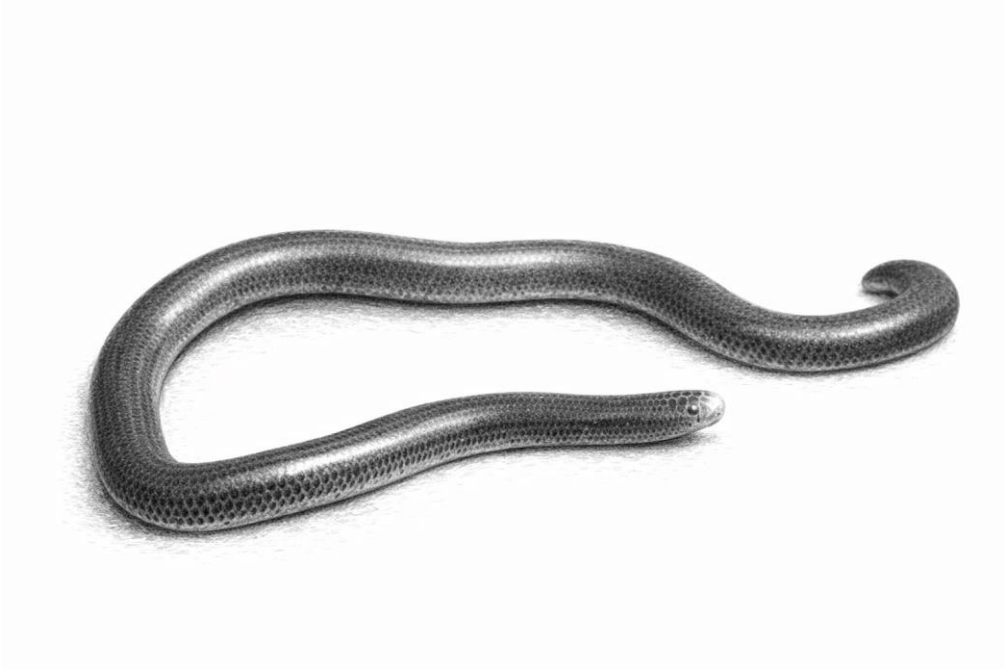
Habitat: Ocorrem na caatinga, em áreas arbustivas xéricas com solo arenoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Não peçonhenta, possui hábitos fossoriais. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.



Amerotyphlops brongersmianus

Conforme foto de H. Nogueira/biodiversity4all

Família Aniliidae

Família composta por uma única espécie.

Anilius scytale (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Anilius phelpsorum*

Comprimento: 60 cm a 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de florestas, capoeiras, clareiras e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenas serpentes, anfisbênias, cecílias (anfíbios), pequenos lagartos, anfíbios e peixes (e.g. *Synbrachus marmoratus*).

Dentre as serpentes consomem: *Atractus torquatus, Tantilla melanocephala, Anilius scytale* (canibalismo).

Dentre as anfisbênias consomem: *Amphisbaena, Leposternon.*

Dentre as cecílias consomem: *Caecilia, Microcaecilia, Oscaecilia*.

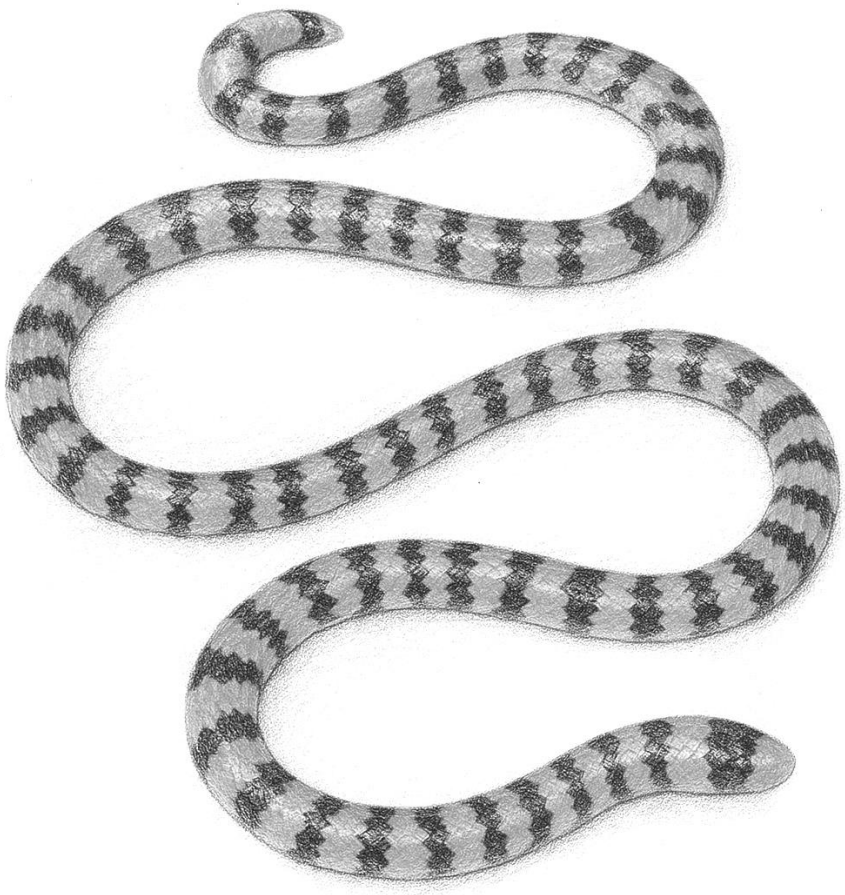
Comportamento e observações: Possuem corpo cilíndrico, olhos pequenos e cauda curta. Dentição áglifa. Possuem hábitos semifossoriais e aquáticos, escondendo-se na serrapilheira florestal, possuem hábitos noturnos e crepusculares. Eventualmente ativa durante o dia. Quando ameaçada, enrola o corpo e levanta a ponta da cauda como se fosse sua cabeça. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Bothrops atrox;* anfisbênias *Amphisbaena alba.*

Reprodução: Reprodução possivelmente entre julho e dezembro. Filhotes também registrados de janeiro a março. São vivíparos, dando à luz até 37 filhotes.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Colômbia, Bolívia, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Maranhão e Ceará.

Fontes: Cundall, 2003; Freitas, 2003; Maschio et al., 2007; Maschio et al., 2010; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Silva & Wilkinson, 2018; Nogueira et al., 2019; Starace et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Pommer-Barbosa et al., 2022; O'Shea, 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.



Anilius scytale

Conforme Arteaga et al., 2022.

Família Tropidophiidae

Família composta por serpentes com 321 mm a 1,06 m, pesando de 30 g a 450 g, é inofensiva e similar a jiboias. Ocorrem em áreas florestais, matas secas, áreas costeiras arbustivas, áreas agrícolas e ilhas. Possuem hábitos terrestres, mas podem ser encontradas a baixa altura em árvores e geralmente embaixo de serrapilheira ou rochas. Possuem hábitos noturnos, mas geralmente são encontradas em locomoções durante o dia. São vivíparas, dando à luz dois a oito filhotes.

Alimentam-se de pequenos lagartos e anfíbios. Caçam ativamente por suas presas, mas também podem usar de emboscada para tal. Espécies do gênero *Trachyboa* [não ocorrentes no Brasil] podem se alimentar de peixes, pequenos mamíferos e aves.

Raramente mordem quando ameaçadas, geralmente soltam um odor ruim de suas glândulas anais. Algumas espécies do gênero *Tropidophis* podem praticar auto-hemorragia como defesa, sangrando pela boca, nas narinas e pelos olhos.

Fonte: Barker & Barker, 2003; O'Shea, 2023.

Tropidophis grapiuna Curcio, Nunes, Argôlo, Skuk & Rodrigues, 2012

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidophis paucisquamis (Müller in Schenkel, 1901 "1900")

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, próximas de áreas úmidas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e pequenos lagartos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas. Possuem hábitos arborícolas e noturnos, sendo encontradas em bromélias epífitas.

Reprodução: Vivípara, dando à luz cinco filhotes.

Distribuição: Ocorrem no Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidophis preciosus Curcio, Nunes, Argôlo, Skuk & Rodrigues, 2012

Habitat: Ocorrem em afloramentos rochosos em áreas campestres, em áreas de mata atlântica e ecótonos com cerrado, ao longo da Serra do Espinhaço.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Família Boidae

Esta família é composta por serpentes conhecidas como jiboias, sucuris e anacondas. Ocorrem em áreas florestais, matas secas, pastagens alagáveis, cerrado, pastagens, rios, lagos e ilhas. Possuem de 810 mm a mais de 10 m, pesando de 0,1 kg a mais de 145 kg. Possuem hábitos noturnos, mas podem ser observadas em deslocamentos ou termorregulando durante o dia. São terrestres, aquáticas ou arborícolas. São vivíparas, dando à luz um a 64 filhotes. Em geral a fêmea é maior do que os machos e estes podem lutar em disputas pela fêmea.

Alimentam-se de mamíferos, incluindo morcegos, aves, lagartos e jacarés; geralmente capturam suas presas em emboscadas.

Quando ameaçadas, as espécies maiores defendem-se normalmente com descarga cloacal, assobios, golpes e mordidas. Mas muitas espécies mostram-se relutantes em morder e, em vez disso, enrolam-se numa bola apertada com a cabeça no centro; várias espécies usam a cauda para imitar a cabeça como forma de defesa.

Fontes: Barker & Barker, 2003b; O'Shea, 2023.

Boa constrictor constrictor Linnaeus, 1758

Comprimento: até 5 m.

Habitat: Ocorrem em florestas, cerrado, savanas, restingas, áreas arbustivas, agrícolas e urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, lagartos, aves e frutas (e.g. *Copernicia*).

Dentre os mamíferos consomem: roedores, marsupiais, macacos e morcegos, tais como *Thrichomys, Galea, Callicebus, Chiropotes, Alouatta, Callithrix, Didelphis, Noctilio, Akodon,* Echimyidae.

Dentre os lagartos consomem: *Salvator, Iguana, Ameiva, Ameivula, Tupinambis, Tropidurus.*

Dentre as aves consomem: *Columbina, Volatinia, Ara, Troglodytes, Passer, Tinamus, Turdus, Pitangus, Furnarius, Diopsittaca, Gallus, Zonotrichia.*

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos, noturnos, crepusculares e terrícolas, eventualmente arborícolas. Os indivíduos juvenis são mais arborícolas do que os adultos. Matam suas presas por constrição. Quando ameaçada, abre a boca e emite um som prolongado. São muito perseguidas para fins de criação como animal doméstico e para uso de seu couro. Em cativeiro podem viver até 40 anos.

Predadores: serpentes *Clelia clelia, Eunectes murinus.*

Reprodução: São vivíparas, dando à luz seis a 64 filhotes. A gestação dura de cinco a oito meses. Há registros de partenogênese. A reprodução ocorre na estação seca local. Nessa época até 10 machs podem ser encontrados emaranhados a uma fêmea.

Distribuição: Ocorrem do México ao Paraguai. No Brasil ocorrem em quase todos os estados, exceto Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Cisneros-Heredia et al., 2005; Pizzatto et al., 2009; Freitas, 2011; Quintino & Bicca-Marques, 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Señaris et al., 2018; Cabral et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Benício et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Hinojosa & Ayala-Varela, 2025.

Corallus batesii (Gray, 1860)

Comprimento: até 1,94 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas de terra firme e florestas sazonalmente inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores, marsupiais, aves, morcegos, serpentes (*Bothrops*), eventualmente lagartos (*Thecadactylus*).

Dentre os marsupiais consomem: *Didelphis, Micoureus*.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Hábitos noturnos e arborícolas.

Predadores: jacarés *Paleosuchus trigonatus*.

Reprodução: Vivípara, dando à luz sete a 10 filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2011; Henderson & Pauers, 2012; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Albuquerque & Travaglia-Cardoso, 2024.

Corallus caninus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: machos: até 1,50 m; fêmeas: até 2,00 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de roedores (Cricetidae), aves, lagartos e marsupiais (*Didelphis, Micoureus*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e arborícolas.

Reprodução: Vivípara, dando à luz até 14 filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Freitas, 2003; Pizzatto et al., 2009; Henderson & Pauers, 2012; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Corallus cropanii (Hoge, 1954 “1953”)

Sinonímia recente: *Xenoboa cropanii*

Comprimento: até 1,28 m.

Habitat: Ocorrem em florestas secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de marsupiais (*Metachirus*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes. Possivelmente arborícolas.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo.

Fontes: Freitas, 2003; Henderson & Pauers, 2012; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Corallus hortulana (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Corallus hortulanus, Corallus enydris*

Comprimento: até 2,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas antropizadas, florestas de galerias, florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, matas secas e bordas de floresta.

Alimentação: Alimentam-se de roedores, marsupiais, morcegos, macacos (*Saimiri*), aves, lagartos, anfíbios anuros e jacarés juvenis (*Melanosuchus*).

Dentre os roedores consomem: *Rhipidomys, Nectomys, Oligoryzomys, Rhipidomys, Proechimys, Hylaeamys*.

Dentre os marsupiais consomem: *Gracilinanus, Marmosa, Micoureus, Philander.*

Dentre os morcegos consomem: *Artibeus, Myotis, Phyllostomus, Pteronotus, Carollia,* Molossidae.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Iguana, Tropidurus*.

Dentre as aves consomem: *Atticora, Cacicus, Pitangus, Tangara, Turdus,* Psittacidae.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, crepusculares e arborícolas, eventualmente terrícolas. São encontradas até 25 m acima do solo. Ocorrem principalmente em baixas altitudes. Em cativeiro podem viver até 15 anos.

Predadores: aves coruja suindara (*Tyto furcata*), gaviões; jacarés *Melanosuchus niger, Paleosuchus trigonatus*.

Reprodução: Vivípara, dando à luz três a 40 filhotes. A gestação dura seis a sete meses. Reprodução registrada entre maio e setembro. As fêmeas podem comer alguns de seus filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto a região sul.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Pizzatto et al., 2009; Freitas, 2011; Henderson & Pauers, 2012; Silva et al., 2012; Fraga et al., 2013; Silva & Henderson, 2013; Morato et al., 2014; Gonzalez et al., 2016; Ribeiro-Junior et al., 2016; Bernarde et al., 2017; Yánez-Muñoz et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Carvalho et al., 2019; Barbosa et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Barbier et al., 2023; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Santos et al., 2025.

Epicrates assisi Machado, 1944

Sinonímia recente: *Epicrates cenchria assisi*

Comprimento: até 1,80 m.

Habitat: Ocorrem na caatinga e em algumas regiões de ecótono com cerrado e mata atlântica, em áreas de florestas e áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos roedores (Cricetidae), lagartos e aves.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Não é peçonhenta. Ocorrem de baixas a altas altitudes.

Distribuição: Ocorrem no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Pizzatto et al., 2009; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Benício et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Epicrates cenchria (Linnaeus, 1758)

Comprimento: até 2,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas antropizadas, florestas de terra firme, florestas de galeria, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores, morcegos (*Desmodus*), aves (Passeriformes), ovos de aves (*Tinamus*), lagartos (*Ameiva*) e anfíbios anuros.

Dentre os roedores consomem: *Cavia*, *Thaptomys, Rattus*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, crepusculares, semiarborícolas e terrícolas, eventualmente podem subir na vegetação e ser encontradas durante o dia. Eventualmente realizam atividades semiaquáticas. Dentição áglifa. Ocorrem em baixas altitudes. Em cativeiro podem viver até 22 anos.

Predadores: serpentes *Drymarchon corais*; canídeos; gaviões.

Reprodução: Vivípara, dando à luz seis a 25 filhotes. A gestação dura de cinco a oito meses. Reprodução registrada entre maio e julho, nascimento dos filhotes entre dezembro e abril. Eventualmente podem realizar partenogênese.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; PIzzatto et al., 2009; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Martin-Solano et al., 2016; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Fiorillo & Batista, 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023; Mensah et al., 2025.

Epicrates crassus Cope, 1862

Sinonímia recente: *Epicrates cenchria crassus*

Comprimento: até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores (*Necromys*), marsupiais (*Monodelphis*) e aves (Passeriformes).

Comportamento e observações: Consta que é ameaçada pela expansão urbana, agropecuária e de silvicultura. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Pizzatto et al., 2009; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Epicrates maurus Gray, 1849

Sinonímia recente: *Epicrates cenchria maurus*

Comprimento: até 1,70 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, desde florestas até ambientes antropizados.

Alimentação: Alimentam-se de roedores (*Zygodontomys*), morcegos (*Saccopteryx*), aves, lagartos (*Ameiva*) e anfíbios.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Ocorrem principalmente em baixas altitudes.

Reprodução: Vivípara. Possui registro de partenogênese.

Distribuição: Ocorrem no Panamá, Nicarágua, Costa Rica, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Trinidad e Tobago e no Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá e Pará.

Fontes: Señaris et al., 2018; Aya-Cuero et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Salazar-Guzmán et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Grisales-Martínez et al., 2024.

Eunectes deschauenseei Dunn & Conant, 1936

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e florestas inundadas.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes. É possível que essa espécie seja sinonímia de *Eunectes notaeus* e *Eunectes beniensis*, baseado em estudos genéticos.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa e no Brasil, onde ocorrem no Amapá e no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Rivas et al., 2024.

Eunectes murinus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: até mais de 10 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes aquáticos, igarapés, rios, lagos, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e praias.

Alimentação: Alimentam-se de mamíferos, aves, jacarés, lagartos (*Tupinambis*), serpentes, quelônios (*Mesoclemmys*), anfíbios anuros e peixes. Também podem praticar canibalismo.

Dentre os mamíferos consomem: roedores (i.e. pacas e capivaras), marsupiais (*Didelphis*), veados, macacos, porcos, cães, filhotes de anta, tamanduás, lontras, tatus e bezerros.

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não são peçonhentas. Ocorrem em baixas altitudes. Possuem hábitos noturnos e quando ativas são principalmente aquáticas, mas podem ser encontradas se deslocando no solo ou na vegetação na margem de cursos-d'água. Podem ficar até 30 minutos sem respirar. Caçam por emboscada de animais que se aproximam da água, matando a presa por constrição ou afogamento.

Conforme estudos genéticos, as populações de *Eunectes murinus* podem ser duas espécies, com as populações mais ao norte sendo da espécie denominada *Eunectes akayima*.

Predadores: de filhotes e juvenis: garças, gaviões, jacarés; de adultos: onça-pintada (*Panthera onca*).

Reprodução: Vivípara, dando à luz 49 a 82 filhotes. Se reproduzem em grandes agregações, compostas de uma fêmea e um a mais de 10 machos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Trinidad, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Prado, 1945; Rivas, 2000; Freitas, 2003; Amorós & Manrique, 2008; Pizzatto et al., 2009; Vinke et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Benício et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Rivas et al., 2024; Starace & Ineich, 2025.

***Eunectes notaeus* Cope, 1862**

Comprimento: até 7 m.

Habitat: Ocorrem em áreas úmidas e ambientes ripários, como rios, banhados, lagos e lagoas.

Alimentação: Alimentam-se de mamíferos, ovos de aves, aves (*Agelaius*), moluscos, répteis, peixes, carniça, quelônios e jacarés de porte mediano (e.g. *Caiman latirostris*).

Dentre os mamíferos consomem: quatis (*Nasua*), cutias (*Dasyprocta*), tatus, ratos (*Scapteromys*), *Lutreolina*.

Dentre os quelônios consomem: *Podocnemis*, *Peltocephalus*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos aquáticos e possivelmente são agressivas. Matas suas presas por constrição.

Reprodução: Vivípara, dão à luz quatro a 40 filhotes, a gestação dura quatro a nove meses. Atingem a maturidade sexual com quatro a sete anos de vida. A fêmea pode ajudar os filhotes a saírem do saco embrionário usando sua boca.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Boa constrictor

Conforme foto de H.S.Cruz/biodiversitey4all

Família Colubridae

Família composta por serpentes bastante variadas em formas e cores que ocorrem em variados *habitat*, de florestas a desertos e de terras baixas até áreas montanhosas. Possuem 144 mm a 3,80 m. A depender da espécie, podem ser diurnas, noturnas, fossoriais, semifossoriais, terrestres, aquáticas ou arborícolas. Alguns gêneros são vivíparos, dando à luz até 25 filhotes, mas a maioria é ovíparo, colocando até 40 ovos.

Alimentam-se de invertebrados, anfíbios, répteis, ovos, aves, e pequenos mamíferos.

Geralmente quando ameaçadas, tentam fugir, mas há espécies que podem achatar o corpo verticalmente ou tentar morder. Algumas ainda podem perder a cauda, mas, diferente dos lagartos, nessas serpentes ele não se regenera.

Fontes: Savitzky, 2003; O'Shea, 2023.

Chironius bicarinatus (Wied, 1820)

Comprimento: até 1,80 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas antropizadas e áreas abertas, muitas vezes próximo de cursos-d'água.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros e, eventualmente, pequenos lagartos (e.g. *Hemidactylus*) e aves.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana*, *Bokermannohyla*, *Haddadus, Ischnocnema, Itapotihyla*, *Leptodactylus*, *Pseudis, Scinax, Thoropa*.

Comportamento e observações: Deslocam-se sobre o solo e sobre a vegetação, possuem hábitos diurnos. Quando ameaçada, pode achatar a região da garganta lateralmente para parecer maior e desferir botes com a boca aberta. Movem-se com bastante velocidade. Durante a noite dormem sobre a vegetação. Ocorrem em altitudes baixas a elevadas, até 1.850 m.

Predadores: aves gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*).

Reprodução: Reprodução ocorre na primavera. Ovípara, colocam até 14 ovos. Há registro de uma postura de ovos em formigueiro.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Goiás, Ceará, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Argôlo, 2004; Carreira et al., 2005; Oliveira, 2008; Marques et al., 2009; Freitas, 2011; Bovo & Sueiro, 2012; Borges-Martins et al., 2013; Vrcibradic & Eisfeld, 2016; Borges et al., 2017; Zocche et al., 2018; Almeida et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Roberto & Souza, 2020; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Chironius brazili Hamdan & Fernandes, 2015

Habitat: Ocorrem em savanas e florestas de galeria.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e peixes.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Bokermannohyla, Thoropa.*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes elevadas.

Distribuição: Ocorrem no Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Parreira et al., 2024; Oliveira et al., 2025; Assunção & Saturno, 2025.

Chironius carinatus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: até 2,70 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, desde florestas até ambientes antropizados.

Alimentação: Alimentam-se principalmente de anfíbios, também de pequenos lagartos (*Cnemidophorus*), ratos e aves.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Itapotihyla, Pseudis, Trachycephalus.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, terrícolas e arborícolas. Mas podem mergulhar nas águas de córregos. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Predadores: gavião acauã (*Herpetotheres cachinnans*).

Reprodução: Ovípara, colocam seis a 15 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Equador, Peru, Bolívia, Colômbia, Trinidad e no Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Señaris et al., 2018; Sousa et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Roberto & Souza, 2020; George, 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Angarita-Sierra et al., 2024.

Chironius diamantina Fernandes & Hamdan, 2014

Sinonímias recentes: *Chironius flavolineatus*

Habitat: Ocorrem em savanas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Podem mergulhar em rios como forma de escapar de ameaças. Ocorrem em altitudes elevadas.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, na porção norte da Serra do Espinhaço.

Fontes: Fernandes & Hamdan, 2014; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Chironius dixoni Wiest, 1978

Sinonímia recente: *Chironius laurenti*

Comprimento: Até 2,15 m.

Habitat: Ocorrem em florestas decíduas, florestas de galerias, matas secas, e áreas alteradas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, ocasionalmente salamandras e roedores.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos, terrícolas e arborícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Acre, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Roberto & Souza, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Chironius exoletus (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Chironius pyrrhopogon*

Comprimento: até 1,54 m.

Habitat: Ocorrem em florestas, áreas abertas, florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta e capoeiras.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, principalmente arborícolas, e, eventualmente, pequenos lagartos.

Dentre os lagartos consomem: *Hemidactylus, Thecadactylus, Anolis, Urostrophus*.

Dentre os anfíbios consomem: *Bolitoglossa, Dendropsophus, Boana, Ecnomiohyla, Itapotihyla, Phyllomedusa, Scinax, Trachycephalus, Leptodactylus, Pristimantis, Thoropa, Lithobates, Smilisca.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, noturnos e semiarborícolas, deslocamento sobre o solo e sobre a vegetação. Ocorrem em baixas altitudes. Quando ameaçadas, podem inflar o pescoço, abrir a boca e atacar agressivamente.

Predadores: serpentes *Clelia equatoriana, Clelia clelia.*

Reprodução: Ovípara. Reprodução registrada em janeiro, fevereiro, abril e julho. Colocam de quatro a 12 ovos.

Distribuição: Ocorrem desde a Costa Rica e Panamá até à Argentina. No Brasil ocorrem em quase todos os estados, exceto Rio Grande do Norte e registros incertos no Alagoas.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Roberto & Souza, 2020; Williams et al.,

2021; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Chironius flavolineatus (Jan, 1863)

Comprimento: até 1,2 m.

Habitat: Ocorrem em savanas e florestas de galeria.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e lagartos (*Hemidactylus*).

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Bokermannohyla, Leptodactylus, Pristimantis, Scinax, Physalaemus, Thoropa.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, terrícolas e arborícolas. Podem mergulhar em córregos para tentar escapar de ameaças. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Predadores: aves rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*).

Reprodução: Ovípara, colocam três a cinco ovos. Reprodução registrada em junho e julho. A incubação dura 100 dias.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Roraima, Acre, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Piratelli et al., 1996; Freitas, 2003; Pinto et al., 2008; Freitas, 2011; Passos et al., 2017; Aximoff et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Roberto & Souza, 2020; Mascarenhas et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Oliveira et al., 2025.

Chironius foveatus Bailey, 1955

Comprimento: até 2,25 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, aves (*Drymophila*) e pequenos lagartos (*Hemidactylus*).

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Bokermannohyla, Fritziana, Haddadus, Itapotihyla, Proceratophrys.*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos, deslocam-se no solo e sobre a vegetação. Ocorrem geralmente em baixas altitudes, próximas da costa.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem nos estados da região Sul e Sudeste, também na Bahia.

Fontes: Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Roberto & Souza, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Abegg et al., 2024.

Chironius fuscus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas de terra firme, florestas sazonalmente inundadas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, eventualmente salamandras, aves, roedores e lagartos.

Dentre os lagartos consomem: *Kentropyx, Anolis, Gonatodes.*

Dentre os anfíbios consomem: *Bolitoglossa, Allobates, Phyllobates, Dendropsophus, Boana, Ololygon, Scinax, Trachycephalus, Leptodactylus, Physalaemus, Haddadus, Pristimantis, Ischnocnema, Thoropa, Adelophryne, Osteocephalus.*

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e terrícolas, eventualmente arborícolas. Podem se ocultar em ninhos de formigas-cortadeiras. O principal mecanismo de defesa é fugir rapidamente, também podem inflar o pescoço e abrir a boca para parecerem maiores. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: aves acauã (*Herpetotheres cachinnans*); serpentes *Clelia clelia*.

Reprodução: Ovípara, colocando três a oito ovos. A reprodução possivelmente ocorre ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Equador, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e uma ocorrência incerta no Tocantins.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Nascimento et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Silva-Ferreira et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Roberto & Souza, 2020; Arteaga et al.,

2022; Leite et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Chironius gouveai Entiauspe-Neto, Lyra, Koch, Quintela, Abegg & Loebmann, 2020

Sinonímia recente: *Chironius bicarinatus*

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai e Brasil, onde ocorrem nos estados da região Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Chironius laevicollis (Wied, 1824)

Comprimento: até 2,0 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros (*Leptodactylus*) e lagartos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e terrícolas, mas podem subir sobre a vegetação. Em geral ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Roberto & Souza, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Chironius maculoventris Wiest, 1978

Habitat: Ocorrem em matas secas e florestas sazonais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e pequenos lagartos. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: aves choró-boi (*Taraba major*).

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul, na região do Espinilho.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Montellano, 2020; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Chironius multiventris Schmidt & Walker, 1943

Sinonímia recente: *Chironius cochranae*

Comprimento: machos: até 2,70 m; fêmeas: até 2,30 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Boana*) e lagartos (*Norops* e *Polychrus*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e semiarborícolas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara. Fêmeas grávidas podem conter sete a 10 ovos nos ovidutos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Maranhão e registros incertos no Tocantins.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Gonçalves et al., 2024.

Chironius quadricarinatus (Boie, 1827)

Sinonímia recente: *Pseustes sexcarinatus, Phrynonax sexcarinatus, Chironius cinnamomeus*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, florestas decíduas, áreas campestres e campos cerrados.

Alimentação: Alimentam-se principalmente de anfíbios anuros, eventualmente lagartos, aves e ovos de aves.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Scinax, Physalaemus.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, deslocam-se pelo solo e sobre a vegetação. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara, colocam seis a sete ovos. Oviposição registrada em novembro e dezembro.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai e Brasil, onde ocorrem no

Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Fontes: Argôlo, 2004; Pinto et al., 2008; Pinto et al., 2010; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Roberto & Souza, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Chironius scurrulus (Wagler *in* Spix, 1824)

Sinonímia recente: *Chironius scurrula*

Comprimento: até 2,43 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, florestas primárias, florestas secundárias e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, ocasionalmente lagartos.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Phyllomedusa, Scinax, Leptodactylus.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e semiarborícolas; os juvenis são mais arborícolas e os adultos mais terrícolas. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocando seis a 18 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Peru, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Roberto & Souza, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Chironius septentrionalis Wiest, 1978

Sinonímia recente: *Chironius multiventris septentrionalis*

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e lagartos.

Dentre os anfíbios consomem: Hylidae, Leptodactylidae.

Reprodução: Ovíparos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela e no Brasil, onde ocorrem em Roraima.

Fontes: Roberto & Souza, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dendrophidion atlantica Freire, Caramaschi & Gonçalves, 2010

Comprimento: até 1 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Pristimantis*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam três ovos. Oviposição registrada em agosto.

Distribuição: Ocorrem em Pernambuco, Ceará, Paraíba e Alagoas.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Lima et al., 2019; Lima et al., 2019b; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Andrade-Oliveira et al., 2025.

Dendrophidion dendrophis (Schlegel, 1837)

Comprimento: até 1,30 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, pastagens e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, artrópodes e pequenos lagartos (*Uranoscodon*).

Dentre os anfíbios consomem: *Adenomera, Anomaloglossus, Chiasmocleis, Oreobates, Physalaemus, Pristimantis, Pseudopaludicola*.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos, semiarborícolas e terrícolas. Durante a noite pode se empoleirar em galhos até 2 m de altura do solo. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocando quatro a seis ovos. Oviposição registrada em fevereiro, março, julho e outubro.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Freitas, 2003; Prudente et al., 2007; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Oliveira et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Melo

et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Drymarchon corais (Boie, 1827)

Comprimento: até 3,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, cerrado, ambientes arbustivos, florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de florestas, florestas em geral, matas secas, campinaranas e capoeiras.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos (*Calomys*), anfíbios anuros, aves, ovos de aves, serpentes, anfisbênias, peixes, lagartos e carniça.

Dentre as anfisbênias consomem: *Amphisbaenia, Leposternon.*

Dentre os mamíferos consomem: roedores e marsupiais.

Dentre os anfíbios consomem: *Rhinella, Leptodactylus.*

Dentre as serpentes consomem: *Bothrops, Epicrates, Erythrolamprus, Lachesis, Leptodeira, Micrurus, Philodryas, Pseudoboa, Siphlophis.*

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Iphisa, Tropidurus.*

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não é peçonhenta, mas sua mordida pode ser bastante dolorosa. Possuem hábitos diurnos, crepusculares e terrícolas, eventualmente sobem em árvores. Quando ameaçada, pode vibrar fortemente a ponta da cauda. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: serpentes *Bothrops atrox, Clelia clelia.*

Reprodução: Ovípara, colocam de quatro a 14 ovos. Oviposição registrada em outubro, mas consta que ocorre na estação seca local. A incubação dura três meses.

Distribuição: Ocorrem do sul dos Estados Unidos ao norte da Argentina. No Brasil ocorrem em quase todos os estados, exceto a região Sul, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Ocorrência duvidosa no Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Campos et al., 2010; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Prudente et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Señaris et al., 2018; Pelegrini et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023; Silva & Filho, 2024; Nogueira et al., 2024; Santos et al., 2024; Couto & Neto, 2024; Mensah et al., 2025.

Drymobius rhombifer (Günther, 1860)

Comprimento: até 1,26 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros e lagartos.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Durante a noite permanecem na vegetação até 2 m de altura do solo. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Peru, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Acre, Rondônia, Amazonas e Pará; ocorrência duvidosa no Amapá.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Drymoluber brazili (Gomes, 1918)

Comprimento: até 80 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado/savana.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Piauí, Ceará, Paraíba, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Drymoluber dichrous (Peters, 1863)

Comprimento: machos: até 1,30 m; fêmeas: até 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas antropizadas, brejos, florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de florestas, capoeiras e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, aves e lagartos e seus ovos, eventualmente consomem serpentes e praticam canibalismo.

Dentre os anfíbios consomem: *Pristimantis, Leptodactylus.*

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Arthrosaura, Gonatodes, Iphisa, Potamites, Norops.*

Dentre as serpentes consomem: *Erythrolamprus, Mastigodryas, Oxybelis.*

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e terrícolas, mas usam a vegetação para repouso. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: aranhas *Acanthoscurria* sp., *Theraphosa blondi.*

Reprodução: Ovípara, colocando um a seis ovos. Reprodução ocorre ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Peru e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ocorrência duvidosa no Tocantins.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Abegg et al., 2015; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Eversole et al., 2020; Bilce et al., 2021; Barbosa et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leptophis ahaetulla (Linnaeus, 1758)

Comprimento: até 2,34 m.

Habitat: Ambientes florestais, ambientes áridos, áreas abertas, áreas antropizadas; florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de florestas e capoeiras.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros e ocasionalmente lagartos, preferencialmente arborícolas. Eventualmente consomem outras serpentes, aves jovens e salamandras.

Dentre os anfíbios consomem: *Bolitoglossa, Boana, Scinax, Osteocephalus, Sphaenorhynchus, Trachycephalus.*

Dentre os lagartos consomem: *Gonatodes, Hemidactylus, Phyllopezus, Polychrus, Thecadactylus.*

Comportamento e observações: Espécie arborícola, eventualmente terrícola, ativa durante o dia, porém também pode forragear à noite. Ocorrem até 2.700 m de altitude. Dentição opistóglifa: consta que a picada pode causar inchaço local.

Reprodução: Ovípara, colocam de um a oito ovos.

Distribuição: Ocorrem do Sul do México ao Norte da Argentina. No Brasil ocorrem em Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Maranhão e Piauí.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Argôlo, 2004; Albuquerque et al., 2007; Castro-Herrera et al., 2007; Solé et al., 2010; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Gómez-Hoyos et al., 2015; Vieira & Gomes, 2016; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Oliveira et al., 2021; Benício et al., 2021; Chaloupka & Rodriguez, 2021; Arteaga et al., 2022; Leite et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leptophis dibernardoi Albuquerque, Santos, Borges-Nojosa & Ávila, 2022

Habitat: Ocorrem em áreas de caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, pequenos lagartos e aves (*Turdus*).

Dentre os anfíbios consomem: *Corythomantis, Pithecopus, Scinax, Trachycephalus.*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e arborícolas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Minas Gerais.

Fontes: Albuquerque et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Filho et al., 2023; Gonzalez et al., 2024.

Leptophis liocercus (Wied, 1824)

Sinonímia recente: *Leptophis ahaethula liocercus*

Comprimento: até 1,80 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Boana*), lagartos, filhotes de aves e roedores.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas, arborícolas e diurnos.

Reprodução: Ovípara, colocam seis a 12 ovos. Oviposição registrada em setembro e maio.

Distribuição: Ocorrem na Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Barbosa et al., 2023; Silva et al., 2025.

Leptophis marginatus (Cope, 1862)

Sinonímia recente: *Leptophis ahaetulla marginatus*

Comprimento: até 1,50 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Scinax*), aves (filhotes e ovos) e pequenos lagartos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e arborícolas, sendo bastante ágeis. Quando ameaçada, abre a boca e realiza movimentos laterais.

Predador: lagarto-teiú (*Salvator merianae*).

Reprodução: Ovípara, colocam dois a quatro ovos unidos entre si.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Couto et al., 2024.

Leptophis nigromarginatus (Günther, 1866)

Sinonímia recente: *Leptophis ahaetulla nigromarginatus*

Comprimento: até 1,52 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e lagartos (*Thecadactylus*).

Dentre os anfíbios consomem: *Pristimantis, Hemiphractus, Boana, Callimedusa, Dendropsophus, Scinax, Sphaenorhynchus, Osteocephalus.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos semiarborícolas e diurnos. Quando ameaçadas, podem inflar o pescoço e abrir a boca enquanto atacam repetidamente. Dentição opistóglifa, sua picada causa dor local intensa e sangramento.

Reprodução: Ovípara. Colocam um a seis ovos. Consta que um ninho foi encontrado em uma cavidade de bambu a 12 m do solo.

Distribuição: No Brasil ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Albuquerque & Martins, 2024.

Mastigodryas boddaerti boddaerti (Sentzen, 1796)

Comprimento: até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas agrícolas, áreas urbanas, florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de florestas, capoeiras e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, répteis, aves, insetos e roedores.

Dentre os anfíbios consomem: *Leptodactylus, Scinax.*

Dentre os répteis consomem: *Hemidactylus,* Gymnophthalmidae, *Mabuya, Gonatodes, Ameiva, Cnemidophorus, Kentropyx, Tupinambis, Uranoscodon, Tropidurus*.

Dentre as aves consomem: *Troglodytes,* Dendrocolaptidae.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, arborícolas e terrícolas. Forrageiam ativamente. Quando ameaçada, pode agitar a ponta da cauda rapidamente. Ocorrem até 2.500 m de altitude.

Reprodução: Ovípara, colocam quatro a seis ovos. Oviposição registrada em dezembro.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Bolívia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Peru, Trinidad e Tobago e no Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia,

Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí e Ceará.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Siqueira et al., 2012; Oliveira et al., 2013; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Mastigodryas moratoi Montingelli & Zaher, 2011

Habitat: Ocorrem em áreas de savana.

Comportamento e observações: Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana e no Brasil, onde ocorrem em Roraima e Amazonas.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Mastigodryas pleii (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sinonímia recente: *Mastigodryas pleei*

Comprimento: até 1,50 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados desde florestas até ambientes antropizados.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, pequenos lagartos (e.g. *Ameiva*), pequenos mamíferos e aves.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípora, colocam seis ovos.

Distribuição: Ocorrem no Panamá, Colômbia, Peru, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Pará e ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Mourão et al., 2023.

Oxybelis aeneus (Wagler *in* Spix, 1824)

Comprimento: machos: até 1,40 m; fêmeas: até 2,00 m.

Habitat: Ambientes arborizados, florestas primárias, florestas secundárias, áreas agrícolas e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos e anfíbios anuros (*Leptodactylus*), eventualmente aves (*Estrilda*), pequenos mamíferos e insetos.

Dentre os lagartos consomem: *Alopoglossus, Anolis, Norops, Hemidactylus, Gonatodes, Tropidurus, Colobosaura, Ameivula, Gymnodactylus, Lygodactylus, Microblepharus, Iguana, Brasiliscincus, Ameiva, Cnemidophorus, Phyllopezus, Gymnophthalmus, Sceloporus, Basiliscus.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e arborícolas, ocasionalmente terrícolas. Ocorrem até 2.750 m de altitude. Dentição opistóglifa. Espécie pouco agressiva, prefere ficar imóvel para tentar se camuflar, mas quando ameaçada pode abrir totalmente a boca.

Predadores: serpentes *Philodryas nattereri, Oxyrhopus trigeminus.*

Reprodução: Ovípara, colocam três a oito ovos. Reprodução registrada em janeiro e fevereiro.

Distribuição: Ocorrem da América Central até a Bolívia e o Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto a região Sul e São Paulo.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Castro-Herrera et al., 2007; Almeida et al., 2009; Freitas, 2011; Mesquita et al., 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Franzini et al., 2018; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Benício et al., 2021; Oliveira-Souza et al., 2021; De-Carvalho et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Campos et al., 2022; Costa et al., 2022; Oliveira et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Cabral et al., 2025.

Oxybelis fulgidus (Daudin, 1803)

Comprimento: até 2,16 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de florestas, clareiras e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos, aves e, ocasionalmente, pequenos roedores.

Dentre os lagartos consomem: *Cnemidophorus, Tropidurus, Basiliscus,*

Ctenosaura, Sceloporus, Anolis, Polychrus, Tropidurus, Mabuya, Ameiva, Uranoscodon, Gonatodes, Thecadactylus.

Dentre as aves consomem: *Forpus, Dendrocincla, Volatinia, Carduelis, Tangara, Elaenia, Monasa, Taraba* (juvenil), *Ramphocelus, Setophaga, Chelidoptera, Icterus, Turdus, Columbina*.

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos diurnos e arborícolas, ocasionalmente terrícolas. Geralmente ocorrem em baixas altitudes. Sua picada produz efeitos locais leves, como coceira, vermelhidão, inchaço e leve dormência, mas sem consequências a longo prazo.

Predadores: aves gavião-preto (*Urubitinga urubitinga*).

Reprodução: Ovípara, colocando três a 14 ovos. A incubação dura de 78 a 149 dias. Oviposição registrada entre setembro e dezembro, mas há indícios de reprodução ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem do Sul dos Estados Unidos e do México ao Peru e Brasil, onde ocorrem nos estados da região Norte, também Mato Grosso, Maranhão e Piauí.

Fontes: Freitas, 2003; Valadão et al., 2007; Scartozzoni et al., 2009; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Miranda et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Pena et al., 2017; Gama et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Almeida et al., 2020; Brown, 2020; Barbosa et al., 2021; Díaz-Flórez & Alacarcón-Naforo, 2021; Toro-Orozco et al., 2021; Mayer, 2022; Arteaga et al., 2022; Eversole et al., 2023; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Palusophis bifossatus (Raddi, 1820)

Sinonímia recente: *Mastigodryas bifossatus*

Comprimento: até 2,5 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, capoeiras, áreas abertas, savanas, áreas alteradas, cerrado e caatinga, principalmente próximas de riachos, rios e lagoas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, lagartos (*Mabuya*), aves, serpentes e roedores.

Dentre os anuros consomem: *Boana, Leptodactylus, Physalaemus, Scinax*.

Dentre as serpentes consomem: *Philodryas, Tantilla.*

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos, crepusculares e terrícolas, mas também podem subir na vegetação. Ocorrem pertos de córregos, banhados e lagoas. Quando ameaçada e sem conseguir fugir, pode ser agressiva, batendo a ponta da cauda no solo. Ocorrem em altitudes variadas.

Reprodução: Ovípara, colocam até 22 ovos. Aparentemente podem se reproduzir ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Bolívia, Paraguai, Suriname, Argentina, Guiana Francesa, Peru e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Acre, Rondônia e Sergipe.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Leite et al., 2007; Marques & Muriel, 2007; Leite et al., 2009; Freitas, 2011; Borges-Martins et al., 2013; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phrynonax polylepis (Peters, 1867)

Sinonímia recente: *Phrynonax sexcarinatus, Pseustes poecilonotus polylepis, Phrynonax lyoni, Pseustes polylepis*

Comprimento: até 1,80 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de aves, roedores, lagartos e ovos de aves (*Ortalis*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas, ocasionalmente arborícolas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam 11 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Trinidad, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão. Registros duvidosos no Acre e no Tocantins.

Fontes: Morato et al., 2014; Ângulo & Chavez, 2017; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Rhinobothryum lentiginosum (Scopoli, 1785)

Comprimento: macho: até 1,30 m; fêmea: até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos, anfíbios, aves e pequenos mamíferos.

Dentre os lagartos consomem: *Gonatodes, Ameiva, Kentropyx, Plica, Polychrus, Copeoglossum, Iguana*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e semiarborícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam três ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão. Registros duvidosos no Tocantins.

Fontes: Freitas, 2003; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Arruda et al., 2015; Nogueira et al., 2019; García-Ayachi et al., 2020; Barbosa et al., 2021; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Simophis rhinostoma (Schlegel, 1837)

Sinonímia recente: *Simophis rohdei, Simophis rhinostomus*

Comprimento: até 1,0 m.

Habitat: Ocorrem em savana e áreas campestres.

Alimentação: Alimentam-se de girinos, pequenos peixes, lagartos e roedores.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas, diurnos e noturnos. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara, colocam dois a sete ovos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, São Paulo e Paraná.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Albuquerque et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Spilotes pullatus pullatus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: até 3,60 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes arborizados variados.

Alimentação: Alimentam-se de aves, ovos de aves, roedores, morcegos, marsupiais (*Marmosa*), serpentes, lagartos, morcegos e anfíbios anuros.

Dentre as aves consomem: *Trogon, Turdus, Amazona, Cacicus, Forpus, Gnorimopsar, Megarynchus, Ramphocelus*.

Dentre os morcegos consomem: *Artibeus, Molossus*.

Dentre os roedores consomem: *Coendou, Oligoryzomys, Nectomys, Proechimys, Sciurus, Reithrodontomys.*

Comportamento e observações: Espécie arborícola de hábitos diurnos, ocasionalmente terrícola. Ocorrem até 2.730 m de altitude. Dentição áglifa. Não é peçonhenta, mas pode ser agressiva e sua mordida pode causar infecções. Quando ameaçada, levanta a cabeça e emite um sibilar, podendo achatar o corpo verticalmente. Também pode chacoalhar a ponta da cauda.

Reprodução: Ovípara, colocam de sete a 16 ovos.

Distribuição: Ocorrem do México à Argentina. No Brasil ocorrem em todos os estados.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Castro-Herrera et al., 2007; Mendonça et al., 2011; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Marques et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Belle & Luna, 2020; Williams et al., 2021; Benício et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Diaz-Ricaurte et al., 2024.

Spilotes sulphureus sulphureus (Wagler *in* Spix, 1824)

Sinonímia recente: *Pseustes sulphureus sulphureus*

Comprimento: Até 3,00 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta, capoeiras e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos, aves, roedores (*Phyllomys*) e morcegos (*Myotis*).

Dentre as aves consomem: *Crypturellus, Formicivora, Gallus, Harpagus, Pitangus, Stelgidopteryx.*

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e arborícolas, eventualmente terrícolas.

Reprodução: Ovípara, colocando de sete a 14 ovos.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Trinidad, Colômbia, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão, Ceará, Paraíba, Alagoas e Sergipe.

Fontes: Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Bocchiglieri et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Mendoza-Soto et al., 2024; Diaz-Ricaurte et al., 2024.

Spilotes sulphureus poecilostoma (Wied, 1824)

Sinonímia recente: *Pseustes sulphureus poecilostoma*

Comprimento: até 3,0 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores, lagartos, anfíbios, ovos e aves.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos, terrícolas e arborícolas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tantilla boipiranga Sawaya & Sazima, 2003

Habitat: Ocorrem em áreas de ecótono entre cerrado e mata atlântica, em áreas campestres com afloramentos rochosos e áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Espírito Santo e Minas Gerais.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tantilla melanocephala (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Tantilla marcovani, Tantilla longifrontalis, Tantilla equatoriana, Tantilla fraseri*

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, caatinga, cerrado, áreas campestres e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de moluscos, minhocas, centopeias, milípedes e outros artrópodes.

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos diurnos e noturnos, terrícolas e criptozoicos, ocultos em meio à serrapilheira. Não é agressiva e é pouco venenosa. Quando ameaçadas, expelem materiais pela cloaca. Ocorrem em altitudes variadas.

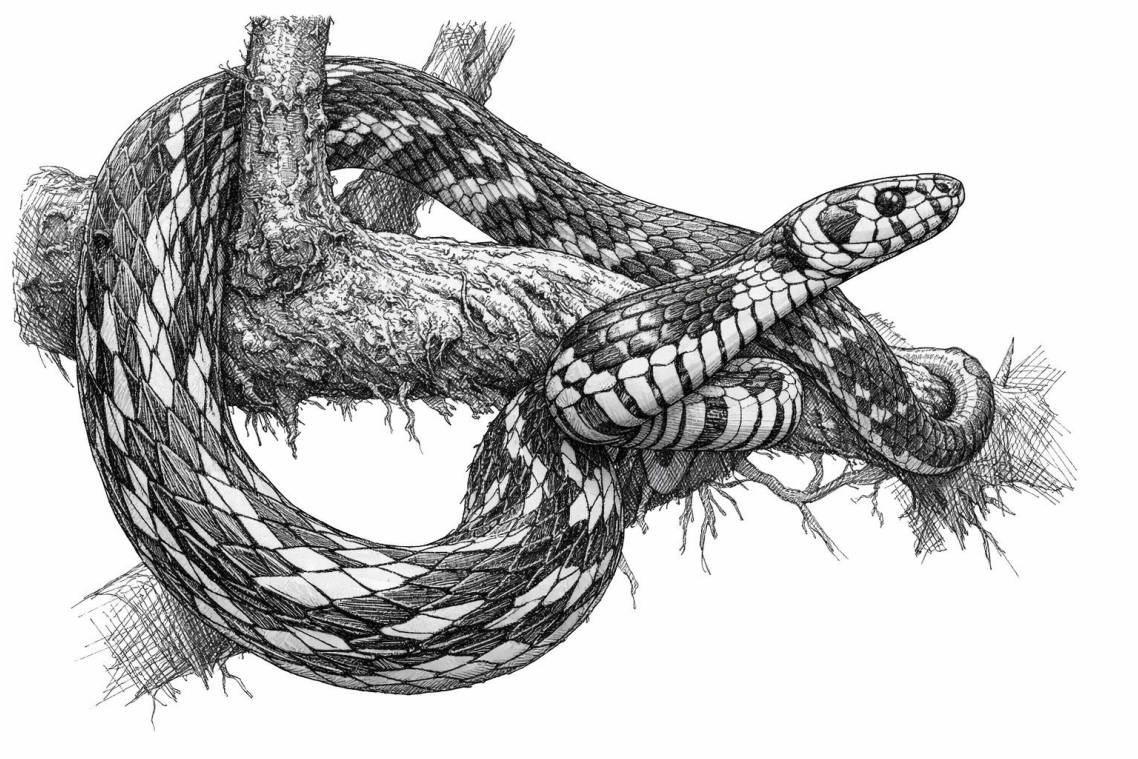
Predadores: aranhas *Latrodectus;* serpentes *Erythrolamprus guentheri, Erythrolamprus aesculapii, Micrurus corallinus, Bothrops atrox, Clelia clelia, Pseudoboa coronata*; aves coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*).

Reprodução: Ovípara, colocando um a três ovos. Oviposição registrada entre março e dezembro.

Distribuição: Ocorrem do México à Argentina e Uruguai. No Brasil ocorrem em quase todos os estados, exceto Espírito Santo.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Carreira et al., 2005; Santos-Costa et al., 2006; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017;

Borges et al., 2017; Rocha et al., 2017; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Bisneto & Kaefer, 2019; Williams et al., 2021; Santiago et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Hidalgo et al., 2025.



Spilotes pullatus
Conforme foto de L. Botelho/biodiversity4all

Família Dipsadidae

Família composta por serpentes que ocorrem em ambientes variados a depender da espécie, de florestas a desertos, de terras baixas a montanhas. Possuem 238 mm a 2,75 m. A depender da espécie, possuem hábitos diurnos, noturnos, fossoriais, semifossoriais, terrestres, aquáticos ou arborícolas. São ovíparas colocando três a 49 ovos; há também espécies vivíparas, dando à luz seis a 31 filhotes. Alimentam-se de minhocas, insetos, centopeias, moluscos, pequenos mamíferos, peixes, salamandras, lagartos, serpentes, ovos de répteis, amphisbaenas, aves, cecílias, pequenos mamíferos, sapos, girinos e ovos de anfíbios.

Fontes: O'Shea, 2023.

Atractus aboiporu Melo-Sampaio, Passos, Fouquet, Prudente & Torres-Carvajal, 2019

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem no Amapá.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus akerios Melo-Sampaio, Passos, Prudente, Venegas & Torres-Carvajal, 2021

Sinonímia recente: *Atractus schach, Atractus snethlageae*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Pará e Maranhão.

Fontes: Melo-Sampaio et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus albuquerquei Cunha & Nascimento, 1983

Comprimento: 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres, cerrado e florestas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Predadores: serpentes *Micrurus paraensis.*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: No Brasil ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Souza et al., 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus alphonsehogei Cunha & Nascimento, 1983

Habitat: Ocorrem em florestas primárias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Pará e Maranhão.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus altagratiae Passos & Fernandes, 2008

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem no Pará.

Fontes: Passos & Fernandes, 2008; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus badius (Boie, 1827)

Sinonímia recente: *Atractus micheli, Atractus subbicinctus, Atractus subbicinctum*

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Guiana, Suriname e Brasil, onde ocorrem no Amapá e no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus boimirim Passos, Prudente & Lynch, 2016

Sinonímia recente: *Atractus insipidus*

Comprimento: rostro-cloaca: 150-390 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia e Pará.

Fontes: Passos et al., 2016; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus caete Passos, Fernandes, Bérnils & Moura-Leite, 2010

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Alagoas.

Fontes: Passos et al., 2010; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus caxiuana Prudente & Santos-Costa, 2006

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia e no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus collaris Peracca, 1897

Sinonímia recente: *Atractus limitaneus*

Comprimento: até 32,5 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de minhocas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos semifossoriais, diurnos e noturnos. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Micrurus obscurus.*

Reprodução: Ovípara. Filhotes registrados em setembro.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, no Equador, no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus dapsilis Melo-Sampaio, Passos, Fouquet, Prudente & Torres-Carvajal, 2019

Sinonímia recente: *Atractus schach, Atractus snethlageae*

Habitat: Ocorrem em florestas primárias.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem no Suriname e Brasil, onde ocorrem no Amazonas e no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Lehr & Jairam, 2023.

Atractus edioi Silva Jr., Silva, Ribeiro, Souza & Souza, 2005

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Goiás.

Fontes: Silva-Jr. et al., 2005; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus elaps (Günther, 1858)

Comprimento: até 62,6 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias, clareiras e áreas agrícolas.

Alimentação: Alimentam-se de minhocas (*Martiodrilus*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos semifossoriais. Em geral ocorrem em baixas altitudes. Quando ameaçadas, podem achatar o corpo dorsoventralmente ou enrolar o corpo e exibir sua cauda brilhante como isca.

Reprodução: Ovípara. Fêmeas grávidas continham seis ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas e Pará. Ocorrência duvidosa em Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Arteaga et al., 2022; Mesonero et al., 2025.

Atractus emmeli (Boettger, 1888)

Sinonímia recente: *Atractus taeniatus, Atractus boettgeri, Atractus paravertebralis, Atractus balzani, Atractus occipitoalbus, Atractus paravertebralis*

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Comportamento e observações: Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Acre e na Rondônia.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus flammigerus (Boie, 1827)

Sinonímia recente: *Geophis alasukai*

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, no Suriname e no Brasil, onde ocorrem no Amapá e no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus francoi Passos, Fernandes, Bérnils & Moura-Leite, 2010

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Passos et al., 2010; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus guentheri (Wucherer, 1861)

Comprimento: rostro-cloaca: 427 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de minhocas e artrópodes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos fossoriais, são ativas durante o dia e à noite. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara. Oviposição registrada em dezembro. Colocam seis ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Filadelfo et al., 2013; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus hoogmoedi Prudente & Passos, 2010

Sinonímia recente: *Atractus zidoki*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus insipidus Roze, 1961

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela e no Brasil, onde ocorrem em Roraima.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus latifrons (Günther, 1868)

Comprimento: até 61,8 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de minhocas.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e noturnos, fossoriais, ocasionalmente criptozoicas e terrícolas.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara, colocam três ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Peru e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Fraga et al., 2013; Bernarde et al., 2017; Ramírez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus maculatus (Günther, 1858)

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Pernambuco e Alagoas.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus major Boulenger, 1894

Sinonímia recente: *Atractus badius*

Comprimento: machos: até 60 cm; fêmeas: até 98,6 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e secundárias, clareiras e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de minhocas e insetos.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e noturnos, fossoriais, ocasionalmente criptozoicas e terrícolas. Os comportamentos defensivos incluem achatar o corpo, esconder a cabeça sob as espirais do corpo e cutucar com a cauda.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii, Micrurus surinamensis, Micrurus obscurus.*

Reprodução: Ovípara, colocam três a 12 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Rempalski et al., 2024.

Atractus natans Hoogmoed & Prudente, 2003

Sinonímia recente: *Atractus emersoni*

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas e no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus nawa Melo-Sampaio, Passos, Prudente, Venegas & Torres-Carvajal, 2021

Sinonímia recente: *Atractus schach, Atractus major*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Acre.

Fontes: Melo-Sampaio et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus pantostictus Fernandes & Puorto, 1994

Sinonímia recente: *Atractus guentheri*

Habitat: Ocorrem em florestas de galeria.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara. Oviposição registrada entre novembro e abril.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Resende & Nascimento, 2015; Nogueira et al., 2019; Ramírez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus paraguayensis Werner, 1924

Sinonímia recente: *Atractus trihedrurus, Atractus reticulatus, Atractus taeniatus*

Comprimento: rostro-cloaca: 213-462 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas úmidas.

Alimentação: Alimentam-se invertebrados e pequenos vertebrados.

Comportamento e observações: Possuem hábitos fossoriais, vivem ocultas embaixo de troncos caídos e rochas.

Predadores: serpente *Pseudoboa haasi*.

Reprodução: Ovípara. Oviposição registrada em novembro e dezembro.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Zanella & D'Agostini, 2018; Candaten et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus poeppigi (Jan, 1862)

Sinonímia recente: *Atractus elaps*

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus potschi (Jan, 1862)

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Provavelmente de hábitos semifossoriais. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus reticulatus (Boulenger, 1885)

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, áreas antropizadas e silviculturas.

Alimentação: Alimentam-se de invertebrados (e.g. minhocas) e anfíbios (Hylidae).

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta. Possuem hábitos noturnos e fossoriais. Forrageiam em locais úmidos, durante a noite e as primeiras horas da manhã. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Predadores: serpentes *Micrurus altirostris, Micrurus corallinus.*

Reprodução: Ovípara, colocam de um a oito ovos. Reprodução registrada entre agosto e março.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São

Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Sandoval et al., 2009; Borges-Martins et al., 2013; Borges et al., 2017; Rodriguez et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Santiago et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus riveroi Roze, 1961

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e florestas.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara

Distribuição: Ocorrem na Venezuela e no Brasil, onde ocorrem em Roraima.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus ronnie Passos, Fernandes & Borges-Nojosa, 2007

Comprimento: rostro-cloaca: 169-230 mm. Comprimento total: 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de minhocas, formigas (*Crematogaster*) e ovos de insetos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Predadores: serpentes *Bothrops leucurus.*

Reprodução: Ovípara. Colocam de um a quatro ovos.

Distribuição: Ocorrem no Ceará.

Fontes: Freitas, 2011; Silva et al., 2015; Nogueira et al., 2019; Ferreira-Silva et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus serranus Amaral, 1930

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Atractus snethlageae Cunha & Nascimento, 1983

Sinonímia recente: *Atractus schach*

Comprimento: Até 48 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e secundárias, clareiras, florestas primárias, florestas secundárias e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de minhocas e insetos.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e noturnos, fossoriais, ocasionalmente criptozoicas e terrícolas. Possivelmente sofrem impactos do desmatamento. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam cinco ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Camper & Zart, 2014; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus spinalis Passos, Teixeira Jr., Sena, Dal Vechio, Pinto, Mendonça, Cassimiro & Rodrigues, 2013

Habitat: Ocorrem em áreas campestres com afloramentos rochosos em áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Geralmente ocorrem em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus stygius Passos, Azevedo, Nogueira, Fernandes & Sawaya, 2019

Sinonímia recente: *Atractus albuquerquei*

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a baixas.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Passos et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus surucucu Prudente & Passos, 2008

Habitat: Ocorrem em campos (savana) de altitude.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Roraima, na Serra dos Surucucus.

Fontes: Prudente & Passos, 2008; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus tartarus Passos, Prudente & Lynch, 2016

Sinonímia recente: *Atractus insipidus*

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem no Pará e Maranhão.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus thalesdelemai Passos, Fernandes & Zanella, 2005

Sinonímia recente: *Atractus kangueryensis*

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e arbustivas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Passos et al., 2005; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus torquatus (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sinonímia recente: *Atractus davidhardi, Atractus lucilae, Atractus janethae*

Comprimento: machos: até 63 cm; fêmeas: até 76 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e secundárias, clareiras, florestas primárias, florestas secundárias e bordas de florestas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, noturnos e semifossoriais. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Ramírez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus trefauti Melo-Sampaio, Passos, Fouquet, Prudente & Torres-Carvajal, 2019

Sinonímia recente: *Atractus flammigerus snethlageae*

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa e Brasil, onde ocorrem no Amapá e Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus trihedrurus Amaral, 1926

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação:

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus trilineatus Wagler, 1828

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus melanotus, Erythrolamprus aesculapii*; piranhas *Pygocentrus nattereri.*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Trinidad e Tobago, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima e Amazonas (?).

Fontes: Snyder, 2016; Nogueira et al., 2019; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; George, 2023.

Atractus zebrinus (Jan, 1862)

Sinonímia recente: *Atractus maculatus, Atractus guentheri*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem geralmente em altas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Atractus zidoki Gasc & Rodrigues, 1979

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Suriname e Brasil, onde ocorrem no Amapá.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas albifrons (Sauvage, 1884)

Sinonímia recente: *Cochliophagus albifrons*

Comprimento: 50 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de moluscos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos e arborícolas, mas podem ser encontradas no solo. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Bothrops insularis.*

Reprodução: Ovípara. Oviposição registrada entre setembro e fevereiro.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Duarte et al., 1995; Hartmann et al., 2002; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas alternans (Fischer, 1885)

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Geralmente ocorrem em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem nos estados das regiões Sul e Sudeste.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Dipsas bothropoides Mebert, Passos, Fernandes, Entiauspe-Neto, Alvez, Machado & Lopes, 2020

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes baixas e intermediárias.

Distribuição: Ocorrem na Bahia e em Minas Gerais.

Fontes: Mebert et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas bucephala bucephala (Shaw, 1802)

Sinonímia recente: *Dipsas indica bucephala*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de lesmas, caracóis e insetos de corpos moles.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara, colocam até seis ovos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas catesbyi (Sentzen, 1796)

Comprimento: até 74,9 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, eventualmente áreas antropizadas, pastagens e plantações de cacau.

Alimentação: Alimentam-se de moluscos, eventualmente larvas de insetos e pequenos lagartos.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos noturnos, arborícolas e terrícolas. Podem ser encontradas até 20 m acima do solo da floresta. Podem emitir vocalizações como forma de defesa contra a predação. Ocorrem principalmente em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovíparas, colocam um a oito ovos. Oviposição registrada entre dezembro e julho.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Peru, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Pará, Maranhão e Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Alves et al., 2005; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Rodríguez-Jaramilo & González, 2022; Arteaga et al., 2022; Fernandes et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas copei (Günther, 1872)

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa e no Brasil, onde ocorrem em Roraima.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas indica indica Laurenti, 1768

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de moluscos.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos noturnos e arborícolas, eventualmente terrícolas. Quando ameaçadas, podem exalar um odor característico e achatar o corpo enquanto expandem a cabeça para simular uma forma triangular.

Reprodução: Ovípara, colocam quatro a oito ovos. A incubação dura 107 dias.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Equador, Peru, Bolívia e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Alagoas e Bahia.

Fontes: Sazima, 1989; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas indica petersi Hoge & Romano, 1976 "1975"

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de moluscos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos, arborícolas e terrícolas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas lavillai Scrocchi, Porto & Rey, 1993

Sinonímia recente: *Sibynomorphus lavillai*

Habitat: Ocorrem em áreas úmidas (e.g. chaco).

Alimentação: Alimentam-se de lesmas e caracóis.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas mikanii mikanii Schlegel, 1837

Sinonímia recente: *Sibynomorphus mikanii, Sibynomorphus garmani*

Alimentação: Alimentam-se de lesmas (Veronicellidae).

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii, Micrurus corallinus.*

Reprodução: Reprodução registrada entre setembro e fevereiro. Ovípara, colocam de três a 10 ovos. Podem fazer ninhos comunitários que podem conter mais de 40 ovos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Albuquerque & Ferrarezzi, 2004; Pilate et al., 2020; Santiago et al., 2021; Williams et al., 2021; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas mikanii septentrionalis (Cunha, Nascimento & Hoge, 1980)

Sinonímia recente: *Sibynomorphus mikanii*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Pará e Maranhão.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Dipsas neuwiedi (Ihering, 1911)

Sinonímia recente: *Sibynomorphus neuwiedi*

Comprimento: até 70 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas antropizadas, áreas urbanas e brejos.

Alimentação: Alimentam-se de lesmas (Veronicellidae).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos, crepusculares e terrícolas. Ocorrem principalmente em baixas altitudes. Quando capturadas, podem evacuar o conteúdo cloacal como defesa. Também podem elevar e alterar a forma da cabeça, deixando-a triangular como se fossem desferir botes.

Predadores: anfíbios *Leptodactylus labyrinthicus*; serpentes *Erythrolamprus aesculapii, Micrurus corallinus*.

Reprodução: Ovípara, colocam até 11 ovos. Oviposição registrada em abril.

Distribuição: Ocorrem nos estados das regiões Sul e Sudeste, também na Paraíba, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Fonseca et al., 2012; Borges-Martins et al., 2013; Nogueira et al., 2019; Pilate et al., 2020; Santiago et al., 2021; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Barbosa et al., 2024.

Dipsas pavonina Schlegel, 1837

Comprimento: até 76 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de lesmas e caramujos.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos terrícolas, arborícolas e noturnos. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam um ovo.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas sazimai Fernandes, Marques & Argôlo, 2010

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e arborícolas. Ocorrem principalmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas turgida (Cope, 1868)

Sinonímia recente: *Sibynomorphus turgidus, Sibynomorphus inaequifasciatus*

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, pastagens úmidas, savanas e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de lesmas, caracóis, minhocas, larvas de insetos e formigas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Durante o dia se escondem embaixo de troncos e de rochas. Quando ameaçada, pode se enrolar e esconder a cabeça ou achatar o corpo e realizar movimentos ondulatórios. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam até sete ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas variegata (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sinonímia recente: *Dipsas neivai*

Comprimento: até 91,2 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de caracóis e lesmas.

Comportamento e observações: Espécie arborícola e de hábitos noturnos. Durante o dia dormem sobre a vegetação e durante a noite forrageiam no solo ou na vegetação do sub-bosque florestal. Quando ameaçada, achata a cabeça, dando-a uma forma triangular. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam até oito ovos. Oviposição registrada entre maio e dezembro.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname, Bolívia, Trinidad e Tobago e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Rondônia, Pará, Mato Grosso, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Alves et al., 2005; Freitas, 2011; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dipsas ventrimaculata (Boulenger, 1885)

Sinonímia recente: *Sibynomorphus ventrimaculatus, Dipsas ventrimaculatus*

Comprimento: até 65 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, pastagens e áreas florestais, eventualmente áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de lesmas e caracóis.

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta. Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Quando ameaçadas, inflam a região gular, deixa a cabeça em formato triangular e excretam material da cloaca. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: serpente *Mesotes strigatus.*

Reprodução: Ovípara, colocam quatro a cinco ovos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Borges-Martins et al., 2013; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Andrade & Silva, 2024.

Ninia hudsoni Parker, 1940

Comprimento: até 49,4 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e pastagens.

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos fossoriais, terrícolas e noturnos. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Micrurus hemprichii ortonii, Clelia clelia*.

Reprodução: Ovípara. Colocam dois ovos; a incubação dura três meses.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia e Mato Grosso.

Fontes: Freitas, 2003; Rojas-Morales et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Sibon nebulatus (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Sibon nebulata*

Comprimento: Até 1,01 m.

Habitat: Ocorrem em matas secas, florestas semidecíduas, savanas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de caracóis (e.g. *Cyclodontina*) e lesmas (Veronicellidae).

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Não é peçonhenta. Possuem hábitos noturnos, arborícolas e terrícolas. Ocorrem até 1.700 m de altitude.

Predadores: aves bem-te-vi *Pitangus sulphuratus*.

Reprodução: Ovípara, colocam três a nove ovos.

Distribuição: Ocorrem do México ao norte da América do Sul. No Brasil ocorrem no Amapá, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Quirino et al., 2024; Souza, 2024.

Imantodes cenchoa (Linnaeus, 1758)

Comprimento: machos: 155,4 cm; fêmeas: 150 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias, florestas secundárias e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, lagartos, ovos de lagartos e, eventualmente, ovos de anfíbios arborícolas (*Hyalinobatrachium*).

Dentre os lagartos consomem: *Basiliscus, Enyalioides, Gonatodes, Norops, Sceloporus.*

Comportamento e observações: São arborícolas, com atividades crepusculares e noturnas. Tem movimentos lentos e pacíficos, forrageiam ativamente. Pode ser encontrada em meio às plantas epífitas, sobre a vegetação do sub-bosque e eventualmente no solo. Ocorrem até 2.200 m de altitude. Dentição opistóglifa. Quando ameaçada, permanece imóvel tentando parecer um galho, mas se manipulada, pode emitir um odor desagradável da cloaca e retorcer o corpo.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii, Bothrops atrox, Bothrops leucurus.*

Reprodução: Ovípara, colocam de um a oito ovos. Reproduzem-se ao longo de todo o ano. As fêmeas atingem a maturidade com dois anos de idade.

Distribuição: Ocorrem do Sul do México à Argentina. No Brasil ocorrem em

quase todos os estados, exceto Sergipe e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Castro-Herrera et al., 2007; Freitas, 2011; Oliveira, 2013; Morato et al., 2014; Sousa et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Bisneto & Kaefer, 2019; Ferreira et al., 2020; Williams et al., 2021; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Aguilar-Herrera et al., 2023; Cruz-García et al., 2023; González-Acosta et al., 2023; Díaz-García et al., 2023.

Imantodes lentiferus (Cope, 1894)

Comprimento: rostro-cloaca: 820 mm; comprimento total: até 120 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos (*Norops*) e anfíbios.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Pristimantis*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas, noturnos e crepusculares. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara. Colocam de dois a três ovos. Oviposição registrada em setembro. A incubação dura 125 dias.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Rojas et al., 2016; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leptodeira annulata (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Leptodeira ocellata, Leptodeira rhombifera, Leptodeira maculata, Leptodeira septentrionalis*

Comprimento: até 1,10 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais úmidas, florestas estacionais, áreas semiáridas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, girinos, ovos de anfíbios, ovos de aves e eventualmente lagartos.

Dentre os anfíbios consomem: *Adenomera, Boana, Dendropsophus, Crossodactylus, Cruziohyla, Elachistocleis, Leptodactylus, Phyllomedusa, Pristimantis, Osteocephalus, Physalaemus, Scinax.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, crepusculares, subarborícolas, terrícolas e arborícolas. Pode ser encontrada forrageando no solo. Ocorrem até 2.500 m de altitude. Dentição opistóglifa. Quando ameaçada, achata a cabeça e coloca o corpo em forma de S, realizando botes falsos com a boca fechada. Raramente mordem. Quando manipulada, podem exalar odores desagradáveis da cloaca.

Predadores: serpentes *Drymarchon corais, Philodryas nattereri, Erythrolamprus aesculapii, Micrurus obscurus, Micrurus ibiboboca*; aranhas *Theraphosa blondi.*

Reprodução: Ovípara, colocam um a 12 ovos. Podem colocar seus ovos em ninhos de formigas-cortadeiras (*Atta*).

Distribuição: Ocorrem do Panamá à Argentina. No Brasil ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão, Piauí, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Baer et al., 2009; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Falkenberg et al., 2013; Morato et al., 2014; Borges et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Señaris et al., 2018; Pelegrini et al., 2019; Silva et al., 2019; Arrivillaga et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Costa & Andrade, 2020; Sales et al., 2020; Williams et al., 2021; Benício et al., 2021; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Sousa & Kokubum, 2023; Rivas et al., 2024; Jiménez-Bolaño et al., 2024.

Leptodeira ashmeadi (Hallowell, 1845)

Sinonímia recente: *Leptodeira annulata ashmeadii, Telescopus dipsadomorphoides*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e répteis.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Rhinella, Phyllomedusa, Trachycephalus, Pleurodema.*

Dentre os répteis consomem: *Gonatodes, Phyllodactylus, Hemidactylus.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos semiarborícolas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: No Brasil ocorrem em Roraima.

Fontes: Jiménez-Bolaño et al., 2024; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leptodeira pulchriceps Duellman, 1958

Sinonímia recente: *Leptodeira annulata pulchriceps*

Alimentação: Possivelmente anfíbios.

Reprodução: Ovípara. Consta que as fêmeas podem estocar esperma por até cinco anos.

Distribuição: No Brasil ocorrem em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Leptodeira tarairiu Costa, Graboski, Grazziotin, Zaher, Rodrigues & Prudente, 2022

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, caatinga e cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Predadores: aves coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*).

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Goiás, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Costa et al., 2022; Sousa et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amnesteophis melanauchen (Jan, 1863)

Sinonímia recente: *Echinanthera melanauchen, Liophis melanauchen*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Caaeteboia amarali (Wettstein, 1930)

Sinonímia recente: *Liophis amarali*

Comprimento: rostro-cloaca: 386-341 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Dendropsophus*) e répteis (*Hemidactylus*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem geralmente em baixas altitudes. Possuem hábitos terrestres e possivelmente arborícolas; diurnos e crepusculares.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Passos et al., 2012; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Caaeteboia gaeli Montingelli, Barbo, Pereira Filho, Santana, França, Grazziotin & Zaher, 2020

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e florestas de tabuleiro.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e lagartos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Forrageiam no solo.

Distribuição: Ocorrem na Paraíba e em Pernambuco.

Fontes: Montingelli et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Adelphostigma occipitalis (Jan, 1863)

Sinonímia recente: *Taeniophallus occipitalis, Echinanthera occipitalis, Rhadinaea occipitalis, Liophis occipitalis*

Comprimento: até 54,7 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas, áreas abertas, dunas, restinga, áreas degradadas e caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, girinos, serpentes e lagartos.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Bachia, Tropidurus* e filhotes de *Cercosaura*.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos,

criptozoicos e terrícolas. Como forma de defesa achatam o corpo, escondem a cabeça e realizam movimentos erráticos. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Roraima, Amapá e Espírito Santo. Ocorrência duvidosa no Rio de Janeiro.

Fontes: Marques & Puorto, 1994; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Carreira et al., 2005; Freitas, 2011; Borges et al., 2017; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Serrano et al., 2019; Williams et al., 2021; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Adelphostigma quadriocellata (Santos-Jr, Di-Bernardo & Lema, 2008)

Sinonímia recente: *Taeniophallus quadriocellatus, Echinanthera occipitalis, Taeniophallus occipitalis*

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem no Pará e Maranhão.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Amnisiophis amoenus (Jan, 1863)

Sinonímia recente: *Echinanthera amoena, Liophis amoenus, Lygophis amoenus*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Possivelmente anfíbios.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes variadas. Forrageiam no solo, próximo de córregos.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Azevedo et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dibernardia affinis (Günther, 1858)

Sinonímia recente: *Taeniophallus affinis, Echinanthera affinis, Rhadinaea affinis*

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Leptodactylus*) e roedores (*Akodon*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e diurnos. Ocorrem principalmente em altitudes elevadas. Quando ameaçadas por um predador, podem realizar tanatose, se fingindo de mortas.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara, colocam cinco a sete ovos.

Distribuição: Ocorrem nos estados das regiões Sul, Sudeste e também Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Ceará.

Fontes: Marques & Puorto, 1994; Freitas, 2003; Zacariotti & Gomes, 2010; Freitas, 2011; Gomes et al., 2012; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Lopez et al., 2024.

Dibernardia bilineatus (Fischer, 1885)

Sinonímia recente: *Taeniophallus bilineatus, Taeniophallus bilineatus, Liophis poecilopogon, Rhadinaea bilineata*

Habitat: Ocorrem em florestas secundárias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dibernardia persimilis (Cope, 1869)

Sinonímia recente: *Taeniophallus persimilis, Echinanthera perssimilis, Rhadinaea persimilis*

Habitat: Ocorrem em florestas secundárias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem geralmente em altitudes elevadas.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Marques & Puorto, 1994; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dibernardia poecilopogon (Cope, 1863)

Sinonímia recente: *Taeniophallus poecilopogon, Echinanthera poecilopogon, Rhadinaea poecilopogon*

Comprimento: até 45 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Dendropsophus*) e répteis.

Dentre os répteis consomem: *Cercosaura, Pantodactylus*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, costumam se esconder embaixo de rochas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Uruguai e no Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Etchepare & Zaracho, 2009; Giambelluca, 2015; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Echinanthera cephalomaculata Di-Bernardo, 1994

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Pernambuco e Alagoas.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Echinanthera cephalostriata Di-Bernardo, 1996

Sinonímia recente: *Echinanthera cyanopleura*

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Quando ameaçadas, podem se fingir de mortas, realizando tanatose. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii*.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Botelho et al., 2023.

Echinanthera cyanopleura (Cope, 1885)

Sinonímia recente: *Dromicus melanostigmus*

Comprimento: rostro-cloaca: 354-602 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes variadas.

Reprodução: Ovípara, colocam seis a 12 ovos. Oviposição ocorre principalmente entre outubro e dezembro.

Distribuição: Ocorrem na Argentina e no Brasil, onde ocorrem nos estados da região Sul, também em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Fontes: Zanella & Cechin, 2010; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Echinanthera melanostigma (Wagler *in* Spix, 1824)

Sinonímia recente: *Leimadophis melanostigma*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Echinanthera undulata (Wied, 1824)

Sinonímia recente: *Liophis undulatus*

Comprimento: rostro-cloaca: 276-440 mm.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, dentre os quais consomem: *Dendropsophus, Ischnocnema, Leptodactylus, Physalaemus*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: serpente *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara, colocam até 19 ovos. Oviposição ocorre entre setembro e janeiro. Nascimento dos filhotes ocorre entre fevereiro e maio.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Marques & Puorto, 1994; Salles & Silva-Soares, 2011. Gomes & Marques, 2012; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Sordellina punctata (Peters, 1880)

Sinonímia recente: *Liophis rehi, Sordellina pauloensis*

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, restinga, áreas úmidas, lagos, rios e vegetação ripária.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Ocorrência duvidosa no Rio de Janeiro.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Taeniophallus brevirostris (Peters, 1863)

Sinonímia recente: *Echinanthera brevirostris, Rhadinaea brevirostris*

Comprimento: machos: até 48 cm; fêmeas: até 35 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias, clareiras e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos (e.g. *Alopoglossus* e *Gonatodes*).

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e criptozoicos, eventualmente terrícola. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam dois a três ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Taeniophallus nicagus (Cope, 1895)

Comprimento: até 46,5 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e áreas degradadas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Suriname e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis adhara França, Barbo, Silva-Júnior, Silva & Zaher, 2018

Habitat: Ocorrem no cerrado.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, em áreas do Rio Tocantins.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis albicollaris Lema, 2002

Sinonímia recente: *Apostolepis cerradoensis, Apostolepis dimidiata*

Habitat: Ocorrem em savanas interfluviais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara, colocam três ovos. Oviposição registrada em dezembro. A incubação dura 88 dias.

Distribuição: Ocorrem no Goiás e Minas Gerais.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Paredero & Neves, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis arenaria Rodrigues, 1992

Sinonímia recente: *Apostolepis arenarius*

Comprimento: 35 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas com vegetação arbustiva xérica com solo arenoso da caatinga.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, região do Rio São Francisco.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis assimilis (Reinhardt, 1861)

Sinonímia recente: *Apostolepis tertulianobeui, Apostolepis parassimilis*

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, bordas de florestas e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de répteis de corpo alongado, anfisbênias, serpentes fossoriais e cecílias.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Predadores: serpentes *Micrurus corallinus, Bothrops pauloensis*.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Ocorrência duvidosa em Santa Catarina.

Fontes: Valdujo et al., 2002; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Santiago et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis borellii Peracca, 1904

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso do Sul. Possível ocorrência na Bolívia.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis cearensis Gomes, 1915

Sinonímia recente: *Apostolepis freitasi, Apostolepis flavotorquata*

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas com vegetação seca e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes e anfisbênias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e fossoriais. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: aves coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*).

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Castro et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis christineae Lema, 2002

Habitat: Ocorrem em matas secas.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e ocorrência duvidosa no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Entiauspe-Neto & Lema, 2015; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis dimidiata (Jan, 1862)

Sinonímia recente: *Apostolepis barrioi, Apostolepis ventrimaculata, Apostolepis villaricae, Elapomojus dimidiatus, Apostolepis erythronata*

Habitat: Ocorrem em savanas e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfisbênias, serpentes, cecílias, larvas de insetos e minhocas.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara, colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis flavotorquata (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em matas secas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes e anfisbênias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e fossoriais. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Reprodução: Ovípara, colocam seis a 20 ovos.

Distribuição: Ocorrem no Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis gaboi Rodrigues, 1992

Comprimento: rostro-cloaca: 223-494 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas com vegetação arbustiva xérica com solo arenoso da caatinga.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovíparo.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Braz et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis goiasensis Prado, 1943 "1942"

Habitat: Ocorrem em savana com solo arenoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis intermedia Koslowsky, 1898

Habitat: Ocorrem em savanas abertas.

Comportamento e observações: Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e no Brasil, ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis kikoi Entiauspe-Neto, Araújo, Souza, Lema, Strüssmann & Albuquerque, 2018

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Fermiano et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis lineata Cope, 1887

Sinonímia recente: *Apostolepis erythronotus lineatus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis longicaudata Gomes *in* Amaral, 1927 "1921"

Comprimento: até 30 cm.

Habitat: Ocorrem em savana e pastagens em áreas de solo arenoso, também em florestas de galeria.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Pará, Tocantins, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Paraíba. Ocorrência duvidosa no Espírito Santo.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis nelsonjorgei Lema & Renner, 2004

Habitat: Ocorrem em pastagens de solo arenoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Pará, Tocantins e Goiás.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis nigrolineata (Peters, 1869)

Sinonímia recente: *Apostolepis flavotorquata, Apostolepis coronata*

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias, florestas primárias e florestas secundárias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos e semifossoriais, encontradas em meio à serrapilheira ou no interior de galerias de cupins. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Morato et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis nigroterminata Boulenger, 1896

Habitat: Ocorrem em matas secas sazonais.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre e Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis phillipsi Harvey, 1999

Sinonímia recente: *Apostolepis phillipsae*

Habitat: Ocorrem em florestas sazonais.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis polylepis Amaral, 1922 "1921"

Sinonímia recente: *Parapostolepis polylepis*

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em savana e pastagens em solo arenoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Maranhão, Piauí e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis quinquelineata Boulenger, 1896

Habitat: Ocorrem em florestas.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Guiana, Suriname e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas e Pará. Ocorrência duvidosa em Rondônia.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis quirogai Giraudo & Scrocchi, 1998

Habitat: Ocorrem em florestas subtropicais sazonais, pastagens e áreas urbanas.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis rondoni Amaral, 1925

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia e Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Apostolepis sanctaeritae Werner, 1924

Sinonímia recente: *Apostolepis ammodites*

Comprimento: até 60 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e savanas de solo arenoso.

Alimentação: Podem consumir serpentes (e.g. *Psomophis*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Azevedo et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis serrana Lema & Renner, 2006

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis striata Lema, 2004

Habitat: Ocorrem em enclaves de savana rodeados por florestas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis tenuis Ruthven, 1927

Sinonímia recente: *Apostolepis ambiniger*

Habitat: Ocorrem em savanas de solo arenoso.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e Brasil, onde ocorrem em Rondônia.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis thalesdelemai Borges-Nojosa, Lima, Bezerra & Harris, 2017 "2016"

Sinonímia recente: *Apostolepis mariae*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Ceará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Apostolepis vittata (Cope, 1887)

Sinonímia recente: *Apostolepis roncadori, Apostolepis ambiniger*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Coronelaps lepidus (Reinhardt, 1861)

Sinonímia recente: *Elapomorphus lepidus*

Comprimento: 60 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes e anfisbênias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e noturnos, fossoriais e terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Elapomorphus quinquelineatus (Raddi, 1820)

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, anfisbênias e ovos de serpentes.

Dentre as anfibênias consomem: *Amphisbaenia, Leposternon*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes baixas a altas.

Predadores: aves falcão-relógio (*Micrastur semitorquatus*); serpentes *Erythrolamprus aesculapii*.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

Fontes: Argôlo, 2004; Caramaschi & Niemeyer, 2012; Travaglia-Cardoso et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Nocelli et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Martinelli & Castro, 2024.

Elapomorphus wuchereri Günther, 1861

Comprimento: até 1,50 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes e anfisbênias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem

hábitos diurnos e noturnos, fossoriais e terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo.

Fontes: Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phalotris concolor Ferrarezzi, 1994 "1993"

Sinonímia recente: *Phalotris cerradensis*

Habitat: Ocorrem em florestas ripárias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia e Minas Gerais, ao longo da Serra do Espinhaço e do Rio São Francisco.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phalotris labiomaculatus Lema, 2002

Comprimento: até 1,00 m.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phalotris lativittatus Ferrarezzi, 1994 "1993"

Habitat: Ocorrem em pastagens e savanas.

Alimentação: Alimentam-se de anfisbênias, como *Amphisbaenia* e *Leposternon.*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara, colocam três a seis ovos. A incubação dura de 73 a 119 dias. Reprodução ocorre entre o final da primavera e o começo do verão.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo.

Fontes: Braz et al., 2009; Braz et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phalotris lemniscatus (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sinonímia recente: *Phalotris bilineatus, Phalotris trilineatus, Elapomorphus trilineatus, Phalotris divittatus*

Comprimento: ate 57 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas com afloramentos rochosos e vegetação costeira.

Alimentação: Alimentam-se de anfisbênias, anfíbios, insetos, moluscos, minhocas e serpentes (*Erythrolamprus*).

Comportamento e observações: Não são agressivas. Possuem hábitos fossoriais, escondendo-se embaixo de rochas. Ocorrem em altitudes baixas a elevadas.

Predadores: aves coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*); serpentes *Micrurus altirostris*.

Reprodução: Reprodução registrada em dezembro. Ovípara, colocam até oito ovos, em formigueiros (*Acromyrmex*).

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Fontes: Carreira et al., 2005; Giambelluca, 2015; Abegg et al., 2015; Kolb et al., 2018; Rodriguez et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Oliveira & Azevedo, 2023; Massim & Ghizoni-Jr., 2025.

Phalotris matogrossensis Lema, D'Agostini & Cappellari, 2005

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e áreas degradadas.

Comportamento e observações: Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso,

Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phalotris mertensi (Hoge, 1955)

Sinonímia recente: *Elapomorphus mertensi*

Habitat: Ocorrem em florestas sazonais, savana e áreas degradadas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Predadores: possivelmente lagartos *Tropidurus torquatus*.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Santos et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phalotris multipunctatus Puorto & Ferrarezzi, 1994 "1993"

Habitat: Ocorrem em savana com solo arenoso.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul e em São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phalotris nasutus (Gomes, 1915)

Sinonímia recente: *Elapomorphus nasutus*

Habitat: Ocorrem em pastagens e savanas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phalotris reticulatus (Peters, 1860)

Sinonímia recente: *Elapomorphus reticulatus*

Habitat: Ocorrem em pastagens e afloramentos rochosos.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes altas.

Distribuição: Ocorrem na Argentina e no Brasil, onde ocorrem em Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phalotris tricolor (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sinonímia recente: *Phalotris punctatus, Elapomorphus tricolor*

Habitat: Ocorrem em áreas abertas com vegetação seca, áreas arbustivas e áreas úmidas.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Baliodryas steinbachi (Boulenger, 1905)

Sinonímia recente: *Eutrachelophis steinbachi, Rhadinaea steinbachi, Erythrolamprus steinbachi, Liophis steinbachi*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Eutrachelophis papilio Zaher & Prudente, 2020 "2019"

Sinonímia recente: *Taeniophallus occipitalis*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas, geralmente encontradas próximas de córregos.

Distribuição: Ocorrem no Acre, Rondônia e Amazonas.

Fontes: Citeli et al., 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Hydrodynastes bicinctus (Herrmann, 1804)

Sinonímia recente: *Dugandia bicincta*

Comprimento: até 1,0 m.

Habitat: Ocorrem em rios e áreas ripárias.

Alimentação: Alimentam-se de crustáceos e peixes.

Comportamento e observações: Possuem hábitos aquáticos e terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Guiana, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Minas Gerais e São Paulo. Ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Hydrodynastes gigas (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sinonímia recente: *Hydrodynastes melanogigas, Cyclagras gigas*

Comprimento: até 3,00 m.

Habitat: Ocorrem em lagos e grandes rios, áreas úmidas, florestas de galeria e savanas.

Alimentação: Alimentam-se de peixes, anfíbios anuros, mamíferos, aves, lagartos (*Teius*), insetos e serpentes.

Dentre os peixes consomem: *Callichthys, Synbranchus*.

Dentre os anfíbios consomem: *Leptodactylus, Pseudis, Rhinella.*

Dentre as serpentes consomem: *Helicops, Erythrolamprus, Dryophylax, Mesotes.*

Dentre os mamíferos consomem: *Cavia, Holochilus*, Cricetidae.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera: Scarabaeidae; gafanhotos Orthoptera: Acrididae; pulgões Hemiptera: Aphididae; cupins Isoptera.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e aquáticos. Para forragear podem usar a ponta da cauda para mexer no fundo lodoso ou na vegetação emergente de corpos-d'água e assim desalojar anfíbios escondidos. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam até 33 ovos. A incubação dura aproximadamente 60 dias.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Fontes: Lopez & Giraudo, 2004; Freitas, 2011; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Giraudo et al., 2014; Giambelluca, 2015; Abegg et al., 2015; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops acangussu Moraes-da-Silva, Walterman, Citeli, Nunes & Curcio, 2021 "2022"

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Helicops angulatus (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Helicops cyclops, Helicops fumigatus*

Comprimento: até 1,02 m.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, savanas, córregos e lagos.

Alimentação: Alimentam-se de peixes, anfíbios adultos e girinos, lagartos, invertebrados e carniça.

Dentre os anfíbios consomem: *Adenomera, Allobates, Boana, Elachistocleis, Leptodactylus, Physalaemus, Osteocephalus, Pseudis, Rhinella, Scinax.*

Dentre os peixes consomem: *Crenicichla, Apistogramma, Aequidens, Corydoras, Cyphocharax, Hoplias, Gymnotus, Copella, Pyrrhulina, Moenkhausia, Astyanax, Carnegiella, Callichthys, Pimelodella, Rivulus, Gymnotus, Steatogenys, Synbranchus.*

Dentre os lagartos consomem: *Alopoglossus, Neusticurus, Potamites, Kentropyx.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, crepusculares e aquáticos, associadas com ambientes lênticos, eventualmente diurnas. Ocorrem geralmente a baixas altitudes. Em cativeiro podem viver até sete anos.

Predadores: serpentes *Bothrops mattogrossensis, Clelia clelia, Drepanoides anomalus, Eunectes murinus, Drymarchon corais*; aves socó-boi (*Tigrisoma lineatum*); larvas aquáticas de formigas-leão (Corydalidae).

Reprodução: Ovípara, colocam de quatro a 24 ovos. Mas também podem dar à luz a filhotes vivos. A incubação dura de 18 a 45 dias. Podem se reproduzir ao longo de todo o ano, mas principalmente em julho e outubro.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Trinidad, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto a região Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Costa-Campos et al., 2017; Teixeira et al., 2017; Tavares-Pinheiro et al., 2019; Acosta-Ortiz & Pardo-Moreno, 2019; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Santos-Costa et al., 2022; Acosta-Ortiz & Vos, 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Hinojosa & Ayala-Varela, 2025; Eversole et al., 2025.

Helicops apiaka Kawashita-Ribeiro, Ávila & Morais, 2013

Habitat: Ocorrem em áreas sazonalmente inundáveis do Pantanal.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops boitata Moraes-da-Silva, Amaro, Nunes, Strüssmann, Teixeira Jr., Andrade Jr., Sudré, Recoder, Rodrigues & Curcio, 2019

Habitat: Ocorrem em áreas sazonalmente inundáveis do Pantanal.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops carinicaudus (Wied, 1824)

Comprimento: 80 cm.

Habitat: Ocorrem em córregos preservados e também com algum nível de degradação, inclusive em área urbana.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos aquáticos. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem nos estados da região Sul, também em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Espírito Santo. Ocorrências duvidosas em Minas Gerais e Goiás.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops gomesi Amaral, 1922 "1921"

Comprimento: rostro-cloaca: 615 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas úmidas com pastagens e palmeiras.

Alimentação: Alimentam-se de peixes (*Pimelodella*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovovivípara, segundo algumas fontes, e ovípara, segundo outras, colocando até 14 ovos. Reprodução possivelmente entre novembro e dezembro.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Braz, 2020; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops hagmanni Roux, 1910

Comprimento: até 94,5 cm.

Habitat: Ocorrem em córregos e áreas florestais inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de peixes, dentre os quais consomem: *Rhamdia*, *Bryconops*, *Charax*, *Acestrorhynchus*, *Erythrinus*, *Potamorrhaphis, Corydoras, Pimelodella, Gymnotus, Aequidens, Crenicichla*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos aquáticos e principalmente noturnos. Eventualmente podem subir em árvores. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovovivípara ou ovípara (a depender da fonte), colocam de quatro a 20 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela e Brasil, ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Sturaro & Gomes, 2008; Fraga et al., 2013; Bernarde et al., 2017; Teixeira et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops infrataeniatus (Jan, 1865)

Sinonímia recente: *Helicops carinicaudus infrataeniatus*

Comprimento: até 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes aquáticos lênticos e lóticos.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, girinos, peixes, pequenos crustáceos; também podem praticar canibalismo.

Dentre os peixes consomem: *Astyanax, Cheirodon, Charax, Microglanis, Rhamdia, Phalloceros, Cichlasoma, Synbranchus, Rineloricaria.*

Dentre os anfíbios consomem: *Leptodactylus, Pseudopaludicola,* Hylidae.

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta. Possuem hábitos diurnos e noturnos. Costumam ser agressivas quando ameaçadas, desferindo vários botes, mantendo a boca aberta e realizando movimentos rápidos e achatando o corpo; também podem se enrolar e esconder a cabeça. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpente *Pseudablabes patagoniensis, Erythrolamprus miliaris.*

Reprodução: Vivípara ou ovovivípara (a depender da fonte), dão à luz até 29 filhotes. Nascimento dos filhotes ocorre entre setembro e março.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai, Uruguai e no Brasil, onde ocorrem na região Sul, também São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

Fontes: Aguiar & Di-Bernardo, 2004; Aguiar & Di-Bernardo, 2005; Carreira et al., 2005; Borges-Martins et al., 2013; Giambelluca, 2015; Borges et al., 2017; Quintela & Loebmann, 2019; Burg, 2020; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops leopardinus (Schlegel, 1837)

Sinonímia recente: *Helicops leopardina*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, florestas de galerias, pastagens inundadas, lagos e rios.

Alimentação: Alimentam-se de peixes, anfíbios anuros, serpentes, crustáceos e náiades de insetos aquáticos.

Dentre os peixes consomem: *Lepidosiren, Gymnotus, Hypopomus, Eigenmannia, Pimelodus, Synbranchus, Callichthys.*

Dentre os anfíbios consomem: *Leptodactylus, Scinax.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, crepusculares e aquáticos. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Hydrodynastes gigas, Mussurana bicolor.*

Reprodução: Vivípara ou ovovivípara (a depender da fonte), dando a luz sete a oito filhotes. Nascimentos registrados em julho, agosto e janeiro.

Distribuição: Ocorrem do Norte da América do Sul à Argentina. No Brasil ocorrem quase todos os estados, exceto a região Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Acre e Roraima.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Ávila et al., 2006; Freitas, 2011; Fiorillo et al., 2013; Giraudo et al., 2014; Morato et al., 2014; Giambelluca, 2015; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Gonçalves et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops modestus Günther, 1861

Comprimento: rostro-cloaca: 590 mm. Comprimento total: 80 cm.

Habitat: Ocorrem em águas lênticas de áreas inundadas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos aquáticos. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Predadores: serpentes *Mesotes strigatus, Micrurus corallinus.*

Reprodução: Vivípara ou ovovivípara (a depender da fonte), dando à luz 24 filhotes. Nascimentos registrados em janeiro.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Freitas, 2011; Maia et al., 2015; Nogueira et al., 2019; Santiago et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Andrade & Silva, 2024.

Helicops nentur Costa, Santana, Leal, Koroiva & Garcia, 2016

Habitat: Ocorrem em áreas inundadas, lagos e rios.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops phantasma Moraes-da-Silva, Amaro, Nunes, Rodrigues & Curcio, 2021

Sinonímia recente: *Helicops leopardinus*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Helicops polylepis Günther, 1861

Comprimento: até 91,3 cm.

Alimentação: Alimentam-se de peixes e anfíbios.

Dentre peixes consomem: *Anchoviella*, *Leporinus*, *Bryconops*, *Lithodoras*, *Pimelodella*, *Geophagus*, *Pachypops*.

Dentre os anfíbios consomem: Hylidae, Leptodactylidae.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos aquáticos.

Predadores: serpentes *Bothrops atrox.*

Reprodução: Vivípara ou ovovivípara (a depender da fonte).

Distribuição: No Brasil ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Bernarde et al., 2017; Teixeira et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Golobovante et al., 2024.

Helicops tapajonicus Frota, 2005

Habitat: Ocorrem em áreas úmidas próximas de córregos, rios e lagos no interior de áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes perto da foz do Rio Tapajós.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops trivittatus (Gray, 1849)

Comprimento: até 87 cm.

Habitat: Ocorrem na vegetação ripária de pequenos córregos e áreas úmidas.

Alimentação: Alimentam-se de peixes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes nas bacias dos rios Xingu, Araguaia e Tocantins. Possuem hábitos crepusculares, noturnos e aquáticos.

Reprodução: Vivípara ou ovovivípara (a depender da fonte), dando à luz sete filhotes.

Distribuição: Ocorrem no Amapá, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Goiás.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Helicops yacu Rossman & Dixon, 1975

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Acre.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Hydrops caesurus Scrocchi, Ferreira, Giraudo, Ávila & Motte, 2005

Sinonímia recente: *Hydrops triangularis*

Habitat: Ocorrem em rios e áreas sazonalmente inundadas.

Alimentação: Alimentam-se possivelmente de peixes.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam de oito a 12 ovos. Oviposição registrada em novembro.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Etchepare et al., 2012; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Hydrops martii (Wagler *in* Spix, 1824)

Sinonímia recente: *Hydrops triangularis martii*

Comprimento: até 1,21 m.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e lagos.

Alimentação: Alimentam-se de peixes, Gymnotiformes, Siluriformes e Synbranchiformes.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos noturnos, crepusculares e aquáticos. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Eunectes murinus*; peixes piranhas (*Serrasalmus rhombeus*).

Reprodução: Ovípara. Colocam sete a 23 ovos; a reprodução ocorre na estação seca local.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Venezuela, Guiana, Peru e Brasil, ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Amazonas, Pará e Maranhão. Ocorrência duvidosa em Rondônia.

Fontes: Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Hydrops triangularis* (Wagler *in* Spix, 1824)**

Comprimento: até 80,6 cm.

Habitat: Ocorrem em lagos, rios, florestas inundáveis e savanas inundáveis.

Alimentação: Alimentam-se de peixes e anfíbios.

Comportamento e observações: Possuem hábitos aquáticos, semiaquáticos, diurnos e noturnos. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara. Colocam de oito a 34 ovos. Reprodução registrada ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Peru, Suriname, Guiana. Trinidad, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso e Piauí.

Fontes: Freitas, 2003; Fraga et al., 2013; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Pseudoeryx plicatilis plicatilis* (Linnaeus, 1758)**

Comprimento: até 1,44 m.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias, igapós e lagos.

Alimentação: Alimentam-se de peixes e anfíbios.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos noturnos, diurnos e aquáticos.

Reprodução: Ovípara, colocam cinco a 49 ovos, há evidência de que a fêmea permanece junto a eles durante a incubação.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Equador, Peru, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas e Pará. Possível ocorrência no Maranhão.

Fontes: Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Pseudoeryx plicatilis mimeticus* Cope, 1885**

Sinonímia recente: *Pseudoeryx mimeticus*

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias, igapós e lagos.

Alimentação: Alimentam-se de peixes e anfíbios.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, diurnos e aquáticos.

Reprodução: Ovípara, colocam cinco a 33 ovos, há evidência de que a fêmea permanece junto a eles durante a incubação.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Maranhão.

Fontes: Morato et al., 2014; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

***Chlorosoma dunupyana* Melo-Sampaio, Passos, Martins, Jennings, Moura-Leite, Morato, Venegas, Chávez, Venâncio & Souza, 2021 "2020"**

Distribuição: Ocorrem no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Acre.

Fontes: Guedes et al., 2023.

***Chlorosoma laticeps* (Werner, 1900)**

Sinonímia recente: *Philodryas laticeps, Philodryas oligolepis*

Habitat: Ocorrem em áreas de floresta e restinga.

Comportamento e observações: Ocorrem geralmente em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Ocorrência duvidosa em Santa Catarina.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Nogueira et al., 2024.

Chlorosoma viridissimum (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Philodryas viridissimus, Philodryas viridissima*

Comprimento: até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, capoeiras, bordas de florestas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, lagartos (*Hemidactylus*), roedores (*Guerlinguetus*) e morcegos (*Molossus*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e principalmente arborícolas, também terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes. Dentição opistóglifa. Os sintomas da picada em humanos incluem inchaço, dor local, sangramento no local da picada, vômito e dor de cabeça.

Reprodução: Ovípara, colocam de nove a 13 ovos. Podem nidificar em formigueiros. A incubação dura de 77 a 80 dias.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Peru, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão, Piauí e Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Chávez-Arribasplata et al., 2016; Bernarde et al., 2017; Jorge & Simões, 2018; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Ditaxodon taeniatus (Peters *in* Hensel, 1868)

Sinonímia recente: *Philodryas taeniatus*

Habitat: Ocorrem em pastagens montanas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem principalmente em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Philodryas aestiva (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Comprimento: até 1,45 m.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e de florestas.

Alimentação: Alimenta-se de anfíbios, lagartos (*Ameiva*), insetos, roedores (*Oligoryzomys*), aves, serpentes e morcegos.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Dendropsophus, Physalaemus.*

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Quando ameaçadas, costumam se defender excretando materiais da cloaca. São bastante ágeis. Possuem hábitos diurnos, terrícolas e arborícolas. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Predadores: quiriquiri (*Falco sparverius*); serpentes *Pseudablabes patagoniensis*.

Reprodução: Ovípara, colocam cinco a 16 ovos. Colocam seus ovos em formigueiros de formigas-cortadeiras *Acromyrmex.* Eclosão dos filhotes registrada entre dezembro e janeiro.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai, Paraguai, Argentina, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Pontes, 2007; Freitas, 2011; Giambelluca, 2015; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Quintela & Loebmann, 2019; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Philodryas livida (Amaral, 1923)

Sinonímia recente: *Philodryas lividum*

Comprimento: até 90 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de pastagens.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Ocorrem em altitudes variadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem em Mato Grosso do Sul, Goiás e São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Philodryas mattogrossensis Koslowsky, 1898

Sinonímia recente: *Chlorosoma mattogrossensis*

Habitat: Ocorrem em áreas de savana e florestas semidecíduas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos (*Teius, Tropidurus*)

Comportamento e observações: Ocorrem geralmente em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Weiler & Núñez, 2015; Couto & Miguel, 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Philodryas nattereri Steindachner, 1870

Comprimento: até 1,80 m.

Habitat: Ocorrem em áreas de pastagens, savanas, vegetação seca e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de aves, roedores, marsupiais, morcegos, ovos, aves, lagartos, anfíbios e outras serpentes.

Dentre as aves consomem: *Coereba, Columbina, Forpus, Tangara, Troglodytes, Eupsittula* (filhotes).

Dentre os anfíbios consomem: *Leptodactylus, Rhinella, Scinax.*

Dentre as serpentes consomem: *Oxybelis, Oxyrhopus, Leptodeira, Lygophis, Bothrops.*

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Ameivula, Tropidurus, Salvator, Hemidactylus, Phyllopezus, Vanzosaura, Mabuya, Iguana.*

Dentre os mamíferos consomem: roedores *Galea, Necromys, Wiedomys, Rattus*; marsupiais *Monodelphis*; morcegos *Artibeus, Myotis*.

Comportamento e observações: Espécie peçonhenta. Possuem hábitos diurnos e semiarborícolas. Ocorrem principalmente em altitudes intermediárias.

Predadores: serpentes *Boiruna sertaneja, Pseudoboa nigra.*

Reprodução: Ovípara, colocam de quatro a 21 ovos. Reprodução registrada entre abril e dezembro.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Mesquita et al., 2011; Freitas, 2011; Godinho et al., 2012; Sobral & Mendes, 2016; Nogueira et al., 2019; Serrano et al., 2019; Coelho-Lima et al., 2019; Sales et al., 2020; Navarro-Cornejo & Gonzales, 2020; Benício et al., 2021; Sousa et al., 2021; Oliveira et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Sousa et al., 2023; Silva et al., 2023; Filho et al., 2023; Lima et al., 2025c.

Philodryas olfersii (Liechtenstein, 1823)

Comprimento: até 1,80 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas abertas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, lagartos, ovos de répteis, morcegos, roedores e aves.

Dentre os morcegos consomem: *Eumops, Histiotus, Nyctinomops.*

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Phyllopezus, Tropidurus, Teius*.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Leptodactylus.*

Dentre as aves consomem: *Cyanoloxia, Columbina, Lepidocolaptes, Sporagra, Gnorimopsar, Zonotrichia, Passer, Chiroxiphia, Melopsittacus,*

Tolmomyias, Coereba, Sicalis, Sporophila, Thamnophilus, Troglodytes, Turdus.

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos diurnos, arborícolas e subarborícolas. Quando capturam suas presas, podem matá-las por constrição e envenenamento com sua peçonha. São bastante ágeis, preferindo fugir de humanos, mas quando capturadas podem tentar desferir diversos botes. Há registro de acidentes graves com suas picadas, inclusive óbito. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: serpentes *Drymarchon corais, Pseudablabes patagoniensis, Micrurus ibiboboca*.

Reprodução: Reprodução registrada de setembro a dezembro e de junho. Ovípara, colocam um a 12 ovos, aderidos entre si. A incubação dura de 69 a 90 dias.

Distribuição: Ocorrem das Guianas ao Uruguai. No Brasil ocorrem em todos os estados.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Hartmann & Marques, 2005; Carreira et al., 2005; Leite et al., 2009; Almeida & Santos, 2011; Freitas, 2011; Marques et al., 2012; Morton et al., 2012; Borges-Martins et al., 2013; Barros et al., 2015; Borges et al., 2017; Bernarde et al., 2017; Costa et al., 2017; Cunha & Araujo, 2018; Silva et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Nascimento et al., 2020; Benício et al., 2021; Mise et al., 2021; Williams et al., 2021; Ferreira et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Sousa & Kokubum, 2023; Silva et al., 2023; Couto & Neto, 2024; Lima et al., 2025; Lima et al., 2025b.

Philodryas psammophidea Günther, 1872

Sinonímia recente: *Philodryas bolivianus*

Habitat: Ocorrem em pastagens e savanas abertas em solos arenosos.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos lagartos (*Liolaemus*), roedores (*Graomys*) e anfíbios anuros (*Chacophrys*).

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Fontes: Quinteros-Muñoz et al., 2010; Robles et al., 2012; Pereyra & Akmentins, 2013; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Pseudablabes agassizii (Jan, 1863)

Sinonímia recente: *Philodryas agassizii*

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, pastagens e savanas.

Alimentação: Alimentam-se de aranhas, escorpiões (*Bothriurus*), insetos (Orthoptera) e, eventualmente, pequenos lagartos (*Microblepharus*).

Dentre as aranhas consomem: Actinopodidae: *Actinopus*; Ctenidae: *Ctenus*; Titanoecidae: *Goeldia*; Lycosidae.

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos diurnos e terrícolas, no geral subterrâneos. Presas grandes são mortas por envenenamento e presas pequenas engolidas vivas. Quando ameaçadas, podem avançar com a boca aberta. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: serpente *Pseudablabes patagoniensis.*

Reprodução: Ovípara, colocam três a 11 ovos. Podem colocar seus ovos em ninhos de formigas-cortadeiras *Acromyrmex*. Os ovos eclodem durante o verão. Reprodução possivelmente entre setembro e fevereiro.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil, onde ocorrem em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Hartmann & Marques, 2005; Marques et al., 2006; Giambelluca, 2015; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Pseudablabes arnaldoi (Amaral, 1933 "1932")

Sinonímia recente: *Philodryas arnaldoi*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem geralmente em altitudes intermediárias a elevadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Pseudablabes patagoniensis (Girard, 1858)

Sinonímia recente: *Philodryas patagoniensis*

Comprimento: até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, pastagens, savanas, áreas úmidas, bordas de florestas e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, peixes (*Hoplias*), lagartos, serpentes, roedores, filhotes de lebres, marsupiais, filhotes de aves, aves (vivas ou mortas), insetos e aranhas (*Lycosa*). Podem praticar canibalismo.

Dentre os filhotes de aves consomem: *Cinclodes, Passer, Sporophila.*

Dentre os insetos consomem: formigas Hymenoptera: Formicidae: *Ectatoma*; baratas-d'água Hemiptera: Belostomatidae; grilos e gafanhotos Orthoptera.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Stenocercus, Ophiodes, Teius, Cercosaura, Aspronema, Liolaemus, Hemidactylus.*

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Leptodactylus, Odontophrynus, Physalaemus, Rhinella, Scinax.*

Dentre as serpentes consomem: *Erythrolamprus, Oxyrhopus, Xenodon, Pseudablabes, Philodryas, Lygophis.*

Dentre os roedores consomem: *Akodon, Deltamys, Holochilus, Mus, Oligoryzomys, Necromys, Calomys.*

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos diurnos e terrícolas. São bastante ágeis e, quando capturadas, são agressivas, podem achatar o corpo dorso-ventralmente, desferindo diversos botes. Sua picada causa envenenamento leve, sem gravidade. Mas há registros de casos que precisaram de hospitalizações. Podem realizar tanatose, ou seja, quando perturbadas, podem se fingir de mortas.

Predadores: aves falcão-de-coleira (*Falco femoralis*), chimango (*Milvago chimango*), acauã (*Herpetotheres cachinnans*), gavião-de-rabo-branco (*Geranoaetus albicaudatus*), águia-cinzenta (*Harpyhaliaetus coronatus*); serpentes *Erythrolamprus aesculapii*.

Reprodução: Desovas registradas entre novembro e abril. Ovípara, colocam três a 26 ovos. Há registro de postura de ovos em ninhos de formigas-cortadeiras (*Acromyrmex*). A incubação dura 54 dias.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Amapá, Acre, Amazonas, Maranhão e Piauí. Ocorrência duvidosa no Ceará.

Fontes: Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Hartmann & Marques, 2005; Pontes, 2007; Lopez & Giraudo, 2008; Freitas, 2011; Marques et al., 2012; Borges-Martins et al., 2013; Giambelluca, 2015; Liébana et al., 2015; Di Pietro, 2015; Abegg et al., 2015; Borges et al., 2017; Zocche et al., 2017; Ucha & Santos, 2017; Nogueira et al., 2019; Zocca et al., 2019; Quintela & Loebmann, 2019; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Rosoni et al., 2023; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenoxybelis argenteus (Daudin, 1803)

Sinonímia recente: *Philodryas argentea*

Comprimento: Até 1,33 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias e bordas de floresta.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros e lagartos.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Alopoglossus, Cercosaura, Gonatodes, Norops.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas, terrícolas e diurnos, forrageiam na vegetação baixa.

Reprodução: Ovípara, colocam dois a oito ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Guiana Francesa, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenoxybelis boulengeri (Procter, 1923)

Sinonímia recente: *Philodryas georgeboulengeri, Oxybelis boulengeri*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia e Amazonas.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Boiruna maculata (Boulenger, 1896)

Sinonímia recente: *Clelia occipitolutea*

Comprimento: mais de 2,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, pastagens, savanas e áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos, peixes (muçum), anfíbios, aves, roedores (*Abrocoma*) e serpentes, como jararacas (*Bothrops*) e cascavéis (*Crotalus*).

Comportamento e observações: Dentição opistóglia. Não são agressivas, raramente atacam, mas sua peçonha pode ser perigosa para humanos. Possuem hábitos crepusculares, noturnos e terrícolas, eventualmente podem subir sobre a vegetação. Possuem hábitos oportunistas, matando suas presas por meio de constrição e veneno. Escondem-se embaixo de rochas e troncos. Ocorrem em altitudes variadas.

Reprodução: Reprodução registrada entre novembro e fevereiro. Ovípara, colocam de quatro a 17 ovos. A incubação dura de 78 a 91 dias.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Bolívia, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem nos estados da região Centro-Oeste e Sul, também em São Paulo, Minas Gerais e Tocantins.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Quinteros-Muñoz, 2015; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Boiruna sertaneja Zaher, 1996

Comprimento: até 2,50 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas com vegetação seca, vegetação herbácea e arbustiva de caatinga e cerrado.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos, serpentes (*Philodryas*), aves e roedores.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Salvator.*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos crepusculares, noturnos e terrestres. Ocorrem em altitudes variadas.

Reprodução: Ovípara, colocam de sete a 22 ovos. A incubação dura 120 dias. Oviposição registrada entre setembro e dezembro.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes & Guedes, 2020; Oliveira et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023; Almeida et al., 2023.

Clelia clelia (Daudin, 1803)

Sinonímia recente: *Boiruna maculata, Pseudoboa cloelia*

Comprimento: até 2,60 m.

Habitat: Ocorrem em florestas úmidas, matas secas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, lagartos, caracóis, roedores,

marsupiais e, eventualmente, aves. Podem praticar canibalismo.

Dentre as serpentes consomem: *Atractus, Atropoides, Boa, Bothrops, Bothriechis, Bothrocophias, Cerrophidion, Crotalus, Drepanoides, Helicops, Lachesis, Leptodeira, Micrurus, Porthidium, Phrynonax, Xenodon, Chironius, Dipsas, Drymarchon, Erythrolamprus, Ninia, Tantilla, Trilepida.*

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Basiliscus, Enyalioides, Holcosus, Iguana, Neusticurus, Tropidurus, Andinosaura, Echinosaura, Tupinambis.*

Comportamento e observações: São terrestres e mais ativas durante a noite, ocasionalmente diurnas e eventualmente arborícolas. Ocorrem até 2.500 m de altitude. Dentição opistóglifa. Essa serpente usa constrição como forma de defesa e para matar suas presas. Sua saliva tem algum grau de toxicidade, com as mordidas causando inflamação localizada, hemorragia e, eventualmente, necrose.

Reprodução: Ovípara, colocam um a 11 ovos.

Distribuição: Ocorrem do México à Argentina e Uruguai. No Brasil ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Maranhão. Ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Castro-Herrera et al., 2007; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Quinteros-Muñoz & Aguayo, 2021; Williams et al., 2021; Solórzano & Sasa, 2022; Arteaga et al., 2022; Guedouar et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Oakley & Connoly, 2024; Hinojosa & Ayala-Varela, 2025.

Clelia hussami Morato, Franco & Sanches, 2003

Sinonímia recente: *Clelia rustica*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, principalmente associadas com floresta de araucária.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem nos estados da região Sul do Brasil.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Clelia plumbea (Wied, 1820)

Comprimento: até 2,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, lagartos, aves e roedores.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, crepusculares e terrícolas. Sua picada causa sintomas locais como edema pronunciado e hemorragia local. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara, colocam de quatro a 29 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Ceará, Alagoas, Bahia, estados da região Sudeste e Sul. Ocorrência duvidosa em Pernambuco.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Drepanoides anomalus (Jan, 1863)

Comprimento: até 85 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias, florestas primárias e florestas secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de ovos de lagartos (*Gonatodes*), lagartos e serpentes (*Helicops*).

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos noturnos e terrícolas, eventualmente arborícolas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Clelia clelia*.

Reprodução: Ovípara, colocam de dois a 13 ovos. Reprodução registrada entre junho e novembro.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Bolívia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia,

Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão. Ocorrência duvidosa no Tocantins.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Mussurana bicolor (Peracca, 1904)

Sinonímia recente: *Clelia bicolor*

Habitat: Ocorrem em áreas degradadas, savanas e áreas úmidas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Leptodactylus*), pequenos mamíferos (e.g. morcegos), pequenos lagartos e serpentes (*Helicops*).

Comportamento e observações: Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam de sete a 15 ovos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina, na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul.

Fontes: Fiorillo et al., 2013; Nogueira et al., 2019; Santana et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Silva & Couto, 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Mussurana montana (Franco, Marques & Puorto, 1997)

Sinonímia recente: *Clelia montana*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem geralmente em altitudes elevadas.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Mussurana quimi (Franco, Marques & Puorto, 1997)

Sinonímia recente: *Clelia quimi*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, próximas de florestas de galeria e áreas úmidas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, lagartos e serpentes.

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos terrícolas e noturnos. Não é agressiva e costuma se defender excretando materiais da cloaca. Ocorrem em altitudes intermediárias a elevadas.

Reprodução: Ovípara, colocam de sete a 26 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem em Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Oxyrhopus clathratus Duméril, Bibron & Duméril, 1854

Comprimento: 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, pequenos lagartos (*Ophiodes*) e aves. Em cativeiro foi registrado canibalismo.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara, colocam de quatro a 16 ovos. A incubação dura de 72 a 81 dias. A eclosão dos filhotes foi registrada em fevereiro.

Distribuição: Ocorrem na Argentina e no Brasil, ocorrem nos estados da região Sudeste e Sul, também na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Maia & Cardoso, 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Dias et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Oxyrhopus formosus (Wied, 1820)

Sinonímia recente: *Oxyrhopus iridescens*

Comprimento: 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Bolívia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Maranhão, Bahia e Espírito Santo.

Fontes: Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Oxyrhopus guibei Hoge & Romano, 1977

Sinonímia recente: *Oxyrhopus trigeminus guibei*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas abertas, pastagens, savanas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores e lagartos, eventualmente aves.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Hemidactylus*

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e terrícolas, mas também podem ser ativas durante o dia. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Predadores: aves gralha-picaça (*Cyanocorax chrysops*); serpentes *Erythrolamprus aesculapii, Micrurus corallinus*.

Reprodução: Ovípara, colocam três a 20 ovos. A reprodução possivelmente ocorre ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Peru, Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Ocorrência duvidosa no Rio Grande do Norte, em Pernambuco e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Marques & Puorto, 1994; Andrade & Silvano, 1996; Pizzatto & Marques, 2002; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Silva et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Santiago et al., 2021; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Pérez-Castillo et al., 2024.

Oxyrhopus melanogenys melanogenys (Tschudi, 1845)

Comprimento: até 1,10 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos, roedores (*Mus*) e, eventualmente, aves.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Colobosaura, Copeoglossum, Tretioscincus.*

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos noturnos e terrícolas.

Reprodução: Ovípara, colocam 12 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Guiana e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Crnobrna et al., 2017; De-Carvalho et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023; Garcia-da-Silva, 2024.

Oxyrhopus melanogenys orientalis Cunha & Nascimento, 1983

Comprimento: até 1,00 m.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Distribuição: Ocorrem no Pará, Amazonas, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão e Ceará.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Oxyrhopus occipitalis Wagler *in* Spix, 1824

Comprimento: até 1,03 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, capoeiras, bordas de florestas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos (*Arthrosaura*), mamíferos e anfisbênias.

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos noturnos e principalmente terrícolas, eventualmente ativas durante o dia.

Reprodução: Ovípara, colocam 13 a 17 ovos.

Distribuição: No Brasil ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Oxyrhopus petolarius digitalis (Reuss, 1834)

Sinonímia recente: *Oxyrhopus petola*

Comprimento: até 1,40 m.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias, florestas secundárias, áreas semiáridas, savanas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores (*Proechimys*), lagartos, aves (*Henichorina*), anfíbios (*Leptodactylus*), ovos de anfíbios, de aves e de répteis, e morcegos (*Carollia*).

Dentre os lagartos consomem: *Aspidoscelis, Hemidactylus, Ophiodes, Norops, Cercosaura, Tropidurus, Holcosus, Kentropyx.*

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos noturnos, subarborícolas e terrícolas. Seu veneno é levemente tóxico. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: aranhas *Ancylometes rufus*; serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara, colocam de dois a 16 ovos. A incubação dura três meses.

Distribuição: Essa subespécie ocorre na Colômbia, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ocorrência duvidosa no Tocantins.

Fontes: Marques & Puorto, 1994; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; França & Lima, 2012; Nogueira et al., 2013; Morato et al., 2014; Costa et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Filho et al., 2017; Sorokin & Stuckert, 2017; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Serna-Botero et al., 2019; Dubeux et al., 2020; Williams et al., 2021; Quinteros-Muñoz & Aguayo, 2021b; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Vivanco-Montane et al., 2024.

Oxyrhopus rhombifer rhombifer Duméril, Bibron & Duméril, 1854

Comprimento: até 90 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, lagartos, aves, pequenos mamíferos e, eventualmente, serpentes.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Ophiodes, Aspronema, Cercosaura*.

Dentre os roedores consomem: *Deltamys, Oligoryzomys*.

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa, a peçonha não é nociva para o ser humano. Não são agressivas, costumam se defender excretando materiais da cloaca. Possuem hábitos noturnos, crepusculares e terrícolas.

Predadores: serpentes *Pseudablabes patagoniensis, Bothrops pubescens.*

Reprodução: Reprodução registrada entre agosto e novembro, desovas registradas entre dezembro e janeiro e eclosão dos filhotes entre fevereiro e abril. Ovípara, colocam um a 18 ovos, unidos por secreção. Fazem ninhos em tocas embaixo de rochas.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai e Brasil, onde ocorrem no Ceará, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Hartmann et al., 2005; Borges-Martins et al., 2013; Giambelluca, 2015; Borges et al., 2017; Quintela & Loebmann, 2019; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Oxyrhopus rhombifer inaequifasciatus Werner, 1909

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Oxyrhopus rhombifer septentrionalis Vellard, 1943

Comprimento: até 1,00 m.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Goiás, Piauí e Pernambuco.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Oxyrhopus trigeminus Duméril, Bibron & Duméril, 1854

Sinonímia recente: *Pseudoboa trigemina*

Comprimento: até 1,40 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas com vegetação baixa, savana, pastagens e áreas com vegetação arbustiva xérica.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos (adultos e ovos), roedores, aves, marsupiais (*Monodelphis*) e serpentes (*Oxybelis*). Podem praticar canibalismo.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Ameivula, Brasiliscincus, Gymnodactylus, Micrablepharus, Tropidurus, Hemidactylus, Vanzossaura.*

Dentre os roedores consomem: *Akodon, Necromys, Nectomys, Oligoryzomys.*

Dentre as aves consomem: *Synallaxis, Coryphospingus*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, noturnos e terrícolas. Possivelmente mata suas presas por constrição. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Predadores: serpente *Philodryas nattereri.*

Reprodução: Ovípara, colocam quatro a 14 ovos. Reprodução registrada ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Acre, Rondônia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ocorrência duvidosa em Roraima e Paraná.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Freitas, 2011; Alencar et al., 2012; Mikalauskas et al., 2017; Coelho-Lima et al., 2019; Coelho et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Coelho-Lima et al., 2020; Sousa et al., 2021; Benício et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023; Quintana & Solé, 2025; Cabral et al., 2025.

Oxyrhopus vanidicus Lynch, 2009

Sinonímia recente: *Oxyrhopus melanogenys, Oxyrhopus trigeminus*

Comprimento: machos: até 86 cm; fêmeas: até 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias, bordas de florestas, plantações e campos abertos.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos, roedores e anfisbênias.

Dentre os lagartos consomem: *Arthrosaura, Loxopholis, Iphisa.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas, mas eventualmente podem subir sobre a vegetação até 3 m de altura. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: aves corujas.

Reprodução: Ovípara. Colocam 12 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Fraga et al., 2013; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Paraphimophis rusticus (Cope, 1878)

Sinonímia recente: *Clelia rustica, Paraphimophis rustica*

Comprimento: até 1,50 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, áreas campestres, savanas, semiáridas e ambientes peridomésticos.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos lagartos, roedores e serpentes (*Erythrolamprus*). Eventualmente aves.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas, diurnos, crepusculares e noturnos. Durante o manejo costuma ser dócil, sem tentar morder. Costumam se esconder embaixo de rochas e troncos. Matas suas presas por constrição. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara, colocam seis a 13 ovos aderidos entre si. Podem colocar os ovos em ninhos de formigas-cortadeiras (*Acromyrmex*). Os filhotes eclodem entre fevereiro e março.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil, onde ocorrem nos estados da região Sul, também em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Ocorrência duvidosa no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Giambelluca, 2015; Abegg et al., 2015; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phimophis guerini (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sinonímia recente: *Pseudoboa guerini*

Comprimento: até 1,10 m.

Habitat: Ocorrem em pastagens, savana e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos lagartos e, eventualmente, pequenos mamíferos.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Ameivula.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas, noturnos e provavelmente fossoriais. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Predadores: serpente *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara, colocam três a sete ovos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Santos & Vaz-Silva, 2012; Nogueira et al., 2019; Sousa et al., 2021; Williams et al., 2021; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Phimophis guianensis (Troschel, 1848)

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e savanas.

Comportamento e observações: Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá e Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Pseudoboa coronata Schneider, 1801

Comprimento: até 1,10 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias e secundárias, bordas de florestas e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos, roedores, aves, peixes (*Synbranchus*) e cobras (*Tantilla*).

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Copeoglossum, Tupinambis*.

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos diurnos e noturnos, sendo terrícolas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam de quatro a 13 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Peru, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Silva

et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Pseudoboa haasi (Boettger, 1905)

Habitat: Ocorrem em florestas, áreas urbanas e áreas agrícolas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, pequenos lagartos (*Ameiva*), serpentes (*Atractus*) e ovos de serpentes.

Comportamento e observações: Terrícola, eventualmente arborícola.

Reprodução: Ovípara, colocam três a 10 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina e Brasil, onde ocorrem em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Candaten et al., 2019; Williams et al., 2021; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Pseudoboa martinsi Zaher, Oliveira & Franco, 2008

Comprimento: machos: até 1,00 m; fêmeas: até 1,10 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme primárias, florestas primárias, florestas secundárias e florestas ripárias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem em Roraima, Rondônia, Amazonas e Pará. Possível ocorrência na Colômbia.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Pseudoboa neuwiedii (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, como florestas e áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se principalmente de serpentes, também de roedores e pequenos lagartos (*Ameiva*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Quando manipuladas, excretam um fluido pela cloaca. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam três a 10 ovos.

Distribuição: Ocorrem no Panamá, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Trinidad e Tobago, Suriname e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas, Pará, Maranhão e Piauí. Ocorrência duvidosa no Tocantins.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Zuñiga-Baos & Vera-Pérez, 2020; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Pseudoboa nigra (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sinonímia recente: *Pseudoboa albimaculata*

Comprimento: até 1,40 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, cerrado e áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos, ovos de lagartos e, eventualmente, serpentes (*Philodryas*), pequenos mamíferos (Cricetidae) e anfíbios.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Ameivula, Cnemidophorus, Tropidurus*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas, noturnos e crepusculares. Quando ameaçadas, podem levantar a cauda. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: serpente *Drymarchon corais*.

Reprodução: Ovípara, colocam três a 24 ovos. Reprodução ocorre ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina, Peru e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Roraima, Amapá e Acre.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Orofino et al., 2010; Freitas, 2011; Prudente et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Benício et al., 2021; Medeiros et al., 2021; Williams et al., 2021; Ugalde & Prado, 2022; Silva et al., 2023; Oliveira et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Filho et al., 2023; Caldas et al., 2024; García-Ayachi et al., 2025.

Pseudoboa serrana Morato, Moura-Leite, Prudente & Bérnils, 1995

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas degradadas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Rhachidelus brazili Boulenger, 1908

Sinonímia recente: *Rachidelus brazili*

Comprimento: até 1,4 m.

Habitat: Ocorrem em áreas de pastagens e savanas.

Alimentação: Alimentam-se de ovos de aves e aves adultas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas e noturnos. Ocorrem geralmente em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara, colocam dois a sete ovos.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Ocorrência duvidosa no Tocantins.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Rodriguesophis chui (Rodrigues, 1993)

Sinonímia recente: *Phimophis chui*

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em savanas e pastagens em solo arenoso.

Alimentação: Possivelmente lagartos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e fossoriais. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Rodriguesophis iglesiasi (Gomes, 1915)

Sinonímia recente: *Phimophis iglesiasi*

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em pastagens e savanas em solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos (*Ameivulla* e *Notobachia*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas, fossoriais e noturnos. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Goiás, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023.

Rodriguesophis scriptorcibatus (Rodrigues, 1993)

Sinonímia recente: *Phimosis scriptorcibatus*

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e arbustivas com solo arenoso (dunas do Rio São Francisco).

Alimentação: Alimentam-se de lagartos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e fossoriais. Ocorrem em baixas altitudes ao longo do Rio São Francisco.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Siphlophis cervinus (Laurenti, 1768)

Comprimento: até 1,40 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias e igapós.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos e, eventualmente, morcegos.

Dentre os lagartos consomem: *Bachia, Copeoglossum, Plica, Polychrus, Thecadactylus.*

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos noturnos e arborícolas, eventualmente terrícolas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Predadores: serpente *Drymarchon corais*.

Reprodução: Ovípara, colocam cinco ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Trinidad, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão. Ocorrência duvidosa no Tocantins.

Fontes: Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Mensah et al., 2025.

Siphlophis compressus (Daudin, 1803)

Sinonímia recente: *Tripanurgos compressus*

Comprimento: Até 1,50 m.

Habitat: Ocorrem em florestas e eventualmente em áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos e anfíbios.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Gonatodes, Iguana*, *Neusticurus, Plica, Polychrus.*

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos noturnos, terrícolas e arborícolas, eventualmente terrícolas e encontradas durante o dia e o crepúsculo. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam nove ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Bolívia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Trinidad, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Tocantins, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ocorrência duvidosa no Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Neto et al., 2013; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Campos, 2017; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Siphlophis leucocephalus (Günther, 1863)

Comprimento: rostro-cloaca: 728 mm. Comprimento total: 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e ambientes perturbados adjacentes.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos (e.g. *Tropidurus*), aves e serpentes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos, arborícolas e terrícolas. Ocorrem em altitudes variadas.

Reprodução: Ovípara, colocam de oito a 12 ovos.

Distribuição: Ocorrem em Goiás, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Maia-Carneiro et al., 2016; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Salvino et al., 2025.

Siphlophis longicaudatus (Andersson, 1901)

Sinonímia recente: *Siphlophis cinereus, Dipsas longicaudata*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes variadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de

Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Siphlophis pulcher (Raddi, 1820)

Sinonímia recente: *Siphlophis cervinus rubrovertebralis, Callopistria rubrovertebralis, Lycognathus rhombeatus*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos (e.g. *Placosoma*), ovos de lagartos e serpentes.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos, arborícolas e terrícolas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Muscat et al., 2016; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Siphlophis worontzowi (Raddi, 1820)

Sinonímia recente: *Alleidophis worontzowi*

Comprimento: até 1,0 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas inundáveis, áreas abertas e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos (*Copeoglossum*) e anfíbios.

Comportamento e observações: Possuem hábitos arborícolas e noturnos. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins e Mato Grosso. Ocorrência duvidosa no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Vechio et al., 2015; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Psomophis genimaculatus (Raddi, 1820)

Sinonímia recente: *Liophis joberti, Liophis genimaculatus*

Habitat: Ocorrem em florestas e áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos lagartos, anfíbios (*Scinax*) e roedores.

Comportamento e observações: Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara. Oviposição ocorre entre julho e setembro.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Rivas et al., 2023; Mori et al., 2025.

Psomophis joberti (Sauvage, 1884)

Sinonímia recente: *Liophis joberti*

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em savanas e pastagens em solo arenoso.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e lagartos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos, fossoriais e terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Predadores: serpentes *Apostolepis sanctaeritae, Micrurus ibiboboca.*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Azevedo et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Sousa & Kokubum, 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Psomophis obtusus (Cope, 1864)

Sinonímia recente: *Rhadinaea obtusa, Liophis obtusus*

Comprimento: até 45,5 cm.

Habitat: Ocorrem em pastagens e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de insetos, anfíbios e possivelmente pequenos lagartos.

Comportamento e observações: Espécie não agressiva, é bastante ágil. Possuem hábitos diurnos. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara, colocam de dois a 18 ovos, postos separados ou juntos em ninhos de formigas-cortadeiras (*Acromyrmex*).

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Giambelluca, 2015; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Calamodontophis paucidens (Amaral, 1935)

Sinonímia recente: *Calamodon paucidens*

Comprimento: até 41,6 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas de pastagens e áreas degradadas.

Comportamento e observações: Possivelmente arborícola. Quando ameaçada, pode enrolar o corpo de forma helicoidal e esconder a cabeça ou abrir a boca realizando ameaças de ataque. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai e no Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Calamodontophis ronaldoi Franco, Cintra & Lema, 2006

Sinonímia recente: *Calamodontophis dorsolineatus*

Habitat: Ocorrem em mosaicos de florestas e pastagens.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraná.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dryophylax almae (Franco & Ferreira, 2003 "2002")

Sinonímia recente: *Thamnodynastes almae*

Comprimento: 60 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas.

Alimentação:

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Vivípara, dando à luz até 10 filhotes.

Distribuição: Ocorrem no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Faria et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dryophylax chaquensis (Bergna & Alvarez, 1993)

Sinonímia recente: *Thamnodynastes chaquensis*

Habitat: Ocorrem em matas secas, áreas úmidas e savanas secas.

Alimentação: Alimentam-se principalmente de anfíbios, dentre os quais consomem: *Boana, Elachistocleis, Leptodactylus*.

Comportamento e observações: Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Dorado-Rodrigues et al., 2012; Carrillo, 2017; Alves & Albuquerque, 2017; Nogueira et al., 2019; Dias-Silva et al., 2021; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dryophylax hypoconia (Cope, 1860)

Sinonímia recente: *Thamnodynastes hypoconia, Thamnodynastes strigilis*

Comprimento: até 70 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e áreas florestais, locais úmidos próximos à água.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, girinos, insetos, répteis (*Mabuya*) e ovos de répteis.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Dendropsophus, Leptodactylus, Limnomedusa, Physalaemus*, *Rhinella, Scinax*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Dentição opistóglifa. Possuem hábitos diurnos, noturnos, terrícolas e arborícolas. Podendo se deslocar também na água. Em geral costumam fugir de seres humanos, mas quando manipuladas podem ser agressivas, achatando a região dorsal e desferindo botes. A picada pode ocasionar acidentes leves, principalmente com sintomas locais como edema e dor local durante algumas horas. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: serpente *Hydrodynastes gigas.*

Reprodução: Reprodução registrada entre setembro e abril. Vivípara, dando à luz quatro a 16 filhotes. A gestação leva no mínimo 126 dias. O nascimento dos filhotes ocorre no verão e no começo do outono, entre janeiro e abril.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem nos estados da região Sul, Sudeste, Centro-oeste, também Tocantins, Maranhão, Piauí, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Freitas, 2011; Borges-Moya & Maffei, 2012; Martins et al., 2013; Bellini et al., 2013; Giraudo et al., 2014; Giambelluca, 2015; Rebelato et al., 2016; Borges et al., 2017; Manoel & Almeida, 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Benício et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dryophylax nattereri (Mikan, 1828)

Sinonímia recente: *Thamnodynastes nattereri, Thamnodynastes pallidus*

Comprimento: até 60 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas e áreas abertas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai e no Brasil, onde ocorrem nos estados da região Sul, Sudeste, também Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco e Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Dryophylax phoenix Franco, Trevine, Montingelli & Zaher, 2017

Sinonímia recente: *Thamnodynastes phoenix*

Habitat: Ocorrem em savanas, pastagens em solos arenosos e florestas de galeria.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos lagartos e anfíbios. Podem praticar canibalismo.

Dentre os lagartos consomem: *Ameivula, Hemidactylus*, *Tropidurus*.

Dentre os anfíbios consomem: *Leptodactylus, Physalaemus, Rhinella*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem geralmente em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Goiás, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Pergentino & Ribeiro, 2017; Nogueira et al., 2019; Uchôa et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Almeida et al., 2023.

Dryophylax ramonriveroi Manzanilla & Sánchez, 2005

Sinonímia recente: *Thamnodynastes ramonriveroi, Thamnodynastes nettingi*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes variadas.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima e Pará.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Gomesophis brasiliensis (Gomes, 1918)

Sinonímia recente: *Tachymenis brasiliensis*

Habitat: Ocorrem em pastagens e áreas úmidas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Quando ameaçadas, podem tentar se enterrar, ameaçar dando botes, liberar conteúdo da cloaca ou esconder a cabeça embaixo do corpo. Ocorrem geralmente em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem em Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Menezes et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Mesotes rutilus (Prado, 1942)

Sinonímia recente: *Thamnodynastes rutilus, Dryophylax rutilus*

Comprimento: até 60 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de galeria e ambientes ripários.

Alimentação:

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Ocorrência duvidosa no Rio de Janeiro.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Mesotes strigatus (Günther, 1858)

Sinonímia recente: *Thamnodynastes strigatus, Tomodon strigatus*

Comprimento: até 80 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas abertas, próximo de corpos-d'água.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios adultos, girinos, peixes, lagartos (*Hemidactylus*), roedores (*Oligoryzomys*) e outras serpentes.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Bokermannohyla, Crossodactylus, Dendropsophus, Ischnocnema, Leptodactylus, Lithobates, Melanophryniscus, Odontophrynus, Physalaemus, Phyllomedusa, Rhinella, Scinax.*

Dentre os peixes consomem: *Astyanax, Hoplias, Hyphessobrycon, Phalloceros, Poecilia*.

Dentre as serpentes consomem: *Dipsas, Helicops*.

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos noturnos, terrícolas, aquáticos e arborícolas. Repousam sobre árvores e forrageiam no solo e na água. Costumam fugir de seres humanos, mas quando capturadas podem ser agressivas. As mordidas causam edema e dor local intensa durante vários dias, eventualmente hemorragia local. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: serpente *Hydrodynastes gigas.*

Reprodução: Vivíparas ou ovovivíparas (a depender da fonte), dando à luz seis a 17 filhotes. Reprodução ocorre principalmente na primavera e no verão.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Paraguai, no Uruguai e no Brasil, onde ocorrem nos estados das regiões Sul e Sudeste.

Fontes: Bernarde et al., 2000; Ruffato et al., 2003; Carreira et al., 2005; Winkler et al., 2011; Borges-Martins et al., 2013; Giraudo et al., 2014; Giambelluca, 2015; Borges et al., 2017; Thaler et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Bortolanza-Filho et al., 2019; Williams et al., 2021; Santiago et al., 2021; Loebens et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Andrade & Silva, 2024.

Ptychophis flavovirgatus Gomes, 1915

Sinonímia recente: *Paratychophis flavovirgatus*

Habitat: Ocorrem em ambientes aquáticos em áreas abertas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem geralmente em altitudes elevadas.

Reprodução: Vivípara ou ovovivípara (a depender da fonte), reprodução ocorre entre outubro e junho.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Scartozzoni & Marques, 2004; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tachymenis ocellata (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sinonímia recente: *Tomodon ocellatus*

Comprimento: até 54 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e florestas.

Alimentação: Alimentam-se de lesmas (*Phyllocaulis*), insetos e outras serpentes.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrestres, preferencialmente com hábitos terrestres e crepusculares. Nos meses frios do ano se protegem em buracos subterrâneos, de até 25 cm de profundidade. Quando ameaçada, costuma achatar o corpo. Sua mordida pode causar edema local, dor próxima à área da pica, dor de cabeça e inflamação de gânglios linfáticos, com os sintomas podendo passar em seis horas. Possivelmente realiza um mimetismo com serpentes *Bothrops*. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Micrurus altirostris*.

Reprodução: Vivípara ou ovovivípara (a depender da fonte), dando à luz três a 12 filhotes. A gestação dura três meses e os filhotes nascem entre fevereiro e março.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Giambelluca, 2015; Rodriguez et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Thamnodynastes longicaudus Franco, Ferreira, Marques & Sazima, 2003

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem no Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Thamnodynastes pallidus (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Thamnodynastes strigilis, Dryophylax pallidus strigilis, Dryophylax pallidus*

Comprimento: rostro-cloaca: 320 mm. Até 60 cm de comprimento total.

Habitat: Ocorrem em florestas úmidas, próximas da água, e áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Boana*) e lagartos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas e noturnos. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Vivípara, nascimento dos filhotes registrado em janeiro.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Freitas, 2011; Protázio et al., 2017; Silva et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Thamnodynastes sertanejo Bailey, Thomas & Silva-Jr, 2005

Comprimento: rostro-cloaca: 401 mm. Comprimento total: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Ischnocnema*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Guedes, 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Thamnodynastes silvai Trevine, Caicedo-Portilla, Hoogmoed, Thomas, Franco, Montingelli, Osorno-Muñoz & Zaher, 2021

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem no Peru, na Colômbia, no Equador e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Tomodon dorsatus Duméril, Bibron & Duméril, 1854

Sinonímia recente: *Tomodon degener, Tomodon dorsatum, Opisthoplus degener, Aproterodon clementei*

Comprimento: até 80 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e, eventualmente, áreas abertas e peridomiciliares.

Alimentação: Alimentam-se de moluscos terrestres, principalmente lesmas (Veronicellidae).

Comportamento e observações: Dentição opistóglifa. Possuem hábitos diurnos, noturnos e terrícolas, eventualmente arborícolas. Quando ameaçadas, se achatam dorsalmente e desferem botes. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii, Bothrops pubescens.*

Reprodução: Vivípara ou ovovivípara (a depender da fonte), dando à luz até 26 filhotes. O ciclo reprodutivo pode ser estacional, bianual ou multianual. Nascimento dos filhotes ocorre entre junho e outubro.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Bizerra et al., 2005; Hartmann et al., 2005; Borges-Martins et al., 2013; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Zonateres lanei (Bailey, Thomas & Silva-Jr, 2005)

Sinonímia recente: *Thamnodynastes lanei, Thamnodynastes nattereri, Thamnodynastes pallidus, Thamnodynastes strigilis*

Habitat: Ocorrem em florestas sazonalmente inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (Hylidae).

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Vivípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidodryas serra (Schlegel, 1837)

Sinonímia recente: *Philodryas serra*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de filhotes de aves (*Galbula*), roedores, anfíbios e lagartos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres e arborícolas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam até sete ovos. A incubação dura 90 dias.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de

Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Vrcibradic et al., 2012; Nogueira et al., 2019; Muscat et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Tropidodryas striaticeps (Cope, 1870 "1869")

Sinonímia recente: *Tropidodryas pseudoserra, Philodryas pseudoserra*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de aves, roedores, anfíbios e lagartos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Vrcibradic et al., 2012; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Rempalski et al., 2024.

Erythrolamprus aenigma Entiauspe-Neto, Abegg, Koch, Nuñez, Azevedo, Moraes, Tiutenko, Bialves & Loebmann, 2021

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Venezuela, Colômbia e Brasil; ocorrem em Roraima.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Erythrolamprus aesculapii aesculapii (Linnaeus, 1766)

Comprimento: machos: até 77 cm; fêmeas: até 104 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, capoeiras, bordas de florestas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, lagartos e peixes (*Synbranchus*).

Dentre as serpentes consomem: *Atractus, Dipsas, Echinanthera, Erythrolamprus, Oxyrhopus, Phimophis, Thamnodynastes, Imantodes, Leptodeira, Mussurana, Ninia, Phimophis, Taeniophallus, Tomodon, Xenodon, Micrurus, Pseudablabes, Tantilla, Tropidodryas.*

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Placosoma*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, crepusculares e terrícolas. Sua picada pode causar dor, inchaço e sangramento local.

Reprodução: Ovípara, colocam um a nove ovos. Oviposição registrada em março, mas a reprodução aparentemente pode ocorrer ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Peru, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Venezuela, Trinidad, Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Maranhão.

Fontes: Marques & Puorto, 1994; Marques, 1996; Freitas, 2003; Santos & Vaz-Silva, 2012; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Ramírez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023; Botelho et al., 2023; Rempalski et al., 2024.

Erythrolamprus aesculapii venustissimus (Wied, 1821)

Comprimento: até 80 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, lagartos, anfíbios e roedores.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Seu veneno tem atividade anticoagulante, causando dor e edema local.

Reprodução: Ovípara, colocam seis a nove ovos.

Distribuição: No Brasil ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do

Sul, Goiás, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Fontes: Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus almadensis (Wagler *in* Spix, 1824)

Sinonímia recente: *Liophis almadensis, Leimadophis almadensis*

Comprimento: até 66 cm.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, como pastagens, pastagens úmidas e brejos com palmeiras.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros e seus ovos, também pequenos lagartos e roedores.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Ocorrem em altitudes variadas.

Predadores: aranhas *Grammostola quirogai*; anfíbios *Leptodactylus vastus.*

Reprodução: Ovípara, colocam de quatro a 10 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ocorrência duvidosa no Piauí e no Rio de Janeiro.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Carreira et al., 2005; Freitas, 2011; Ferreira et al., 2012; Borges et al., 2016; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus atraventer (Dixon & Thomas, 1985)

Sinonímia recente: *Leimadophis atraventer, Liophis atraventer*

Habitat: Ocorrem em florestas, bordas de florestas e áreas abertas ao longo da Serra do Mar.

Alimentação:

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus breviceps (Cope, 1860)

Sinonímia recente: *Liophis breviceps, Liophis longiventris, Erythrolamprus longiventris, Liophis canaima*

Comprimento: machos: até 58 cm; fêmeas: até 81 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de minhocas, centopeias, anfíbios e peixes (*Synbranchus*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, crepusculares, terrícolas e semiaquáticos. Geralmente ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara. Colocam seis a oito ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Fraga et al., 2013; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus carajasensis (Cunha, Nascimento & Avila-Pires, 1985)

Sinonímia recente: *Leimadophis carajasensis, Liophis carajasensis*

Habitat: Ocorrem em savanas e pastagens em solos lateríticos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus cobella (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Liophis cobellus, Erythrolamprus cobellus*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas abertas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros e lagartos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas, eventualmente noturnas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii.*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Trinidad e Brasil, onde ocorrem no Amapá. Ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Argôlo, 2004; Nogueira et al., 2019; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus dorsocorallinus (Esqueda, Natera, La Marca & Ilija-Fistar, 2007)

Sinonímia recente: *Liophis dorsocorallinus*

Comprimento: Até 67 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e florestas secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, como *Rhinella* e *Ctenophryne*.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e terrícola. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Peru, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia e Amazonas. Ocorrência duvidosa no Mato Grosso.

Fontes: Bernarde et al., 2017; Araújo et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus frenatus (Werner, 1909)

Sinonímia recente: *Liophis frenatus*

Habitat: Ocorrem em pastagens úmidas próximas de brejos com palmeiras no Cerrado e próximas de cursos d'água.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios adultos, girinos e peixes (*Synbranchus*).

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Batista et al., 2020; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus jaegeri jaegeri (Günther, 1858)

Sinonímia recente: *Liophis jaegeri, Leimadophis jaegeri*

Comprimento: até 85 cm.

Habitat: Ocorrem em campos e áreas alagadas, como banhados e brejos.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (adultos, ovos e girinos) e peixes (*Phalloceros*).

Dentre os anfíbios consomem: *Leptodactylus, Physalaemus, Pseudopaludicola, Scinax.*

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta. Possuem hábitos diurnos, noturnos, terrícolas e aquáticos. Quando capturadas, podem evacuar seu conteúdo cloacal como forma de defesa.

Predadores: serpentes *Pseudablabes patagoniensis*; aves gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*).

Reprodução: Ovípara, colocam quatro a 13 ovos grudados entre si, depositados em formigueiros (*Acromyrmex*).

Distribuição: Ocorrem no Uruguai e no Brasil, onde ocorrem nos estados da região Sul, também Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Freitas, 2003; Frota, 2005; Carreira et al., 2005; Lopez & Giraudo, 2008; Borges-Martins et al., 2013; Corrêa et al., 2016; Borges et al., 2017; Silva et al., 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus jaegeri coralliventris (Boulenger, 1894)

Sinonímia recente: *Lygophis coralliventris*

Comprimento: até 68 cm.

Habitat: Ocorrem próximo da água, em banhados e pastagens.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, peixes, eventualmente insetos, pequenos lagartos e anfíbios.

Predadores: serpente *Hydrodynastes gigas*.

Reprodução: Ovípara, colocam até 14 ovos. Podem colocar seus ovos dentro de ninhos de formigas-cortadeiras *Acromyrmex*.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Giraudo et al., 2014; Giambelluca, 2015; Teixeira et al., 2020; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus macrosoma (Amaral, 1935)

Sinonímia recente: *Erythrolamprus macrosomus, Erythrolamprus reginae macrosomus, Liophis reginae macrosoma, Liophis reginae macrosomus*

Habitat: Ocorrem em savanas, florestas, matas secas e florestas de galeria.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Piauí, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus maryellenae (Dixon, 1985)

Sinonímia recente: *Liophis maryellenae, Leimadophis maryellenae*

Comprimento: até 60 cm.

Habitat: Ocorrem em pastagens úmidas, pastagens, savana e florestas de galeria.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos, terrícolas e semiaquáticos. Ocorrem geralmente em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovípara, colocam quatro a oito ovos.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus miliaris miliaris (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Liophis miliaris miliaris, Liophis purpurans*

Alimentação: Alimentam-se de peixes, anfíbios, roedores (*Oligoryzomys*), serpentes (*Helicops*), anfisbênias (*Leposternon*) e lagartos (*Placosoma*).

Dentre os peixes consomem: *Bathygobius, Callichthys, Geophagus, Guavina, Gymnotus, Synbranchus, Pyrrhulina.*

Dentre os anfíbios consomem: *Aplastodiscus, Bokermannohyla, Boana, Chiasmocleis, Chthonerpeton, Dendropsophus, Elachistocleis, Hylodes, Leptodactylus, Lithobates, Phyllomedusa, Physalaemus, Pithecopus, Rhinella, Scinax, Stereocyclops, Thoropa, Trachycephalus, Xenohyla.*

Predadores: serpente *Erythrolamprus aesculapii*; lagarto *Tropidurus torquatus*; mamíferos graxaim (*Cerdocyon thous*).

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Marques & Puorto, 1994; Forti & Bertoluci, 2012; Gonzalez et al., 2016; Carvalho et al., 2019; Farina et al., 2019; Burg, 2020; Souza et al., 2021; Leitão-Martins et al., 2021;

Assis et al., 2022; Maia-Carneiro et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus miliaris amazonicus (Dunn, 1922)

Sinonímia recente: *Liophis miliaris amazonicus, Dromicus amazonicus*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Pará, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Erythrolamprus miliaris chrysostomus (Cope, 1868)

Sinonímia recente: *Liophis miliaris chrysostomus, Liophis chrysostomus, Erythrolamprus chrysostomus*

Comprimento: até 90 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas de terra firme e florestas sazonalmente inundadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e peixes.

Dentre os peixes consomem: *Gymnotus* e *Pyrrhulina*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, terrícolas e semiaquáticos.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, no Equador e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará e Maranhão.

Fontes: Tipantiza-Tuguminago et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus miliaris merremii (Wied, 1821)

Sinonímia recente: *Liophis miliaris merremii, Liophis merremii*

Comprimento: até 80 cm.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros (*Leptodactylus*), gimnofionas, peixes, répteis e roedores (*Oligoryzomys*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos, noturnos, semiaquáticos e terrícola.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Oliveira et al., 2019; Batista et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus miliaris orinus (Griffin, 1916)

Sinonímia recente: *Liophis miliaris orinus*

Habitat: Ocorrem em campos, florestas e áreas alagadas, como banhados e brejos.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (adultos, ovos e girinos), peixes, pequenos lagartos, aves pequenas, roedores, invertebrados e serpentes.

Dentre os anfíbios consomem: *Ischnocnema, Rhinella, Boana, Dendropsophus, Chiasmocleis, Hylodes, Leptodactylus, Physalaemus, Chthonerpeton.*

Dentre os peixes consomem: *Callichthys, Astyanax, Dormitator, Guavina, Hoplias, Phalloceros, Poecilia, Synbranchus, Trichomycterus.*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Dentição áglifa, não peçonhenta, porém relata-se que sua mordida pode causar sangramento, dor, inchaço, edema, parestesia e equimose, com sintomas podendo desaparecer em 40 minutos. Possuem hábitos diurnos, noturnos, terrícolas e aquáticos. Quando ameaçadas, expelem secreções da cloaca como defesa, podem esconder a cabeça embaixo do corpo ou se fingir de morta. Podem dormir submersas na água.

Reprodução: Ovípara. Colocam de cinco a 25 ovos.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Possível ocorrência na Argentina e no Paraguai.

Fontes: Lima & Colombo, 2008; Duarte et al., 2014; Muscat et al., 2016; Borges et al., 2017; Muscat & Moroti, 2018; Burg & Miguel,

2020; Williams et al., 2021; Eisfeld et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus mossoroensis (Hoge & Lima-Verde, 1973 "1972")

Sinonímia recente: *Liophis miliaris mossoroensis, Liophis mossoroensis*

Comprimento: até 80 cm.

Habitat: Ocorrem em vegetação aberta e xérica, caatinga herbácea, arbustiva e arbórea.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos lagartos e anfíbios (adultos e girinos).

Dentre os lagartos consomem: *Hemidactylus, Vanzosaura*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos semiaquáticos, diurnos, crepusculares e noturnos. Localizada quase sempre às margens da água. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovípara, colocam de quatro a nove ovos.

Distribuição: Ocorrem no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Paraíba e Minas Gerais.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Silva-Santos et al., 2022; Rivas & Mendoza-Miranda, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Pessoa et al., 2024; Silva et al., 2025.

Erythrolamprus oligolepis (Boulenger, 1905)

Sinonímia recente: *Liophis oligolepis*

Comprimento: até 64,2 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: No Brasil ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus poecilogyrus poecilogyrus (Wied, 1824)

Sinonímia recente: *Liophis poecilogyrus poecilogyrus, Dromicus poecilogyrus*

Comprimento: 80 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas abertas e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros (ovos, girinos e adultos), lagartos, peixes, anfisbênias (*Amphisbaena*) e invertebrados.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Chiasmocleis, Elachistocleis, Dendropsophus, Dermatonotus, Leptodactylus, Lysapsus, Melanophryniscus, Odontophrynus, Phyllomedusa, Physalaemus, Pipa, Pseudis, Rhinella, Scinax, Thoropa, Trachycephalus.*

Dentre os peixes consomem: *Gymnotus, Jenynsia, Phalloceros*.

Dentre os lagartos consomem: *Cercosaura, Ameiva, Tupinambis, Liolaemus, Tropidurus, Aspronema*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos, noturnos, semiaquáticos e terrícolas.

Predadores: serpentes *Pseudablabes patagoniensis, Erythrolamprus aesculapii, Drymobuler dichrous, Boiruna maculata, Hydrodynastes gigas, Paraphimophis rustica, Micrurus corallinus, Micrurus ibiboboca*; anfíbios *Ceratophrys ornata, Lithobates catesbeianus*; aves maguari (*Ciconia maguari*), anu-branco (*Guira guira*), acauã (*Herpetotheres cachinnans*), coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*); mamíferos graxaim (*Cerdocyon thous*), furão (*Galictis* sp.).

Reprodução: Ovípara, colocam seis a 17 ovos. Oviposição ocorre principalmente em dezembro.

Distribuição: Ocorrem no Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Marques & Puorto, 1994; Pinto & Fernandes, 2004; Hartmann & Marques, 2005; Pontes, 2007; Freitas, 2011; Prieto et al., 2012; Abegg et al., 2015; Azarak & Farias, 2017; Andrade et al., 2020; Santiago et al., 2021; Oliveira et al., 2021;

Lizarro et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Nascimento & Benício, 2024; Oliveira et al., 2024.

Erythrolamprus poecilogyrus caesius (Cope, 1862)

Sinonímia recente: *Liophis poecilogyrus caesius*

Alimentação: Consomem anfíbios, como *Physalaemus, Leptodactylus* e *Phyllomedusa.* Podem comer carniça.

Predadores: ave choró-boi (*Taraba major*).

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Cabral et al., 2017; Montellano, 2020; Smith & Rojas, 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus poecilogyrus schotti (Schlegel, 1837)

Sinonímia recente: *Liophis poecilogyrus schotti*

Comprimento: até 80 cm.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios e lagartos.

Dentre os anfíbios consomem: *Chiasmocleis, Elachistocleis.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, semiaquáticos e terrícolas.

Reprodução: Ovípara, colocam sete ovos. Oviposição registrada em agosto.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Roraima, Acre, Espírito Santo e Rio de Janeiro

Fontes: Cacciali & Motte, 2010; Freitas, 2011; Benício et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2025.

Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus (Cope, 1860)

Sinonímia recente: *Liophis poecilogyrus sublineatus*

Comprimento: até 90 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas abertas e áreas alagadas.

Alimentação: Alimentam-se de peixes, anfíbios anuros (adultos, ovos e girinos), roedores (*Necromys*), peixes, anfisbênias, artrópodes, pequenos lagartos e serpentes (*Epictia*).

Dentre os lagartos consomem: *Cercosaura, Cnemidophorus*.

Dentre os peixes consomem: *Jenynsia, Phalloceros*.

Dentre os anfíbios consomem: *Rhinella, Boana, Leptodactylus, Melanophryniscus, Physalaemus, Odontophrynus, Elachistocleis.*

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta, apesar disso, sua mordida causa ardor, sangramento, inchaço e parestesia, com os sintomas desaparecendo em alguns dias. Possuem hábitos diurnos e noturnos. Quando ameaçadas, se defedem expelindo secreções da cloaca.

Predadores: aves anu-branco (*Guira guira*), gavião-carrapateiro (*Milvago chimachima*); serpentes *Boiruna maculata, Pseudablabes patagoniensis, Micrurus altirostris.*

Reprodução: Ovípara. Reprodução registrada entre agosto e janeiro no sul do Brasil. Colocam de três a 12 ovos aderidos entre si.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Di Pietro, 2015; Carreira et al., 2025; Borges-Martins et al., 2013; Giambelluca, 2015; Abegg et al., 2015; Corrêa et al., 2016; Borges et al., 2017; Quintela et al., 2017; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus pygmaeus (Cope, 1868)

Sinonímia recente: *Umbrivaga pygmaea*

Comprimento: machos: até 23 cm; fêmeas: até 25 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, áreas degradadas e áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos, terrícolas e semiaquáticos. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Micrurus obscurus*.

Reprodução: Ovípara, colocam quatro a cinco ovos. Oviposição registrada em fevereiro e março. A incubação dura aproximadamente cinco meses.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Peru, Equador, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas e Pará.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Bentley & Fiallos, 2025.

Erythrolamprus reginae (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Liophis reginae, Leimadophis reginae*

Comprimento: machos: até 76 cm; fêmeas: até 82 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas abertas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros (ovos, girinos e adultos) e lagartos.

Dentre os anfíbios consomem: *Ameerega, Elachistocleis, Leptodactylus, Physalaemus, Rhinella, Scinax*.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Colobosaura, Loxopholis.*

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos, crepusculares e terrícolas, mas podem dormir sobre a vegetação.

Predadores: serpentes *Drymarchon corais, Clelia clelia.*

Reprodução: Ovípara, colocam de dois a 12 ovos. Reprodução pode ocorrer ao longo de todo o ano.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem nos estados da região Norte, também em Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Albarelli & Costa, 2010; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Prudente et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Pašukonis & Loretto, 2020; Santos-Jr. et al., 2022; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus rochai Ascenso, Costa & Prudente, 2019

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem no Amapá.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Erythrolamprus semiaureus (Cope, 1862)

Sinonímia recente: *Liophis miliaris semiaureus, Liophis semiaureus*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em pastagens sazonalmente inundadas, brejos, banhados e áreas aquáticas próximas de florestas.

Alimentação: Anfíbios anuros adultos, girinos, pequenos lagartos e peixes.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes. Possuem hábitos semiaquáticos, diurnos e noturnos. Quando são capturadas, podem evacuar o conteúdo cloacal como forma de defesa. Podem se esconder embaixo de rochas, troncos ou esterco seco.

Predadores: serpente *Hydrodynastes gigas, Pseudablabes patagoniensis*.

Reprodução: Ovípara, colocam até 25 ovos. Postura de ovos registrada em dezembro e eclosão em janeiro.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai, Paraguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Freitas, 2011; Borges-Martins et al., 2013; Giraudo et al., 2014; Giambelluca, 2015; Quintela & Loebmann, 2019; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus taeniogaster (Jan, 1863)

Sinonímia recente: *Liophis cobellus taeniogaster, Liophis taeniogaster*

Comprimento: até 80 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, capoeiras, bordas de florestas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros (adultos e girinos), peixes e lagartos.

Dentre os peixes consomem: *Callichthys, Corydoras, Hoplias, Gymnotus, Anablepsoides, Sternopygus, Synbranchus, Ituglanis.*

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Scinax, Leptodactylus, Physalaemus*.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e terrícolas, eventualmente aquáticos e crepusculares.

Reprodução: Ovípara, colocam seis a 10 ovos. Oviposição registrada entre dezembro e maio.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Peru e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Barbosa et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus trebbaui (Roze, 1958)

Sinonímia recente: *Liophis trebbaui*

Habitat: Ocorrem em córregos com rochas, áreas florestais e tepuis venezuelanos.

Comportamento e observações: Ocorrem até 1.700 m de altitude.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela e no Brasil, onde ocorrem em Roraima.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus typhlus typhlus (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Liophis typhlus typhlus*

Comprimento: machos: até 74 cm; fêmeas: até 85 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, campinaranas, capoeiras, bordas de florestas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, como *Proceratophrys, Elachistocleis* e *Rhinella*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos e terrícolas.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii, Micrurus corallinus.*

Reprodução: Ovípara, colocam dois a seis ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Peru, Equador, Paraguai, Bolívia e Brasil; ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Marques & Puorto, 1994; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Kollarits et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Santiago et al., 2021; Fernandes et al., 2022; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Lopez et al., 2024.

Erythrolamprus typhlus brachyurus (Cope, 1887)

Sinonímia recente: *Liophis typhlus brachyurus*

Comprimento: até 60 cm.

Alimentação: Alimentam-se de peixes e anfíbios.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e semiaquáticos.

Reprodução: Ovípara, colocam de quatro a 10 ovos.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Fontes: Freitas, 2003; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Erythrolamprus typhlus elaeoides (Griffin, 1916)

Sinonímia recente: *Liophis typhlus elaeoides, Liophis elaeoides*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Erythrolamprus viridis viridis (Günther, 1862)

Sinonímia recente: *Liophis viridis viridis, Dromicus viridis*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas de caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, anfisbênias (*Amphisbaena*) e insetos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Podem se mover a baixa altura na vegetação.

Predadores: aves gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*), rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*); serpentes *Micrurus ibiboboca*.

Reprodução: Ovípara, colocam dois a seis ovos.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Tavares et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Sousa & Kokubum, 2023; Sousa et al., 2023; Vicente et al., 2025.

Erythrolamprus viridis prasinus (Jan & Sordelli, 1866)

Sinonímia recente: *Liophis viridis prasinus*

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e terrestres.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Benício et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Lygophis anomalus (Günther, 1858)

Sinonímia recente: *Liophis anomalus*

Comprimento: até 90 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres, próximo de corpos-d'água, áreas abertas, banhados, ambientes peridomésticos e savanas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros adultos, girinos, peixes, pequenos lagartos, roedores, insetos, aranhas e centopeias.

Dentre os insetos consomem: besouros Coleoptera; larvas de Lepidoptera.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Elachistocleis, Leptodactylus, Odontophrynus, Rhinella.*

Dentre os répteis consomem: *Hemidactylus, Stenocercus*.

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta. Possuem hábitos diurnos, noturnos, terrícolas e aquáticos. Não são agressivas, mas quando ameaçadas podem achatar a cabeça e desferir botes. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Reprodução registrada entre novembro e janeiro. Os filhotes eclodem entre fevereiro e março. Ovípara. Colocam de seis a 15 ovos. Realizam diversas posturas em um mesmo ciclo reprodutivo.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul. Ocorrência duvidosa em Santa Catarina.

Fontes: Carreira et al., 2005; Borges-Martins et al., 2013; Panzera & Maneyro, 2013; Panzera & Maneyro, 2014; Giambelluca, 2015; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Lygophis dilepis (Cope, 1862)

Sinonímia recente: *Liophis dilepis*

Comprimento: 80 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas xéricas e áreas arbustivas semiáridas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros (*Leptodactylus*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Predadores: serpentes *Philodryas nattereri, Pseudablabes patagoniensis, Micrurus ibiboboca.*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Lopez & Giraudo, 2008; Freitas, 2011; Oliveira et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Sales et al., 2020; Williams et al., 2021; Sousa & Kokubum, 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Lygophis flavifrenatus (Cope, 1862)

Sinonímia recente: *Liophis flavifrenatus*

Comprimento: até 80 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres, áreas alagadas, como banhados e brejos, e florestas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, peixes, aves, pequenos roedores e pequenos lagartos.

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta. Possuem hábitos diurnos, terrícolas e aquáticos, eventualmente arborícolas. São bastante ágeis. São pouco agressivas, mas podem se defender abrindo a boca e realizando movimentos laterais. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Predadores: serpente *Pseudablabes patagoniensis*.

Reprodução: Ovípara. Colocam de seis a 12 ovos. Oviposição registrada em outubro e novembro.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Pontes, 2007; Borges et al., 2012; Quintela & Loebmann, 2019; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Lygophis lineatus (Linnaeus, 1758)

Sinonímia recente: *Liophis lineatus*

Comprimento: até 57 cm.

Habitat: Encontradas na margem de cursos de água e lagoas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios (*Leptodactylus*). Podem praticar canibalismo.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: No Brasil ocorrem em Roraima, Amapá, Pará e Maranhão.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Escalona, 2012; Lopes et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Lygophis meridionalis (Schenkel, 1901)

Sinonímia recente: *Liophis meridionalis*

Habitat: Ocorrem em áreas campestres, savanas e áreas úmidas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias.

Reprodução: Ovípara, colocam até oito ovos. Oviposição registrada em janeiro.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Citeli et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Lygophis paucidens Hoge, 1953 "1952"

Sinonímia recente: *Liophis paucidens*

Habitat: Ocorrem em savanas ou pastagens com solo arenoso.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenodon dorbignyi (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sinonímia recente: *Lystrophis dorbignyi*

Comprimento: até 70 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, peixes, lagartos (e.g. *Liolaemus*) e seus ovos, insetos e crustáceos.

Dentre os anfíbios consomem: *Odontophrynus, Physalaemus, Rhinella*.

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta. Quando ameaçadas, liberam excreções da cloaca, raramente mordendo; ou podem levantar a ponta da cauda, que é avermelhada em sua parte inferior. Possuem um rostro pontudo que facilita a escavação do solo, possibilitando hábitos semifossoriais e terrícolas. Quando ameaçadas, podem achatar o corpo e realizar movimentos espasmódicos laterais. Forrageiam de forma ativa.

Predadores: serpente *Pseudablabes patagoniensis.*

Reprodução: Reprodução sazonal e anual. Acasalamento ocorre entre agosto e dezembro, desovas entre novembro e fevereiro, e eclosão dos filhotes entre janeiro e abril. Ovípara. Colocam de três a 15 ovos, soltos ou aderidos uns aos outros.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Fontes: Oliveira et al., 2000; Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Borges-Oliveira et al., 2011; Martins et al., 2013; Giambelluca, 2015; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Quintela & Loebmann, 2019; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenodon guentheri Boulenger, 1894

Habitat: Ocorrem em florestas de araucária, em pastagens, florestas e áreas degradadas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes elevadas. Quando ameaçadas, podem achatar o corpo e realizar *display* com a cauda.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Fontes: Abegg et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenodon histricus (Jan, 1863)

Sinonímia recente: *Lystrophis histricus*

Comprimento: até 34,5 cm.

Habitat: Ocorrem em pastagens e savanas.

Alimentação: Possivelmente se alimentam de anfíbios anuros.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes variadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina, no Uruguai e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, no Paraná e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenodon matogrossensis (Scrocchi & Cruz, 1993)

Sinonímia recente: *Lystrophis matogrossensis*

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em matas secas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenodon merremii (Wagler *in* Spix, 1824)

Sinonímia recente: *Waglerophis merremii*

Comprimento: até 1,45 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros (*Rhinella*).

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta. Possuem hábitos diurnos, crepusculares e terrícolas. Possuem dois grandes dentes na parte posterior da maxila para perfurar os pulmões dos anfíbios anuros que consomem, pois estes se inflam ao serem ameaçados. Quando ameaçados, achatam o corpo dorso-ventralmente e desferem botes. Ocorrem em altitudes variadas. Aparenta padronizar os padrões de cores de *Bothrops*.

Predadores: aves acauã (*Herpetotheres cachinnans*), urubu-de-cabeça-amarela (*Cathartes burrovianus*).

Reprodução: Reprodução registrada entre outono e primavera, podem realizar várias posturas por ano. Ovípara. Colocam de cinco a 40 ovos.

Distribuição: Ocorrem das Guianas ao Uruguai e Argentina. No Brasil ocorrem em quase todos os estados, exceto o Acre, com ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Costa et al., 2009; Almeida et al., 2010; Freitas, 2011; Borges-Martins et al., 2013; Giambelluca, 2015; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenodon nattereri (Steindachner, 1867)

Sinonímia recente: *Lystrophis nattereri*

Comprimento: até 60 cm.

Habitat: Ocorrem em savanas e pastagens.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas e diurnos. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Piauí, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Cacciali & Ortega, 2023.

Xenodon neuwiedii Günther, 1863

Sinonímia recente: *Ophis neuwiedii*

Comprimento: até 80 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, bordas de florestas e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, pequenos lagartos (*Enyalius*) e roedores.

Dentre os anfíbios consomem: *Rhinella, Bokermannohyla, Trachycephalus, Haddadus, Ischnocnema, Proceratophrys.*

Comportamento e observações: Espécie oportunista, forrageiam durante o dia. Ocorrem em altitudes variadas. Podem realizar diversos comportamentos de defesa como inflar ou achatar o corpo, elevar a cabeça, deixar a cabeça com formato triangular ou realizar *display* com a cauda.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii, Micrurus corallinus.*

Reprodução: Ovípara, colocam seis a 10 ovos.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem nos estados das regiões Sul e Sudeste, também na Bahia.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Vaz & Chinchilla, 2019; Pedroso et al., 2020; Williams et al., 2021; Santiago et al., 2021; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Ghizoni-Jr. & Silva, 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Ghizoni-Jr., 2024.

Xenodon pulcher (Jan, 1863)

Sinonímia recente: *Lystrophis pulcher*

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, pequenos lagartos e roedores.

Comportamento e observações: Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenodon rabdocephalus rabdocephalus (Wied, 1824)

Sinonímia recente: *Xenodon angustirostris, Xenodon suspectus, Xenodon mexicanus, Xenodon bertholdi, Xenodon colubrinus*

Comprimento: até 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em florestas, bordas de florestas, campos rupestres e pastagens.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros e, eventualmente, girinos.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Clelia clelia.*

Reprodução: Ovípara, colocam de dois a 11 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Espírito Santo. Ocorrência duvidosa no Tocantins.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Pommer-Barbosa et al., 2022; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenodon severus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: até 2,00 m.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, girinos, lagartos e aves.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Gonatodes.*

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e terrícolas. Quando ameaçada, achata a cabeça e pode sibilar. Quando morde, pode injetar veneno, que causa inflamação, problemas de coagulação e dor local, raramente mortal. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Erythrolamprus aesculapii, Clelia clelia.*

Reprodução: Ovípara, colocam até 22 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Goiás.

Fontes: Freitas, 2003; Bernarde et al., 2017; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Rodríguez-Jaramillo & González, 2022; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenodon werneri Eiselt, 1963

Sinonímia recente: *Thalesius viridis*

Habitat: Ocorrem em áreas abertas.

Comportamento e observações: Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, no Suriname e no Brasil, onde ocorrem no Amapá e no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenopholis scalaris (Wucherer, 1861)

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e arborizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, como *Allobates* e *Physalaemus*.

Comportamento e observações: Dentição áglifa. Possuem hábitos diurnos e noturnos, terrícolas e, eventualmente, criptozoicos. Podem subir na vegetação baixa. Ocorrem geralmente em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam dois a quatro ovos. Reprodução registrada em fevereiro.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Ocorrência duvidosa no Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Ringler et al., 2010; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Abreu et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenopholis undulatus (Jensen, 1900)

Sinonímia recente: *Paroxyrhopus undulatus, Xenopholis reticulatus*

Comprimento: até 40 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e florestas de galeria.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, como *Haddadus* e *Physalaemus*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas e diurnos. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Teles et al., 2018; Guedes, 2018; Nogueira et al., 2019; Almeida & Anunciação, 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Xenopholis werdingorum Jansen, Álvarez & Köhler, 2009

Habitat: Ocorrem em enclaves de savanas em meio a matas secas, florestas primárias e áreas degradadas.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Cercophis auratus (Schlegel, 1837)

Sinonímia recente: *Uromacerina ricardinii*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos.

Comportamento e observações: Dentição áglifa, não peçonhenta. Ocorrem em baixas altitudes. Possuem hábitos terrícolas, arborícolas e diurnos.

Reprodução: Ovípara, colocam três ovos.

Distribuição: Ocorrem no Suriname e Brasil, onde ocorrem nos estados das regiões Sul e Sudeste, também na Bahia, Alagoas, Ceará e Pará.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Lioheterophis iheringi Amaral, 1934

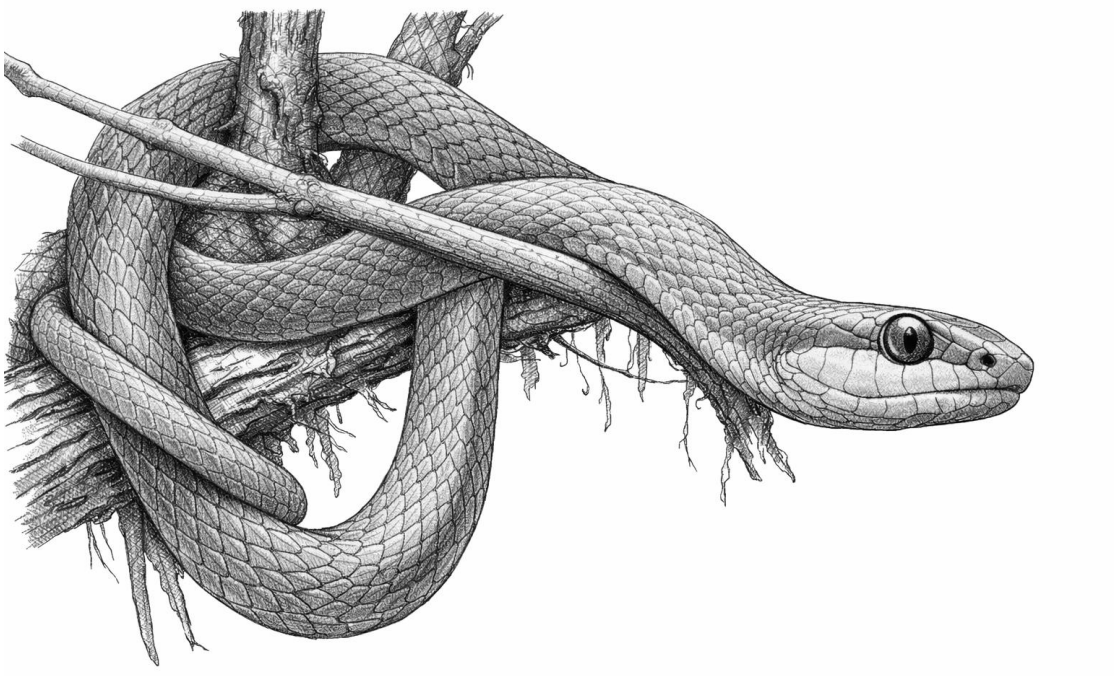
Habitat: Ocorrem na caatinga.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovípara.

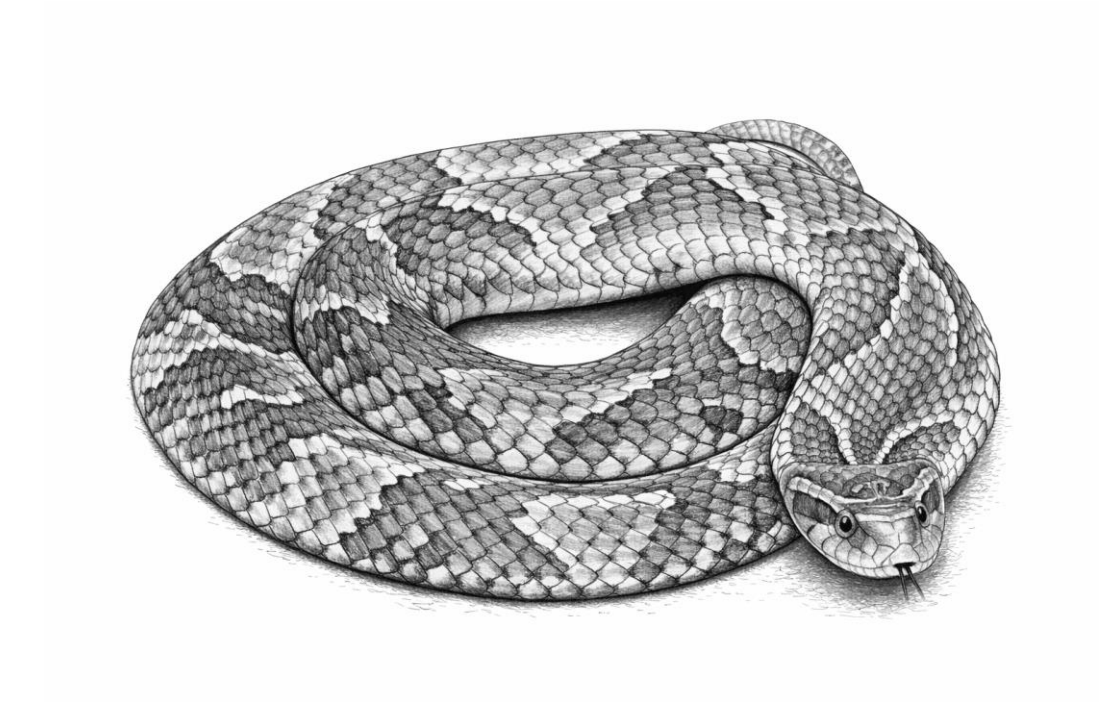
Distribuição: Ocorrem na Paraíba.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.



Philodryas olfersii

Conforme foto de L. Botelho/biodiversity4all



Xenodon merremii

Conforme foto de M.S.Figueiredo/wikipedia

Família Elapidae

Nessa família ocorrem serpentes conhecidas como cobras-corais, ocorrem em florestas, cerrado, desertos, semidesertos, pastagens, lagos, rios, áreas agrícolas e próximas de habitações humanas. Nessa família, que inclui espécies que não ocorrem no Brasil, as espécies podem ter de 350 mm a 5 m. Possuem hábitos diurnos ou noturnos, podem ser fossoriais, semifossoriais, arborícolas ou aquáticas. Algumas espécies são vivíparas, dando à luz 20 ou 30 filhotes, enquanto outras são ovíparas colocando de um a 50 ovos. A maioria das espécies não cuida dos ovos ou filhotes; os ovos são colocados sob rochas ou troncos caídos, também em fendas. Incubam por até três meses. Nas espécies vivíparas a gestação pode durar até três meses.

Alimentam-se de anfíbios, peixes, lagartos, amphisbaenias, serpentes, ovos de répteis, aves, morcegos e pequenos mamíferos. A maioria procura forragear de forma ativa e não por emboscada, matando suas presas com a peçonha e não realizando constrição.

Fontes: Keogh, 2003; O'Shea, 2023.

Leptomicrurus collaris (Schlegel, 1837)

Sinonímia recente: *Micrurus collaris*

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amapá e no Pará. Ocorrência duvidosa no Amazonas.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leptomicrurus narduccii (Jan, 1863)

Sinonímia recente: *Micrurus narduccii*

Comprimento: até 1,16 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos lagartos (*Bachia*) e serpentes.

Comportamento e observações: Dentição proteróglifa. Encontrada embaixo de troncos caídos e na serrapilheira.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre.

Fontes: Haad, 1994; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Leptomicrurus scutiventris (Cope, 1870)

Sinonímia recente: *Micrurus scutiventris*

Comprimento: até 44,5 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se possivelmente de centopeias e anfisbênias.

Comportamento e observações: Possuem hábitos criptozoicos e semifossoriais.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, no Equador, no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas. Ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Haad, 1994; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus albicinctus Amaral, 1925

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes (*Atractus* e *Micrurus*).

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Peru e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas e Mato Grosso.

Fontes: Souza et al., 2011; Masseli et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus altirostris (Cope, 1860 "1859")

Sinonímia recente: *Micrurus frontalis altirostris, Micrurus frontalis multicinctus, Micrurus lemniscatus multicinctus*

Comprimento: até 1,30 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, pequenos lagartos, ovos de répteis e anfisbênias (*Amphisbaena*).

Dentre as serpentes consomem: *Amerotyphlops, Atractus, Dipsas, Epictia, Erythrolamprus, Liotyphlops, Tomodon*, *Bothrops, Phalotris, Tachymenis.*

Dentre os lagartos consomem: *Cercosaura, Ophiodes.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos fossoriais, diurnos, crepusculares e noturnos. Dentição proteróglifa, peçonhenta, o envenenamento por esta serpente é grave, devido à neurotoxicidade de sua peçonha. Não são agressivas. Quando ameaçadas, ocultam a cabeça embaixo do corpo e levantam a cauda com sua ponta dobrada realizando movimentos erráticos. São ameaçadas devido ao desmatamento, perseguição humana e baixo potencial reprodutivo.

Reprodução: Ovípara. Colocam até 10 ovos, dentro de formigueiros (*Acromyrmex*). Nascimentos ocorrem entre novembro e março.

Distribuição: Ocorrem na Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil, onde ocorrem no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Borges-Martins et al., 2013; Abegg et al., 2015; Borges et al., 2017; Rodriguez et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus annellatus (Peters, 1871)

Comprimento: até 72,8 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos lagartos e serpentes.

Comportamento e observações: Dentição proteróglifa. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Equador, no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Acre.

Fontes: Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus averyi Schmidt, 1939

Comprimento: machos: até 66 cm; fêmeas: até 75 cm.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Comportamento e observações: Possuem hábitos diurnos, noturnos e fossoriais. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, no Suriname e no Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amazonas e Pará.

Fontes: Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus boicora Bernarde, Turci, Abegg & Franco, 2018

Sinonímia recente: *Micrurus hemprichii*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem em Rondônia e Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus bolivianus Roze, 1967

Sinonímia recente: *Micrurus annellatus bolivianus*

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem no Acre.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Micrurus brasiliensis Roze, 1967

Sinonímia recente: *Micrurus frontalis brasiliensis*

Comprimento: até 1,35 m.

Habitat: Ocorrem em áreas de cerrado, próximas da caatinga.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes e anfisbênias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos, diurnos e fossoriais.

Reprodução: Ovipara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Goiás, Maranhão, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus carvalhoi Roze, 1967

Sinonímia recente: *Micrurus lemniscatus carvalhoi*

Comprimento: até 1,60 m.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, anfisbênias e lagartos.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrestres e fossoriais.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: No Brasil ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Albuquerque, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus corallinus (Merrem, 1820)

Comprimento: até 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de lagartos, anfisbênias, serpentes e gimnofionas (*Chthonerpeton*).

Dentre as gimnofionas consomem: *Chthonerpeton, Luetkenotyphlus, Siphonops.*

Dentre as anfíbênias consomem: *Amphisbaena, Leposternon.*

Dentre os lagartos consomem: *Hemidactylus, Ophiodes.*

Dentre as serpentes consomem: *Amerotyphlops, Apostolepis, Atractus, Dipsas, Erythrolamprus, Helicops, Liotyphlops, Oxyrhopus, Tantilla, Xenodon*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, diurnos, fossoriais e terrícolas. Permanecem em meio à serrapilheira florestal, mas podem desaparecer de áreas muito impactadas. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Predadores: serpentes *Bothrops leucurus*.

Reprodução: Ovípara, colocam de dois a 12 ovos. Oviposição registrada em dezembro e janeiro. A incubação dura de 78 a 93 dias, em laboratório.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Norte, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Ocorrência duvidosa no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Marques, 1996b; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Fagundes et al., 2009; Freitas, 2011; Abegg et al., 2015; Gonzalez et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Santiago et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Novaes et al., 2023.

Micrurus decoratus (Jan, 1858)

Comprimento: até 80 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de anfisbênias (*Amphisbaena*), gimnofionas (*Siphonops*), serpentes e lagartos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrestres e fossoriais. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem nos estados da região Sudeste, também no Paraná e em Santa Catarina.

Fontes: Marques, 2002; Freitas, 2003; Vrcibradic et al., 2012; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus diana Roze, 1983

Sinonímia recente: *Micrurus frontalis diana*

Habitat: Ocorrem em áreas de savana (cerrado).

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia e Mato Grosso.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus diutius Burger, 1955

Sinonímia recente: *Micrurus lemniscatus diutius*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Trinidad, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus filiformis (Günther, 1859)

Comprimento: até 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias, floresta de galeria e savanas.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Peru e Brasil, onde ocorrem no Amapá, Amazonas, Pará e Maranhão. Ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus frontalis (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Comprimento: até 135 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres, florestas e savana.

Alimentação: Alimentam-se de répteis de corpo alongado, como lagartos (*Ameiva*), anfisbênias e serpentes. Há registro também de consumo de carniça, uma carcaça de *Bothrops jararara* morta.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo.

Fontes: Freitas, 2003; Maffei et al., 2009; Nogueira et al., 2019; Marques et al., 2017; Williams et al., 2021; Albuquerque, 2022; Silva et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus hemprichii (Jan, 1858)

Comprimento: até 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes (e.g. *Ninia*), lagartos, anfisbênias e onicóforos.

Comportamento e observações: Dentição proteróglifa. Possuem hábitos diurnos e noturnos, fossoriais, criptozoicas e, eventualmente, terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Micrurus albicinctus*.

Reprodução: Ovípara, colocam dois ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Masseli et al., 2018; Rojas-Morales et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus ibiboboca (Merrem, 1820)

Comprimento: 92 cm a 1,36 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, savana e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de répteis de corpo alongado, anfisbênias (*Amphisbaena*), gimnofionas e serpentes.

Dentre as serpentes consomem: *Lygophis, Erythrolamprus, Leptodeira, Psomophis, Philodryas.*

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos diurnos, noturnos, crepusculares, terrícolas e semifossoriais. Espécie peçonhenta. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam cinco ovos. Oviposição registrada em setembro e outubro.

Distribuição: Ocorrem no Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Cavalcanti et al., 2012; Abegg et al., 2015; Vechio et al., 2018; Barbosa et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Benício et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Sousa & Kokubum, 2023.

Micrurus isozonus (Cope, 1860)

Comprimento: até 1,27 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, como savanas e matas secas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, pequenos lagartos e também praticam canibalismo.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, crepusculares e semifossoriais. Encontradas na serrapilheira, embaixo de troncos e rochas. Forrageiam de forma ativa, paralisando e matando suas presas. Quando ameaçada, levantam e movem rapidamente a ponta da cauda. Seu veneno é neurotóxico; 5 a 7 mg de seu veneno podem matar uma pessoa adulta. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara, colocam seis ovos.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Colômbia, Guiana e Brasil, onde ocorrem em Roraima.

Fontes: Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus langsdorffi Wagler *in* Spix, 1824

Sinonímia recente: *Micrurus mimosus*

Comprimento: até 1,10 m.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Haad, 1994; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus lemniscatus (Linnaeus, 1758)

Comprimento: até 1,45 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, campinaranas, capoeiras, bordas de florestas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de vertebrados alongados como peixes, anfisbênias, gimnofionas (*Rhinatrema*), serpentes e lagartos *(Bachia*).

Dentre os peixes consomem: *Synbranchus, Gymnotus.*

Comportamento e observações: Dentição proteróglifa. Possuem hábitos diurnos e noturnos, criptozoicos e, eventualmente, fossoriais, terrícolas e aquáticas. Ocorrem principalmente em baixas altitudes.

Predadores: serpente *Drymarchon corais*.

Reprodução: Ovípara, colocam dois a seis ovos.

Distribuição: Ocorrem do Norte da América do Sul à Argentina. No Brasil ocorrem no Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Piauí e Maranhão. Ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Viana & Mendes, 2015; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Araújo et al., 2023; Nogueira et al., 2024.

Micrurus mipartitus (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, florestas semidecíduas e ambientes variados.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, gimnofionas (*Oscaecilia*), pequenos lagartos e podem praticar canibalismo.

Comportamento e observações: Espécie terrestre e semifossorial, mais ativa durante o crepúsculo, também durante a noite. Ocorrem até 1.800 m de altitude. Podem ser encontradas na serrapilheira, embaixo de rochas e troncos. Paralisa e mata suas presas com veneno neurotóxico. Quando ameaçada, esconde a cabeça e levanta a ponta da cauda. Ocorrem até 2.750 m de altitude.

Predadores: aves gavião-caboclo (*Heterospizias meridionalis*); serpentes *Micrurus dumerilii*.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Costa Rica, no Panamá, na Colômbia, na Venezuela. Equador e Brasil, onde ocorrem em Rondônia.

Fontes: Castro-Herrera et al., 2007; Señaris et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Fernández-Roldán et al., 2021; Saavedra & Barreat, 2022; Barrera-Ocampo & Díaz-Flórez, 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus nattereri Schmidt, 1952

Sinonímia recente: *Micrurus surinamensis nattereri*

Habitat: Ocorrem em florestas, ambientes ripários e áreas úmidas.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Amazonas. Ocorrência duvidosa em Roraima.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus obscurus (Jan & Sordelli, 1872)

Sinonímia recente: *Micrurus spixii obscurus, Micrurus spixii princeps*

Comprimento: até 1,55 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se preferencialmente de outras serpentes e anfisbênias. Também lagartos e gimnofionas.

Dentre as serpentes consomem: *Atractus, Erythrolamprus, Leptodeira, Micrurus, Amerotyphlops, Bothrops, Dipsas.*

Dentre os lagartos consomem: *Arthrosaura, Kentropyx.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas e semifossoriais. Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: serpentes *Clelia clelia*; centopeias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Equador, Peru, Colômbia e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia e Amazonas.

Fontes: Haad, 1994; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus ortoni Schmidt, 1953

Sinonímia recente: *Micrurus hemprichii ortonii, Micrurus hemprichi rondonianus*

Comprimento: até 1,10 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se preferencialmente de outras serpentes, também de artrópodes e anfisbênias.

Comportamentos e observações: Possuem hábitos crepusculares e noturnos.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia e Amazonas.

Fontes: Haad, 1994; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus pacaraimae Carvalho, 2002

Habitat: Ocorrem em áreas florestais entremeadas por áreas abertas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem em Roraima.

Fontes: Carvalho, 2002; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus paraensis Cunha & Nascimento, 1973

Sinonímia recente: *Micrurus psyches paraensis*

Comprimento: 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias, também em áreas alteradas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes (*Atractus*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Suriname e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2011; Souza et al., 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus potyguara Pires, Silva Jr., Feitosa, Prudente, Alves Filho & Zaher, 2014

Sinonímia recente: *Micrurus lemniscatus carvalhoi*

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus psyches (Daudin, 1803)

Habitat: Ocorrem em bordas de florestas, florestas de galeria e savanas.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Pará.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus putumayensis Lancini, 1962

Habitat: Ocorrem em florestas primárias e secundárias.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, no Peru e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus pyrrhocryptus (Cope, 1862)

Sinonímia recente: *Micrurus frontalis pyrrhocryptus*

Comprimento: até 173 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas arbustivas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, anfisbênias e podem praticar canibalismo.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Predadores: mamíferos gato-do-mato-grande (*Leopardus geoffroyi*).

Reprodução: Ovípara, colocam até sete ovos. Oviposição registrada em outubro.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Ávila et al., 2010; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Albuquerque, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Reinoso et al., 2023.

Micrurus remotus Roze, 1987

Sinonímia recente: *Micrurus psyches remotus*

Comprimento: Até 56,7 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes.

Comportamento e observações: Dentição proteróglifa. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Rondônia e Amazonas.

Fontes: Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus silviae Di-Bernardo, Borges-Martins & Silva Jr., 2007

Habitat: Ocorrem em áreas campestres.

Alimentação: Alimentam-se de répteis de corpo alongado, como serpentes e anfisbênias.

Comportamento e observações: Suas populações têm sido ameaçadas pela expansão da silvicultura. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem no Rio Grande do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus spixii Wagler *in* Spix, 1824

Comprimento: Até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, capoeiras, bordas de florestas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de serpentes, lagartos e anfisbênias. Podem praticar canibalismo.

Comportamento e observações: Dentição proteróglifa. Possuem hábitos diurnos, ocasionalmente noturnos, e criptozoicos, eventualmente fossoriais e terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Equador, Bolívia, Peru e Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Fraga et al., 2013; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus surinamensis (Cuvier, 1817)

Comprimento: até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, próximos de lagos e de córregos.

Alimentação: Alimentam-se de peixes e, eventualmente, lagartos e serpentes (*Atractus*).

Dentre os peixes consomem: *Callichthys*, *Synbranchus, Gymnotus, Sternopygus.*

Comportamento e observações: Dentição proteróglifa. Possuem hábitos diurnos, crepusculares e noturnos, principalmente aquáticos, eventualmente terrícolas.

Reprodução: Ovípara, colocam cinco a 12 ovos.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Bolívia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso, Goiás e Maranhão.

Fontes: Haad, 1994; Freitas, 2003; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Correa et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus tikuna Feitosa, Silva Jr., Pires, Zaher & Prudente, 2015

Sinonímia recente: *Micrurus ornatissimus*

Comprimento: até 72 cm.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia e no Brasil, onde ocorrem no Amazonas.

Fontes: Haad, 1994; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Micrurus tricolor Hoge, 1957 “1956”

Sinonímia recente: *Micrurus pyrrhocryptus tricolor, Micrurus frontalis tricolor*

Comprimento: até 1,18 m.

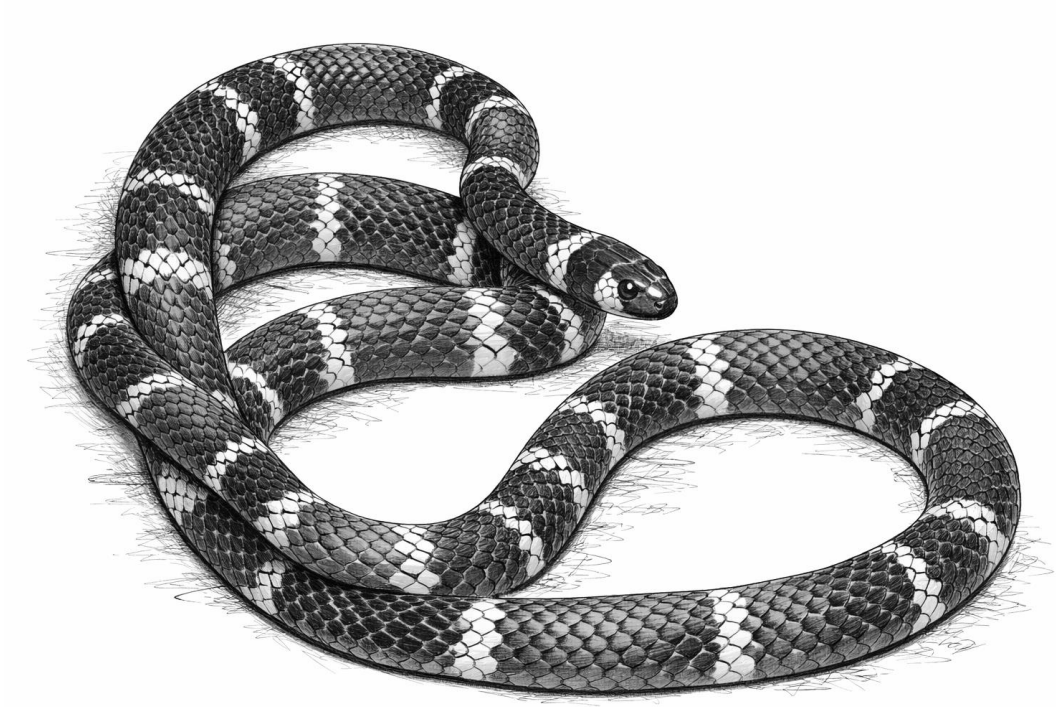
Habitat: Ocorrem em áreas de vegetação arbustiva, savanas e áreas alteradas.

Comportamento e observações: Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovípara.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Albuquerque, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.



Micrurus sp.

Conforme foto de cbernz/biodiversity4all

Família Viperidae

Família de serpentes popularmente conhecidas como jararacas e cascavéis. Ocorrem em áreas florestais, matas secas, pastagens, desertos, semidesertos, encostas rochosas, áreas úmidas e áreas agrícolas. Possuem 387 mm a 3,9 m. A depender da espécie são diurnas ou noturnas, terrestres, aquáticas ou arborícolas. Os gêneros que ocorrem nas Américas são ovovivíparos, ovos membranosos permanecem dentro da mãe, dando à luz de dois a 90 filhotes. Exceto *Lachesis,* que é ovípara, colocando de seis a 20 ovos. No Velho Mundo em geral são ovíparas, com exceção de alguns gêneros. A maioria possui ciclos anuais ou bianuais de reprodução. Machos de *Crotalus* possuem lutas ritualizadas durante o período reprodutivo.

Alimentam-se de centopeias, insetos, peixes, anfíbios, lagartos, serpentes, aves e pequenos mamíferos. Algumas espécies podem se deslocar por amplas áreas para forrageio e demais atividades, enquanto outras podem ser mais sedentárias.

Muitas Viperidae forrageiam por emboscada e geralmente ficam à espera das suas presas, permanecendo em um mesmo lugar durante longos períodos de tempo. Outras espécies podem forragear ativamente ou utilizar uma combinação de forrageamento ativo e de emboscada. Os emboscadores mais especializados podem alimentar-se com pouca frequência.

Algumas dessas serpentes inflam o corpo quando estão ameaçadas. Quase todas também podem assumir uma posição com o corpo enrolado, em que levantam o pescoço e o mantêm em forma de S. Outros comportamentos de ameaça incluem assobios altos, sacudidelas rápidas da cabeça para a frente e também cachoalhar a ponta da cauda.

A maior parte dos acidentes ofídicos que ocorrem nas Américas estão relacionados com o gênero *Bothrops.* A espécie mais venenosa é *Bothrops insularis* restrita à ilha Queimada Grande, na costa de São Paulo.

Fontes: Nilson & Gutberlet, 2003; O'Shea, 2023.

Bothrocophias hyoprora (Amaral, 1935)

Nome popular: jararaca-nariguda

Sinonímia recente: *Porthidium hyoprora, Bothrops hyoprora*

Comprimento: até 86 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas alteradas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores, marsupiais, lagartos, anfíbios anuros e centopeias.

Dentre os lagartos consomem: *Alopoglossus, Potamites.*

Dentre os anfíbios consomem: *Allobates, Hyloxalus*.

Comportamento e observações: Dentição solenóglifa. Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes. Sua picada causa dor intensa, inchaço, perda de consciência, necrose, sangramento intenso e, em alguns casos, morte. Em cativeiro podem viver oito anos.

Predadores: aves gavião-azul (*Buteogallus schistaceus*).

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz de quatro a 13 filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Bolívia, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Fontes: Freitas, 2003; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrocophias microphthalmus (Cope, 1875)

Sinonímia recente: *Bothrops microphthalmus, Porthidium microphthalmum*

Comprimento: até 1,32 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Ocorrem em baixas altitudes. Sua picada causa dor intensa, inchaço, bolhas e

necrose. Em casos não tratados o veneno pode causar amputações e presumivelmente também a morte. Em cativeiro indivíduos viveram 16 anos.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz até 47 filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Bolívia, Equador, Peru e Brasil, onde ocorrem em Rondônia.

Fontes: Kuch & Freire, 1995; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops alcatraz Marques, Martins & Sazima, 2002

Sinonímia recente: *Bothropoides alcatraz*

Comprimento: rostro-cloaca: 365-505 mm.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Consomem principalmente presas ectotérmicas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo (Ilha de Alcatrazes).

Fontes: Marques et al., 2002; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Alvez-Nunes et al., 2025.

Bothrops alternatus Duméril, Bibron & Duméril, 1854

Nome popular: cruzeira; urutu-cruzeiro

Sinonímia recente: *Rhinocerophis alternatus*

Comprimento: até 1,70 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas, com menos frequência em áreas florestais, também em áreas úmidas, florestas de galeria e áreas degradadas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores e marsupiais (Didelphidae), juvenis podem consumir anfíbios e em cativeiro foi registrado canibalismo.

Dentre os roedores consomem: Caviidae, *Akodon, Calomys, Necromys, Oligoryzomys, Oxymycterus, Phyllotis, Mus.*

Comportamento e observações: Dentição solenóglifa, peçonhenta. Possuem hábitos terrícolas, crepusculares e noturnos. Quando ameaçados, enrolam o corpo, chacoalham a ponta da cauda e desferem botes. Acidentes ofídicos com essa espécie são graves, causando forte dor local, hemorragia e necrose. Em casos extremos pode ocorrer amputação do membro picado ou morte. Apesar disso, não costumam ser muito agressivas. Ocorrem de altitudes baixas a altitudes.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz até 40 filhotes, entre fevereiro e agosto.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Carreira et al., 2005; Nunes et al., 2010; Borges-Martins et al., 2013; Giambelluca, 2015; Di Pietro, 2015; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Williams et al., 2022; Albuquerque, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops atrox (Linnaeus, 1758)

Nome popular: jararaca; surucucu

Sinonímia recente: *Bothrops colombiensis, Bothrops isabelae*

Comprimento: machos: até 1,35 m; fêmeas: até 2,10 m.

Habitat: Ocorrem em florestas de terra firme, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, campinaranas, capoeiras, bordas de florestas, áreas antropizadas e áreas urbanas.

Alimentação: Alimentam-se de centopeias (juvenis), insetos, peixes, anfíbios anuros, lagartos, serpentes, marsupiais, roedores (Cricetidae) e aves.

Dentre os anfíbios consomem: *Boana, Pristimantis, Osteocephalus, Adenomera, Leptodactylus, Rhinella, Callimedusa.*

Dentre as serpentes consomem: *Anilius, Drymarchon, Tantilla, Imantodes, Helicops, Ninia.*

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Arthrosaura, Copeoglossum,*

Gonatodes, Leposoma, Kentropyx, Loxopholis.

Comportamento e observações: Dentição solenóglifa. Possuem hábitos principalmente noturnos, também crepusculares. Adultos forrageiam no chão, enquanto juvenis ficam na vegetação à baixa altura. A picada causa dor intensa, inchaço, hematomas, sangramento, formação de bolhas, desfibrinação, náuseas, vômitos, dormência, perda de consciência, infecções de tecidos moles e necrose. Casos não tratados podem causar amputações e morte.

Predadores: serpentes *Drymarchon corais, Corallus batesii, Micrurus obscurus, Clelia clelia*; jacarés *Paleosuchus trigonatus.*

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz 11 a 45 filhotes. A gestação dura de cinco a 11 meses. Fêmeas prenhas podem ser encontradas ao longo de quase todo o ano, mas os nascimentos ocorrem principalmente entre agosto e outubro.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Fraga et al., 2013; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Pelegrini et al., 2019; Nogueira et al., 2019; Bisneto & Kaefer, 2019; Silva et al., 2019; Starace et al., 2021; Arteaga et al., 2022; Chagas-de-Souza et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023; Silva & Filho, 2024; Golobovante et al., 2024.

Bothrops bilineatus bilineatus (Wied, 1821)

Nome popular: surucucu-de-ouricana; ouricana; patioba; surucucu-pingo-de-ouro.

Sinonímia recente: *Bothriopsis bilineata bilineata*

Comprimento: até 1,00 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, anfíbios anuros, lagartos e aves.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, crepusculares e arborícolas, eventualmente encontradas no solo.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem na Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ocorrência duvidosa no Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops bilineatus smaragdinus Hoge, 1966 "1965"

Nome popular: papagaia

Sinonímia recente: *Bothriopsis bilineatus smaragdinus, Bothriopsis bilineatus smaragdina*

Comprimento: até 1,12 m.

Alimentação: Alimentam-se de roedores, anfíbios anuros (*Dendropsophus*), aves, serpentes, morcegos (*Carollia*) e lagartos (*Thecadactylus*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e arborícolas. Dentição solenóglifa. Sua picada causa dor intensa, inchaço, hematomas, sangramento, bolhas, febre, perda de consciência, lesão renal aguda e morte. Em cativeiro podem viver até sete anos.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz seis a 16 ovos. A gestação dura seis a sete meses.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Equador, Peru, Colômbia, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia e Amazonas.

Fontes: Bernarde et al., 2017; Venegas et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops brazili Hoge, 1954 "1953"

Nome popular: jararaca-vermelha

Comprimento: até 1,49 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, bordas de florestas e savanas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores, marsupiais, centopeias, anfíbios anuros e lagartos (*Alopoglossus*).

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Juvenis podem ser observados em atividade durante o dia. Geralmente ocorrem em baixas altitudes. Dentição solenóglifa. Sua picada causa dor, inchaço, sangramento intenso, desfibrinação moderada e necrose grave. Em casos não tratados, o veneno pode causar hemorragia intracraniana, complicações permanentes e, presumivelmente, a morte. Em cativeiro podem viver até 12 anos.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz de nove a 30 filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2011; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops cotiara (Gomes, 1913)

Nome popular: cotiara

Sinonímia recente: *Rhinocerophis cotiara*

Comprimento: até 1,2 m.

Habitat: Ocorrem principalmente em áreas de floresta de araucárias, também em áreas campestres.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos (roedores e marsupiais) e, eventualmente, répteis e aves.

Comportamento e observações: Possuem hábitos terrícolas e noturnos. Sua picada pode resultar em acidentes graves. Ocorrem principalmente em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz de oito a 12 filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Argentina e Brasil, onde ocorrem em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops diporus Cope, 1862

Sinonímia recente: *Bothropoides diporus*

Habitat: Ocorrem em florestas semidecíduas, florestas inundadas, florestas de araucária, áreas arbustivas, áreas campestres e áreas alteradas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, anfíbios (*Leptodactylus*), pequenos lagartos, serpentes e aves.

Dentre as serpentes consomem: *Erythrolamprus, Chironius* e *Epictia*.

Comportamento e observações: Sua picada pode produzir acidentes graves. Ocorrem em altitudes baixas e intermediárias.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz sete a oito filhotes, entre janeiro e abril.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Liberato, 2010; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops erythromelas Amaral, 1923

Sinonímia recente: *Bothropoides erythromelas*

Comprimento: até 1,0 m.

Habitat: Ocorrem na caatinga e em alguns pontos de ecótono com mata atlântica e cerrado. Ocorrem em vegetação xérica, sendo vegetação herbácea, arbórea e arbustiva, também em afloramentos rochosos.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos lagartos, anfíbios e roedores.

Dentre os lagartos consomem: *Ameivula*, *Ameiva* e *Tropidurus*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas, crepusculares e noturnos. Ocorrem de altitudes baixas a elevadas.

Predadores: serpentes *Philodryas nattereri.*

Reprodução: Ovovivípara, nascimentos ocorrem em outubro e janeiro, dando à luz seis a 16 filhotes.

Distribuição: Ocorrem no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Freitas, 2003; Freitas, 2011; Barros et al., 2014; Reis et al., 2015; Nogueira et al., 2019; Sousa et al., 2021; Sousa et al., 2023; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2024.

Bothrops fonsecai Hoge & Belluomini, 1959 "1958"

Sinonímia recente: *Rhinocerophis fonsecai*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas abertas e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e noturnos. Ocorrem em altitudes elevadas.

Reprodução: Ovovivípara. Reprodução registrada em março.

Distribuição: Ocorrem em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Fontes: Freitas, 2003; Nogueira et al., 2019; Menezes et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops germanoi Barbo, Booker, Duarte, Chaluppe, Portes-Junior, Franco & Grazziotin, 2022

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Bothrops insularis (Amaral, 1922 "1921")

Sinonímia recente: *Bothropoides insularis*

Comprimento: até 1,0 m.

Habitat: Ocorrem em florestas secundárias.

Alimentação: Alimentam-se de aves, lagartos, anfíbios, centopeias e serpentes (*Dipsas*). Podem realizar canibalismo.

Dentre as aves consomem: *Elaenia, Turdus, Leptotila, Sporophila.*

Dentre os lagartos consomem: *Colobodactylus, Hemidactylus, Psychosaura*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz seis a 12 filhotes. A corte ocorre entre março e julho, e o nascimento dos filhotes ocorre entre fevereiro e março.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo, apenas na ilha Queimada Grande.

Fontes: Duarte et al., 1995; Freitas, 2003; Marques et al., 2012; Marques et al., 2013; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops itapetiningae (Boulenger, 1907)

Sinonímia recente: *Rhinocerophis itapetiningae*

Comprimento: até 50 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e de savana.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, aves, lagartos, mamíferos e centopeias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas e noturnos. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz três a 11 filhotes. Nascimentos dos filhotes entre dezembro e abril.

Distribuição: Ocorrem no Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Freitas, 2003; Leão et al., 2014; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops jabrensis Barbo, Grazziotin, Pereira-Filho, Freitas, Abrantes & Kokubum, 2022

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Distribuição: Ocorrem na Paraíba.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Bothrops jararaca (Wied, 1824)

Nome popular: jararaca

Sinonímia recente: *Bothropoides jararaca*

Comprimento: até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas abertas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros e lagartos quando jovens, quando adultas, predam principalmente roedores, eventualmente aves.

Dentre os anfíbios consomem: *Hylodes, Cycloramphus, Physalaemus*.

Comportamento e observações: Possuem hábitos crepusculares e noturnos, eventualmente observada durante o dia. Terrícola, mas pode subir na vegetação. Em alguns locais suas populações têm desaparecido, principalmente devido à perseguição humana. São bastante agressivas e sua picada pode produzir acidentes graves, devido à ação protelítica, coagulante e hemorrágica de sua peçonha. Quando ameaçados, enrolam o corpo, chacoalham a ponta da cauda e deferem botes.

Predadores: serpentes *Clelia clelia, Micrurus altirostris*; aves gavião-pombo-pequeno (*Amadonastur lacernulatus*).

Reprodução: Reprodução bianual. Ovovivípara, dando à luz três a 24 filhotes.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, na Argentina e no Brasil, onde ocorrem em Goiás, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Hartmann et al., 2003; Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Borges-Martins et al., 2013; Vallejos et al., 2015; Rodriguez et al., 2018; Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Hinojosa & Ayala-Varela, 2025.

Bothrops jararacussu Lacerda, 1884

Nome popular: jararacuçu

Comprimento: até 2,20 m.

Habitat: Ocorrem em florestas úmidas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, aves e anfíbios (*Crossodactylus*).

Comportamento e observações: Costumam ser ameaçadas por diversas atividades humanas. São agressivas e sua picada pode produzir acidentes muito graves. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias. Possuem hábitos terrestres, crepusculares e noturnos.

Reprodução: Ovovivípara. Nascimento dos filhotes ocorre entre fevereiro e maio, dando à luz até 42 filhotes.

Distribuição: Ocorrem no Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil, onde ocorrem em Mato Grosso do Sul, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Maia-Carneiro et al., 2020; Silva et al., 2020; Williams et al., 2021; Albuquerque, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops leucurus Wagler *in* Spix, 1824

Nome popular: jaracuçu; malha-de-sapo; boca-podre; cabeça-de-patrona; jaracuçu-quatro-ventas; jararaca-de-rabo-branco (jovens); caissaca (jovens).

Comprimento: até 1,95 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais, áreas abertas e áreas antropizadas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios anuros, serpentes e lagartos quando jovens, quando adultas, consomem roedores (*Blarinomys*) e marsupiais. Também aves (*Conopophaga*).

Dentre as serpentes consomem: *Atractus, Micrurus, Imantodes*.

Dentre os anfíbios consomem: *Leptodactylus, Pristimantis,* Hylidae.

Dentre os lagartos consomem: *Hemidactylus, Kentropix*.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos, crepusculares e terrícolas, eventualmente sobem na vegetação. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz seis a 55 filhotes. Reprodução registrada em março.

Distribuição: Ocorrem no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Fagundes et al., 2009; Freitas, 2011; Oliveira, 2013; Silva et al., 2015; Nogueira et al., 2019; Rosa et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops lutzi (Miranda-Ribeiro, 1915)

Sinonímia recente: *Bothropoides lutzi*

Comprimento: 80 cm.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e savanas de locais com solo arenoso.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas. Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops marajoensis Hoge, 1966 "1965"

Habitat: Ocorrem em florestas primárias, florestas secundárias, áreas alagadas, savanas e clareiras.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem no Amapá, Pará e Maranhão.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops marmoratus Silva & Rodrigues, 2008

Habitat: Ocorrem em áreas campestres e savanas.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em altitudes intermediárias a altas.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem no Tocantins, em Goiás e em Minas Gerais.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops mattogrossensis Amaral, 1925

Sinonímia recente: *Bothrops matogrossensis, Bothropoides mattogrossensis*

Comprimento: até 2,2 m.

Habitat: Ocorrem em áreas sazonalmente inundáveis.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, aves e serpentes (e.g. *Helicops*).

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Peru, na Argentina, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem em Rondônia, Amazonas, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Williams et al., 2021; Albuquerque, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Eversole et al., 2025.

Bothrops moojeni Hoge, 1966"1965"

Comprimento: até 2,3 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas antropizadas, florestas de galeria, brejos com palmeiras e campos úmidos.

Alimentação: Alimentam-se de centopeias, anfíbios anuros, pequenos lagartos, serpentes (e.g. *Amerotyphlops*), aves e mamíferos. Podem praticar canibalismo.

Dentre os lagartos consomem: *Ameiva, Tropidurus.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos crepusculares, noturnos e terrícolas. Costumam ser bastante agressivas. Ocorrem em altitudes baixas a altas.

Reprodução: Ovovivípara, dão à luz três a 32 filhotes. Nascimentos ocorrem entre dezembro e janeiro.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, onde ocorrem no Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Nogueira et al., 2003; Freitas, 2003; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Oliveira-Jr. et al., 2020; Williams et al., 2021; López, 2021; Albuquerque, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Silva et al., 2023; Falcão et al., 2025.

Bothrops muriciensis Ferrarezzi & Freire, 2001

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem no Alagoas.

Fontes: Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops neuwiedi Wagler *in* Spix, 1824

Sinonímia recente: *Bothropoides neuwiedi*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em áreas campestres, savana, campos rochosos e áreas alteradas.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, roedores e lagartos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos terrícolas, crepusculares e noturnos. Ocorrem em altitudes altas.

Reprodução: Ovovivípara, com os filhotes nascendo entre janeiro e março, dando à luz de quatro a 25 filhotes.

Distribuição: Ocorrem em Goiás, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fontes: Freitas, 2003; Hartmann et al., 2004; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops oligobalius Dal Vechio, Prates, Grazziotin, Graboski & Rodrigues 2021

Sinonímia recente: *Bothrops brazili*

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia e no Brasil, onde ocorrem no Amapá, Amazonas e Pará.

Fontes: Guedes et al., 2023.

Bothrops otavioi Barbo, Grazziotin, Sazima, Martins & Sawaya, 2012

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Ocorrem em baixas altitudes.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem em São Paulo.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops pauloensis Amaral, 1925

Sinonímia recente: *Bothrops neuwiedi pauloensis*

Comprimento: até 93,8 cm.

Habitat: Ocorrem em savana e áreas campestres.

Alimentação: Alimentam-se de centopeias, anfíbios (*Scinax*), lagartos, cobras (*Apostolepis*), aves (*Volatinia*), roedores (*Callomys*), marsupiais (*Gracilinanus*) e morcegos.

Dentre os lagartos consomem: *Cercosaura, Mabuya, Tropidurus*.

Comportamento e observações: Ocorrem em altitudes intermediárias e altas.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz de quatro a 20 filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Bolívia, no Paraguai e no Brasil, onde ocorrem no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Fontes: Valdujo et al., 2002; Nogueira et al., 2019; Albuquerque, 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops pirajai Amaral, 1923

Nome popular: jaracuçu-tapete; tapete.

Comprimento: até 1,37 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos, crepusculares e terrícolas. Ocorrem em altitudes baixas a intermediárias.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem na Bahia.

Fontes: Freitas, 2003; Argôlo, 2004; Freitas, 2011; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops pubescens (Cope, 1870)

Nome popular: jararaca-pintada

Sinonímia recente: *Bothrops neuwiedi pubescens*

Comprimento: até 1,20 m.

Habitat: Ocorrem em campos, serras, florestas, em proximidade de cursos-d'água e juncais, restinga, em áreas de Pampas e de Mata Atlântica.

Alimentação: Alimentam-se de anfíbios, lagartos, aves, pequenos mamíferos, centopeias e serpentes.

Dentre os anfíbios consomem: Hylidae, *Leptodactylus, Rhinella.*

Dentre os lagartos consomem: *Teius, Salvator.*

Dentre as serpentes consomem: *Oxyrhopus, Tomodon*.

Comportamento e observações: Dentição solenóglifa, peçonhenta. Possuem hábitos diurnos, crespusculares, noturnos e terrícolas. O acidente ofídico com essa espécie é grave, causando forte dor local, hemorragias e necrose, em casos extremos, pode haver amputação do membro picado ou morte. A espécie se defende dando botes e balançando a ponta da cauda, podendo também fugir.

Reprodução: Acasalamentos registrados de abril a agosto, eclosão dos filhotes entre janeiro e maio. Ovovivípara, dando à luz até 25 filhotes. A reprodução aparentemente é bianual.

Distribuição: Ocorrem no Uruguai e no Brasil, onde ocorrem em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Fontes: Carreira et al., 2005; Hartmann et al., 2005; Borges-Martins et al., 2013; Borges et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops sazimai Gasparini, Almeida, Zaher, Grazziotin, Gusmão, Ferrarini & Sawaya, 2016

Habitat: Ocorrem em florestas secundárias.

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil.

Reprodução: Ovovivípara.

Distribuição: Ocorrem no Espírito Santo, na ilha dos Franceses em Itapemirim.

Fontes: Nogueira et al., 2019; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Bothrops taeniatus Wagler *in* Spix, 1824

Nome popular: jararaca-cinzenta

Sinonímia recente: *Bothriopsis taeniata*

Comprimento: até 1,74 m.

Habitat: Ocorrem em florestas e bordas de florestas.

Alimentação: Alimentam-se de roedores, marsupiais, lagartos e centopeias (juvenis).

Dentre os lagartos: *Alopoglossus, Gonatodes.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, terrícolas e arborícolas. Ocorrem geralmente em baixas altitudes. Dentição solenóglifa. Sua picada causa dor intensa, inchaço, hematomas, sangramento intenso, bolhas, febre, tontura, diminuição da resposta muscular, necrose e, presumivelmente, a morte. Em cativeiro podem viver até 17 anos.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz sete a 17 filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Colômbia, Bolívia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem em Roraima, Amapá, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso e Maranhão.

Fontes: Freitas, 2003; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Crotalus durissus durissus Linnaeus, 1758

Nome popular: cascavel

Comprimento: até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, mais abundantes em áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, eventualmente pequenos lagartos e aves.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Quando ameaçada, se enrolam em posição de bote e agitam o guizo na ponta da cauda.

Predadores: serpentes *Clelia clelia.*

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz 16 a 20 filhotes.

Distribuição: Ocorrem na Guiana e no Brasil, onde ocorrem no Amapá.

Fontes: Señaris et al., 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Hinojosa & Ayala-Varela, 2025.

Crotalus durissus marajoensis Hoge, 1966 "1965"

Nome popular: cascavel

Comprimento: Até 1,60 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, mais abundantes em áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, eventualmente pequenos lagartos e aves.

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Quando ameaçada, se enrolam em posição de bote e agitam o guizo na ponta da cauda.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz 16 a 20 filhotes.

Distribuição: No Brasil ocorrem no Pará.

Fontes: Señaris et al., 2018; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Crotalus durissus ruruima Hoge, 1966 "1965"

Nome popular: cascavel

Sinonímia recente: *Crotalus ruruima*

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, mais abundantes em áreas abertas.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, eventualmente pequenos lagartos (*Tropidurus*), aves e anfíbios (*Leptodactylus*).

Comportamento e observações: Espécie endêmica do Brasil. Possuem hábitos noturnos e terrícolas. Quando ameaçada, se enrolam em posição de bote e agitam o guizo na ponta da cauda.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz 11 a 20 filhotes.

Distribuição: Ocorrem em Roraima.

Fontes: Señaris et al., 2018; Pucca et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Crotalus durissus terrificus (Laurenti, 1768)

Nome popular: cascavel

Sinonímia recente: *Crotalus terrificus*

Comprimento: até 1,80 m.

Habitat: Ocorrem em ambientes variados, mais abundantes em áreas abertas, com rochas expostas e arbustos esparsos.

Alimentação: Alimentam-se de pequenos mamíferos, como roedores e marsupiais, eventualmente pequenos lagartos (e.g. *Ameiva*) e aves.

Dentre os roedores consomem: *Cavia, Rattus, Mus.*

Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos e terrícolas, porém alguns indivíduos podem ser encontrados em atividade durante a manhã e ao meio-dia. Quando ameaçada, se enrolam em posição de bote e agitam o guizo na ponta da cauda. Espécie peçonhenta. Sua picada produz uma síndrome neurotóxica, miotóxica e coagulante, potencialmente letal. Apesar disso, não é muito comum próximo da presença humana e acidentes podem ser raros.

Reprodução: Ovovivípara, dando à luz quatro a 31 filhotes. As fêmeas têm ciclo de reprodução bianual. Os machos realizam disputas pelas fêmeas.

Distribuição: Ocorrem no Peru, Bolívia, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil, onde ocorrem em quase todos os estados, exceto Roraima, Amapá, Acre, Pará e Espírito Santo.

Fontes: Vanzolini et al., 1980; Salomão et al., 1995; Carreira et al., 2005; Hoyos & Almeida-Santos, 2016; Señaris et al., 2018; Williams et al., 2021; Benício et al., 2021; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025.

Lachesis muta (Laurenti, 1768)

Nome popular: surucucu-pico-de-jaca; surucucu; surucucu-cospe-fogo; surucucu-apaga-fogo.

Comprimento: até 3,60 m.

Habitat: Ocorrem em áreas florestais e áreas adjacentes; também em pastagens e plantações de cacau.

Alimentação: Alimentam-se de roedores e marsupiais.

Dentre os roedores consomem: ratos, cotias e esquilos.

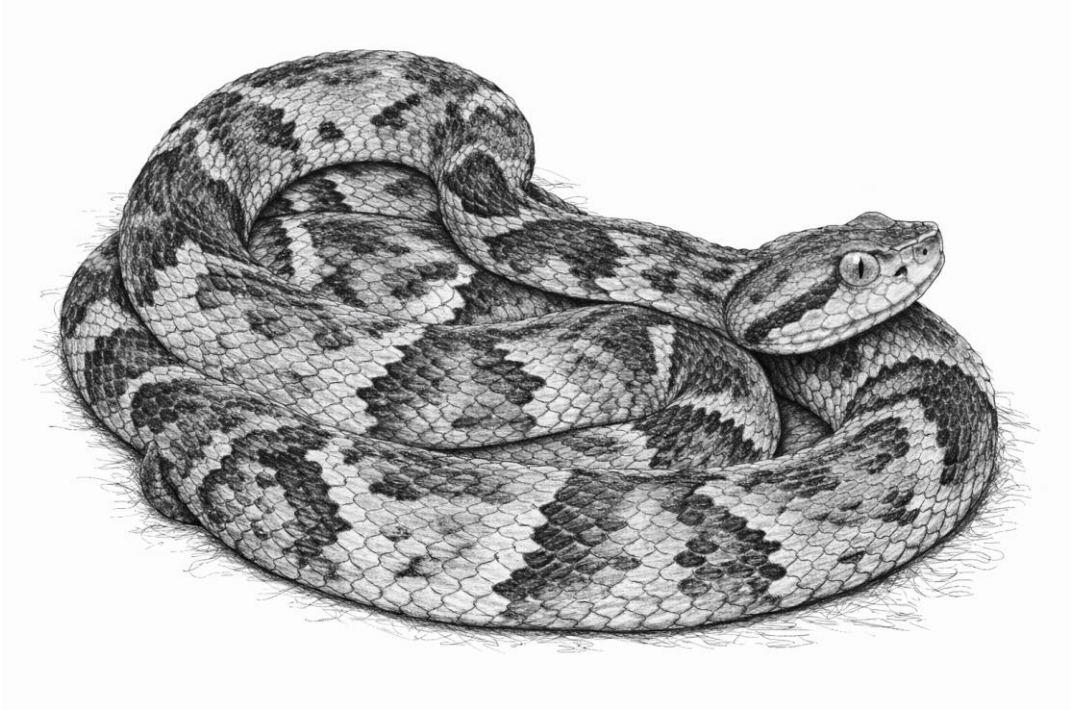
Comportamento e observações: Possuem hábitos noturnos, crepusculares e terrícolas. Dentição solenóglifa. Sua picada causa dor local excruciante, inchaço, sangramento, formação de bolhas, sangue incoagulável e necrose. Também pode ocorrer a "Síndrome de *Lachesis*", que inclui náuseas, vômitos, diarreia, sudorese, hipotensão, alteração do nível de consciência, desmaios, dificuldade respiratória e choque. Em cativeiro podem viver até 16 anos.

Predadores: serpentes *Drymarchon corais, Clelia clelia*.

Reprodução: Ovípara, colocam até 23 ovos. Oviposição registrada entre agosto e janeiro. A incubação dura 60 a 95 dias, período em que a fêmea cuida dos ovos. Durante a gestação e o cuidado com os ovos, a fêmea pode passar até sete meses sem se alimentar.

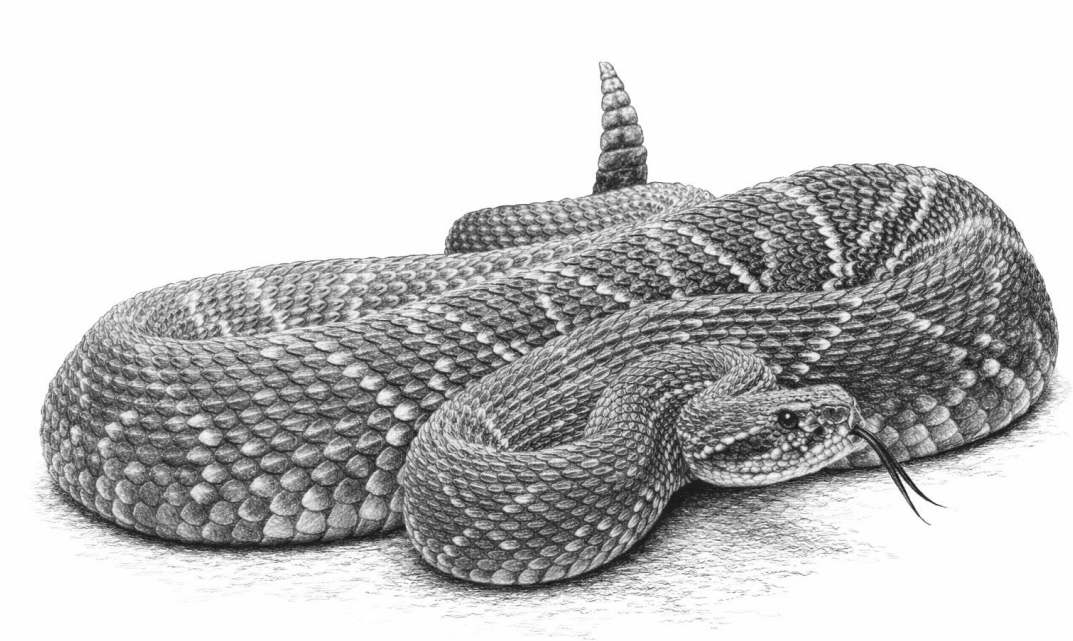
Distribuição: Ocorrem na Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil, onde ocorrem nos estados da região Norte, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ocorrência duvidosa no Rio Grande do Norte.

Fontes: Freitas, 2003; Fraga et al., 2013; Alves et al., 2014; Morato et al., 2014; Bernarde et al., 2017; Nogueira et al., 2019; Arteaga et al., 2022; Guedes et al., 2023; Uetz et al., 2025; Santos et al., 2024; Hinojosa & Ayala-Varela, 2025.



Bothrops jararaca

Conforme foto de a_f_r/biodiversity4all



Crotalus durissus

Conforme foto de L. Avelar/wikipedia

Referências

Abegg, A.D.; Neto, O.M.E.; Costa, H.C.; Santos, P.S. 2015. *Erythrolamprus poecilogyrus* sspp. (Serpentes: Dipsadidae): predação. Herpetologia Brasileira 4: 60-63.

Abegg, A.D.; Botelho, L.M.; Bachur, J.A. et al. 2024. Three Novel Prey Items and Two New Defensive Behaviors of the South American Sipo, *Chironius foveatus* (Squamata: Colubridae). Reptiles & Amphibians 31: e22307.

Abegg, A.D.; Ceron, K.; Lhanos, F.H. 2018. *XENODON GUENTHERI* (Günther's False Fer-de-lance). DEFENSIVE BEHAVIOR. Herpetological Review 49: 141-142.

Abreu, L.M.; Santos, M.V.; Santos, J.E.M.; Ribeiro, M.V. 2021. Attempted predation of *Physalaemus erikae* (Anura, Leptodactylidae) by *Xenopholis scalaris* (wucherer, 1861; colubridae) in southern Bahia, Brazil. Revista Latinoamericana de Herpetologia 4: 126-128.

Acosta-Ortiz, J.M.; Vos, V.A. 2023. Anurophagy by the Brown-banded Watersnake, *Helicops angulatus* (Squamata: Colubridae): A Review with New Records. Reptiles & Amphibians 30: e18435.

Acosta-Ortiz, J.M.; Pardo-Moreno, Y.A. 2019. La rana vaquera *Physalaemus fischeri* (Anura: Leptodactylidae) como nuevo registro en la dieta de la serpiente acuática *Helicops angulatus* (Serpentes: Colubridae). Bol. Asoc. Herpetol. Esp. 30.

Aguiar, C.A.; Santana, A.V.; Pereira, J.G.S.; Santos, T.G. 2019. Attempted predation on the lizard *Aspronema dorsivittatum* (Cope, 1862) by the American Kestrel *Falco sparverius* Linnaeus, 1758. Herpetology Notes 12: 309-310.

Aguiar, K.M.O.; Costa-Campos, C.E. 2015. *ANOLIS AURATUS* (Grass Anole). AVIAN PREDATION. Herpetological Review 46: 431.

Aguiar, L.F.S.; Di-Bernardo, M. 2004. Diet and Feeding Behavior of *Helicops infrataeniatus* (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae) in Southern Brazil. Studies on Neotropical Fauna and Environment 39: 7-14.

Aguiar, L.F.S.; Di-Bernardo, M. 2005. Reproduction of the water snake *Helicops infrataeniatus* (Colubridae) in southern Brazil. Amphibia-Reptilia 26: 527-533.

Aguilar-Herrera, E.A.; Flores-Martínez, D.L.; Seba-Chacha, M. et al. 2023. Depredación de *Imantodes cenchoa* (Squamata: Colubridae) sobre *Sceloporus variabilis* (Squamata: Phrynosomatidae) en un bosque tropical perennifolio de la Sierra Mazateca, Oaxaca, México. Revista Latinoamericana de Herpetología 6: e646.

Albarelli, L.P.P.; Costa, M.C.S. 2010. Feeding ecology of *Liophis reginae semilineatus* (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae) in Eastern Amazon, Brazil. Zoologia 27: 87-91.

Albuquerque, N.R.; Galatti, U.; Di-Bernardo, M. 2007. Diet and feeding behaviour of the Neotropical parrot snake (*Leptophis ahaetulla*) in northern Brazil. Journal of Natural History 41: 1237-1243.

Albuquerque, N.R. 2022. Manual de identificação das espécies peçonhentas de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Editora UFMS.

Albuquerque, N.R.; Martins, R.H. 2024. Diet and feeding behavior of the parrot snake *Leptophis nigromarginatus* (Günther, 1866) (Serpentes, Colubridae). Biota Neotropica 24: e20241650.

Albuquerque, C.C.; Travaglia-Cardoso, S.R. 2024. First record of avian prey ingestion by the Amazon Basin Emerald Tree Boa *Corallus batesii* (Gray, 1860). Herpetology Notes 17: 13-15.

Albuquerque, N.R.; Santos, F.M.; Borges-Nojosa, D.M.; Ávila, R.W. 2022. A new species of parrot-snake of the genus *Leptophis* Bell, 1825 (Serpentes, Colubridae) from the semi-arid region of Brazil. South American Journal of Herpetology 23: 7-24.

Albuquerque, C.C.; Puorto, G.; Cardoso, S.R.T. 2017. *Simophis rhinostoma* (Squamata: Colubridae): feeding habits and defensive behavior. Acta Zoológica Mexicana 33: 123-125.

Albuquerque, C.E.; Ferrarezzi, H. 2004. A case of communal nesting in the Neotropical snake *Sibynomorphus mikanii* (Serpentes, Colubridae). Phyllomedusa 3: 73-77.

Alcalde, L.; Derocco, N.N.; Rosset, S.D. 2010. Feeding in Syntopy: Diet of *Hydromedusa tectifera* and *Phrynops hilarii* (Chelidae). Chelonian Conservation and Biology 9: 33-44.

Alcantara, E.P.; Ferreira-Silva, C.; Sousa, J.G.G. et al. 2018. Ecology and parasitism of the lizard *Tropidurus jaguaribanus* (Squamata: Tropiduridae) from northeastern Brazil. Phyllomedusa 17: 195-210.

Alcantara, E.P.; Ferreira-Silva, C.; Gonçalves-Sousa, J.G. et al. 2019. Feeding ecology, reproductive biology, and parasitismo of *Gymnodactylus geckoides* Spix, 1825 from a Caatinga area in northeastern Brazil. Herpetological Conservation and Biology 14: 641-647.

Alencar, L.R.V.; Galdino, C.A.B.; Nascimento, L.B. 2012. Life History Aspects of *Oxyrhopus trigeminus* (Serpentes: Dipsadidae) from Two Sites in Southeastern Brazil. Journal of Herpetology 46: 1-6.

Ales, R.G.; Acosta, R.; Fava, G. et al. 2017. *TEIUS TEYOU* (Four-toed Tegu). PREDATION. Herpetological Review 48: 441.

Almeida, T.O.; Machado, F.C.; Costa, H.C. 2010. Trocando carniça por carne fresca: o urubu *Cathartes burrovianus* (Aves, Cathartidae) caça a serpente *Xenodon merremii* (Serpentes, Dipsadidae) no sudeste do Brasil. Biotemas.

Almeida, G.V.L.; Silva, G.L.; Campos, T.F. et al. 2009. Predação do lagarto *Tropidurus cocorobensis* pela serpente *Oxybelis aeneus*. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 25: 83-86.

Almeida, J.P.F.A.; Freitas, M.A.; Silva, M.B. et al. 2018. A new four-pored *Amphisbaena* (Squamata: Amphisbaenidae) from northeastern Brazil. Zootaxa 4514: 553-562.

Almeida, L.S.; Silva, A.W.O.; Trevine, V.C. 2020. Two new records of predation by *Oxybelis fulgidus* (Squamata: Colubridae) in the northern region of Brazil. Herpetology Notes 13: 283-289.

Almeida, G.V.L.; Santos, E.M. 2011. Nota sobre predação de *Passer domesticus* (Aves, Passeridae) por *Philodryas olfersii* (Squamata, Dipsadidae) em uma área urbana na Zona da Mata de Pernambuco, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciência Naturais 6: 351-354.

Almeida, M.E.A.; Marinho, G.N.A.; Ferreira, J.A.A. et al. 2023. A new prey item of the Sertão Mussurana, *Boiruna sertaneja* Zaher, 1996 in northeastern Brazil. Herpetology Notes 16: 651-652.

Almeida, L.S.; Anunciação, P.R. 2021. *XENOPHOLIS UNDULATUS* (Jensen's Ground Snake). DIET. Herpetological Review 52: 677-678.

Almeida, M.E.A.; Oliveira, P.M.A.; Silva, N.V.N. et al. 2023. Notes on the diet and reproduction of *Dryophylax phoenix* in the Catimbau National Park, Pernambuco State, Brazil. Oecologia Australis.

Almeida-Gomes, M.; Vrcibradic, D.; Maia-Carneiro, T.; Rocha, C.F.D. 2012. Diet and endoparasites of the lizard *Gymnodactylus darwinii* (Gekkota, Phyllodactylidae) from an Atlantic Rainforest area in southeastern Brazil. Biotemas 25: 203-206.

Almeida, L.S.; Almeida, L.H.; Pedrozo, M.; Moroti, M.T. 2018. *CHIRONIUS BICARINATUS* (Two-headed Sipo). DIET. Herpetological Review 49: 750.

Alves, F.Q.; Argolo, A.J.S.; Jim, J. 2005. Biologia reprodutiva de *Dipsas neivai* Amaral e *D. catesbyi* (Sentzen)(Serpentes, Colubridae) no sudeste da Bahia, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia 22: 573-579.

Alves, I.G.; Cavalcanti, R. 2024. Death-feigning behaviour in *Colobosaura modesta* (Reinhardt & Lütken, 1862). Herpetology Notes 17: 521-522.

Alves, L.S.; Albuquerque, N.R. 2017. *THAMNODYNASTES CHAQUENSIS*. DIET. Herpetological Review 48: 459.

Alves, F.Q.; Argôlo, A.J.S.; Carvalho, G.C. 2014. Reproductive biology of the bushmaster *Lachesis muta* (Serpentes: Viperidae) in the Brazilian Atlantic Forest. Phyllomedusa 13: 99-109.

Alves-Nunes, J.M.; Fellone, A.; Marques, O.A.V. 2025. Effects of Long-term Prey Substitution on Food Preference for an Endemic Insular Pit Viper (*Bothrops alcatraz*). Herpetological Conservation and Biology 20: 150-157.

Amaral, J.M.S.; Araújo, P.; Barbosa, V.N.; França, F.G.R. 2020. First record of egg development time and hatchling morphology of *Amerotyphlops paucisquamus* (Dixon & Hendricks 1979) (Scolecophidia: Typhlopidae), northeastern Brazil. Revista de Ciências Ambientais 14: 79-83.

Amora, T.D.; Silva, A.O.; Conceição, B.M. et al. 2012. Predation of *Phyllopezus pollicaris* by the common marmoset *Callithrix jacchus* in the Caatinga scrub of northeastern Brazil. Herpetology Notes 7: 547-549.

Amorim, M.E. 2015. Insularização do Cerrado: comunidade de lagartos e respostas adaptativas de *Gymnodactylus amarali* em ilhas artificiais no reservatório da UHE Serra da Mesa. Tese de doutorado. Universidade de Brasília.

Amorim, D.M. 2018. Ecologia trófica e helmintofauna de *Norops brasiliensis* (Vanzolini & Williams, 1970) (Squamata, Dactyloidae) em uma área de mata úmida na Chapada do Araripe, nordeste do Brasil. Dissertação. Universidade Federal do Ceará.

Amorós, C.L.B.; Manrique, R. 2008. Observations on the Natural History of the Green Anaconda (*Eunectes murinus* Linnaeus, 1758) in the Venezuelan Llanos: An Ecotourism Perspective. Iguana 15: 93-101.

Anaissi, J.S.C.; Costa-Campos, C.E. 2021. Tail displays of the diurnal annulated gecko *Gonatodes annularis* (Boulenger, 1887). Herpetology Notes 14: 475-477.

Andrade, R.O.; Silvano, R.A.M. 1996. Comportamento alimentar e dieta da "falsa-coral" Oxyrhopus guibei Hoge & Romano (Serpentes, Colubridae). Revista Brasileira de Zoologia 13: 143-150.

Andrade, R.A.; Siqueira, Y.F.; Passos, D.C. 2015. Predation of *Hemidactylus mabouia* (Squamata: Gekkonidae) by *Guira guira* (Cuculiformes: Cuculidae) in northeastern Brazil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 37: 201-206.

Andrade, M.J.M.; Carvalho, G.A.B.; Kolodiuk, M.F. et al. 2016. *PHYLLOPEZUS PERIOSUS* (Paraiba Gecko). TREE SAP FORAGING. Herpetological Review 47: 672-673.

Andrade, G.O.; Silva, L.F. 2024. *MESOTES STRIGATUS* (Coastal House Snake). DIET. Herpetological Review 55: 117-118.

Andrade, H.; Costa, S.M.; Santos, M.A.; Dias, E.J.R. 2020. Diet review of *Erythrolamprus poecilogyrus* (Wied-Neuwied, 1825) (Serpentes: Dipsadidae), and first record of *Dermatonotus muelleri* (Boettger, 1885) (Anura: Microhylidae) as a prey item in Sergipe State, northeastern Brazil. Herpetology Notes 13: 1065-1068.

Andrade-Oliveira, J.A.; Cavalcante, T.; Freire-Filho, R. et al. 2025. First record of the rare Atlantic Forest Racer, *Dendrophidion atlantica* Freire et al., 2010, from Ceará State, northeastern Brazil. Herpetology Notes 18: 21-24.

Angarita-Sierra, T.; Loperena, O.; Quintero, A.J. et al. 2023. Diving behavior in the Neotropical Whipsnake *Chironius carinatus* (Linnaeus, 1758) (Squamata: Colubridae). Revista Latinoamericana de Herpetologia 7: 35-38.

Angulo, F.; Chavez, G. 2017. First report of predation on Speckled Chachalaca (*Ortalis guttata*) eggs by Puffing Snake (*Phrynonax polylepis*) in Central Peru. Boletín UNOP 12: 27-33.

Anjos, L.A.; Rocha, C.F.D. 2008. Reproductive ecology of the invader species gekkonid lizard *Hemidactylus mabouia* in an area of southeastern Brazil. Iheringia, Série Zoologia 98: 205-209.

Andrade, M.J.M. 2014. Ecologia e história natural de população *Hemidactylus agrius* (Squamata: Gekkonidae) em área de Caatinga, com avaliação da distribuição das espécies nativas do gênero no nordeste do Brasil. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Araújo, J.S.; Corrêa, F.; Soares, L.J.; Souza, M.B. 2018. Record of predation by two amphibians *Rhinella major* and *Ctenophryne geayi* by *Erythrolamprus dorsocorallinus* (Esqueda, Natera, La Marca & Ilija-Fistar, 2005) (Serpentes: Dipsadidae) in northwestern Brazil. Brazilian Journal of Biology 78: 793-795.

Araújo, S.C.M.; Uchôa, L.R.; Costa, C.A. et al. 2023. First record of *Micrurus lemniscatus* (Elapidae) in the state of Piauí, northeastern Brazil. Caldasia 45: 191-194.

Argôlo, A.J.S. 2004. As serpentes dos cacauais dos sudeste da Bahia. Ilhéus: Editora UESC.

Arias, F.; Carvalho, C.M.; Rodrigues, M.T.; Zaher, H. 2011. Two new species of *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) from the Caatinga, Northwest Brazil. Zootaxa 2787: 37-54.

Arias, F.; Carvalho, C.M.; Zaher, H.; Rodrigues, M.T. 2014. A New Species of Ameivula (Squamata, Teiidae) from Southern Espinhaço Mountain Range, Brazil. Copeia 2014: 95-105.

Arias, F.; Junior, M.T.; Recoder, R. et al. 2014b. Whiptail lizards in South America: a new *Ameivula* (Squamata, Teiidae) from Planalto dos Gerais, Eastern Brazilian Cerrado. Amphibia-Reptilia 35: 227-242.

Arrivillaga, C.; Oakley, J.; Huang, M. 2019. *LEPTODEIRA ANNULATA* (Banded Cat-Eyed Snake). DIET. Herpetological Review 50: 802-803.

Arruda, L.A.G.; Carvalho, M.A.; Kawashita-Ribeiro, R.A. 2015. New records of the Amazon banded snake *Rhinobothryum lentiginosum* (Serpentes: Colubridae) from Mato Grosso State, Brazil, with natural history notes. Salamandra 51: 199-205.

Arteaga, A. 2022. Gibba Turtle (*Mesoclemmys gibba*). In: Arteaga, A.; Bustamante, L.; Vieira, J. (Eds) Reptiles of Ecuador: Life in the middle of the world. Available from: www.reptilesofecuador.com.

Arteaga, A.; Bustamante, L.; Vieira, J. (Eds) 2022. Reptiles of Ecuador: Life in the middle of the world. Available from: www.reptilesofecuador.com.

Assis, C.L.; Costa, H.C. 2020. *Leposternon octostegum*: new record of an endangered worm lizard species, with comments on habitat and opportunistic predators (Squamata: Amphisbaenia). Herpetologia Brasileira 9: 109-120.

Assis, C.L.; Mendonça, L.R.; Feio, R.N.; Costa, H.C. 2022. *Amphisbaena mertensii* (Squamata: Amphisbaenidae): Notes on natural history, distribution, and morphology. Caldasia 44: 653-660.

Assis, I.M.; Filho, L.M.C.; Mejía, D.P.; Abreu, L.M. 2022. Predation of *Leptodactylus latrans* (Anura: Leptodactylidae) by the water snake *Erythrolamprus miliaris* (Squamata: Dipsadidae) in Ilhéus, Bahia, Brazil. Herpetology Notes 15: 283-285.

Assunção, V.O.F.; Saturno, G. 2025. New records of predation and feeding behavior of the vine snake *Chironius brazili* (Squamata: Colubridae) in the Espinhaço Mountain Range, Brazil. Cuadernos de herpetología 39: 127-130.

Aun, L.; Borghi, D.; Martori, R. 2011. Reproducción y dieta de una población de *Mabuya dorsivittata* (Squamata, Scincidae) en Córdoba, Argentina. Revista peruana de biologia 18: 19-25.

Ávila, R.W.; Souza, F.L.; Landgref-Filho, P.; Campos, A.L.C. 2006. Reptilia, Chelidae, *Acanthochelys macrocephala*: distribution, habitat, and geographical distribution map. Check List 2: 35-37.

Ávila, R.W.; Ferreira, V.L.; Maidana, C. 2008. Reproductive biology and feeding habits of *Stenocercus caducus* (Iguanidae) in semideciduous forest in Central Brazil. South American Journal of Herpetology 3: 112-117.

Avila, I.; Bauer, F.; Boungermini, E.; Martínez, N. 2016. *Dracaena paraguayensis*: aportes sobre el conocimiento de su biología, ecología y distribución. Kempffiana 12: 122-130.

Ávila, R.W.; Ferreira, V.L.; Arruda, J.A.O. 2006. Natural History of the South American Water Snake *Helicops leopardinus* (Colubridae: Hydropsini) in the Pantanal, Central Brazil. Journal of Herpetology 40: 274-279.

Ávila, R.W.; Ribeiro, R.A.K.; Ferreira, V.L.; Strüssmann, C. 2010. Natural history of the coral snake *Micrurus pyrrhocryptus* Cope 1862 (Elapidae) from semideciduous forests of western Brazil. South American Journal of Herpetology 5: 97-101.

Avila-Pires, T.C.S.; Hoogmoed, M.S.; Silva, M.B. 2018. First records in Brazil for *Arthrosaura versteegii* van Lidth de Jeude, 1904 (Reptilia, Gymnophthalmidae), a possible species complex, and distribution extension for *Arthrosaura montigena* Myers & Donnelly, 2008, in Venezuela. CheckList 14: 568-577.

Aximoff, I.; Felix, E. 2017. *LYGODACTYLUS KLUGEI* (Kluge's Dwarf Gecko). DIET. Herpetological Review 48: 439.

Aximoff, I.; Cintra, H.; Pontes, J. 2017. *CHIRONIUS FLAVOLINEATUS* (Boettger's Sipo). DIET AND HABITAT USE. Herpetological Review 48: 205.

Aya-Cuero, C.A.; Cáceres-Martínez, C.H.; Esquivel, D.A. 2019. First record of predation on Greater sac-winged bat, *Saccopteryx bilineata* (Chiroptera: Emballonuridae), by the Colombian rainbow boa, *Epicrates maurus* (Serpentes: Boidae). Herpetology Notes 12: 815-817.

Azarak, P.A.; Farias, J.G. 2017. Predation of tadpoles and eggs of *Leptodactylus fuscus* (Schneider, 1799) (Anura, Leptodactylidae) by *Erythrolamprus poecilogyrus* (Wied-Neuwied, 1825) (Serpentes, Dipsadidae) in the savannic Lavrado of Roraima State, northern Brazil. Bol. Mus. Int. de Roraima 11: 45-48.

Azevedo, W.S.; Amorim, L.G.S.; Menezes, F.A.; Abegg, A.D. 2018. Natural history notes and geographic distribution of the poorly known *Echinanthera amoena* (Serpentes: Dipsadidae). Herpetology Notes 11: 925-928.

Azevedo, W.S.; Abegg, A.D.; França, D.P.F. 2018. Predator-prey interaction between the snakes *Apostolepis ammodites* and *Psomophis joberti* (Snakes: Dipsadidae). Herpetology Notes 11: 263-265.

Baer, B.; Boer, S.P.A.; Kronauer, D.J.C. 2009. Fungus gardens of the leafcutter ant *Atta colombica* function as egg nurseries for the snake *Leptodeira annulata*. Insectes Sociaux 56: 289-291.

Bager, A. 2003. Aspectos da Biologia e Ecologia da Tartaruga Tigre D`Água, *Trachemys dorbigni*, (Testudines – Emydidae) no Extremo Sul do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Bailliez, J.; Wagner, J.; Smith, P.; Smith, R.L. 2024. *AMPHISBAENA PRUNICOLOR* (Plum-colored Amphisbaena). PREDATION. Herpetological Review 55: 91.

Baker, P.J. 2003. Testudines (turtles and turtoises). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Baker, P.J. 2003b. New World pont turtles (Emydidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Baker, P.J. 2003c. Australo-American sideneck turtles (Chelidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Balensiefer, D.C.; Vogt, R.C. 2006. Diet of *Podocnemis unifilis* (Testudines, Podocnemidae) during the dry season in the Mamirauá Sustainable Development Reserve, Amazonas, Brazil. Chelonian Conservation and Biology 5: 312-317.

Balestrin, R.L.; Cappellari, L.H.; Outeiral, A.B. 2010. Biologia reprodutiva de *Cercosaura schreibersii* (Squamata, Gymnophthalmidae) e *Cnemidophorus lacertoides* (Squamata, Teiidae) no Escudo Sul-Riograndense, Brasil. Biota Neotropica 10: 131-139.

Balestrin, R.L.; Cappellari, R.H. 2011. Reproduction and feeding ecology of *Amphisbaena munoai* and *Anops kingi* (Amphisbaenia, Amphisbaenidae) in the Escudo Sul-Rio-Grandense, southern Brazil. Iheringia, Série Zoologia 101: 93-102.

Barbier, E.; Pimentel, N.T.; Bernard, E. 2023. Predation of a mustached bat, *Pteronotus* sp. (Mormoopidae), by an Amazon tree boa, *Corallus hortulanus* (Boidae), in the Brazilian Amazon. Acta Amazonica 53: 347-350.

Barbosa, R.A.P.; Nascimento, W.S.P.; Silva, G.S. et al. 2021. Predation of *Proechimys* sp. (Rodentia: Echimyidae) by *Corallus hortulana* (Squamata: Boidae) in the southern Brazilian Amazon. Herpetology Notes 14: 745-747.

Barbosa, R.A.P.; Silva, I.K.A.; Oliveira, U.M.; Albuquerque, S. 2021. Predação de *Drymoluber dichrous* (Reptilia: Squamata: Colubridae) por *Acanthoscurria* sp. (Araneae: Theraphosidae) no Sudoeste da Amazônia Brasileira. Nature and Conservation 14: 213-218.

Barbosa, R.A.P.; Silva, G.S.; Oliveira, M.A. 2021. Predação de *Ramphocelus carbo* (Pallas, 1764) *por Oxybelis fulgidus* (Daudin, 1803) no Sudoeste da Amazônia brasileira. Nature and Conservation 14: 219-223.

Barbosa, V.N.; Silva, A.S.; Silva, A.S. et al. 2023. Clutch size and hatchling morphology of Parrot snake *Leptophis liocercus* in the north-east Atlantic Forest of Brazil. The Herpetological Bulletin 166: 38-39.

Barbosa, R.A.P.; Reis, J.F.T.; Dutra, R.S.S. et al. 2021. Predation by the Amazon Banded Snake, *Rhinobothryum lentiginosum* (Squamata: Colubridae) on the Striped Forest Whiptail, *Kentropyx calcarata* (Squamata: Teiidae), in the southwestern Brazilian Amazon. Herpetology Notes 14: 1429-1432.

Barbosa, V.N.; Amaral, J.M.S.; Santos, L.M.; França, F.G.R. 2024. *DIPSAS NEUWIEDI* (Neuwied's Tree Snake). REPRODUCTION. Herpetological Review 55: 279-280.

Barbosa, L.N.B.; Castro, L.P.P.A.; Teixeira, C.C. et al. 2022. Reproductive and Trophic Ecology of *Erythrolamprus taeniogaster* (Serpentes: Dipsadidae) in the Brazilian Eastern Amazon. Herpetological Conservation and Biology 17: 131-144.

Barbosa, V.N.; Amaral, J.M.S.; Lima, L.F.L.; Santos, E.M. 2019. *Micrurus ibiboboca* (Merrem, 1820) feeding behavior - regurgitant ingestion. Natureza Online 17: 61-63.

Barker, D.G.; Barker, T.M. 2003. Woodsnakes and spinejaw snakes (Tropidophiidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Barker, D.G.; Barker, T.M. 2003b. Boas (Boidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Barrera-Ocampo, F.; Díaz-Flórez, R.A. 2023. First Record of Predation on a Red-tailed Coralsnake (*Micrurus mipartitus*) by an Antioquian Coralsnake (*Micrurus dumerilii antioquensis*). Reptiles & Amphibians 30: e18645.

Barreto, D.S.; Valadão, R.M.; Nogueira, C. et al. 2012. New locality records, geographical distribution, and morphological variation in *Cercosaura parkeri* (Ruibal, 1952) (Squamata: Gymnophthalmidae) from western Brazil. CheckList 8: 1365–1369.

Barreto-Lima, A.F.; Pires, E.O.; Sousa, B.M. 2013. Activity, foraging mode and microhabitat use of *Enyalius perditus* (Squamata) in a disturbed Atlantic rainforest in southeastern Brazil. Salamandra 49: 177-185.

Barros, E.H.; Teixeira, R.L. 2007. Diet and fecundity of the Glass-lizard, *Ophiodes striatus* (Sauria, Anguidae) from the Atlantic Forest in southeastern Brazil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 22: 11-23.

Barros, V.A.; Rojas, C.A.; Almeida-Santos, S.M. 2014. Reproductive Biology of *Bothrops erythromelas* from the Brazilian Caatinga. Advances in Zoology 680861.

Barros, M.A.S.; Pinto, L.C.; Pfau, R.O. et al. 2015. *Philodryas olfersii* (Serpentes, Dipsadidae) feeding on bats in southern Brazil. Revista Brasileira de Biociências 13: 231-236.

Batista, S.F.; Facure, K.G.; Marques, O.A.V. 2020. The blind snake *Trilepida koppesi* (Amaral, 1955) as prey of armadillo *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758), with a review of Scolecophidia predators. Herpetology Notes 13: 49-55.

Batista, S.F.; Scartozzoni, R.R.; Marques, O.A.V. 2020. Food habits and substrate use by the South American xenodontine snake *Erythrolamprus frenatus*, with comments on its brightly-coloured venter. Herpetology Notes 13: 405-409.

Batista, S.F.; Facure, K.G.; Marques, O.A.V. 2019. First record of mammal consumption by *Erythrolamprus miliaris*. How wide is the diet of this water snake? Herpetology Notes 12: 713-715.

Batistella, A.M.; Vogt, R.C. 2008. Nesting Ecology of *Podocnemis erythrocephala* (Testudines, Podocnemididae) of the Rio Negro, Amazonas, Brazil. Chelonian Conservation and Biology 7: 12-20.

Bauer, A.M. 2003. Geckos and pygopods (Gekkonidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Belle, S.V.; Luna, M. 2020. A novel prey item of the tiger rat snake *Spilotes pullatus* (Linnaeus, 1758) in Chiapas, Mexico (Squamata: Colubridae). Herpetology Notes 13: 903-904.

Bellini, G.P.; Arzamendia, V.; Giraudo, A.R. 2013. Ecology of *Thamnodynastes hypoconia* in Subtropical–Temperate South America. Herpetologica 69: 67-79.

Benício, R.A.; Ávila, R.W.; Fonseca, M.G. 2021. Guia ilustrado dos anfíbios & répteis de Barras, Piauí. Teresina: Piauí.

Bentley, A.G.; Fiallos, K.Z.L. 2025. Two records of reproduction in *Erythrolamprus pygmaeus* (Colubridae) from Ecuador's Upper Amazon. Revista Latinoamericana de Herpetología 8: 119-123.
Benton, M.J. 2015. Vertebrate paleontology. Oxford: Wiley Blackwell.
Bernarde, P.S.; Moura-Leite, J.C.; Machado, R.A.; Kokobum, M.N.C. 2000. Diet of the colubrid snake, *Thamnodynastes strigatus* (Günther, 1858) from Paraná state, Brazil, with field notes on anuran predation. Revista Brasileira de Biologia 60: 695-699.
Bernarde, P.S.; Turci, L.C.B.; Machado, R.A. 2017. Serpentes do alto Juruá, Acre – Amazônia brasileira. Rio Branco: Edufac.
Bernardo-Silva, J.S.; Von-Mühlen, E.M.; Di-Bernardo, M.; Ketterl, J. 2006. Feeding ecology in the small neotropical amphisbaenid *Amphisbaena munoai* (Amphisbaenidae) in southern Brazil. Iheringia, Série Zoologia 96: 487-489.
Berry, J.F.; Iverson, J.B. 2001. *Kinosternon scorpioides.* Catalogue of American Amphibians and Reptiles.
Bilce, T.M.; Monteiro, L.B.; Coelho, T.A.; Souza, D.C. 2021. Predation of the snake *Drymoluber dichrous* (Peters, 1863) (Serpentes: Colubridae) by the spider *Theraphosa blondi* (Latreille, 1804) (Araneae: Theraphosidae) in the Brazilian Amazon. Herpetology Notes 14: 239-241.
Bisneto, P.F.; Kaefer, I.L. 2019. Reproductive and feeding biology of the common lancehead *Bothrops atrox* (Serpentes, Viperidae) from central and southwestern Brazilian Amazonia. Acta Amazonica 49: 105-113.
Bizerra, A.; Marques, O.A.V.; Sazima, I. 2005. Reproduction and feeding of the colubrid snake *Tomodon dorsatus* from south-eastern Brazil. Amphibia-Reptilia 26: 33-38.
Bocchiglieri, A.; Faria, R.G.; Silva, A.O. et al. 2019. *SPILOTES SULPHUREUS* (Amazon Puffing Snake). DIET. Herpetological Review 50: 167.
Bock, B.C. 2013. *Iguana iguana*. Catálogo de Anfíbios y Reptiles de Colombia 1(1): 10-14.
Bomfim, M.S.; Moura, G.J.B.; Tinoco, M.S. 2021. *TROPIDURUS HYGOMI* (Catende). REPRODUCTION. Herpetological Review 52: 332.
Bonfim, M.S.; Moura, G.J.B.; Pagel, G.S.; Tinoco, M.S. 2021b. *GLAUCOMASTIX ABAETENSIS* (Sand Dune Whiptail Lizard). DIET. Herpetology Review 52: 408.
Bonfiglio, F.; Balestrin, R.L.; Cappellari, L.H. 2006. Diet of *Hemidactylus mabouia* (Sauria, Gekkonidae) in urban area of Southern Brazil. Biociências 14: 107-111.
Bonino, M.F.; Lescano, J.N.; Haro, J.G.; Leynaud, G.C. 2009. Diet of *Hydromedusa tectifera* (Testudines-Chelidae) in a mountain stream of Córdoba province, Argentina. Amphibia-Reptilia.
Borges, V.S.; Pires, R.C.; Linares, A.M.; Eterovick, P.C. 2013. Diet of *Enyalius bilineatus* (Leiosauridae: Squamata) at a site in southeastern Brazil: effects of phylogeny and prey availability. Journal of Natural History 1-12.
Borges, J.S.; Santos, D.L.; Nomura, F. 2014. LEPTODEIRA ANNULATA (Banded Cat-eyed Snake). DIET. Herpetological Review 45: 145.
Borges, L.M.; Rosa, C.M.; Dri, G.F.; Bertani, R. 2016. Predation of the snake *Erythrolamprus almadensis* (Wagler, 1824) by the tarantula *Grammostola quirogai* Montes De Oca, D'Elía & Pérez-Miles, 2016. Herpetology Notes 9: 321-322.
Borges, L.M.; Abegg, A.D.; Rosa, C.M. 2017. Herpetofauna da Universidade Federal de Santa Maria Campus Sede. Pelotas: USEB.
Borges-Martins, M.; Schossler, M.; Verrastro, L.; Bujes, C.S.; Oliveira, R.B.; Mosena, M. 2013. Répteis da Reserva Biológica do LAMI José Lutzenberger e arredores no município de Porto Alegre, RS. In: Witt, P.B.R. (eds.). Fauna e Flora da Reserva Biológica do LAMI José Lutzenberger. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Meio Ambiente.
Borteiro, C.; Gutiérrez, F.; Tedros, M.; Kolenc, F. 2009. Food habits of the Broad-snouted Caiman (*Caiman latirostris*: Crocodylia, Alligatoridae) in northwestern Uruguay. Studies on Neotropical Fauna and Environment 44: 31-36.
Bortolanza-Filho, D.; Moraes, R.L.; Otani, M. et al. 2019. New records of the dipsadid snake *Thamnodynastes strigatus* (Günther, 1858) preying on the characid fish *Astyanax bockmanni* Vari & Castro, 2007 in the Atlantic Forest of Southern Brazil. Herpetology Notes 12: 613-615.
Botelho, L.M.; Machado, I.F.; Sazima, I.; Muscat, E. 2023. A novel defensive behaviour of *Echinanthera cephalostriata* with a new predation record in Brazil. Herpetology Notes 16: 803-806.
Botero-Arias, R. 2007. Padrões de movimento, uso de microhábitat e dieta do jacaré-paguá, *Paleosuchus palpebrosus* (Crocodilia: Alligatoridae), em uma floresta de paleovárzea ao sul do rio Solimões, Amazônia Central, Brasil. Dissertação. INPA/UFAM.
Bour, R.; Zaher, H. 2005. A new species of *Mesoclemmys*, from the open formations of northeastern Brazil (Chelonii, Chelidae). Papéis Avulsos de Zoologia 45: 295-311.

Bovo, R.P.; Sueiro, L.R. 2012. Records of predation on *Itapotihyla langsdorffii* (Anura: Hylidae) by *Chironius bicarinatus* (Serpentes: Colubridae) with notes on foraging substrate. Herpetology Notes 5: 291-292.

Brandão, R.A.; Motta, P.C. 2005. Circumstantial evidences for mimicry of scorpions by the neotropical gecko *Coleodactylus brachystoma* (Squamata, Gekkonidae) in the Cerrados of central Brazil. Phyllomedusa 4: 139-145.

Brasil, M.A.; Horta, G.F.; Fraxe Neto, H.J.; Barros, T.O.; Colli, G.R. 2011. Feeding Ecology of *Acanthochelys spixii* (Testudines, Chelidae) in the Cerrado of Central Brazil. Chelonian Conservation and Biology 10: 91-101.

Braz, H.B.P.; Araujo, C.O.; Almeida-Santos, A.M. 2009. Life history traits of the snake *Phalotris lativittatus* (Xenodontinae: Elapomorphini) from the Brazilian Cerrado. Herpetology Notes 2: 163-164.

Braz, H.B.; Kasperoviczus, K.N.; Almeida-Santos, A.M. 2014. Reproducive ecology and diet of the fossorial snake *Phalotris laivitatus* in the Brazilian Cerrado. Herpetological Journal 24: 49-57.

Braz, H.B.; Kasperoviczus, K.N.; Guedes, T.B. 2019. Reproductive Biology of the Fossorial Snake *Apostolepis gaboi* (Elapomorphini): A Threatened and Poorly Known Species from the Caatinga Region. South American Journal of Herpetology 14: 37-47.

Braz, H.B. 2020. *HELICOPS GOMESI*. DIET and REPRODUCTION. Herpetological Review 51: 866-867.

Bressan, R.F.; Matias, N.R.; Lang, L.F. et al. 2017. *CERCOSAURA SCHREIBERSII* (Schreibers' Many-fingered Teiid). PREDATION. Herpetological Review 48: 187-188.

Brito, E.S.; Souza, F.L.; Strüssmann, C. 2016. Feeding habits of *Mesoclemmys vanderhaegei* (Testudines: Chelidae). Acta Herpetologica 11: 1-13.

Brito, M.F.G.; Jesus, R.O.; Faria, R.G. 2024. *AMPHISBAENA VERMICULARIS* (Wagler's Worm Lizard). PREDATION. Herpetological Review 55: 91-92.

Brito Filho, M.A.; Albuquerque, R.L.; Gainsburry, A.M. et al. 2024. Reproduction, diet, and sexual dimorphism in *Micrablepharus atticolus* (Squamata, Gymnophthalmidae) in Cerrado enclaves within Brazilian Amazon forest. Journal of Herpetology 58: 389-400.

Britton, A.R.C. 2003. Crocodilians (crocodiles, alligators, caimans, and gharials). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Brown, T.W. 2020. Predation of Bay-breasted Warbler *Setophaga castanea* (Parulidae) by Green Vinesnake *Oxybelis fulgidus* (Colubridae) on Utila Island, Honduras. Captive & Field Herpetology 4: 1-4.

Bujes, C.S. 1998. Atividade de nidificação de *Phrynops hilarii* Duméril & Bibron (TESTUDINES, Chelldae) na Reserva Biológica Do Lami, Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia 15: 921-928.

Burg, M.P. 2020. How to source and collate natural history information: a case study of reported prey items of *Erythrolamprus miliaris* (Linnaeus, 1758). Herpetology Notes 13: 739-746.

Burg, M.P.; Miguel, I.R. 2020. Report of new predator-prey interactions of *Erythrolamprus miliaris* (Linnaeus, 1758). Herpetology Notes 13: 361-363.

Cabral, S.O.; Freitas, I.S.; Morlanes, V. et al. 2019. Potential seed dispersers: a new facet of the ecological role of *Boa constrictor constrictor* Linnaeus 1758. Biota Neotropica 19: e20180626.

Cabral, S.O.; Santos, R.; Queiros, A. et al. 2025. Dietary composition of *Oxyrhopus trigeminus* in the Brazilian semiarid: new records, a literature review, and an incidental case of plastic ingestion. Neotropical Biology and Conservation 20: 149-164.

Cabral, H.; Bueno-Villafañe, D.; Romero-Nardelli, L. 2017. Comments on the diet of juvenile *Erythrolamprus poecilogyrus caesius* (Serpentes: Dipsadidae) in the Paraguayan Chaco. Phyllomedusa 16: 299-302.

Cabrera, M.R.; Carezzano, F.J. 2021. *ASPRONEMA DORSIVITTATUM*. PREDATION. Herpetological Review 52: 140-141.

Cacciali, P.; Motte, M. 2010. Hábitos predatorios de *Liophis poecilogyrus schotti* (Serpentes: Dipsadidae) sobre anfibios de la familia Microhylidae. Reportes científicos de la Facen 1: 58-59.

Cacciali, P.; Ortega, C. 2023. First record of *Xenodon nattereri* (Steindachner, 1869) (Reptilia, Squamata, Dipsadidae) from Paraguay. Check List 19: 231-234.

Caldas, F.L.S.; Santos, R.A.; Santana, D.O.; Faria, R.G. 2021. Filling some of the gap of ecological information's of a Brazilian Vulnerable lizard (*Tropidurus hygomi*). Cuadernos de herpetologia 35: 207-222.

Caldas, A.T.M.C.; Pita, B.O.R.; Imamura, M.M.; Oliveira, J.M. 2024. Predation attempt on the lizard *Tropidurus cocorobensis* Rodrigues, 1987 by *Pseudoboa nigra* (Duméril et al., 1854) in the Boqueirão da Onça Environmental Protection Area, Bahia, northeastern Brazil. Herpetology Notes 17: 657-660.

Camper, J.D.; Zart, D.J. 2014. *ATRACTUS SNETHLAGEAE* (Ground Snake). DIET. Herpetological Review 45: 705.

Campos, C.E.C. 2017. *NEUSTICURUS BICARINATUS* (Two-faced Neusticurus). PREDATION. Herpetological Review 48: 196-197.

Campos, F.S.; Lage, A.R.B.; Lourenço-de-Moraes, R. 2022. Predation of *Gymnodactylus darwinii* (Squamata: Phyllodactylidae) by *Oxybelis aeneus* (Squamata: Colubridae) in Morro de São Paulo (Tinharé Island), state of Bahia, Northeastern Brazil. Herpetology Notes 15: 97-99.

Campos, Z.; Mourão, G.; Coutinho, M. et al. 2015. Reproduction of a Generalist Crocodilian, *Caiman crocodilus yacare*, in a Seasonally Flooded Wetland. PLoS One 10: e0129368.

Campos, Z.; Mourão, G. Camera traps capture images of predators of Caiman crocodilus yacare eggs (Reptilia: Crocodylia) in Brazil's Pantanal wetlands. Journal of Natural History 49: 15-16.

Campos, Z.; Magnusson W.E.; Soriano, B. 2022. Temperature variation in nests of *Paleosuchus palpebrosus* (Crocodylia: Alligatoridae) near the southern edge of the species´ range, Brazil. Brazilian Journal of Biology 82: e266315.

Campos, Z.; Munis, F.; Desbiez, A.L.J.; Magnusson, W.E. 2016. Predation on eggs of Schneider's dwarf caiman, *Paleosuchus trigonatus* (Schneider, 1807), by armadillos and other predators. Journal of Natural History 1-7.

Campos, I.; Oliveira, C.; Araújo-Neto, J. et al. 2024. Autecology of *Norops fuscoauratus* (Squamata: Dactyloidae) from Atlantic Forest, north-eastern Brazil. North-western Journal of Zoology 20: 35-43.

Campos, V.A.; Oda, F.H.; Curcino, A.F.; Curcino, A. 2010. An unusual prey item for the yellow tail cribo *Drymarchon corais* Boie 1827, in the Brazilian Savannah. Herpetology Notes 3: 229-331.

Candaten, A.; Getelina, M.A.; Marion, G.A.N. et al. 2019. Predation event and uncommon climbing behavior of *Pseudoboa haasi* (Boettger, 1905) of South Brazil's Atlantic Rainforest. Herpetology Notes 12: 1179-1180.

Cappellari, L.H.; Lema, T.; Prater Jr., P.; Rocha, C.F.D. 2007. Diet of *Teius oculatus* (Sauria, Teiidae) in southern Brazil (Dom Feliciano, Rio Grande do Sul). Iheringia, Série Zoologia 97: 31-35.

Cappellari, L.H.; Balestrin, R.L.; Lema, T.; Rocha, C.F.D. 2011. Reproductive biology of *Teius oculatus* (Sauria, Teiidae) in Southern Brazil (Dom Feliciano, Rio Grande do Sul). North-Western Journal of Zoology 7: 270-276.

Caramaschi, U.; Niemeyer, H. 2012. Unsuccessful predation of *Elapomorphus quinquelineatus* (Serpentes: Colubridae) on *Amphisbaena microcephala* (Amphisbaenia: Amphisbaenidae). Herpetology Notes 5: 429-430.

Carreira, S.; Meneghel, M.; Achaval, F. 2005. Reptiles de Uruguay. Montevideo: Universidad de la República.

Carrillo, J.F.C. 2017. Predation of *Thamnodynastes chaquensis* (Serpentes, Colubridae) upon *Elachistocleis matogrosso* (Anura, Microhylidae) in the Brazilian Pantanal. Herpetology Notes 10: 355-357.

Carvalho, A.L.G.; Silva, H.R.; Araújo, A.F.B. et al. 2007. Feeding ecology of *Tropidurus torquatus* (Wied) (Squamata, Tropiduridae) in two areas with different degrees of conservation in Marambaia Island, Rio de Janeiro, Southeastern Brazil. Revista Brasileira de Zoologia 24: 222-227.

Carvalho, C.A.C.; Sousa, J.R.F.; Ferreira, A.C.S. et al. 2024. First record of the Naked-toed Gecko, *Gymnodactylus geckoides* Spix, 1825, as prey of the Brazilian Gecko, *Phyllopezus pollicaris* (Spix, 1825), in the Caatinga morphoclimatic domain, Pernambuco, Brazil. Herpetology Notes 17: 559-563.

Carvalho, W.D.; Silvestre, S.M.; Mustin, K. et al. 2019. Predation of an American fruit-eating bat (*Artibeus* sp.) by an Amazon tree boa (*Corallus hortulanus*) in the northern Brazilian Amazon. Acta Amazonica 49: 24-27.

Carvalho, B.H.G.; Struett, M.M.; Leivas, P.T. 2019. Predation of *Leptodactylus notoaktites* (Anura: Leptodactylidae) by *Erythrolamprus miliaris* (Squamata: Dipsadidae) in Atlantic Forest, Southern Brazil. Herpetology Notes 12: 1029-1030.

Carvalho, C.M. 2002. Descrição de uma nova espécie de *Micrurus* do estado de Roraima, Brasil (Serpentes, Elapidae). Papéis Avulsos de Zoologia 42: 183-192.

Cassano, M.J.; Alcalde, L. 2022. Diet and Habitat of the Scorpion Mud Turtle (*Kinosternon scorpioides scorpioides*) in the Southern Limit of the Species' Distribution (Argentina). Chelonian Conservation and Biology 21: 232-245.

Cassimiro, J.; Rodrigues, M.T. 2010. *Gymnodactylus darwinii* (Darwin´s Atlantic Rainforest Naked-toed Gecko; lagartixa-de-dedos-nus da Mata Atlântica). Communal oviposition. Herpetological Review 41: 355.

Castro, A.B. 2006. Biologia reprodutiva e crescimento do muçuã *Kinosternon scorpioides* (Linnaeus, 1776) em cativeiro. Dissertação. Universidade Federal do Pará.

Castro, D.A. 2021. Uso de microhabitat e condição corporal de *Gymnodactylus amarali* Barbour, 1925 em ilhas e margens do reservatório de Serra da Mesa, após 22 anos de isolamento. Dissertação. Universidade de Brasília.

Castro, D.P.; Pereira, A.A.P.L.; Oliveira, T.P.; Gonzalez, R.C. 2022. First predation report of the burrowing owl *Athene cunicularia* (Aves: Strigidae) on the aposematic snake *Apostolepis cearensis* (Dipsadidae: Elapomorphini), in a coastal area of north-eastern Brazil. Herpetology Notes 15: 253-256.

Cavalcanti, L.B.Q.; Protázio, A.S.; Albuquerque, R.L. et al. 2012. Death of a coral snake *Micrurus ibiboboca* (Merrem, 1820) (Elapidae) due to failed predation on bigger prey: a cat-eyed night snake *Leptodeira annulata* (Linnaeus, 1758) (Dipsadidae). Herpetology Notes 5: 129-131.

Celli, Y.R. 2024. Biologia reprodutiva de *Amphisbaena fuliginosa* Linnaeus, 1759 (Amphisbaenia, Amphisbaenidae) no Brasil Central. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontícia Universidade Católica do Goiás.

Centeno, F.C.; Sawaya, R.J.; Germano, V.J. 2010. A new species of *Liotyphlops* (Serpentes: Anomalepididae) from the Atlantic Coastal Forest in Southeastern Brazil. Herpetologica 66: 86-91.

Cerqueira, P.V.; Portes, C.E.B.; Silva, A.S. et al. 2011. *Plica umbra* (Linnaeus, 1758) (Squamata: Tropiduridae) como item alimentar de *Philydor erythrocercum* (Pelzeln, 1859)(Aves: Furnariidae). Ornithologia 4: 126.

Chagas-de-Souza, D.; Malcher, M.S.; Cavalcante, M.C. et al. 2023. Predation on *Kentropyx striata* (Squamata: Teiidae) by a Common Lancehead *Bothrops atrox* (Squamata: Viperidae) in the oriental Amazon. Herpetology Notes 16: 589-591.

Chaloupka, S.; Rodríguez, C. 2021. Predation by *Leptophis ahaetulla* (Serpentes: Colubridae) on *Osteocephalus cabrerai* (Anura: Hylidae), with a description of its distress call. Herpetology Notes 14: 209-213.

Champagne, P.S.; Thomas, S.; Payne, C.J. et al. 2024. Arboreal preferences contribute to sparse records of the Banded Galliwasp, *Diploglossus fasciatus* (Gray, 1831), in lowland amazon rainforests. Herpetology Notes 17: 265-269.

Charles, S.P.; Smith, S. 2009. *Gonatodes vittatus* as Prey of *Hemidactylus palaichthus* and Potential Prey of *Scolopendra gigantea*. Living World, Journal of The Trinidad and Tobago Field Naturalists' Club 2009: 42-43.

Chávez-Arribasplata, J.C.; Almora, C.E.; Pellón, J.J.; Venegas, P.J. 2016. Bat consumption by *Philodryas viridissima* (Serpentes: Colubridae) in the Amazon Basin of southeastern Peru. Phyllomedusa 15: 195-197.

Chaviel, B.M.; Mascarenhas, C.S.; Corrêa, F.; Silveira, E.C.; Coimbra, M.A.A.; Muller, G. 2022. Diet of *Acanthochelys spixii* and *Hydromedusa tectifera* (Chelidae) in the southern Brazil. Caldasia 44: 178-183.

Chinen, S.; Lisboa, C.S.; Molina, F.B. 2004. Biologia reprodutiva de *Hydromedusa tectifera* em cativeiro (Testudines, Chelidae). Arquivos do Instituto de Biologia 71: 401-403.

Chiszar, D.; Smith, H.M. 2003. What is a reptile? *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Cintra, R. 1985. Nascimento de filhotes de *Caiman yacare* (Daudin, 1802) (Crocodylia: Alligatoridae) em condições semi-naturais no Pantanal mato-grossense. Papéis Avulsos de Zoologia 36: 91-101.

Cisneros-Heredia, D.F.; Léon-Reyes, A.; Seger, S. 2005. *Boa constrictor* predation on a titi monkey, *Callicebus discolor*. Neotropical Primates 13: 11-12.

Citeli, N.; De-Carvalho, M.; Brandão, R. 2020. Distribution update, conservation status and color in life of the rare Amazonian snake, *Eutrachelophis papilio* Zaher and Prudente 2019 (Serpentes: Xenodontini). Acta Amazonica 50: 252-255.

Citeli, N.K.; De-Carvalho, M.A.; Meneses, A.S.O.; Brandão, R.A. 2019. *LYGOPHIS MERIDIONALIS*. REPRODUCTION. Herpetological Review 50: 595.

Claro, M.C.; Rocha, P.A.; Mesquita, D.O.; Beltrão-Mendes, R. 2024. Squamate Reptiles in the Diet of the Neotropical Lava Lizard, *Tropidurus hispidus* (Spix 1825): New Records and Habitat Types. Reptiles & Amphibians 31: e22389.

Castro-Herrera, F.; Bolívar-García, W.; Herrera-Montes, M.I. 2007. Guía de los anfíbios y reptiles del bosque de Yotoco, Valle del Cauca – Colombia. Cali: Universidad del Valle.

Coelho, R.D.F.; Sales, R.F.D.; Ribeiro, L.B. Sexual dimorphism, diet, and notes on reproduction in *Oxyrhopus trigeminus* (Serpentes: Colubridae) in the semiarid Caatinga of northeastern Brazil. Phyllomedusa 18: 89-96.

Coelho-Lima, A.D.; Filho, J.M.O.; Passos, D.C. 2019. *PHILODRYAS NATTERERI* (Paraguay Green Racer). DIET. Herpetological Review 50: 601.

Coelho-Lima, A.D.; Nunes, O.C.; Soares, G.W.N. et al. 2022. Hidden among bromeliads in the Brazilian semiarid: first records of *Phyllopezus lutzae* for the Caatinga domain and its predation by *Tropidurus hispidus*. Cuadernos de herpetologia 36: 251-257.

Coelho-Lima, A.D.; Ramos, G.O.; Martins, R.B.X.; Meira, L.P.C. 2020. Fist record of ophiophagy in the false coral snake *Oxyrhopus trigeminus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854. Cuadernos de herpetologia 34: 89-91.

Colli, G.R. 1991. Reproductive Ecology of *Ameiva ameiva* (Sauria, Teiidae) in the Cerrado of Central Brazil. Copedia 1991: 1001-1012.

Colli, G.R.; Zamboni, D.S. 1999. Ecology of the Worm-Lizard *Amphisbaena alba* in the Cerrado of Central Brazil. Copeia 1999: 733-742.

Colli, G.R.; Zatz, M.G.; Cunha, H.J. 1998. Notes on the Ecology and Geographical Distribution of the Rare Gymnophthalmid Lizard *Bachia bresslaui*. Herpetologica 54: 169-174.

Colli, G.R.; Mesquita, D.O.; Rodrigues, P.V.V.; Kitayama, K. 2003. Ecology of the Gecko *Gymnodactylus geckoides amarali* in a Neotropical Savanna. Journal of Herpetology 37: 694-706.

Colli, G.R.; Costa, G.C.; Garda, A.A. et al. 2003. A critically endangered new species of *Cnemidophorus* (Squamata, Teiidae) from a Cerrado enclave in southwestern Amazonia, Brazil. Herpetologica 59: 76-88.

Colli, G.R.; Giugliano, L.G.; Mesquita, D.O.; França. F.G.R. 2009. A new species of *Cnemidophorus* from the Jalapão Region, in the Central Brazilian Cerrado. Herpetologica 65: 311-327.

Conceição, L.M. 2021. Ecologia alimentar de *Iphisa e. elegans* (gray,1851) (Squamata: Gymnophthalmidae) na Flona do Tapajós e nos municípios de Beruri e Maraã no Amazonas, Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará.

Correa, F.; Araújo, J.S.; Vieira, L.J.S.; Souza, M.B. 2018. Predation of *Sternopygus macrurus* (Bloch & Schneider, 1801) by *Micrurus surinamensis* (Cuvier, 1817) in one fragment forest in Amazon, Brazil. Brazilian Journal of Biology 78: 805-806.

Corrêa, D.N.; Quintela, F.M.; Loebmann, D. 2016. Feeding ecology of *Erythrolamprus jaegeri jaegeri* (Günter, 1858) and *Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus* (Cope, 1860) in the coastal zone of Subtropical Brazil (Serpentes, Dipsadidae). Anais da Academia Brasileira de Ciências 88: 293-308.

Costa, H.C.; Resende, F.C.; Teixeira, M. et al. 2015. A new *Amphisbaena* (Squamata: Amphisbaenidae) from southern Espinhaço Range, southeastern Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências 87: 891-901.

Cosme, A.S. 2022. Autoecologia do lagarto *Brasiliscincus heathi* (Squamata-Mabuyidae) na diagonal de formações abertas da Caatinga. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Costa, H.C.; Guedes, T.B.; Bérnils, R.S. 2021. Lista de répteis do Brasil: padrões e tendências. Herpetologia Brasileira 10: 110-279.

Costa, H.C.; Assis, C.L.; Werneck, H.A. et al. 2009. Ataque de um falcão acauã (*Herpetotheres cachinnans*) sobre a serpente boipeva (*Xenodon merremii*) na Mata Atlântica de Minas Gerais, sudeste do Brasil. Revista Brasileira de Zoociências 11: 171-173.

Costa, I.D.; Nunes, N.N.S. 2019. Caracterização da dieta de *Melanosuchus niger* (Spix, 1825) e *Caiman crocodilus* (Linnaeus, 1758) na Resex Lago do Cuniã, Rondônia. Revista Colombiana de Ciencia Animal 11: 1-12.

Costa, H.C. 2024. Reidentification of a 19th century specimen reveals the first record of *Amphisbaena hogei* Vanzolini, 1950 (Squamata, Amphisbaenidae) in Minas Gerais, Brazil. Evolutionary Systematics 8: 273-278.

Costa, W.P.; Andrade, F.S. 2020. Predation behaviour of *Leptodeira annulata* Linnaeus, 1758 (Serpentes: Dipsadidae) on *Physalaemus cuvieri* Fitzinger, 1826 (Anura, Leptodactylidae). Herpetology Notes 13: 457-459.

Costa, F.R.F.; Pezeta, Y.F.M.; Crozariol, M.A. et al. 2022. A review of the diet of *Oxybelis aeneus* group (Squamata: Colubridae) including two new prey records from north-eastern Brazil. Herpetology Notes 15: 785-795.

Costa, J.C.L.; Graboski, R.; Grazziotin, F.G. et al. 2022. Reassessing the systematics of *Leptodeira* (Serpentes, Dipsadidae) with emphasis in the South American species. Zoologica Scripta 51: 414-432.

Costa, R.N.; Bauer, A.G.; Macedo, I.E.L. et al. 2017. *Philodryas olfersii*. Diet. Herpetological Review 48: 457-458.

Costa, H.C.; Provete, D.B.; Feio, R.N. 2014. A new prey record for the Banded Calico Snake *Oxyrhopus petolarius* (Serpentes: Dipsadidae). Herpetology Notes 7: 115-118.

Costa-Campos, C.E.; Anaissi, J.S.C. 2020. Death-feigning as defensive behaviour of eight lizard species of the Amazon rainforest. The Herpetological Bulletin 157: 26-27.

Costa-Campos, C.E.; Silva, P.H.E.; Guerra, L.E.S.; Sousa, J.C. 2017. Predation on the brilliant-thighed poison frog *Allobates femoralis* (Aromobatidae) by the Amazonian water snake *Helicops angulatus* (Dipsadidae). Herpetology Notes 10: 665-667.

Couto, A.P.; Menin, M. 2014. Predation on the lizard *Alopoglossus angulatus* (Squamata: Gymnophthalmidae) by the Smoky Jungle Frog, *Leptodactylus pentadactylus* (Anura: Leptodactylidae) in Central Amazonia. Herpetology Notes 7: 37-39.

Couto, R.M.P.; Neto, J.R.L. 2024. *DRYMARCHON CORAIS* (Yellow-tail Cribo). DIET. Herpetological Review 55: 111.

Couto, R.M.P.; Oliveira, E.S.; Coene, A.E. 2024. LEPTOPHIS MARGINATUS (Neotropical Parrot Snake). PREDATION.. Herpetological Review 55: 117.

Couto, R.M.P.; Miguel, M.C. 2021. *Philodryas mattogrossensis*. Diet. Herpetological Review 52: 674-675.

Crawshaw, P.G. 1987. Nesting ecology of Paraguayan Caiman (*Caiman yacare*) in the Pantanal of Mato Grosso, Brazil. Tese. University of Florida.

Crnobrna, B.; Armes, M.; Williams, H.F. 2017. Observations of feeding behaviour of an *Oxyrhopus melanogenys* (Serpentes: Dipsadidae): description of a novel prey-processing manoeuvre. Salamandra 53: 126-130.

Cruz, F.B. 1994. Actividad reproductiva en *Vanzosaura rubricauda* (Sauria: Teiidae) del chaco occidental en Argentina. Cuadernos de Herpetologia 8: 112-118.

Cruz, D.R.; Dias, I.R.; Medeiros, T.T.; Solé, M. 2018. Diet of *Enyalius catenatus* (Wied, 1821) (Reptilia: Leiosauridae) from Serra Bonita Reserve, Bahia, Brazil. Herpetology Notes 11: 227-232.

Cruz, F.B. 1997. Reproductive Activity in *Tropidurus etheridgei* in the Semiarid Chaco of Salta, Argentina. Journal of Herpetology 31: 444-450.

Cruz, F.B.; Silva, S.; Scrocchi, G.J. 1998. Ecology of the lizard *Tropidurus etheridgei* (Squamata: Tropiduridae) from the dry chaco of Salta, Argentina. Herpetological Natural History 6: 23-31.

Cruz, F.B.; Teisaire, E.; Nieto, L.; Roldán, A. 1999. Reproductive Biology of *Teius teyou* in the Semiarid Chaco of Salta, Argentina. Journal of Herpetology 33: 420-429.

Cruz-García, K.; Chauca, N.; Zapata, N. 2023. Predation of *Enyalioides praestabilis* (Hoplocercidae) by *Imantodes cenchoa* (Colubridae) in San Miguel de Conchay, Morona Santiago Province, Ecuador. Revista Latinoamericana de Herpetología 6: e587.

Cubas-Rodriguez, A.M.; Armas, L.F. 2024. Nuevos casos de depredación entre gecos (Squamata: Gekkonidae, Phyllodactylidae) y escorpiones (Scorpiones: Buthidae) en Costa Rica y Nicaragua, con el primer registro de necrofagia en escorpiones. Revista Chilene de Entomología 50: 505-510.

Cundall, D. 2003. False coral snakes (Aniliidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Cunha, F.A.G. 2024. *CHELUS FIMBRIATA* (Amazon Matamata). POPULATION. Herpetological Review 55: 421-422.

Cunha, F.A.G.; Pinheiro, R.T.; Freitas, A.P.; Campos, C.E.C. 2024b. *MESOCLEMMYS NASUTA* (Guyanan Toad-headed Turtle). MAXIMUM SIZE. Herpetological Review 55: 252.

Cunha, F.A.G.; Fernandes, T.; Franco, J.; Vogt, R.C. 2019. Reproductive Biology and Hatchling Morphology of the Amazon Toad-headed Turtle (*Mesoclemmys raniceps*) (Testudines: Chelidae), with Notes on Species Morphology and Taxonomy of the *Mesoclemmys* Group. Chelonian Conservation and Biology 18: 195-209.

Cunha, F.A.G.; Sampaio, I.; Carneiro, J.; Vogt, R.C. 2021. A New Species of Amazon Freshwater Toad-Headed Turtle in the Genus *Mesoclemmys* (Testudines: Pleurodira: Chelidae) from Brazil. Chelonian Conservation and Biology 20: 151-166.

Cunha, F.A.G.; Sampaio, I.; Carneiro, J.; Vogt, R.C.; Mittermeier, R.A.; Rhodin, A.G.J.; Andrade, M.C. 2022. A New South American Freshwater Turtle of the Genus *Mesoclemmys* from the Brazilian Amazon (Testudines: Pleurodira: Chelidae). Chelonian Conservation and Biology 21: 158-180.

Cunha, F.A.G.; Araújo, C.P. 2018. *Philodryas olfersii*. Diet. Herpetological Review 49: 138-139.

Daza, J.D.; Price, L.B.; Schalk, C.M. et al. 2017. Predation on Southern Turnip-tailed geckos (*Thecadactylus solimoensis*) by a Spectacled Owl (*Pulsatrix perspicillata*). Cuadernos de herpetologia 31: 1-3.

De-Carvalho, C.B.; Oliveira, J.S.P.; Freitas, E.B. et al. 2021. *COLOBOSAURA MODESTA* (Bahia Colobosaura). PREDATION. Herpetological Review 52: 404.

Dias, D.M. 2012. História natural do lagarto partenogenético *Leposoma percarinatum* (Squamata: Gymnophthalmidae) em floresta amazônica, Pará, Brasil. Dissertação. Universidade Federal do Pará.

Dias, M.A.P.C.; Vieira, E.M.A.; Assis, C.L.; Feio, R.N. 2023. Predation of *Ophiodes fragilis* (Squamata: Anguidae) by *Cariama cristata* (Cariamiformes: Cariamidae). Caldasia 45: 380-382.

Dias, A.P.G.; Macedo, K.F.; Assis, C.L. et al. 2023. First Record of Predation on South American Wormlizards (*Ophiodes* sp.) by Duméril's False Coralsnake (*Oxyrhopus clathratus*). Reptiles & Amphibians 30: e19836.

Dias-Silva, F.; Couto, R.M.P.; Miguel, M.C. et al. 2021. Predatory interaction between two anuran species with *Thamnodynastes chaquensis* (Colubridae) in the Brazilian Cerrado. Acta Biológica Colombiana 26: 273-277.

Díaz-Flórez, R.; Alacarcón-Naforo, D.J. 2021. Predation by a Green Vinesnake, *Oxybelis fulgidus* (Squamata: Colubridae), on a Bridled Forest Gecko, *Gonatodes humeralis* (Squamata: Sphaerodactylidae), in Colombia. Reptiles & Amphibians 28: 435-436.

Díaz-García, J.M.; Vásquez-Cruz, V.; Sandoval-Comte, A. et al. 2023. Depredación de huevos de la rana de cristal norteña Hyalinobatrachium viridissimum por la culebra-cordelilla chata Imantodes cenchoa en un bosque de niebla de Veracruz, México. Revista Latinoamericana de Herpetología 6: e680.

Diaz-Ricaurte, J.C.; Antúnez-Fonseca, C.A.; Perdomo, A. et al. 2024. Birds as prey: Expanding the dietary niche of Neotropical *Spilotes* snakes with the description of the anti-predator responses of birds. North-Western Journal of Zoology 20: 144-150.

Diniz, H.S.; Feio, R.N.; Assis, C.L.; Guedes, J.J.M. 2021. Diet of *Salvator merianae* (Squamata: Teiidae): New prey item and review of predation records. North-Western Journal of Zoology 17: 309-314.

Di Pietro, D.O. 2015. Historia natural y ecología de los ofidios (Reptilia: Serpentes) de las Sierras Australes de la provincia de Buenos Aires, Argentina. Universidad Nacional de La Plata.

Domic, E.; Martínez, J.; Spanowicz, M.; Wallace, R.B. 2015. *Diploglossus fasciatus* Gray, 1831 (Diploglossa: Anguidae). Primer registro para el Parque Nacional y Área Natural de Manejo Integrado Madidi. Cuadernos de herpetologia 29: 99-100.

Domingos, F.M.C.B.; Arantes, I.C.; Bosque, R.J.; Santos, M.G. 2017. Nesting in the lizard *Phyllopezus pollicaris* (Squamata: Phyllodactylidae) and a phylogenetic perspective on communal nesting in the family. Phyllomedusa 16: 255-267.

Dorado-Rodrigues, T.F.; Campos, V.A.; Santos, M.M. et al. 2012. Circumstances and bioacoustics of the distress call of *Leptodactylus chaquensis* (Anura: Leptodactylidae) during predation by *Thamnodynastes chaquensis* (Serpentes: Dipsadidae) in the Brazilian Pantanal. Salamandra 48: 237-240.

Dorigo, T.A.; Maia-Carneiro, T.; Almeida-Gomes, M. et al. 2014. Diet and helminths of *Enyalius brasiliensis* (Lacertilia, Iguania, Leiosauridae) in an Atlantic Rainforest remnant in southeastern Brazil. Brazilian Journal of Biology 74: 199-204.

Duarte, M.R.; Puorto, G.; Franco, F.L. 1995. A Biological Survey of the Pitviper *Bothrops insularis* Amaral (Serpentes, Viperidae): an Endemic and Threatened Offshore Island Snake of Southeastern Brazil. Studies on Neotropical Fauna and Environment 30: 1-13.

Duarte, M.R.; Neto, D.G.; Junior, T.V.; Pinheiro, M.A.A. 2014. Predation on the sleeper goby, *Guavina guavina* (Perciformes, Eleotridae), by the military ground snake, *Erythrolamprus miliaris orinus* (Serpentes, Dipsadidae), in a mangrove area of Southeastern Brazil. Herpetology Note 7: 577-580.

Dubeux, M.J.M.; Gonçalves, U.; Mott, T. 2020. Records of predation on *Ophiodes striatus* (Spix, 1824) (Squamata: Diploglossidae) by *Oxyrhopus petolarius* (Linnaeus, 1758) (Squamata: Dipsadidae) in the northern Atlantic Forest, Brazil. Cuadernos de herpetologia 34: 247-250.

Dutra-Araújo, D.; Marioni, B.; Fraga, R.; Silveira, R. 2017. Snakes as prey of Cuvier's Dwarf Caiman (*Paleosuchus palpebrosus*: Alligatoridae), with a new observation from central Amazonia, Brazil. Herpetology Notes 10: 169-170.

Eisfeld, A.; Pizzatto, L.; Vrcibradic, D. 2021. Diet of the Semiaquatic Snake *Erythrolamprus miliaris* (Dipsadidae, Xenodontinae) in the Brazilian Atlantic Forest. Journal of Herpetology 55: 330-337.

Entiauspe-Neto, O.M.; Lema, T. 2015. *Apostolepis christineae* Lema, 2002 (Serpentes: Xenodontinae: Elapomorphini): first record for Bolivia. Check List 11: 1814.

Entiauspe-Neto, O.M.; Quintela, F.M.; Pino, S.R.; Loebmann, D. 2018. *OPHIODES STRIATUS* (Brazilian Glass Lizard). PREDATION. Herpetological Review 49: 331.

Escalona, M. 2012. Cannibalism of *Liophis lineatus* (Linnaeus) (Serpentes: Colubridae) in natural conditions. Herpetotropicos 7: 35-37.

Esqueda, L.F.; Briceño, D.; Perdomo, J. et al. 2023. Biological curiosities on the natural history of lizards from Venezuela: saurophagy of *Gonatodes albogularis* (Duméril & Bibron, 1836) by *Tropidurus hispidus* (Spix, 1825), and attack of *Gymnophthalmus speciosus* (Hallowell, 1861) by a larva of *Myrmeleon* sp. (Neuroptera). Revista Latinoamericana de Herpetología 6: 100-106.

Etchepare, E.G.; Zaracho, V.H. 2009. Serpentes, Colubridae, *Taeniophallus poecilopogon* (Cope, 1863). CheckList 5: 770-772.

Etchepare, E.; Zaracho, V.; Semhan, R.; Aguirre, R. 2012. Further notes on the reproduction of *Hydrops caesurus* (Serpentes: Colubridae) from Corrientes, Argentina. Herpetology Notes 5: 169-170.

Evangelista, M.M.; Andrade, M.L.F.; Almeida, S.M.; Buso Junior, A.A. 2012. Predação de *Caiman yacare* (Spix, 1825) (Crocodilia, Alligatoridae) por *Busarellus nigricollis* (Latham, 1790) (Accipitriformes, Accipitridae) na Estação Ecológica de Taiamã, Alto Pantanal, Mato Grosso. Revista Brasileira de Ornitologia 20: 73-74.

Eversole, C.B.; Powell, R.L.; Lizarro, D.; Vaca, G.C. 2020. Predation on a strabomantid frog (*Pristimantis reichlei*) by a Northern woodland racer (*Drymoluber dichrous*) in Northern Bolivia. Herpetology Notes 13: 571-572.

Eversole, C.B.; Powell, R.L.; Rivas, L.R. et al. 2023. *OXYBELIS FULGIDUS* (Green Vine Snake). DIET. Herpetological Review 54: 495-496.

Eversole, C.B.; Rivas, L.R.; Powell, R.L. 2025. Ophiophagy in *Bothrops mattogrossensis*: Predation on *Helicops angulatus* and potential for reciprocal interactions among Neotropical snakes. Food Webs 44: e00412.

Fáchin-Téran, A.; Vogt, R.C. 2014. Alimentação de *Podocnemis sextuberculata* (Testudines: Podocnemidae) na Reserva Mamirauá, Amazonas, Brasil. Revista Colombiana de Ciencia Animal 6: 285-298.

Fagundes, C.K.; Bagerm A. 2007. Ecologia reprodutiva de *Hydromedusa tectifera* (Testudines: Chelidae) no sul do Brasil. Biota Neotropica 7: 179-184.

Fagundes, C.K.; Bager, A.; Cechin, S.T.Z. 2010. *Trachemys dorbigni* in an anthropic environment in southern Brazil: II) Reproductive ecology. Herpetological Journal 20: 195-199.

Fagundes, V.; Baião, L.A.; Vianna, L.A. et al. 2009. *Bothrops leucurus* (Serpentes, Viperidae) preying on *Micrurus corallinus* (Serpentes, Elapidae) and *Blarinomys breviceps* (Mammalia, Cricetidae). Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 25: 67-71.

Falcão, B.B.; Abreu, J.L.P.; Santana, D.J. 2025. First documented cases of cannibalism in *Bothrops moojeni* Hoge, 1966 from the Cerrado of central Brazil. Herpetology Notes 18: 39-41.

Falkenberg, L.M.; Protázio, A.S.; Albuquerque, R.L.; Mesquita, D.O. 2013. Predation of *Phyllomedusa nordestina* (Anura: Hylidae) by *Leptodeira annulata* (Serpente: Dipsadidae) in a temporary pond. Herpetology Notes 6: 97-98.

Famelli, S.; Adriano, L.R.; Pinheiro, S.C.P.; Souza, F.L.; Bertoluci, J. 2014. Reproductive Biology of the Freshwater Turtle *Hydromedusa maximiliani* (Chelidae) from Southeastern Brazil. Chelonian Conservation and Biology 13: 81-88.

Famelli, S.; Souza, F.L.; Georges, A.; Bertoluci, J. 2016. Movement patterns and activity of the Brazilian snake-necked turtle *Hydromedusa maximiliani* (Testudines: Chelidae) in southeastern Brazil. Amphibia-Reptilia.

Faria, S.P.; Camurugi, F.; Leite, J.C.M.; Marques, R. 2021. Preliminary data on the reproductive biology for *Thamnodynastes almae* Franco and Ferreira, 2002, (Dipsadidae: Xenodontinae: Tachymenini) in a Caatinga-Atlantic Forest transitional area of Bahia, Brazil. Herpetology Notes 14: 15-20.

Farina, R.K.; Dias, J.; Tozetti, A.M. 2019. *ERYTHROLAMPRUS MILIARIS* (Military Ground Snake). DIET and FORAGING BEHAVIOR. Herpetologica Review 50: 799-800.

Favretto, M.A. 2024. Ações para conservação do cágado-rajado (*Phrynops williamsi*) em Santa Catarina, Brasil. Acta Biológica Catarinense 11: 19-30.

Feitosa, M.L.B.; Silva-Junior, A.O.; Ximenes, R.E.J. et al. 2022. Scorpion mimicry behaviour in *Coleodactylus meridionalis* (Squamata: Sphaerodactylidae) in the northeastern Atlantic Forest. Herpetology Notes 15: 829-831.

Fermiano, E.C.; Silva-Alves, V.D.; Silva, O.D. et al. 2020. New records of *Apostolepis kikoi* Santos et al., 2018 (Serpentes, Dipsadidae) in the state of Mato Grosso, Central-West Brazil. Check List 16: 1049-1053.

Fernandes, I.Y.; Marinho, I.; Viana, P.F. 2020. *TROPIDURUS HISPIDUS* (Neotropical Lava Lizard). DIET. Herpetological Review 51: 135.

Fernandes, D.S.; Hamdan, B. 2014. A new species of *Chironius* Fitzinger, 1826 from the state of Bahia, Northeastern Brazil (Serpentes: Colubridae). Zootaxa 3881: 563-575.

Fernandes, I.Y.; Koch, E.D.; Mônico, A.T. 2023. First record of a snake call in South America: the unusual sound of an ornate snail-eater *Dipsas catesbyi*. Acta Amazonica 53: 243-245.

Fernandes, I.Y.; Koch, E.D.; Mônico, A.T. 2022. ERYTHROLAMPRUS TYPHLUS TYPHLUS (Cobra-verde, Velvet Swampsnake). DIET. Herpetological Review 53: 509.

Fernández-Roldán, J.D.; Medina-Rangel, G.F.; López-Perilla, Y.R. 2021. First record of predation of *Micrurus mipartitus* (Serpentes: Elapidae) on *Oscaecilia polyzona* (Gymnophiona: Caeciliidae) in Colombia. Revista Latinoamericana de Herpetología 4: 199-202.

Ferrara, C.R.; Fagundes, C.K.; Morcatty, T.Q.; Vogt, R.C. 2017. Quelônios Amazônicos: guia de identificação e distribuição. Manaus: WCS.

Ferreira, A.S.; Silva, A.O.; Conceição, B.M.; Faria, R.G. 2017. The diet of six species of lizards in an area of Caatinga, Brazil. Herpetological Journal 26: 151-160.

Ferreira, A.S.; Ferreira, R.C.S.; Dayrell, J.S. 2020. *IMANTODES CENCHOA* (Blunt-headed Treesnake). DIET. Herpetological Review 51: 620-621.

Ferreira, G.N.; Abreu, L.M.; Belufi, P.R. et al. 2022. Nest predation of *Sporophila nigricollis* (Thraupidae: Sporophilinae) by *Philodryas olfersii* (Serpentes: Colubridae) in the Brazilian Cerrado. Herpetology Notes 15: 249-251.

Ferreira, A.S.; Faria, R.G.; Silva, I.R.S. 2012. *LIOPHIS ALMADENSIS* (Almaden Ground Snake). PREDATION. Herpetological Review 43: 147.

Ferreira-Silva, C.; Ribeiro, S.C.; Alcantara, E.P.; Ávila, R.W. 2019. Natural history of the rare and endangered snake *Atractus ronnie* (Serpentes: Colubridae) in northeastern Brazil. Phyllomedusa 18: 77-87.

Ferreira Junior, P.D.; Balestra, R.A.M.; Moreira, J.R. et al. 2011. Nesting of *Phrynops geoffroanus* (Testudines: Chelidae) on sandy beaches along the Upper Xingu River, Brazil. Zoologia 28: 571-576.

Ferreira Junior, P.D.; Castro, P.T.A. 2010. Nesting ecology of *Podocnemis expansa* (Schweigger, 1812) and *Podocnemis unifilis* (Troschel, 1848) (Testudines, Podocnemididae) in the Javaés River, Brazil. Brazilian Journal of Biology 70: 85-94.

Figueiredo, V.A.M.B.; Aguiar, K.M.O.; Tavares-Pinheiro, R.; Freitas, A.P.; Costa-Campos, C.E. 2021. Predation on a Brazilian Pygmy Gecko, *Chatogekko amazonicus* (Squamata, Sphaerodactylidae), by a Wolf-Spider, *Lycosa* sp. (Araneae, Lycosidae). Revista latinoamericana de herpetologia 4: 181-183.

Figueiredo, V.A.M.B.; Calado, J.F.; Arraes, D.R.S. et al. 2021. Predation on *Loxopholis guianense* (Ruibal, 1952) (Squamata, Gymnophthalmidae) by *Ancylometes rufus* (Walckenaer, 1837) (Araneae, Ctenidae). Herpetology Notes 14: 887-888.

Filadelfo, T.; Camardelli, M.; Abreu, R.O. 2013. ATRACTUS GUENTHERI (Günther's Ground Snake). REPRODUCTION. Herpetological Review 44: 151.

Filho, L.M.C.; Nascimento, D.G.; Argolo, A.J.S. 2017. Death of *Oxyrhopus petolarius* (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Dipsadidae) after an unsuccessful predation event on *Tropidurus torquatus* (Wied-Neuwied, 1820) (Sauria: Tropiduridae). Herpetology Notes 10: 71-73.

Filho, J.D.B.; Freitas, M.A.; Silva, T.F.S. et al. 2013. On the Distribution and Habitat of *Leposternon octostegum* (Duméril, 1851) (Squamata:, Amphisbaenidae). Wildl. Biol. Pract. 9: 1-6.

Filho, M.L.V.B.; Soares, D.O.; Hauser-Davis, R.A. et al. 2023. *LEPOSTERNON POLYSTEGUM* (Bahia Worm Lizard). PREDATION and SCAVENGING. Herpetological Review 54: 290.

Filho, M.L.V.B.; Hauser-Davis, R.A.; Siciliano, S. 2024. *EPICTIA BORAPELIOTES* (Caatinga Threadsnake). DEFENSIVE BEHAVIOR. Herpetological Review 55: 280.

Filho, M.L.V.B.; Soares, D.O.; Siciliano, S.; Hauser-Davis, R.A. 2023. *LEPTOPHIS DIBERNARDOI*. DIET. Herpetological Review 54: 314-315.

Filho, M.L.V.B.; Hauser-Davis, R.A.; Siciliano, S. et al. 2023. *PSEUDOBOA NIGRA* (Black False Boa). DIET. Herpetological Review 54: 319.

Fiorillo, B.F.; Souza, P.R.; Martins, M. 2013. *Mussurana bicolor* (Serpentes: Dipsadidae: Pseudoboini) preying upon *Helicops leopardinus* (Serpentes: Dipsadidae: Hydropsini). Herpetologia Brasileira 2: 40-41.

Fiorillo, B.F.; Batista, D.S. 2019. Predation on Gray Tinamou eggs (*Tinamus tao*, Tinamiformes: Tinamidae) by a rainbow boa (*Epicrates cenchria*, Serpentes: Boidae). Herpetology Notes 12: 79-81.

Firme, M.S.; Cunha, S.W.; Carrillo, J.F.C. et al. 2024. Biological aspects of *Ameivula nigrigula* (Squamata: Teiidae): feeding habit, sexual dimorphism, reproduction and maturation of females. Oecologia Australis 28: 199-209.

Fitzgerald, L.A. 2003. Microteiids (Gymnophthalmidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Fitzgerald, L.A. 2003b. Whiptail lizards, tegus, and relatives (Teiidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Folly, H.S.G.; Souza, R.A. 2024. *LEPOSTERNON MICROCEPHALUM* (Small-head Worm Lizard). PREDATION. Herpetological Review 55: 563.

Folly, H.; Thaler, R.; Silva, L.A. 2025. Predation on *Pristimantis pluvian* (Anura: Strabomantidae) by *Paleosuchus trigonatus* (Crocodylia: Alligatoridae) in the Brazilian Amazon. Revista Latinoamericana de Herpetologia 8: 154-157.

Folly, H.; Neves, M.O.; Pereira, E.A. et al. 2015. Predation on *Leposternon microcephalum* Wagler, 1824 (Squamata, Amphisbaenidae) by *Cariama cristata* Linnaeus, 1766 (Cariamiformes, Cariamidae). Herpetology Notes 8: 465-466.

Fonseca, E.; Lanna, F.; Carvalho, R.; Gehara, M. 2012. Predation on *Sibynomorphus neuwiedi* (Serpentes: Dipsadidae) by *Leptodactylus labyrinthicus* (Anura: Leptodactylidae) in southeastern Brazil. Herpetology Notes 5: 167-168.

Foreno-Medina, G.; Castaño-Mora, O.V.; Montenegro, O. 2007. Abundance, Population Structure, and Conservation of *Kinosternon scorpioides* albogulare on the Caribbean Island of San Andre´s, Colombia. Cheloninan Conservation and Biology 6: 163-169.

Forti, L.R.; Bertoluci, J. 2012. Distress call of *Hypsiboas faber* (Anura: Hylidae) during a *Liophis miliaris* (Serpentes: Colubridae) attack. Herpetology Notes 5: 187-188.

Fraga, R.; Lima, A.P.; Prudente, A.L.C.; Magnusson, W.E. 2013. Guia de cobras da região de Manaus – Amazônia Central. Manaus: Editora INPA.

Franco, D.L.; Coelho, A.G.A.; Silva, A.J. 2024. First report of predation of a smooth-fronted caiman (*Paleosuchus trigonatus*) by a Neotropical otter (*Lontra longicaudis*). Acta Amazonica 54: e54bc23340.

França, F.G.R.; Braz, V.S. 2009. Predation on the lizard *Polychrus acutirostris* (Squamata, Polychrotidae) by the curl-crested jay *Cyanocorax cristatellus* (Aves, Corvidae) in the Cerrado of Central Brazil. Biotemas 22: 243-245.

França, F.G.R.; Lima, R.A. 2012. First record of predation on the bat *Carollia perspicillata* by the false coral snake *Oxyrhopus petolarius* in the Atlantic Rainforest. Biotemas 25: 307-309.

Franzini, L.D.; Teixeira, A.A.M.; Araujo Filho, J.A.; Mesquita, D.O. 2017. Predation of *Norops fuscoauratus* (Duméril and Bibron, 1837) by *Kentropyx calcarata* (Spix, 1825) in a remnant of Atlantic Forest, Brazil. Herpetology Notes 10: 249-250.

Franzini, L.D.; Pedro, C.K.B.; Cavalcenti, L.B.Q.; Mesquita, D.O. 2018. Predation of *Hemidactylus mabouia* (Sauria: Gekkonidae) by a vine snake *Oxybelis aeneus* (Serpentes: Colubridae) in an Atlantic Forest fragment, Northeastern Brazil. Pesquisa e Ensino em Ciências Exatas e da Natureza 2: 67-70.

Freitas, M.A. 2003. Serpentes brasileiras. Ed. Lauro de Freitas.

Freitas, M.A. 2011. Répteis do nordeste brasileiro. Pelotas: USEB.

Freitas, J.L.; Strüssmann, C.; Carvalho, M.A. et al. 2011b. A new species of *Bachia* Gray, 1845 (Squamata: Gymnophthalmidae) from the Cerrado of Midwestern Brazil. Zootaxa 2737: 61-68.

Freitas, M.A.; França, D.P.F.; Veríssimo, D. 2011. First record of *Cercosaura eigenmanni* (Griffin, 1917) (Squamata: Gymnophthalmidae) for the state of Acre, Brazil. CheckList 7: 516.

Frota, J.G. 2005. Biologia reprodutiva e dieta de Liophis jaegeri jaegeri (günther, 1858) (Serpentes, Colubridae, Xenodontinae). Dissertação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Gallão, J.E.; Torres, D.F.; Martins, A. et al. 2025. A wayward blindsnake: first record of predation on a wormsnake, *Liotyphlops ternetzii* (Boulenger, 1896), by the spitting spider *Scytodes eleonorae* in a cave of northern Brazil. Herpetology Notes 18: 253-257.

Gama, C.S.; Pedroso-Santos, F.; Sanches, P.R.; Costa-Campos, C.E. 2018. *OXYBELIS FULGIDUS* (Green Vinesnake). DIET. Herpetological Review 49: 759.

Garcez, J.R. 2012. Alimentação de tracajá (*Podocnemis unifilis*), iaçá (*Podocnemis sextuberculata*) e tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*) no Rio Juruá, Amazonas. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Amazonas.

García-Ayachi, L.A.; Wittwer, M.; Kirkby, C. 2020. *Anolis tandai*, a new dietary record for the Amazon ringed snake, *Rhinobothryum lentiginosum* (Scopoli, 1785) (Squamata: Colubridae). Herpetology Notes 13: 981-987.

García-Ayachi, L.A.; Ramírez-Castillo, S.; Deza, D. et al. 2025. First Records of the Black False Boa, *Pseudoboa nigra* (Duméril, Bibron, and Duméril 1854) (Squamata: Dipsadidae), in Peru. Reptiles & Amphibians 32: e23302.

Garcia-da-Silva, A.S. 2024. Predação de *Tretioscincus agilis* (Squamata: Scincidae) por *Oxyrhopus melanogenys* (Squamata: Dipsadidae) na região oeste do Pará, Amazônia, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi 19: e2024-e964.

Garda, A.A.; Costa, G.C.; França, F.G.R. et al. 2012. Reproduction, Body Size, and Diet of *Polychrus acutirostris* (Squamata: Polychrotidae) in Two Contrasting Environments in Brazil. Journal of Herpetology 46: 2-8.

Garda, A.A.; Medeiros, P.H.S.; Lion, M.B. et al. 2014. Autoecology of *Dryadosaura nordestina* (Squamata: Gymnophthalmidae) from Atlantic forest fragments in Northeastern Brazil. Zoologia 31: 418-425.

Garin, C.F.; Hussein, Y. 2013. Guía de Reconocimiento de Anfíbios y Reptiles de la Región de Valparaíso. Chile: Serviço Agricola y Ganadero.

Gava-Just, J.P. 2022. Lagartos de Santa Catarina. Nova Veneza: J.P. Gava-Just.
Gentil, E.; Medeiros, L.A.; Vogt, R.C.; Barnett, A.A. 2021. Biology of the Big-headed Amazon River Turtle, *Peltocephalus dumerilianus* (Schweigger, 1812) (Testudines, Pleurodira): the basal extant Podocnemididae species. Hertozoa 34: 207-222.
George, S.E. 2023. An Amazon Coachwhip, *Chironius carinatus* (Linnaeus 1758), Preying on a Pepper Treefrog, *Trachycephalus typhonius* (Linnaeus 1758), in Trinidad, West Indies. Reptiles & Amphibians 30: e20759.
George, S.E. 2023. Predation of a Three-lined Snake *Atractus trilineatus* by a Trinidad Black-backed Snake *Erythrolamprus melanotus nesos*. Living World 2023: 172-173.
Ghizoni-Jr., I.R.; Silva, E.S. 2023. *XENODON NEUWIEDII* (False Lancehead). DIET. Herpetological Review 54: 503.
Ghizoni-Jr., I.R. 2024. *XENODON NEUWIEDII* (False Lancehead). DIET. Herpetological Review 55: 594-595.
Giambelluca, L.A. 2015. Serpientes bonaerenses. La Plata: EdULP.
Giraudo, A.R.; Arzamendia, V.; Bellini, G.P. et al. 2014. Ecología de una gran serpiente sudamericana, *Hydrodynastes gigas* (Serpentes: Dipsadidae). Revista Mexicana de Biodiversidad 85: 1206-1216.
Giugliano, L.G.; Nogueira, C.C.; Valdujo, P.H. et al. 2013. Cryptic diversity in South American Teiinae (Squamata, Teiidae) lizards. Zoologica Scripta 1-15.
Glória, C.M.; Oliveira, R.B.; Tozetti, A.M. 2020. *CERCOSAURA SCHREIBERSII* (Long-tailed Little Lizard). PREDATION. Herpetological Review 51: 847.
Godinho, L.B.; Moura, M.R.; Peixoto, M.A.; Feio, R.N. 2012. Notes on the diet of *Philodryas nattereri* (Squamata: Colubridae) in southeastern Brazil. Salamandra 48: 233-234.
Goldberg, S.R.; Bursey, C.R.; Greenbaum, E. 2022. GONATODES HUMERALIS (Trinidad Gecko; Lagartixa-da-Ma-ta). DIET. Herpetological Review 53: 680.
Golobovante, A.M.C.; Mourão, J.B.; Santos-Jr., A.P. 2024. First record of predation by the pit viper *Bothrops atrox* (Squamata: Viperidae) on a water snake (Squamata: Dipsadidae: *Helicops polyleps*) in the Eastern Amazon. Revista Ouricuri 14: 3-6.
Gomes, J.O.; Maciel, A.O. 2012. A new species of *Amphisbaena* Linnaeus (Squamata, Amphisbaenidae) from the state of Maranhão, northern Brazilian Cerrado. Zootaxa 3572: 43-54.
Gomes, J.O.; Maciel, A.O.; Costa, J.C.L.; Andrade, G.V. 2009. Diet Composition in Two Sympatric Amphisbaenian Species (Amphisbaena ibijara and Leposternon polystegum) from the Brazilian Cerrado. Journal of Herpetology 43: 377-384.
Gomes, C.A.; Facure, K.G.; Marques, O.A.V. 2012. Grass mice (*Akodon* sp.): an unrecorded prey for the dipsadid snake *Taeniophallus affinis*. Herpetology Notes 5: 41-42.
Gomes, C.A.; Marques, O.A.V. 2012. Food habits, reproductive biology, and seasonal activity of the dipsadid snake, *Echinanthera undulata* (Wied, 1824), from the atlantic forest in southeastern Brazil. South American Journal of Herpetology 7: 233-240.
Gómez-Hoyoz, D.A.; Escobar-Lasso, S.; Suarez-Joaqui, T.; Velasco, J.A. 2015. Predation on the bush anole *Polychrus gutturosus* by the parrot snake *Leptophis ahaetulla*, with a new record of the bush anole for the Gorgona Island National Natural Park, Colombia. Herpetology Notes 8: 297-301.
Gomides, S.C.; Junior, M.T.; Leal, F. et al. 2020. Redescription and Geographical Distribution of a Rare Microteiid Lizard: *Rhachisaurus brachylepis* (Dixon, 1974) (Squamata: Gymnophthalmidae). South American Journal of Herpetology 15: 20-29.
Gonçalves, F.A.; Cechi, S.Z.; Bager, A. 2007. Nest predation of *Trachemys dorbigni* (Duméril & Bibron) (Testudines, Emydidae) in Southern Brazil. Revista Brasileira de Zoologia 24: 1063-1070.
Gonçalves, R.A.S.; Filho, A.L.C.; Araújo, R.N.M.; Silva-Soares, T. 2024. *CHIRONIUS MULTIVENTRIS* (Brazilian Sipo Snake). DIET. Herpetological Review 55: 446.
Gonçalves, M.N.; Pagel, G.S.; Silva, H.M.J.S. et al. 2022. *HELICOPS LEOPARDINUS* (Leopard Keelback). PREDATION. Herpetological Review 53: 150-151.
Gonçalves-Sousa, J.G.; Oliveira, H.F.; Ávila, R.W. 2024. Autecology of the gecko *Phyllopezus periosus* (Squamata: Phyllodactylidae) inhabiting rock cliffs of a waterfall canyon from the semi-arid region of northeastern Brazil. Acta Herpetologica 19: 41-55.
Gonzalez, R.C.; Silva-Soares, T.; Crozariol, M.A. et al. 2016. *Corallus hortulanus* (Linnaeus, 1758) (Squamata: Serpentes: Boidae) diet: predation events on two Passeriformes at the Atlantic Rainforest, southeastern Brazil. Herpetology Notes 9: 87-89.
Gonzalez, R.C.; Bezerra, L.L.; Souza, C.J.C.; Almeida, B.L.M. 2024. *LEPTOPHIS DIBERNARDOI* (Dibernardo's Parrot Snake). DIET. Herpetological Review 55: 285.
Gonzalez, R.C.; Castro, T.M.; Silva-Soares, T. 2016. Predation of the Water snake *Erythrolamprus miliaris* (Serpentes: Dipsadidae) by the Crab-eating fox *Cerdocyon thous* (Carnivora: Canidae). Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 38: 315-323.

Gonzalez, R.C.; Faustino, D.; Prado, P. et al. 2018. Regurgitating *Micrurus corallinus* (Serpentes, Elapidae) reveals another record for the rare caecilian *Chthonerpeton* aff. *braestrupi* (Gymnophiona, Typhlonectidae). Herpetology Notes 11: 663-665.

Gonzalez, R.C.; Abegg, A.D.; Mendes, D.M.M. et al. 2020. Lista dos nomes populares dos répteis do Brasil – primeira versão. Herpetologia Brasileira 9: 121-214.

González-Acosta, C.; Erb, E.; Culebras, J. 2023. First report of predation of *Imantodes cenchoa* (Colubridae) on *Basiliscus galeritus* (Corytophanidae) in a tropical humid forest in Colombia. Revista Latinoamericana de Herpetología 6: e541.

Gorzula, S.J. 1978. An Ecological Study of *Caiman crocodilus crocodilus* Inhabiting Savanna Lagoons in the Venezuelan Guayana. Oecologia 35: 21-34.

Grisales-Martínez, F.A.; Rendón-Valencia, B. 2014. *Cnemidophorus lemniscatus*. Catálogo de Anfibios y Reptiles de Colombia 2: 43-50.

Grisales-Martínez, F.A.; Cárdenas-Ortega, M.S.; Rendón-Valencia, B.E. 2024. Predation by a Brown Rainbow Boa (*Epicrates maurus*) on a Khaki Ameiva (*Ameiva bifrontata*) in Colombia. Reptiles & Amphibians 31: e22641.

Guedes, T.B. 2018. *XENOPHOLIS UNDULATUS* (Jensen's Groundsnake). DIET. Herpetological Review 49: 142.

Guimarães, L.J.; Srbek-Araujo, A.C. 2018. Attempted predation of *Ameivula nativo* by *Tropidurus torquatus* (Reptilia: Squamata, Sauria) with ingestion of tail fragments in southeastern Brazil. Herpetology Notes 11: 709-713.

Guedes, J.J.M.; Fantuzzi, D.; Assis, C.L.; Feio, R.N. 2022. Reproductive biology of *Gymnodactylus darwinii* (Gray, 1845) (Squamata: Phyllodactylidae) from southeastern Brazil. Acta Zoologica 103: 141-149.

Guedes, T.B.; Entiauspe-Neto, O.M.; Costa, H.C. 2023. Lista de répteis do Brasil: atualização de 2022. Herpetologia Brasileira 12(1): 56-161.

Guedes, T.; Guedes, A. 2020. Notes on court and copula, fertility, nest, eggs and hatchlings of the Caatinga's black snake *Boiruna sertaneja* Zaher, 1996 (Serpentes: Dipsadidae) from northeastern Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências 92: e20190588.

Guedes, T.B. 2018. *THAMNODYNASTES SERTANEJO*. DIET. Herpetological Review 49: 356.

Guedouar, E.; Davis, L.; Rodriguez, A.; Metcalf, M. 2023. *CLELIA CLELIA* (Mussurana). DIET. Herpetological Review 54: 132.

Guilherme, E.; Canizo, R.; Araújo, J.S. 2016. Predation of a lizard (*Plica umbra*) by Pygmy Marmosets (*Cebuella pygmaea*) in a forest fragment in southwestern Brazilian Amazon. Neotropical Primates 23: 38-40.

Haad, J.J.S. 1994. Los *Micrurus* de la Amazonia Colombiana. Biología y toxicologia experimental de sus venenose. Colombia Amazonica 7: 1-76.

Hahn, A.T.; Rosa, C.A.; Bager, A.; Krause, L. 2013. Dietary variation and overlap in D'Orbigny's slider turtles *Trachemys dorbigni* (Duméril and Bibron 1835) (Testudines: Emydidae). Journal of Natural History 48: 721-728.

Haller, E.C.P.; Rodrigues, M.T. 2006. Reproductive Biology of the Six-Tubercled Amazon River Turtle *Podocnemis sextuberculata* (Testudines: Podocnemididae), in the Biological Reserve of Rio Trombetas, Pará, Brazil. Chelonian Conservation and Biology 5: 280-284.

Hardy, L.M.; Cole, C.J.; Townsend, C.R. 1989. Parthenogenetic Reproduction in the Neotropical Unisexual Lizard, *Gymnophthalmus underwoodi* (Reptilia: Teiidae). Journal of Morphology 201: 215-234.

Hartmann, M.T.; Grande, M.L.D.; Gondim, M.J.C. et al. 2002. Reproduction and Activity of the Snail-Eating Snake, *Dipsas albifrons* (Colubridae), in the Southern Atlantic Forest in Brazil. Studies on Neotropical Fauna and Environment 37: 1-4.

Hartmann, P.A.; Hartmann, M.T.; Giasson, L.O.M. 2003. Uso do hábitat e alimentação em juvenis de *Bothrops jararaca* (Serpentes, Viperidae) na Mata Atlântica do sudeste do Brasil. Phyllomedusa 2: 35-41.

Hartmann, P.A.; Marques, O.A.V. 2005. Diet and habitat use of two sympatric species of *Philodryas* (Colubridae), in south Brazil. Amphibia-Reptilia 26: 25-31.

Hartmann, M.T.; Marques, O.A.V.; Almeida-Santos, S.M. 2004. Reproductive biology of the southern Brazilian pitviper *Bothrops neuwiedi* pubescens (Serpentes, Viperidae). Amphibia-Reptilia 25: 77-85.

Hartmann, M.T.; Hartmann, P.A.; Cechin, S.Z.; Martins, M. 2005. Feeding Habits and Habitat Use in *Bothrops pubescens* (Viperidae, Crotalinae) from Southern Brazil. Journal of Herpetology 39: 664-667.

Henderson, R.W.; Pauers, M.J. 2012. On the diets of neotropical treeboas (Squamata: Boidae: *Corallus*). South American Journal of Herpetology 7: 172-180.

Henle, K.; Knogge, C. 2009. Water-filled bromeliad as roost site of a tropical lizard, *Urostrophus vautieri* (Sauria: Leiosauridae). Studies on Neotropical Fauna and Environment 44: 161-162.
Herrera-Alzate, J.F. 2023. Notes on Clutch Size, Incubation Period, and Hatchling Size of the Elegant-eyed Lizard, *Cercosaura argulus* Peters 1862. Reptiles & Amphibians 30: e21221.
Hickman, C.P.; Keen, S.L.; Eisenhour, D.J.; Larson, A.; l'Anson, H. 2022. Princípio Integrados de Zoologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
Hidalgo, A.B.; Bentley, A.G.; Mesonero, N. et al. 2025. First dietary records for *Erythrolamprus guentheri* (Colubridae): ophiophagy of *Tantilla melanocephala* (Colubridae). Revista Latinoamericana de Herpetología 8: 132-138.
Hinojosa, K.; Ayala-Varela, F. 2025. New Prey Records for the Black Mussurana, *Clelia clelia* (Dipsadidae), in Ecuador. Reptiles & Amphibians 32: e22773.
Holman, J.A. 2003. Evolution of the reptiles. *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Hoogmoed, M.S.; Ávila-Pires, T.C.S. 1991. A new species of small *Amphisbaena* (Reptilia: Amphisbaenia: Amphisbaenidae) from western Amazonian Brazil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi 7: 77-94.
Hoyos, M.A.; Almeida-Santos, S.M. 2016. The South-American rattlesnake *Crotalus durissus*: feeding ecology in the central region of Brazil. Biota Neotropica 16: e20140027.
Iverson, J.B. 2003. Seaturtles (Cheloniidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Iverson, J.B. 2003b. Leatherback seaturtlers (Dermochelyidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Iverson, J.B. 2003c. American mud and musk turtles (Kinosternidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Iverson, J.B. 2003d. Eurasian pond and river turtles, and Neotropical wood turtles (Geoemydidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Iverson, J.B. 2003e. Tortoises (Testudinidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Iverson, J.B. 2003f. Afro-American river turtles (Podocnemididae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Iverson, J.B. 2010. Reproduction in the Red-Cheeked Mud Turtle (*Kinosternon scorpioides cruentatum*) in Southeastern Mexico and Belize, with Comparisons Across the Species Range. Chelonian Conservation and Biology 9: 250-261.
Iverson, J.B.; Schneider, L.; Vogt, R.C. 2017. *Podocnemis sextuberculata*. Catalogue of American Amphibians and Reptiles.
Jairam, R.; Jairam-Doerga, S. 2015. First record of *Amapasaurus tetradactylus* Cunha, 1970 (Squamata: Gymnopthalmidae) in Suriname. CheckList 11: 1730.
Jiménez-Bolaño, J.D.; Sierra-Serrano, O.; Díaz-Flórez, R.A. et al. 2024. New prey records for cat-eyed snakes of the genus *Leptodeira* (Squamata: Dipsadidae) with historical review of the species' diet. Revista Latinoamericana de Herpetología 7: e1023.
Jordán, J.C.; Suarez S., J.; Sánchez, L. 2011. Notas sobre la ecología de *Thecadactylus solimoensis* (Squamata, Phyllodactylidae) de la Amazonía Peruana. Revista peruana de biologia 18: 257-260.
Jorge, R.F.; Simões, P.I. 2018. *PHILODRYAS VIRIDISSIMA* (Common Green Racer). DIET. Herpetological Review 49: 761-762.
Junior, R.M.R.; Araújo, C.M.; Lima, R.S. et al. 2024. Breeding of the anguid lizard *Diploglossus lessonae* in north-east Brazil. The Herpetological Bulletin 168: 23-24.
Just, J.P.G.; Souza, D.A.; Medeiros, P.A. et al. 2023. *TROPIDURUS IMBITUBA* (Imbituba Calango). PREDATION. Herpetological Review 54: 302.
Kearney, M. 2003. Wormlizards (Amphisbaenidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Keogh, J.S. 2003. Cobras, kraits, seasnakes, death adders, and relatives (Elapidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Kiefer, M.C.; Sluys, M.V.; Rocha, C.F.D. 2008. Clutch and egg size of the tropical lizard *Tropidurus torquatus* (Tropiduridae) along its geographic range in coastal eastern Brazil. Canadian Journal of Zoology 86: 1376-1388.

Kley, N.J. 2003. Early blindsnakes (Anomalepididae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Kley, N.J. 2003b. Slender blindsnakes (Leptotyphlopidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Kley, N.J. 2003c. Blindsnakes (Typhlopidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Kollarits, D.; Kriegbaum, M.; Lehner, L.; Ringler, M. 2013. Predation on *Rhinella* cf. *margaritifera* (Laurenti 1768; Anura: Bufonidae) by the colubrid snake *Liophis typhlus* (Linnaeus 1758) (Squamata: Colubridae). Herpetology Notes 6: 457-458.

Kolb, P.; Moser, C.F.; Oliveira, R.B.; Tozetti, A.M. 2018. *PHALOTRIS LEMNISCATUS* (Dumeril's Diadem Snake). PREDATION. Herpetological Review 49: 761.

Kolodiuk, M.F.; Ribeiro, L.B.; Freire, E.M.X. 2010. Diet and Foraging Behavior of Two Species of Tropidurus (Squamata, Tropiduridae) in the Caatinga of Northeastern Brazil. South American Journal of Herpetology 5: 35-44.

Koski, D.A.; Koski, A.P.V.; Merçon, L.; Messas, Y.F. 2013. HEMIDACTYLUS MABOUIA (Tropical House Gecko). PREDATION. Herpetological Review 44: 509.

Koski, D.A.; Koski, A.P.V.; Barreto-Lima, A.F. 2016. Predation of *Polychrus marmoratus* (Squamata: Polychrotidae) by *Buteo albonotatus* (Accipitriformes: Accipitridae) in southeastern Brazil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 38: 23-30.

Koski, A.P.A.; Koski, D.A. 2017. *LEPOSTERNON MICROCEPHALUM* (Small-headed Worm Lizard). PREDATION. Herpetological Review 48: 192-193.

Koski, D.A.; Valadares, R.T.; Barreto-Lima, A.F. 2018. Fruits in the lizard's menu: consumption of *Coleocephalocereus fluminensis* (Cactaceae) by *Tropidurus torquatus* (Tropiduridae). Herpetology Notes 11: 853-855.

Krysko, K.L.; Enge, K.M.; Donlan, E.M. et al. 2007. Distribution, Natural History, and Impacts of the Introduced Green Iguana (*Iguana iguana*) in Florida. Iguana 14: 143-151.

Kuch, U.; Freire, A. 1995. Notes on morphology, reproduction and medical importance of the poorly known Small-eyed Lancehead, *Bothrops microphthalmus* Cope, 1876, in Ecuador. Herpetozoa 8: 81-83.

Kunz, T.S.; Ghizoni-Jr., I.R.; Cherem, J.J.; Bressan, R.F.; Leonardi, S.B.; Zanotelli, J.C. 2018. New records, threats and conservation of *Phrynops williamsi* (Testudines: Chelidae) in Southern Brazil. Herpetology Notes 11: 147-152.

Jairam, R. 2016. Attempted Predation on a Smooth-scaled Worm Lizard, *Gymnophthalmus underwoodi* (Grant 1958) by a Rainbow Whiptail*, Cnemidophorus lemniscatus* (Linnaeus 1758) in Suriname. IRCF Reptiles & Amphibians 23: 93-94.

Lagares, M.A. 2019. História natural e dieta de Enyalius bibronii (Squamata, Leiosauridae) em um enclave de Mata Atlântica. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Paraíba.

Larriera, A.; Piña, C. 2000. *Caiman latirostris* (Broad-Snouted Caiman) nest predation: does low rainfall facilitate predator access? Herpetological Natural History 7: 73-77.

Lasso, C.A.; Trujillo, F.; Morales-Betancourt, M.A.; Amaya, L.; Caballero, S.; Castañeda, B. 2018. Conservación y tráfico de la tortuga matamata, *Chelus fimbriata* (Schneider, 1783) en Colombia: un ejemplo del trabajo conjunto entre el Sistema Nacional Ambiental, ONG y academia. Biota Colombiana 19: 147-159.

Leão, S.M.; Pelegrin, N.; Nogueira, C.C.; Brandão, R.A. 2014. Natural History of *Bothrops itapetiningae* Boulenger, 1907 (Serpentes: Viperidae: Crotalinae), an Endemic Species of the Brazilian Cerrado. Journal of Herpetology 14: 324-331.

Lehr, E.; Jairam, R. 2023. A New Record for Suriname: *Atractus dapsilis* Melo-Sampaio, Passos, Fouquet, Costa-Prudente, and Torres-Carvajal 2019 (Reptilia: Dipsadidae). Reptiles & Amphibians 30: e20114.

Leite, P.T.; Nunes, S.F.; Cechin, S.Z. 2007. Dieta e uso de habitat da jararaca-do-brejo, *Mastigodryas bifossatus* Raddi (Serpentes, Colubridade) em domínio subtropical do Brasil. Revista Brasileira de Zoologia 24: 729-734.

Leite, P.T.; Nunes, S.F.; Kaefer, I.L.; Cechin, S.Z. 2009. Reproductive biology of the swamp racer *Mastigodryas bifossatus* (Serpentes: Colubridae) in subtropical Brazil. Zoologia 26: 12-18.

Leite, A.K. 2023. Autoecologia do lagarto ameaçado de extinção *Glaucomastix abaetensis* (Squamata, Teiidae) em formações de restingas do litoral norte da Bahia, Brasil. Tese. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Leite, A.K.; Fazolato, C.P.; Oliveira, M.L.T. et al. 2022. *LEPTOPHIS AHAETULLA* (Neotropical Parrot Snake). DIET. Herpetological Review 53: 153.

Leite, R.; Champagne, P.S.; Payne, C.J. 2023. *CHIRONIUS FUSCUS* (Brown Sipo). LEAF-CUTTER ANT NEST USE. Herpetological Review 54: 480.
Leite, P.T.; Kaefer, I.L.; Cechin, S.Z. 2009. Diet of *Philodryas olfersii* (Serpentes, Colubridae) during hydroelectric dam flooding in southern Brazil. North-western Journal of Zoology 5: 53-60.
Leitão-Martins, L.; Mendonça, R.L.; Nogueira, C.H.O. et al. 2021. "Lady and the Tramp": *Chthonerpeton* aff. *braestrupi* (Gymnophiona: Typhlonectidae) as prey of two *Erythrolamprus miliaris* (Serpentes: Dipsadidae). Herpetology Notes 14: 945-947.
Liberato, C.W. 2010. Reprodução e dieta de *Bothropoides diporus* (Serpentes: Viperidae). Dissertação. Universidaed Federal do Rio Grande do Sul.
Lillywhite, H.B. 2003. Structure and function. *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Liébana, M.S.; Santillán, M.A.; Mallet, J.; Sarasola, J.H. 2015. Predation on *Philodryas patagoniensis* (Squamata, Colubridae) by an Aplomado falcon (Falconidae: *Falco femoralis*) in central Argentina. Herpetology Notes 8: 411-412.
Lima, A.C.; Pimenta, F.E. 2008. Reptilia, Squamata, Teiidae, Tupinambis longilineus: Distribution extension. CheckList 4: 240-243.
Lima, D.C.; Passos, D.C.; Borges-Nojosa, D.M. 2011. Communal nests of *Phyllopezus periosus*, an endemic gecko of the Caatinga of northeastern Brazil. Salamandra 47: 227-228.
Lima, J.H.A.; Almeida, M.E.A.; Sousa, J.D. et al. 2022. Communal nesting and clutch characterization of *Lygodactylus klugei* (Squamata: Gekkonidae) from Brazilian semiarid region. Phyllomedusa 21: 75-82.
Lima, J.H.A.; Costa, R.D.L.; Medeiros, V.M.C. et al. 2019. *DENDROPHIDION ATLANTICA*. DIET. Herpetological Review 50: 799.
Lima, L.F.L.; Amaral, J.M.S.; Barbosa, V.N.; Santos, E.M. 2019. Dendrophidion atlantica Freire, Caramaschi e Gonçalves, 2010 — Contribuições sobre reprodução. Acta Biologica Paranaense 48: 1-4.
Lima, S.F.B.; Protázio, A.S.; Alves-Junior, F.A.; Abreu, E.C.T. 2025. Lichtenstein's Green Racer, *Philodryas olfersii* (Lichtenstein, 1823), preying on a Brazilian Lizard, *Phyllopezus pollicaris* (Spix, 1825), in an urban environment of Brazil's semiarid region. Herpetology Notes 18: 735-737.
Lima, L.S.; Cavalcante, N.S.; Almeida, L.S. et al. 2025b. Predation of two bats Molossidae (Chiroptera) by the Lichtenstein's Green Racer *Philodryas olfersii* (Serpentes: Dipsadidae) in southeastern Brazil. Revista Latinoamericana de Herpetología 22: 302-304.
Lima, S.F.B.; Maciel, H.M.; Ribeiro, S.C.; Araujo, H.F.P. 2025. Predation event by *Philodryas nattereri* (Serpentes: Colubridae) on *Forpus xanthopterygius* (Psittaciformes: Psittacidae) in semiarid region of Brazil. Pesquisa e Ensino em Ciências Exatas e da Natureza 9: e2225.
Lima, A.F.B.; Colombo, P. 2008. Observação do comportamento predatório de *Liophis miliaris orinus* (Serpentes, Colubridae) em *Hylodes meridionalis* (Anura, Hylodidae), Serra Geral, Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Brasileira de Zoociências 10: 73-76.
Lipinski, V.; Souza, B.A.; Corrêa, F.; Dutra, E.S. 2022. Thanatosis behavior during oviposition in *Tropidurus itambere* Rodrigues, 1987. Brazilian Journal of Biology 82: e233930.
Lisboa, C.M.C.A.; Sales, R.F.D.; Freire, E.M.X. 2012. Feeding ecology of the pygmy gecko *Coleodactylus natalensis* (Squamata: Sphaerodactylidae) in the Brazilian Atlantic Forest. Zoologia 29: 293-299.
Lisboa, C.M.C.A.; Sales, R.F.D.; Macedo, B.R.M.; Freire, E.M.X. 2016. Diet of *Amphisbaena heathi* Schmidt, 1936 (Squamata: Amphisbaenidae) from Remnants of the Atlantic Forest, Northeastern Brazil, with Notes on Distribution, Diagnosis and Conservation. South American Journal of Herpetology 11: 12-17.
Lizarro, D.; Powell, R.L.; Eversole, C.B.; Greminger, M.A. 2021. *ERYTHROLAMPRUS POECILOGYRUS* (Yellow-bellied Liophis). DIET. Herpetological Review 52: 155-156.
Loebens, L.; Theis, T.F.; Almeida-Santos, S.M.; Cechin, S.Z. 2022. Reproductive Biology, Sperm storage, and Sexual Maturity of *Thamnodynastes strigatus* (Serpentes: Dipsadidae). Anais da Academia Brasileira de Ciências 94: e20211087.
Lopes, A.G.; Sousa, J.C.; Pinheiro, R.T.; Campos, C.E.C. 2021. *Leptodactylus macrosternum* Miranda-Ribeiro, 1926 (Anura: Leptodactylidae) preyed upon by *Lygophis lineatus* (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Dipsadidae), with notes on its distress call. Herpetology Notes 14: 949-953.
López, M.S.; Sione, W.; Leynaud, G.C. et al. 2013. How Far from Water? Terrestrial Dispersal and Nesting Sites of the Freshwater Turtle *Phrynops hilarii* in the Floodplain of the Paraná River (Argentina). Zoological Science 30: 1063-1069.
López, C.A. 2021. Primer registro de depredación de *Tropidurus catalanensis* (Iguania, Tropiduridae) por *Bothrops moojeni* (Serpentes, Viperidae) en la Selva Atlántica Interior (Misiones, Argentina). Bol. Asoc. Herpetol. Esp. 32: 41-43.

Lopez, C.N.; Oliveira, G.C.S.; Hudson, A.A.; Sousa, B.M. 2024. *DIBERNARDIA AFFINIS*. THANATOSIS. Herpetological Review 55: 587-588.
Lopez, M.S.; Giraudo, A.R. 2004. Diet of the large water snake *Hydrodynastes gigas* (Colubridae) from northeast Argentina. Amphibia-Reptilia 25: 178-184.
Lopez, M.S.; Giraudo, A.R. 2008. Ecology of the Snake *Philodryas patagoniensis* (Serpentes, Colubridae) from Northeast Argentina. Journal of Herpetology 42: 474-480.
Lopez, C.N.; Oliveira, G.C.S.; Hudson, A.A. et al. 2024. *ERYTHROLAMPRUS TYPHLUS* (Velvet Swampsnake). DIET, REPRODUCTION, and DEFENSIVE BEHAVIOR. Herpetological Review 55: 281-282.
Loureiro, B.B.; Silva-Soares, T.; Almeida, W.O.; Oda, F.H. 2022. Antipredator mechanisms displayed by *Gymnodactylus darwinii* (Squamata: Phyllodactylidae) and *Chatogekko amazonicus* (Squamata: Sphaerodactylidae) when handled in fieldworks. Revista de Biologia Neotropical 19: 187-191.
Lovich, J.E.; Gibbons, W. 2021. Turtles of the world. Princeton: Princeton University Press.
Lozorio, A.; Brito, B.; Silva-Soares, T. 2025. Arboreality in Brongersma's worm snake *Amerotyphlops brongersmianus* from south-eastern Brazil. The Herpetological Bulletin 173: 46-47.
Lucas, P.; Frieiro-Costa, F.; Vieira, F.M. et al. 2018. Diet of *Enyalius bilineatus* (Duméril & Bibron, 1837) (Squamata: Leiosauridae) in a Cerrado remnant in Southeast Brazil. Herpetology Notes 11: 791-797.
Machado-Filho, P.R.; Moya, G.M.; Maffei, F. 2018. Death-feigning behaviour in *Iphisa elegans*: the second reported case in the Family Gymnophthalmidae (Reptilia: Squamata). Acta Amazonica 48: 151-153.
Maffei, F.; Nascimento, G.R.; Neto, D.G. 2009. Predation on the lizard *Ameiva ameiva* (Sauria: Teiidae) by a coral snake *Micrurus frontalis* (Serpentes: Elapidae) in Brazil. Herpetology Notes 2: 235-237.
Magalhães-Junior, A.J.C.; Moura, G.J.B.; Ribeiro, L.B.; Azevedo-Junior, S.M. 2017. Potential distribution and conservation of the *Colobosauroides carvalhoi* Soares and Caramaschi, 1998: a rare and endemic lizard of Northeast Brazil. Brazilian Journal of Biology 77: 686-695.
Maia, T.; Almeida-Gomes, M.; Siqueira, C.C. et al. 2011. Diet of the lizard *Ecpleopus gaudichaudii* (Gymnophthalmidae) in Atlantic Rainforest, state of Rio de Janeiro, Brazil. Zoologia 28: 587-592.
Maia, D.C.; Silva, A.G.; Travaglia-Cardoso, S.R. 2015. *Helicops modestus* (Ophididae: Dipsadidae): reproduction. Acta Zoológica Mexicana 31: 333-334.
Maia, D.C.; Cardoso, S.R.T. 2017. Oxyrhopus clathratus (Serpentes: Dipsadidae): reproduction and cannibalism. Oecologia Australis 21: 197-200.
Maia-Carneiro, T.; Goyannes-Araújo, P.; Rocha, C.F.D. 2016. Predation of *Tropidurus hispidus* (Squamata, Tropiduridae) by *Siphlophis leucocephalus* (Squamata, Dipsadidae). Neotropical Biology and Conservation 11: 47-50.
Maia-Carneiro, T.; Rocha, C.F.D. 2020. *TROPIDURUS HISPIDUS* (Lagartixa; Peters' Lava Lizard) *and TROPIDURUS SEMITAENIATUS* (Calango-de-Lagedo). CLOACAL DISCHARGE. Herpetological Review 51: 336-337.
Maia-Carneiro, T.; Dorigo, T.A.; Seixas, L.; Rocha, C.F.D. 2020. *BOTHROPS JARARACUSSU* (Jararacussu; Jararacuçu). DIET. Herpetological Review 51: 609.
Maia-Carneiro, T.; Junior, V.N.B.; Fonseca, R. et al. 2022. *ERYTHROLAMPRUS MILIARIS* (Military Ground Snake). DIET. Herpetological Review 53: 696.
Mangione, R.; Lemaire, J.; Pasukonis, A. 2020. *PALEOSUCHUS TRIGONATUS* (Smooth-fronted Caiman). PREDATION. Herpetological Review 51: 590.
Manoel, P.S.; Almeida, S.C. 2017. Predation attempt on the tree frog *Hypsiboas faber* (Wied Neuwied, 1821) by the snake *Thamnodynastes hypoconia* (Cope, 1860). Herpetology Notes 10: 433-434.
Manzani, P.R.; Abe, A.S. 2002. A new species of *Tupinambis* daudin, 1803 from southeastern Brazil (Squamata, Teiidae). Arquivos do Museu Nacional 60: 295-302.
Marcovaldi, M.A.A.G.D.; Santos, A.S.; Sales, G. (org.). 2011. Plano de Ação Nacional para Conservação das Tartarugas Marinhas. Brasília: ICMBio.
Marín, E.M.; Solorzano, C. 2015. Contribución al conocimiento de la biología reproductiva del chipiro, *Podocnemis erythrocephala* (Spix, 1824) (Testudines: Podocnemididae) en el Brazo Casiquiare, Amazonas, Venezuela. Memoria de la Fundación La Salle de Ciencias Naturales 72: 35-46.
Marques, O.A.V.; Almeida-Santos, S.M.; Rodrigues, M.; Camargo, R. 2009. Mating and reproductive cycle in the neotropical colubrid snake *Chironius bicarinatus*. South American Journal of Herpetology 4: 76-80.
Marques, T.S.; Böhm, S.; Brito, E.S.; Cabrera, M.R.; Verdade, L.M. 2014. *Mesoclemmys vanderhaegei* (Bour 1973) – Vanderhaege's Toad-headed Turtle, Karumbé-hy. Chelonian Research Monographs (5): 83.1-83.8.

Marques, O.A.V.; Muriel, A.P. 2007. Reproductive biology and food habits of the swamp racer *Mastigodryas bifossatus* from southeastern South America. Herpetological Journal 17: 104-109.
Marques, O.A.V.; Silva, D.F.M.; Barbo, F.E. et al. 2014. Ecology of the Colubrid Snake *Spilotes pullatus* from the Atlantic Forest of Southeastern Brazil. Herpetologica 70: 407-416.
Marques, R.; Tinôco, M.S.; Brown-Ribeiro, H.C. et al. 2012. *Philodryas olfersii* predation by *Philodryas patagoniensis* (Serpentes: Colubridae) in the Restinga ecosystem, north coast of Bahia, Brazil. Herpetology Notes 5: 315-317.
Marques, O.A.V.; Sawaya, R.J.; Oliveira, F.S.; Franca, F.G.R. 2006. Ecology of the colubrid snake *Pseudablabes agassizii* in southeastern South America. Herpetological Journal 16: 37-45.
Marques, O.A.V.; Puorto, G. 1994. Dieta e comportamento alimentar de *Erythrolamprus aesculapii*, uma serpente ofiófaga. Revista Brasileira de Biologia 54: 253-259.
Marques, O.A.V. 1996. Biologia reprodutiva da cobra-coral *Erythrolamprus aesculapii* Linnaeus (Colubridae), no sudeste do Brasil. Revista Brasileira de Zoologia 13: 747-753.
Marques, O.A.V. 1996b. Reproduction, seasonal activity and growth of the coral snake, *Micrurus corallinus* (Elapidae), in the southeastern Atlantic forest in Brazil. Amphibia-Reptilia 17: 277-285.
Marques, O.A.V. 2002. Natural history of the coral snake Micrurus decoratus (Elapidae) from the Atlantic Forest in southeast Brazil, with comments on possible mimicry. Amphibia-Reptilia 23: 228-232.
Marques, O.A.V.; Martins, M.; Sazima, I. 2002. A new insular species of pitviper from Brazil, with comments on evolutionary biology and conservation of the bothrops Jararaca group (Serpentes, Viperidae). Herpetologica 58: 303-312.
Marques, O.A.V.; Coeti, R.Z.; Braga, P.A.; Sazima, I. 2012. A rotten choice: feeding attempt by a coral snake (*Micrurus frontalis*) on a dead pitviper (*Bothrops jararaca*) that had swallowed a bulky rodent. Herpetology Notes 10: 137-139.
Marques, O.A.V.; Martins, M.; Develey, P.F. et al. 2012. The golden lancehead *Bothrops insularis* (Serpentes: Viperidae) relies on two seasonally plentiful bird species visiting its island habitat. Journal of Natural History 46: 885-895.
Marques, O.A.V.; Kasperoviczus, K.; Almeida-Santos, S.M. 2013. Reproductive Ecology of the Threatened Pitviper *Bothrops insularis* from Queimada Grande Island, Southeast Brazil. Journal of Herpetology 47: 393-399.
Marques-Souza, S.; Sena, M.A.; Ferreira, G.C. et al. 2020. Natural history notes and range extension of *Loxopholis ferreirai* (Rodrigues and Avila-Pires, 2005): a micro-endemic species from the flooded igapó forests of Rio Negro and tributaries, Brazilian Amazonia (Squamata: Gymnophthalmidae). Herpetology Notes 13: 235-239.
Martinelli, M.M. 2022. *TROPIDURUS TORQUATUS* (Amazon Lava Lizard). PREDATION. Herpetological Review 53: 140.
Martinelli, M.M.; Castro, T.M. 2024. Predation on the Small worm lizard *Leposternon microcephalum* (Squamata, Amphisbaenidae) by the snake *Elapomorphus quinquelineatus* (Serpentes, Colubridae, Elapomorphinae) in Marechal Floriano, Espirito Santo, Brazil. Natureza Online 22: 35-37.
Martin-Solano, S.; Toulkeridis, T.; Addison, A.; Pozo-Rivera, W.E. 2016. Predation of *Desmodus rotundus* Geoffroy, 1810 (Phyllostomidae, Chiroptera) by *Epicrates cenchria* (Linnaeus, 1758) (Boidae, Reptilia) in an Ecuadorian Cave. Subterranean Biology 19: 41-50.
Martins, F.I.; Souza, F.L.; Costa, H.T.M. 2010. Feeding Habits of *Phrynops geoffroanus* (Chelidae) in an Urban River in Central Brazil. Chelonian Conservation and Biology 9: 294-297.
Martins, M. 2006. Life in the water: ecology of the Jacarerana lizard, *Crocodilurus amazonicus*. The Herpetological Journal 16: 171-176.
Morton, G.F.; Gouveia, R.V.; Silva, D.A.N.; Novelli, I.A. 2012. *Philodryas olfersii.* Diet. Herpetological Review 43: 349.
Mascarenhas, W.; Oliveira, C.R.; Ávila, R.W.; Ribeiro, S.C. 2020. Defensive Behaviour of *Chironius flavolineatus* Jan, 1863 (Serpentes: Colubridae) in Northeastern Brazil. Herpetology Notes 13: 607-608.
Mascarenhas-Junior, P.B.; Wanderley, D.N.; Costa, C.S.S.; Simões, P.I. 2021. New predation records: *Tropidurus hispidus* (Spix, 1805) preying *Hemidactylus mabouia* (Moreau and Jonnès, 1818) and *Amphisbaena vermicularis* Wagler, 1824 in Pernambuco, northeasten Brazil. Herpetology Notes 14: 645-648.
Maschio, G.F.; Prudente, A.L.C.; Lima, A.C.; Feitosa, D.T. 2007. Reproductive biology of *Anilius scytale* (Linnaeus, 1758) (Serpentes, Aniliidae) from eastern Amazonia, Brazil. South American Journal of Herpetology 2: 179-183.
Maschio, G.F.; Prudente, A.L.C.; Rodrigues, F.S.; Hoogmoed, M.S. 2010. Food habits of *Anilius scytale* (Serpentes: Aniliidae) in the Brazilian Amazonia. Zoologia 27: 184-190.

Masseli, G.S.; Cunha, F.A.G.; Santos, J.G. 2018. *MICRURUS ALBICINCTUS* (White-banded Coralsnake) and *MICRURUS HEMPRICHII* (Hemprich's Coralsnake). DIET AND PREDATION. Herpetological Review 49: 134.

Massim, J.; Ghizoni-Jr., I.R. 2025. First record of *Phalotris lemniscatus* (Duméril et al., 1854) in Santa Catarina, Brazil. Herpetology Notes 18: 995-997.

Matias, C.S.L.; Araújo, D.S.; Castro, D.P. 2024. Death simulation behavior of the lizard *Lygodactylus klugei* of the Gekkonidae (Reptilia: Squamata) family in northeastern Brazil. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi 19: e2024-e928.

Mayer, M. 2022. Predation by a Green Vine Snake, *Oxybelis fulgidus* (Daudin, 1803), on a Hooded Oriole, *Icterus cucullatus*, in Mexico. Herpetology Notes 15: 239-240.

Mayor, D.; Monter-Pozos, A.; Hernández-Hernández, J.C. 2025. Depredación de *Thecadactylus rapicauda* (Squamata: Phyllodactylidae) por *Leptophis mexicanus* (Squamata: Colubridae) en Quintana Roo, México. Revista Latinoamericana de Herpetologia 8: 29-31.

Mebert, K.; Passos, P.; Fernandes, D.S. et al. 2020. A New Species of Snail-Eating Snake, *Dipsas* Laurenti, 1768 (Serpentes: Colubridae: Dipsadinae), from the Atlantic Forest of Brazil. South American Journal of Herpetology 17: 43-62.

Medeiros, V.M.C.; Lima, J.H.A.; Kokubum, M.N.C. 2019. *COLOBOSAUROIDES CEARENSIS* (Litter Lizard). DIET. Herpetological Review 50: 571.

Medeiros, J.V.A.; Sousa, J.D.; Kokubum, M.N.C. 2021. *PSEUDOBOA NIGRA*. (Black False Boa). DIET. Herpetological Review 52: 675.

Meira, K.T.R.; Faria, R.G.; Silva, M.D.M. et al. 2007. História natural de *Tropidurus oreadicus* em uma área de cerrado rupestre do Brasil Central. Biota Neotropica 7: bn04307022007.

Melo, F.S.; Tavares-Pinheiro, R.; Anaissi, J.S.C. et al. 2021. First record of the lizard *Uranoscodon superciliosus* (Linnaeus, 1758) in the diet of the snake *Dendrophidion dendrophis* (Schlegel, 1837) in Amapá State, Brazil. Herpetology Notes 14: 597-599.

Melo-Sampaio, P.R.; Passos, P.; Prudente, A.L.C. et al. 2021. Systematic review of the polychromatic ground snakes *Atractus snethlageae* complex reveals four new species from threatened environments. J Zool Syst Evol Res 59: 718-747.

Mendonça, P.P.; Cobra, P.; Bernardo, R.L.; Soares, T.S. 2011. Predation of the snake *Spilotes pullatus* (Squamata: Serpentes) upon the rodent *Proechimys gardneri* (Rodentia: Echimyidae) in the Amazonian basin, northwestern Brazil. Herpetology Notes 4: 425-427.

Mendoza-Soto, J.A.; Achahuanco-Sallo, E.; Huayhua, C.M.H. et al. 2024. Predation of *Myotis nigricans* (Chiroptera: Vespertilionidae) by *Spilotes sulphureus* (Squamata: Colubridae) and a revised list of the use of roofs as feeding sites by neotropical snakes. Revista Latinoamericana de Herpetología 7: 9-13.

Menezes, V.A.; Amaral, V.C.; Sluys, M.V.; Rocha, C.F.D. 2006. Diet and foraging of the endemic lizard *Cnemidophorus littoralis* (Squamata, Teiidae) in the restinga de Jurubatiba, Macaé, RJ. Brazilian Journal of Biology 66: 803-807.

Menezes, V.G.; Santos, N.M.; Bezerra, R.S. et al. 2013. *Hemidactylus brasilianus* (Amaral's Brazilian Gecko). Diet. Herpetological Review 44: 143-144.

Menezes, F.A.; Fiorillo, B.F.; Franco, F.L.; Feio, R.N. 2017. Repertoire of antipredator displays in the poorly known snake *Gomesophis brasiliensis* (Gomes, 1918) from the Atlantic Forest. Herpetology Notes 10: 245-247.

Menezes, F.A.; Furtado, S.G.; Feio, R.N.; Almeida-Santos, S.M. 2019. *BOTHROPS FONSECAI* (Fonseca's Lancehead). REPRODUCTION. Herpetological Review 50: 586-587.

Mensah, J.B.; Felsch, J.; Simon, A.; Ringler, E. 2025. Updating the snake menu: two cases of ophiophagy by the Western Indigo Snake, *Drymarchon corais* (Boie, 1827), in a Neotropical rain forest. Herpetology Notes 18: 981-983.

Mercês, M.P.; Alves-Silva, K.R. 2022. Predação do lagarto papa-vento *Norops fuscoauratus* (Squamata: Dactyloidae) pela cuíca *Marmosa demerarae* (Didelphimorphia: Didelphidae). Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi 17: 727-730.

Mercolli, C.; Yanosky, A. 1994. The diet of adult *Tupinambis teguixin* (Sauria: Teiidae) in the eastern Chaco of Argentina. Herpetological Journal 4: 14-19.

Mertz, L.A. 2003. Alligators and caimans (Alligatoridae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Mesquita, G.S.; Ferraz, D.; Ramalho, W.P. et al. 2018. Death-feigning as defensive behaviour in blue-tailed microteiid lizard *Micrablepharus atticolus* Rodrigues, 1996. Herpetology Notes 11: 1065-1067.

Mesquita, P.C.M.D.; Borges-Nojosa, D.M.; Passos, D.C.; Bezerra, C.H. 2011. Ecology of *Philodryas nattereri* in the Brazilian semi-arid region. Herpetological Journal 21: 193-198.

Mesonero, N.; Bentley, A.G.; Sánchez, H.; Howard, J.M. 2025. Predation of giant earthworms by the Black Groundsnake, Atractus elaps (Günther, 1858), in the Upper Amazon Basin of Ecuador. Herpetology Notes 18: 111-113.

Métrailler, S. 2003. Note sur l'écologie d'*Acanthochelys macrocephala* (Rhodin, Mittermeier & McMorris, 1984) au Paraguay (Reptilia, Chelidae). Revue suisse de zoologie 110: 483-490

Métrailler, S. 2003b. Note sur l'élevage et la reproduction de la Matamata, *Chelus fimbriata* (Schneider, 1783). Manouria 6: 35-39.

Migliore, S.N.; Braz, H.B. 2020. *ECPLEOPUS GAUDICHAUDII*. REPRODUCTION. Herpetological Review 51: 330-331.

Mikalauskas, J.S.; Santana, D.O.; Ferrari, S.F. 2017. Lizard predation *Tropidurus hispidus* (Squamata, Tropiduridae) by false coral snake *Oxyrhopus trigeminus* (Squamata, Dipsadidae) in the Caatinga, in northeastern Brazil. Pesquisa e Ensino em Ciências Exatas e da Natureza 1: 60-67.

Migliore, S.N.; Mendes, A.; Braz, H.B. 2020. *PLACOSOMA GLABELLUM*. REPRODUCTION. Herpetological Review 51: 334-335.

Miralles, A.; Chaparro, J.C.; Harvey, M.B. 2009. Three rare and enigmatic South American skinks 2012: 47-68.

Miranda, J.P.; Andrade, G.V. 2003. Seasonality in Diet, Perch Use, and Reproduction of the Gecko *Gonatodes humeralis* from Eastern Brazilian Amazon. Journal of Herpetology 37: 433-438.

Miranda, J.P.; Costa, J.C.L.; Scarpa, F.M.; Rocha, C.F.D. 2013. Predation on *Columbina squammata* (Aves: Columbidae) by the Green Vine Snake *Oxybelis fulgidus* (Serpentes: Colubridae) at the Lençóis Maranhenses National Park, Maranhão, Brazil. Herpetology Notes 6: 187-188.

Mise, F.T.; Miranda, J.M.D.; Santos, D.L. et al. 2021. An opportunist predator hidden in the vegetation: on the predation of birds by *Philodryas olfersii* (Serpentes: Dipsadidae). Neotropical Biodiversity 7: 61-66.

Mocelin, M.A.; Fernandes, R.; Porto, M.; Fernandes, D.S. 2008. Reproductive Biology and Notes on Natural History of the Side-necked Turtle *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820) in Captivity (Testudines: Chelidae). South American Journal of Herpetology 3: 223-228.

Molina, F.B. 1998. Comportamento e biologia reprodutiva dos cágados *Phrynops geoffroanus, Acanthochelys radiolata* e *Acanthochelys spixii* (Testudines, Chelidae) em cativeiro. Revista de Etologia (n. especial): 25-40.

Montellano, M.G.N. 2020. *Chironius maculoventris* (Serpentes, Colubridae) and *Erythrolamprus poecilogyrus caesius* (Serpentes, Dipsadidae) killed by *Taraba major* (Aves: Thamnophilidae) in Chaco dry forest of Argentina. Herpetology Notes 13: 851-853.

Montero, R.; Céspedez, J. 2002. New Two-Pored *Amphisbaena* (Squamata: Amphisbaenidae) from Argentina. Copeia 2002: 792-797.

Montingelli, G.G.; Barbo, F.E.; Filho, G.A.P. et al. 2020. A second new species for the rare dipsadid genus *Caaeteboia* Zaher et al., 2009 (Serpentes: Dipsadidae) from the Atlantic Forest of northeastern Brazil. Cuadernos de herpetología 34: 219-230.

Morato, S.A.A.; Meer, P.M.; Bornschein, M.R. et al. 2015. Range extension for *Tupinambis quadrilineatus* Manzani and Abe, 1997 (Squamata: Teiidae), with notes on habitats and aquatic behavior. Herpetology Notes 8: 571-573.

Morato, S.A.A.; Calixto, P.O.; Mendes, L.R.; Gomes, R.; Galatti, U.; Trein, F.L.; Oliveira, F.S.; Ferreira, G.N. 2014. Guia fotográfico de identificação da herpetofauna da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Estado do Pará. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda.; Porto Trombetas: MRN – Mineração Rio do Norte S.A.

Mori, K.Y.; Ferracini, C.M.; Piatti, L. et al. 2025. Reproductive biology of *Psomophis genimaculatus* (Boettger 1885) (Serpentes: Dipsadidae) from Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências 97: e20240469.

Mott, T.; Morais, D.H.; Ribeiro, R.A.K. 2008. Reptilia, Squamata, Amphisbaenidae, *Anops bilabialatus*: Distribution extension, meristic data, and conservation. Chick List 4: 146-150.

Mott, T.; Neto, Carvalho Neto, C.S.; Carvalho Filho, K.S. 2011. *Amphisbaena miringoera* Vanzolini, 1971 (Squamata: Amphisbaenidae): New state record. CheckList 7: 594-595.

Mourão, J.B.S.; Abecassis, A.F.; Soares, D.M.P. et al. 2023. Predation by the Tropical Racer, *Mastigodryas pleei*, on an Amazon Racerunner, *Ameiva ameiva*, in the Brazilian Amazon, with comments on this new locality and the snake's general distribution. Herpetology Notes 16: 149-151.

Moya, G.M.; Maffei, F. 2012. Predation on *Dendropsophus elianeae* (Napoli & Caramaschi, 2000) (Anura: Hylidae) by *Thamnodynastes hypoconia* (Cope, 1860) (Squamata: Colubridae). Herpetology Notes 5: 261-262.

Müller, M.M.P.; Ortega, Z.; Antunes, P.C. et al. 2019. The home range of adult *Phrynops geoffroanus* (Testudines, Chelidae) in relation to sex and body mass. Herpetozoa 32: 259-265.
Muscat, E.; Entiauspe-Neto, O.M.; Loebmann, D. 2016. Defensive behavior and predation on *Placosoma glabellum* (Peters, 1870) (Squamata: Gymnophthalmidae). Herpetologia Brasileira 5: 51-52.
Muscat, E.; Rotenberg, E.; Machado, I.M. 2019. Observação de postura em *Tropidodryas serra* (Serpentes: Dipsadidae). Neotropical Biology and Conservation 14: 137-141.
Muscat, E.; Rotenberg, E.L.; Machado, I.F. 2016. Death-feigning behaviour in an *Erythrolamprus miliaris* (Linnaeus 1758) water snake in Ubatuba, São Paulo, southeastern Brazil (Dipsadidae). Herpetology Notes 9: 95-97.
Muscat, E.; Moroti, M.T. 2018. Predation of *Rhinella ornata* (Anura: Bufonidae) by the water snake *Erythrolamprus miliaris* (Squamata: Dipsadidae) in São Paulo, Brazil. Herpetology Notes 11: 449-450.
Nascimento, B.T.M.; Moya, G.M.; Maffei, F. 2015. Report of reproduction in *Ameiva* cf. *jacuba* (Squamata: Teiidae) in Brazilian Cerrado. Cuadernos de herpetología 29: 85-86.
Nascimento, L.P.; Siqueira, D.M.; Santos-Costa, M.C. 2013. Diet, Reproduction, and Sexual Dimorphism in the Vine Snake, *Chironius fuscus* (Serpentes: Colubridae), from Brazilian Amazonia. South American Journal of Herpetology 8: 168-174.
Nascimento, A.T.C.; Valencia-Zuleta, A.; Junqueira, M.L. et al. 2020. Predation event of *Philodryas olfersii* (Lichtenstein, 1823) (Squamata: Dipsadidae) on *Boana lundii* (Burmeister, 1856) (Amphibia: Hylidae). Herpetology Notes 13: 639-640.
Nascimento, F.T.P.; Benício, R.A. 2024. *ERYTHROLAMPRUS POECILOGYRUS* (Grass Snake). DIET. Herpetological Review 55: 280-281.
Navarro-Cornejo, G.; Gonzales, L. 2020. Primer registro de *Philodryas nattereri* (Steindachner 1870) (Serpentes, Dipsadidae) en Bolivia. Cuadernos de herpetologia 34: 329-331.
Neta, A.F.S.; Matias, C.S.L.; Ávila, R.W. 2019. Autecology of the lizard *Colobosauroides cearensis* (Squamata: Gymnophthalmidae) from Brazilian semiarid Caatinga. Phyllomedusa 18: 209-223.
Neto, I.N.S.; Gomes, V.G.N.; Quirino, Z.G.M. 2021. Frugivory by *Tropidurus hispidus* (Squamata: Tropiduridae) on the cactus *Pilosocereus pachycladus* in the Brazilian Caatinga. Phyllomedusa 20: 105-108.
Neto, A.M.; Sánchez-Martínez, P.M.; Gaiga, R.A.J. 2013. Predation on the lizard Iguana iguana (Sauria: Iguanidae) by the snake Siphlophis compressus (Serpentes: Dipsadidae), at Rondônia state, Brazil. Herpetology Notes 6: 37-38.
Nilson, G.; Gutberlet, R.L. 2003. Vipers and pitvipers (Viperidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.
Nocelli, V.; Lima, L.M.C.; Costa, H.C. 2022. Predation of *Elapomorphus quinquelineatus* (Serpentes: Dipsadidae) by *Micrastur semitorquatus* (Aves: Falconidae). Heringeriana 16: e918008.
Nogueira, C.; Sawaya, R.J.; Martins, M. 2003. Ecology of the Pitviper, *Bothrops moojeni*, in the Brazilian Cerrado. Journal of Herpetology 37: 653-659.
Nogueira, C.H.O.; Andrade, C.A.F.; Freitas, N.N. 2013. Death of a juvenile snake *Oxyrhopus petolarius* (Linnaeus, 1758) after eating an adult house gecko *Hemidactylus mabouia* (Moreau de Jonnès, 1818). Herpetology Notes 6: 39-43.
Nogueira, C.C.; Argôlo, A.J.S.; Arzamendia, V. et al. 2019. Atlas of Brazilian Snakes: verified point-locality maps to mitigate the wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna. South American Journal of Herpetology 14: 1-274.
Nogueira, A.L.G.; Fernandes, A.P.B.; Osowski, G.V.; Sena, M.A. 2024. First record of predation by the Western Indigo Snake, *Drymarchon corais* (Boie, 1827), on the South American Coralsnake, *Micrurus lemniscatus* (Linnaeus, 1758), in northern Mato Grosso, Brazil. Herpetology Notes 17: 775-778.
Nogueira, C.H.O.; Silva, D.M.; Neto, G.J.G.; Machado, T.M. 2024. First record of the rare snake *Chlorosoma laticeps* (Werner, 1900) in the State of Rio de Janeiro, Brazil. Cuadernos de herpetologia 38: 75-78.
Novaes, R.L.M.; Costa, J.P.; Moratelli, M. 2023. *MICRURUS CORALLINUS* (Painted Coral Snake). DIET. Herpetological Review 54: 690.
Novelli, I.A.; Sousa, B.M. 2006. Hábitos alimentares de *Hydromedusa maximiliani* (Mikan, 1820) (Testudinata, Chelidae) da Reserva Biológica Municipal Santa Cândida, Juiz de Fora, Minas Gerais. Revista Brasileira de Zoociências 8: 210.
Novelli, I.A.; Sousa, B.M. 2007. Análise descritiva do comportamento de corte e cópula de *Hydromedusa maximiliani* (Mikan, 1820) (Testudines, Chelidae) em laboratório. Revista Brasileira de Zoociências 9: 43-50.

Novelli, I.A.; Gomides, S.C.; Brugiolo, S.S.S.; Sousa, B.M. 2013. Alimentary habits of *Hydromedusa maximiliani* (Mikan, 1820) (Testudines, Chelidae) and its relation to prey availability in the environment. Herpetology Notes 6: 503-511.

Nunes, V.A. 2009. Dieta e estratégia alimentar de *Homonota uruguayensis* Vazferreira & Sierra de Soriano, 1961 (Squamata, Gekkota, Phyllodactylidae) nos pampas do Rio Grande do Sul, Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nunes, S.F.; Kaefer, I.L.; Leite. P.T.; Cechin, S.Z. 2010. Reproductive and feeding biology of the pitviper *Rhinocerophis alternatus* from subtropical Brazil. Herpetological Journal 20: 31-39.

Nunes, J.V.; Elisei, T.; Sousa, B.M. 2012. Anti-predator behaviour in the Brazilian lizard *Tropidurus itambere* (Tropiduridae) on a rocky outcrop. Herpetological Bulletin (120): 22-28.

Oakley, J.L.; Connoly, I. 2024. *CLELIA CLELIA* (Mussurana). ARBOREAL BEHAVIOR. Herpetological Review 55: 273-274.

Oda, F.H.; Silva, M.V.; Almeida, W.O.; Aoki, C.; Guedes, T.B. 2010. Avian-lizard saurophagy: an unusual predatory behaviour of the Southern House Wren in an urban area of the Brazilian Cerrado. Ornithology Research 33: 2.

Oitaven, L.P.C.; Calado, S.S.; Costa, H.N. et al. 2022. Trophic ecology of *Gymnodactylus geckoides* Spix, 1825 (Squamata, Phyllodactylidae) from Caatinga, Northeastern Brazil. Herpetozoa 35: 187-197.

Oliveira, B.H.S.; Queiroz, R.N.M.; Mesquita, D.O. 2014. Communal nests and hatchling size of *Coleodactylus meridionalis* (Squamata: Sphaerodactylidae) in a Caatinga area, northeastern Brazil. Herpetology Notes 8: 125-128.

Oliveira, C.N.; Barbosa, G.G.; Campos, I.H.M.P. et al. 2017. Predation on *Coleodactylus meridionalis* (Squamata: Sphaerodactylidae) by *Ctenus rectipes* (Araneae: Ctenidae) in the Atlantic Forest, northeastern, Brazil. Herpetology Notes 10: 221-223.

Oliveira, A.S. 2018. Influência da silvicultura de *Pinus* na área de ocupação do lagartinho-pintando *Contomastix vacariensis* (Squamata: Teiidae): uma relação entre a distância e a conservação. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Oliveira, S.R.; Vaz-Silva, W.; Souza, M.B. et al. 2019. A caecilian (*Siphonops* sp.) as prey of a dwarf caiman *Paleosuchus palpebrosus*: an observation from Central Brazil. Herpetology Notes 12: 71-73.

Oliveira, C.R.; Roberto, I.J.; Sousa, J.G.G.; Avila, R.W. 2019. On the ecology of *Amphisbaena heathi* (Squamata: Amphisbaenidae) from northeastern Brazil. Herpetological Review 50: 62-66.

Oliveira, A.S.; Balestrin, R.L.; Adams, G.B. et al. 2022. A new record of *Anisolepsis undulatus* (Squamata, Iguanidae) (Wiegmann, 1834) in Southern Brazil. Boletín de la Sociedad Zoologica del Uruguay 31: e31.2.3.

Oliveira, H.J.; Sinani, T.R.F.; Silva, R.H.M.; Costa, H.C. 2022. Robert's Wormlizard, *Amphisbaena roberti* (Squamata: Amphisbaenidae): Attempted Predation and an Updated Distribution Map. Reptiles & Amphibians 29: 169-174.

Oliveira, R.H.; Silva, M.C.; Ávila, R.W. 2014. Predation of *Leptodactylus macrosternum* Miranda-Ribeiro, 1926 (Anura: Leptodactylidae) by *Lygophis dilepis* Cope, 1862 (Squamata: Dipsadidae). Herpetology Notes 7: 357-358.

Oliveira, R.B.; Di-Bernardo, M.; Pontes, G.M.F. et al. 2000. Dieta e comportamento alimentar da cobra-nariguda, *Lystrophis dorbignyi* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854), no litoral norte do Rio Grande do Sul, Brasil. Cuadernos de herpetologia 14: 117-122.

Oliveira, R.B.; Pontes, G.M.F.; Maciel, A.P. et al. 2011. Reproduction of *Xenodon dorbignyi* on the north coast of Rio Grande do Sul, Brazil. Herpetological Journal 21: 219-225.

Oliveira, T.M.A.; Mesquita, D.O.; Tubelis, D.P. 2022. Predation of *Tropidurus torquatus* (Squamata: Tropiduridae) by *Ramphastos toco* (Aves: Ramphastidae) in the Atlantic Forest, Brazil. Herpetology Notes 15: 877-880.

Oliveira, P.M.A.; Nunes, P.M.S. 2020. An endemic lizard of Catimbau National Park, Pernambuco, Brazil, as prey of *Tropidurus cocorobensis* (Squamata, Tropiduridae). Herpetology Notes 13: 305-307.

Oliveira, P.M.A.; Navas, C.A.; Nunes, P.M.S. 2022. Diet composition and tropic niche overlap of *Ameivula ocellifera* Spix 1825 (Squamata: Teiidae) and *Tropidurus cocorobensis* Rodrigues 1987 (Squamata: Tropiduridae), sympatric species with different foraging modes, in Caatinga. Herpetological Journal 32: 190-197.

Oliveira, S.F. 2008. Observação do comportamento predatório de *Chironius bicarinatus* (Serpentes, Colubridae) em *Hypsiboas pulchellus* (Anura, Hylidae), Serra do Sudeste, Rio Grande do Sul, Brasil. Biodiversidade Pampeana 6.

Oliveira, H.J.; Oliveira, G.A.V.; Costa, H.C. 2023. First record of *Amphisbaena anomala* (Squamata: Amphisbaenidae) in lowland Caatinga based on citizen science, with an updated distribution map. Austral Ecology 48: 2253–2260.

Oliveira, E.B.; Messias, F.; Souza, M.D.A. et al. 2025. A treefrog (*Bokermannohyla cf. luctuosa*) as prey of the sipo snake, *Chironius brazili* Hamdan & Fernandes, 2015. Herpetology Notes 18: 421-426.
Oliveira, J.C.; Mendes, D.M.M.; Neto, A.M.S. 2019. *DENDROPHIDION DENDROPHIS* (Olive Forest Racer). DIET. Herpetological Review 50: 591-592.
Oliveira, P.A. 2013. História natural de *Bothrops leucurus* wagler, 1824 (Serpentes, Viperidae) da Mata Atlântica da Paraiba, Brasil. Dissertação. Universidade Federal da Paraíba.
Oliveira, M.A.; Barbosa, R.A.P.; Lima, A.H.S. 2021. Predation of *Boana raniceps* (Cope, 1862) (Anura: Hylidae) by *Leptophis ahaetulla* (Linnaeus, 1758) (Squamata: Colubridae). Biota Amazonia 11: 37-39.
Oliveira, E.A.; Hernández-Ruz, E.J.; Carvalho, J.C. et al. 2013. *MASTIGODRYAS BODDAERTI* (Boddaert's Tropical Racer). REPRODUCTION. Herpetological Review 44: 332.
Oliveira, C.R.; Coelho-Lima, A.D.; Brasileiro, A.C.; Meira, L.P.C. 2023. *Oxybelis aeneus* (Wagler 1824): new record of predation and updated diet list. Heringeriana 17: e918024.
Oliveira, R.B.; Azevedo, B.A.G. 2023. *PHALOTRIS LEMNISCATUS* (Duméril's Diadem Snake). REPRODUCTION. Herpetological Review 54: 496-497.
Oliveira, J.A.A.; Ramos, A.R.L.; Castro, D.P. 2022. Climbing and swallowing: new food item in the diet of *Boiruna sertaneja* Zaher, 1996 (Squamata: Dipsadidae) with note of climbing behavior. Biotemas 35: 1-4.
Oliveira, M.C.; Oliveira, H.F.; Moraes, R.L. 2023. Predation of the teiid lizard *Ameivula* cf. *nigrigula* by the colubrid snake *Pseudoboa nigra*. Herpetology Notes 16: 299-300.
Oliveira, L.C.C.; Leite, A.K.; Pagel, G.S. et al. 2019. *ERYTHROLAMPRUS MILIARIS MERREMI* (Watersnake). DIET. Herpetological Review 50: 800.
Oliveira, M.C.; Rezende, L.N.; Crispim, F.D. et al. 2024. *ERYTHROLAMPRUS POECILOGYRUS*. DIET. Herpetological Review 55: 448-449.
Oliveira, M.C.; Duarte, R.G.; Silva, E.G. et al. 2021. First record of *Tropidurus hispidus* (Squamata: Tropiduridae) predation by *Erythrolamprus poecilogyrus* (Colubridae). Herpetology Notes 14: 133-134.
Oliveira-Jr., J.G.D.; Ceron, K.; Mângia, S. et al. 2020. Predation on *Amerotyphlops brongersmianus* (Squamata, Typhlopidae) by *Bothrops moojeni* (Squamata, Viperidae) in west Brazil. Caldasia 42: 150-152.
Oliveira-Souza, A.E.; Pena, A.S.; Anaissi, J.S.C. et al. 2021. Predation by the vinesnake *Oxybelis aeneus* (Squamata, Colubridae) on the gecko *Gonatodes humeralis* (Squamata, Sphaerodactylidae) in a Brazilian Amazon forest fragment, with a compilation of its prey. Herpetology Notes 14: 1111-1115.
Ortiz, M.A.; Boretto, J.M.; Ibargüengoytía, N.R. 2019. Reproductive biology of a viviparous lizard (*Mabuya dorsivittata*) from the subtropical Wet Chaco of Argentina: geographical variations in response to local environmental pressures. Anais da Academia Brasileira de Ciências 91: e20170817.
Ossa-V., J.; Vogt, R.C.; Santos-Junior, L.B. 2011. Alimentación de *Peltocephalus dumerilianus* (Testudines: Podocnemididae) en condiciones naturales. Actualidades Biológicas 33: 85-92.
Ossa, J.V.; Vogt, C.R.; Rudge-Ferrara, C. 2010. Melanosuchus niger (Crocodylia: Alligatoridae) as opportunistic turtle consumer in its natural environment. Revista Colombiana de Ciencia Animal 2: 244-252.
O'Shea, M. 2021. Lizards of the World: a guide to every family. Princeton: Princeton University Press.
O'Shea, M. 2023. Snakes of the World: a guide to every family. Princeton: Princeton University Press.
Paiva, C.L.; Oliveira, H.J.; Costa, H.C. 2023. Updated distribution map of *Amphisbaena mitchelli* Procter, 1923 (Squamata: Amphisbaenidae) with a new record in Maranhão, Brazil. Revista Latinoamericana de Herpetología 6: 30-34.
Palmeira, C.N.S.; Gonçalves, S.; Sales, R.F.D.; Freire, E.M.X. 2021. Foraging behavior and diet composition of the gecko *Phyllopezus periosus* (Squamata: Phyllodactylidae) in the Brazilian semiarid Caatinga. Cuadernos de herpetologia 35: 261-272.
Panzera, A.; Maneyro, P. 2013. Reproductive biology of the snake *Liophis anomalus* (Günther, 1858, Dipsadidae, Xenodontinae). Herpetological Journal 23: 81-87.
Panzera, A.; Maneyro, P. 2014. Feeding Biology of *Lygophis anomalus* (Dipsadidae, Xenodontinae). South American Journal of Herpetology 9: 75-82.
Papinelli, L.; Marques, O.A.V. 2015. Reproductive Biology and Food Habits of the Blindsnake *Liotyphlops beui* (Scolecophidia: Anomalepididae). South American Journal of Herpetology 10: 205-210.
Paredero, R.C.B.; Neves, L.A. 2022. Reproduction in the false-coral snake *Apostolepis albicollaris* (Serpentes: Dipsadidae). Herpetology Notes 15: 47-49.
Parreira, I.; Kimura, P.C.; Lima, L.F.C. et al. 2024. A new foraging habitat for Chironius vine snakes and a new prey for *Chironius brazili* in open rocky Cerrado habitats in Central Brazil. Studies of Neotropical Fauna and Environment 59: 659-663.

Passos, D.C.; Zanchi, D.; Souza, I.H.B. et al. 2013. Frugivory of *Momordica charantia* (Cucurbitaceae) by *Ameivula ocellifera* (Squamata: Teiidae) in a coastal area of northeastern Brazil. Salamandra 49: 234-236.

Passos, D.C.; Galdino, C.A.B.; Bezerra, C.H.; Zanchi-Silva, D. 2015. On the natural history of the poorly known Neotropical lizard *Hemidactylus agrius* (Squamata: Gekkonidae). North-Western Journal of Zoology 11: 133-137.

Passos, P.; Prudente, A.L.C.; Lynch, J.D. 2016. Redescription of Atractus punctiventris and Description of Two New *Atractus* (Serpentes: Dipsadidae) from Brazilian Amazonia. Herpetological Monographs 30: 1-20.

Passos, D.C.; Glauss, L.H.A.; Galdino, C.A.B. 2017. Predation of the hylid frog *Bokermannohyla alvarengai* (Bokermann, 1956) by the colubrid snake *Chironius flavolineatus* (Jan, 1863) in a montane rocky grassland. Revista Brasileira de Zoociências 18: 47-52.

Passos, P.; Fernandes, R. 2008. A new species of the colubrid snake genus *Atractus* (Reptilia: Serpentes) from the central Amazon of Brazil. Zootaxa 1849: 59-66.

Passos, P.; Fernandes, R.; Bérnils, R.; Moura-Leite, J.C. 2010. Taxonomic revision of the Brazilian Atlantic Forest *Atractus* (Reptilia: Serpentes: Dipsadidae). Zootaxa 2364: 1-63.

Passos, P.; Azevedo, J.A.R.; Nogueira, C.C. et al. 2019. An Integrated Approach to Delimit Species in the Puzzling *Atractus emmeli* Complex (Serpentes: Dipsadidae). Herpetological Monographs 33: 1-25.

Passos, P.; Fernandes, R.; Zanella, N. 2005. A new species of *Atractus* (Serpentes: Colubridae) from Southern Brazil. Herpetologica 61: 209-218.

Passos, P.; Ramos, L.; Pereira, D.N. 2012. Distribution, natural history, and morphology of the rare snake, *Caaeteboia amarali* (Serpentes: Dipsadidae). Salamandra 48: 51-57.

Pašukonis, A.; Loretto, M.C. 2020. Predation on the Three-striped poison frog, *Ameerega trivitatta* (Boulenger 1884; Anura: Dendrobatidae), by *Erythrolamprus reginae* (Linnaeus 1758; Squamata: Collubridae). Herpetology Notes 13: 557-559.

Pedroso, M.; Moroti, M.T.; Muscat, E. 2020. New defensive behaviour for *Xenodon neuwiedii* Günther, 1863 (Squamata, Dipsadidae) in a fragment of Atlantic Forest. Herpetology Notes 13: 863-865.

Pedroso-Santos, F.; Costa-Campos, C.E. 2020. Novel predator-prey interactions of *Rhinella major* (Anura: Bufonidae) from an urban area in northern Brazil. Phyllomedusa 19: 287-292.

Pelegrini, S.J.S.; Venâncio, N.M.; Kuniy, A.A. 2019. Note on an event of double predation: *Leptodeira annulata* (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Dipsadidae) being predated by *Drymarchon corais* Boie, 1827 (Serpentes: Colubridae), being predated in turn by *Bothrops atrox* (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Viperidae). Herpetology Notes 12: 1193-1195.

Peloso, P.L.V.; Pellegrino, K.C.M.; Rodrigues, M.T.; Ávila-Pires, T.C.S. 2011. Description and Phylogenetic Relationships of a New Genus and Species of Lizard (Squamata, Gymnophthalmidae) from the Amazonian Rainforest of Northern Brazil. Americam Museum Novitates 3713: 1-24.

Pena, A.S.; Nascimento, W.S.; Sousa, J.C.; Costa-Campos, C.E. 2017. *OXYBELIS FULGIDUS* (Green Vine Snake). DIET. Herpetological Review 48: 216-217.

Pereira, A.M.A.; Brito, S.V.; Araujo Filho, J.A. et al. 2018. Diet and helminth parasites of freshwater turtles *Mesoclemmys tuberculata, Phrynops geoffroanus* (Pleurodira: Chelidae) and *Kinosternon scorpioides* (Criptodyra: Kinosternidae) in a semiarid region, Northeast of Brazil. Acta Herpetologica 13: 21-32.

Pereira, T.G. 2019. Aspectos biológicos de *Mesoclemmys tuberculata* (Luederwaldt, 1926) (Testudines: Chelidae) nos pequenos lençóis maranhenses, Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Maranhão.

Pereira, A.A.A.; Guerra, V.; Barbosa, M.S.; Corrêa, F. 2021. Distribution extension of *Alopoglossus buckleyi* (O'Shaughnessy, 1881) (Squamata: Alopoglossidae). Brazilian Journal of Biology 81: 842-844.

Pereira, A.F.; Boldrini, R.; Silva-Neto, A.M. et al. 2022. *CERCOSAURA OCELLATA* (Ocellated Tegu). PREDATION. Herpetological Review 53: 678.

Pereira-Ribeiro, J.; Ferreguetti, A.C.; Bergallo, H.G.; Rocha, C.F.D. 2017. *ECPLEOPUS GAUDICHAUDII*. PREDATION. Herpetological Review 48: 437.

Pereiro, B.B. 2019. *PHRYNOPS HILARII* (Hilaire's Side-necked Turtle). PREDATION. Herpetological Review 50: 561-562.

Peres, M.C.L.; Melo, T.S.; Ferreira, D.C. et al. 2019. *DACTYLOA PUNCTATA* (Amazon Green Anole). DIET. Herpetological Review 50: 784.

Pereyra, L.C.; Akmentins, M.S. 2013. A case of predation of *Chacophrys pierottii* (Anura: Ceratophryidae) by *Philodryas psammophidea* (Squamata: Dipsadinae) in the chacoan saltflats of central Argentina. Herpetology Notes 6: 245-246.

Pergentino, H.E.S.; Nicola, P.A.; Pereira, L.C.M. et al. 2017. A new case of predation on a lizard by *Tropidurus hispidus* (Squamata, Tropiduridae), including a list of saurophagy events with lizards from this genus as predators in Brazil. Herpetology Notes 10: 225-228.

Pérez, R.; Borges-Martins, M. 2019. Integrative taxonomy of small worm lizards from Southern South America, with description of three new species (Amphisbaenia: Amphisbaenidae). Zoologischer Anzeiger 283: 124-141.

Perez, C.H.F.; Scolaro, J.A. 2024. *AMPHISBAENA KINGII* (King's Worm Lizard). PREDATION. Herpetological Review 55: 257.

Pérez-Castillo, C.D.; Quintana, P.D.L.; Dias, I.R. 2024. *OXYRHOPUS GUIBEI* (False-coral Snake). DIET. Herpetological Review 55: 286-287.

Pergentino, H.E.S.; Ribeiro, L.B. 2017. Anurophagy by the snake *Thamnodynastes phoenix* (Squamata: Dipsadidae: Tachymenini) in dry forested areas of Northeastern Brazil. Herpetology Notes 10: 597-600.

Pessoa, L.R.B.; Adams, G.B.; Pasa, E. 2024. *VANZOSAURA MULTISCUTATA* (Redtailed Lizard). PREDATION. Herpetological Review 55: 267.

Pianka, E.R. 2003. Squamata (Lizards and snakes). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Pianka, E.R. 2003b. Skinks (Scincidae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Picelli, A.M.; Masseli, G.S.; Kaefer, I.L. 2019. Predation on giant earthworms (Clitellata: Rhinodrilidae) by the Diving Lizard *Uranoscodon superciliosus* (Linnaeus, 1758) (Squamata: Tropiduridae). Herpetology Notes 12: 1203-1205.

Pietczak, C.; Arruda, J.L.S.; Cechin, S.Z. 2013. Frugivory and seed dispersal by *Tropidurus torquatus* (Squamata: Tropiduridae) in southern Brazil. Herpetological Journal 23: 75-79.

Pilate, V.J.; Vieira, F.M.; Sousa, B.M. 2020. Estudo dos hábitos alimentares das serpentes *Sibynomorphus neuwiedi* e *Sibynomorphus mikanii* (Squamata, Dipsadidae) de Minas Gerais, Brasil. Cuadernos de herpetologia 34: 275-278.

Pimenta, M.A.; Pereira, K.D.L.; Rosa, G.M.V. et al. 2019. Defensive behaviour events of *Ophiodes striatus* (Reptilia: Squamata) during an environmental study in state of São Paulo, Brazil. Herpetology Notes 12: 1019-1021.

Pimentel, T.T.; Nascimento, A.F.; Rocha, L.P.M.; Silva-Soares, T. *LEPOSTERNON MICROCEPHALUM* (Smallhead Worm Lizard; Cobra-de-Duas-Cabeças). PREDATION. Herpetological Review 54: 289-290.

Pinna, P.H.; Mendonça, A.F.; Bocchiglieri, A.; Fernandes, D.S. 2010. A new two-pored *Amphisbaena* Linnaeus from the endangered Brazilian Cerrado biome (Squamata: Amphisbaenidae). Zootaxa 2569: 44-54.

Pinto, R.R.; Fernandes, R.; Marques, O.A.V. 2008. Morphology and diet of two sympatric colubrid snakes, *Chironius flavolineatus* and *Chironius quadricarinatus* (Serpentes: Colubridae). Amphibia-Reptilia 29: 149-160.

Pinto, R.R.; Marques, O.A.V.; Fernandes, R. 2010. Reproductive biology of two sympatric colubrid snakes, *Chironius flavolineatus* and *Chironius quadricarinatus*, from the Brazilian Cerrado domain. Amphibia-Reptilia 1-11.

Pinto, R.R.; Fernandes, R. 2004. Reproductive biology and diet of *Liophis poecilogyrus poecilogyrus* (Serpentes, Colubridae) from southeastern Brazil. Phyllomedusa 3: 9-14.

Piratelli, A.J.; Pereira, M.R.; Siqueira, M.A.C. 1996. Predation of *Chironius flavolineatus* (Squamata: Colubridae) by *Nystalus maculatus* (Piciformes: Bucconidae). Ararajuba 4: 113.

Pizzatto, L. 2005. Reproductive biology of the "glass snake" *Ophiodes fragilis* (Squamata: Anguidae) in south-east Brazil. Herpetological Journal 15: 9-13.

Pizzatto, L.; Marques, O.A.V.; Facure, K. 2009. Food habits of Brazilian boid snakes: overview and new data, with special reference to *Corallus hortulanus*. Amphibia-Reptilia 30: 533-544.

Pizzatto, L.; Marques, O.A.V. 2002. Reproductive biology of the false coral snake *Oxyrhopus guibei* (Colubridae) from southeastern Brazil. Amphibia-Reptilia 23: 495-504.

Pommer-Barbosa, R.A.; Albino, A.M.; Reis, J.F.T.; Fialho, S.N. 2021. Predation on *Ameiva ameiva* (Squamata: Teiidae) by *Ardea alba* (Pelecaniformes: Ardeidae) in the southwestern Brazilian Amazon. Herpetology Notes 14: 1073-1075.

Pommer-Barbosa, R.A.; Reis, J.F.T.; Evangelista, J.R. et al. 2022. Predation on *Amphisbaena fuliginosa* Linnaeus, 1758 by *Anilius scytale* (Linnaeus, 1758) in the southwestern Brazilian Amazon. Herpetology Notes 15: 615-617.

Pommer-Barbosa, R.A.; Reis, J.F.T.; Nascimento, W.S.P. et al. 2022. Clutch size of *Xenodon rabdocephalus* (Wied-Neuwied, 1824) (Squamata: Colubridae) in the southwestern Brazilian Amazon. Biota Amazônia 12: 64-65.

Pontes, G.M.F. 2007. História natural de *Philodryas patagoniensis* (Serpentes: Colubridae) no litoral do Rio Grande do Sul, Brasil. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Portal, R.R.; Lima, M.A.S.; Luz, V.L.F.; Bataus, Y.S.L.; Reis, I.J. 2002. Espécies vegetais utilizadas na alimentação de *Podocnemis unifilis*, Troschel 1948 (Reptilia, Testudinae, Pelomedusidae) na região do Pracuúba -Amapá-Brasil. Ciência Animal Brasileira 3: 11-19.

Porto, M.F.; Peres, M.C.L.; Oliveira, M.L.T.; Jesus, S.B. 2022. Predation of *Tropidurus hispidus* (Spix, 1825) by *Philodryas nattereri* (Steindachner, 1870) in the Caatinga. Ciência e Natura 44: e50.

Prado, A. 1945. Serpentes do Brasil. São Paulo: Sítios e Fazendas.

Prieto, A.S.; León, J.R.; Lara, O. 1976. Reproduction in the Tropical Lizard, Tropidurus hispidus (Sauria: Iguanidae). Herpetologica 32: 318-323.

Prieto, Y.A.; Giraudo, A.R.; López, M.S. 2012. Diet and Sexual Dimorphism of *Liophis poecilogyrus* (Serpentes, Dipsadidae) from the Wetland Regions of Northeast Argentina. Journal of Herpetology 46: 402-406.

Protázio, A.S.; Protázio, A.S.; Conceição, L.C. et al. 2017. *Thamnodynastes pallidus* (Serpentes: Dipsadidae) predation on *Boana semilineata (*Anura: Hylidae) in a fragment of the Atlantic Forest in northeastern Brazil. Herpetology Notes 10: 521-523.

Prudente, A.L.C.; Maschio, G.F.; Yamashina, C.E.; Santos-Costa, M.C. 2007. Morphology, reproductive biology and diet of *Dendrophidion dendrophis* (Schlegel, 1837) (Serpentes, Colubridae) in Brazilian Amazon. South American Journal of Herpetology 2: 53-58.

Prudente, A.L.C.; Passos, P. 2008. New Species of *Atractus* Wagler, 1828 (Serpentes: Dipsadinae) from Guyana Plateau in Northern Brazil. Journal of Herpetology 42: 723-732.

Prudente, A.L.C.; Menks, A.C.; Silva, F.M.; Maschio, G.F. 2014. Diet and reproduction of the Western Indigo Snake *Drymarchon corais* (Serpentes: Colubridae) from the Brazilian Amazon. Herpetology Notes 7: 99-108.

Pucca, M.B.; Bernarde, P.S.; Rocha, A.M. et al. 2021. *Crotalus Durissus Ruruima*: Current Knowledge on Natural History, Medical Importance, and Clinical Toxinology. Frontiers in Immunology 12: 659515.

Queiroz, V.O.; Moya, G.M.; Morais, D.H. et al. 2022. New records of the striped lizard *Kentropyx paulensis* from São Paulo, Brazil. Acta Brasiliensis 6: 17-21.

Quesnel, V.C. 2006. Reproductive Behaviour of the Neotropical Gecko *Thecadactylus rapicauda* (Houttuyn). Living World, Journal of the Trinidad and Tobago Field Naturalists' Club 2006: 38-46.

Quesnel, V.C. 2008. Food and Feeding Behaviour of the Nocturnal Neotropical Gecko *Thecadactylus rapicauda* (Houttuyn) in a Dwelling House in Trinidad, West Indies. Living World, Journal of the Trinidad and Tobago Field Naturalists' Club 2008: 19-27.

Quintana, P.D.; Solé, M. 2025. Unsuccessful predation of *Ameiva ameiva* (Linnaeus, 1758) causes the death of a juvenile snake, *Oxyrhopus trigeminus* Duméril et al., 1854, in Bahia, northeastern Brazil. Herpetology Notes 18; 25-27.

Quintela, F.M.; Loebmann, D. 2019. Diet, sexual dimorphism and reproduction of sympatric racers *Philodryas aestiva* and *Philodryas patagoniensis* from the coastal Brazilian Pampa. Anais da Academia Brasileira de Ciências 91: e20180296.

Quintela, F.M.; Caseiro, F. Loebmann, D. 2020. Notes on sexual dimorphism, diet and reproduction of the false coral snake *Oxyrhopus rhombifer* Duméril, Bibron & Duméril, 1854 (Dipsadidae: Pseudoboini) from coastal plains of Subtropical Brazil. Acta Herpetologica 15: 143-148.

Quintela, F.M.; Marques, W.C.; Loebmann, D. 2017. Reproductive biology of the Green Ground Snake *Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus* (Serpentes: Dipsadidae) in Subtropical Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências 89: 2189-2197.

Quintela, F.M.; Loebmann, D. 2019. Aspects of reproduction and sexual dimorphism of *Lygophis flavifrenatus* (Dipsadidae: Xenodontinae). Iheringia, Série Zoologia 109: e2019010.

Quintino, E.P.; Bicca-Marques, J.C. 2013. Predation of *Alouatta puruensis* by *Boa constrictor*. Primates 54: 325-330.

Quinteros-Muñoz, O.; Peñaranda, D.A.; Navarro, F. 2010. Rodent consumption by *Philodryas psammophidea* (Serpentes: Colubridae), from the inter-andean dry valleys of central Bolivia. Cuadernos de herpetología 24: 129-131.

Quinteros-Muñoz, O. 2015. A new prey item for the snake *Boiruna maculata* (Serpentes: Dipsadidae) in the yungas of Bolivia. Phyllomedusa 14: 79-81.

Quinteros-Muñoz, O.; Aguayo, R. 2021. Predation by a Black Mussurana, *Clelia clelia* (Daudin 1803) (Serpentes: Dipsadidae), on an Andean Lancehead, *Bothrocophias andianus* (Amaral 1923), in Bolivia. Reptiles & Amphibians 28: 502-503.

Quinteros-Muñoz, O.; Aguayo, R. 2021b. Predation on a Gray-breasted Wood Wren (*Henicorhina leucophrys*) by the False Coralsnake *Oxyrhopus petolarius* (Serpentes: Dipsadidae) in the Bolivian Yungas. Herpetology Notes 14: 279-282.

Quirino, T.F.; Roberto, I.J.; Sousa, A.R. et al. 2024. Autoecology of *Stenolepis ridleyi* (Squamata: Gymnophthalmidae) in Northern Atlantic Forest, Brazil. Herpetological Conservation and Biology 19: 395-405.

Quirino, T.F.; Neumam, I.M.; Sousa, A.R.; Paula, S.D.O. 2024. First record of predation on *Cyclodontina maranguapensis* (Baker, 1913) (Mollusca: Odontostomidae) by the cloudy snail-eating *Sibon nebulatus* (Linnaeus, 1758) (Squamata: Dipsadidae) in Northeast Brazil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais 19.

Ramos, A.R. 1981. Aspectos do nicho alimentar de *Coleodactylus amazonicus* (Sauria, Gekkonidae). Acta Amazonica 11: 511-526.

Ramírez-Jaramillo, S.M.; González, G. 2022. Revisión de la dieta de *Erythrolamprus aesculapii* (Squamata: Colubridae) y um nuevo registro desde Ecuador. Neotropical Biodiversity 8: 73-75.

Rautenberg, R.; Laps, R.R. 2010. Natural history of the lizard *Enyalius iheringii* (Squamata, Leiosauridae) in southern Brazilian Atlantic forest. Iheringia, Série Zoologia 100: 287-290.

Rebelato, M.M.; Pontes, G.M.F.; Tozetti, A.M. 2016. Reproductive biology of *Thamnodynastes hypoconia* (Serpentes: Dipsadidae) in Brazilian subtemperate wetlands. Anais da Academia Brasileira de Ciências 88: 1699-1709.

Recoder, R.; Teixeira Junior, M.; Camacho, A.; Rodriges, M.T. 2012. Natural history of the tropical gecko *Phyllopezus pollicaris* (Squamata, Phyllodactylidae) from a sandstone outcrop in Central Brazil. Herpetology Notes 5: 49-58.

Recoder, R.S.; Werneck, F.P.; Teixeira, M. et al. 2014. Geographic variation and systematic review of the lizard genus *Vanzosaura* (Squamata, Gymnophthalmidae), with the description of a new species. Zoological Journal of the Linnean Society 171: 206-225.

Recoder, R.; Prates, I.; Marques-Souza, S. et al. 2020. Lizards from the Lost World: two new species and evolutionary relationships of the Pantepui highland *Riolama* (Gymnophthalmidae). Zoological Journal of the Linnean Society 190: 271-297.

Rehák, I. 1999. Captive breeding of the caiman lizard, *Dracaena guianensis*. Herpetofauna 29: 57-60.

Reinoso, R.F.; Corrales, L.A.; Acosta, J.C. 2023. Nuevo registro en la dieta de *Leopardus geoffroyi* (Carnivora: Felidae), depredación de *Micrurus pyrrhocryptus* (Serpentes: Elapidae) en el desierto del Monte, San Juan, Argentina. Acta Zoologica Lilloana 67: 269-274.

Reis, P.M.A.G.; Coelho, R.D.F.; Menezes, L.M.N.; Ribeiro, L.B. 2015. Contribution to the Reproductive Biology of *Bothrops erythromelas* (Squamata: Viperidae) in the Semiarid Region of Brazil. Herpetological Review 46: 327-331.

Reis, S.P.V.; Pinheiro, L.T.; Galdino, C.A.B. 2017. *TROPIDURUS MONTANUS*. SAUROPHAGY. Herpetological Review 48: 202.

Rempalski, R.; Pimentel, T.T.; Santos, A.H. et al. 2024. Updating the prey menu of the ophiophagous snake *Erythrolamprus aesculapii* (Linnaeus, 1758) with two heterospecific snakes from the Amazon and Atlantic Forest. Food Webs 41: e00371.

Resende, F.C.; Nascimento, L.B. 2015. The Female Reproductive Cycle of the Neotropical Snake *Atractus pantostictus* (Fernandes and Puorto, 1993) from South-eastern Brazil. Anatomia Histologia Embryologia 44: 225-235.

Reyes, F.O. 2021. Depredación de *Gymnophthalmus underwoodi* (Squamata: Gymnophthalmidae) por *Turdus plumbeus* (Passeriformes: Turdidae) en República Dominicana. Novitates Caribaea 17: 196-198.

Rezende-Pinto, F.M.; Verrastro, L.; Zanotelli, J.C.; Barata, P.C.R. 2009. Reproductive biology and sexual dimorphism in *Cnemidophorus vacariensis* (Sauria, Teiidae) in the grasslands of the Araucaria Plateau, southern Brazil. Iheringia, Série Zoologia 99: 82-91.

Ribeiro, L.E.S.; Utta, A.C.S.; Barreto, L. 2017. Diet of *Phrynops geoffroanus* (Schweigger 1812) (Chelidae) in an Environmental Protection Area in the Amazon Region of Maranhão State, Brazil. Herpetological Conservation and Biology 12: 556-564.

Ribeiro, P.; Oliveira, R.M. 2018. *TRACHYLEPIS ATLANTICA* (Noronha Skink). CANNIBALISM ATTEMPT. Herpetological Review 49: 122.

Ribeiro, L.B.; Freire, E.M.X. 2011. Trophic ecology and foraging behavior of *Tropidurus hispidus* and *Tropidurus semitaeniatus* (Squamata, Tropiduridae) in a caatinga area of northeastern Brazil. Iheringia, Série Zoologia 101: 225-232.

Ribeiro, L.B.; Silva, N.B.; Freire, E.M.X. 2012. Reproductive and fat body cycles of *Tropidurus hispidus* and *Tropidurus semitaeniatus* (Squamata, Tropiduridae) in a caatinga area of northeastern Brazil. Revista Chilena de História Natural 85: 307-320.

Ribeiro, S.; Sá, V.; Santos, A.P. et al. 2019. A new species of the *Amphisbaena* (Squamata, Amphisbaenidae) from the Brazilian Cerrado with a key for the two-pored species. Zootaxa 4550: 301-320.

Ribeiro, S.; Nogueira, C.; Cintra, C.E.D. et al. 2011. Description of a New Pored *Leposternon* (Squamata, Amphisbaenidae) from the Brazilian Cerrado. South American Journal of Herpetology 6: 177-188.

Ribeiro, L.B.; Gomides, S.C.; Costa, H.C. 2020. A New Worm Lizard Species (Squamata: Amphisbaenidae: Amphisbaena) with Nonautotomic Tail, from Northeastern Brazil. Journal of Herpetology 54: 9-18.

Ribeiro, S.; Gomes, J.O.; Silva, H.L.R. et al. 2016. A new two-pored species of *Amphisbaena* (Squamata, Amphisbaenidae) from the Brazilian Cerrado, with a key to the two-pored species of *Amphisbaena*. Zootaxa 4147: 124-142.

Ribeiro, S.; Silveira, A.L.; Santos, A.P. 2018. A New Species of *Leposternon* (Squamata: Amphisbaenidae) from Brazilian Cerrado with a Key to Pored Species. Journal of Herpetology 52: 50-58.

Ribeiro, S.; Castro-Mello, C.; Nogueira, C. 2009. New Species of *Anops* Bell, 1833 (Squamata, Amphisbaenia) from Jalapão Region in the Brazilian Cerrado. Journal of Herpetology 43: 21-28.

Ribeiro, L.B.; Gomides, S.C.; Costa, H.C. 2018. A New Species of *Amphisbaena* from Northeastern Brazil (Squamata: Amphisbaenidae). Journal of Herpetology 52: 234-241.

Ribeiro-Junior, M.A.; Silva, M.B.; Lima, J.D. 2016. A New Species of *Bachia* Gray 1845 (Squamata: Gymnophthalmidae) from the Eastern Guiana Shield. Herpetologica 72: 148-156.

Ribeiro-Junior, M.A. 2018. A new species of *Alopoglossus* lizard (Squamata, Alopoglossidae) from the Southern Guiana Shield, northeastern Amazonia, with remarks on diagnostic characters to the genus. Zootaxa 4422: 25-40.

Ribeiro-Junior, M.A.; Meiri, S.; Fouquet, A. 2020. A New Species of *Alopoglossus* Boulenger (1885) (Squamata, Alopoglossidae) from the Lowlands of the Eastern Guiana Shield, with Assessment of the Taxonomic Status of *A. copii surinamensis*. Journal of Herpetology 54: 427-445.

Ribeiro-Junior, M.A.; Sánchez-Martínez, P.M.; Moraes, L.J.C.L. et al. 2021. Uncovering hidden species diversity of alopoglossid lizards in Amazonia, with the description of three new species of *Alopoglossus* (Squamata: Gymnophthalmoidae). Journal of Zoological Systematics and Evolutionary Research 1-35.

Ribeiro-Junior, M.A.; Ferrari, S.F.; Lima, J.R.F. et al. 2016. Predation of a squirrel monkey (*Saimiri sciureus*) by an Amazon tree boa (*Corallus hortulanus*): even small boids may be a potential threat to small-bodied platyrrhines. Primates 57: 317-322.

Righi, A.F.; Nascimento, L.B.; Galdino, C.A.B. 2012. Seasonal Reproduction in the Rock Gecko *Phyllopezus pollicaris* from a Rock Field Habitat in Southeastern Brazil. Journal of Herpetology 46: 632-636.

Ringler, M.; Ursprung, E.; Hödl, W. 2010. Predation on *Allobates femoralis* (Boulenger 1884; Anura: Aromobatidae) by the colubrid snake *Xenopholis scalaris* (Wucherer 1861). Herpetology Notes 3: 301-304.

Rivas, J.A. 2000. The life history of the grey of the green anaconda (*Eunectes murinus*), with emphasis on its reproductive biology. Doctoral Dissertation. University of Tennessee.

Rivas, L.R.; Vos, V.A.; Eversole, C.B.; Powell, R.L. 2023. Predation on the toad *Rhinella major* (Anura: Bufonidae) by the Schneider's Smooth-fronted Caiman, *Paleosuchus trigonatus* (Crocodylia: Alligatoridae) in the Bolivian Amazon. Herpetology Notes 16: 17-19.

Rivas, J.A.; Quintana, P.D.L.; Mancuso, M. et al. 2024. Disentangling the Anacondas: Revealing a New Green Species and Rethinking Yellows. Diversity 16: 127.

Rivas, L.R.; Eversol, C.B.; Powell, R.L.; Vos, V.A. 2024. Second Record of a Marbled Treefrog, *Dendropsophus marmoratus* (Anura: Hylidae), in the Diet of the Banded Cat-eyed Snake, *Leptodeira annulata* (Squamata: Colubridae), in the Bolivian Amazon. Reptiles & Amphibians 31: e22329.

Rivas, L.R.; Eversole, C.B.; Powell, R.L. 2023. PSOMOPHIS GENIMACULATUS (Spirit Ground Snake). DIET and BEHAVIOR. Herpetological Review 54: 692-693.

Rivas, L.R.; Mendoza-Miranda, P. 2022. Predation of a Jumping Frog, *Leptodactylus macrosternum* Miranda-Ribeiro 1926 (Anura: Leptodactylidae), by a Yellow Curichera, *Erythrolamprus poecilogyrus* (Wied-Neuwied 1824) (Squamata: Colubridae), in Santísima Trinidad, Beni, Bolivia. Reptiles & Amphibians 29: 428-429.

Roberto, I.J.; Albano, C. 2012. Aspects of the clutch size and oviposition period of *Leposoma baturitensis* (Squamata: Gymnophthalmidae). Herpetology Notes 5: 445-446.

Roberto, I.J.; Souza, A.R. 2020. Review of prey items recorded for snakes of the genus *Chironius* (Squamata, Colubridae), including the first record of *Osteocephalus* as prey. Herpetology Notes 13: 1-5.

Roberto, I.J.; Bitterncourt, P.S.; Hernández-Rangel, S.M. 2021. Taxonomia e biologia geral dos crocodilianos do Brasil. In: Barreto-Lima, A.F.; Santos, M.R.D.; Nóbrega, Y.C. (org.). Tratado de Crocodilianos do Brasil. Vitória: Instituto Marcos Daniel.

Robles, C.; Gallardo, G.; Halloy, M.; Abdala, C. 2012. *Liolaemus espinozai.* Predation. Herpetological Review 43: 135-136.

Rocha, C.F.D. 1989. Diet of a Tropical Lizard (*Liolaemus lutzae*) of Southeastern Brazil. Journal of Herpetology 23: 292-294.

Rocha, C.F.D. 1992. Reproductíve and Fat Body Cycles of the Tropical Sand Lizard (*Liolaemus lutzae*) o,f Southeastern Brazil. Journal of Herpetology 26: 17-23.

Rocha, C.F.D.; Anjos, L.A. 2007. Feeding ecology of a nocturnal invasive alien lizard species, *Hemidactylus mabouia* Moreau de Jonnès, 1818 (Gekkonidae), living in an outcrop rocky area in southeastern Brazil. Brazilian Journal of Biology 67: 485-491.

Rocha, C.F.D.; Siqueira, C.C. 2008. Feeding ecology of the lizard *Tropidurus oreadicus* Rodrigues 1987 (Tropiduridae) at Serra dos Carajás, Pará state, northern Brazil. Brazilian Journal of Biology 68: 109-113.

Rocha, C.F.D.; Vrcibradic, D.; Menezes, V.A.; Ariani, C.V. 2009. Ecology and Natural History of the Easternmost Native Lizard Species in South America, *Trachylepis atlantica* (Scincidae), from the Fernando de Noronha Archipelago, Brazil. Journal of Herpetology 43: 450-459.

Rocha, C.R.; Motta, P.C.; Portella, A.S. et al. 2017. Predation of the snake *Tantilla melanocephala* (Squamata: Colubridae) by the spider *Latrodectus geometricus* (Araneae: Theridiidae) in Central Brazil. Herpetology Notes 10: 647-650.

Rocha-Barbosa, O.; Loguercio, M.F.C.; Vasconcellos, M.F.; Lins, G.A.; Novelli, I.A.; Hohl, L.S.L. 2017. Reptilia. *In:* Benedito, E. (org.). Biologia e ecologia dos vertebrados. Rio de Janeiro: Roca.

Rodrigues, M.T. 1997. A new species of Leposoma (Squamata: Gymnophthalmidae) from the Atlantic Forest of Brazil. Herpetologica 53: 383-389.

Rodrigues, M.T.; Zaher, H.; Curcio, F. 2001. New species of lizard, genus Calyptommatus, from the Caatingas of the state of Piauí, northeastern Brazil (Squamata, Gymnophthalmidae). Papéis Avulsos de Zoologia 41: 529-546.

Rodrigues, M.T.; Dixo, M.; Pavan, D.; Verdade, V.K. 2002. A new species of Leposoma (Squamata, Gymnophthalmidae) from the remnant Atlantic Forests of the state of Bahia, Brazil. Papéis Avulsos de Zoologia 42: 335-350.

Rodrigues, M.T. 2002. Herpetofauna of the Quaternary sand dunes of the Middle Rio São Francisco, Bahia, Brazil. VIII. *Amphisbaena arda* sp. nov., a fuliginosa-like checkered patterned Amphisbaena (Squamata, Amphisbaenidae). Phyllomedusa 1: 51-56.

Rodrigues, M.T.; Pellegrino, K.C.M.; Dixo, M. et al. 2007. A New Genus of Microteiid Lizard from the Atlantic Forests of State of Bahia, Brazil, with a New Generic Name for *Colobosaura mentalis*, and a Discussion of Relationships Among the Heterodactylini (Squamata, Gymnophthalmidae). American Museum Novitates (3565): 1-27.

Rodrigues, M.T.; Cassimiro, J.; Pavan, D. et al. 2009. A New Genus of Microteiid Lizard from the Caparaó Mountains, Southeastern Brazil, with a Discussion of Relationships among Gymnophthalminae (Squamata). Americam Museum Novitates (3673): 1-27.

Rodrigues, M.T.; Freitas, M.A.; Silva, T.F.S. 2009b. New Species of Earless Lizard Genus *Heterodactylus* (Squamata: Gymnophthalmidae) from the Highlands of Chapada Diamantina, State of Bahia, Brazil. Journal of Herpetology 43: 605-611.

Rodrigues, M.T.; Cassimiro, J.; Freitas, M.A.; Silva, T.F.S. 2009c. A new microteiid lizard of the genus *Acratosaura* (Squamata: Gymnophthalmidae) from Serra do Sincorá, State of Bahia, Brazil. Zootaxa 2013: 17-19.

Rodrigues, M.T.; Teixeira Jr., M.; Recoder, R.S. et al. 2013. A new species of *Leposoma* (Squamata: Gymnophthalmidae) with four fingers from the Atlantic Forest central corridor in Bahia, Brazil. Zootaxa 3635: 459-475.

Rodrigues, J.C.M.; Silva, J.R.F. 2014. How *Phrynops tuberosus* (Testudines: Chelidae) reproduce in the Brazilian Caatinga? North-western Journal of Zoology 10: 143-148.

Rodrigues, M.T.; Recoder, R.; Teixeira, M. et al. A morphological and molecular study of *Psilops*, a replacement name for the Brazilian microteiid lizard genus *Psilophthalmus* Rodrigues 1991 (Squamata, Gymnophthalmidae), with the description of two new species. Zootaxa 4286: 451-482.

Rodrigues, M.T.; Pavan, D.; Curcio, F.F. 2007. Two New Species of Lizards of the Genus *Bachia* (Squamata, Gymnophthalmidae) from Central Brazil. Journal of Herpetology 41: 545-553.

Rodrigues, M.T.; Camacho, A.; Nunes, P.M.S. et al. 2008. A new species of the lizard genus *Bachia* (Squamata: Gymnophthalmidae) from the Cerrados of Central Brazil. Zootaxa 1875: 39-50.

Rodrigues, M.T.; Teixeira Jr., M.; Vechio, F.D. et al. 2013. Rediscovery of the Earless Microteiid Lizard *Anotosaura collaris* Amaral, 1933 (Squamata: Gymnophthalmidae): A redescription complemented by osteological, hemipenial, molecular, karyological, physiological and ecological data. Zootaxa 3731: 345-370.

Rodrigues, N.L.A.; Silva, C.M.A.; Uchoa, J.S.; Andrade, E.B. 2023. *EPICTIA BORAPELIOTES* (Caatinga Threadsnake). PREDATION. Herpetological Review 54: 484-485.

Rodriguez, M.A.; Arzamendia, V.; Bellini, G.P.; Giraudo, A.R. 2018. Natural history of the threatened coral snake *Micrurus altirostris* (Serpentes: Elapidae) in Argentina. Revista Mexicana de Biodiversidad 89: 1255-1262.

Rojas, S.J.S.; Villacampa, J.; Whitworth, A. 2016. Notes on the reproduction of *Kentropyx altamazonica* (Squamata: Teiidae) and *Imantodes lentiferus* (Serpentes: Dipsadidae) from southeast Peru. Phyllomedusa 15: 69-73.

Rojas-Morales, J.A.; Cabrera-Vargas, F.A.; Ruiz-Valderrama, D.H. 2018. *Ninia hudsoni* (Serpentes: Dipsadidae) as prey of the coral snake *Micrurus hemprichii ortonii* (Serpentes: Elapidae) in northwestern Amazonia. Bol. Cient. Mus. Hist. Nat. U. de Caldas 22: 102-105.

Rosa, B.M.B.; Dubeux, M.J.M.; Peixoto, L.B. et al. 2021. *BOTHROPS LEUCURUS* (White-tailed Lancehead). DIET. Herpetological Review 52: 658-659.

Rosa, L.C. 2024. Predation Attempt by a Venezuelan Snouted Treefrog (*Scinax x-signatus*) on a Tropical House Gecko (*Hemidactylus mabouia*) in Northeastern Brazil. Reptiles & Amphibians 31: e21423.

Rosenblatt, A.E.; Li, F.; Kalicharan, L.; Taylor, P. 2022. What do adulto black caiman (*Melanosuchus niger*) actually eat? Biotropica 54: 275-278.

Rosoni, J.R.R.; Fontana, C.S.; Carlos, C.J. 2023. Nest predation of the Chestnut Seedeater *Sporophila cinnamomea* (Passeriformes: Thraupidae) by the Patagonian Green Racer *Pseudablabes patagoniensis* (Serpentes: Dipsadidae) in the Brazilian Pampas. Herpetology Notes 16: 539-541.

Rufatto, R.; Di-Bernardo, M.; Maschio, G.F. 2003. Dieta de *Thamnodynastes strigatus* (Serpentes, Colubridae) no sul do Brasil. Phyllomedusa 2: 27-34.

Ruíz-García, J.A.; Curi, L.M.; Lamas, M.F.; Céspedez, J.A. 2016. *Amphisbaena trachura* Cope, 1885 (Amphisbaenia: Amphisbaenidae): new record for the northeast of Argentina. CheckList 12: 1883.

Saavedra, L.A.; Barreat, L. 2022. Depredación de una Coral Montañera *Micrurus mipartitus* por el Gavilán Pita Venado *Buteogallus meridionalis* con observaciones adicionales sobre su rango altitudinal en Venezuela. Revista Venezolana de Ornitología 12: 38-41.

Salazar-Guzmán, A.M.; Cárdenas-González, C.; Niño-Reyes, A. et al. 2022. New prey item for the Colombian Rainbow Boa, *Epicrates maurus* (Gray, 1849) (Squamata, Serpentes, Boidae): the Short-Tailed Cane Mouse *Zygodontomys brevicauda* (J. A. Allen & F. M. Chapman, 1893). Revista Latinoamericana de Herpetología 5: 69-73.

Salera Junior, G.; Malvasio, A.; Portelinha, T.C.G. 2009. Avaliação da predação de *Podocnemis expansa* e *Podocnemis unifilis* (Testudines, Podocnemididae) no rio Javaés, Tocantins. Acta Amazonica 39: 207-214.

Sales, R.F.D.; Ribeiro, L.B.; Freire, E.M.X. 2011b. Feeding ecology of *Ameiva ameiva* in a caatinga area of northeastern Brazil. Herpetological Journal 21: 199-207.

Sales, R.F.D.; Jorge, J.S.; Ribeiro, L.B.; Freire, E.M.X. 2011. A case of cannibalism in the territorial lizard *Tropidurus hispidus* (Squamata: Tropiduridae) in Northeast Brazil. Herpetology Notes 4: 265-267.

Sales, R.F.D.; Furtado, O.S.; Santos-Junior, D.L. et al. 2020. Communal egg-laying and hatchling size in the pygmy gecko *Coleodactylus natalensis* (Squamata: Sphaerodactylidae) in an Atlantic Forest site of Brazil. Herpetology Notes 13: 377-383.

Sales, R.F.D.; Freire, E.M.X. 2015. Diet and Foraging Behavior of *Ameivula ocellifera* (Squamata: Teiidae) in the Brazilian Semiarid Caatinga. Journal of Herpetology 49: 579-585.

Sales, R.F.D.; Liboa, C.M.C.A.; Freire, E.M.X. 2019. New Morphological Data and Geographic Distribution of the Worm Lizard *Amphisbaena littoralis* (Squamata: Amphisbaenidae) in Northeastern Brazil. South American Journal of Herpetology 14: 81-87.

Sales, R.F.D.; Sousa, J.D.; Lisboa, C.M.C.A. et al. 2020. New dietary records and geographic variation in the diet composition of the snake *Philodryas nattereri* in Brazil. Cuadernos de herpetologia 34.

Salles, R.O.L.; Silva-Soares, T. 2012. Predation on *Leptodactylus spixi* (Anura: Leptodactylidae) by *Echinanthera undulata* (Squamata: Dipsadidae). Herpetology Notes 4: 125-126.

Salomão, M.G.; Santos, S.M.A.; Puorto, G. 1995. Activity pattern of Crotalus durissus (Viperidae, Crotalinae): Feeding, reproduction and snakebite. Studies on Neotropical Fauna and Environment 2: 101-106.

Salvino, C.A.; Rodrigues, L.G.S.; Souza, U.F. et al. 2025. Range extension and natural history notes of *Siphlophis leucocephalus.* Cuadernos de herpetología 39: 135-140.

Sampaio, P.R.M.; Silva, M.N.; Matos, S.A. et al. 2013. First report of predation by a caiman (*Paleosuchus trigonatus*, Crocodylia: Alligatoridae) on a caecilian (*Caecilia marcusi*, Gymnophiona: Caecilidae). Salamandra 49: 227-228.

Sánchez, R.M.; Semeñiuk, M.B.; Cassano, M.J.; Alcalde, L. 2021. Diet variation of the South American snake-necked turtle (*Hydromedusa tectifera*) from two different urban neighboring streams. North-western Journal of Zoology 17: 212-219.

Sandoval, M.T.; Palomas, S.; Ayarragaray, M.; Álvarez, B.B. 2009. Nesting site, clutch size and development of *Atractus reticulatus* (Serpentes, Colubridae) from Corrientes, Argentina. Herpetological Bulletin 109: 11-16.

Santana, D.O. 2012. Dieta, dinâmica populacional e ectoparasitas de *Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812) (Testudinata, Chelidae) do Baixo São Francisco, Poço Redondo, SE. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Sergipe.

Santana, D.J.; Fernando, A.M.P.; Giroux, A.S. et al. 2019. Predation of *Mussurana bicolor* (Serpentes, Dipsadidae) upon *Leptodactylus podicipinus* (Anura, Leptodactylidae) in the Pantanal, Brazil. Herpetology Notes 12: 281-282.

Santos, L.V. 2009. Biologia reprodutiva de *Leposternon microcephalum* (Squamata, Amphisbaenidae) do Sudeste do Brasil. Dissertação. Universidade de São Paulo.

Santos, S.A.; Nogueira, M.S.; Pinheiro, M.S. et al. 1996. Diets of *Caiman crocodilus yacare* from different habitats in the Brazilian Pantanal. Herpetological Journal 6: 111-117.

Santos, M.B.; Oliveira, L.C.L.M.; Verrastro, L.; Tozetti, A.M. 2010. Playing dead to stay alive: death-feigning in *Liolaemus occipitalis* (Squamata: Liolaemidae). Biota Neotropica 10: 361-364.

Santos, M.V.G.; Macedo, I.G.S.; Sousa, R.S. et al. 2012. Diet of *Nothobachia ablephara* (Squamata: Gymnophthalmidae) in a Caatinga area of the San Francisco Valley in northeastern Brazil. Herpetology Notes 5: 305-307.

Santos, T.C.M.; Melo, C.C.; Holanda, R.M.; Lopes, G.P. 2025. Predation of a Seba's Short-tailed Bat *Carollia perspicillata* (Linnaeus, 1758) by an Amazon tree boa *Corallus hortulana* (Linnaeus, 1758) in Central Amazon. Journal of Bat Research & Conservation 18: 35-38.

Santos, A.B.; Argolo, A.J.S.; Nascimento, D.G. 2024. Predation on an Atlantic Bushmaster, *Lachesis muta* (Linnaeus, 1766) by a Western Indigo Snake, *Drymarchon corais* (Boie, 1827). Herpetology Notes 17: 583-585.

Santos, A.S.; Meneses, A.S.O.; Horta, G.F. et al. 2017. Predation attempt of *Tropidurus torquatus* (Squamata, Tropiduridae) on *Phalotris matogrossensis* (Serpentes, Dipsadidae). Herpetology Notes 10: 341-343.

Santos, D.L.; Vaz-Silva, W. 2012. Predation of *Phimophis guerini* and *Ameiva ameiva* by *Erythrolamprus aesculapii* (Snake: Colubridae). Herpetology Notes 5: 495-496.

Santos-Costa, M.C.; Prudente, A.L.C.; Di-Bernado, A. 2006. Reproductive Biology of *Tantilla melanocephala* (Linnaeus, 1758) (Serpentes, Colubridae) from Eastern Amazonia, Brazil. Journal of Herpetology 40: 553-556.

Santos-Costa, M.C.; Abe, P.S.; Albarelli, L.P.P. et al. 2022. Sexual dimorphism, reproduction and feeding biologyof *Helicops angulatus* (Linnaeus, 1758) (Colubridae: Hydropsini) in eastern Amazon, Brazil. Boletín de la Sociedad Zoológica del Uruguay 31: e31.1.1.

Santos-Jr., A.P.; Costa, L.F.; Silva-da-Silva, M. et al. 2018. *KENTROPYX STRIATA* (Striped Kentropyx). DIET. Herpetological Review 49: 743-744.

Santos-Jr., I.A.; Rodrigues, G.H.A.; Souza, D.C.; Coelho, T.A. 2022. Predation on *Leptodactylus fuscus* (Anura: Leptodactylidae) by *Erythrolamprus reginae* (Serpentes: Dipsadidae) in the Brazilian Amazon. Herpetology Notes 15: 649-651.

Santiago, D.H.; Soares, T.S.; Moraes, R.L. 2021. New record of *Thamnodynastes strigatus* (Snakes: Dipsadidae) preying on *Leptodactylus macrosternum* (Anura: Leptodactylidae), with comments on antipredator mechanisms. Herpetology Notes 14: 1151-1153.

Santiago, D.H.; Filho, D.B.; Moraes, R.L. 2021. New records of *Micrurus corallinus* (Merrem, 1820) preying on the anomalepidid snake *Liotyphlops ternetzii* (Boulenger, 1896) in the Atlantic Forest of southern Brazil. Herpetology Notes 14: 809-812.

Savitzky, A.H. 2003. Colubrids (Colubridae). *In*: Hutchins, M.; Murphy, J.B.; Schlager, N. (eds.). Grzimek's Animal Life Encyclopedia. Vol. 7. Reptiles. Farmington Hills, MI: Gale Group.

Sazima, I. 1989. Feeding Behavior of the Snail-Eating Snake, *Dipsas indica*. Journal of Herpetology 23: 464-468.

Scartozzoni, R.R.; Salomão, M.G.; Almeida-Santos, S.M. 2009. Natural history of the vine snake *Oxybelis fulgidus* (Serpentes, Colubridae) from Brazil. South American Journal of Herpetology 4: 81-89.

Scartozzoni, R.R.; Marques, O.A.V. 2004. Sexual dimorphism, reproductive cycle, and fecundity of the Water snake Ptychophis flavovirgatus (Serpentes, Colubridae). Phyllomedusa 3: 69-71.

Schiavetti, A.; Batista, T.S.; Ferreira, E.S.; Solé, M. 2021. Brazilian Radiolated Swamp Turtle *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820) in rivers of the Atlantic Forest of southern Bahia, Brazil. Herpetology Notes 14: 609-612.

Schneider, L.; Ferrara, C.R.; Vogt, R.C.; Guilhon, A.V. 2011. Nesting Ecology and Nest Predation of *Phrynops geoffroanus* (Testudines, Chelidae) in the Guapore´ River of the Brazilian and Bolivian Amazon. Chelonian Conservation and Biology 10: 206-212.

Schulte, R. 1998. Observaciones de la lagartija *Enyalioides palpebralis* (Boulenger 1883) en la Cordillera Oriental, region San Martín, Perú. Folia Amazonica 9: 107-114.

Señaris, J.C.; Aristeguiera Padrón, M.M.; Rojas Gil, H.; Rojas-Runjaic, F.J.M. 2018. Guía ilustrada de los anfíbios y reptiles del Valle de Caracas, Venezuela. Caracas: Ediciones IVIC.

Serna-Botero, V.; Marín-Martínez, M.; Velásquez-Guarín, D.; Ramírez-Chaves, H.E. 2019. Boyacá spiny rat, *Proechimys chrysaeolus* (Mammalia: Echimyidae), a new prey item of the banded calico snake, *Oxyrhopus petolarius* (Reptilia: Dipsadidae). Herpetology Notes 12: 651-653.

Serrano, F.; Vieira-Alencar, J.P.S.; Diaz-Ricaurte, J.C. 2019. *TROPIDURUS HISPIDUS* (Peters' Lava Lizard). PREY-PREDATOR INTERACTION. Herpetological Review 50: 581-582.

Silva, T.L.; Silva, A.F.O.; Xavier, M.A.; Dias, E.J.R. 2020. *GLAUCOMASTIX ITABAIANENSIS*. CANNIBALISM. Herpetological Review 51: 332.

Silva, R.S.; Tinoco, M.S. 2021. First record of *Tropidurus hygomi* Reinhardt & Lütken, 1862 (Squamata: Tropiduridae) ingesting a flower of the cactus *Cereus fernambucensis* Lem. Herpetology Notes 14: 507-508.

Silva, E.A.P.; Santos, T.D.; Leite, G.N.; Ribeiro, L.B. 2013. *Tropidurus hispidus* (Squamata: Tropiduridae) and *Leptodactylus* cf. *fuscus* (Anura: Leptodactylidae) as prey of the teiid lizards *Salvator merianae* and *Ameiva ameiva*. Herpetology Notes 6: 51-53.

Silva, J.D.; Santos-Filho, M.; Sanaiotti, M.T. 2010. Aspectos ecológicos de Stenocercus caducus (Squamata:Iguanidae) em fragmentos de floresta no sudoeste de Mato Grosso, Brasil. Revista Colombiana de Ciência Animal 2: 286-302.

Silva, E.A.; Melo Junior, M.; Santos, E.M. 2015. Ocupação, comportamento e hábito alimentar de *Coleodactylus meridionalis* (Boulenger, 1888) (Squamata: Sphaerodactylidae) em uma floresta serrana, sertão do Pajeú, PE. Revista Ouricuri 5: 39-52.

Silva, T.L.; Andrade, H.; Dantas, W.M.; Dias, E.J.R. 2021. *Lygodactylus klugei* (Smith et al., 1977) as a fruit eater on the cactus *Cereus jamacaru* DC. subsp. *jamacaru* in the Caatinga of northeastern Brazil (Squamata: Gekkonidae). Herpetology Notes 14: 67-71.

Silva, C.; Almeira, R.P.S.; Andrade, H. 2021. Predation on *Tropidurus hygomi* Reinhardt and Lütken, 1862 (Squamata: Tropiduridae) by *Turdus leucomelas* Vieillot, 1818 (Aves: Turdidae) in an Atlantic Forest remnant in Northeastern Brazil. Herpetology Notes 14: 243-245.

Silva, C.F.; Alcantara, E.P.; Oliveira, H.F. et al. 2015. *BOTHROPS LEUCURUS* (Whitetail Lancehead). DIET. Herpetological Review 46: 637.

Silva, N.V.N.; Mello, A.V.A.; Oliveira, P.M.A. et al. 2021. Predation of *Ameivula ocellifera* (Squamata, Teiidae) by *Oxybelis aeneus* (Squamata, Colubridae), in the Caatinga, Northeastern Brazil, including a list of saurophagy by this snake. Heringeriana 15: 96-100.

Silva, T.F.; Andrade, B.F.E.; Teixeira, R.L.; Giovanelli, M. 2003. Ecologia de *Ameiva ameiva* (Sauria, Teiidae) na Restinga de Guriri, São Mateus, Espírito Santo, sudeste do Brasil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 15: 5-15.

Silva Neto, A.M.; Mendes, D.M.M.; Sobral, R. 2020. *TRACHYLEPIS ATLANTICA* (Noronha Skink). NECTIVORY and POLLINATION. Herpetological Review 51: 605.

Silva, G.D.; Teixeira, A.A.M.; Franzini, L.D. et al. 2023. Temporal variation in diet and helminth abundance in the spiny-tailed lizard, *Strobilurus torquatus* Wiegmann, 1834 (Squamata: Tropiduridae) from the Brazilian Atlantic Forest. Acta Herpetologica 18: 105-114.

Silva, T.L.; Carvalho, G.D.S.; Xavier, M.A. et al. 2021. First record of *Tropidurus semitaeniatus* (Squamata: Tropiduridae) ingesting a fruit of the cactus Pilosocereus catingicola in northeastern Brazil. Herpetology Notes 14: 345-348.

Silva, O.D.; Costa, T.M.; Silva-Alves, V.D. et al. 2019. New records amplify the geographical distribution of *Rondonops biscutatus* Colli et al., 2015 (Squamata, Sauria, Gymnophthalmidae) into the Paraguay river basin, Mato Grosso, Brazil. CheckList 15: 747-751.

Silva, L.F.; Tavares, L.E.R.; Oda, F.H. 2023. Uma presa fácil aos olhos do predador: novo registro de predação de uma ave de rapina (Accipitriformes: Accipitridae) sobre *Ameiva ameiva* (Squamata: Teiidae) no Brasil e o estado do conhecimento atual sobre predadores desta espécie de lagarto. Acta Zoológica Lilloana 67: 51-69.

Silva, O.D.; Costa, T.M.; Silva-Alves, V.D. et al. 2020. Diet and food ontogeny of the lizard *Tupinambis matipu* Silva et al. 2018 (Squamata: Teiidae) in Central Brazil. Research, Society and Development 9: e52391110073.

Silva, G.B.B.; Wilkison, M. 2018. First record of predation on the caecilian *Microcaecilia unicolor* (Duméril, 1863). Herpetology Notes 11: 641-644.

Silva, P.C.; Henderson, R.W.; Tavares, A.A. et al. 2012. Observations on Foraging and New Prey Records for the Amazon Treeboa (*Corallus hortulanus*, Squamata: Boidae). IRCF Reptiles & Amphibians 19: 187-190.

Silva, P.C.; Henderson, R.W. 2013. Barn Owl (*Tyto alba*) predation on *Corallus hortulanus* (Squamata, Boidae). Herpetology Notes 6: 35.

Silva, A.S.G.; Filho, A.G.S. 2024. Predação de *Bothrops atrox* (Squamata: Viperidae) por *Drymarchon corais* (Squamata: Colubridae) na região oeste do Pará, Amazônia central. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Naturais 19.

Silva, T.A.F.; Santos, R.S.; Campos, N.S.; Protázio, A.S. 2025. Predation of a White-banded Treefrog, *Boana albomarginata* (Spix, 1824), by a Parrot Snake, *Leptophis liocercus* (Wied, 1824), in an Atlantic Forest fragment in Bahia, northeastern Brazil. Herpetology Notes 18: 673-675.

Silva, F.D.; Barros, R.; Cerqueira, V.L.A. et al. 2019. Predation on *Leptodeira annulata* (Linnaeus, 1758) (Squamata: Colubridae) by *Theraphosa blondi* (Latreille, 1804) (Araneae: Theraphosidae) in Amazon Forest, North of Brazil. Herpetology Notes 12: 953-956.

Silva, F.R.S.; Farias, R.E.S.; Vogt, R.C. 2019. *Philodryas olfersii.* Diet. Herpetological Review 50: 600-601.

Silva, V.C.; Couto, R.M.P. 2021. *MUSSURANA BICOLOR* (Mussurana). DIET. Herpetological Review 52: 164-165.

Silva, N.R.; Faxina, C.; Dalponti, G. 2018. *OXYRHOPUS GUIBEI* (False Coral Snake). PREDATION. Herpetological Review 49: 137.

Silva, G.G.; Tozetti, A.M.; Oliveira, R.B. 2018. *ERYTHROLAMPRUS JAEGERI* (Jaeger's Ground Snake). PREDATION. Herpetological Review 49: 130.

Silva, J.S.; Moura, M.V.B.T.P.; Santana, G.L. et al. 2023. *RODRIGUESOPHIS IGLESIASI* (Gomes's Pampas Snake). DIET. Herpetological Review 54: 320.

Silva, W.M.; Araújo, P.F.; França, R.C. et al. 2019. Offspring morphology and early growth of *Thamnodynastes pallidus* (Linnaeus, 1758) in the Brazilian Atlantic Forest (Serpentes; Thachymenini). Herpetology Notes 12: 205-209.

Silva, E.F.; Junior, J.R.M.B.; Dutra, M.L. et al. 2025. *Erythrolamprus mossoroensis* (Hoge & Lima Verde, 1973) (Serpentes, Dipsidae): updated distribution, range extension, and new state record from Paraíba, Brazil. Check List 25: 565-568.

Silva, A.M.M.; Caldas, C.P.; Lacerda, G.M.C. et al. 2024. *BOTHROPS ERYTHROMELAS* (Caatinga Lancehead). DIET. Herpetological Review 55: 105-106.

Silva, E.F.; Dutra, M.L.; Silva, A.S. et al. 2025. Clutch size and hatchling morphology of *Erythrolamprus poecilogyrus schotti* (Serpentes: Dipsadidae: Xenodontinae) from northeastern Brazil. Biota Colombiana 26: 1-9.

Silva, K.M.P.; Silva, K.B.; Sueiro, L.R. et al. 2019. Reproductive Biology of *Bothrops atrox* (Serpentes, Viperidae, Crotalinae) from the Brazilian Amazon. Herpetologica 75: 198-207.

Silva, K.M.P.; Braz, H.B.; Kasperoviczus, K.N. et al. 2020. Reproduction in the pitviper *Bothrops jararacussu*: large females increase their reproductive output while small males increase their potential to mate. Zoology 142: 125816.

Silva-Ferreira, D.W.; Sousa, J.C.; Costa-Campos, C.E. 2017. *CHIRONIUS FUSCUS* (Brown Sipo). DIET. Herpetological Review 48: 206.

Silva-Santos, M.L.; Lima, A.D.C.; Alves, M.E.L. et al. 2022. Additions to the trophic ecology and defensive behavior of the little known *Erythrolamprus mossoroensis* (Serpentes: Dipsadidae). Herpetology Notes 15: 533-537.

Silva-da-Silva, M.; Almeida-Santos, D.A.; Ribeiro, S. et al. 2020. Reproductive Biology and Sexual Dimorphism of *Gymnophthalmus vanzoi* (Squamata, Gymnophthalmidae) in a Population South of the Amazon River, Brazil. South American Journal of Herpetology 15: 30-40.

Silva-Jr., N.J.; Silva, H.L.R.; Ribeiro, R.S. et al. 2005. Uma nova espécie do gênero Atractus Wagler, 1928 (Colubridae: Dipsadinae) do Cerrado do Brasil central. Papéis Avulsos de Zoologia 45: 33-39.

Silveira, E.C.; Mascarenhas, C.S.; Correa, F.; Müller, G. 2019. Diet of *Trachemys dorbigni* (Duméril & Bibron, 1835) (Testudines: Emydidae) in anthropic environments from southern Brazil. Pan-American Journal of Aquatic Sciences 14: 42-50.

Silveira, R.D.; Ramalho, E.E.; Thorbjarnarson, J.B.; Magnusson, W.E. 2010. Depredation by Jaguars on Caimans and Importance of Reptiles in the Diet of Jaguar. Journal of Herpetology 44: 418-424.

Siqueira, C.C.; Kiefer, M.C.; Sluys, M.V.; Rocha, C.F.D. 2013. Variation in the diet of the lizard *Tropidurus torquatus* along its coastal range in Brazil. Biota Neotropica 13: 93-101.

Sluys, M.V. 1993. Food Habits of the Lizard *Tropidurus itambere* (Tropiduridae) in Southeastern Brazil. Journal of Herpetology 27: 347-351.

Sluys, M.V. 1993b. The Reproductive Cycle of *Tropidurus itambere* (Sauria: Tropiduridae) in Southeastern Brazil. Journal of Herpetology 27: 28-32.

Sluys, M.V.; Mendes, H.M.A.; Assis, V.B.; Kiefer, M.C. 2002. Reproduction of *Tropidurus montanus* Rodrigues, 1987 (Tropiduridae), a lizard from a seasonal habitat of southeastern Brazil, and a comparison with other *Tropidurus* species. Herpetological Journal 12: 89-97.

Sluys, M.V.; Rocha, C.F.D.; Vrcibradic, D.; Galdino, C.A.B.; Fontes, A.F. 2004. Diet, Activity, and Microhabitat Use of Two Syntopic *Tropidurus* Species (Lacertilia: Tropiduridae) in Minas Gerais, Brazil. Journal of Herpetology 38: 606-611.

Smith, P.; Rojas, F. 2023. Necrophagy by *Erythrolamprus poecilogyrus* (Wied, 1824) (Reptilia: Dipsadidae) in Paraguay. Revista Latinoamericana de Herpetología 6: 13-16.

Snyder, A.M. 2016. *ATRACTUS TRILINEATUS* (Three-lined Ground Snake). PREDATION. Herpetological Review 47: 308.

Sobral, R.; Mendes, D.M.M. 2016. *PHILODRYAS NATTERERI* (Paraguay Green Racer). DIET. Herpetological Review 47: 686-687.

Soini, P. 1994. Ecología reproductive de la taricaya (*Podocnemis unifilis*) en el Río Pacaya, Peru. Folia Amazonica 6: 111-133.

Solé, M.; Marciano, E.; Dias, I.R.; Kwet, A. 2010. Predation attempts on *Trachycephalus* cf. *mesophaeus* (Hylidae) by *Leptophis ahaetulla* (Colubridae) and *Ceratophrys aurita* (Ceratophryidae). Salamandra 46: 101-103.

Solórzano, A.; Sasa, M. 2022. Diet and feeding behavior of the mussurana (*Clelia clelia*, Serpentes: Dipsadidae) in Costa Rica: report of five cases. Revista Latinoamericana de Herpetología 5: 39-42.

Sorokin, A.; Stuckert, A. 2017. *OXYRHOPUS PETOLARIUS* (Forest Flame Snake). PREDATION. Herpetological Review 48: 457.

Sousa, B.M.; Cruz, C.A.G. 2008. Hábitos alimentares de *Enyalius perditus* (Squamata, Leiosauridae) no Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. Iheringia, Série Zoologia 98: 260-265.

Sousa, J.C.; Santos, F.P.; Sanches, P.R. et al. 2018. *CHIRONIUS CARINATUS* (Amazon Whipsnake). PREDATION. Herpetological Review 49: 336.

Sousa, J.D.; Lima, J.H.A.; Kokubum, M.N.C. 2020. Predation of *Tropidurus hispidus* (Squamata, Tropiduridae) by *Oxybelis aeneus* (Squamata, Colubridae) in two biomes in the state of Pernambuco, Northeast of Brazil. Herpetology Notes 13: 171-173.

Sousa, J.D.; Mariano, E.F.; Barbosa, C.J.S. et al. 2021. New records of predators of *Ameivula ocellifera* (Squamata: Teiidae), with an emphasis on predation by birds. Phyllomedusa 20: 197-202.

Sousa, K.R.M.; Prudente, A.L.C.; Maschio, G.F. 2014. Reproduction and diet of *Imantodes cenchoa* (Dipsadidae: Dipsadinae) from the Brazilian Amazon. Zoologia 31: 8-19.

Sousa, J.D.; Medeiros, J.V.A.; Kokubum, M.N.C. 2023. *LEPTODEIRA TARAIRIU* (Banded Cat-eyed Snake). PREDATION. Herpetological Review 54: 138-139.

Sousa, J.D.; Sales, R.F.D.; Medeiros, J.V.A.; Kokubum, M.N.C. 2023. Diet of the snake *Philodryas nattereri* (Steindachner, 1870) suggests a high plasticity of foraging in north-eastern Brazil. Austral Ecology 48: 1036-1041.

Sousa, J.D.; Filho, R.M.C.; Barbosa, C.J.S. et al. 2023. Keeping an eye on small herpetofauna species from the Caatinga, northeastern Brazil: predation by *Nystalus maculatus* (Aves: Bucconidae) on frogs, lizards, and snakes. Ornithology Research 31: 75-77.

Sousa, J.D.; Kokubum, M.N.C. 2023. *MICRURUS IBIBOBOCA* (Caatinga Coral Snake). DIET. Herpetological Review 54: 490.

Souza, F.L.; Abe, A.S. 2000. Feeding ecology, density and biomass of the freshwater turtle, *Phrynops geoffroanus*, inhabiting a polluted urban river in south-eastern Brazil. Journal of Zoology 252: 437-466.

Souza, K.S. 2017. Ecologia de uma população de *Contomastix lacertoides* (Squamata: Teiidae) em restinga arbustivo/arbórea no sul de Santa Catarina. Dissertação. Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Souza, M.D.A.; Costa, H.C. 2022. New Southernmost Record and an Updated Distribution Map for the Serra da Mesa Wormlizard, *Amphisbaena anaemariae* (Squamata: Amphisbaenidae). Reptiles & Amphibians 29: 141-145.

Souza, S.M.; Junqueira, A.B.; Jakovac, A.C.C. et al. 2011. Feeding behavior and ophiophagous habits of two poorly known amazonian coral snakes, *Micrurus albicinctus* Amaral 1926 and *Micrurus paraensis* Cunha and Nascimento 1973 (Squamata, Elapidae). Herpetology Notes 4: 369-372.

Souza, D.A.; Jung, M.S.; Mendonça, R.A. 2024. Copulation record of *Tropidurus imbituba* (Squamata: Tropiduridae). Acta Biológica Catarinense 11: 14-18.

Souza, D.A.; Junta, M.S.; Mendonça, R.A. 2024b. First Winter Reproductive Record of the Imbituba Lizard, *Tropidurus imbituba* Kunz and Borges-Martins 2013, a Critically Endangered Microendemic from Brazil. Reptiles & Amphibians 31: e21462.

Souza, U.F.; Nogueira, C.H.O.; Dubeux, M.J.M. et al. 2021. *Erythrolamprus miliaris* (Linnaeus, 1758) (Squamata: Dipsadidae): a new prey item of *Tropidurus torquatus* (Wied-Neuwied, 1820) (Squamata: Tropiduridae) in southeastern Brazil. Oecologia Australis 25: 904-908.

Souza, F.H.; Bocchiglieri, A. 2018. *EPICTIA BORAPELIOTES* (Caatinga Threadsnake). PREDATION. Herpetological Review 49: 752-753.

Souza, A.R. 2024. História natural de *Sibon nebulatus* (Linnaeus 1758) (Dipsadidae; Dipsadini) em enclaves de florestas úmidas altitudinais do Ceará, Nordeste, Brasil. Dissertação. Universidade Federal do Ceará.

Starace, F.; Ferrieux, T.; Ineich, I. 2021. Second case of ophiophagy by a crotaline snake, *Bothrops atrox* (Squamata: Viperidae), on an aniliid, *Anilius scytale* (Squamata: Aniliidae), in French Guiana. Herpetology Notes 14: 1367-1370.

Starace, F.; Ineich, I. 2025. Predation on dogs by Green Anacondas, *Eunectes murinus* (Linnaeus, 1758): two cases from French Guiana. Herpetology Notes 18: 415-419.

Staton, M.A.; Dixon, J.R. 1977. Breeding biology of the Spectacled Caiman *Caiman crocodilus crocodilus*, in the Venezuelan Llanos. Wildlife Research Report 5. 33p.

Strüssmann, C.; Mott, T. 2009. Sympatric amphisbaenids from Manso Dam region, Mato Grosso State, Western Brazil, with the description of a new two-pored species of Amphisbaena (Squamata, Amphisbaenidae). Studies on Neotropical Fauna and Environment 44: 37-46.

Strüssmann, C.; Carvalho, M.A. 2001. Two new species of Cercolophia Vanzolini, 1992 from the state of Mato Grosso, western Brazil (Reptilia, Amphisbaenia, Amphisbaenidae). Boll. Mus. reg. Sci. nat. Torino 18: 487-505.

Sturaro, M.J.; Gomes, J.O. 2008. Feeding behavior of the Amazonian Water Snake *Helicops hagmanni* Roux, 1910 (Reptilia: Squamata: Colubridae: Hydropsini). Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Ciências Naturais 3: 225-228.

Sturaro, M.J.; Silva, V.X. 2010. Natural history of the lizard *Enyalius perditus* (Squamata: Leiosauridae) from an Atlantic forest remnant in southeastern Brazil. Journal of Natural History 44: 1225-1238.

Swartwout, M.; Boccia, C.K.; Boccia, J. et al. 2023. *KENTROPYX PELVICEPS* (Forest Whiptail). PREDATION. Herpetological Review 54: 661-662.

Tavares, A.P.G.; Coelho-Lima, A.D.; Delfim, F.R. et al. 2021. Distribution extension of *Amphisbaena lumbricalis* Vanzolini, 1996 with its first predation record by snake *Erythrolamprus viridis* (Günther, 1862). Cuadernos de Herpetología 35: 177-181.

Tavares-Pinheiro, R.; Pedroso-Santos, F.; Sanches, P.R. et al. 2019. *Helicops angulatus* (Amazonian Water Snake). Diet. Herpetological Review 50: 157.

Teixeira, R.L. 2002. Aspectos ecológicos de *Gymnodactylus darwinii* (Sauria: Gekkonidae) em Pontal do Ipiranga, Linhares, Espírito Santo, sudeste do Brasil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 14: 21-31.

Teixeira, R.L.; Fonseca, F.R. 2003. Tópicos ecológicos de *Leposoma scincoides* (Sauria, Gymnophthalmidae) da região de Mata Atlântica de Santa Teresa, Espírito Santo, Brasil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 15: 17-28.

Teixeira, A.A.M.; Roberto I.J.; Oliveira, H.F. et al. 2013. Phloem sap feeding in *Lygodactylus klugei* (Squamata: Gekkonidae) in northeastern Brazil. Herpetology Notes 6: 545-547.

Teixeira, C.C.; Montag, L.F.A.; Santos-Costa, M.C. 2017. Diet Composition and Foraging Habitat Use by Three Species of Water Snakes, *Helicops* Wagler, 1830, (Serpentes: Dipsadidae) in Eastern Brazilian Amazonia. Journal of Herpetology 51: 215-222.

Teixeira, M.; Vechio, F.D.; Recoder, R. et al. 2019. Two New Highland Species of *Amphisbaena* Linnaeus, 1758 (Amphisbaenia, Amphisbaenidae) from Bahia State, Brazil. South American Journal of Herpetology 14: 1-24.

Teixeira Jr., M.; Recoder, R.S.; Camacho, A. et al. 2013. A new species of *Bachia* Gray, 1845 (Squamata: Gymnophthalmidae) from the Eastern Brazilian Cerrado, and data on its ecology, physiology and behavior. Zootaxa 3616: 173-189.

Teixeira Jr., M.; Vechio, F.D.; Nunes, P.M.S. et al. 2013b. A new species of *Bachia* Gray, 1845 (Squamata: Gymnophthalmidae) from the western Brazilian Amazonia. Zootaxa 3636: 401-420.

Teixeira, M.; Vechio, F.D.; Neto, A.M.; Rodrigues, M.T. 2014. A New Two-Pored *Amphisbaena* Linnaeus, 1758, from Western Amazonia, Brazil (Amphisbaenia: Reptilia). South American Journal of Herpetology 9: 62-74.

Teixeira, V.H.S.; Quintela, F.M.; Loebmann, D. 2020. Reproductive biology of *Erythrolamprus jaegeri coralliventris* (Serpentes: Dipsadidae) in the Brazilian Coastal Pampa. Anais da Academia Brasileira de Ciências 92: e20181383.

Teles, A.; Sena, A.; Ribeiro, M.V. 2018. Predation attempt of *Xenopholis undulatus* (Serpentes, Dipsadidae) on *Physalaemus cuvieri* (Amphibia, Leptodactylidae). Herpetology Notes 11: 829-830.

Thaler, R.; Folly, H.; Sestito, G.A. et al. 2018. *THAMNODYNASTES STRIGATUS* (Coastal House Snake). DIET. Herpetological Review 49: 764.

Thomas, O. 2020. Predation on Slender Anole (*Anolis fuscoauratus*) by a Whip Scorpion (Order Amblypygi). IRCF Reptiles & Amphibians 26: 253-254.

Thorbjarnar, J.B.; Perez, N.; Escalona, T. 1993. Nesting of *Podocnemis unifilis* in the Capanaparo River, Venezuela. Journal of Herpetology 27: 344-347.

Tipantiza-Tuguminago, L.; Vizcaino, P.M.; Arquello, P.; Auqui, E. 2019. *ERYTHROLAMPRUS MILIARIS CRYSOSTOMUS* (Military Ground Snake). DIET. Herpetological Review 50: 800.

Tiranti, S.I. 1992. Barn Owl prey in Southern La Pampa, Argentina. Journal of Raptor Research 26: 89-92.

Toro-Orozco, W.D.; Montanarin, A.; Ramalho, E.E.; Kaefer, I.L. 2021. Predation by the green vinesnake *Oxybelis fulgidus* on the diving lizard *Uranoscodon superciliosus*. Herpetology Notes 14: 591-592.

Tortato, M.A. 2007. Contribuição ao conhecimento de *Phrynops hilarii* (Duméril & Bibron, 1835) (Testudines, Chelidae) em área de restinga no estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. Biotemas 20: 119-122.

Travaglia-Cardoso, S.R.; Puorto, G.; Marques, O.A.V. 2014. *Elapomorphus quinquelineatus* (five-lined burrowing snake): Feeding on squamate eggs. The Herpetological Bulletin 2014: 28-29.

Ucha, J.; Santos, T.G. 2017. Death and life on the roadway: scavenging behaviour of the green racer snake *Philodryas patagoniensis* (Girard, 1858) (Dipsadidae). Herpetology Notes 10: 439-441.

Uchôa, L.R.; Delfim, F.R.; Mesquita, D.O. et al. 2022. Lizards (Reptilia: Squamata) from the Caatinga, northeastern Brazil: Detailed and updated overview. Vertebrate Zoology 72: 599-659.

Uchôa, L.R.; Costa, C.A.; Araújo, S.C.M. et al. 2023. Record of *Hemidactylus agrius* (GEKKONIDAE) in the diet of *Thamnodynastes phoenix* (Dipsadidae) in Northeastern Brazil. Acta Biológica Colombiana 28: 173-177.

Uetz, P.; Freed, P.; Aguilar, R.; Reyes, F.; Kudera, J.; Hošek, J. (eds.) (2025) The Reptile Database, http://www.reptile-database.org

Ugalde, M.R.; Prado, P.C. 2022. In case of danger, raise your tail: new defensive behaviour for *Pseudoboa nigra* (Serpentes: Dipsadidae). Herpetology Notes 15: 311-313.

Valadão, R.M.; Segalla, R.; Nascimento, G.A. 2007. Predação de *Turdus leucomelas* (Aves: Muscicapidae) por *Oxybelis fulgidus* (Squamata: Colubridae) na Estação Ecológica Serra das Araras, Província Serrana, Mato Grosso. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil.

Vallejos, L.M.; Ribeiro, E.A.; Vecchi, M.B.; Alves, M.A.S. 2015. *BOTHROPS JARARACA* (Jararaca). PREDATION. Herpetological Review 46: 637-638.

Van Sluys, M.; Ferreira, V.M.; Rocha, C.F.D. 2004. Natural history fo the lizards *Enyalius brasiliensis* (Lesson, 1828) (Leiosauridae) from an Atlantic forest of southeastern Brazil. Brazilian Journal of Biology 64: 353-356.

Vanzolini, P.E.; Ramos-Costa, A.M.M.; Vitt, L.J. 1980. Répteis das Caatingas. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências.

Vanzolini, P.E. 2003. On clutch size and hatching success of the South American turtles *Podocnemis expansa* (Schweigger, 1812) and *P. unifilis* Troschel, 1848 (Testudines, Podocnemididae). Anais da Academia Brasileira de Ciências 75: 415-430.

Varela, R.O.; Bucher, E.H. 2002. The Lizard *Teius teyou* (Squamata: Teiidae) as a Legitimate Seed Disperser in the Dry Chaco Forest of Argentina. Studies on Neotropical Fauna and Environment 37: 115-117.

Vaz, R.I.; Chinchilla, J.E.O. 2019. Thermographic record of predation of *Rhinella ornata* (Spix, 1824) (Anura: Bufonidae) by *Xenodon neuwiedii* Günther, 1863 (Squamata: Dipsadidae) with feeding behaviour notes. Herpetology Notes 12: 235-239.

Vechio, F.D.; Recoder, R.; Zaher, H.; Rodrigues, M.T. 2014. Natural history of *Micrablepharus maximiliani* (Squamata: Gymnophthalmidae) in a Cerrado region of northeastern Brazil. Zoologia 31: 114-118.

Vechio, F.D.; Teixeira, M.; Mott, T.; Rodrigues, M.T. 2018. Rediscovery of the Poorly Known *Amphisbaena bahiana* Vanzolini, 1964 (Squamata, Amphisbaenidae), with Data on its Phylogenetic Placement, External Morphology and Natural History. South American Journal of Herpetology 13: 238-248.

Vechio, F.D.; Junior, M.T.; Neto, A.M.; Rodrigues, M.T. 2015. On the snake Siphlophis worontzowi (Prado, 1940): notes on its distribution, diet and morphological data. Check List 11: 1534.

Veludo, L.B.A. 2011. Ecologia de *Anolis meridionalis* (Squamata, Polychrotidae) no Cerrado brasileiro. Dissertação. Universidade de Brasília.

Venegas, P.J.; Chávez-Arribasplata, J.C.; Almora, E. et al. 2019. New observations on diet of the South American two-striped forest-pitviper *Bothrops bilineatus smaragdinus* (Hoge, 1966). Cuadernos de herpetologia 33: 29-31.

Verdade, L.M.; Piña, C.I. 2006. *Caiman latirostris*. Catalogue of American Amphibians and Reptiles.

Verrastro, L.; Krause, L. 1999. Ciclo reprodutivo de machos de *Liolaemus occipitalis* Boulenger (Sauria, Tropiduridae). Revista Brasileira de Zoologia 16: 227-231.

Verrastro, L.; Rauber, R.C. 2013. Reproducción de las hembras de *Liolaemus occipitalis* Boulenger, 1885, (Iguania, Liolaemidae) en la región sur de Brasil. Boletin da Sociedad de Zoologia do Uruguay 22: 84-98.

Verrastro, L.; Ely, I. 2015. Diet of the lizard *Liolaemus occipitalis* in the coastal sand dunes of southern Brazil (Squamata-Liolaemidae). Brazilian Journal of Biology 75: 289-299.

Viana, P.F.; Mendes, D.M.M. 2015. Feeding behavior and first record of *Rhinatrema bivittatum* (Guérin-Méneville, 1829) as part of the diet of the ribbon coral snake, *Micrurus lemniscatus* (Linnaeus, 1758) in the Central Amazon region (Serpentes: Elapidae). Herpetology Notes 8: 445-447.

Vicente, M.O.; Silva, E.F.; Dutra, M.L.; França, F.G.R. 2025. Opportunistic predation of a crown ground snake (*Erythrolamprus viridis*) by the roadside hawk (*Rupornis magnirostris*) in a semiarid environment of northeast Brazil. Revista Latinoamericana de Herpetología 8: 50-53.

Vieira, W.L.S.; Gonçalves, M.B.R.; Nóbrega, R.P. 2012. Predation on *Tropidurus hispidus* (Squamata: Tropiduridae) by *Lasiodora klugi* (Aranea: Theraphosidae) in the semiarid caatinga region of northeastern Brazil. Biota Neotropica 12: 263-265.

Vieira, R.B.S.; Rosário, I.R.; Gomes, L.E.O.; Dias, E.J.R. 2013. *TROPIDURUS HYGOMI*. PREDATION. Herpetological Review 44: 516.

Vieira, B.P.; Gomes, F.B.R. 2016. *LEPTOPHIS AHAETULLA* (Neotropical Parrot Snake). DIET. Herpetological Review 47: 147.

Villacampa, J.; Whitworth, A. 2016. Predation of *Oscaecilia bassleri* (Gymnophiona: Caecilidae) by *Anilius scytale* (Serpentes: Aniliidae) in southeast Peru. Cuardernos de herpetología 30: 29-30.

Villamarín-Jurado, F.; Suárez, E. 2007. Nesting of the Black Caiman (*Melanosuchus niger*) in Northeastern Ecuador. Journal of Herpetology 41: 164-167.

Vinke, T.; Vinke, S.; Köhler, G. 2013. What is known about *Mesoclemmys vanderhaegei* (Bour, 1973): a systemaic review of the available literature. Paraquaria Natural 1: 21-31.

Vitt, L.J.; Lacher, T.E. 1981. Behavior, habitat, diet, and reproduction of the iguanid lizard *Polychrus acutirostris* in the caatinga of northeastern Brazil. Herpetologica 37: 53-63.

Vitt, L.J. 1982. Sexual Dimorphism and Reproduction in the Microteiid Lizard, *Gymnophthalmus multiscutatus*. Journal of Herpetology 16: 325-329.

Vitt, L.J. 1985. On the biology of the little known anguid lizard, *Diploglossus lessonae* in northeast Brazil. Papéis Avulsos de Zoologia 36: 69-76.

Vitt, L.J. 1991. Ecology and life history of the scansorial arboreal lizard *Plica plica* (Iguanidae) in Amazonian Brazil. Canadian Journal of Zoology 69: 504-511.

Vitt, L.J. 1991. Ecology and life history of the wide-foraging lizard *Kentropyx calcarata* (Teiidae) in Amazonian Brazil. Canadian Journal of Zoology 69: 2791-2799.

Vitt, L.J.; Blackburn, D.G. 1991. Ecology and Life History of the Viviparous Lizard *Mabuya bistriata* (Scincidae) in the Brazilian Amazon. Copeia 1991: 916-927.

Vitt, L.J.; Zani, P.A.; Caldwell, J.P.; Carrillo, E.O. 1995. Ecology of the lizard *Kentropyx pelviceps* (Sauria: Teiidae) in lowland rain forest of Ecuador. Canadian Journal of Zoology 73: 691-703.

Vitt, L.J; Zani, P.A. 1996. Ecology of the South American Lizard *Norops chrysolepis* (Polychrotidae). Copeia 1996; 56-68.

Vitt, L.J.; Zani, P.A. 1996b. Ecology of the Elusive Tropical Lizard *Tropidurus* [=*Uracentron*] *flaviceps* (Tropiduridae) in Lowland Rain Forest of Ecuador. Herpetologica 52: 121-132.
Vitt, L.J.; Zani, P.A.; Avila-Pires, T.C.S. 1997. Ecology of the arboreal tropidurid lizard *Tropidurus (=Plica) umbra* in the Amazon region. Canadian Journal of Zoology 75: 1876-1882.
Vitt, L.J.; Zani, P.A.; Lima, C.M. 1997b. Heliotherms in tropical rain forest: the ecology of *Kentropyx calcarata* (Teiidae) and *Mabuya nigropunctata* (Scincidae) in the Curua-Una of Brazil. Journal of Tropical Ecology 13: 199-220.
Vitt, L.J.; Sartorius, S.S.; Avila-Pires, T.C.S.; Espósito, M.C. 2001. Life on the Leaf Litter: The Ecology of *Anolis nitens tandai* in the Brazilian Amazon. Copeia 2001: 401-412.
Vitt, L.J.; Sartorius, S.S.; Avila-Pires, T.C.S.; Espósito, M.C. 2001. Life at the river's edge: ecology of *Kentropyx altamazonica* in Brazilian Amazonia. Canadian Journal of Zoology 79: 1855–1865.
Vitt, L.J.; Avila-Pires, T.C.S.; Zani, P.A.; Espósito, M.C. 2002. Life in Shade: The Ecology of *Anolis trachyderma* (Squamata: Polychrotidae) in Amazonian Ecuador and Brazil, with Comparisons to Ecologically Similar Anoles. Copeia 2002: 275-286.
Vitt, L.J.; Avila-Pires, T.C.S.; Zani, P.A. et al. 2003. Life above ground: ecology of *Anolis fuscoauratus* in the Amazon rain forest, and comparisons with its nearest relatives. Canadian Journal of Zoology 81: 142-156.
Vitt, L.J.; Avila-Pires, T.C.S.; Zani, P.A. et al. 2003. Life at the interface: ecology of *Prionodactylus oshaughnessyi* in the western Amazon and comparisons with *P. argulus* and *P. eigenmanni*. Canadian Journal of Zoology 81: 302-312.
Vitt, L.J.; Ávila-Pires, T.C.S.; Espósito, M.C. et al. 2007. Ecology of *Alopoglossus angulatus* and *A. atriventris* (Squamata, Gymnophthalmidae) in western Amazonia. Phyllomedusa 6: 11-21.
Vitt, L.; Magnusson, W.E.; Pires, T.C.A.; Lima, A.P. 2008. Guia de lagartos da Reserva Adolfo Ducke – Amazônia Central. Manaus: Áttema Design Editorial.
Vitt, L.J.; Caldwell, J.P. 2014. Herpetology: an introductory biology of amphibians and reptiles. London: Elsevier.
Vivanco-Montane, O.R.; Ocaña-Diaz, E.R.; Bello-Sanchez, E.A. 2024. *OXYRHOPUS PETOLARIUS* (Banded Calico Snake). DIET. Herpetological Review 55: 287.
Vogt, R.C.; Ely, I.; Verrastro, L. 2019. *TRACHEMYS ADIUTRIX* (Maranhão Slider). AESTIVATION and HABITAT USE. Herpetological Review 50: 564-565.
Vrcibradic, D.; Rocha, C.F.D. 1996. Ecological Differences in Tropical Sympatric Skinks (*Mabuya macrorhyncha* and *Mabuya agilis*) in Southeastern Brazil. Journal of Herpetology 30: 60-67.
Vrcibradic, D.; Rocha, C.F.D. 1998. The Ecology of the Skink *Mabuya frenata* in an Area of Rock Outcrops in Southeastern Brazil. Journal of Herpetology 32: 229-237.
Vrcibradic, D.; Cunha-Barros, M.; Rocha, C.F.D. 2004. Ecological observations on *Mabuya dorsivittata* (Squamata: Scincidae) from a high altitude habitat in South-eastern Brazil. Herpetological Journal 14: 109-112.
Vrcibradic, D.; Góes, D.B.; Silva, A.M.P.T.C. 2012. Predation on a bird (Piciformes, Galbulidae) by *Tropidodryas serra* (Serpentes, Colubridae, Dipsadinae) in a rainforest area of southeastern Brazil. Herpetology Notes 5: 471-472.
Vrcibradic, D.; Siqueira, C.C.; Silveira, A.L. et al. 2012. *Micrurus decoratus* (Decorated Coralsnake). DIET. Herpetological Review 43: 495.
Vrcibradic, D.; Eisfeld, A. 2016. Predation on a tropical house gecko, *Hemidactylus mabouia* by a juvenile colubrid snake, *Chironius bicarinatus*, in a Brazilian Atlantic Rainforest area. Cuadernos de herpetología 30: 75-77.
Weiler, A.; Núñez, K. 2011. Powerful venom evidence in *Philodryas mattogrossensis* (Serpentes: Dipsadidae) feeding on a *Teius teyou* (Sauria: Teiidae). Herpetology Notes 8: 545-547.
Wiederhecker, H.C.; Pinto, A.C.S.; Colli, G.R. 2002. Reproductive ecology of *Tropidurus torquatus* (Squamata: Tropiduridae) in the highly seasonal Cerrado biome of Central Brazil. Journal of Herpetology 36: 82-91.
Williams, J.D.; Vera, D.G.; Di Pietro, D.O. 2021. Lista comentada de las serpientes de la Argentina, con referencias a su sistemática, distribución sisstemática, dieta, reproducción, potencial peligrosidad y etimologías. Revista del Museo de La Plata 6(1): 26-124.
Williams, J.D.; Di Pietro, D.O.; Vera, D.G. 2022. Anfibios y reptiles de las Sierras de Ventania. Buenos Aires: Fundación de Historia Natural Felix de Azara.
Winkler, F.J.M.; Waltenberg, L.M.; Almeida-Santos, P. et al. 2011. New records of anuran prey for *Thamnodynastes strigatus* (Günther, 1858) (Serpentes: Colubridae) in a high-elevation area of southeast Brazil. Herpetology Notes 4: 123-124.

Xavier, M.A.; Dias, E.J.R. 2015. First record of the Brazilian restinga lizard *Tropidurus hygomi* ingesting a fruit of *Melocactus violaceus* (Cactaceae). Herpetology Notes 8: 437-438.

Xavier, M.A.; Dias, E.J.R. 2017. Ecology of the endemic and saxicolous lizard *Tropidurus pinima* (Rodrigues, 1984) from Caatinga domain, Brazil. Herpetology Notes 10: 491-492.

Xavier, M.A.; Dias, E.J.R. 2017b. *TROPIDURUS PINIMA*. SAUROCHORY. Herpetological Review 48: 402-403.

Xavier, M.A.; Silva, T.L.; Dias, E.J.R. 2019. Habitat use and diet of the endemic lizard *Ameivula nigrigula* (Squamata: Teiidae) in Caatinga domain, Northeastern Brazil. Journal of Natural History 53: 1787-1797.

Xavier, M.A.; Silva, T.L.; Carvalho, C.D.S.; Dias, E.J.R. 2021. Natural history note of the endangered psammophilous lizard *Eurolophosaurus amathites* (Squamata: Tropiduridae) from Caatinga domain, Brazil. Herpetology Notes 14: 27-30.

Yánez-Muñoz, M.H.; Pozo-Zamora, G.M.; Sornoza-Molina, F.; Brito M., J. 2017. Dos nuevos registros de vertebrados en la dieta de *Corallus hortulanus* (Squamata: Boidae) en el noroeste de la Amazonía. Cuadernos de Herpetología 31: 1-7.

Zacariotti, R.L.; Gomes, C.A. 2010. Diet of the black–headed forest racer *Taeniophallus affinis* Günther, 1858 in the Brazilian Atlantic forest. Herpetology Notes 3: 11-12.

Zanchi-Silva, D.; Borges-Nojosa, D.M.; Galdino, C.A.B. 2014. Reproduction of a whiptail lizard (*Ameivula ocellifera*, Teiidae) from a coastal area in northeastern Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências 86: 1-9.

Zanella, N.; D'Agostini, F. 2018. Ecology of the snake *Atractus paraguayensis* (Dipsadidae) in southern Brazil. Zoologia 35: e12487.

Zanella, N.; Cechin, S.Z. 2010. Reproductive biology of *Echinanthera cyanopleura* (Serpentes: Dipsadidae) in southern Brazil. Zoologia 27: 30-34.

Zaprogno, C.; Zaprogno, M.G.F.; Teixeira, R.L. 2001. Evidence of terrestrial feeding in the arboreal lizard *Enyalius bilineatus* (Sauria, Polychrotidae) of south-eastern Brazil. Revista Brasileira de Biologia 61: 91-94.

Zocca, C.Z.; Barcellos, M.; Ferreira, R.B.; Duca, C. 2019. *Philodryas patagoniensis* (Patagonian Green Racer). Diet. Herpetological Review 50: 810-811.

Zocca, C.; Kloss-Degen, J.P.; Lourenço-de-Moraes, R. 2023. Death-feigning in the lizard *Leposoma scincoides*. The Herpetological Bulletin 163: 46-47.

Zocche, J.J.; Ceron, K.; Gonzaga, G.S. et al. 2018. Predation on *Chironius bicarinatus* (Wied, 1820) (Serpentes: Colubridae) by a Roadside Hawk *Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1788) (Aves: Accipitridae). Herpetology Notes 11: 129-131.

Zocche, J.J.; Zocche, N.M.; Carvalho, F. et al. 2017. *PHILODRYAS PATAGONIENSIS.* DIET. Herpetological Review 48: 217-218.

Zuñiga-Baos, J.A.; Vera-Pérez, L.E. 2020. *PSEUDOBOA NEUWIEDII* (Neuwied's False Boa). DIET. Herpetological Review 51: 359.